







OBRAS COMPLETAS DE RUI BARBOSA
VOLUME XXIX

TOMO III

267819M00 21980
267819M00 103

Foram tirados dez mil exemplares em papel vergé, do presente volume das Obras Completas de Rui Barbosa, mandadas publicar, sob os auspícios do Governo Federal, pelo Ministro Gustavo Capanema dentro do plano aprovado pelo decreto-lei n.º 3.668, de 30 de setembro de 1941, baixado pelo Presidente Getúlio Vargas, e de acordo com o decreto n.º 182, de 27 de maio de 1946, promulgado pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra e referendado pelo Ministro Ernesto de Sousa Campos.

OBRAS COMPLETAS
DE
RUI BARBOSA

VOL. XXIX. 1902
TOMO III

RÉPLICA

★★



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
RIO DE JANEIRO — 1953

Yd. 012615

ONB 012969



500.981
B238

CATALOGO 013007

PREFÁCIO E REVISÃO

DO

P.º AUGUSTO MAGNE, S. J.,

da Universidade do Brasil

e da

Pontifícia Universidade Católica

do Rio de Janeiro



RÉPLICA

às defesas da redação do
Projeto de Código Civil Brasileiro

(2.ª parte)

§ 53

Art. 1.212

NUGA E NADA

220. — Dissera o projeto:

«O locatário do prédio rústico *deve* aproveitá-lo, no mister a que *o mesmo* se destina.»

Desta provisão legislativa em forma de conselho moral não direi, como diria A. HERCULANO¹, que se ache concebida «em estilo sôrno e estafado»; mas em duas linhas difficilmente poderia ser mais tabelioa.

Reduzi-a a êstes têrmos:

«O locatário do prédio rústico *utilizá-lo-á* no mister a que se destina.»

Ou eu não tenho noção alguma da clareza, ou não na podia haver maior.

Pois o dr. CARNEIRO opina diversamente. A seu juízo, o sujeito da proposição *a que se destina* devia ser expresso. Aliás poderá supor-se que seja o *locatário*, e não o *prédio*, que *se destina* ao mister. Mas como, numes da gramática e da língua! como, apôs aquêle *utilizá-lo-á*, onde o demonstrativo *o* se refere inequivocamente a *prédio*, se con-

1. *O Monge de Cister*, v. I.

ceberia não ser êsse *prédio* o sujeito da oração «*a que se destina*»?

E que razões, deuses do vernáculo! Temos, argumenta o dr. CARNEIRO, uma oração principal e outra subordinada. Logo, haverá por onde supor que o sujeito da subordinada seja o *da principal*. Como, porém, se com o objeto da principal se entrelaça naturalmente a ação da subordinada?

Mas, reflete o mestre, «*se destina*» poderia ter sentido reflexo, ou sentido passivo. Não ali, onde se está subentendendo fatalmente, e entrando pelos olhos a quem os não tenha vazados, o sujeito *prédio*, com o qual não pode ser senão passiva a significação de *se destina*.

Na frase «O locatário do prédio rústico utilizá-lo-á no mister, *a que se destina*», seria mister que a gramática não fôsse o que tão excelentemente disse CASTILHO, «o senso comum da linguagem»¹, para interpretar: «O locatário do prédio rústico utilizá-lo-á no mister, a que o locatário se destina».

§ 54

POSIÇÃO DO PRONOME: «CUJA DUPLICATA DIR-SE-IA.»

221. — O dr. CARNEIRO, como se tem visto, por não perder ensejo de me atarracar o pobre nome de escritor, abandona de onde em onde, a breves trechos, a análise do substitutivo, para se lançar a monte pelas minhas notas, ou pela minha exposição preliminar, em caça de cincas e negligências, cuja exploração o habilite a assoalhar o meu nada.

À custa dessas escapadas, em que exorbita da sua tarefa, encheu grande parte das suas *Ligeiras Observações*, cujo tamanho, se as adscrevesse ao exame das minhas emendas,

1. *Felicidade pela Instrução*, p. 38.

mostraria ao primeiro aspecto a miséria da colheita apurada a tanto rebuscar. Foi em uma digressão dessas que o mestre, na minha exposição preliminar, deu com esta linha suspeita: «cuja duplicata *dir-se-ia* não haver meio de obviar.»

Não precisava ir buscar os dois exemplos de ALEXANDRE HERCULANO, com que esgrime, para mostrar nesse lanço um defeito de sinclitismo pronominal, nem menos cingir as suas investigações ao genitivo *cujo*, flexão do relativo. Este, em qualquer dos seus casos, obriga à próclise; sendo uma das poucas regras nesta matéria invariáveis a da anteposição do pronome ao verbo, onde quer que intervenha o *que*, ou seus derivados, funcione êle como relativo, ou como conjunção.

Não escrevo de outro modo; e tamanho cuidado, a este respeito, se observa nos meus trabalhos, que, ainda há pouco, uma revista literária, aqui publicada, investigando o assunto, só em mim, creio eu, dentre os escritores brasileiros mais conhecidos, não encontrou falha neste particular.

Tomem o último dos meus trabalhos, por exemplo, o proêmio aos discursos do dr. FRANCISCO DE CASTRO, aqui dados a público meado outubro dêste ano, e vejam:

«Os *que* se dirigiam à casa ferida pelo raio.»
[P. IV.]

«Dir-se-ia *que* a morte *se* estava comprazendo.»
[Ib.]

«Os escritos *que* se enfeixam nesta brochura.»
[P. V.]

«Porque sua palavra impressa, pela verdade, pela ação, pelo calor, pela magia, *lhe* transfigura os discursos escritos.» [Ib.]

«O escritor de *cujos* dedos como *que* se vê irradiar ao papel a chama inspirativa.» [P. VI.]

«Nem era a amizade *que* se encarregara de receber-lo.» [Ib.]

«Aos olhos dos que lhe admiravam a inteligência.» [Ib.]

«Tinha com o inglês, em que se exprimia correntemente, as relações mais familiares.» [P. VII.]

«A mesma facilidade elegante de quem se acha no seu.» [Ib.]

«Um afeto que se nutria em mim de admiração.» [Ib.]

«Por muito que lhe eu devesse.» [Ib.]

«Mas era nesta sobretudo que se percebia com ele a largueza das bênçãos do Criador.» [P. VIII.]

«Tôdas essas partes, que já o privilegiavam.» [P. IX.]

«Uma emanação do interior, que lhe punha a evidência nos lábios.» [P. IX.]

«Dir-se-ia que, por um fenômeno de inversão absurda, se voltara para dentro de si mesmo a atenção do inquiridor.» [P. X.]

«Não se movia sequer para obstar a que o despojassem dos seus loiros mais justos.» [P. XI.]

«O cometimento de que nos dão hoje o primeiro preligar neste volume.» [P. XIII.]

«O débito de agradecimento em que lhe hão de estar.» [Ib.]

«Uma dessas espécies extintas, cujo» [eis aqui o cujo] «cujo desmarcado tamanho nos assombra.» [Ib.]

«Por que se lhe pudesse dizer.» [Ib.]

«Entre os que o conheceram ficou-lhe o culto.» [Ib.]

«Ainda não volvi a mim da turvação de ânimo em que me soçobrou.» [P. III.]

«Uma vida que me importava muito mais do que a minha mesma.» [Ib.]

«Não foi tão-somente sobre os *que o* amavam.»
[Ib.]

«Numa estupefação, a *que* os próprios inimigos da vítima *se não evadiram*.» [Ib.]

Em tôdas essas frases, algumas conjuncionais, outras pronominais relativas, o *que*, o *quem*, o *cujo* atraem inviavelmente o pronome, removendo para depois dêste o verbo correspondente. Não bastam essas *vinte e quatro* amostras em doze páginas, para evidência de que ninguém cata mais severamente que eu as regras do sinclitismo pronominal?

222. — Agora uma ou outra desatenção neste especial, isso nem os clássicos mais corretos evitaram.

Querem ver? É com dois exemplozitos de A. HERCULANO que me enxoalha o mestre.

Pois bem: vou apresentar-lhe maior número de lugares, onde o grande escritor resvala a descuidos semelhantes, na disposição dos pronomes em seguida ao *que*, relativo, ou conjunção:

«Isto era dito com tanta brandura e unção, *que* o moço cisterciense *atirou-se* a chorar aos braços de Fr. Lourenço.» [O Monge de Cist., v. I, p. 105.]

«Ponderava *que* para ela a existência atual *fechava-se* a curta distância num horizonte de ferro.» [Ib., p. 259.]

«E que não achou aí com *que* refrescar-se.» [Id., v. II, p. 97.]

«O cavaleiro sabia *que* tais afrontas *escrevem-se* para sempre na fronte de quem as recebe.» [Lendas, v. I, p. 186]¹

1. Ver adiante, n. 228, outro exemplo característico dêste descuido em AL. HERCULANO.

A CAMÕES, ao próprio CAMÕES, o maior dos maiores, escapou a colocação enclítica do pronome complemento após o *que*:

«Sabes, cruel, que tenho causas muitas,
Para te convencer, de *que* queixar-me.»

[*Égl. XIII, Obr.*, v. IV, p. 132.]

JACINTO FREIRE, ele mesmo, o corretíssimo JACINTO FREIRE escreveu:

«Tinha depositado em diferentes partes o melhor de seus roubos, como segunda tábua *em que salvar-se*.»
[*L. I, 23.*]

«Só há três regras», ensina JOÃO RIBEIRO, «em que é obrigatória a anteposição.» [*Gram.*, p. 205.] Dessas a segunda, por ele consignada, é a tocante às «subordinadas de *que* e suas variações», entre as quais enumera o *porque*. [*Ibid.*]

Pois bem: vêde quão freqüentes são em AL. HERCULANO e outros mestres os transvios dêsse preceito:

«*Porque* eu voltava-me para o céu.» [*Eurico*, p. 48.]

«*Porque* o rio cobre-se durante a noite.» [*Lendas*, v. I, p. 47.]

«*Porque* D. Teresa ergueu-se imediatamente.» [*O Bôbo*, p. 160.]¹

Muitos exemplos semelhantes nos deparam os escritos de FILINTO ELÍSIO:

1. A próclise, entretanto, é a regra por ele observada em relação ao *porque*. *O Bôbo*, p. 186, 189, 210, 232, 260, 288, 289. *Monge de Cister*, v. II, p. 42, 228. *Lendas*, p. 41.

«Não há que perguntar-lhes.» [Obr., v. XVIII, p. 42.]

«Bem podiam cercear-lhe das orelhas
Com que emendar-lhe o rabo.»

[Ib., v. XII, p. 15.]

«Se à minha Musa, que sentou-se, às vêzes.»
[Ib., p. 259.]

«Que remédio há, que dar-lhe?»
[V. XIII, p. 112.]

«Mas harto em que ocupar-vos ora tendes.»
[Ib., p. 332.]

Também nos de CASTELO BRANCO:

«... que, nas poesias enviadas às suas amadas... ou lhes não falava nos pés, ou... abstinha-se de lhes chamar pequenos.» [C. CASTELO BRANCO. *Apud* B. CAETANO, *op. cit.*, p. 38.]

«Agonizavam-na tão insofridas aflições que os soluços *estalavam-lhe*.» [C. CASTELO BRANCO. *A Cav. da Mártir*, p. 61.]

Não nos cita o dr. CARNEIRO amiúde como autoridades clássicas a TEÓFILO BRAGA e CASTILHO JOSÉ?

Pois bem, é do último dêles esta frase: «Sempre te quero dizer que o pimpão... saiu-se com outras.» [Apud B. CAETANO, *op. cit.*, p. 37.]

Ainda lhe pertencem êstes dois excertos:

«Estas e outras circunstâncias me convencem de que, embora o estilo seja exclusivo..., as partes da oração *são-lhe* ministradas...» [Ibid.]

«O curioso é que o termo *aplica-se* não menos a cousas inanimadas.» [Ibid.]

Do outro, isto é, de T. BRAGA, temos a seguinte:

«Destas uniões regularmente contraídas resultou uma raça *cujos homens têm-se sempre distinguido.*» [Ap. B. CAETANO, *Ibidem.*]

O próprio VIEIRA, cujo contínuo uso autoriza a norma da anteposição, não deixa de ter, lá uma ou outra vez, o seu extravio:

«De sorte que Cristo defendeu-se do Diabo com a escritura.» [Serm., v. I, p. 272.]

«A razão disto é porque as palavras *ouvem-se*, as obras *vêm-se*.» [Ib., p. 259.]

«Acrecento que mandou-me sua alteza falar com o mesmo D. Francisco.» [Cartas, v. IV, p. 23.]

«É que Miguel chama-se S. Miguel.» [Serm., III, p. 229.]

«O certo é que em Lisboa *ouvem-se* os repiques.» [Cartas, v. II, p. 37.]

«Porque hoje *pregam-se* palavras.» [Serm., I, p. 259.]

«Porque os vícios acham-se também nos católicos.» [Ib., v. II, p. 257.]

Não menos escrupuloso na observância dessa regra, mais de uma vez resvala, todavia, MANUEL BERNARDES:

«Porque a natureza ressentida *encolhe-se*.» [N. Floresta, v. IV, p. 118.]

«E também porque o sujeito *aperfeiçoa-se*.» [Ib., p. 304.]

JOÃO DE BARROS escreveu:

«Porque *descuidar-se-ia*.» [Déc. III, VII, 8.]

Ainda nos casos em que é livre a eleição entre a próclise e a ênclise, propende pelo comum à primeira DUARTE NUNES. Mas, ainda assim, duas vêzes deslizou à posposição em casos, como êste, que a não toleram:

«*Porque*, sendo com pouca gente, meter-se-ia em perigo.» [Crôn. de D. João I, c. 15, p. 57.]

«*Porque* com armas ganham-se os corpos.» [Ib., c. 37, p. 149.]

223. — Mas ninguém, ninguém errou jamais em tanta maneira, copiosamente, espalmadamente, como o dr. CARNEIRO na colocação dos pronomes. A sua *Gramática Filosófica* é, a êsse respeito, um mapa de anatomia patológica, onde se gruparam, apinhadas, tôdas as variedades e circunstâncias dêste síndroma gramatical.

Com o *que*, por exemplo, ora relativo, ora conjunção, ali escreve o mestre:

«Pelo ar, *que* escoa-se.» [P. 26.]

«Os sentimentos, *que* tomam-nos.» [P. 46.]

«As paixões, *que* turbam-nos.» [Ib..]

«Muitos vocábulos de origem grega, *que* pronunciam-se.» [P. 50.]

«Não é senão para neste ponto acompanharmos a maioria dos gramáticos *que* estudamo-la aqui.» [P. 98.]

«Das tribulações inúmeras e constantes *que* assaltam-nos.» [P. 100.]

«São muitos pontos consecutivos *que* empregam-se.» [P. 112.]

«É a idéia *que* liga-se.» [P. 122.]

«O primeiro leite, *que* no vagido deu-lhe o primeiro esbôço da voz.» [P. 129.]

«Sentimentos que de sobressalto tomam-nos e dominam-nos a alma.» [P. 130.]

«Uma idéia acessória, que torna-se.» [P. 206.]

«A qualidade acessória, que torna-se.» [P. 207.]

«Demonstram que a necessidade desta distinção razoada fêz-se com cedo sentir.» [P. 99.]

«Certas situações d'alma, em que a perturbação instantânea dá-lhe apenas tempo.» [P. 128.]

«Vocábulos há em que representa-se o som.» [P. 72.]

«Palavras em que o primeiro e muda-se em i.» [P. 78.]

«Plurais em que por vezes o uso mostra-se arbitrário.» [P. 165.]

«Explosões naturais... a que dá-se o nome de interjeições.» [P. 128.]

«Antes de exprimir a que indivíduos aplica-se esta palavra.» [P. 207.]

«Os mesmos ordinais, a que sempre ajuntam-se.» [P. 240.]

«Cális, que também escreve-se cálice.» [P. 163.]

«Assim é que encontra-se em Voltaire.» [P. 156.]

Com o relativo *que* e o advérbio *mais*, o qual também à sua parte exige a anteposição:

«Disso, daquilo, que mais geralmente escrevem-se.» [P. 116.]

Com *qual*:

«A maior parte dos quais derivam-se das línguas orientais.» [P. 51.]

«Um aspecto *pelo qual* consideramo-la.» [P. 48.]

«Com os quais emprega-se a eufônica.» [P. 36.]

Com o *cujo*, de que agora me faz tiro:

«Aquelhas *cujo* som ouve-se de um golpe.» [P. 25.]

«A fonte particular, cujas águas mitigavam-lhe a sede.» [P. 137.]

Com o *porque*:

«Porque o primeiro *aplica-se* a cada um dos indivíduos.» [P. 135.]

Com o *que* e o *assim*, após o qual também a próclise é de rigor:

«Assim que estabelecem-se as seguintes regras.» [P. 91.]

Ainda com o *assim*:

«Assim *diz-se*.» [P. 36.]

«Assim *escreve-se*.» [P. 71.]

Com o *que* e advérbios em mente:

«Assim foi *que* as palavras que originariamente eram nomes próprios e designavam objetos individuais, *insensivelmente tornaram-se* nomes comuns.» [P. 137.]

Com o *que* e o *bem*, após o qual não se admite a posição do pronome:

«Bem que *pareça-nos* mais conforme.» [P. 72.]

«Bem que alguns dêstes... *escrevam-se* também.» [P. 73.]

Com o *que* relativo e o adjetivo *todo*, em cuja companhia a anteposição também é de necessidade:

«*Tôdas* as vêzes que encontram-se duas consoantes.» [P. 30.]

«*Tôdas* as vêzes que muitas consoantes consecutivas ouvem-se em um vocábulo.» [Ibid.]

Com o *assim* e o *todo* juntamente [ambos de ação proclítica]:

«*Assim todo* o adjetivo ajunta-se ao substantivo.» [P. 207.]

Com a conjunção *como*, de ação forçosamente antepositiva sobre o pronome:

«*Como* vê-se em tôdas as enclíticas.» [P. 43.]

Com o *quando*, advérbio, ou conjunção, cujo efeito inevitável é a próclise pronominal:

«*Quando* a ponta da língua *aplica-se*.» [P. 26.]

«*Quando* pronuncia-se esta consoante.» [P. 28.]

«*Quando* gastam-se dois.» [P. 39.]

«*Quando* a *tais*¹ preposições *seguem-se* dicções.» [P. 84.]

«*Quando...* repetem-se as conjunções.» [P. 103.]

Com a negativa *não*, que determina a próclise fatalmente:

«*Não* saiu-se mal no exame.» [P. 331.]

1. Aqui também o *tal* obrigava a antepor o pronome.

Com a negativa *nem*, cujo resultado é o mesmo:

«*Nem todos os ee mudos pronunciam-se.*»
[P. 39.]

«*Nem tôdas as letras do alfabeto de uma língua acham-se em todos os outros alfabetos.*» [P. 70.]¹

Com a conjunção *se*, posteriormente à qual é força pre-ceder o pronome ao verbo:

«*Se o acrescentamento efeitura-se no princípio.*»
[P. 35.]

«*Mas, se entre os antigos encontram-se sinais.*»
[P. 98.]

«*Se alguns advérbios aproximam-se da natureza das preposições.*» [P. 122.]

Cinquenta vezes, quando menos, errou, portanto, o dr. CARNEIRO, na sua *Gramática Filosófica*, a colocação dos pronomes regimes. Dêsses erros só muito mais tarde, passados nove anos, se penitenciava o mestre nos seus *Serões* [p. 354]: «Nos meus primeiros trabalhos gramaticais há essas faltas, que confesso e reconheço. É êste um idiotismo tão arraigado no falar e no escrever, que ainda aquêles que mais se esforçam por evitá-lo, *uma ou outra vez* o cometem, falando ou escrevendo.»

O caso é, porém, que bons nove anos circulou entre os estudantes, com aquêle compêndio, o exemplo mau, propinado com o peso da autoridade e a influência insinuativa do seu eminentíssimo autor, cuja pena, ao fazer confissão da culpa, dissimula eufêmicamente com o nome de *idiotismo* a erronia vernácula, envolve o ato de contrição nos minúsculos caracteres de uma nota quase imperceptível, e alude à ocorrência

1. Nestes dois exemplos também o *todos*, ou *tôdas*, exigia a enteposição.

dessa falta como raridade, que «uma ou outra vez» lhe sucedesse.¹

224. — A evolução do mestre, porém, nesta matéria ainda não findou. Das regras por él firmadas nos *Serões Gramaticais*, algumas já começam a receber dêle mesmo derrogação, ou repúdio.

Ali doutrina élle, por exemplo, que «as variações, pronominais regimes, ou empregadas como tais, se colocam antes do verbo», quando êste «é precedido de uma negação». [Serões, p. 336.] Entretanto, nas suas *Ligeiras Observações*, me argúi de solecismo, por haver anteposto a variação pronominal régimen ao verbo no gerúndio, quando precedido da negativa.

Ali, outrossim, dispõe que «não se começa frase alguma em português pelas variações pronominais oblíquas *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os*». [Serões, p. 339.] Apanho-o eu em flagrante dessa contravenção, principiando uma frase com as palavras «*se julgará*».² E como se há de sair o mestre? Dizendo que a construção por mim aconselhada «é a construção *mais comum*, verdade seja dita, mas é *falso julgá-la a única verdadeira*».

Assim que do mesmo modo como os *Serões Gramaticais* abjuraram a *Gramática Filosófica*, vêm agora as *Ligeiras Observações* abjurar os *Serões Gramaticais*.

Em que ficarão, no cabo, quanto ao colocar das variações pronominais, os discípulos do professor CARNEIRO?

1. Era mister, ao menos, que o corretivo se fizesse no lugar adequado. Mas os *Serões* têm capítulo especial, debaixo do título *Colocação dos pronomes empregados como complementos*. Aí é que importava lavrar o mestre auto dos seus erros contra essa parte da sintaxe. Não o faz, porém, nesse lugar, reservando a notazita microscópica, de que há pouco falei, para o capítulo dos *brasileirismos*.

Nem nesta qualificação é exato, como verificará quem ler, nos *Estudos Filológicos* de João RIBEIRO [ed. de 1902], a parte concernente à *Colocação dos Pronomes*. [P. 203 e seg.]

2. Ver nota ao art. 107. Vér neste vol. o § 6.º, n. 60.

§ 55

Art. 325 § ún.

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES:
«DEPOIS DE CONHECÊ-LO»,
OU «DEPOIS DE O CONHECER»?

225. — Com essa volubilidade, a que acabamos de assistir, nas idéias concernentes à sintaxe dos pronomes complementos, acha o dr. CARNEIRO meios de casar uma segurança imperturbável, nas transições por que vai passando em cada uma das fases do seu variar.

Ensinam PACHECO JÚNIOR e LAMEIRA DE ANDRADE ser proclítico o pronome objeto «depois de qualquer advérbio de negação, *de tempo*, lugar, quantidade e modo». [Noç. de Gram., p. 492.] A mesma doutrina, por êles aí exarada em 1887, repete, em 1894, o último dêsses autores na sua *Gramática da Língua Portuguesa*. [P. 616, n. 237.]

Igual preceito estabelece BATISTA CAETANO¹, que, declarando obrigatória a anteposição dos pronomes com o relativo *que*, acrescenta: «Com a mesma força de relativo têm-se as orações, nas quais figuram advérbios: *onde* [o lugar *em que*] se acha o livro; *quando* [no tempo *em que*] me procurares; *onde* [do lugar *de que*] o tenham de levar; *como* [o modo *por que*] me hei de haver. Êstes advérbios implicitamente contêm sempre *que*.»

Tão bem acompanhado, eu me devia considerar ao menos imune, em caso de êrro, ao vexame de o haver cometido. E é o que me bastava, para mostrar que não opinara de leve. Mas não só não opiniei de leve, senão que, ainda, não errei. O êrro é de quem mo imputa.

1. *Rascunhos sobre a Gram. da Líng. Portug.*, p. 113.

Com o aprumo que lhe veremos sempre nas questões concernentes ao lugar dos pronomes complementos na sentença, como se houvesse de resgatar por êsse modo e a si mesmo delir da memória o seu passado gramatical neste assunto, redondamente me declara o professor CARNEIRO que errei. Proclítica, ou enclítica, indiferentemente, podia ser, na espécie, a situação do pronome régimen. É a sua tese, que, por me aplicar dois golpes de um só revés, associa a outro quinau, contestando-me o designativo de *advérbio* a respeito do vocábulo *depois*, na cláusula supratranscrita.

Não é advérbio aí o *depois*, entende êle, mas *locução prepositiva*. Mas haverá quem não saiba a contenda antiga dos nossos gramáticos e filólogos acerca da classificação a êsse vocábulo adequada? BLUTEAU era pelo qualificativo de *preposição*. [Vocabul., v. III, p. 69.] MORAIS, pela de advérbio. CONSTÂNCIO, arbitrando entre os dois, atribuía, segundo os casos, um e outro caráter a essa palavra. Do mesmo modo se pronunciava DOMINGOS VIEIRA. Mas já ADOLFO COELHO, JOÃO DE DEUS e FIGUEIREDO tornam à classificação de *advérbio*, pondo aliás os três últimos à expressão *depois de* a nota de *locução prepositiva*.

Que alcance terá, porém, esta rusga de pontilheiro no tocante à especialidade controversa? Nenhum. Por que é que, não vendo aquêles três lexicólogos senão um advérbio no vocábulo *depois*, a *depois de* aplicam o nome de *locução prepositiva*? Porque uma convenção gramatical atribui êste apelido a essas associações do *advérbio* com a preposição. Mas, em substância, nem por isso o *advérbio* decai, nessas expressões, de sua natureza adverbial. Em *depois de* está o *depois* com a sua ingênita ação gramatical sobre o verbo, o adjetivo, ou o advérbio mesmo: «*Depois de morrer. Depois de* bom. *Depois de amanhã.*»

Logo, se a palavra *depois* obriga à anteposição do pronomé régimen, à expressão *depois de* há de caber a mesma propriedade. O que releva, portanto, é únicamente averiguar

se o advérbio *depois* se acomoda vernacularmente à situação *enclítica* das variações pronominais, quando complementos, ou se à *próclise* as leva necessariamente.

Ora, aplicado à hipótese o critério de que se utilizou, no trecho há pouco transcrito, BATISTA CAETANO, veremos que *depois de*, a locução prepositiva, equivale a *depois que*, locução conjuntiva: «*depois de chegar*» = «*depois que chegar*». Mas a locução conjuntiva, por efeito necessário do *que*, nela contido, força a anteposição do pronome objeto. Logo, à sua equivalente, à prepositiva *depois de*, inerente há de ser o mesmo efeito.

Demais com o próprio *depois de* são constantes, nos clássicos, os exemplos da anteposição.

Aqui estão alguns:

«DEPOIS DE as *olhar*, virou-se contra o imperador.» [MORAIS. *Palmeirim d'Inglat.*, c. 22].

«DEPOIS DE *lhe perguntar* pela disposição de sua pessoa, começou de mover a prática sôbre cousas alegres.» [Ib., c. 29.]

«DEPOIS DE se *conhecerem*, caíram um pera uma parte e outro pera outra quase mortos.» [Ib., c. 34.]

«Alguns DEPOIS DE o *ver* a êle, iam ver ao gigante.» [Ib., c. 43.]

«*Depois* se veio chegando a Lisboa.» [DUARTE NUNES. *D. João I*, c. 28.]

«DEPOIS DE o *roubarem*.» [Ib., c. 42.]

«*Depois* o entenderam os castelhanos.» [Ib., c. 59.]

«*Depois* se encontrou na ribeira.» [Ib., c. 65.]

«E DESPOIS DE se *fazer* absolvção plenária.» [DUARTE NUNES. *D. Duarte*, c. 9.]

«DESPOIS DE se despedir, e *lhe* beijar a mão.»

[D. NUNES. *D. Afonso V*, c. 5.]

«DESPOIS DE *lhes* fazer muitas amoestações.»
[Ib., c. 7.]

«E DESPOIS DE *lhe* ela dizer sua determinação.»
[Ib., c. 9.]

«Despois pelos tempos se mudou esta ordem.»
[Ib., c. 15.]

«DESPOIS DE *lhes* louvar a vontade.» [Ib., c. 17.]

«Despois com a espada os tratava de maneira
que...» [Ib., c. 22.]

«DESPOIS DE *lhe* beijar as mãos.» [Ib., c. 25.]

«DESPOIS DE se assentarem as bombardas.»
[Ib., c. 29.]

«Despois *lhe* fêz mercê.» [Ib., c. 31.]

«DESPOIS DE se defenderem.» [Ib., c. 53.]

«DESPOIS DE *o* matarem.» [Ib., c. 59.]

«DESPOIS DE *lhe* el-rei D. Afonso dar as graças.»
[Ib., c. 61.]

«E ainda se pode dizer que passaram alguns
meses DEPOIS DE *a* receber.» [BRANDÃO. *Monar-
quia Lusitana*, VIII, 8, v. I, p. 74. Ed. de 1806.]

«Aquêle mesmo Deus, que DEPOIS DE *vos* dar
o ser, se fêz homem.» [VIEIRA. *Serm.*, v. III,
p. 37.]

«Mas depois *lhe* descobriram as raízes.» [Ib.,
v. XI, p. 20.]

«DEPOIS DA morte se achou escrito.» [Ib., p. 44.]

«DEPOIS DE se saudarem.» [Ib., v. V., p. 73.]

«DEPOIS DE os repreender.» [Ib., p. 83.]

«DEPOIS DE aceitar o partido e se ficar com os
reinos do mundo.» [Ib., p. 205.]

«DEPOIS DE os repreender da culpa.» [Ib.,
p. 329.]

«DEPOIS DE *lhes mostrarem* a Cristo.» [Ib., p. 331.]

«DEPOIS DE *as criar*.» [Ib., pág. 333.]

«DEPOIS DE *os haver servido* a todos.» [M. BERNARDES. *N. Fl.*, v. II, p. 78.]

«DEPOIS DE *o dizerem*.» [Ib., v. IV, p. 213.]

«DEPOIS DE *te haver servido*.» [Ib., p. 362.]

«DEPOIS DE *me encomendar* em vossa mercê.» [Eufrósina, V, p. 1.]

«DEPOIS DE *o governador lhe fazer* injusta guerra.» [JACINTO FREIRE. *D. João de Castro*, II, p. 7.]

«DEPOIS DE *lhe engrandecer* a fidelidade.» [Ib., p. 8.]

«DEPOIS DE *o enterrar* por suas mãos.» [Ib., p. 119.]

«DEPOIS DE *o hospedar* com real tratamento.» [Ib., IV, p. 20.]

«DEPOIS DE *o louvar* de curioso.» [Ib., p. 34.]

«DEPOIS DE *lhe fazer* honrado tratamento.» [Ib., p. 78.]

«DEPOIS DE Moisés haver visto a Deus em a sarça, e DEPOIS DE *lhe ter dado* supremos poderes sobre Faraó.» [FR. TOMÁS DA VEIGA. *Sermões*, p. 52. Ap. D. VIEIRA.]

«DEPOIS DE *lhe tirarem* o substancial, lhe deram fogo.» [DIOGO DO COUTO. *Décad.* IV, l. 8, c. 10.]

«Poucos dias DEPOIS DO governador partedo *se embarcou*.» [DIOGO DO COUTO. *Ap. BAT. CAETANO, op. cit.*, p. 26.]

«DEPOIS DE *lhe captar* a benevolência com elogios e DE *lhe encarecer* quanta perdição era lançar ao fogo tão lindas prendas.» [FILINTO. *Obr.*, v. XVII, p. 122.]

«DEPOIS DE a examinarem por largo espaço, voltaram ao campo.» [A. HERCULANO. *Eurico*, p. 86.]

«Talvez, pouco DEPOIS DE a haver transposto, ela se fecharia eternamente para mim.» [Id., *O Monge de Cist.*, v. 1, p. 266.]

«DEPOIS DE se conservar largo espaço naquela postura.» [Ib., p. 281.]

«DEPOIS DE se rolar pelo chão, mordendo os punhos cerrados.» [A. HERCUL. *O Bôbo*, p. 194.]

«Correu para êle e, DEPOIS DE o abraçar, tomando-o pela mão, o fêz aproximar do infante.» [Ib., p. 211.]

«Quero folgar DEPOIS DE a ver satisfeita.» [Ib., p. 277.]

«DEPOIS DE se converter o direito temporal do padroado numa concessão pontifícia.» [A. HERCUL. *A Reação Ultramont. em Portg.*, p. 15.]

«DEPOIS DE se haverem feito deprecações.» [LATINO. *Oraç. da Coroa*, p. 40.]

«DEPOIS DE os ter na mão, não há perigo.» [CASTILHO. *Amôres*, v. I, p. 86.]

«DEPOIS DE a apagar bem, que nem sinal se veja.» [Ib., p. 124.]

«Quem as olvidará em nenhum tempo, DEPOIS DE as ler?» [CASTILHO. *Camões*, p. 164.]

«DEPOIS DE se desculpar.» [Ib., p. 276.]

«DEPOIS de o ter esbulhado... e DE o haver até divorciado...» [Ib., p. 284.]

«DEPOIS de se ter gravado nova lápida.» [Ib., p. 236.]

Dos *cinqüenta e nove* exemplos que aí ficam¹, apenas sete apresentam o advérbio *depois*. Os mais cinqüenta e dois são construídos com a locução *depois de*, colocando-se em todos *proclíticamente* o pronome.²

Escassamente se encontrará um ou outro caso de posição pronominal com o advérbio *depois*, ou a locução prepositiva *depois de*, e isso de ordinário entre os escritores mais modernos, ou em obediência ao ritmo do verso.³

1. Ainda outros: «*Depois de lhes haver tirado a fazenda.*» [VIEIRA. *Obr. Inéd.*, v. I, p. 187.] «*Depois de se verem* ignominiosamente desterrados.» [Ib.] «*Depois de se haver prostituído* a alguns moços de sua nação.» [Ib., p. 189.] «*Depois de se contestar o processo.*» [Ib., p. 198.] «*Depois de o haver recusado* duas vêzes.» [Ib., v. I, p. 14.]

2: É o mesmo que com a locução *antes de*, em que se mantém a propriedade antepositiva do advérbio *antes*:

«*Antes de a ouvir.*» [VIEIRA. *Serm.*, v. VI, p. 310.] «*Antes de se pregar.*» [Ib.] «*Antes de o ouvir.*» [Ib.] «*Antes de se ouvir.*» [Ib.] «*Antes de Cristo o ensinar.*» [Ib., p. 311.] «*Antes de Cristo os pregar.*» [Ib., p. 312.] «*Antes de os convidar.*» [Ib., p. 345.] «*Antes de os conhecer.*» [Ibid.] «*Antes de se darem as mãos.*» [Ib., p. 348.] «*Onde, antes de se fechar, foram recolhidos* seus ossos.» [JACINTO FREIRE. *D. João de Castro*, IV, p. 107.] «*Antes de lhe ser dado Portugal.*» [BRANDÃO. *Monarqu. Lus.*, v. I, p. 21]. «*Antes de se lhe dar tudo o que Portugal* continha.» [Ib., p. 75.]

3. É o que se dá nestes lances:

«*Vo-lo talhou, para depois vesti-lo.*»

[CAMÕES, son. 19.]

«*Se não há mais que ver despois de ver-te.*»

[Ib., *Ob.*, v. II, p. 151.]

«*Só depois de enfadar-se* um dia inteiro
Sentem o menos — sentem o dinheiro.»

[FILINTO EL. *Obr.*, v. III, p. 191.]

A próclise, nesses trechos, alongaria o verso, e quebraria o metro.

226. — Como quer, porém, que raciocinasse o dr. CARNEIRO em prol da sua tese, o que não era de gramático, nem de homem de ciência, nem de espírito são, como o do ilustre professor, é o argumento pessoal, que me endereça:

«O próprio dr. RUI BARBOSA, na emenda feita ao art. 1.202 dêste projeto, onde diz «*antes ou depois de havê-lo recebido*», pondo-se em contradição manifesta com o que sustenta aqui no que respeita à anteposição do pronome.»

Abuso palpável da palavra *contradição*, exploração fútil do seu efeito. Se eu, no meu parecer, firmei *em princípio* a anteposição pronominal como consequência inerente ao uso do advérbio *depois*, e dêsse princípio discrepei, *no aplicá-lo*, ali mesmo, claro está que me esqueci momentâneamente da minha regra, ou não adverti que a estava transgredindo. A isso chamar-se-á inconsideração, descuido, negligência. *Contradição* é que nunca; porque uma doutrina, uma teoria não se contradiz, senão com uma teoria, uma doutrina oposta. *Irreflexões, desatenções* não se podem qualificar de *contradições*. Corrija-se a emenda, onde eu houver ferido a regra, por mim mesmo posta, da próclise em seguida ao advérbio *depois*; mas não se pretenda que, ferindo-a, sem intento de a ferir, me *contradisse*.

227. — Contradição, e formal, é a do mestre, cuja *teoria* agora, a este respeito, está em diametral antagonismo com a dos seus *Serões Gramaticais*.

Ali ensina o dr. CARNEIRO:

«Quando antes do verbo ocorrerem os advérbios *sempre, quando, onde, JÁ, como, cá, lá, aqui, aí, ali, mal, bem, só, ainda, assim, AGORA, mais, talvez, acaso, LOGO, etc.*, o pronome complemento colocar-se-á antes do verbo.»¹

1. P. 338.

É uma regra absoluta, por êle firmada em relação a todos os advérbios, dos quais enumera vinte, entre êsses o já, o agora, o logo, abrangendo alusivamente os demais num *et cetera* geral. Todos êles, consoante essa regra, trazem o pronome complemento para antes do verbo.

Devia eu tomar a sério a norma solenemente instituída pelo mestre? Parece. Mas, quando hoje a invoco, já lhe não serve; está errada: contra ela «se colhem exemplos copiosíssimos nos escritores de melhor nota e renome».

Algumas amostras nos oferece. Dessas, poucas se referem ao advérbio *depois*. Quase tôdas são exemplos do uso pospositivo do pronome regime em seguida aos advérbios *agora*, *já*, *logo*, explicitamente enumerados na passagem transcrita dos *Serões*, onde, mui ao contrário, se institui que êsses advérbios determinam a anteposição pronominal. Nos *Serões* congrega autores, por demonstrar a fatalidade da *próclise*. Na defesa à revisão do código civil arrebanha escritores, para assentar o direito à *énclise*.

Será de gramático, ou de enguia humana, essa compleição resvaladiça e fugidia?

228. — No que respeita à colocação dos pronomes complementos, não há, talvez, um cânon, dentre os mais estritos, que resista a essa prova: a do consenso unânime e invariável dos bons autores. Se alguma delas se há de considerar absoluta e inexcepçãoável, é aquela, em cujo nome, pouco há, me corrigia o dr. CARNEIRO a frase «*Cuja* duplicita *dir-se-ia*»: a norma inflexível da *próclise* nas subordinadas de *que*, relativo, ou conjuntivo, e suas variações. Contudo, é nem mais nem menos ALEXANDRE HERCULANO quem escreve:

«A bula de 12 de outubro chegara tão tarde a Lisboa, que, estando de partida, o tempo *ter-lhe-ia* faltado para a fazer executar.» [Inquisição em Portugal, v. II, p. 294].

E neste sentido, ainda há pouco, na contranota anterior [n. 222], registava eu grosso número de exemplos.

Outro preceito por todos os gramáticos indigitado, neste assunto, como absoluto é o da próclise nas orações negativas. VIEIRA, contudo, escreveu: «Viu que não conservando-se.» [Sermões, v. VI, p. 108.] Antes dêle escrevia D. DUARTE: «Não amando-as.» [Leal Conselheiro, p. 427.]¹ Modernamente A. HERCULANO: «Não acha-se nisto um tipo de cobiça e avareza?»² «Não acha-se nisto um pensamento enganoso?» [Lend. e Narrat. Ap. NÓBREGA.]³ E FILINTO ELÍSIO: «Aventura-se a si, por não expô-lo.» [Obras, v. XI, p. 71.]

1. Os dois livros d'el-rei D. DUARTE, editados em 1842 por J. J. ROQUETE, são entretanto exemplares admiráveis no que diz respeito à colocação dos pronomes. Não conheço, neste particular, modelo mais seguro. Além do que acabo de exstrar no texto supra não há, nessas duas obras, que se espriam em 650 largas páginas, senão dois exemplos, que a sintaxe atual do idioma não sofreria:

«Salvo se fôr corretor, ou quiser vender cavalos, criando-os e os fazendo.» [Livro da Ensinança, p. 505.]

«Em confessando-se que tal é.» [Leal Conselheiro, p. 271.]

Não sei se algum, dos clássicos mais escoimados, teve tão poucos descuidos, em matéria tão resvaladia.

2. Ap. GALHARDO, op. cit., p. 5.

3. RÁCIO NÓBREGA. *Estudos de Português* [Campinas, 1900], p. 112. Nota êste autor que a frase, nesse exemplo, «é mais interrogativa do que negativa, valendo o mesmo que — Acha-se nisto um pensamento enganoso, não?» Mas esta consideração não justifica a anomalia gramatical da ênclide, numa sentença em que intervém o não antes do verbo. *Negativo, dubitativo ou interrogativo, o não é sempre não*, e como tal exerce a propriedade, que lhe compete enquanto não, de atrair o pronome oblíquo. Tanto assim que, noutro lugar, A. HERCULANO, em circunstâncias semelhantes, com o mesmo não interrogativo, antepõe ao verbo a ênclide pronominal:

«Não te parece isto mais grandioso que o assassínio de Lopo Mendes?» [O Monge de Cister, v. II, p. 325.]

A nota ao art. 1.222, que principia em seguida, mostrará outra irregularidade sintáxica, de análoga natureza, ocorrente em VIEIRA: uma oração negativa do gerúndio, mas sem interrogação, em que o pronome régimen se pospõe ao verbo.

§ 56

Art. 1.222¹COLOCAÇÃO DOS PRONOMES:
«NEM SE PODENDO»

229. — Reza, neste artigo, o meu substitutivo:

«Não havendo prazo estipulado, *nem se podendo* inferir da natureza do contrato, ou do costume do lugar, qualquer das partes, a seu arbítrio, mediante prévio aviso, pode rescindir o contrato.»

À expressão «*nem se podendo*» opõe o mestre o seu veto. Dir-se-ia que, autocrata de tôdas as Gramáticas, o ilustre professor a tôdas elas se sobrepõe, e contra tôdas decreta.

O preceito, em cujo nome o dr. CARNEIRO substitui aquela construção pela de «*nem podendo-se*», evidentemente errada, é novo, original e exclusivamente seu.

A regra universalmente consagrada hoje em nosso idioma está, *sem exceção*, pela próclise nas sentenças *negativas*.

«Nas proposições negativas o pronome é sempre proclítico», diz C. DE FIGUEIREDO. [Liç. Prát., v. III, p. 239.]

Já na *Gramática das Gramáticas* de ANDRADE JÚNIOR, o mais antigo documento acerca desta questão, como o classifica JOÃO RIBEIRO², se consignava o preceito de que «em proposição negativa, onde o elemento negativo vem antes do verbo», «as variações enclíticas do pronome se devem colocar *antes* dêste.»³

1. Alterando aqui a ordem [melhor se diria a *desordem*] seguida pelo mestre nas suas notas, reunirei, examinando-as umas após outras, as que dizem respeito à situação dos pronomes objetos na oração.

2. *Estudos Filológ.*, ed. de 1902, p. 219 e seg.

3. *Ib.*, p. 225-6.

«Sempre que a oração seja negativa», ensina AULETE, «as enclíticas pronominais passam para antes do verbo.» [Dicion., v.º Enclítico].

E' proclítico o pronome objeto, escrevem os srs. PACHECO JÚNIOR e LAMEIRA DE ANDRADE, «depois de qualquer advérbio de negação.» [Noç. de Gram., p. 492.]

«Nas sentenças negativas geralmente antepõe-se o pronome objeto», diz JÚLIO RIBEIRO. [Gram., p. 254.] Geralmente, diz êle; mas não indica um só caso, em que se não anteponha.

«A próclise *sempre* ocorre», doutrina o sr. ARAÚJO MACIEL, «nas proposições negativas.» [Gramát. Descritiva¹, p. 312.]

Oiçamos, enfim, a JOÃO RIBEIRO, cuja Gramática é das mais recentes, e cuja autoridade passa, com razão, por uma das maiores: «A verdade [são as suas palavras] é que os casos de colocação determinada se reduzem a quatro.» «Fora daí», acrescenta, «tudo fica a capricho e arbítrio do ritmo, eufonia, ou ênfase, não havendo para êsses casos regra alguma» A simplificação não pode ser mais radical, está-se a ver. Reduz ela a forçada anteposição pronominal a quatro categorias. Pois bem: uma delas é a das sentenças negativas. «Sempre», diz êle, reproduzindo literalmente o texto de AULETE, «sempre que a oração seja negativa, ou subordinada, as enclíticas pronominais passam para antes do verbo.» [P. 202.]

Essas quatro categorias, epitomou-as o autor em três preceitos. «Do que ficou exposto», sumaria êle, findando, «resulta que só há três regras, em que a anteposição é obrigatória: 1. Nas negativas. 2. Nas subordinadas de que e suas variações. 3. No gerúndio (Em se levantando).» [P. 205.]

À Gramática sucederam-lhe, um ano depois, os *Estudos Filológicos*, onde o ilustre gramático ainda mais restringe os limites ao domínio imperativo da anteposição nas enclíticas pronominais. Aí, todavia, se continua a guardar, com re-

1. Rio, 1902.

lação às sentenças negativas, a feição absoluta do cânon antepositivo. «As únicas regras que parecem *não exceituadas*» [assim se exprime], «são: a que impede de principiar a frase com a variação pronominal e a que ordena a anteposição com a negativa.» [P. 230.]

Da fórmula assim expressa em termos ilimitados não se excluem estas ou aquelas orações, não se exceetuam as construídas com êstes ou aquêles modos, êstes ou aquêles tempos do verbo *em sendo negativas*, estão sujeitas à próclise do complemento pronominal.

Nem outra é a linguagem do próprio dr. CARNEIRO, que, na última das suas obras gramaticais, os *Serões* [p. 336], assim se pronuncia:

«Quando o verbo de uma oração é precedido de uma negativa, as variações pronominais regimes ou empregadas como tais colocam-se antes do verbo.»

A esta regra categórica, irrestrita, fatal nem éle nem um só dos outros gramáticos puseram exceção alguma, nem éle nem uma só das outras autoridades traçou a menor reserva. Logo, finito, ou infinito, que seja no verbo o seu modo, esteja éle no indicativo, no subjuntivo, no imperativo, no particípio, ou no gerúndio, em o precedendo negativa, há de ser proclíticamente disposto o pronome complemento. Pode-se dizer que esta lei tinha, com a sanção formal do professor CARNEIRO, o caráter das definições dogmáticas, segundo aquilo de VICENTE DE LERINS: *quod semper, quod ubique, quod ab omnibus*

230. — Mas agora temos dogma novo, derogatório do antigo. O antigo, porém, estribava na unanimidade dos votos conciliares. Com o de agora sucede que ninguém jamais lhe ouvira o rumor, e surde pelo oráculo de uma só

voz. Deve ser de papa, desde que êstes passaram a definir os dogmas.

Proclama o do professor CARNEIRO que, *se a oração fôr de gerúndio*, não incorrerá no preceito da próclise imposta às negativas, quando a negação revestir a forma de *nem*. A saber: dado o gerúndio, só com as negativas de *não, nunca, ninguém, nenhum, nada, jamais*, se usaria o pronome anteposto. As de *nem* não só o não exigem, mas até o não toleram. «*Não se podendo*» é a única redação gramatical do gerúndio com a negativa *não*. «*Nem podendo-se*» é a só expressão gramatical do gerúndio com a negativa *nem*.

Bem razão tinha João RIBEIRO de clamar contra «as regras falsas, arbitrariamente imaginadas e impostas com uso tirânico e absurdo despotismo por certos gramáticos». De onde surdiria à imaginação do mestre esta distinção inaudita?

Ninguém, até hoje, a êsse respeito, fizera diferença do *nem* às outras negativas. O próprio dr. CARNEIRO nunca o ensinara. Não se duvidara jamais da equiparação, a êste aspecto, entre tôdas as negativas. Estava até solememente declarada pelos gramáticos mais vistos e abalizados na especialidade. Na monografia do sr. RÁGIO NÓBREGA sobre o assunto, expressamente se doutrina, com abundante cópia de autores:

«Em sentenças negativas, isto é, usando-se do advérbio *não*, ou de *nem, nunca, jamais, ninguém, nada*, etc., antepõe-se o pronome *regimen*.»¹

Isso, quanto ao juízo dos gramáticos. Agora, por outro lado, à luz da ciência gramatical, ou da filologia, onde o fundamento de semelhante distinção? Que diferença natural entre as duas negativas, sócias e irmãs germanas, explicaria essa distribuição entre elas de efeitos opostos?

1. *Estudos de Português*, p. 110.

O nosso *nem* é o *nec*, ou *neque* latino.¹ E no latim o *neque*, ou *nec* conjunção, usava empregar-se, em tôdas as épocas da língua e em todos os estilos, até como simples equivalência de *não*. [FREUND. *Dic.*, v. II, pág. 560.] «*Delubra esse in urbibus censeo, NEC sequor magos Persarum, quibus auctoribus Xerxes inflammasse templo Graeciae dicitur.*» [CIC., *De Leg.*, II, 10.] Vertamos: «Que haja delubros na cidade tenho eu por bem; e *não* [nec] estou [ou «*nem estou*»] com os magos dos persas, a conselho de quem se diz que Xerxes pôs fogo aos templos gregos.» Ali está o *nec*, tal qual estaria o *et non*, transladando-se à nossa língua indiferentemente por *nem*, ou por *e não*. «*Apud antiquos*», diz FORCELLINI, «*Valet ac non, et majori etiam vi negat.*» E com profusão de excertos dos melhores clássicos o demonstra. [TOTIUS LATINITAT. *Lexic.*, v. IV, p. 243.]

Os melhores gramáticos latinos de nosso tempo discorrem dessa equivalência e dessa promiscuidade nos melhores escritores romanos entre o *nec*, o *neque*, o *ne* e o *et non*, indicando as circunstâncias, em que os três primeiros se aplicavam como simples negativas a êste equipolentes.² Em português, igualmente, ou é advérbio significando *não*, ou copulativa representando *e não*. [MORAIS; C. DE FIGUEIREDO.] Por que estranha contradição havia de suceder, pois, que, enquanto o *não* obriga à *anteposição* pronominal as orações do gerúndio, o *nem* levasse as orações dessa mesma natureza à *posposição* do pronome?

1. LEONI. *Gên. da Líng. Port.*, v. II, p. 205.

2. MADWIG. *Gramm. Lat. Trad.* THEIL., § 458. ROBY. *A Gramm of the Latin Language from Plautus to Sueton.*, ns. 2.227, 2.235. RIEMANN ET GOELZER. *Gramm. Comparée du Grec et du Latin. Syntaxe* — N. 365, p. 368, n. 2.

231. — Ante a razão é incongruente, cerebrino, absurdo. Será legítimo perante o uso? Não o conheço; e a melhor prova de que o não há, é que o mestre não o pôde atestar senão com um exemplo, de cuja origem nos diz apenas estar nos *Lusíadas*.

«Não sendo seu soldado experimentado,
Nem rendo-se num cérco duro e urgente.»

É realmente daquele poema, canto X, estr. 48. Mas, ainda que de CAMÕES, ou de HOMERO, um exemplo só não faz lei, nem prova. A respeito dos maiores gênios, ou dos mais altos mestres, cumpre não esquecer o *Quandoque bonus*. A êsse poderia eu, logo, revidar com as simples palavras do velho VIEIRA: «Este exemplo, por ser singular e único, não faz argumento.»¹

232. — Querem a demonstração *ad rem* desta verdade? Vão tê-la.

No mesmo período, onde condena de errada a próclise nas orações do gerúndio com o *nem*, o mestre declara indispensável a próclise nas orações do gerúndio com o *não*. Eis, textualmente, como se exprime o sutil censor:

«*Não havendo prazo, nem se podendo*» não se diz: o pronome, em tais casos, é sempre enclítico, *salvo* se fôr o particípio precedido do advérbio *não* ou da preposição *em*, formando o que se denomina gerúndio, como por exemplo: *Não lhe* sendo possível: *não o julgando*; etc.»

Nesses casos, doutrina êle, o pronome há de forçosamente anteceder ao verbo.

1. *Sermões*, v. IX, p. 86.

Pois bem: nas obras de VIEIRA, um dos três ou quatro grandes cimos clássicos do nosso idioma, se nos depara, como forjado para o caso, êste ~~pe~~trecho:

«Viu que NÃO CONSERVANDO-SE.» [Serm., v. IV, p. 108.]

Aí está o verbo no gerúndio: *conservando*. Aí está, antes dêle, o *não*. Em lugar, porém, de se achar *anteposta* a enclíctica pronominal, como exige, com razão, absolutamente o professor CARNEIRO, aí se encontra *posposta*. Logo, se um exemplo faz regra, aí temos desmentida a do professor CARNEIRO quanto ao lugar do pronome nos gerúndios em que o particípio fôr precedido de *não*. Se um exemplo institui lei, aí temos demonstrado que, nesses casos, ao revés do que exige o dr. CARNEIRO, o pronome *sucede* ao verbo, *não o precede*. É isso admissível? Não. Não basta, logo, *um* exemplo a estear um preceito gramatical. Não há *um*, a que uma busca rigorosa das negligências dos mestres não lograsse opor exemplos desgarrados e aberrantes.

Nem êsse desvio no mesmo VIEIRA está sózinho. No tomo imediato [V, p. 201] nos deparam os seus *Sermões* outro caso de gerúndio com a negativa *não* e o particípio *anteposto* ao pronome:

«Mas ainda que nesta ocasião fêz o tiro a Cristo com muitas almas, já antes dela o tinha feito com uma só, NÃO OFEREENDO-LHA, mas querendo-lha roubar.»

Pelo mesmo teor escrevia, muito antes, el-rei D. DUARTE.

«NOM AMANDO-AS, pera as reteer.» [Leal Conselh., p. 427.]

Ora, se ao professor bastasse um só e único trecho antigo, para lhe autorizar a regra da colocação *enclíctica* do pronome nos gerúndios de *nem*, a mim haviam de sobrar-me os meus

três excertos de igual nota, para justificar igualmente a norma da construção enclítica com os gerúndios de *não*. Mas esta norma é reconhecidamente errônea, segundo o próprio dr. CARNEIRO, e subsiste sem embargo dos *exemplos* que a encontram.¹ Logo, menos ainda pode exautorar a outra o só exemplo que a contesta.

Mas eu não firmo a minha tese exclusivamente na prova analógica e negativa. Tenho por ela a positiva e direta. Apesar de extremamente rara a forma dos gerúndios em *nem*, aqui vão não menos de seis exemplos em que êle se opera *antepondo* o pronome:

«E quem houver desejo, per si novamente screver algúia cousa, que mal nom seja, *nem se dando* mais a tal estudo...» [D. DUARTE. *Leal Conselh.*, p. 74.]

«... nom o tardando... *nem nos torvando* por outro cuidado, ou fantasia.» [Ib., p. 13.]

«Nam afrouxando per fraqueza de voontade, *nem nos tornando* por gança.» [Ib., p. 164.]

«Nom leixando de pecar, *nem se trabalhando* de viver virtuosamente.» [Ib., p. 215.]

«Nom se emendando, *nem se afastando* dela.» [Ib., p. 271.]

«Nom tardando, *nem nos trigando*, em tal guisa que voltemos o corpo primeiro que a bêsta.» [D. DUARTE. *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar*, c. 12, p. 529.]

1. Assim:

«Nom the furtando seu trabalho, a envençom foi mynha sollamente.» [D. DUARTE. *Leal Conselh.*, p. 435.]

«Não the sofrendo Amor que suportasse.» [CAMÕES, son. 21. *Obr.*, I, p. 19.]

«França, que é a mais obrigada, *não nos mandando* embaixador assistente.» [VIEIRA. *Obr. Inéd.*, v. II, p. 35.]

É uma bateria, contra a simples *unidade* a que se arrima o dr. CARNEIRO

233. — No caso de VIEIRA o fato solitário e anômalo que nêle se exprime, deverá ter-se, presumo eu, por mero descuido. No de CAMÕES será, talvez, concessão à harmonia poética. Neste assunto, reconhecem todos os mestres, não é, muitas vêzes, senão à ênfase, à eufonia, ao ritmo que obedece a pena do escritor¹; e o verso, em se entrando nesse terreno, dispõe sempre de faculdades muito mais latas que a prosa.

Freqüentes espécimens nos oferecem os poetas dêsse predomínio do ritmo contra as regras da sintaxe, na colocação das enclíticas pronominais.

Até dos mesmos versos de CAMÕES o mostrarei.

É o dr. CARNEIRO mesmo, por exemplo, quem estabelece que, tirante o caso do *nem* nas orações do gerúndio, a negativa impõe sempre a anteposição do pronome régimen ao verbo.

Entretanto, CAMÕES versejou:

«É um não contentar-se de contente.» [Obras Compl., v. I, p. 51.]

«Não pode não ferir-te imigo ferro.» [Ib., p. 189.]

«Em não ver-me ela só sempre está firme.» [Ode XI. Obr., v. II, p. 120.]

«Por servir a amor vil não desejar-vos.» [Eleg. XII. Obr., v. III, p. 86.]

«Mas quem por não deixar-te a não deixara.» [Egl. XIII, Obr. v. IV, p. 135.]

«Que possa viver, sem ver-vos,
Minh'alma, por não perder-vos.»

[Obr., v. V, p. 110.]

1. João RIBEIRO. Gram., p. 204, n. 8. — LAMEIRA. Gram., p. 618, n. 240.

Eis aí seis vêzes transgredida pelo mesmo CAMÕES, cujo exemplo no caso do *nem* presume decisivo o professor CARNEIRO, a regra da anteposição do pronome após o *não*, formulada pelo dr. CARNEIRO como *absoluta*. Seis vêzes quebrou ela, nesses tópicos, ante as leis do metro.

O exemplo do *nem* com o gerúndio na oração «*nem* vendo-se», aduzida pelo dr. CARNEIRO, é singular. Singular nos *Lusíadas*. Singular nas obras completas do CAMÕES. Singular entre os clássicos portuguêses. A que o havemos, pois, de atribuir, senão às exigências do ouvido na poesia, que por seis vêzes constrangeram o grande poeta clássico a violar o preceito inflexível da colocação proclítica do pronome em seguida ao *não*?

Ainda outros.

Ensina o professor CARNEIRO que, em ocorrendo o advérbio *só* antes do verbo, a êste se anteporá o pronome. [Serões, p. 338.] Pois um só verso de CAMÕES quebra duas vêzes essa regra:

«A mim e a todos só de ouvi-lo e vê-lo.» [Lus., V, 40.]

Gramaticalmente havia de escrever-se:

«A mim e a todos só de o ouvir e o ver.»

Mas seria a infração do metro, deixaria de ser verso. E ao verso teve de ceder a convenção gramatical.

De CAMÕES são igualmente êstes excertos, em que se transgride o mesmo cânon, por obediência às leis da versificação:

«E a que êles têm vos dou, só para dar-vos.»

O mor louvor de todos os maiores.» [Son. 202
Obr., v. I, p. 111.]

«Que só no contemplá-los, se não vê-los.»
[Son. 248. Obr., v. I, p. 135.]

«Vida que só de ver-te se sustinha.» [Égl. IV,
Obr., v. IV, p. 55.]

O mesmo, pela mesma razão, vereis em FILINTO ELÍSIO:

«Se, só de ver-me, escapam, vão fugindo.»

[*Obr.*, v. II, p. 160.]

«Lá ninguém pensa em derramar o sangue
 Dos animais. El-rei de só tocar-lhes
 Fizera scrup'lo.»

[*Ib.*, v. XIII, p. 288.]

Mais é outro advérbio, cuja presença na frase em precedência ao verbo atrai igualmente para antes d'ele, segundo o professor CARNEIRO, o pronome régimen. [*Serões, loc. cit.*] Pois, em contradição flagrante com este preceito, encontramos no mesmo CAMÕES:

«E, por *mais* segurar-se os deuses vãos.»

[*Lus.* V, 58.]

E na égloga V:

«Que fazem, senão *mais* endurecer-te ?

[*Obr.*, v. IV, p. 61.]

A sintaxe exigia a próclise. O ritmo ditou a ênclide.
 Em FILINTO, igualmente:

«Deixemos-lho; e não vamos
 Semelhar-nos da Fábula co' o burro,
 Que por *mais* dar-se ao dono
 A querer, quis também fazer-lhe festa.»

[*Obr.*, v. XII, p. 122.]

Outro. Ocorrendo o advérbio *aqui*, o complemento há de preceder ao verbo. Di-lo peremptoriamente o dr. CARNEIRO. [Serões, p. 338.] E com acerto. Mas FILINTO ELÍSIO poetou:

«Antes sou grato ao céu, que *aqui juntou-nos*.»
[Obr., v. XXII, p. 143.]

Devia ser «*aqui nos juntou*». Mas o hendecassílabo cresceria um ponto, fazendo-se agudo. Teve pois a gramática de ceder o passo à harmonia.

Ainda. Com o advérbio *onde* legisla, e bem, o dr. CARNEIRO [eodem loco] a precedência forçosa do pronome. Todavia, FERREIRA escreveu:

«Achei, *onde perdi-me*, o meu tesouro.»
[Obr., v. I, p. 66, son. XL.]

Por quê? Porque, antepondo o complemento ao verbo *perdi*, cairia num *dodecassílabo*, que a metrificação do soneto não tolerava.

234. — O mesmo acontece nos poetas modernos de mais apurado vernaculismo.

Vimos que o *assim* obriga à construção proclítica. Não é? Di-lo [e com fundamento] o dr. CARNEIRO. [Serões, p. 338.] Mas está enclíticamente construído, não obstante esse advérbio, êste verso de CASTILHO:

«Assim varreu-se a ilusão.»

[Noite de S. João, p. 193.]

Por quê? Porque a anteposição do oblíquo alongaria de uma sílaba o verso. Era de sete: passava a ser de oito; o que o régimen do metro não permitia

Dos advérbios, com os quais a próclise é forçada, segundo o dr. CARNEIRO [loc. cit.], um dos primeiros, na enumeração, é o *onde*. Entretanto, CASTILHO versejou:

«A acender lume, *onde cozer-lhe* uns bolos.»
[*Fastos*, v. III, p. 153.]

Para estar com a sintaxe prescrita, havia de ser:

«A acender lume, *onde lhe cozer* uns bolos.»

Mas já não metrificava. Cedeu, pois, às exigências da harmonia a necessidade gramatical.

É o que já praticara FILINTO nestes versos:

«Nas plumas não achando
Fenda assaz ampla, ou toca,
Ou furo, *onde embutir-se.*»

[*Obr.*, v. XII, p. 126.]

Com o próprio *não*, de que, segundo o consenso universal, deve resultar necessariamente a próclise, temos em contrário, além dos de CAMÕES supracitados, solene exemplo de CASTILHO:

«Nestes dias também deve a cingida
Consorte do Dial *não pentear-se.*»

[*Fast.*, v. II, p. 45.]

O prosador teria forçosamente escrito: «*não se pentear.*» O metrificador, pela autoridade soberana do ritmo, teve que escrever: «*não pentear-se.*» É o império do metro derro-gando à ordem gramatical.

Outro exemplo, do mesmo autor:

«Mas antes assim, ó Deusa,
Que *não sentir-te* a influência.»

[*Amôres*, v. II, p. 56.]

Pela sintaxe era: «Que *não te* sentir a influência.» Assim o impunha a intervenção da negativa, anterior ao verbo. Mas o esdrúxulo passaria a ter dez sílabas, em vez de nove, e estava perdida a metrificação do trecho.

235. — Às vêzes até na prosa as convenções gramaticais, por severas que sejam, têm-se de amoldar aos ditames da eufonia, ou da ênfase, que também fazem lei e, em certos casos, lei suprema da linguagem. «Tirado da bôca, com só *abri-la*», escrevia o padre VIEIRA. [Obr. *Inédit.*, v. II, p. 167.] O só, conforme ao cânon adotado pelo mestre [Ser., p. 338], requeria a precedência do régimen ao verbo. Mas o resultado seria duríssimo hiato: «com só a *abrir*». Drobrou-se o preceito gramatical à condição da harmonia, pospondendo-se, mercê desta, o que se devia antepor.

Ora, na poesia essas liberdades ainda soem gozar de mais ensanchas, como bem o adverte SOTERO DOS REIS a propósito de outra lei da sintaxe, na qual freqüentemente se dispensa a benefício do metro, ou do ritmo: «Esta regra geral raríssimas vêzes tem exceção nos bons autores portugueses, e a exceção observa-se mais no verso, em razão da dificuldade do metro, que a desculpa, que na prosa, que a repele, por contrária à índole da língua, seja qual fôr a autoridade do prosador.»¹

Tais são os privilégios da harmonia métrica, exercidos pelas musas, que até à índole gramatical da língua por vêzes contravêm. De uma dessas franquias do seu apanágio de vate e músico da palavra se havia de estar logrando o autor dos *Lusíadas*, ao desferir da lira o célebre verso, arvorado pelo filólogo baiano em bandeira de uma nova lei gramatical *Solus, totus et unus* em tôda a obra de CAMÕES, êsse exemplo carece de expressão e fôrça, para induzir, e legislar.

1. *Postil. de Gram. Geral*, ed. de 1863, p. 29.

Querem ver ainda quantos outros preceitos gramaticais subscritos pelo dr. CARNEIRO cedem à tirania da métrica?

Exige êle que o pronome complemento anteceda ao verbo, quando antes dêste ocorrer o advérbio *já*. [Serões Gram., p. 388.] E, contudo, o verso obrigou FILINTO a dizer:

«Ir co'os dianteiros pés levando-o a pino
Rodá-lo, ou já arrastá-lo.»

[Obr., v. XIII, p. 164.]

A mesma regra põe a respeito do *logo*. O ritmo, não obstante, levou êsse poeta a escrever:

«Afligiu-se de intróito; mas *logo*,
Ao vê-los mütuamente espicaçar-se,
E os quadris retalhar-se, consolou-se »

[Ib., p. 187.]

No mesmo cânon incluiu o advérbio *lá*. Mas a versificação constrangeu o clássico tradutor de LA FONTAINE a redigir:

«Foram pousar no Himeto
E *la* fartar-se à larga.»

[Ib., p. 144.]

Também o *aqui* entra nessa norma. Mas FILINTO, por salvar um verso, não hesitou em transgredi-la, escrevendo:

«Quando no *aqui* juntar-nos pôs desvêlo.»

[Obr., v. XI, p. 15.]

E nessa liberdade reincidiu, versejando outra vez:

«Ladrão que o bom Robin *daqui* levou-nos.»

[Ib., v. XIII, p. 162.]

Vai com êsses, consoante ao dr. CARNEIRO, o advérbio *bem*. Cedendo, porém, talvez à sua maneira de sentir a harmonia poética [não à medida métrica, neste caso], pospôs êsse clássico o pronome régimen ao verbo precedido dêsse advérbio:

«Com *bem* gana o meu guapo
Para o jantar *colhera-os*.»

[*Obr.*, v. XII, p. 98.]

Na enumeração dêsses advérbios comprehende o dr. CARNEIRO o *assim*. Mas, com o *assim*, por amor do verso, fêz o contrário FILINTO mais de uma vez:

«Que só, de *assim* vingar-me, o enlêvo surge.»
[*Obr.*, v. XI, p. 19.]

«Mas tu, Senhor, mas tu *assim* tratar-me.»
[*Ib.*, v. XXII, p. 153.]

Estabelece o professor CARNEIRO [e ainda com razão] que, se numa oração vier o vocábulo *muito* antes do verbo, a êste se anteporá o pronome complemento. [*Serões Gram.*, p. 337.] FILINTO, porém, por não desarcar um verso, teve que pospor o pronome ao verbo:

«Por *muito* debruçar-se caiu n'água.»
[*Obr.*, v. XII, p. 60.]

Todos os gramáticos repelem terminantemente a posição dos pronomes oblíquos ao particípio passado nas linguagens compostas. «Não se diz em português» [doutrina o professor CARNEIRO]: «Eu tinha perturbado-me; êles tinham esquecido-se.» [*Serões Gramaticais*, p. 340.] Vêde,

porém, como o metro zomba dessa lei nos versos clássicos de FILINTO:

«O veado não chorou. Que tinha a rainha
Enganado-lhe a espôsa, o filho... A morte
Lhe seca o pranto, e o vinga».

[*Obr.*, v. XIII, p. 66.]

A posposição dos casos oblíquos do pronome nas formas imperfeitas do gerúndio é uma das regras mais correntes no assunto. [CARNEIRO. *Serões Gram.*, p. 342. JOÃO RIBEIRO. *Gram.*, p. 203.] FILINTO ELÍSIO, contudo, versejou:

«Um dia, que o Deus Júpiter.
Se achando com pachorra.»

[*Obr.*, v. IX, p. 153.]

Gramaticalmente está errado: havia de escrever «achando-se». Mas *achando-se* punha oito sílabas no verso, que devia ter sete, o que em «*se achando*» não se dá, pela fusão do *e* com o *a* subseqüente.

E aqui temos outra vez o mesmo sacrifício da sintaxe ao ritmo:

«De lá vem que, em função *se achando*, um lobo
Comeu tanto de súbito...»¹

[*Obr.*, v. XII, p. 96.]

No imperativo, doutrina o professor CARNEIRO, o pronome complemento segue *sempre* o verbo. [*Serões*, p. 340.] FILINTO, entretanto, escreveu, opostamente:

1. Reduza-se a frase à construção direta, e se verá que a forma do gerúndio aqui não é a perfeita, isto é, que o *em* aí não rege o particípio *achando*: «De lá vem que um lobo, *se achando em* função, comeu tanto de súbito...».

«Finca-te nisto,
Ó filho; e *me ouve* o que fazer nos cumpre.»
[Obr., v. XII, p. 166.]

«Toma alguns grãos de heléboro, e *te purga*.»
[Ib., p. 229.]

Sempre a lei da harmonia, no metro, preponderando, neste particular, à da sintaxe.

§ 57

Art. 658

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES: «NEM LHE AUTORIZAR»

236. — Temos aqui outra criação gramatical do mestre. Deparou-lhe azo ao invento o art. 658, onde outra vez se revela a fertilidade e volubilidade filológica do eminentíssimo autor no tocante à colocação dos pronomes. Nesta matéria, em que, de todos os gramáticos notáveis, era o que menos sabia, e o que mais errava, hoje é o que mais entende, e o que mais decreta.

Redigira eu o texto, de que se trata, nestes termos:

«Quando uma obra, feita em colaboração, não fôr divisível, nem couber na disposição do art. 656, os colaboradores, não havendo convenção em contrário, terão entre si direitos iguais; não podendo, sob pena de responder por perdas e danos, nenhum deles, sem consentimento dos outros, reproduzi-la, nem lhe autorizar a reprodução, exceto, quando feita na coleção de suas obras completas.»

Nesse «*nem lhe autorizar a reprodução*» declara-me em êrro o dr. CARNEIRO. «Para ser vernáculo», afirma, «devia dizer: sem consentimento dos outros, reproduzi-la, *nem autorizar-lhe* a reprodução.»

E a propósito, vem com uma regra, ignota aos gramáticos até hoje:

«Essa anteposição do pronome ao infinitivo, precedido imediatamente da conjunção — *nem*, dá-se, de ordinário, quando a êste infinitivo precede outro, regido pela preposição — *sem*.»

Duas novidades sintáxicas de uma assentada:

Primeira: não é lícito antepor a enclítica pronominal ao verbo precedido de *nem*, quando êle estiver no infinitivo.

Segunda: excetuam-se dessa regra as frases, em que à sentença da conjunção *nem* anteceder imediatamente outra oração do infinito, regido da preposição *sem*.

Dêstes dois achados pode haver patente de invenção o mestre, que bem a merece.

237. — Mas em que as estriba? A primeira em dois excertos de LATINO COELHO, onde com o *nem* anteposto ao verbo no infinitivo se pospõe a êste o pronome. A segunda, em um exemplo de BERNARDES, um de A. HERCULANO e um de CASTILHO, em cada um dos quais temos duas orações de verbo no infinito, precedendo ao verbo, na primeira, a preposição *sem*, na segunda a conjunção *nem*, e ambos com a próclise do pronome oblíquo.

Pesemos, cada uma à sua parte, as duas novas fórmulas gramaticais.

238. — Por duas vêzes usou LATINO COELHO do *nem* com o pronome régimen posposto, em sentenças de verbo no infinitivo. Mas *quid inde*? Quando muito, o que daí se deduziria, era que com as orações do infinitivo não se faz

obrigatória a anteposição dêsses pronomes, ficando à mercê da ocasião, do gôsto e da eufonia o precederem ou sucederem êles ao verbo. Muitos casos há, com efeito, enumerados pelo dr. CARNEIRO e os demais gramáticos, em que entre a próclise e a ênclide é optativo e arbitrário o uso. Por encontrarmos em bons autores alguns exemplos do pronome posposto, não se infere seja de rigor a posposição, assim como não se conclui seja de preceito a anteposição, porque encontramos algumas vezes o pronome anteposto. Uma e outra poderiam ser ao mesmo tempo gramaticais, à discreção do escritor.

Que é o que sucede na hipótese? LATINO COELHO fornece dois exemplos de ênclide. É isso? Nada mais?

Pois bem: autoridades *mais altas* nos supeditarão, contrariamente, exemplos do mais puro vernaculismo em abono da *próclise*, isto é, da forma por mim adotada e de errônea tachada pelo dr. CARNEIRO.

Foi VIEIRA quem disse:

«Aberta com o pêso por tôdas as costuras, incapaz de fugir, *nem se defender*.»

[*Sermões*, v. I, p. 39.]

«E quantos filhos que por não desagradarem aos pais, *nem se apartarem* dêles, deixam a Deus, e servem ao mundo?»

[*Ib.*, v. IV, p. 171.]

«E não se desdizer, *nem se retratar* jamais.»

[*Ib.*, v. V, p. 160.]

E como êle, tempos atrás, muitas vezes, DUARTE NUNES:

«Mas não sabiam de que gênero, *nem lhes* podiam *socorrer*.»

[*Crôn. del-rei D. João I*, c. 33, p. 129.]

«Não por ódio, que ao Mestre tivessem, *nem* por
lhes parecer que não era êle digno de maiores reinos.»

[*Ib.*, 46, p. 185.]

«Deixarem todos os ritos gentílicos, como é
cantar janeiras: *nem se carpirem* sôbre finados, *nem*
se depenarem cabelos sôbre êles.»

[*Ib.*, c. 60, p. 265.]

«Não tinha tempo para se aperceber, *nem* para
se valer de seus amigos.»

[*Ib.*, c. 90, p. 439.]

«Não se espantou de ver o infante D. Pedro
como foi, *nem de lhe ouvir* o que lhe disse.»

[*Crôn. del-rei D. Af.* V, c. 6, p. 115.]

«Ninguém ousava de se vir a ela, *nem de a*
servir.»

[*Ib.*, c. 9, p. 130.]

E, antes de DUARTE NUNES, não escrevia de outro modo
FERNÃO LOPES:

«Não lhes entendo tomar seus ofícios, *nem lhes*
dar outros.»

[*Crôn. de El-rei D. Fernando*, c. 174.]

«Não o queria o conde ver, *nem lhe falar*.»

[*Ib.*, c. 162.]

Desde os primórdios da nossa língua era esta a sintaxe
corrente. Provam-no os escritos de el-rei D. DUARTE, que
nem uma só vez dela se arreda. Eis como êle escrevia:

«Aos outros bem penso que *nom* muito lhees praza de o ler, *nem de o ouvir.*»

[D. DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 8.]

«Ouvindo bem as partes com delivrado conselho se deve acordar o que convém de fazer; e bem acordado *nem o mudar* por mēdo, empacho, avareza ou voontade *nom* razoada.»

[*Ib.*, p. 14.]

«E se gloriam em esta voontade carnal *nom* nos contrariar, *nem lhe nembrar* algūa cousa do que desejam.»

[*Ib.*, p. 27.]

«Nunca per conselho de físicos ou doutra pessoa, nem desejo que haja, queira fazer pecado, *nem se vezar* a maau costume.»

[*Ib.*, p. 124].

«*Nom saber, nem se lembrar.*»

[*Ib.*, p. 166.]

«*Nom no temer, nem o amar.*»

[*Ib.*, p. 359.]

«*Nom se doer, nom se fazer prestes pera receber a sua graça, nom usar da graça recebida, nem ainda a conservar, nem se converter.*»

[*Ibid.*]

«Nunca destas cousas é muito de curar, *nem lhe filhar grande afeiçom.*»

[*Ib.*, p. 351.]

«Nom poderemos haver dereito sentimento, *nem as obrar* virtuosamente.»

[*Ib.*, p. 389.]

«Falecem muito do que scm obrigados per nom saber, *nem se lembrar*.»

[*Ib.*, p. 401.]

«Nom presumir de seus merecimentos, *nem se levantar* per soberba.»

[*Ib.*, p. 412.]

«Pois as cousas som tôdas sojeitas à fortuna, a que val prudênci, *nem discretamente se governar* em nossos feitos ?»

[*Ib.*, p. 312.]

«Tal maneira nom se pode beem teer com todos Senhores, *nem se guardar* em todos amizades.»

[*Ib.*, p. 473.]

«Nunca requerer cousas injustas ou torpes, *nem as fazer*, pôsto que requeridas sejam.»

[*Ib.*, p. 474.]

«Nom veze poer emprasto no estâmago, *nem o trazer* sobrejo coberto.»

[*Ib.*, p. 485.]

«Deve seer muito guardado do vento e do ar, *nem se desabotoar* em casa muito fria.»

[*Ib.*, p. 486.]

«De todos nom devemos confiar, *nem lhe filhar* seus ditos e feitos na melhor parte.»

[*Ib.*, p. 258.]

E do mesmo modo se exprimia FR. TOMÉ DE JESUS:

«E assi tenha por costume ordinário, não comecar cousa alguma, nem se determinar em cousa nova que lhe suceda, sem primeiro se encomendar.»

[*Trabalhos de Jesus*, v. I, p. 12.]

«Não presumir de si... nem se antepor a nenhuma pessoa.»

[*Ib.*, p. 22.]

Por igual JACINTO FREIRE:

«Tinha em torno umas letras antigas, cujo significado ignoravam os naturais da terra, por não estarem em língua conhecida, nem se formarem com cláusulas atadas.»

[JACINTO FREIRE. *Vida de D. João de Castro*, I, n.º 57.]

Agora escolham. São trinta exemplos contra dois, e contra um só contemporâneo cinco patriarchas da nossa língua.

Se a regra do professor CARNEIRO acerta, errei eu, não tem dúvida; mas errei com os mais autorizados mestres e as mais constantes tradições do nosso idioma, com o autor do *Leal Conselheiro* e DUARTE NUNES, com o padre VIEIRA, TOMÉ DE JESUS e JACINTO FREIRE. Tudo é, portanto, optar, quanto à autoridade vernácula, entre o douto gramático baiano e os cinco grandes luminares da nossa vernaculidade.

Mas, se êstes, na competência, levarem a palma àquele, como escritores que tanto fizeram pela grandeza do nosso idioma, então errou o professor, e eu é que estou certo.

Ora me parece que entre as duas alternativas ninguém, de bom siso, vacilará.

O desacerto do professor CARNEIRO é palmar. O uso clássico se opõe à tese, que êle enunciou [tão enfáticamente!] nestes termos:

«Não se diz em linguagem portuguêsa: não quero vê-lo, *nem o ouvir*; mas: não quero vê-lo, *nem ouvi-lo*; não podendo reproduzi-la *nem lhe autorizar* a reprodução; mas: não podendo reproduzi-la, *nem autorizar-lhe* a reprodução.»¹

A fé implícita na autoridade respeitável de LATINO COELHO induziu o gramático baiano a forçar o alcance aos dois exemplos, que lhe aquêle escritor moderno fornecera. Eles provariam que nas orações do infinitivo a negativa *nem* comporta a posposição do pronome ao verbo. Mas não provam que exclua a anteposição. As duas formas poderão ser igualmente gramaticais. Isso é o que será possível. O certo é, porém, que, das duas, a mais autorizada, a mais corrente, a mais clássica é a antepositiva, é a proclítica, é a adotada por mim e contestada pelo mestre.

239. — Com o seu critério de assentar induções gramaticais sobre um, dois ou três exemplos, a contínuas decepções se exporia o mestre.

Encontrando, por exemplo, em CAMÕES, trechos como estes:

«Escuros deixam sempre seus menores
Com lhe deixar descansos corrutores.»

[*Lus.*, VIII, 40]

«Com lhe fazer tributo dar dobrado»

[*Lus.*, X, 53]

decidiria que a preposição *com* obriga à próclise. Não faltaria, entretanto, quem, manuseando o mesmo poema, lhe desmentisse o preceito com outros lugares, onde o autor optou, nas mesmas circunstâncias, pela ênclise:

1. Dr. CARNEIRO. *Ligeiras Observações*, Diár. do Congresso, p 11, col. 2º.

«De quem se ganha a vida, *com perdê-la.*»¹

[*Lus.*, VI, 83.]

Toparia com espécimens dêste jeito:

«*Para servir-vos* braço às armas feito;
Para cantar-vos mente às musas dada.»

[*Lus.*, X, 155.]

e para logo se sairia com a regra da ênclise forçada, nas orações, em que o verbo se reger da preposição *para*. Mas, a poucos passos nos mesmos *Lusíadas* se desencantaria, lendo:

«*Para lhe* obedecer já se apercebe.»

[*Lus.*, IX, 43.]²

Daria com a enclítica anteposta numa sentença de verbo regido da preposição *por*:

«*Por vos* servir a tudo aparelhados.»

[*Lus.*, X, 148.]

Nas obras de CASTILHO encontraria igualmente:

«*Folgas por te* ver lindo.»

[*Arte de Am.*, I, 59.]

1. Próclise:

«*Com jeito* se transmuda um rio.»

[CASTILHO, *Arte de Am.*, I, 62.]

Ênclise:

«*Com homens de mau nome* expõe-se a muito a dama.»

[*Ib.*, 122]

2. «*Para conservar-se.*» [VIEIRA, *Cart.* IV, 83.]

Contra, proclíticamente: «*Para se meter em governos.*» [SERMÕES, v. III, p. 231.] «*Para se acudir ao dano.*» [OBR. INÉDIT., v. II, p. 125.] «*Tenha-se valor, para se dar um desengano ao príncipe.*» [Ib., p. 126.] «*Para lhe resistir.*» [Ib., p. 128.]

•e seria levado a estatuir que a preposição *por* atrai a si para antes do verbo o pronome objeto. Mas bem cedo o próprio CAMÕES e o próprio CASTILHO ministrariam com que o desautorar, em trechos de feição oposta:

«Um dos maus, *por* fartar-se mais depressa.»
[Lus., X, 117]

«*Por* vingar-se e puni-lo, e só talvez por isto.»
[Arte de Am., I, 75.]

Acharia a adversativa *mas*, em exemplos onde o pronome régimen precede ao verbo:

«*Mas* firme a fêz e imóbil.»
[Lus., IX, 53.]

«*Mas* os anjos do céu, cantando e rindo,
«*Te* recebem na glória.»
[Lus., X, 118.]

•e passaria a ensinar que o *mas* atua proclíticamente sobre os pronomes complementos do verbo, a que precede. No mesmo escritor, porém, dentro em breve se lhe ofereceria prova do contrário:

«*Mas* enxerga-se num e outro bando
Partido desigual.»
[Lus., VI, 61.]

Com a preposição *em* passaria por dissabor igual, se fiasse de exemplos como este:

«Lucram muito ambos vós *em* tê-lo por amigo.»
[CASTILHO, Arte de Am., I, 38],



para concluir pela ênclide forçada; porque ali mesmo, não-mui longe, veria a próclise manifestamente abonada noutro exemplo:

«Sua espôsa *em se ornar* empregaria estudo.»
[Ib., p. 103.]¹

A temeridade, que nessas hipóteses cometaria, é a de que se meteu em risco na espécie vertente, assentando em dois simples exemplos de LATINO COELHO a regra, tôda sua, da ênclide obrigada nas orações em que o *nem* reger verbo no infinitivo. LATINO COELHO não destrói a DUARTE NUNES, JACINTO FREIRE, TOMÉ DE JESUS e ANTÔNIO VIEIRA. Logo, a não rejeitarmos como suspeitável o exemplo do primeiro, a emparelhá-lo em autoridade com os outros, o mais que se admitirá, é considerar facultativo, nessa contingência gramatical, o pospor ou antepor o complemento ao verbo.

Ainda assim, porém, mais seguro do que o mestre, abrindo-se em LATINO COELHO, me parece ficarei eu, inclinando-me ao concurso dos outros clássicos, muitos e de autoridade mais segura.

240. — Diga-se agora da outra surpresa gramatical, regalada ao pobre dêste seu aluno e ao mundo em geral pelo meu respeitável mestre. Como visse três vêzes, em escritura vernácula, duas orações sucessivas de verbo no infinitivo, regido na primeira de *sem*, na outra de *nem*, conclui o dr. CARNEIRO, atribuindo ao influxo do *sem* a anteposição do pronome régimen. Acredita êle que «a anteposição do pronome ao infinitivo precedido imediatamente da conjunção *nem*» se costuma usar, «quando a êste infinitivo preceda outro, regido pela preposição *sem*».

1. Próclise:

«*Em lhes* chamar.» [VIEIRA. *Serm.*, I, 275.] «O diamante passa muitos anos *em se* criar.» [Id., *Obr. Inédit.*, v. II, p. 125.]
Ênclide:

«É a ultima *em* queixar-se.» [Ib., *Serm.*, p. 74.]

Mas, para que tal idéia se sustivesse, necessário seria que à preposição *sem* reconhecesse o uso do nosso idioma êsse poder gramatical de atração, mediante o qual certas palavras ou partículas chamam para junto de si, antepondo-as ao verbo, as enclíticas pronominais. Ora, inegável aliás à conjunção *nem*, ao menos com as orações do modo finito¹, pela regra absoluta da próclise com as negativas, essa pro-

1. «*Nem* a confiança na misericórdia divina *nos* assegura da sua justiça.» [VIEIRA. *Sermões*, v. I, p. 23.]

«Ninguém se queixa de Deus, *nem* lhe estranha.» [Ib., p. 28.]

«*Nem* Deus o há de perdoar, *nem* o pecador se há de converter.» [Ib., p. 29.]

«*Não* a podarei, nem cavarei, *nem* lhe farei outro benefício.» [Ib., p. 34.]

«*Nem* os carregou o peso da cruz, como aos ombros; *nem* os rasgava ou suspendia a dureza dos cravos, como aos pés e mãos; *nem* os molestava o estirado e desconjuntado dos membros, como aos nervos e ossos; *nem* os attenuava o vazio e exausto do sangue, como às veias; *nem* os amargava o fel, como à bôca, e, o que é mais que tudo, *nem* os picavam os espinhos, como à cabeça.» [Ib., v. V, p. 275.]

«*Nem* teve culpa, *nem* a pode ter.» [Ib., v. VI, p. 66.]

«*Nem* se encontra o preceito de amar os mesmos pais com êste preceito.» [Ib., p. 204.]

«*Não* se ouvem, *nem* se ouviram.» [Ib., v. III, p. 77.]

«*Não* estive mais em mim, *nem* o estou ainda.» [Ib., *Cartas*, v. I, p. 15.]

«*Nem* me dói dor.» [A. FERREIRA, v. I, p. 65.]

«*Não* se cante entre vós já, *nem* se ria.» [Ib., p. 79.]

«*Que* *nem* me pode ouvir, *nem* me responde.» [Ib., p. 83.]

«*Lá* onde se não gome, *nem* se chora.» [Ib., p. 85.]

«*Quem* inda o não viu bem, *nem* o conhece.» [Ib., p. 184.]

«*Nem* o povo nos ame, *nem* o amemos.» [Ib., p. 270.]

«Ninguém a sofre, *nem* se emenda.» [JORGE FERREIRA. *Eusfrós.*, III, 2.]

«Ninguém em sua presença cuspisce, *nem* se assoasse, nem tossisse, nem se risse, *nem* lhe olhasse direito para o rostro.» [M. BERNARDES. *N. Fl.*, v. II, p. 194.]

«Nenhum doutor as observou com maior escrúpulo, *nem* as esquadrinhou com maior estudo, *nem* as entendeu com maior propriedade, *nem* as proferiu com mais verdade, *nem* as explicou com maior clareza, *nem* as

priedade falta ao advérbio *sem*, com o qual é tão correntemente vernácula quanto a anteposição a posseção dos pronomes complementos.

Eis não poucos exemplos dessa *posseção* após o *sem*:

«Secar as frescas rosas, *sem* colhê-las.»

[CAMÕES. *Obr. Compl.*, v. I, p. 35.]

«Um bem que, inda *sem* ver-vos, reconheço.»

[*Ib.*, p. 98.]

recapitulou com mais fidelidade, *nem as* propagou com maior valentia, *nem as* pregou e semcou com maior abundância.» [*Ib.*, v. IV, p. 98.]

«Nem Pelágio *lhe* dera para isso tempo.» [A. HERC. *Eur.*, p. 264.]

«Nem o consolaram.» [*Id.*, *O Bôbo*, p. 194.] Nem tu o podes, nem eu o

quero.» [*Ib.*, p. 275.] «Nem eu *lhe* perdôo, nem Deus se amerceará dêle.»

[*Ib.*, p. 298]. «Nem eu me esqueci.» [*Ib.*, p. 97.] «Nem me faltariam chapins broslados.» [*O Monge de Cist.*, v. I, p. 75.] «Nem eu o expul-

sarei.» [*Ib.*, v. II, p. 264.]

«Nem dos átrios dos grandes *te* deslumbrem
As estátuas.»

[CASTIL. *Amôr.*, v. I, p. 86.]

«Nem um nem outro se entendem.» [*Ib.*, I, 91.]

«Nem um nem outro te agradaço o zêlo.» [*Ib.*, II, 16.]

«Por te servir nem me importava
O orvalho que o céu destilava.»

[*Ib.*, III, 11.]

«Nem Tâmires sem luz se enleva na pintura.» [*Ib.*, 49.]

«E nem a mais humilde o requestou jamais.» [*Arte de Am.*, I, 45.]

«Nem a precedas tu, nem *te* preceda ela.» [*Arte*, I, 92.]

«Nem a comprais corando, a furto.» [*Ib.*, 106.]

«Nem vos dispenso a dança.» [*Ib.*, 116.]

E assim invariavelmente nas orações do modo finito. Que motivo poderia ocorrer, para que com as do infinitivo prevalecesse regra oposta?

«Deixa ver-te
A meus cansados olhos, que de tantas
Lágrimas são movidos, *sem mover-te.*»

[*Ib.*, v. IV, p. 105.]

«Sem domar-se, são bravas, ou esquivas.»
[*Ib.*, p. 113.]

«Que possa viver, *sem ver-vos.*»
[*Ib.*, v. V, p. 110.]

«Sem deter-se mais.»
[BERNARDES. *N. Fl.*, v. IV, p. 48.]

«Sem fazer-se de rogar.»
[*Ib.*, p. 116.]

«Estêve muito em si, *sem responder-lhe.*»
[*Ib.*, p. 158.]

«Porém D. João de Castro, *sem deixar-se* vencer
do amor do filho...»

[JACINTO FREIRE, II, p. 87.]

«Vê-los-á triunfar, *sem pôr-lhe* obstáculo.»
[FILINTO ELÍS. *Obr.*, v. XI, p. 92.]

«Sem pressenti-lo, os lôbos dão fim dêle.»
[*Ib.*, v. XII, p. 102.]

«Sem conhecer-se a si.»
[*Ib.*, v. XIII, p. 104.]

«Que *sem ver-se*
Em apertos, coubesse bem num ponto.»
[*Ib.*, p. 166.]

«O gato, *sem* largá-la.
Rosna.»

[*Ib.*, p. 326.]

«Ouvi, *sem* irritar-me, repreensões.»

[A. HERC. *O Monge*, v. I, p. 27.]

«Se forem muitos,
Serás mais rica, *sem* custar-lhes tanto.»

[CASTIL. *Amôres*, I, p. 85.]

«*Sem* dar-te o mais leve enfado.»

[*Ib.*, p. 110.]

«O tempo afrontam, *sem* temer-lhe o dano.»

[*Ib.*, p. 118]

«Prouvera ao céu que argüir-te,
Sem convencer-te, eu pudera.»

[*Ib.*, II, p. 27.]

«Sem luz, sem norte, *sem* fitar-se em nada.»

[*Ib.*, p. 51.]

Ora, se o *sem*, na própria sentença cujo verbo rege, não força à construção proclítica o complemento pronominal, como poderia ir ter em outra oração êsse influxo, que na sua mesma não exerce?

É absurdo. A sutileza do mestre atenta contra o senso comum.

241. — Mas a minha demonstração vai mais longe. Com um exemplo de Diogo do Couto e outro de CASTILHO ANTÔNIO pretende o dr. CARNEIRO mostrar que a anteposição do pronome régimen ao verbo em oração do infinitivo não caberá senão quando ela suceder a outra em que o verbo, dêsse modo, esteja regido pela preposição *sem*. Não é assim? Os seus exemplos são êstes:

«*Sem* lhe dar nada de suas cartas, *nem se moderar* em sua condição.»

«*Sem* atentar nêle, *nem lhe saber* da existência.»

Pois bem: aqui tem o dr. CARNEIRO mais de outros tantos exemplos, um de MANUEL BERNARDES, um de FILINTO ELÍSIO, um de JORGE FERREIRA, nos quais, sendo a primeira sentença do infinitivo regida de *sem*, o pronome complemento da segunda, também do infinitivo, está *postposto* ao verbo:

«O que se refere dos Sarmatas... que *sem* dar penso, ou ração aos cavalos, *nem apear-se* dêles, andam de uma jornada cento e cinqüenta mil passos.»

[M. BERN. *N. Fl.*, v. IV, p. 266.]

«*Sem* saber tomar postos, *nem retê-los*.»

[FILINTO. *Obr.*, v. XXII, p. 144.]

«Vem êle, põe-se no trato *sem se mover*, *nem defender-se*.»

[JORGE FERR. *Eufr.*, V, 5. Ed. de 1786, p. 306.]

Nestes três exemplos, apesar do *sem* que rege o verbo na primeira oração do infinitivo, o pronome régimen, na segunda, está *postposto*.

A fórmula do professor CARNEIRO é, por conseguinte, inexata. O *sem* da primeira oração do infinitivo não obriga à anteposição as enclíticas pronominais da oração subseqüente.

242. — Redargüir-me-á, porém, o dr. CARNEIRO que, se as minhas três autoridades combatem a sua fórmula gramatical, no que respeita à propriedade, que ela atribuía ao *sem*, de atuar sobre a colocação do pronome objeto na oração seguinte, outros tantos reforços com essas autoridades ganha, por outro lado, a sua regra da posposição do pronome régimen, nas sentenças em que o advérbio *nem* reger um verbo no infinito.

Mas não. O que essas duas autoridades vêm confirmar, é que, em tais orações, nos será de livre escolha antepor ou pospor o pronome régimen ao verbo; porquanto monstruoso despropósito fôra que eu, com trinta e um exemplos clássicos, como os acima exarados [número 238], não justificasse a próclise, e o dr. CARNEIRO, só com cinco da ênclise, dela alcançasse fazer lei absoluta e exclusiva.

Confessando em 1890 a sua insciência de 1881 quanto à colocação dos pronomes, desdizendo-se em 1902 de tantas das regras que nesta matéria formulara em 1890, devia o ilustre professor ter aprendido a se precaver contra o risco de improvisar leis gramaticais, em especialidade tão acondicionada a riscos, imprevistos e desenganos. Ainda assim, porém, não se coibiu. Improvisou de novo; e, improvisando, tornou a errar. Não é exato que, em face do uso clássico, o *nem*, advérbio, ou conjunção, exija, nas orações de verbo no infinito, a posição enclítica do complemento. Em conjunturas tais, o exemplo dos bons escritores autoriza por igual a posterioridade, ou a anterioridade, na situação do pronome objeto para com o verbo.

§ 58

Art. 4.º

VIÁVEL,
VIABILIDADE.
VITAL,
VITALIDADE.

243. — Ocupara-me eu, *em nota a uma das minhas notas*, por ocasião do texto dêste artigo, com os neologismos *viável* e *viabilidade*, que rejeitei na acepção, já de coisa ou pessoa *capaz de viver*, já de capacidade ou aptidão que para a vida têm essas pessoas ou coisas, alvitmando, em lugar daqueles dois, os vocábulos *vital* e *vitalidade*.

Pois isso mesmo não escapou ao ilustre professor. Até isso era, a seu ver, parte do substitutivo. Ainda nisso lhe parecia estar revendo o código civil. Nem um pingo da minha pena se havia de furtar ao ôlho inexorável do mestre. Estou convencido hoje de que a gramática é uma espécie de *bestia insatiabilis*. Nada lhe satisfaz a dureza dos instintos, ainda bem que exercidos em arena incruenta.

Felizmente não está só o mísero de mim nesta bulha, comprada mui de seu gôsto pelo dr. CARNEIRO. Que tinha a revisão do projeto com a minha subnota, se eu não alvitrara que se admitisse à contextura dêle nem o *vital*, nem o *vitalidade*?

O caso é, porém, que foi êsse um dos pontos, de que mais à larga dissertou o ilustrado revisor. Sua opinião vem a ser que daqueles dois neologismos não podemos prescindir. Mas os motivos do seu parecer não combaliram o meu. Ao menos é o que, com o melhor fundamento, se me afigura. Antes, porém, de opor as minhas às suas razões, outra autoridade contraporei à sua autoridade.

244. — Num livro que atravessava os prelos exatamente quando o meu parecer os transpunha, o sr. CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, incontestavelmente a maior das nossas competências atuais em matéria de lexicologia portuguêsa, rejeita as expressões defendidas pelo filólogo baiano. Leiamos:

«Mudou, porém, de resolução, porque tal plano não era *viável*.»

«*Viável*, em tal sentido, percorreu já muitas obras de escritores de mérito, e está registado nos nossos dicionários.

«Tal palavra, todavia, é um claro francesismo (cf. o francês *viable*, de *vie*, vida). Não tem, portanto, formação nem derivação, que a torne ao menos aparentada com palavras nossas.

«Nós temos *viável* (que se pode percorrer ou transitar, *caminho viável*, *campo viável*); mas este é um vocábulo distinto de *viável*, no sentido de que *pode viver*, que é *vivedoiro*, que *pode ter efeito*, e muito justificável com o latim *viare*.

«No sentido, pois, do francês *viable*, É ESTRANGEIRISMO QUE O BOM ESCRITOR DEVERIA PÔR DE LADO.»
 [Os *Estrangeirismos*¹, p. 70.]

245. — Esses parentescos de França não importam ao dr. CARNEIRO. «É modernamente o francês», raciocina ele, «a fonte, que mais considerável número de vocábulos tem trazido ao nosso idioma.» Guapa consideração, na verdade. Mas já era o que se dizia antes de FILINTO ELÍSIO, e se continuou a dizer por todo o século passado. Todos os bons escritores o sentiam, e todos o confessavam, mas deplorando, resistindo e exortando à defesa do idioma contra a invasão estrangeira. Cem anos depois o ilustre professor de língua portuguêsa, vendo crescer a onda, em vez de aconselhar contra ela os diques razoáveis da tradição e do bom senso, opina que estejamos tranqüilos, e abramos ao dilúvio as últimas reprêses. Já nos sentíamos alagados: pois que nos acabemos de alagar.

Complacência, e não escrúpulo com as neologias, é a divisa e a emprêsa de armas d'este paladino da vernaculidade. Com os vocábulos de importação, ponto está em que [venham embora francamente do Sena] se lhes possa dissimular a procedência real, ajeitando com habilidade uma especiosa avoenga latina.

Seguirei, porém, o mestre passo e passo no seu arrazoado, esforçando-me por discriminar as considerações ali amalgamadas. A três argumentos poderemos reduzi-las:

1.º A gênese latina de *viável* e *viabilidade*.

1. Lisboa, 1902.

2.º A diversidade no significado entre a desinência em *al* e a desinência em *ável*.

3.º A diferença de sentido entre *vitalis*, mais o seu derivado *vitalitas* no latim, e *viável*, com o seu derivado *viabilidade* na proposta neologia.

Estudemo-los um e um, por essa ordem.

246. — 1.º] «Tomando à língua francesa», diz êle, «segundo WHITNEY, o vocábulo *viable*, do latim medieval *viabilis*, corruptela talvez da fórmula latina *vitae habilis*, apto para viver», transformou-o a nossa língua, deixando cair o *t* médio na palavra original, que destarte se mudou em *viabilis*; de onde, através da expressão francesa, o nosso *viável*.

Mas que sabe o mestre do *vitabilis* ou *vitae habilis* no latim?

Nada, além do que lhe informam LITTRÉ e WHITNEY.

Veremos o que por êles consta. Antes, porém, saibamos que é o que de *vitabilis* nos dizem os léxicos latinos.

No de FREUND, a mais autorizada lexicografia contemporânea da língua dos romanos, apenas se encontra a êsse respeito linha e meia, que transcreverei:

«*VITABILIS*, *LE.* adj. [*vito*], qu'on doit éviter.
Ovid. Pont. 4, 14, 31; *Arnob.*, 5, 165.»

FREUND copiara, na definição e nas autoridades, a FORCELLINI, cujo léxico, sempre mais largo e copioso, diz da espécie nestes termos:

«*VITABILIS*, *LE.* Adject. verbale a *vito*; *vitandus*, da *schifarsi*. *Ovid. 4, Pont. 14. 31.* Esset perpetuo suo quam *vitabilis* *Ascra*, *Ausa* est *agricolae* *Musa* docere senis. *Alii aliter leg. Arnob. 3, p. 165.* *Illum foetor *vitabilem* reddidit fugiendumque carpinus.*»

[*Totius Latinitatis Lexic.*, vol. VI, p. 366.]

QUICHERAT e DAVELUY, na ediç. CHATELAIN [de 1899], citada alhures pelo dr. CARNEIRO, não adiantam àquilo coisa alguma.

«*VITABILIS*, E, Ov. Pont. 4, 14, 31; Arn. 5, 13,
qu'on doit éviter, qui est à craindre.»¹

Já se vê que os latinos só conheceram êsse *vitabilis*, o qual, originário do verbo *vitare*, *evitar*, quer dizer, em linguagem, tão-sòmente *evitável*, coisa que convém *evitar*, *fugir*, ou que é *de temer*.

Nada faz êle, pois, ao caso do *viable*, ou *viável*, na acepção gálica de coisa vivedoira, isto é, *capaz de viver*; porque, neste caso, de *vita*, a *vida*, e não de *vitare*, *evitar*, é que procederá a raiz latina do *vitabilis*, pai hipotético do *viável* atual.

Teria havido, porém, no latim, êsse *vitabilis*, derivação de *vita* e equivalência, prefiguração, origem do francês *viable*?

Dêste particular é que depõem LITTRÉ e WHITNEY, os únicos informadores, a cujo testemunho se arrima o dr. CARNEIRO. Que nos atestam êles?

LITTRÉ, nada mais do que isto:

«*ETYM.* Lat. *vitae habilis*, apte à vivre.»

Isto é:

«*ETIMOLOGIA:* Latim *vitae habilis*, apto a viver.»

Mas essa etimologia, como se está vendo, é meramente uma *hipótese*. Não supõe uma palavra latina, correspondente a *viável*, mas duas, *vitae* e *habilis*, que o glossólogo francês imagina terem-se associado na gestação do francês *viable*.

¹ Na citação de ARNÓBIO, os algarismos de QUICHERAT não estão inteiramente de acordo com os de FREUND e FORCELLINI.

WHITNEY dá um passo adiante. Mas de que modo? Eis, *ad literam* transcritas, as suas palavras:

«*VIABLE*, a. [F. *viable*. M. L. **vitabilis*, capable of life, [L. *vita*].»

[Vol. VI, p. 6.744.]

Quer dizer:

«*VIABLE*, adjetivo. Francês, *viable*. Latim medieval **vitabilis*, capaz de vida. [De *vita*, no latim.]»

Há de ter notado, porém, quem ler com atenção [o dr. CARNEIRO, ao parecer, não o notou] que ao termo *vitabilis* precede, no texto de WHITNEY, um asterisco.

Esse asterisco não dirá nada? Estará em vão antes daquele vocábulo?

Recorrendo à *chave* [*key*], preposta pelo autor ao 1.º volume do seu dicionário, p. XVIII, ali encontro a ponto a explicação do asterisco. Ei-la:

«*read *theoretical* or *alleged*; i. e. *theoretically assumed*, or *asserted but unverified*, form.»

A saber:

«O asterisco * denota ser a palavra, que se lhe segue, uma forma *teórica*, ou *suposta*, isto é, *teóricamente presumida* [*assumed*], ou afirmada, mas *não verificada* [*but unverified*].»

Assim que, se o dr. CARNEIRO houvesse atentado a notação ortográfica, e não se esquecesse de ir perguntar-lhe ao próprio WHITNEY pela significação, teria visto que ela dá em terra com o seu castelo etimológico, aluindo-o pela base *O vitabilis* de WHITNEY, declara-o este mesmo, não passa de um suposto *inverificado*. LITTRÉ, pela homofonia e

homografia, figurara *vitae habilis*. WHITNEY, simplificando, reduzindo os dois vocábulos a um só, passou de *vitae habilis* a *vitabilis*, da hipótese de uma locução complexa à hipótese de uma só palavra. De sorte que o passo adiantado pelo filólogo americano ao filólogo francês nos mantém na região das hipóteses.

Nem na antiga latinidade, portanto, nem na latinidade medieval se descobriu até hoje o menor documento, o mais leve vestígio da palavra necessária aos nossos neologistas, o *vitabilis* derivação de *vita*, para demonstrarem a procedência latina da francesia, que preconizam. *Vitabilis* é, confessadamente, uma criação teórica do etimologista, que o sugere.

Não transcende, pois, os limites de um suposto, de uma presunção, a etimologia latina do francês *viable*. Nessa presunção não faz fundamento a ciência. E tanto assim que o mais recente dos dicionários daquele idioma, o *Dictionnaire Général* de HATZFELD e DARMESTETER, onde se exara o estado atual dos conhecimentos filológicos no assunto, abre mão, quanto a *viable*, da etimologia latina, filiando-o únicamente no próprio francês. O seu artigo lexicográfico acerca da etimologia de *viabilis* é este:

«VIABLE. Étym. Derivé de *vie*, § 93.»

Em face da ciência atual, portanto, isto é, dos dados verificáveis, apurados, seguros, de que a ciência hoje dispõe, *viable* não emana de *vitabilis*, criação engenhosa de uma hipótese: emana diretamente de *vie*, pela ampliação do *e* final, convertido em *able*, segundo o processo que, adaptativamente, a evolução francesa tomara à evolução latina. É o que positivamente ensinam DARMESTETER e HATZFELD.

Aquela nota por êles ali posta, «§ 93», nos remete ao parágrafo assim numerado no primeiro volume, onde, a propósito do sufixo latino *bilis*, discorrendo acerca dos compostos latinos que dêle se formaram, acrescentam os dois

dicionaristas: «*L'ancien français a continué cette tradition.*»¹ As palavras com que o exemplificam, vêm a ser: *accueillable*, do francês *accueil*; *aidable*, do francês *aider*; *agréable*, do francês *agréer*; *comptable*, do francês *compter*; *effroyable*, do francês *effroi*; *épouvantable*, do francês *épouvrante*; *redevable*, do francês *redevoir*; *sécurable*, do francês *secourir*.²

Destarte nos mostram praticamente os dois sábios lexicógrafos como do *vie* francês se compôs, francesamente, o francês *viable*.

Não tem, portanto, êsse vocábulo a direta ascendência latina, que lhe sonha, e com dois mal-entendidos trechos de LITTRÉ e WHITNEY lhe obtém o dr. CARNEIRO. Pouco importam os nomes, com que se pretende reforçar, de SCHELER, BESCHERELLE e AD. COELHO. BESCHERELLE e SCHELER são anteriores a HATZFELD, DARMESTETER e WHITNEY, que nada encontraram nêles além do que sugerira LITTRÉ. AD. COELHO nada afirma. Limita-se a perguntar: «Fr. *viable*, por *vivable*, ou de *vitae habilis*?»³. É apenas uma interrogação, enfeixando em si duas questões: «*Viável* procederá do francês *viable*, derivação de *vivable*? Ou emanará antes de *vitae habilis*?» Esta suposição dubitativa de ADOLFO COELHO outra coisa não faz que reproduzir a hipótese de LITTRÉ, tão-somente *como hipótese* por ele aventada. Ora essa hipótese imaginara uma forma remota, que nunca existiu em francês, o termo *VIVABLE*, absolutamente imaginário, para entroncar no latim *vivere* o atual *viable*, filiação esta que o saber conscientioso dos modernos etimologistas repele, buscando, como já vimos, a descendência imediata de *viable* no francês *vie*.

Logo, a termos de adotar definitivamente o *viable*, havíamos de reconhecer que não tem no latim, sim no francês,

1. *Dictionnaire Général*, v. I, p. 55.

2. Essas as etimologias que HATZFELD e DARMESTETER lhes atribuem especificadamente nos arts. respectivos. [V. I, p. 55 do *Traité* e, do *Dicionário*, p. 55, 485, 842, 944; v. II, p. 1.896 e 2.020.]

3. *Dicion. Manual Etimol. da Ling. Port.*, p. 1.221.

a sua árvore de costado. Não seria um latinismo; seria um galicismo.

Apurada esta certeza, aqui pudera eu terminar. Mas não quero deixar sem resposta as outras ponderações do mestre.

247. — 2.º] As formas adjetivas obtidas mediante o sufixo *al* e o sufixo *ável* exprimem [nota o dr. CARNEIRO] intenções diversas. O sufixo *al* significa, nos adjetivos com él constituídos, «que a idéia do seu radical *convém* à coisa a cujo nome se ajuntam». O sufixo *ável*, «do latim *habilis*, *abilis*, indica uma *aptidão*, uma *disposição*.»

Por via de regra assim é. Mas também essa regra pode quebrar. Disso temos exemplo justamente nos vocábulos opostos a *viável*, *viabilidade*, enquanto equivalentes de *viable*, *viabilité*. *Mortal* quer dizer *morredoiro* [C. DE FIGUEIREDO], exatamente do mesmo modo como *viable* significa *vivedoiro*. *Vivedoiro*, isto é, *capaz de viver*, dotado das condições de vida. *Morredoiro*, isto é, *capaz de morrer*, criado em condições de sofrer morte. Logo, se para indicar *morredoiro*, não se há mister de *mortável*, basta *mortal*; para exprimir *vivedoiro*, não se necessita de *viável*: basta-nos *vital*. Em *mortal* se confundem as duas idéias correlativas ao sufixo *al*, do latim *alis*, e ao sufixo *ável*, do latim *abilis*. Podemos, pois, sem laivo de heresia contra as formas consagradas, juntar em *vital* ambas essas idéias.

Quer o mestre ver como naturalmente se ajuntam? WHITNEY, depois de se ocupar com a etimologia de *viable* [v. VI, p. 6.744], remete-nos ao artigo concernente, na sua obra, a *vital*: «See *vital*»; isto é: «Veja o vocábulo *vital*.»

Vejamos, pois, essoutro artigo, a que WHITNEY nos remete. Vai da pág. 6.772 a 6.773. Ali, discorrendo a sionímia de *vital*, consigna WHITNEY, sob o n. 5, êste item:

«Capable of living; *viable*.

«Pythagoras, Hippocrates... and others... affirming the birth of the seventh month to be *vital*.»

Trasladado a português:

«VITAL: *capaz de viver; viável.*

«Pitágoras, Hipócrates... e outros... os quais afirmam que o parto de sete meses é vital.»

É, portanto, o próprio WHITNEY, o WHITNEY evocado pelo dr. CARNEIRO, quem lhe dá em terra de golpe com a laboriosa teoria. O depoimento do sábio lingüista, desmentindo abertamente o gramático baiano, certifica a sinonímia, no inglês, entre *viável* e *vital*. Este vocábulo se aplica, naquele idioma, tanto quanto o outro, às coisas ou criaturas *capazes de viver*. Dizem-se elas, indiferentemente, *viable* ou *vital*. Por cúmulo remata ainda o filólogo americano com aquêle excerto, já transcrito, de um fisiologista inglês, onde se qualifica de *vital* a criança setemesinha: «O parto de sete meses é vital.»

Ante êste documento científico onde vai parar a tese, categóricamente enunciada pelo mestre, de que «*viável*, em medicina legal, não pode ser substituído por *vital*»?

248. — 3.º] «*Vitalis*, em latim», adverte o professor CARNEIRO, «quer dizer pertencente ou relativo à vida, que faz viver, que é de longa duração, que vive muito.»

Replicarei, considerando por dois lados a objeção.

Primeiro. O único *vitabilis* de que fazem menção os dicionários latinos, ainda se acha a maior distância do *viable* francês que êste de *vital*. O *vitabilis* consignado nos léxicos, expressamente ali designado, já o vimos, como sinônimo de *vitandus*, equivale a *o que se deve evitar*: não tem relação nenhuma com a idéia de *vida*, idéia manifesta, absoluta e exclusiva em *vital*. O outro, o *vitabilis* suposto por WHITNEY como resultante do *vitae habilis* figurado por LITTRÉ não passa de um ente de razão etimológico; por modo que, a subsistir a nacionalização portuguêsa de *viable*, ao nosso *viável*

não restará, em latim, outro símilo mais que um vocáculo de significação totalmente alheia à dêsse: o *vitabilis* sinônimo de *vitandus*, em português *vitando*, coisa que se há de evitar.

249. — Vamos, porém, ao outro aspecto da objeção, que ora se estuda. Tinha *vitalis* essa acepção limitada entre os romanos, admito: restringia-se à concepção definida pelo mestre. Mas *quid inde?* Não lhe esqueça a noção, elementar em matéria de etimologia, a que inoportunamente se foi socorrer, quando comigo discutiu o vocáculo *progenitor*.¹ Então nos disse êle:

«Mostra-nos a história das palavras que estas estão sujeitas a várias mudanças, não só nos elementos fonéticos de que se compõem, senão também relativamente à sua significação.»

Vai já em trezentos anos que essa observação não era nova. DUARTE NUNES, três séculos há, lhe consagrava desenvolvido capítulo na sua *Origem da Língua Portuguesa*. Do latim *clamare*, clamar, fizemos *chamar*, idéia que entre os romanos se traduzia por *vocare*. De *mulier* promanou *mulher*. Mas em latim *mulier* representa, na espécie humana, o sexo feminino, ao passo que o português *mulher*, além dessa noção, abrange a que se contrapõe a *marido*, exprimida, entre os romanos, por *uxor*. *Casa*, na linguagem dêstes, era o tugúrio, a arribana, a choça; na moderna é o edifício destinado à vivenda humana. *Locare* significava dar de aluguel; tomar de aluguel era *conducere*. Nós, porém, juntamos as duas idéias no vocáculo *alugar*, derivação do primeiro dêsses dois verbos latinos. *Posticum* chamavam os romanos à porta escusa ou traseira. *Postigo* chamamos nós a portinha ou a²

1. Nota ao art. 391. Ver § 31, ns. 158-162.

2. Segundo a ortodoxia preconizada por certos autores [v. g. BELLEGARDE, *Vocabulário e Loc.*, p. 30-32], eu não poderia escrever corretamente, senão como fiz na linha anterior: «chamar à»; nunca «chamar a».

pequena abertura, em forma de porta, rasgada nesta, ou na janela. De *morari* se gerou *morar*; mas *morari* era *tardar*, e *morar* é *residir*. *Taberna* apelidava-se a barraca, a tenda, o armazém de qualquer natureza. Conservamos literalmente o mesmo nome, designando, porém, com ele únicamente a casa de pasto e bebidas a retalho ou por miúdo. *Jocus* era a chança, o gracejo, a zombaria; transformou-se-nos, com ligeira mudança, em *jôgo*, mas para substituir o *ludus* latino, expressão de recreio, passatempo, ocupação em que se arrisca dinheiro sobre cartas, dados, ou quaisquer outras combinações de semelhante natureza. *Jantar* vem de *uentaculum*, que, em latim, era o primeiro almôço: *rosto*, de *rostrum*, que designava o bico da ave; *mancebo*, de *mancipium*, que exprimia o escravo.

Muitos séculos, já se vê, primeiro que o engenho dos modernos batizasse na pia grega a *semântica*, ou *semasiologia*, de que me fala o mestre em tom de quem anunciasse à minha ignorância um mundo novo, era cediça a observação dêsse variar na acepção das palavras, ora no mesmo, ora de um para outro idioma.

Que muito, pois, viesse a sofrer agora uma dessas mutações o térmo *vital*, com o seu derivado *vitalidade*? Bem leve seria a transição; porquanto o sentido antigo e o contemporâneo se ligam um e outro à mesma idéia, sob faces diversas: sempre à noção de vida nas suas relações, bem que debaixo de aspectos diferentes. Se o vocábulo *vital*, entre os romanos, designava aquêle, ou aquilo, que *muito vive*, ou *tem de viver muito*, não mudaria senão dentro da mesma idéia,

Mas não é exata essa exclusão. FERNÃO LOPES escreveu: «chamava-a Rainha de Portugal». [Crôn. de el-rei D. Fern., c. 173]. E com inúmeros exemplos dêste escritor, de D. DUARTE, JOÃO DE BARROS, VIEIRA, BERNARDES, JACINTO FREIRE, FILINTO ELÍSIO, registados nas minhas notas, poderia eu demonstrar que a forma criticada por êsses censores é de tão-bom uso como a outra.

passando a designar, outrossim, a coisa ou pessoa *capaz de viver*. Num caso é a aptidão para viver; no outro, para a vida longa. Por que não se poderiam encerrar ambos estes sentidos na mesma palavra?

WHITNEY reduziu tôda a semântica a dois grandes fatos: variação, nas palavras, da idéia geral para a especial; transição, nas palavras, da idéia especial para a geral. *Vital* e *vitalidade* indicavam, na concepção de vida, a especialização do viver longamente: passariam a significar, além dessa, a capacidade geral de viver.

250. — Aqui, de mais a mais, se de perto considerarmos, veremos como se esvai a distinção, em que labuta o mestre, de *vitalis*, como reservado às pessoas ou coisas de *longa vida*, e *viável*, como peculiar aos indivíduos ou objetos *aptos à vida*. Nos três excertos latinos, que eu alegara, *vitalis*, diz o mestre, «quer dizer o que tem longa duração, o que vive muito». O que no adjetivo latino se traduz, portanto, é a *capacidade especial de viver longo tempo*. No «*O puer, ut sis vitalis metuo*», o que Trebácia receia é que o seu interlocutor não logre vida para muito, isto é, não seja *capaz de longa vida*. Mas, digo eu, respondendo, no francês *viable*, que é o que a linguagem dos médicos franceses designa? A criança *capaz de vida*. De sorte que *vitalis* = *capaz de longa vida* e *viable* = *capaz de vida*. É a *capacidade*, num caso [o latino], de *viver muito* e, no outro [o francês], simplesmente *de viver*, o que exprimem *vitalis* e *viable*; mas em ambos a *capacidade vital*, a saber, a *disposição*, a *aptidão para viver*.

Que é o que obstaria, pçis, a se enfeixarem no mesmo vocábulo os dois sentidos? Únicamente a inconveniência da ambigüidade, em certas circunstâncias possível. No idioma pátrio, porém, o adjetivo *vital* só se aplica a objetos, idéias e fatos. A pessoas não se aplica. Ao indivíduo talhado para viver muito chamaríamos *vivedoiro*. *Vital* não lhe poderíamos chamar. Seria um latinismo inconciliável com o nosso senso vernáculo. Quando, portanto, chamássemos *vital*

ao feto, ao recém-nascido, não nos arriscaríamos a confusão. Bem claro estava referirmo-nos à sua capacidade nativa *de viver* o que quer que fôsse, muito, ou pouco.

251. — Mas, dir-me-ão, temos, em todo o caso, no latim o têrmo *vitabilis*. A acepção ali é diversa. Mas desde que admitis a variabilidade nas acepções, não era intolerável à razão figurá-la nesta hipótese, com o intuito de subtrairmos a neologia ao reparo de galicismo.

Dois sofismas amalgama esta evasiva.

Primeiramente, sendo a filologia o quadro dos *fatos* da linguagem, antes de ser a sistematização dêsses fatos, não nos é lícito *imaginar* fantasias, e dá-las por ocorridas. Tal variação não se passou jamais. Nunca o *vitabilis*, derivado latino de *vitare*, se transformou em *viabilis*, prefiguração iatina de *viable*. *Viabilis* é adjetivo, que nunca existiu em latim.¹

Depois não basta a semelhança da forma portuguêsa à latina, para evitar a nota de francesia. Galicismo teremos, seja embora a palavra tomada ao latim, se com ela exprimirmos significado especialmente atribuído a essa forma pelo uso francês. Não quero, em prova, mais que o rol de *barbarismos* exarado, na sua *Gramática Filosófica*, pelo dr. CARNEIRO. Não é do latim *desolatus*, *desolare*, que vem o nosso *desolado*? Não é do latim *extrahere* que procede o nosso *extração*? Não é do latim *imponere* que descende o nosso *impor*? Mas *impor*, *extração*, *desolado*, em se abastardando com as acepções, meramente francesas, de *consternado*, *aflito*, de *origem*, *linhagem*, de *embair*, *iludir*, perderam o cunho vernáculo: entraram na categoria dos galicismos.

252. — Verdade seja que os dicionários italianos registram [diz o dr. CARNEIRO], a par do adjetivo *vitale*, o adjetivo *viabile*. Também nos portuguêses encontramos *vital* e *viável*. Encontramos *viável* até no de FIGUEIREDO; o que não tclheu a FIGUEIREDO mesmo imprimir-lhe a nota de *galicismo*, no livro supracitado.

O que eu, porém, não explico, é que o ilustre censor nos não indicasse o vocabulário italiano, onde se lhe deparou o termo *viabile*. Será talvez porque, na sua apostila ao art. 419, n. II, a propósito da locução *fazer valer*, nos deixou cientes de que o seu consultor, nesse idioma, é o *Grand Dictionn. Franç.-Ital. et Ital.-Franç.* de C. FERRARI e JOSEPH CACCIA.

Pois bem: que nos dizem, neste particular, êsses vocabulistas?

Na parte franco-italiana, o seguinte:

«*Viable*, adj., qui est assez fort pour vivre, VITALE, vitabile.»

Eis aí está o *viable* francês traduzido no italiano *VITALE* e *vitabile*. Do *viabile*, afirmado pelo dr. CARNEIRO, nem palavra.

Além dêsse, posso eu o *Nuovo Dizionario Universale della Lingua Italiana*, por P. PETROCCHI, obra superior àquela. Mas, se a compulso, buscando o *viabile*, não o encontro. *Viabilità*, sim; mas significando únicamente a *boa condição das estradas* públicas:

«*Viabilità*, s. f. T. ing. *Condizione buona di strade pubbliche.*» [V. II, p. 1.223.]

Não acredito, pois, que com os dicionários italianos me pudesse o dr. CARNEIRO justificar o seu dito.

253. — Transcrevendo largo trecho de um livro novíssimo, o compêndio de direito civil do professor BENSA, catedrático na universidade de Gênova, provara eu *documentalmente* que os jurisconsultos italianos refusam o vocábulo *viabile*, para significar o *feto ou recém-nascido capaz de viver*, e não se utilizam, com êsse intuito, senão do vocábulo *vitale*.

Mas a êsse elemento decisivo na questão fêz o dr. CARNEIRO vista grossa, para insistir em que, no sentido restrito da ciência, «*viável* não se pode substituir por *vital*.»

Jurista, porém, escrevendo para juristas, na colaboração de uma obra jurídica, a tradição jurídica era, sobretudo, o que me importava. Ora essa, na Itália, é absolutamente oposta às expressões *viável*, *viabilidade*, é invariavelmente favorável às locuções *vitalidade* e *vital*.

Todos os livros de direito civil ali publicados o demonstram. *Todos*. Note bem o dr. CARNEIRO: *todos*.

Tomemos um dos mais conhecidos e acatados: o de CHIRONI, *Istituzioni di diritto civile italiano*.¹ Trata o autor da pessoa natural, o homem, e define-lhe as condições de existir: 1.ª, que nasça; 2.ª, que nasça vivo, isto é, que passe vivo da existência uterina à extra-uterina; 3.ª, que nasça vital. Respeito a esta, eis como se exprime:

«Finalmente è d'uopo che sia *vitale*, ossia che abbia conformazione *da esser capace di vivere indipendente* dopo avvenuta la separazione dal corpo materno. La legge non determina alcun periodo di tempo il cui decorso valga a definire la questione della *vitalità*... Nè basta poi referirsi alla maturità del feto, perchè la *vitalità* può non esserne connessa... I tre requisiti debbono concorrere: se per un caso non attribuibile a mancanza di *vitalità*, avvenuto il parto...» [V. I, p. 36.]

Recorro agora ao *Corso di Diritto Civile* de BIANCHI.² É um dos tratados mais amplos e magistrais que dêste assunto se têm escrito. O seu testemunho não é diverso:

«La capacità giuridica... suppone un individuo che sia nato vivo e *vitale*...» [P. 71, n. 19.] «Ritenuto il principio, che, affinchè ad un individuo

1. Torino, 1888.

2. Seconda edizione. Torino. O IV.º vol., de onde extrato, é de 1890.

possano essere attribuiti diritti, è necessario ch'egli sia nato vivo e *vitale*...» [P. 75, n. 21.] «La legge presume bensì — come ora diremo — la *vitalità*, ma a condizione che...» [P. 76, n. 22.] «...qualunque dubbiezza rimanga intorno all'essere o no nato *vitale* un individuo debba risolversi in favore della *vitalità*.» [P. 78.]

Nas *Istituzioni de PACIFICI MAZZONI*¹, o mesmo dizer:

«Da ultimo si presume nato *vitale* quegli che è nato vivo... La legge non ammette veruna presunzione relativamente alla mancanza di *vitalità*... La *vitalità* del nato vivo non è nemmeno esclusa dai vizi di conformazione... La mancanza poi di qualche organo essenziale nella vita... esclude il fatto donde la legge deduce la presunzione della *vitalità*.» [Vol. II, p. 12-13.]²

No seu *Corso Completo di Diritto Civile Italiano Comparato*³, usa a mesma linguagem o professor DE FILIPPIS:

«Giuridicamente parlando, il feto acquista la sua individualità quando il distacco dall'utero materno si verifica con le seguenti condizioni: 1. completamente, 2. con vita successiva e propria del neonato, 3. con *vitalità*, 4. con forma umana.» [V. I, p. 131.]

«È necessario studiare... la esistenza completa e perfetta individualmente (nascita con vita, *vitalità* e forma umana).» [Ib., p. 125.]

1. Firenze, 1881.

2. Na primeira nota a essa página cinco vêzes se repetem os têrmos *vitale* e *vitalità* com este mesmo sentido.

3. Napoli, 1878.

«Vitalità. Non basta che il feto siasi disattaccato dalla matrice, assumendo la condizione di una individualità vivente, è necessario che fosse nato *vitale*, ossia *con attitudine a vivere...* Un esempio di mancanza di *vitalità* per imperfezione dell'organismo rinvieni nell'aborto. Un esempio di mancanza di *vitalità* per difetto di organo è il mostro nato senza bocca. Il nato vivo e non *vitale* è giuridicamente considerato come non mai nato, nè concepito... nega al genitore e suoi eredi l'azione per disconoscere la paternità di un figlio nato vivo e non *vitale* per imperfezione di organismo e dichiara nell'art. 724 incapace a succedere il nato non *vitale*.» [Ib., p. 132.]

BORSARI, no seu *Commentario del Codice Civile Italiano* [v. III, parte 1.^a, § 1.546-7¹], fala sempre dêsse modo. Estudando «la *vitalità* del feto» [p. 59], discutindo «la condizione della *vitalità*» [p. 60], estabelecendo «i criteri della *vitalità*» [p. 61], ventilando as circunstâncias, em que se manifesta «il difetto di *vitalità*» [p. 62], mostra como «nei codici moderni si distingue a tutta evidenza la vita dalla *vitalità*» [p. 60], e declara, por definição, que, dizendo «*vitalità*, abbiamo detto *attitudine, capacidão de vivere* segundo gli ordini della natura» [p. 61.] Vinte e cinco vêzes, nessa exposição, por exprimir a idéia de *aptidão para a vida*, emprega êle *vitale* e *vitalità*: nem uma só, *viabile* ou *viabilità*.

EMMANUELE GIANTURCO, nas *Istituzioni di Dir. Civ. Ital.*², não usa de outros vocábulos:

«*La vitalità* [*attitudine a vivere* fuori dell'utero materno] si argomenta dell'integrità degli organi [*animal integrum*] e dal decorrimento del tempo ri-

1. Roma, 1874.

2. Firenzi, 1889.

conosciuto dalla legge come minimo periodo di gestazione uterina, cioè 180 giorni; la *vitalità* si presume sino a prova contraria, quando è dimostrata la vita.» [P. 28.]

No seu *Sistema di Diritto Civile Italiano*¹, começado a estampar cinco anos depois, não varia dêsse escrever:

«La *vitalità* è anch'essa un requisito essenziale per l'acquisto dei diritti... La *vitalità* si presume, quando è dimostrata la vita. La *vitalità* si argomenta... Non è accettabile la dottrina di Merlin, secondo il quale il parto, purchè sia concepito 180 giorni prima della nascita, dovrebbe sempre riguardarsi come *vitale*... La presunzione della *vitalità* è *juris tantum*.» [V. I, p. 80.]

SERAFINI, um dos mestres contemporâneos, escrevendo as suas *Istituzioni di Diritto Romano*, ocupa-se com esta matéria no § 4.^º. E como?

«Il parto dev'essere *vitale*, vale a dire l'infante deve aver raggiunta nel corpo della madre *la maturità necessaria alla continuazione della vita*... Perche l'infante sia *vitale* non è però necessario che sia nato nel settimo mese... Ma non dice punto che chi sia nato primo manchi necessariamente della *vitalità*... Non bisogna quindi equivocare sulla parola *vitalità*... I più delle volte un simile infante non *vitale* o viene al mondo già morto o muore durante il parto, ma può benissimo accadere... ch'esso viva anche dopo la nascita e muoia dappoi per mancanza della *vitalità*...»

1. Napoli, 1894, 2.^a ed.

Abram-se as *Pandectas* de ARNDTS, vertidas e anotadas por FILIPPO SERAFINI.¹ É um dos livros clássicos em direito civil. Pois lá está duas vêzes consagrada com êste uso a locução *vitalidade*:

«È necessario eziandio *la capacità di vivere, la vitalità?*... Oggi non esiste più l'antica controversia sul requisito della *vitalità*.»

[V. I, p. 30-31.]

Nas obras mais elementares também êsse é o vocabulário que se inculca à juventude. Haja vista o *Compendio di Dir. Civ.* de GIORGIO LORIS²:

«L'uomo... dicesi infine *vitale* quando ha raggiunto nel seno materno la maturità necessaria per la continuazione indipendente della vita. Queste distinzioni nel diritto italiano hanno molta importanza in tema di successioni legittime, nelle quali sono incapaci di succedere: 1.º...; 2.º I nati non *vitali*... La condizione della *vitalità* è disputata... la legge penale la quale tutela la vita del neonato tutto chè non *vitale*... la presunzione della *vitalità*, poichè nel dubbio si presumono dalla legge *vitali* i nati vivi.»

[P. 53-4.]

Assim, todos os *civilistas*. E, como êsses, todos os *criminalistas*. Dentre êstes, por não agravar a dilatação, talvez já excessiva, destas provas, citarei sómente uma das maiores autoridades: o *Completo Trattato di Diritto Penale*, colaborado

1. Bologna, 1872.

2. Milano, 1896.

pelos mais eminentes jurisconsultos italianos sob a direção de COGLIOLO. Eis-lo:

«Se spontaneamente sia stato espulso un feto immaturo vivente, ma per la sua immaturità assolutamente non *vitale*... È noto difatto che la legge civile fissa il minimo della *vitalità* del feto a 180 giorni dal concepimento...»

[V. II, parte II, p. 296-7.]

Não é só, porém, a fraseologia da jurisprudência e da escola: é, ainda, a tecnologia *da lei*. A expressão *vitale* é a consagrada pelo *código civil italiano*:

«Quando il parto fosse dichiarato non *vitale*.»

[Art. 161, n. 3.]

«Sono incapaci di succedere:

«2. Coloro che non sono nati *vitali*.

«Nel dubbio si presumono nati *vitali* quelli di cui consta che sono nati vivi.»

[Art. 724.]

Agora acredo cairá em si o mestre, vendo e tateando quão de ligeiro andou em um relevantíssimo ponto e num ponto capital da sua defesa, tocantes a êste particular: no primeiro, quando em abono da expressão *viável* invocou o exemplo italiano, cujo voto desenganadamente o repele, cingindo-se ao vocábulo *vital*, por mim proposto; no segundo, quando peremptoriamente assegurou que o vocábulo *vital* não substitui a *viável* na indicação médica do parto maduro para a vida.

Para que o dr. CARNEIRO, enfim, não tome de socorro a medicina, cuja láurea o coroa, direi que, aí mesmo, lhe não depararão abrigada segura os seus esforços. Nos livros ita-

lianoss dessa especialidade escritos com zêlo da linguagem não se diz *viabile*, nem *viabilità*, mas *vitalità* e *vitale*. Tenho entre mãos a prova numa obra da maior autoridade. É o *Dizionario Encyclopedico di Medicina e Chirurgia per uso dei medici pratici, redatto dal prof. Dr. ALBERTO EULEMBURG, in Berlino, con la collaborazione di molti dottori e professori, Traduzione italiana autorizzata*.¹ O volume VI, in v.º *Feto*, discorre do que o dr. CARNEIRO pretende se diga naquele idioma pelos nomes de *viabile* e *viabilità*. Pois bem: não é tal assim que aí se escreve, senão, como eu afirmei, *vitale* e *vitalità*.

Façamos certo o ponto com os textos:

«Siccome un feto nato alla fine di questo mese» [o sétimo] «può talvolta, con cura ed attenzione tutte speciali, esser mantenuto in vita, così un tal feto suol esser considerato come **vitale**.» [p. 62.]

Na página subseqüente:

«Relativamente alla **vitalità** o non **vitalità** del feto immaturo, può dirsi in generale...»

O médico, logo, não andou mais com a verdade que o filólogo, assegurando, como assegurou, que, «no sentido restrito da medicina legal, o *viável* não pode ser substituído pelo *vital*». A medicina legal acaba de lhe responder solenemente. O que se não pode, o que se não deve, o que não se faz, é, bem ao contrário, substituir o *vitale* e o *vitalidade* por *viabilidade* e *viável*.

254. — Por derradeiro, logo, nisto se resume o debate: escolher entre o exemplo francês de *viable*, *viabilité* e o exemplo italiano de *vitale*, *vitalità*.

Entre as duas alternativas fôra necessário ser galiciparla resoluto e cadimo, para não propender ao segundo. No

I. PASQUALE e VALLARDI, Napoli.

italiano temos sempre o modelo menos remoto do latim e mais vizinho do português. Entre a sua tradição e a francesa não há, entre nós, que hesitar.

§ 59

CARINHO POR

255. — Aqui não me anota o dr. CARNEIRO a linguagem do substitutivo: anota-me a *exposição preliminar*. Não há, em sua estimativa, diferença de uma a outra coisa. Tudo é código civil. Demonstrado que a exposição preliminar e as notas claudicam na linguagem, provado estará que o substitutivo não presta.

Felizmente, neste seu trabalho, não vale muito mais do que esta lógica a dissecação gramatical, a que se propõe.

O tópico aqui inquinado, no sentir do mestre, é o em que eu falava do meu cuidado nos estudos vernáculos: «Querendo com amor ao idioma, que falamos, meu *carinho* habitual *por* êle naturalmente me levava a encarar com cuidado esta face do assunto.»

Não admite o mestre a locução *carinho por*, como não tolera *preferência por*, e, citando EVARISTO LEONI, de par com FR. FRANCISCO DE S. Luís, estigmatiza o uso daquela preposição em seqüência a *amor, afeto, respeito, ódio, gôsto* e outras de semelhante feição.

Não aguardava eu, Deus louvado, quanto a essas maneiras de falar, esta admoição magistral, para aprender coisa tão velha. Os meus escritos o atestam. Compulse o dr. CARNEIRO as minhas *Cartas de Inglaterra* [Rio, 1896], e reiteradamente o verificará:

«Expressamente o absolvem de *amor do dinheiro*.»

[P. 248.]

«Não podia ser mais tocante para com êle o amor dos seus conterrâneos.»

[P. 312.]

«S. Ex. tem consignado nos seus atos administrativos os testemunhos mais inequívocos do seu perseverante *amor da ordem*, bem como do seu *respeito às pessoas e propriedades*.»

[P. 315.]

«Tão viva intensidade adquiria, sob Rosas, o *culto da pátria*.»

[P. 311.]

«Era uma religião, cuja sinceridade se pode avaliar pelo zélo dos seus observantes na *reverência aos emblemas da sua fé* e no *horror aos símbolos proscritos da incredulidade*.»

[P. 312.]

Dias antes de nos darem os prelos a conhecer aqui as *Ligeiras Observações* do mestre, onde tal censura se me faz, saíam a público os *Discursos* do professor FRANCISCO DE CASTRO com um preâmbulo meu.¹ Pois ali verá o dr. CARNEIRO dêstes exemplos:

«Não é dêle que se poderia escrever como escreveu alguém de certo médico estrangeiro cujo *amor da literatura* encarecia.»

[P. VIII.]

«Mas o seu bem equilibrado *amor da ciência e da literatura* não esmorecia.

[P. XI1.]

1. Deu-se a lume êsse opúsculo aos 11 de outubro, aniversário do passamento daquele grande brasileiro. Só quinze dias mais tarde estampava o *Diário do Congresso* a contracritica do filólogo baiano.

«Suas palavras testemunham brilhantemente grande *amor da verdade*.»

[*Ibid.*]

«A falta absoluta de fé, associada ao *gôsto do paradoxo*.»

[*Ibid.*]

Mostram da minha parte êstes excertos mais severo escrúpulo no observar da regra invocada pelo dr. CARNEIRO, do que têm mostrado grandes e venerados mestres.

Gôsto por, que o filólogo baiano tacha, na sua *Gramática* [p. 434], de *solecismo*, e que eu, num dos trechos transcritos, evitei, usou-o AL. HERCULANO:

«O *gôsto* que reinava *pela* nova ciência.»

[*Estudos sôb. o Casam. Civil*¹, p. 25.]

AULETE disse igualmente: «*Predileção, preferência de gôsto por* alguma coisa ou de *amizade por* alguém.» E CÂNDIDO DE FIGUEIREDO: «*Predileção, gôsto por* alguma coisa, ou *amizade por* alguém.» AL. HERCULANO escreveu do mesmo modo, por duas vêzes, à p. 90 do *Bôbo*:

«A *predileção* que sempre mostrava *pelo* seu mosteiro e *por* êle.»

Respeito por, que, no tópico citado pelo dr. CARNEIRO, mereceu considerado por LEONI êrro de sintaxe, é locução praticada igualmente por AL. HERCULANO:

«Esqueceu-se do fingido *respeito* que em tôda a parte mostrava *pela* rainha.»

[*O Bôbo*, p. 174.]

1. Lisboa, 1866.

256. — *Carinho*, porém, não é *respeito*, nem *gôsto*, nem *afeição* ou *afeto*, nem *amor*. Será, sim, a manifestação exterior dêsses sentimentos: será o *desvôlo*, o *extremo*, o *zêlo*.

É, ou não, lícito construir essas três palavras com a preposição *por*? É.

Zêlo de e zeloso de eram pelo comum, entre os antigos clássicos, as formas preferidas. SOUSA, na *Vida de D. Fr. Bartolomeu*, escrevia: «*Zêlo da honra de Deus e da salvação das almas.*» [L. II, c. 10.] «*O zêlo do serviço de Deus.*» [L. II, c. 24.] «*Como zeloso da honra de Deus e da dignidade episcopal.*» [L. II, c. 23.] «*Crescia o zêlo da honra de Deus.*» [VIEIRA. *Serm.*, v. VI, p. 370.]¹

Seguindo essas pegadas também dizia eu:

«Estas margens escarpadas são como que as defesas severas de um mundo *zeloso* dos seus te-sóiros.»

[*Cartas de Inglaterra*, p. 213.]

Entre os modernos, porém, se AL. HERCULANO fala no «*santo zêlo da justiça*» [Monge de Cist., I, p. 122], não duvidou, contudo, escrever: «*Em frei Roberto o zêlo pela fé era ilimitado.*» E CASTILHO, não menos extremado em vernalidade, não hesitou em redigir: «*Zeloso pelo futuro nacional.*» [Felicid. pela Instrução, p. 23]

Já antes dêles FILINTO ELÍSIO [vol. XI, p. 124] escrevera:

«Corou de a ver o vulgo; mas tal *zêlo*
Porém *por* ti lhe assanha ódio e vingança.»

1 Nem sempre o uso clássico, neste particular, seria hoje de boa cotação. Onde JACINTO FREIRE, por exemplo, redigia: «*Se na graça, ou justiça dos reis achasse alguma gratidão de seus serviços*» [IV, n. 110], creio que presentemente diríamos de preferência: «*gratidão por seus serviços.*» [Ver MORAIS, Dic., vº *Reconhecimento*.]

Pelo que toca a *desvêlo*, tanto se pode usar com as preposições *em*, *para*, ou *sobre*, como com a preposição *por*:

«*Desvelai-vos pela* república, *pela* riqueza.»

[VIEIRA. *Sermões*, ed. de 1854, v. I, p. 638.]

«*Desvelar-se por* outrem ou *por* acudir aos negócios de outrem.»

[BLUTEAU. *Vocab.* v. III, p. 182.]

«*Desvelar-se pela* riqueza.»

[*Ib.*]

«*Desvelam-se os homens pela* riqueza e não *pela* virtude.»

[*Ib.*]

«*Por quem tanto te desvelas.*»

[LÔBO. *Primavera*. Ap. D. VIEIRA.]

Com *extremos*, ora se nos oferece *para*, ora *por*:

«*Fazer extremos por* alguma coisa.»

[BLUTEAU. *Vocab.*, v. III, p. 405.]

«*Fazer extremos pela* saúde.»

[*Ib.*, p. 406.]

«*Fiz extremos por* amor dêle.»

[*Ibid.*]

«Corridos consigo dos poucos *extremos*, que *por* ela fizera.»

[LÔBO. *Côrte na Aldeia*, p. 196. Ap. BLUTEAU. *ib.*, e MORAIS, v.º *extremo*.]

«Louvo todos os *extremos*, que se fizeram *por* ela.»

[CHAGAS. *Cart. Espirit.*, v. II, p. 221. Ap. BLUTEAU, *ib.*]

«No seu *extremo pela* antiga pureza da língua vernácula.»

[LATINO COELHO. *Elog. Acadêmic.*, I, p. 11.]

Sendo, pois, as expressões de *zélo*, *extremo*, *desvôlo* equivalentes de *carinho*, na acepção em que o usei, a voga geral do *por* com os substantivos *desvôlo*, *extremo* e *zélo* evidencia que essa é, da mesma sorte, a preposição vernacularmente associável a *carinho*.

Demais, a tomarmos *carinho* na significação de *afeto*, será o afeto exaltado, estremecido, o *ardor*, o *entusiasmo*, a *paixão*.

Ora, com o vocábulo *ardor*, a preposição *por* é a autorizada: «Obtivera satisfazer o *ardor pelo luxo e pelos triunfos*.» [A. HERCULANO. *M. de Cister*, v. II, p. 145.]

A mesma preposição é a que, com o vocábulo *entusiasmo*, serviu ao autor do *Eurico*, nesse romance-poema: «Transformado o entusiasmo em *entusiasmo pela virtude*.» [P. 14.]

E *paixão*? «Tomar *paixão por* alguém ou alguma coisa» é de MORAIS e FR. DOMINGOS VIEIRA. «Ele tem uma grande *paixão pela prima*», está no *Dicion.* de AULETE. Cesse, porém, o mais, desde que para o caso não tenho menor autor que o próprio dr. CARNEIRO. Ele, que não transige com o *amor*, o *afeto* ou o *gôsto por*, ensina, da cadeira magistral de sua gramática, aos seus alunos a *paixão por*:

«A *paixão de Dante por Beatriz*.»

[*Serões Gramat.*, p. 312.]

A tudo isto acresce que, no mesmo lugar, nos aconselha o dr. CARNEIRO a expressão «*interêsse por* alguém».

Logo, se têm fôro, graças ao uso dos mestres, as locuções *desvêlo por, extremo por, zêlo por, ardor por, entusiasmo por, paixão por, interesse por*, — que é o que à expressão *carinho por* tiraria o mérito de *lidimamente portuguêsa*?

§ 60

PREFERÊNCIA POR

257. — Repetição do que expendeu o mestre em apostila ao art. 17, onde lhe confutei documentalmente o êrro.

Preferência, igual a *predileção*. Ora *predileção*, do mesmo modo que *dileção*, boa companhia faz com a preposição *por*:

«D. Manuel tinha uma grande *dileção* devota *por* este apelido.»

[C. CASTELO BRANCO. *Narcót.*, v. I, p. 61.]

«A *predileção* que sempre mostrara *pelo* seu mosteiro e *por* êle em especial o moço príncipe.»

[A. HERCULANO. *O Bôbo*, p. 90.]

§ 61

Art. 1.777

SERÃO PROCEDIDOS

258. — Reconhece o mestre estar errada aqui a redação do projeto. Ora bem haja esta declaração do ilustre professor; e prouvera a Deus que com a valia de tamanha autoridade se afugentasse do nosso escrever essa locução, hoje tão usual, especialmente nas gazetas e nos papéis oficiais: «*procedido o inventário*», «*procedidas as eleições*», «*procedida a formação da culpa*».

Na acepção de *fazer, operar, executar*, o verbo proceder é *sempre e sempre* intransitivo, regendo-se o seu complemento com a preposição *a* [«proceder à leitura», «proceder à execução», «proceder ao encerramento»]; de modo que lhe não pode caber a forma passiva, usada nas expressões «procedido o encerramento», «procedida a execução», «procedida a leitura».

§ 62

Art. 1.477

«ANTES DE COMEÇADO A EXECUTAR»

259. — Reza a disposição do substitutivo malvista ao dr. CARNEIRO:

«...A disposição do artigo antecedente aplica-se aos montepios de qualquer natureza, particulares, ou oficiais, obrigatórios, ou facultativos, salvo às pensões cuja sucessão se abrir *antes de começado este código a executar.*»

À cláusula «antes de começado este código a executar» chama o douto professor «construção embarçada e tortida».

Torcida e tortuosa me parece a sua censura.

Reconhecendo o mestre, como aqui mesmo reconhece, que se diz corretamente:

«Não é *para crer*, em vez de não é para *ser crido*»;

«Casas *para alugar*, em vez de casas *para serem alugadas*»;

«É *para lastimar* esta perda, em vez de é *para ser lastimada* esta perda»;

construções tôdas essas em que a forma ativa dos verbos lhes faz as vêzes da significação passiva, não está de acôrdo

consigo mesmo, quando condena a frase «antes de *começado a executar*», onde é idêntica a troca de um em outro sentido.

Sempre se disse *começado a fazer*, *começado a construir*, *começado a fundir*, *começado a lavrar*, *começado a escrever*, *começado a rever*, *começado a demolir*. É um modismo vernáculo, que por cediço e nunca impugnado se devia considerar acima de reparo.

Se colhesse a censura do mestre, igualmente à justa se aplicaria àquilo de CASTILHO, nos *Fastos* [v. III, p. 113]:

«Acaba de descobrir-se a constelação da Águia de Júpiter. *começada a aparecer* a 25 de maio.»

Encarando aqui o período à luz da sintaxe regular, nêle teríamos, com efeito, uma implicação manifesta entre a significação gramatical do particípio *começado*, necessariamente *passiva*, e a do complemento *a aparecer*, essencialmente ativa.

No tópico de que ora se trata, o particípio corresponde à ação, realmente passiva, que mediante êle se intenta exprimir, e com o infinitivo por êle regido não se dá senão o fenômeno gramatical, autorizado pelo mestre, de servir passivamente a forma ativa do verbo. Aclareza, que o mestre lhe nega, é cabal e incontestável; porque a intervenção do particípio *começado* no contexto da frase deixa evidente a significação passiva do infinito *executar*.

Aliás não me oporia a que escrevessem «antes de *começado* êste código a *executar-se*», ou «antes de *começado* êste código a *se executar*»; e bem pode ser que assim o corrigira eu, se mais de espaço o revisse.

Mas, com sintaxe análoga à que me achaca de viciosa o dr. CARNEIRO, versejou FILINTO ELÍSIO:

«Por circular aviso,
Que selou real sêlo,
Mandado publicar por tôda a parte.»

[*Obr.*, v. XII, p. 281.]

E, muito antes dêle, escrevera DUARTE NUNES:

«Os quais vinham já *começados a chamuscar.*»
[D. João I, c. 51, p. 213.]

«*Acabado de comer, foi-se o duque.*»
[Ib., c. 67, p. 304.]

«*Acabado de a dar a terra.*»
[Ib., c. 87, p. 420.]

«*Acabada de benzer*» [a casa] «*começaram o hino.*»
[Ib., c. 94, p. 462.]

«Alguns lhe viram na bôca ainda não *acabados dengolir*, porque a armação dos novilhos lhe es-
cachava muito as queixadas.»

[BARROS. Déc. II, VII, 8. Ap. *Memor. de Lit. Port.*, v. III, p. 172.]

E com sintaxe, como a dos excertos que se acabam de ler, totalmente, absolutamente, idênticamente *igual* à que me leva a êrro o dr. CARNEIRO, escreveram FR. LUIS DE SOUSA e CASTILHO ANTÔNIO.

CASTILHO:

«Nestes quatorze anos, *começados a contar aos vinte e dois da minha vida.*»

[*A Primavera*, p. 5.]

SOUSA:

«E com êstes não há dúvida que vencia Guimaraes também ao convento de Lisboa em alguns anos, sem embargo de ser *começado a edificar* ao justo dezenove anos depois.»

[*Histór. de S. Domingos*, 1.^a parte, l. IV, c. 12.]

Assim, para o meu «*começado a executar*», temos, nos melhores autores: *começados a chamuscar* [DUARTE NUNES]; *começado a edificar* [FR. LUIS DE SOUSA]; *começados a contar* [CASTILHO].

Foi êste português «embaraçado e torcido» que copiei.

§ 63

Arts. 1.333, 1.338, 1.380, 1.541

INDENIZAR

260. — Tendo eu escrito: «ou *lhe indenize a diferença*» [art. 1.333]; «*indenizar ao gestor as despesas*» [a. 1.338]; «à sociedade indenizará cada sócio os prejuízos» [a. 1.380]; «*indenizará o ofensor ao ofendido as despesas*» [a. 1.541], vem-me com embargos à primeira o mestre, alegando que «em português não se diz: *indenizar a alguém alguma coisa*, mas: *indenizar alguém por ou de alguma coisa*».

Está enganado o mestre. Com o mesmo cunho português diremos assim de um como de outro modo.

De que se use o verbo na oração com a última dessas formas, seria precipitado inferir não lhe caiba igualmente a outra.

Sinônimo de *indenizar* é *restituir*, numa das suas acepções: a de *repor a alguém o que perdeu, ou o em que foi lesado*.

Pois bem: com a forma correspondente a *indenizar alguém de alguma coisa*, temos, é verdade, *restituir alguém de alguma coisa*.

Exemplos:

«Tendo passado sem novas de V. S.º dois correios, o terceiro *restituiu-me desta perda*.»

[VIEIRA. *Cart.*, v. IV, p. 118.]

«A poucos lances se viu *restituído* do que fôra seu.»

[VIEIRA. *Sermões*, v. XIII, p. 213.]

«Restituir alguém de alguma perda, dano, injúria; INDENIZÁ-LO.»

[MORAIS, *Dic.*, v.º *Restituir*.]

«Era justo... que com boas obras o *restituíssem* dos males passados.»

[LÔBO. *Pastor Peregrino*. *Ap.* MORAIS, *ib.*]

«Com arte repara uma mulher as ruínas, que lhe causou a idade, *restituindo-se de côres, dentes e cabelo*.»

[*Arte de Furtar*, c. I, p. 1.]

«*Restituir-se: indenizar-se*.»

[C. DE FIGUEIREDO, *Dic.*]

Outras vêzes, entretanto, o encontramos com a forma de *indenizar* ora censurada: *indenizar a alguém alguma coisa*. Assim:

«*Restituir o dano*.»

[MORAIS.]

«Tendo passado sem novas de V. S.º dois correios, o passado *me restituiu esta perda*, com duas cartas de V. S.º»

[VIEIRA. *Cart.*, v. IV, p. 118.]

«Todo o homem que é causa gravemente culpável de algum dano grave, se o não *restitui*, quando pode, não se pode salvar.»

[VIEIRA. *Serm.*, v. II, p. 190.]

«A um queimastes, a outro fizestes; e de ambos deveis *restituição* igualmente. Ao que queimastes, deveis *restituição do mal* que lhe fizestes; ao que fizestes deveis *restituição dos males* que êle fizer... *restituireis os danos* das suas cegueiras... *restituireis os danos* de suas palavras... *restituireis os danos* das suas omissões... *restituireis os danos* de seus desgovernos.»

[*Ibid.*, p. 395.]

«*Restituir o dano.*»

[BLUTEAU, *Voc.*, v. VII, p. 297.]

Recuperar-se o mesmo é que «*indenizar-se do perdido*» [MORAIS, *Dic.*], e «*ser indenizado ou resarcido*» [C. DE FIGUEIREDO, *Dic.*] Mas, com essa, tem a outra forma, análoga à que ora se nega a *indenizar*: a de *recuperar o que se perdeu*.

Pagar-se alguém do prejuízo, por que passou, é falar correntio. Igualmente o é *pagar a alguém o prejuízo*, que teve.

Entregar, em certos casos, equivale a «*pagar, satisfazer, indenizar*». [MORAIS, *Dic.*] Isso, bem que tenha, ao mesmo tempo, a forma *entregar-se de*, ou *ser entregue de*:

«*Fico entregue da carta.*»

[VIEIRA, *Cart.*, v. II, p. 39.]

«*Fico já entregue de ambos os livros.*»

[*Ib.*, v. IV, p. 81.]

«*Fico entregue do livro*, que só tive tempo de folhear.»

[*Ib.*, p. 105.]

«*Feito pelo secretário o térmo de entrega do preso, se entrega dêle o alcaide.*»

[VIEIRA, *Obr. Várias*, v. I, p. 12.]

«*Entregar-se de* alguma coisa: pagar-se, satisfazer-se, indenizar-se dela.»

[MORAIS. *Dic.*]

«*Entregar-se dos* gastos, que fizera.»

[ANDRADE. *Crôn. de D. João III*, III, c. 35.]

«*Entregar-se das* dívidas.»

[*Ord. Afons.*, V, t. 108.]

«*Entregar-se do* sono que perdera.»

[LÔBO. *Obr. f. 64. Ap. MORAIS*].

Com vários outros verbos ocorre a mesma duplicidade no jôgo dos complementos. Dizemos «encarregar *a* alguém alguma coisa», e «encarregar alguém *de* alguma coisa». [MORAIS, AULETE.] Temos *incumbir* alguma coisa *a* alguém: «Ele *incumbia* a seu irmão *a* compra de quadros antigos.» [AULETE]; ao mesmo passo que *incumbir* alguém *de* alguma coisa: «*Incumbi-o* de me procurar umas casas.» [MORAIS.] Escrevemos: «persuadir alguma coisa *a* alguém»: «Persuadi-me que era assim.» [MORAIS.] Não menos correta nem freqüentemente, porém, se diz «persuadir alguém *de* alguma coisa»: «É preciso persuadi-lo destas verdades.» [AULETE.] Tôda a gente fala em *consolar* alguém *de* alguma coisa [MORAIS, AULETE]; o que não exclui podermos dizer, com VIEIRA: «Vêde se temos com que consolar a perda.» [Serm., v. VI, p. 135.] Ambas essas formas tem igualmente o verbo *dotar*. *Dotar* alguém *de*: «As prendas *de* que o dotou.» [VIEIRA. Ap. MORAIS.] *Dotar* a alguém alguma coisa: «Dotou-lhe as vilas de Covilhã.» [ARRAIS. *Diál.*, IV, 21.] *Dotam* suas fazendas *a* suntuosos templos.» [BARROS. *Déc. 1. I*, 1.] «*Dotarem-se* da fazenda real.» [LUCENA, V, 23.] O mesmo com vários outros verbos. Assim *fornecer*: *fornecer* o navio

pd munições; fornecer munições ao navio. Assim prover: eroveu os alimentos [VIEIRA, ap. MORAIS] e proveu de alimentos. Assim avisar, certificar. E muitos mais.

Tcmem-se os dois lexicógrafos mais recentes, os que melhor estampam o uso hodíerno da nossa língua, AULETE e FIGUEIREDO. O primeiro define assim o verbo *indenizar*: «*dar indenização ou reparação a; compensar, ressarcir.*» De têrmos idênticos usa o segundo. Ora não se dirá: *compensar-lhe o dano, compensar-lhe o prejuízo?* Indubitavelmente. Não se diz: *ressarcir-lhe o dano?* Nem de outro modo se costuma dizer. [MORAIS.] Logo, da mesma sorte como se diz *ressarcir* ou *compensar alguma coisa a alguém*, assim se poderá dizer: *indenizar a alguém alguma coisa*.

TEIXEIRA DE FREITAS, na *Consolidação das Leis Civis*, ora se vale de uma, ora de outra construção.

Aqui, da que o professor CARNEIRO singulariza:

«Antes do proprietário ser privado da sua propriedade, será *indenizado do valor dela*.» [Art. 67.]

Ali, da que o dr. CARNEIRO enjeita:

«Em qualquer destes dois casos de renúncia o sócio renunciante deve *indenizar os prejuízos, a que deu causa.*» [Art. 761.]

Da mesma forma usa êle no *Esbôço do Código Civil*, arts. 3.635, 3.636, 3.660, 3.684, 3.685, n. 1, 3.687, 3.688, 3.691, 3.693, 3.697.

Bem sei que não é autoridade vernácula o célebre juris-consulto. Mas, se o invoco, é apenas em argumento admínicular, subsídio aos outros, que venho de expender.

Como autoridade me bastaria a de CASTILHO ANTÔNIO, que escreveu: «*Indenização à mestra*» [Colóq. Ald., p. 92], quando, segundo a regra do mestre baiano, só se poderia dizer: «*indenização da mestra*». Porque, dizendo «inde-

nização à mestra», dizemos «indenizar à mestra»; e então, estando *mestra* em complemento indireto, em complemento direto estará *o que se lhe indeniza*: «indenizar à mestra *alguma coisa*.»

§ 64

Art. 1.339

EMBOLSAR

261. — Como análoga e, pois, igualmente errônea, desaprova o ilustre filólogo a frase do meu substitutivo: «*Reembolsando ao gestor as despesas*.»

Semelhante é no seu desacerto esta emenda à anterior. Onde a natureza dos verbos admite por igual as duas formas, pretende o dr. CARNEIRO circunscrever-nos ao exclusivismo de uma.

Que é *embolsar*? «*Meter na bolsa*.» Assim BLUTEAU [v. III], MORAIS, CONSTÂNCIO, VIEIRA, AULETE e FIGUEIREDO, o qual adiciona: «*pagar o que que se deve a*.»

Ora, se *embolsar* é *pagar o que se deve a alguém*, aquêle a quem se dever, está em regime *indireto*, na posição gramatical equivalente ao dativo latino, indicada com a preposição *a*. Será, portanto, *embolsar* ou *reembolsar a alguém o que se lhe deve*. O mesmo teremos, se decompormos *embolsar* em *meter na bolsa*. Aquêle *na bolsa de quem se mete o dinheiro*, ou seu equivalente, ficará de complemento indireto ao verbo *embolsar*, cujo *objeto* então há de ser *a coisa embolsada*. Por estoutro caminho iremos dar, pois, no mesmo resultado. *Embolsar* = *meter na bolsa*. Logo, *meter alguma coisa na bolsa a alguém* = *embolsar a alguém alguma coisa*. Tão regular, pois, é a construção *embolsar-lhe a quantia*, como *embolsá-lo da quantia*.

A minha redação, portanto, está certa, e vem mal assentado o quinau.

§ 65

Art. 1.503

POSSESSIVO E PRONOME

262. — Rezava o projeto:

«A obrigação do fiador passa a *seus* herdeiros.»

Substituí:

«A obrigação do fiador passa-*lhe* aos herdeiros.»

Não apostilei esta emenda, a que ora se opõe o dr. CARNEIRO; mas na minha exposição preliminar já estava prèviamente justificada.

«Tem o nosso idioma», ali dissera eu, «belezas de concisão e vigor inestimáveis, especialmente na redação das leis, onde a majestade da soberania se revê na brevidade da palavra. Consiste uma dessas elegâncias do nosso falar no privilégio de escusarmos os adjetivos possessivos, forrando-nos ao seu uso ou pela mera clareza na disposição da frase, ou pela utilização oportuna do dativo do pronome pessoal em seguida ao verbo. A repetição do *meu*, *teu*, *seu*, *seus*, *nosso*, *nossos*, *vosso*, *vossos*, tôda a vez que importe exprimir a relação de pertença, ou dependência, desvigoriza, peia e arrasta a prosa vernácula, amarrando-a a trambolhos as mais vêzes inúteis. Um prosador hábil no meneio do nosso idioma não diria, por exemplo, como o projeto no art. 391, n. I: «É direito do progenitor sobre a pessoa rdo filhos menores *dirigir sua educação*.» A boa fomas portuguêsa, clara, incisiva, e tersa é «*dirigir-lhes a*

educação. Mas o projeto quase não conhece outra maneira de escrever. Veja-se o art. 430, n. I, o art. 433, n. II, o art. 464, o art. 485, o art. 598, n. I, o art. 672, o art. 831, n. II, o art. 1.550, parágrafo único. Apenas no art. 1.350, parágrafo único, depois de cair e recair, ali mesmo, na monotonia do seu vêzo, acaba por abrir uma exceção feliz: «O editor poderá opor-se às alterações, que prejudiquem os seus interesses, ofendam sua reputação, ou lhe aumentem a responsabilidade.» Melhor lhe fôra ter principiado como acabou: «O editor poderá opor-se às alterações, que lhe prejudiquem os interesses, ofendam a reputação, ou aumentem a responsabilidade.» Aquêle dativo inicial, de per si só, dispensava os três possessivos, imprimindo ao dizer uma rapidez e energia, que lhe êles não deixam.»

263. — Estaria eu treslendo? Vejamos.

JOÃO RIBEIRO, ocupando-se com os possessivos, na recente edição da sua *Gramática* [p. 144], diz:

«O uso dos possessivos *não é elegante*, e é por isso freqüentemente evitado, com grandes vantagens, no estilo idiomático da língua:

Cortou-me o braço.

[meu braço]

Ouviu-se-lhe a voz.

[sua voz]

Dos três filhos que tenho.

[meus]

Já os gramáticos LAMEIRA DE ANDRADE e PACHECO JÚNIOR haviam dito: «O dativo do pronome pessoal, quando se acha dependente de um verbo, pode fazer as vêzes do possessivo: *se não ME fôsseis amigo; vejo-TE o coração triste; quebrei-LHE a cabeça.*» [Noç. de Gram. Port., p. 436, n. 22.]

Também JÚLIO RIBEIRO: «Os pronomes substantivos em relação objetiva adverbial equivalem algumas vezes aos adjetivos possessivos *meu*, *teu*, *seu*, etc.: *Ele me é pai* — *Amigas-te somos* — *Não lhe sou tutor*, em vez de *Ele é pai meu* — *Amigas tuas somos* — *Não sou seu tutor*.» [Gram., p. 252, n. 443.]

O mesmo professor CARNEIRO, nos seus *Serões* [p. 294], ensinara que, em certas circunstâncias, «o possessivo é substituído por uma variação pronominal, que se ajunta ao verbo na mesma frase ou sentença: «Dói-me o pescoço; doem-lhe os olhos; dói-me todo o corpo; beijo-lhe as mãos; rompeu-lhe as vestes; esmagou-lhe a cabeça; arrancou-lhe os miolos; de-testo-lhes as intenções; descobriu-lhe os embustes; exaltou-lhe os brios; acendeu-lhes o denôdo; lisonjeou-lhes as paixões.»

264. — Entre os bons escritores, de tôdas as épocas, superabundam neste sentido os exemplos:

«Saiba bem conhecer as bôcas das bêstas, e mandar-lhes fazer os freos.»

[D. DUARTE: *Liv. da Ensinança*, p. 513.]

«Nom fazendo mençom das estrebeiras, em tal guisa que os pés *lhe* andem em elas luindo.»

[Ib., p. 516.]

«Como uū bôo tagedor que os dedos *lhe* vaão nas cordas.»

[Ib., p. 596.]

«E aposto-*te* a carapuça.»

[GIL VIC., I, 113.]

«Fácil cousa seria atalhar logo no princípio a um rio, entupindo-*lhe* a fonte.»

[FR. HEITOR PINTO. *Imagen da Vida Cristã*, Diál. I, c. 1.]

«Con quanto *lhe* entendia os fins.»

[Sousa. *Anais*, p. 157.]

«E para *nos* bater a fortaleza.»

[Ib., p. 158.]

«Mandou... para memória guardar-*lhe* a pele.»

[Ib., p. 296.]

«Para *nos* ganharem a vila.»

[Ib., p. 327.]

«Fazem-*lhe* a festa no mês de setembro.»

[Ib., *Hist. de S. Doming.*, parte I, l. IV, c. 4.]

«Celebram-*lhe* a festa na segunda oitava da Páscoa.»

[Ib.]

«Procuraram aliviar-*lhes* o trabalho, e encurtar-*lhes* o caminho.»

[Ib., c. 7.]

«Não *lhe* sabe os jazigos.»

[Jorge Ferr. *Euf.*, III, 2.]

«Juro a mim que *lhe* sabe os intrínsecos.»

[Ib.]

«Quem *lhes* sabe o êrro.»

[Ib., III, 7.]

«Do meu parto se *lhe* gerou à morte.»

[Ib., IV, 2.]

«Se *lhe* souberdes seguir a trilha.»

[Ib., V, 5.]

«Júpiter desterrou seu pai, por *lhe* possuir o reino.»

[Ib., V, 6.]

«À primeira audiência *lhe* foi julgada por mulher.»

[*Ib.*, V, 9.]

«Criou-se com esta, e está-*lhe* em casa.»

[*Ib.*, I, 1.]

«Que *lhe* reze pela alma.»

[A. FERREIRA. *Com. de Bristo*, a. I, c. 4.]

«Não *lhes* tiro a fama.»

[*Id.*, *Obras*, v. II, p. 162.]

«E o uso
Das duras mãos *lhe* põe no brando fuso.»

[*Ib.*, p. 228.]

«Fêz-*lhe* o amor as penas suaves.»

[TOMÉ DE JESUS. *Trabalh.*, v. I, p. 26.]

«Aprova-*lhe* Coje Sofar os erros.»

[JAC. FREIRE. *D. João de C.*, II, 4.]

«A espada, com que nos degolaram o rei.»

[*Ib.*, II, 7.]

«Para esperar os turcos, e impedir-*lhe* a saída.»

[*Ib.*, II, 78.]

«Aconteceu isto à vista do arraial, que *lhe* tinha festejado o primeiro acometimento.»

[*Ib.*, II, 153.]

«Donde os varejou com tanta fúria, que *lhes* rompeu as defensas.»

[*Ib.*, 154.]

«Em voz alta *lhes* acusou, com palavras feas,
a desobediência.»

[*Ib.*, 165.]

«Afeando-*lhes* a retirada.»

[*Ib.*, 169.]

«Tão longe *lhe* vai buscar o princípio?»

[MELO. *Feira de Anex.*, p. 125.]

«Sem que eu primeiro *lhe* ganhe o pão.»

[*Ib.*, p. 150.]

«Por vós lá *lhe* repousa o pensamento.»

[CAMÕES. *Obr.*, v. III, p. 104. *Eleg. XXVI.*]

«Nas asas *lhes* ficaram por memória.»

[*Ib.*, v. IV, p. 93. *Égl. VII.*]

«Comeram-*lhes* as fazendas, comeram-*lhes* as
cidades, comeram-*lhes* as liberdades, comeram-*lhes*
as vidas.»

[VIEIRA. *Serm.*, v. X, p. 228.]

«Chamava-se dantes Saray, e diminuiu-*lhe* Deus
o nome.»

[*Id.*, v. VI, p. 347.]

«Metendo-*lhe* a seta no peito, com a ponta
feriu-*lhe* o coração.»

[*Ib.*, p. 349.]

«Não se *lhes* gastou o calçado, nem se *lhes* rompeu
o vestido.»

[BERNARDES. *Nova Fl.*, v. II, p. 15.]

«Quem teve depois poder para *lhe* meter na cinta uma roca, e na mão em lugar de clava um fuso?»

[*Ib.*, p. 311.]

«*Lhe* saiu ao encontro êste santíssimo prelado.»

[*Id.*, v. III, p. 384.]

«Mas se o diabo agora *lhes* lambe, e faz suave o pão, depois lho fará amargoso, e então *lhe* sentirão o veneno.»

[V. II, p. 226-7.]

«Não o acharam em casa, e sua mulher *lhes* recebeu a visita.»

[V. IV, p. 147.]

«Mas caindo um raio, *lhe* abriu os peitos.»

[*Ib.*, p. 218.]

«Antecipar-*lhe* os desejos com as execuções.»

[*Ib.*, p. 227.]

«Mas é que *lhe* não conhecem as propriedades.»

[*Ib.*, p. 263.]

«O nome *lhe* abrandou o peito, a humildade *lhe* atou a paixão, e a razão *lhe* convenceu o juízo.»

[V. V, p. 429.]

«Vejo-*lhe* a côr murchar-se, espavorida.»

[FILINTO ELÍSIO. *Obr.*, v. I, p. 297.]

«Vês-*lhe* a triste carranca aboleimada.»

[*Ib.*, v. II, p. 180.]

«No dia em que seus filhos e seu genro *lhe* celebraram os anos.»

[*Ib.*, p. 259.]

«E pude!... E não morri! quando das faces
Lhe colhi o rubor!»

[*Ib.*, v. III, p. 183.]

«Tendo-*lhe* ódio ao rigor, tédio à beleza.»

[*Ib.*, v. XI, p. 16.]

«Fujamos-*lhe* à violência.»

[*Ib.*, p. 74.]

«E entrei-*lhe* em casa.»

[*Ib.*, p. 157.]

«Vi um dia
Parar-*lhe* à porta um faetonte aéreo.»

[*Ib.*, p. 173.]

«Vender-*lhe* só na feira a pele querem.»

[*Ib.*, v. XII, p. 80.]

«Bebe-*lhe* o vinho.»

[*Ib.*, p. 120.]

«A vinda *te* receio.»

[*Ib.*, p. 162.]

«Ouviu-*lhe* o canto um Buitre.»

[*Ib.*, p. 305.]

CASTILHO:

«E amando-*lhe* o carinho, e aquela destra amiga
Que *lhes* bate no colo.»

[*Geórgic.*, p. 167.]

[*Ibidem.*, p. 175, 181, 193, 195, 197, 211, 215, 275.]

«Quero o manto arrojar, só plumas palpo:
Sinto-lhes a raiz lavrar na cútis.»

[Ib., *Metamorfoses*, p. 96.]

«Da mão *lhe* escorre o plectro.»

[Ib., p. 97.]

«Que em rubros borbotões *lhe* escoa a vida.»

[Ib., p. 98.]

«Infuso já no peito o Deus *lhe* ferve;
Fatídico furor *lhe* exalta a mente.»

[Ib., p. 99.]

«E nos cônidos pés *lhe* resplandeçam.»

[Ib., p. 104.]

«Da morte a palidez *lhe* está no aspecto.»

[Ib., p. 107.]

«Ferrugem torpe
Nos asquerosos dentes *lhe* negreja.»

[Ib.]

«Longe o riso *lhe* está dos negros lábios.»

[Ib.]

«A língua se *lhe* fende.»

[Ib., p. 205.]

«Leva da ara um tição, com êle ao rosto
Lhe desanda.»

[Ib., p. 232.]

«Para que às bodas
Mais prósperos auspícios vos presidam.»

[*Fast.*, II, p. 45.]

«Olhai-*lhe* a destra.»

[Ib., p. 49.]

«*Me* estava ao lado.»

[P. 147.]

«Saltei-*te* em correnteza as três fogueiras.»

[P. 185.]

«Respeitando-*lhe* o jus.»

[P. 211.]

«*Lhe* põe na destra.»

[*Ib.*, III, p. 9.]

«Quis-*lhe* o fado ruim cercear vaidades.»

[P. 17.]

«Era-*lhe* passatempo.»

[P. 23.]

«Se da origem *lhe* não sabes.»

[P. 29.]

«Com reter-*lhe* a armada.»

[P. 37.]

«Essências nos cabelos *lhe* reluzem.»

[P. 41.]

«Implora à sombra que *lhe* largue a estância...»

[P. 51.]

«Combateu-*lhe* o rigor.»

[P. 105.]

«Que fâmulos *lhe* ponham o pé no limiar.»

[P. 145.]

«Entrava *lhe* de noite no palácio.»

[P. 157.]

«Assassino-*te* o irmão para ser tua;
Para ser minha a irmã *tu me* assassinas.»

[P. 159.]

«Eu sigo-*lhe* o exemplo atroz.»

[*Amôres*, I, 78.]

«Cede-me a raiva ao mês.»

[II, 67.]

«Me esteja n'alma.»

[III, 19.]

«A vontade *te* adivinham.»

[*Ib.*, 24.]

«Esvai-se-*lhe* a fúria.»

[*Ib.*, 32.]

«Senti-*lhe* o calor.»

[*Ib.*, 45.]

«As posses *me* estraga.»

[*Ib.*, 58.]

«As frias cinzas a terra
Nunca *te* seja pesada.»

[*Ib.*, 63.]

«Vou contar-*lhe* o nascimento.»

[*Trad. de Anacreonte.*]

«Já *lhe* tenho o coração.»

[*Sonho de uma Noite de S. João*, p. 19.]

«Quem *lhe* toma as lições.»

[*Tartufo*, p. 21.]

«Começou-*lhe* o suplício.»

[*Ib.*, 187.]

«Estar-*lhe* ansioso à porta.»

[*Fausto*, p. 45.]

E mais: p. 213, 220, 224, 225, 238, 248, 261, 277, 278, 388, 392.

«Encheram-*lhes* a memória, atrofiaram-*lhes* a inteligência.»

[*Felicid. pela Instr.*, p. 36.]

«Ele se *lhe* pendia amorosamente ao pescoço...
Nestas porfias se *lhe* exauriam as fôrças.»

[*Amor e Melancol.*, p. 250.]

Ainda: p. 249, 252, 297, 327, 394, 395.

LATINO COELHO: «Tendo-se escondido no Pireu, descubro-lhe a guarida.»

[*Oraç. da Coroa*, p. 28.]

C. CASTELO BRANCO: «Esperem-lhe pela volta.»

[*Queda*, p. 231.]

«Não te chegam em fidalguia aos calcanhares.»

[*Ibidem.*]

«Conhecia-lhe o leito.»

[*A Brasileira*, p. 240.]

«Refrigerou-lhe a testa.»

[*Histór. e Sentimental.*, II, p. 169.]

«Oiço as pedras
Rolar-te sob os pés.»

[G. DIAS: *Poes.*, I, p. 198.]

OLIVEIRA MARTINS: «Oscilando-lhe o espírito entre a terra e o céu... Embora os anos lhe tivessem branqueado já as barbas e os cabelos.»

[*Nun'Alvares*, p. 412.]

Análogos a p. 341, 400, 411, 422.

RAMALHO: «Tinha-lhe pôsto preço à cabeça.»

[*Holanda*, p. 17.]

«Foi esquartejado, pregando-se-lhe os membros.»

[P. 18.]

«Sente-se-lhes no bôlso da sobrecasaca a carteira bem recheada.»

[P. 58.]

EÇA: «Exclamou êle apoderando-se-lhe da mão.»

[*Os Maias*, I, p. 280.]

JÚLIO RIBEIRO: «Admirava-lhe cada vez mais a flexibilidade do talento.»

[*A Carne*, p. 121.]

«Mirando-lhe as formas franzinas.»

[P. 122.]

Semelhantemente, p. 124, 127, 227.

MACHADO DE ASSIS: «O que mais lhe quadrava ao sabor.»

[*Brás Cubas*, p. 30.]

«Os olhos banhavam-se-lhe de orgulho.»

[P. 32.]

A mesma sintaxe: p. 35, 53, 78, 102, 233, 266.

«Reza-lhe em torno da cruz.»

[*Poesias*, p. 14.]

«Murchar-lhe, viva, a rosa da ventura;
Morta, insultar-lhe a paz da sepultura.»

[P. 175.]

«Posso apiedar-lhe o coração ferido.»

[*Ibid.*]

«Co'os pés do meio o ventre lhe cingira,
Com os da fronte os braços lhe peava,
E ambas as faces lhe mordeu com ira.
Os outros dois às coxas lhe alongava.»

[P. 336.]

«E um rugido no peito lhe murmura...»

O sangue lhe esfriou...

Como um grito de morte a voz lhe soa.»

[P. 287.]

«Simulada alegria lhe descerra

Os lábios; riso à flor, escasso e dúvida,

Que mal lhe encobre as vergonhosas mágoas...

Como que se lhe fecha a flor do rosto.»

[P. 189.]

Do mesmo gênero se acharão outros exemplos ali, a p. 23, 24, 84 [duas vêzes], 147, 148, 149, 150, 155, 161, 169, 172 [duas vêzes], 174 [três vêzes], 184, 186, 190, 195 [duas vêzes], 196, 198, 199, 200, 208, 209, 210, 217, 219, 220, 225, 229, 231, 241, 249 [duas vêzes], 250, 258 [duas vêzes], 281, 286, 288, 334, 339 [duas vêzes], 347.

Já é munição de respeito essa que aí vai gasta. Poderia ir adiante, sobrepondo uns a outros, sem cessar, exemplos semelhantes, por se acaso êsses não bastassem; que ninguém virá por êles aos bons exemplares da nossa linguagem, que os não leve a mãos cheias. Mas a abundância dos acima transcritos já é tamanha, que seria de todo por demais o trabalho.

Bastam êles de sobejo, por tirar a limpo sem mais dúvida alguma possível que:

1.º, esta sintaxe assenta nos mais remotos monumentos da língua portuguêsa;

2.º, que, nascendo com ela, com ela se perpetuou, sem se lhe descontinuar jamais o uso, comum e freqüente em todos os escritores;

3.º, que entre os contemporâneos é tão usual como entre os antigos.

Julgue-se agora da ciência, com que o crítico parlamentar, considerando êste ponto, catedràticamente declara:

«A supressão dos possessivos é tendência dos modernos puristas portuguêses. Neste ponto a linguagem brasileira ainda se não deixou *corromper*, guardando o cunho da sã vernaculidade.»¹

Tem aquêle senhor acaso por modernos a el-rei D. DUARTE e FERNÃO LOPES?

1. *Resposta*, p. 11, col. 2.º.

Terá por invernáculos e *corrutos* a Fr. Luís de Sousa, Tomé de Jesus, Antônio Ferreira, Jorge Ferreira de Vasconcelos, D. Francisco Manuel de Melo, Heitor Pinto, Antônio Vieira, Jacinto Freire, Filinto Elísio, A. Herculano, Antônio de Castilho, Gonçalves Dias e Machado de Assis?

Considerará *puristas* a Júlio Ribeiro, João Ribeiro, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós?

E é com essa ignorância radical, absoluta de coisas tão elementares, que esta crítica se mete a levantar questões filológicas, contendendo e decidindo com entonos de saber.

265. — Quem se der ao que a muitos parecerá fastio de perlustrar êsses trechos, verá que maravilhoso instrumento de brevidade, precisão, clareza e elegância que é êsse recurso vernáculo no meneio da nossa língua. Só o esquecem os melhores escritores, quando lhes cai da mão, em prejuízo do esmôro na forma, a lima, ou o cinzel. Onde, por exemplo, escreveu CASTILHO: «Ouvia as suas conversações em voz alta», outra ligereza, harmonia e graça teria o frasear, se dissera: «Ouvia-lhe as conversações em voz alta.» Certas ocasiões é a luz que se enfraquece no discurso, é a transparência da idéia que se enturva com a maneira vulgar de exprimir a dependência, ou posse. «Sucede», observava um bom escritor, «que os prudentes se compadecem de um espírito, a que chamam perdido, e que apenas se encontram quatro estudantes, dois frades e algumas mulheres loucas que estimem os *seus* escritos.»¹ Com o uso do possessivo o objeto da referência, nesta frase, poderá ser dubitável, ou não ressair à primeira vista. Substitua-se, porém, «os *seus*» pelo dativo *lhe*, e no mesmo ponto se verá distintamente que a alusão não pode tocar senão a êsse «espírito, que os prudentes chamam perdido».

1. CAV. D'OLIVEIRA. *Cartas*, v. II, p. 470.

Foi dêste prestadio segrêdo vernáculo que me vali, emendando «A obrigação do fiador passa-lhe aos herdeiros», onde estava: «A obrigação do fiador passa aos seus herdeiros.»

A isso que diz o mestre? Que, neste passo, «o emprêgo do pronome em lugar do possessivo não trouxe à expressão do pensamento *aquela graça e elegância que noutras circunstâncias se nota.*»

Favorecer-nos-á o ilustre censor com a exemplificação dessas circunstâncias *outras*? Felizmente nos favorece. Bem me estaria, entende êle, se eu dissesse:

«Agradeço-lhe a fineza; respeito-lhe os escrúpulos; louvo-lhe a paciência; admiro-lhe o saber; venero-lhe a virtude; beijo-lhe as mãos; havia já dois anos que lhe haviam morrido pai e mãe; descobriu-lhe os embustes; exaltou-lhe os brios; arrançou-lhe os miolos; acendeu-lhe o denôdo; rompeu-lhe as vestes; lisonjeou-lhe as paixões.»

A êstes dizeres reconhece *elegância e graça* o emérito professor. Ao meu, não. Pois êste não será exatíssimamente a mesma coisa? Aquêles, ao juízo do mestre, graciosos e elegantíssimos. Êste desazado e enxacoco. Mas onde a diferença, ainda linear, capilar, microscópica entre um e os outros, entre a minha emenda e os modelos do mestre? Êstes dizem: «Agradeço-lhe a fineza, venero-lhe a virtude, ou exalta-lhe os brios»; aquêle: «Passa-lhe aos herdeiros.» E haverá, neste mundo, aos olhos da gramática, ou às orelhas da harmonia, alguma distinção entre isto e aquilo?

Se há! Isto é meu; e aquilo, do mestre. Mas [é o caso de perguntar como o cavaleiro do *Palmeirim*¹] «que prestam razões, onde não há razão»?

1. P. II, c. 132.

§ 66

Art. 325

CORRESPONDÊNCIA ENTRE VERBOS

266. — Procede aqui a emenda CARNEIRO. Mas o erro era tão óbvio, tão palpável, tão grosseiro, que o mais vulgar dos escritores se poderia indignar à suspeita de o haver cometido advertidamente. Será naturalmente que eu rastejo abaixo dos mais vulgares. Se me houvessem, porém, de julgar os ditames da justiça, e não as malignidades da vingança, o que a crítica desapaixonada e judiciosa teria por admirável, é que muitos, muitíssimos outros deslizes como êsse não abundem, num trabalho daquela extensão, complexidade e miudeza, concluído em cerca de cinqüenta dias por um homem absolutamente sózinho e desajudado, quando, atentas, nessa tarefa, a sua grandeza, o seu melindre, a sua variedade, era para absorver quatro ou seis trabalhadores assíduos no curso de meses e meses.

§ 67

Art. 335

SUBJUNTIVO, OU INDICATIVO

267. — Uma diferença de letra, a troca de um *a* em *e* no final de um verbo, rendeu aqui ao mestre ensejo de pontificar e triunfar nessa plenitude saborosa das grandes e fáceis desforras.

Estatuía aqui o original:

«A mãe que contrai novas núpcias não perde por isso o direito de ter os filhos na sua companhia,

da qual só poderão ser retirados por ordem do juiz, provado que ela ou o padrasto não os trata convenientemente.»

Deixando a essa disposição únicamente as cinco primeiras palavras, «A mãe que contrair novas núpcias», alvitrei a seguinte emenda:

«Art. 335... não perde o direito a ter consigo os filhos, que só lhe poderão ser retirados, mandando o juiz, provado que ela, ou o padrasto, não os trate convenientemente. [Arts. 255, n. 1, e 400.]»

Bem se vê, portanto, [e, de boa-fé, não haveria quem o não visse] bem se vê que o meu propósito era alterar o período em quase toda a sua textura, substituindo-o por outro, a meu ver, mais recomendável, e não, como figurou o dr. CARNEIRO, mudar em *trate* o *trata* do projeto.

Fôsse êste o meu intuito, e bastaria, como ali sempre fiz, pôr entre duas reticências aquêle verbo, ou simplesmente declarar: «Em lugar de *trata*, diga-se *trate*.»

Não procedendo assim, claro está que outra era a intenção da emenda. Ao dr. CARNEIRO RIBEIRO acontece por vêzes, na sua defesa, escusar-se com erros de letras, sílabas e palavras inteiras, ora assacadas à tipografia, ora a inadvertências de redação. Acerta esta às vêzes de equivocar *devedor* por *credor*, ou *vendedor* por *dereador*. Outras ocasiões chega a lhe alterar o número dos verbos, trocando o plural em singular, e, até, a lhe obliterar ou transtornar de todo o sentido às proposições. Pois, com esta experiência pessoal tão *ad rem*, não lhe ocorreu ao ilustrado censor a casualidade possível de me transformarem uma na outra duas vogais, o *a* e o *e*, vizinhas contíguas na escala dos sons da linguagem?

268. — Aliás, enunciada em absoluto, como a enuncia o mestre, não é verdadeira a sentença de que o subjuntivo

indique sempre dúvida, indecisão, incerteza. Certo é que as locuções enunciativas da ação possível, desejável, receável, ou dubitável, conformam especialmente com aquêle modo verbal. Mas não seria igualmente exato que só por êsse modo se exprimam essas idéias, assim como o não é que só a exprimir tais idéias se limite a função dêsse modo.

Muita vez se traduz a dúvida em tempos do verbo no indicativo: «Não sei se vou. Não sei se virá. Espero que virá. Está em dúvida se vem, ou vai. Supõe que não conseguirá. Talvez chegará tarde. Pode ser que não chegará hoje.» Tôdas essas orações, perfeitamente conversíveis ao subjuntivo e mais comuns sob essa forma, se dão igualmente bem com as do indicativo. «A razão... poderá ser que parecerá a mor do mundo» escreveu BERNARDIM RIBEIRO. [Men. e Moça, c. 5.] «Pode ser que isto foi causa», disse FR. Luís DE SOUSA. [História de S. Domingos, p. 1, l. 6, c. 32.] «Talvez foi dela a culpa.» [CASTILHO. Amôres, v. III, p. 49.] «É possível que me atravessou Deus a alma no corpo, de sorte que não pode sair?» [M. BERNARDES. N. Fl., v. II, p. 139.] «É possível que em um dia me hei de ver órfã?» [VIEIRA. Serm., v. IV, p. 213.] «É possível que em nenhuma parte das nossas jerarquias achou Deus outra natureza...?» [Ib., p. 222.] «É possível que há de deixar os anjos...?» [Ibid.] «É possível que hão de ficar no mundo os homens, que hão de ficar no mundo os meus? É possível que eu me hei de apartar...?» [Ib., v. VI, p. 334.] «É possível que eu sou...? É possível que me prezo eu de considerado... e que... declaro Misiboset... e lhe confisco, e a dou ao mesmo acusador! É possível que tenho eu opinião de reto, e que... deixo ao traidor com a metade dos bens, e não mando que se restituam todos ao inocente!» [Ib., p. 263.] «É possível que sou eu tido no mundo pelo valente da fama, e que bastou uma mulher para me vencer...! É possível que me prezo eu de príncipe verdadeiro, e que mandei cometer uma aleivosia tão grande..., e que a um vassalo tão fiel... lhe tirei também a vida enganosamente!... É possível que me fêz Deus rei do seu

povo... e que consolo eu a nova da rota do meu exército com a nova da morte de Urias, e que pesa mais na minha estimação a liberdade de um apetite...?» [Ib., p. 262.]¹

De maneira análoga escreveu CAMÕES:

«É possível que os dois o fruto comem?»

[Obras, v. I, p. 78.]

«E pode ser que inda agora

«Traz abertas as frechadas.»

[Ib., v. V, p. 38.]

«Eu ainda agora não creio

«Que é verdade êste amor.»

[Ib., p. 47.]

«Pode ser que empregastes.»

[Ib., p. 188.]

269. — Por outro lado não mínguam espécimens clássicos do subjuntivo associado à enunciação de idéias positivas e certas. «Ainda que os homens não sejam anjos.» [VIEIRA. *Serm.*, v. V, p. 366.] «O lavrador, ainda que necessite² da árvore de fruto para o uso doméstico, não lhe dá golpe tão interior que lhe corte as raízes.» [VIEIRA. *Obras Inéd.*, v. II, p. 267.] Tão corretamente diremos «Pôsto que somos homens», como «Pôsto que sejamos homens», ou «Pôsto que

1. Muitos outros exemplos desta sintaxe em VIEIRA. *Serm.*, v. I, p. 135, 264; v. II, p. 355; v. III, p. 54, 72, 101, 264, 265, 359; v. IV, p. 46, 262; v. V, p. 9, 129, 187; v. VI, p. 59, 260; v. XIII, p. 115; etc.

2. Aqui se refere VIEIRA à necessidade certa, que do lenho da árvore tem o lavrador.

O subjuntivo *necessite* podia trocar-se aqui no indicativo *necessita*, a exemplo do que freqüentíssimamente ocorre nos escritos clássicos. «Ainda que não tinha descuido», redige SOUSA, *Vida do Arceb.*, l. I, c. 5, v. I, p. 37 [ed. de 1890]. Do mesmo modo a p. 52, 90, 99, 200, 215, 223, 242, 286, 288, 324, 355, 361, 365.

A mesma coisa no *Fausto*, de CASTILHO, p. 259, e 331, bem como no *Amor e Melancol.*, pág. 350.

somos mortais», quanto «*Pôsto que sejamos mortais*». Entretanto, ninguém duvidará de que seja certa e absoluta a noção da nossa *humanidade*, ou a da nossa *mortalidade*.

Com «*por mais que*» nos depara o *Fausto*, p. 341:

«Por mais que façamos,
Por mais que lavamos,
Por mais que esfregamos,
Ficamos maninhas.»

No primeiro verso, o verbo no subjuntivo: *façamos*. Nos dois seguintes, no indicativo: *lavamos, esfregamos*. E quer o subjuntivo, quer o indicativo regidos da locução conjuntiva *por mais que*.

Já se vê quão falsa é a regra, promulgada por JÚLIO RIBEIRO [Gramát., p. 274, n. 7], de que «depois das locuções conjuntivas *ainda que* e *por mais que* se põe no subjuntivo a oração da cláusula subordinada.»

Não há talvez um clássico, dos mais antigos aos mais modernos, que não desminta essa inculcada lei gramatical: «*E, pôsto que* com a posse dela *parecia* êste negócio de conquistar os mouros muito leve...» [BARROS. Déc. I, v. I, p. 17.] «*A qual destruição de madeira, pôsto que* foi proventosa...» [Ib., p. 34]. «*Pôsto que* a obra desta passagem não *foi* grande em si...» [Ib., p. 41]. «*E, pôsto que* ali *achou* rastro de homens...» [Ib., p. 56]. «*E pôsto que* teve contrariedades da parte dos pilotos...» [COUTO. Déc. IV, I, 1, c. 6, vol. I, p. 40.] «*Ainda que* de noite a *aliviou* algum tanto...» [SOUZA. Hist. de S. Domingos, p. I, I. VI, c. 29.] «*Ainda que havíamos* por bastante mente qualificados os testemunhos dos nossos religiosos...» [SOUZA. V. do Arc., I. V, c. 6.] «*Ainda que* um só dêste entendimento é o que entende...» [BERNARDES. Luz e Calor, n. 39, p. 30] «*Se bem não é* necessário que sejam tantos...» [Id., n. 47, p. 36.] «*Suposto que* aquélle amor também é honesto...» [Id., n. 65, p. 50.] «*Ainda que* eu zombo com Aníbal.» [FERREIRA. Obr., v. II, p. 332.] «*Bem que* êste exemplo *pertence* a outra figura...» [J. SOARES BARBOSA. Inst. Orator. de Quintil., v. II, p. 269]. «*E* prêso enfim, *por mais que resistiu*.» [CAMÕES. Obr., v. I, p. 183]. «*Por mais que* todo o clero *sufre mal*.» [Ib., v. II, p. 163]. «*Pois, por mais que* de mi me andais tirando.» [Ib., v. IV, p. 96.]

E ainda:

«*E pôsto que* logo *começou*.» [BARROS. Déc. III, VI, 3.] «*Ainda que* está fora da garganta daquele estreito.» [Ib., 4.] «*Ainda que* em todos

§ 68

Art. 1.248

PREFAZER POR
PERFAZER.

270. — Dizia, no projeto, esta disposição:

«O comodato é o empréstimo de coisas não fungíveis. Prefaz-se com a tradição do objeto.»

Objetei:

«Mais um êrro de léxicon. O verbo é *perfazer*.»

E o mestre? Está «de acôrdo», mas só «até certo ponto». «Deve-se dizer», acrescenta, «*perfazer*, não *prefazer*; mas não vamos tão longe, que ponhamos a nota de êrro ao verbo *prefazer*.»

Mas então? Sim, explica êle: «mostra-nos a lição dos clássicos que alguns dos verbos que têm hoje como partícula componente a preposição *per*, se escreviam antigamente, dando-se-lhes por prefixo a partícula *pre*, do latim *prae*.»

havia boa vontade.» [Ib., 5.] «Ainda que nêle se perdeu gente.» [Ib., 7.] «Pôsto que Diogo Fernandes era capitão-mor.» [Ib., 9.] «E pôsto que na Índia não se soube.» [Ib., l. VII, c. 1.] «Pôsto que nos dava muito trabalho.» [Ib., 4.] «Ainda que era homem de pouco saber.» [Ib.] «Con quanto parecia.» [HEITOR PINTO, Diál. I, c. 2.] «Ainda que nisto não há comparação.» [Ib.] «Ainda que vosso rôgo tere tanta.» [Ib., c. 3.] «Ainda que a alma é a forma do homem.» [Ib., c. 5.] «Bem que Sócrates no Crátilo de Platão anda-lhe buscando.» [Ib., c. 6.] «Ainda que se calou.» [Ib., c. 7.] «Ainda que professo filosofia.» [Ib., c. 8.] «Ainda que a abalou.» [JAC. FREIRE, D. João de Castro, l. II, n. 153.] O mesmo, nesse livro, n. 183, no l. III, n. 6, 24, l. IV, n. 6, 36, 45, 66, 110, com *ainda que, bem que, por mais que*. Igualmente em FILINTO, v. XIII, p. 6, com a última dessas locuções.

CASTILHO, *Metamorf.*, p. 21, 50: «Pôsto que era.»

C. CASTELO BRANCO, *Cavar em Rufnas*, p. 164: «Pôsto que o livro foi.»

Ver o que a êste respeito deixei dito atrás, n. 198, nota.

Admito. Mas, antes de mais nada, onde a prova dêsse uso quanto a *prefazer*, em vez de *perfazer*? Onde o documento de que os clássicos escrevessem, não *perfazer*, mas *prefazer*, ou, ao menos, de que simultâneamente se utilizassem de uma e outra forma? Um tópico de Diogo do Couto foi quanto pôde colhêr o dr. CARNEIRO. Nada mais. Será isso provar a habitualidade ou, sequer, a freqüência de uma usança vernácula? Óbvio é que não.

Já se vê que não pode ser corrente um escrever, de que tão raro vestígio se nos depara. E, quando o fôsse, deduzir daí as influências de progenitura latina, em cujo exame se distrai o mestre, seria temeridade. Em matéria de ortografia eram de uma negligência insigne os clássicos antigos. ALEXANDRE HERCULANO, transcrevendo para a estampa, de um códice onde os encontrara sepultados, os *Anais de D. João III*, obra de Fr. Luís DE SOUSA, por aquêle contemporâneo havido como «o principal entre os nossos escritores clássicos», intentara a princípio «seguir escrupulosamente a ortografia do original». Mas, é êle mesmo quem depõe, «desenganamo-nos brevemente de que era necessário modificar um pouco a nossa opinião. Por via de regra os antigos escritores não curavam de aprimorar nesta parte os seus livros: Fr. Luís DE SOUSA não se esquivou à descuriosidade comum. *Reina no manuscrito dos Anais uma grande confusão ortográfica: a mesma palavra aparece escrita de dois e três modos diversos na mesma página.*»¹

Dada essa desatenção, essa indiferença e essa anarquia no grafar das palavras, entre escritores primorosos como SOUSA, haveria quem do encontrar, nêle ou noutrôs, transpostas uma vez as duas letras de uma sílaba sériamente ou sasse inferir um fato de linguagem, a prova de um uso, o registo de uma tradição?

Ainda hoje, com outros costumes literários, com um meio severo como o atual em relação aos erros ortográficos

1. *Anais de D. João III. Advertência preliminar*, p. XIX e XXII.

e com a perfeição a que se abeira a arte da tipografia, são comezinhas essas faltas. No tempo dos nossos maiores, delas se inçavam todos os trabalhos impressos. «É incrível», dizia o padre JOAQUIM DE Foyos, grande helenista, «o descuido e negligência com que se acham impressos, pelo que toca à ortografia, os livros antigos dos nossos clássicos, apesar da veneração, ou antes superstição, com que alguns estimam estas primeiras impressões. Nem esta pouca exação nascia só das oficinas; vinha já dos mesmos autores, gênios profundos, que, ocupados todos em criar pensamentos novos, e dar-lhes a beleza de que era capaz a língua em que falavam, deixavam o outro cuidado como pouco merecedor de se empregarem nêle os seus grandes talentos.»¹

Exarando êsse autorizado testemunho, comentava JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO: «Fôsse essa, ou outra, a causal do desamparo em que os antigos deixaram a ortografia, reconheçamos o fato que os clássicos não tinham sistema ortográfico, e que êsses admiráveis mestres do dizer seriam do escrever desgraçadíssimos guias.»²

Numa só fôlha de FERNÃO D'ÁLVARES, além de *porfiar*, escreve êle *profiar*, *perfiar*, e *prifiar*, *êmolo* de envolta com *êmulo*, *estorvar* de mistura com *estrovar*. De VIEIRA é *diecese*, *premáticas* e *devação*, a par de *devoção*, *pragmáticas* e *diocese*. Deduzir-se-á daí que essas formas opostas, ou diversas, eram igualmente certas? Quem escrevesse hoje *diecese*, *pregmática*, *estrovar*, *prifiar*, *perfiar*, ou *profiar* escaparia à nota de êrro?

FRANCISCO JOSÉ FREIRE, nas suas *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*, rejeita como formas errôneas *enteado*, *milhafre*, *brazão*, *corsário*, *estômago*, *gasnete*, *lacre*, *ode*, *antepondo-lhes oda*, *lacra*, *gasnate*, *estâmago*, *cossário*, *blazão*, *bilhafre*, *anteado*.³ Mas não incorreria em êrro quem de qualquer

1. Ap. CASTILHO JOSÉ: *Ortografia Portuguesa*. [Rio de Jan., 1860], p. 50.

2. *Ibid.*

3. Parte II, p. 41-139.

dêstes modos escrevesse? Porque Luís de Camões escrevia *antão, agardecer, antre, contrairo, piadoso*, evitaria a tacha de errada a escrita, que hoje o imitasse? Porque D. DUARTE, GIL VICENTE, FERNÃO D'OLIVEIRA e JOÃO DE BARROS, em vez de *sou*, usavam *são, som e so*, deixaria de *errar* atualmente quem de igual maneira se exprimisse? FERREIRA, BERNARDES, ANTÔNIO VIEIRA muita vez nos deparam *consume, cubre, acude*. *Estrue e fuge* são formas camonianas. Mas quem agora as adotasse, não atentaria contra a gramática? Não cairia hoje em ridículo êrro quem escrevesse *estormento e tabalião* [por *tabelião e instrumento*], só porque essa era a ortografia de FR. Luís de SOUSA?

Querem ver como andava, séculos atrás, a ortografia portuguêsa, tomem, por exemplo, o *Leal Conselheiro* e o *Livro da Ensinaça* de el-rei D. DUARTE. Eis aqui, em rápido quadro, segundo êles, o como então se escrevia a nossa língua:

ANTIGA ORTOGRAFIA.	PÁG.	ORTOGR. ATUAL.
<i>Tiba</i>	23, 24.....	Tíbia.
<i>Ysame</i>	26.....	Exame.
<i>Celorgião</i>	32.....	Cirurgião.
<i>Solorgiaães</i>	59.....	Cirurgiões.
<i>Scoldrinhar</i>	63, 107.....	Esquadrinhar.
<i>Somana</i>	64.....	Semana.
<i>Hida</i>	115.....	Ida.
<i>Hira</i>	97.....	Ira.
<i>Hyra</i>	344.....	Ira.
<i>Hidade</i>	115.....	Idade.
<i>Hydade</i>	117.....	Idade.
<i>Husar</i>	70, 76, 99..	Usar.
<i>Deferença</i>	64, 65, 79..	Diferença.
<i>Nembrar, nembrança</i> .	68, 70.....	Lembrar, lembrança.
<i>Consiirar, consiiraçom</i>	66, 67, 69..	Considerar, considera- ção.

ANTIGA ORTOGRAFIA.	PÁG.	ORTOGR. ATUAL.
<i>Contrairo</i>	68.....	Contrário.
<i>Ataa</i>	69.....	Até.
<i>Sobervoso</i>	65, 89.....	Soberboso.
<i>Soberva</i>	73, 89.....	Soberba.
<i>Fectas</i>	73.....	Feitas.
<i>Compre</i>	74, 76, 86..	Cumpre.
<i>Fortelleza</i>	72.....	Fortaleza.
<i>Esto</i>	74, 77.....	Isto.
<i>Aquello</i>	75, 76, 77..	Aquilo.
<i>Boos</i>	74, 75.....	Bons.
<i>Entençons</i>	75, 78.....	Intenções.
<i>Soo</i>	75.....	Só.
<i>Enframado</i>	79, 98.....	Inflamado.
<i>Syntem</i>	80.....	Sentem.
<i>Prouxemos</i>	92.....	Próximos.
<i>Arrevatado</i>	96.....	Arrebatado.
<i>Descliçam, descliçom..</i>	99, 116, 152	Discrição.
<i>Suydade</i>	103.....	Saudade.
<i>Cehumes</i>	104.....	Ciúmes.
<i>Enduzir</i>	107.....	Induzir.
<i>Persoa</i>	107.....	Pessoa.
<i>Perpuz</i>	114.....	Propus.
<i>Praneta</i>	133.....	Planeta.
<i>Omecidio</i>	109.....	Homicídio.
<i>Odiencia</i>	116, 333....	Audiência.
<i>Strollagos</i>	133.....	Astrólogos.
<i>Estronomia</i>	213.....	Astronomia.
<i>Gatom</i>	118.....	Catão.
<i>Avangelho</i>	455, 466....	Evangelho.
<i>Pusalamidade</i>	157.....	Pusilanimidade.
<i>Hodio</i>	280.....	Ódio.
<i>Hunido</i>	266.....	Unido.
<i>Samos</i>	367.....	Somos.
<i>Specia</i>	269.....	Espécie.

<i>Porveza, proves</i>	187.....	Pobreza, pobres.
<i>Proveza</i>	229, 425.....	Pobreza.
<i>Hetica</i>	282.....	Ética.
<i>Fremosura, fremoso</i> ...	229, 477.....	Formosura, formoso.
<i>Pervista</i>	435.....	Prevista.
<i>Prelongar</i>	420.....	Prolongar.
<i>Estoria</i>	230.....	História.
<i>Vehuva</i>	235.....	Viúva.
<i>Formento</i>	250.....	Fermento.
<i>Estromento</i>	450.....	Instrumento.
<i>Persciencia</i>	220.....	Presciência.
<i>Estucia</i>	384.....	Astúcia.
<i>Infruencia</i>	221.....	Influência.
<i>Aprycar</i>	333.....	Aplicar.
<i>Preto</i>	617, 624, 643	Perto.
<i>Entrepelar</i>	461.....	Interpretar.
<i>Emprasto</i>	485.....	Emplastro.
<i>Madurgar</i>	486.....	Madrugar.
<i>Estinto</i>	385.....	Instinto.
<i>Húçara</i>	230.....	Úlcera.
<i>Angio</i>	52.....	Anjo.
<i>Punar</i>	272.....	Pugnar.

Se um aluno do professor CARNEIRO lhe perpetrasse um *isame*, um *deferença*, um *enframado*, um *praneta*, um *omecidio*, um *odiencia*, um *estronomia*, um *avangelho*, um *fremoso*, um *estoria*, um *entrepelar*, um *formento*, um *emprasto*, e outras dessas aí catalogadas, livrá-lo-ia alguém dos *rr* magistrais, embora a seu favor depusessem os mais clássicos exemplares da antiga ortografia?

Dirá o dr. CARNEIRO que o seu escusador não vem de tão remota antiguidade. É verdade: AMADOR ARRAIS pertence ao século XVI. Mas dêsse mesmo século é ANTÔNIO FERREIRA, que escrevia *dereito*, por *direito*, *sogigar* por *subjugar*,

piadade e *piadoso* por *piedade* e *piedoso*, *ouve* por *houve*, *moura* por *morra*, *reposta* em vez de *resposta*, *reto* em lugar de *repto*. [Obr., v. II, p. 109, 136, 180, 99, 179, 111, 257, 270, 261, 224, 95, 173, 232, 233, 234, 240.] MANUEL BERNARDES é ainda menos velho: já se inscreve no século XVII. Entretanto, ortografava *trocida*, por *torcida*, *postrar* por *prostrar*, *perferir* por *preferir*, *anciaons* por *anciões*. [Nova Flor., v. II, p. 214, v. IV, p. 88, 338, 168.]

271. — E nesses exemplos se trata simplesmente de modos, que envelheceram. No caso de *prefazer*, porém, tudo induz a crer uma negligência do escritor, ou um descuido na oficina. Neste sentido milita, primeiramente, a consideração da unicidade, em que se acha o exemplo alegado.¹ A esta se acrescenta a de que BLUTEAU, minucioso como se sabe a respeito das formas antigas, dessa não faz memória. Em terceiro lugar, *prefazer* teria gerado *prefeição* e *prefeito*, variantes que desde os mais remotos lexicógrafos nunca se dicionarizaram, nem me consta que deixassem rastro nos velhos escritores.

CASTELO BRANCO teria escrito realmente, nos *Mistérios de Fafe* [p. 225], *perguiceira*, em vez de *preguiceira*? na *Doida do Candal* [p. 188], *persistir*, em lugar de *persistir*? Seria, com efeito, de CASTILHO o *provir* [porvir], que nos *Fastos*, v. II, p. 109, se nos depara? Ou é que lho atribuíram caluniosamente os seus impressores? Parece manifesto. Pois da mesma origem derivará o *procelanas* de FR. LUIS DE SOUSA [Vida do Arceb., I. II, c. 29], o *permissas*, o *persevarar*, o *perseveração* de VIEIRA [Cartas, v. IV, p. 35; Serm., v. V, p. 43 e 45], em vez de *preservação*, *preservar*, *premissas*, e, enfim, o *prefazer*

1. Verdade é que em FILINTO, *Obras*, v. XXII, p. 46, se me depara outro exemplo da mesma cecografia: «Nunca hei de *prefazer* obra.» Mas este caso igualmente solitário, séculos depois do outro, não altera os têrmos do meu raciocínio.

de COUTO, citado pelo dr. CARNEIRO. São meras inversões tipográficas de duas ou três letras. Nada mais.

A que vêm, pois, os largos latins, em que deu para se embrenhar, tão fora de propósito, o mestre? *Perfazer* nada tem com o *prae* dos romanos. Diogo do COUTO, como João de BARROS, e AMADOR ARRAIS, que eram latinistas, não podiam incorrer na confusão vulgar, a que se refere DIEZ, e se quer apegar o dr. CARNEIRO, entre o *prae* e o *per* da nossa língua mãe. *Perfazer* emana diretamente do *perficere* latino, como BLUTEAU já consignava; e aquêles profundos sabedores das coisas da latinidade não o podiam ignorar.

272. — Conferir diploma de tradição clássica a manifestos deleixos de composição no estampar desses livros seria destreza de sofista; mas não é recurso de mestre. Os bons autores sempre escreveram *perfazer*. «Entre o fazer e o *perfazer* há grandes intervalos», disse VIEIRA. [Sermões, ed. ant., v. VII, p. 159.] «Com a qual gente de guerra *perfaz* dom Nuno trezentos homens de cavalo.» [DAMIÃO DE GÓIS. *D. Manuel*, c. IV, p. 23.] «Tanto que se *perfizeram* êstes setenta dias.» [GODINHO. *Viagem da Índia*, 168.] «Muito fizeram os que vieram antes de nós, mas não *perfizeram*. *Perfazer* a soma, *perfazer* a quantia. *Perfazer* o seu têrço. *Perfazer* dias.» [BLUTEAU, v. VI, p. 418-9.]

Em nossos tempos ninguém escreve de outro modo: «O modo de se *perfazer* a educação e a instrução pública devia ser êsse, e não outro.» [CASTILHO: *Fel. pela Instr.*, p. 49.] «Olhos em suma que só a sabedoria de quem os ideou e *perfaz* poderia discriminar.» [Id., *Amor e Melanc.*, p. 282.]

273. — Entretanto, os clássicos escreviam freqüentemente *preguntar*; e, com ser essa talvez a forma preferível, não a prática o dr. CARNEIRO. Mas, ao passo que, apoiando-se na casualidade insignificante de um texto provávelmente

deformado por uma negligência de compositor, busca absolver a errônea transposição de letra, evidente em *prefazer*, apontava como *barbarismo* [Serões Gramatic., p. 346-7] *tijuco* por *tujuco*, quando um e outro vocábulo têm a mesma cotação [FIGUEIREDO. Dicionár., v. II, p. 614 e 656]; como *barbarismo*, *abóbeda* [por *abóbada*], ortografia portuguêsa, adotada por JACINTO FREIRE [I. II, n. 82¹], DUARTE NUNES, MANUEL BERNARDES, registada por MORAIS, DOMINGOS VIEIRA, ADOLFO COELHO, FIGUEIREDO e ainda recentemente autorizada por CASTILHO, na forma *bóbeda*²; como *barbarismo*, ainda, *ringir*, em vez de *ranger*, quando o primeiro, com o seu étimo no *ringi* latino, é português reconhecido em MORAIS, CONSTÂNCIO, AD. COELHO, JOÃO DE DEUS, FIGUEIREDO e chancelado por C. CASTELO BRANCO³.

Prefazer está no mesmo nível de *prejúrio*, que C. DE FIGUEIREDO⁴ qualificou de «tolice ortográfica», e de *percursor* e *promenores*, a que êsse filólogo chama de «erros vulgares».⁵ Ao avôsso de *prefazer*, gerando *prefeito*, em lugar de *perfeito*, não falta por aí quem, aludindo aos nossos juízos locais e a outras autoridades que usam do mesmo nome, os denomine *perfeitos*. Tão bom como tão bom.⁶

1. «E assi encheu levemente de soldados o lugar donde pelejava que era o cirado ou *abóbeda* da igreja.»

2. «E pelas negras *bóbendas* da selva
Êstes do nume oráculos reboam.»

[*Fastos*, v. I, p. 125.]

É ortografia também de MANUEL BERNARDES, *Nova Flor.*, v. II, p. 297. Doutras vezes escreve *bóveda*. [V. II, p. 122, v. IV, p. 14.]

3. «O padre manda-o escutar o estridor de dentes que *ringem* lá em baixo no sempiterno horror.» [Cancion., p. 512.]

4. *Lições Práticas*, v. II, p. 304.

5. *Id.*, v. III, p. 224-5.

6. *Ibid.*

§ 69

DIVERSÓRIO

274. — Aqui está um dos pontos, em que se desnuda sem a menor cerimônia o espírito de sofisma, cujo sopro anima a crítica do mestre, acentuando a veia de malignidade, que a entretém.

Em uma das suas diversões pelas minhas notas e pela minha exposição preliminar, matéria alheia da tarefa que lhe confiara a comissão da câmara dos deputados, cuidou ver o ilustre professor ensejo precioso a brilhaturas de erudição num dos trechos mais inocentes do meu comento preambular. Referindo-me aos vícios de redação no projeto, escrevera eu:

«A cada passo entre o meu espírito e o do legislador se interpunha ela como um véu, um *diversório*, ou um *tropêço*.»

Não podia estar mais claro o pensamento. Que outra idéia sugere *diversório*, a não ser a de coisa que *diverte*¹, ou distrai? *Diversório*, quem à primeira vista o tomaria, senão como equivalente a *diversão*, ou coisa que a promova? O comum dos leitores ali não veria outra coisa. Apenas algum erudito lhe associaria, talvez, a sua acepção latina e clássica, hoje em dia inteiramente esquecida.

Vejam, porém, como o mestre as arranja. «Nesta frase», diz êle, «o vocábulo *diversório* parece tomar-se como sinônimo de *tropêço*, embaraço, estôrvo.» Parece, como? Parece, por quê? O contrário é o que, sobre *parecer*, ali se acha até palpavelmente manifesto.

1. «Mas é tempo de tornarmos ao fio da história, que nos temos *divertido* muito.» [Sousa. *Hist. de S. Dom.*, p. I, I, IV, c. 7.] «Por nos *divertir* a atenção com outra indústria, mandou fabricar alguns cavalos de madeira.» [JAC. FREIRE. *D. João de C.*, II, 111.] «Trata Rumecão *divertir*-nos.» [Ib.] «Nos outros baluartes não estavam as armas ociosas porque em todos se pelejava para com a *diversão* facilitar a entrada pelo de Santiago onde havia rebentado a mina.» [Ib., n. 131].

Pareceria assim, por anteceder, na frase, ao vocábulo *tropéco*? Mas é inverter as guardas à lógica. Por isso mesmo que a noção de *tropéco* lá se achava já expressa justamente nessa palavra, não era de supor se malbaratasse outra em retrilhar a mesma idéia.

Pois então só por encontrarmos um adjetivo a par de outro, colheremos daí que se empregaram sinônimamente, embora acepções distintas os separem? O que a boa razão ensinaria, é precisamente o inverso. São os dois epítetos suscetíveis de expressões diversas? A presunção é que enunciam idéias diferentes. O critério oposto não tem senso comum.

Cai-me a talho um exemplo. Escreveu algures LATINO-COELHO: «Foram uma verdadeira revolução, mas uma revolução, em que o sangue, o luto, a *desolação* e a ignomínia doutrinaram a França.» [Al. de Humboldt, p. 377-8.] Ora dois sentidos tem o nome *desolação*: o de *assolação*, *devastação* [e neste é vernáculo]; o de *consternação* e *luto* [e neste passa por francesia¹]. Poderíamos tomar, naquele trecho, *desolação* por *amargura*, *mágoa*, *tristeza*, para arguir de galicismo o escritor? Não. Essa idéia já se enuncia ali na palavra *luto*. Não era de supor se repetisse na sua vizinha. Mas ao contrário nos levaria a norma implícita na censura a que respondo. Fala-se acolá de *luto*? E ao pé de *luto* se fala em *desolação*? Logo, na dialética do mestre, *desolação* ali está em sinonímia com *luto*. Mas não se pode raciocinar pior.

275. — No lance transcrito da minha exposição preliminar ninguém, de boa-fé, poderia fazer essa confusão. De três modos caracterizava êle a viciosa forma do projeto. Em

1. Ao menos, assim o entende o professor CARNEIRO, que com esta nota inclui, na sua *Gramática* [p. 433], entre os barbarismos o adjetivo *desolado*. Entretanto, VIEIRA disse: «Um ano faz hoje que o céu que vos tinha dado ao mundo, vos tornou a levar, e que deixastes em tanta tristeza e *desolação* o reino e os vassalos, para que nascestes.» [Serm., v. II, p. 68].

vez de ser esta o veículo transparente de comunicação intelectual entre o legislador e o intérprete, continuamente a dificulta, dizia eu, ora *obscurecendo*, ora *embaraçando*, ora *distraindo*. Aqui lhe falta a luz, e se anuvia: é o véu. Ali obra como estôrvo, em que se topa: é o tropéço. Acolá transvia, afasta, *diverte*: é o diversório.

São três palavras, cada uma com o seu significado. Bem o viu o dr. CARNEIRO; e tanto lhe remorreu a consciência da assacadilha, que teve a cautela de abrir uma fresta à retirada, acrescentando: «Entretanto, se foi neste sentido que o empregou o dr. RUI...» Mas, se há este sentido, se êle cabe, e evidentemente melhor, no intento da frase, por que lhe atribuir o outro?

Foi, contudo, o que praticou o crítico iníquo, prosseguindo, sem embargo da condicional dubitativa: «Se foi neste sentido que o empregou o dr. RUI, *torceu-lhe e desviou-lhe de todo o ponto o sentido*.»

Era mister, pois, que eu fôsse pôsto às varas do ridículo, figurando-se haver metido no meu substitutivo *uma estalagem*, quando coisa tão diversa tinha em mente, assim como que o mestre assombrasse os discípulos, desmontando a coorte inteira dos léxicos, e «molestando os ouvintes com os latins largos», de que VIEIRA falava¹, para mostrar que *diversorium*, entre os romanos, significava *hospedaria*, e que em português é essa *uma* das suas acepções.

276. — Ora vamos. No latim mesmo o vocábulo não tem sómente a acepção de *hospedaria*, *poisada*. FORCELLINI, citando o *Thesaurum Novae Latinitatis* do grande filólogo MAI, regista *diversorium* como sinônimo de *diversio*:

«*Diversio, et HOC DIVERSORIUM; diversitas viarum. Thes. Nov. Lat., p. 601. Mai.*»
 [Totius Latinitatis Lexicon, v. VI, p. 579.]

1. *Sermões*, v. I, p. 68.

E nada mais natural, desde que, na língua dos romanos, o verbo *divertere*, ou *devertere*, de onde provêm juntamente *diversio* e *diversorium*, ou *deversorium*, significava também *apartar-se do caminho*: *divertere via* [FORCELLINI, v. II, p. 682], e no sentido translato exprimia o *fazer digressão*, *distrair-se do assunto*: «*Translate, tam active, quam passive, est a re proposita deflectere, far una digressione.*» [FORCELLINI, *ibid.*] É assim que CÍCERO escreveu: «*Sed redeamus ad illud unde divertimus.*» [XII, *Ad. Fam.*, 25, *a med.*] Da mesma sorte OvíDIO: «*Inferior virtute meas divertor ad artes.*» [IX *Metamorph.*, 62.]

277. — Que nos importam aliás, no caso, os romanos, se foi o próprio dr. CARNEIRO quem se espraiou em outros latins, a propósito do verbo *carecer*, na significação de *precisar*, para dar a ver quão facilmente mudam de significação os vocábulos, quando passam do idioma original para o adotivo?

No português é que se trava a questão. À palavra *diversório*, entre nós, toca únicamente a significação de *estalagem*? Não. O próprio dr. CARNEIRO o confessa, quando, a par de BLUTEAU, com os modernos CONSTÂNCIO, VIEIRA, MORAIS e ADOLFO COELHO, que registam *diversório* como sinônimo de *estalagem*, *hospedaria*, *pousada*, transcreve AULETE e CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, que o definem como *diversão*, *diversivo*. «*Diversório*», diz AULETE: «*o mesmo que diversivo.*» «*Diversório*», define C. DE FIGUEIREDO: «*adj., o mesmo que diversivo; s., aquilo que diverte; diversão.*» E nada mais, também.

Note-se bem. BLUTEAU, CONSTÂNCIO, VIEIRA e MORAIS, a saber, os mais antigos lexicógrafos portuguêses, não dão à palavra senão o seu principal significado etimológico, primitivo, latino: o de *estalagem*. Dos modernos, porém, o único [ADOLFO COELHO] onde ainda se encontra a palavra com aquêle sentido, no-la averba de *desusada*. Seguem-se os dois mais recentes: AULETE e FIGUEIREDO. AULETE já não menciona senão sómente a acepção nova: *diversivo*. Fi-

GUEIREDO atribui-lhe a dupla existência de adjetivo e substantivo, correspondendo simultâneamente a *diversivo* e *diversão*. Sendo, portanto, êstes dois últimos vocabulários c espelho-menos infiel, a imagem mais completa do estado atual da nossa linguagem, que é o que havemos de coligir? Que a erosão do tempo gastou a *diversório* o seu primeiro significado, e o eliminou de todo¹, restando-lhe hoje, graças às variações contemporâneas da língua, únicamente o novo, desconhecido-aos antigos.

278. — O mesmo acontece ao inglês, a que o latim herdou igualmente êsse vocábulo, ignoto a franceses e italianos. Vou até o Tâmisa, porque o dr. CARNEIRO ali me chama, citando, a propósito, WEBSTER, para demonstrar o duplo sentido, naquele idioma, da palavra que se discute. Verdade é que êsse dicionarista ainda lhe atribui ambas as acepções, definindo, em dois artigos distintos: «*Diversory*, a. *Serving to divert. Diversory*, n. A *wayside inn.*» Também o *Encyclopædic Dictionary*, de CASSELL [v. III, p. 135], além de «*Serving or tending to divert; diverting; discriminating, distinguishing*», faz em seguida menção do substantivo homomorfo, com a definição: «*A wayside inn.*»

Mas por que nos não falou agora o dr. CARNEIRO no WHITNEY, seu tira-dúvidas habitual, neste debate, quanto a assuntos ingleses? Porque no *Century Dictionary* daquele famoso glossólogo já se não encontra o substantivo *diversory*, estalagem, mas únicamente o adjetivo *diversory*, significando a qualidade daquilo que *distrai, diverte*: «*Serving to divert.*» [V. II, p. 1.704.]

1. Aliás encontro em CASTILHO ANTÔNIO:

«As «lbergarias ou diversórios de velhos.» [Colög. Ald., p. 99.]

«A fundação de um tal *diversório* em cidades de meã grandeza não excederia de uns cem mil réis.» [Ib., p. 101].

Ora que concluir daí, senão que o desuso obliterou, no inglês, também, a êsse vocábulo a primeira acepção, a de *estalagem*, deixando-lhe exclusivamente a de *diversivo*?

279. — Como quer que seja, ou se perdesse, ou se conserva ainda no português, a significação de *hospedaria* à palavra *diversório*, ninguém, nem o dr. CARNEIRO mesmo, lhe recusa a outra. Temos, pois, o direito de escrever *diversório* por *diversão*, *diversivo*. É o que faz algures CASTILHO JOSÉ¹: «Não ver na melhor parte da humanidade senão um *diversório* de sensuais apetites.»

Nessa acepção a empreguei, translúcida e manifestíssimamente. Não fui eu, pois, o que *torci* a palavra do seu sentido vernáculo. O dr. CARNEIRO, sim, é quem a *torce* do significado em que eu a usara.

§ 70

Art. 1.320

«SALVO SE PROVAR ÉSTE»

280. — «*Salvo se provar* éste que não podia continuar no mandato sem prejuízo considerável.»

Ponderei a isto apenas que «aqui soa e cabe melhor a construção natural, *se éste provar*, do que a transposta, *se provar éste*.»

Sustentando, porém, a sua redação, pretende o dr. CARNEIRO não incorrer ela «em falta alguma, nem no que toca às regras gramaticais, nem no que respeita à harmonia do

1. Tenho o tópico transscrito com cuidado nas minhas notas, onde vejo que é da *Grinalda Ovidiana*. Deixei, porém, de registrar a página, assim como se pertence à *Grinalda dos Amores*, ou à da *Arte de Amar*. Posso, porém, assegurar a fidelidade da transcrição.

discurso.» Ora, nem de uma, nem de outra falta o argüira eu. O que dissera, é que *melhor* soaria a outra forma do que essa. Mas o *melhor* supõe, rigorosamente falando, comparação entre duas coisas uma e outra boas. Logo, dizendo *mais bem* soante ali a construção direta que a inversa, não pus a esta a coima de *mal* soante. Limitei-me a preferir, das duas, a primeira, como superior à outra.

Quando, porém, eu a negasse de bem soante, não é com um exemplózito, nu e cru, de GARCIA DE RESENDE que me haviam de confundir. A êsse respeito os clássicos, sobretudo os dessa idade, não são dos melhores tira-dúvidas. Nem sempre afinava com a nossa a orelha gramatical dos clássicos. Naquelas eras, por exemplo, soava ótimamente êste vernáculo:

«As cousas que vendem lá
São de bem pouco proveito
A quem quer que as comprará.»

[GIL VIC., I, p. 164.]

E quem presentemente o subscreveria?

Na mesma prosa de FR. LUÍS DE SOUSA sobre tôdas cheia de harmonia e doçura, há dissonâncias formidáveis. Haja vista o «*hão que são*» do l. III, c. 7, na *Vida do Arcebispo*. Não basta, pois, ser clássico, para não incorrer em tacha desta natureza.

§ 71

Art. 1.297

AGIR

281. — Não me respondeu o mestre aos argumentos contra a vernaculidade dêste verbo. Afinidades analógicas eu não lhe negara. O que lhe neguei, foi a *necessidade*, ou

sequer a *utilidade*, cláusula não menos essencial às cartas de naturalização em filologia. Inundar uma língua de neologias inúteis não é melhorá-la, mas corrompê-la.

Do *agir* nenhuma precisão tem um idioma, que, para o mesmo efeito, dispõe de: *fazer, andar, obrar, operar, atuar, proceder, portar-se, comportar-se, haver-se*.

FAZER, ANDAR: «Fizeste bem, Cubas; *andaste* perfeitamente.» [M. DE ASSIS. *Brás Cubas*, p. 147.] «Os discípulos, que nesta ocasião *andaram* menos finos, foram os de Emaús.» [VIEIRA. *Serm. Ap. Dic. da Acad.*] «Fêz pessimamente!... Oh, êsse avô Gutierres *andou* perfeitamente.» [EÇA. *Ramires*, p. 289.]¹

OBRAR: «*Obra-se* mal, não só quando *se obra*, não só quando se aconselha, senão também quando se permite.» [VIEIRA. *Obras Inéditas*, v. II, p. 179.] «Maravilhas que *obra* o Senhor em seus santos.» [SOUZA. *V. do Arc.*, I. II, c. 24.] «Das maravilhas que *nela obra* o céu.» [Ib., c. 32.] BERNARDES. *Luz e Calor*², p. 36, n. 48, p. 65, n. 85. — «Consideremos na perfeição e miudeza, com que os santos *obraram*.» [Ib., p. 95, n. 117.] «Aqui se descobre outro par de perfeições no modo de *obrar*.» [Ib., p. 97, n. 118.] SOUSA. *Hist. de S. Domingo*³, I. VII, c. 32, p. 326, 329. — «Só havia de *obrar* com as mãos.» [ARRAIS. *Diál.*, c. XIX.] «Falar, *obrar* contra êles.» [GARRETT. *Obr.*, v. XXIII, p. 115.] «Mas grandes coisas do mundo se têm *obrado* por semelhantes penquenezas.» [Ib., p. 304.] «Não diziam o que sentiam, ou não *obravam* como diziam.» [Ib., p. 414.] «*Obrou* como português o ministro de então; como portuguêses estão *obrando*

1. «*Andar. Obrar.* Anda sincero e sem rebuços. Parece-me que neste negócio andais com muito ânimo e vigor.» [BLUTEAU. *Voc.*, v. I, p. 368]. «*Andar. Obrar,* proceder, portar-se, conduzir-se.» [Dicionário da Academia, tomo I, pág. 298.] «*Andar. Portar-se, haver-se.*» [MORAIS, *Dic.*]

2. Ediç. de Lisboa, 1696.

3. Ed. de 1866, v. II.

os ministros de hoje.» [CASTILHO. *Felic. pela Instr.*, p. 87. Mais: *Amôres*, v. III, p. 9. *Tartufo*, p. 113, 135.] «Executando e obrando pessoalmente.» [J. F. LISBOA. *Obr.*, v. IV, p. 34.]

OPERAR: «Os prodígios operados nas escolas.» [Ib., p. 12.] «A Patagônia opera sobre o Intelecto como Vichy sobre o fígado.» [EÇA DE QUEIRÓS. *Fradiq.*, p. 65.] «Ou porque nêle se tivesse já operado com a idade êsse fenômeno.» [Ib., p. 98.] «Teve necessidade de deixar sair, para se afirmar e operar fora, aquêle imenso talento.» [Ib., p. 172.]

ATUAR: «No mar que fôrça atua.» [Geórgic., p. 127.] «A educação da mulher vem depois a atuar na educação doméstica dos filhos.» [CASTIL. *Colóq.*, p. 88.] «Atuar sobre multidões de enfermidades e misérias.» [Ib., p. 143.] «Poderão atuar sobre a agricultura.» [Ib., p. 181.] «As Caixas Econômicas... atuam com aquela possante energia que todos sabem haver nos juros compostos.» [Ib., p. 204.]

PROCEDER: «Não foi de consideração pola muita vigilância com que o capitão procedia.» [SOUZA. *Anais*, p. 239.] «Sendo informado da lealdade com que o Xeque Raxit procedera.» [Ib., p. 275.] «E não bastou para lhe cortar o fio dêste proceder um caso não cuidado.» [Ibid.] «Fêz grandes informações em Braga da vida e governo e modo de proceder de seus antecessores.» [SOUZA. *V. do Arc.*, I. I, c. 11.] «Como procedia cada um em sua obrigação.» [Ib., c. 12.] «Neste modo de proceder.» [Ib., c. 13.] «Neste gênero de proceder era incansável.» [Ib., c. 14.] «O modo que aquêles padres tinham em proceder.» [Ib., I. II, c. 32.] «Vendo o modo com que os homens procedem, e com que obram.» [FILINTO. *Obr.*, v. XIII, p. 208.] «Na Bahia procedeu-se como nos demais pontos da monarquia.» [J. F. LISBOA. *Obr.*, v. IV, p. 27.] «Virtudes domésticas... servindo igualmente para bem proceder e bem pintar.» [RAMALHO. *A Hol.*, p. 342.] «Não procedesse contra os bandidos.» [EÇA. *Ramires*, p. 457.]

PORTAR-SE: «Para mostrar que a Mãe se portava como se não fôra Mãe.» [VIEIRA: *Serm.*, v. IV, p. 248.] «Portai-vos de tal maneira, sendo sempre o mesmo, que vos possam todos louvar.» [Ib., v. V, p. 109.] «Assim vos deveis portar de maneira que nem inclineis para uma parte nem para outra.» [Ib., v. IV, p. 215.] «Ele se portou com tal mansidão.» [M. BERN. *N. Fl.*, v. II, p. 189.] «Outro quis portar-se fiel.» [Ib., p. 251.] «Se a alta intervenção divina se portasse estranha aos ataques e escaramuças que o padre Casimiro narra sem bazófia.» [CAMILO. *Maria da Fonte*, p. 85.] «Portou-se sempre com honra.» [RAMALHO. *Hol.*, p. 288]. — EÇA. *Ramires*, p. 58, 439; *Os Maias*, v. I, p. 234, 304, 337, v. II, p. 150, 313, 392.

COMPORTAR-SE:

«E cada um se comporte
Dando graças infinitas
A Deus e a El-Rei e à Côrte.»

[GIL VICENTE, v. II, p. 437.]

«Criatura não vejo comportar-se
Comedida.»

[FILINTO. *Obr.*, v. XIII, p. 141.]

«Comportara-se de uma maneira atroz.» [EÇA. *Os Maias*, I, 94.] «Pelo menos comigo assim se comportou imutavelmente.» [EÇA. *Fradiq.*, p. 61.]

HAVER-SE¹:

«Quem dêste vício se quiser, com a graça de Deus, guardar, de tôdas quatro partes se guarde, avendosse como convém.»

1. Com certa analogia usavam os latinos de *habere se* na acepção de *comportar-se*. [FREUND. *Grand. Dictionn.*, v. II, p. 65.]

[D. DUARTE. *Leal Conselh.*, p. 173.] «E nom tenhaaes que com todollos homeens convém de nos aver dhūa guisa.» [Ib., p. 147.] «Com estes homēes nos devemos aver como aquel que aos cavalos bem sabe trazer a maão.» [Ib., p. 243.] «Como em cada hūa nos devemos aver.» [Ib., p. 247.] «Muyto convem consiūrar com quem nos devemos aver.» [Ib., p. 285.] «Assy se deve de haver o pryncipado ao poboo assy como o beesteiro se ha aa seeta.» [Ib., p. 922.] «Por deestra e seestra maão se ha de tal guysa, que em cada hūa se faz vencedor.» [Ib., p. 313.] «Nem pode seer que todos em ellas se ajam per hūa maneira.» [Ib., p. 317.] «Haviam-se com ellas como ginetes com os homens de armas.» [BARROS. *Déc.* III, VI, 8; v. VI, p. 78.] «Não vos lembrará o que me ouvistes contar de como me custumo haver.» [Eufrósina, V, 5.] «Acrescenta como se hão de haver nas batalhas.» [VIEIRA. *Serm.*, v. V, p. 172.] «Por certo que não nos havemos nós assim nas temporalidades.» [Ib., p. 205.] «Hão-se de haver os pregadores evangélicos na formação desta parte do mundo, como Deus se houve ou se há na criação e conservação de todo.» [Ib., p. 333.] «Houve-se a Senhora na eleição da ordem carmelitana, houve-se esta Mãe na eleição d'estes filhos, como se houve Deus na eleição de sua Mãe.» [Ib., v. VI, p. 299.] «Os outros fidalgos e cavaleiros se houveram tão iguais no valor, que nenhum mereceu segunda fama.» [JAC. FREIRE. *D. João de C.*, IV, 67.] «Hajamo-nos, pois, com a nossa língua, como os romanos se houveram com a sua.» [ANT. PER. DE FIGUEIREDO. *João de Barros. Memór. de Liter. Portug.* v. IV, p. 23.] «Andando às voltas com elle da maneira que se hão os genetes com a gente d'armas.» [BARROS. *Déc.* I, I, 14. V. I, p. 119.]

«Houve-se Amor comigo
Tão brando ou pouco irado
Quanto agora em meus males se conhece.»

[CAMÕES. *Obr.*, v. II, p. 25.]

«Como bem prudente e sagazmente se houveram os romanos contra os cartagineses.» [JOÃO DE BARROS. *Gramát.*, p. 158.] «Ela gabou-ma de muito discreta, e lida, e de especial condição, e que se havia também com ela, como se fôra sua irmã.» [JORGE FERREIRA. *Eufrósina*, I, c. 1.] «Se se mete a delfim, veja como se há com o leão.» [D. F. MANUEL DE MELO. *Feira de Anex.*, p. 158.] «E de maneira se houve em tôdas, que o reverendíssimo geral... lhe deu grau de mestre.» [SOUZA. *V. do Arc.*, I, I, c. 4.] «Como se houve no cargo.» [Ibid.] «Ele se havia com todos como irmão menor.» [Ib., I, II, c. 30.] «Quis ouvir os pareceres dos capitães e soldados velhos sôbre o como se deviam haver naquela ocasião.» [SOUZA. *Anais*, p. 163.] «Com tanto valor se ouve.» [Ib., p. 247.] «Não polo feito, mas polo térmo e pouco respeito com que o Macedo se houve.» [Ib., p. 276.] «Houve-se Deus com os portuguêses como o agricultor de luzes.» [VIEIRA. *Serm.*, II, p. 252.] «Como brando-senhore se há Jove co'ele.» [FILINTO. *Obr.*, v. XII, p. 216.] «Como te houveras, se...?» [Ib., p. 231.]

«Se sisudo,
Ou não, no caso se houve o imortal Povo
Não é o escopo meu,»

[Ib., v. XIII, p. 290.]

«O senso das turbas mal sabia como se houvesse com as trevas e monstros.» [CASTILHO. *Fausto*, p. VII.]¹ «Com ele se há de haver.» [Ib., p. 164.] «Aqui tens tu como um amigo meu... se houve afinal neste negócio.» [CASTILHO. *Colôq.*, p. 88.] «Haver-se-ia com tôda aquela diligência e escrúpulo.» [Ib., p. 115.] «Como é que vos havíeis de haver nisso?» [Ib., p. 147.] «Ele, porém, houve-se com a maior delicadeza.» [M. DE ASSIS. *Brás Cubas*, p. 368.]

1. Evidentemente por equívoco escreve CASTILHO aí, p. XV: «E como se havem na emprêsa o desenhador?» Neste caso é manifestamente

282. — Ora, todos êsses verbos expressivos, genuínos, valedios entraram a rarear na circulação, desde que a invadiu o serôdio¹ e contestável *agir*. Ensinam economistas que a moeda espúria, onde quer que se admita, expele da

o verbo *avir-se*, correspondente ao adjetivo *avindos*, que empregou na página anterior; e êsse carece de *h*.

Salvo êsse caso, de evidente descuido, não se poderá dizer que os mestres da língua confundissem, como alguns têm dito, com o verbo *avir-se* o verbo *haver-se*. De um e outro nêles se encontram exemplos distintos. CAMÕES, verbi gratia, poctou:

«Com meu gado *me avenho*, e estou contente.»

[*Obr.*, v. IV, p. 27.]

«O rico com seu ouro lá *se avenha*.»

[*Ib.*, p. 124].

FILINTO ELÍSIO, semelhantemente, escreveu: «Lá *se avenham* os soneteiros com Boileau.» [*Obras*, v. V, p. 46.] «Lá *se avenham* com os clássicos.» [*Ib.*, v. VI, p. 230].

DUARTE NUNES, de quem é a frase «Lá *vos avinde*.» [*Crôn. del Rei D. João I*, c. 20, p. 77], inúmeras vêzes se utilizou do *haver-se*: «Pedro Rodrigues, alcaide-mor do Landroal, e Gil Fernandes de Elvas *se houveram* valerosamente.» [*Ib.*, c. 27, p. 102.] «Como também *se houve* contra Pedro Rodrigues da Fonseca.» [*Ibid.*] «Os mouros que ficaram, saltaram com o infante, no meio daquela pressa, e *houveram-se* de tal maneira que alguns dêles caíram ali.» [*Ib.*, c. 92, p. 447.] «Os infantes, não tendo forças para de outra maneira *se haverem*, mandaram...» [*Crôn. del rei D. Af. V*, c. 9, p. 128.] «... a quem por quão valerosamente *se houve* naquela batalha...» [*Ib.*, c. 58, p. 412.] «... o qual... se envolveu com os inimigos, e *se houve* de maneira, que deu grã mostra do homem, que havia de ser.» [*Ibid.*]

E BLUTEAU regista precisamente *haver-se* como sinônimo de «*portar-se*, *obrar*», com as equivalências latinas de *agere*, de *gerere* e estes exemplos vernáculos: «Na administração de seu cargo *houve-se* de maneira que...» «Como *se há de haver o confessor*.» [*Vocabul.*, v. IV, v.º *Haver*.]

I. Aliás autoridade mui eminente [o sr. CÂNDIDO DE FIGUEIREDO] afirma havê-lo encontrado mais de uma vez nos quinhentistas. [*Lições*

circulação a boa moeda. Como que o mesmo ocorre nas línguas entre os vocábulos de contrabando e os de lei. Em se pondo a vogar um têrmo de má nota, que pela novidade atraia os amigos da moda, todos os seus sinônimos correntes, de bom toque e pêso, se vão esquecendo e sumindo.

No Brasil o *agir* hoje está para tudo. Onde êsses nove ou dez verbos se revezavam dantes, com tamanha vantagem do gôsto e propriedade no dizer, quase que se não sabe de presente senão estoutro. Ora, ao meu ouvido pelo menos, o *agir* é uma palavra chocha, enfezada, insignificativa. Não exprime a ação com a sua amplitude, a sua variedade, a sua beleza, a sua força, como *atuar*, *obrar*, *operar*, *proceder*. Nestes domina «o som franco, rasgado, enérgico» do *o* e o do *a*, em que «se expressa a alegria e a grandeza».² São as vozes que correspondem ao movimento, à deliberação, à ação; ao passo que o *i*, predominante em *agir*, desperta «as idéias de tristeza e pequenez».³

No *agir*, a de mais, temos apenas um verbo de significação intransitiva, inadequável à outra. Ao passo que *atuar* reúne esta àquela.⁴ *Obra* e *operar* estão no mesmo caso.⁵

Se a sinonímia subalterna dêstes dois verbos ofende o melindre aos delicados, muitos outros vocábulos de uso corrente,

Prát. da Líng. Port., v. III, p. 82]. Não ponho em dúvida o testemunho, que me merece o maior respeito. Eu, porém, tenho sido menos feliz com os clássicos a êsse respeito. Nunca me depararam, que me lembre, o verbo *agir*.

1. CASTILHO. *Metrificação*, p. 63.
2. *Ib.*, p. 60.
3. *Ibidem*.
4. «Atuado por sentimentos opostos.» A. HERCULANO. *O Monge de Cister*, v. II, p. 72.
5. «O Senhor nada obrou que fôsse indecoroso.» [CASTILHO. *Tartufo*, p. 113.] Vide os exemplos pouco há dados dêsses dois verbos.

como *pejar*, *evacuar*, *soltura* e, até, *congresso*¹, pelo mesmo inconveniente deviam passar ao índice. Depois como é que, repugnando ao verbo *obrar*, não repugnam ao substantivo *obra*?

283. — No aferir dos bons vocábulos a verdadeira pedra de toque está no exemplo dos mestres. Não sei, porém, de nenhum dêsses, que chancele o *agir*. Por fiadores seus mal conseguiu BELLEGARDE² reunir os nomes de BATISTA CAETANO e TEIXEIRA MENDES, homens de muitas letras, mas sem opinião de escritores. Acresce que dêles só o primeiro tem autoridade em filologia. Dos clássicos portuguêses, até CASTILHO, REBÉLO DA SILVA e CAMILO, nenhum conheceu o *agir*. RAMALHO ORTIGÃO, EÇA DE QUEIRÓS e OLIVEIRA MARTINS sem êle passaram; e, entre nós, creio que MACHADO DE ASSIS não o empregou jamais. Que falta nos faz, portanto, êsse neologismo? Que considerações o recomendam?

§ 72

Art. 431

ELIPSE

284. — É com a minha redação dêste artigo a admoestação do censor. Dissera eu assim:

«Se o menor possuir bens, será sustentado e educado a expensas suas, arbitrando o juiz, para tal fim, as quantias que *lhe pareça necessário*, atento o rendimento da fortuna do pupilo, quando o pai, ou a mãe, as não tiver taxado.»

1. «No congresso marital tantas mulheres despachava, quantas admitia.» BERNARDES. *Nova Floresta* [ed. de 1759], tomo II, p. 30. V. MORAIS, *hoc verbo*.

2. *Vocabulário e locuções da língua portuguesa*. [Rio, 1887], p. 15-17.

Pondera agora o mestre:

«É preferível a redação do Projeto.

«Arbitrando o juiz as quantias que pareça necessário.

«Esta frase soa mal: ou deve dizer-se *as quantias que lhe pareçam necessárias ou julgar necessárias* como se lê no Código, ou *as quantias que lhe pareça necessário fazê-lo*, isto é, arbitrar.

«De outro modo, a frase ficaria elíptica e de mau soído.»

Peço vênia, para me não dar por vencido. Estou com o padre VIEIRA [e de par com êle todos os mestres], que disse:

«Da mesma presença de vossa divina e humana majestade espero aquelas assistências de graça, que para tão imenso assunto me é necessário.» [Sermões, vol. VI, p. 38.]

Aquelas assistências de graça, que me é necessário, escrevia, pois, essa autoridade, prócer entre as mais altas. A elipse não o assustou, mas que falasse ao povo, e não se descuidasse jamais da clareza, um dos seus mais luzentes predicados.

É que se trata de uma dessas elipses vulgaríssimas, a que o mais chão discretear do vulgo não se furga. São de cotio entre todo o mundo estas e outras frases:

Só empregue a fôrça, sendo necessário.

Valha-se dos seus amigos, se lhe parecer necessário.

Use dos meios, que achar necessário.

Sirva-se das armas, sendo necessário.

Recorra à fuga, caso seja necessário.

Envide os recursos, que fôr necessário.

Obre com a energia, que houver por necessário.

Renuncie as condições, que *entender necessário*.
 Repreenda com severidade, quando *necessário*.
 Dê de mão às vantagens, que *seja necessário*.
 Reúna os elementos, que lhe *pareça necessário*.

O adjetivo *necessário* na segunda oração de cada uma dessas frases não concorda jamais com o substantivo da oração precedente, a que a interferência do *que* figuraria ligá-lo. Supõe sempre terceiro verbo, elíticamente omitido, que, em se enunciando, intuiria a construção gramatical dêste modo: «Reúna os elementos, que lhe *pareça necessário reunir*. Renuncie as condições, que *entender necessário renunciar*.» E assim por diante.

A redação do substitutivo, no tópico de que me repreende o mestre, é essa, gramaticalíssima, usualíssima, claríssima. Tanto eu podia escrever «arbitrando as quantias, que lhe *pareçam necessárias*», concordando êste qualificativo com *as quantias*, como redigir «arbitrando as quantias, que lhe *pareça necessário*», mediante aquela corriqueira elipse, que mentalmente subentende ali repetido no infinito o verbo do particípio: «arbitrando as quantias, que lhe *pareça necessário arbitrar*».

§ 73

AS NÃO

285. — Mais uma vez a teiró¹ do mestre com a conjunção dessas duas partículas verbais. Deixei liquidado o ponto noutro lugar; *mas não* se me dá de volver a êle.

Já FRANCISCO JOSÉ FREIRE dizia: «Os cacófatons INDISPENSÁVEIS são aquêles que resultam precisamente de duas

1. MORAIS inscreve êste substantivo como feminino; FIGUEIREDO, como masculino. HERCULANO, porém, nos seus romances, ora o emprega num gênero, ora noutro.

vozes, ainda que estas se pronunciem bem, como v. g.: *as* junto ao advérbio *não*, ou a partícula *no*.»¹ Podia acrescentar: a adversativa *mas* com as palavras *não*, *na*, *no*, *nas*, *nos*, *nada*.

São «cacófatons *indispensáveis*», diz CÂNDIDO LUSITANO. Não são cacófatons, penso eu. Poder-se-ia averbar de inarmonia ou desafinação um encontro de sons absolutamente imprescindível nas mais afinadas e melodiosas combinações musicais? Pois do mesmo modo não vejo que caiba incluir entre as cacofonias as junções de palavras imprescindíveis ao melhor uso de um idioma. Cacofonia quer dizer *vício* de fonação no compor ou distribuir os vocábulos. E *vício* é *desvio, anomalia, aberração*. Quando, pois, se trata de associações fônicas essenciais ao jogo do idioma, não se podem tachar de *viciosas*. Logo, não se lhes ajustará o nome de cacofonias.

Serão cacofônicas as palavras *disputar, computar, imputar, reputar, reputação, imputação, computação, reputa, computa, imputa, disputa, deputa* e tantas outras do mesmo soar? Não. E por quê? Porque a sua necessidade e imemorialidade habituaram o ouvido a escutá-las, sem as associar às conseqüências repugnantes, que no próprio contexto dêsses vocábulos se encerram. No mesmo caso estão, em nossa língua e em tôdas as línguas, inúmeros outros têrmos.

286. — Ora é o que se dá com êsses críticos do *as não*, que os nossos gramáticos, obsessos de uma idéia imponderada, copiando-se uns aos outros, argüem de cacofonia. Ainda o pospor do *não* ao *as* poderíamos evadir, antepondo a negativa à variação pronominal. O *mas não*, porém, o *mas na*, o *mas no*, o *mas nas*, o *mas nos*, o *mas nada*, em que se entranha da mesma sorte o *asnão*, o *asna*, o *asno*, o *asnas*, o *asnos*, o *asnada*, interessam, em nosso idioma, a carne viva,

1. Parte II, § 33.

e não poderiam ser proscritos, sem que o mutilássemos, o decepássemos, o lacerássemos, o espoliássemos estúpidamente.

Já se viu, noutra parte dêste trabalho, a freqüência dêsse encontro entre o *mas* e o *não* nos melhores livros antigos. Do CAMÕES, postos de lado os *Lusíadas*, a que já me referi, as demais obras nos deparam freqüentemente *mas não*, *mas nos*, *mas na*, *mas nada*, onde finas orelhas dão agora com o azurrar de *asnões* [?], *asnás*, *asnós* e *asnadas*. Abram-se-lhe as *Obras Completas*, edição crítica do Pôrto, e ver-se-á pastejar todo êsse gado por tôdas elas: vol. I, p. 13, 21, 77, 59, 100, 118; v. II, p. 10, 35, 67, 92, 146, 169; v. III, p. 83; v. IV, p. 32, 116, 134, 143, 149, 153; v. V, p. 37, 52, 87, 105, 119, 156, 160, 161, 167, 187; v. VI, p. 99, 184.

Em FILINTO ELÍSIO acabou a série dos *antigos*. Pois é folhear nêle ao acaso, e sob os dedos nos enxamearão os pretensos cacófatons. Por exemplo: *as não* [v. III, p. 132, 185, 281; v. IV, p. 87; v. VI, p. 316; v. XI, p. 150; v. XII, p. 300]; *mas não* [v. I, p. 146; v. II, p. 91; v. III, p. 46, 198, 302; v. IV, p. 93; v. V, p. 8, 194, 283; v. XI, p. 62, 132; v. XII, p. 32, 50, 139, 142, 161, 186, 196, 242, 248, 265, 271; v. XIII, p. 15, 141, 246]; *mas na* [v. III, p. 221]; *mas nada* [v. V, p. 179; v. X, p. 34; v. XII, p. 308; v. XIII, p. 85].

Não se trata, porém, meramente de uma forma «usada dos clássicos», na frase do mestre, frase mui distante, por falha, da verdade, mas de formas vulgares, em todos os tempos, entre todos os que escrevem, e oram, e pregam, e conversam, e exprimem com a mais alta ciência, com o mais peregrino estilo, com o mais apurado esmôro, o seu sentir em língua portuguêsa. Já o demonstrei. Mas, uma vez que êste azo me oferecem, aqui de novo insistirei por momentos.

Abram-se um por um os admiráveis livros de AL. HERCULANO. É a cada passo *mas não*, *mas no*, *mas na*. No *Eurico*: p. 13 [*mas não* pudera]; p. 70 [*mas não* é]; p. 153 [*mas não* cedem]; p. 190 [*mas não* digas]. No *Bôbo*: p. 19 [*mas não* vêdes]; p. 28 [*mas no* meio]; p. 92 [*mas na* extensão];

p. 179 [*Mas não!*]; p. 209 [*mas no meio*]; p. 217 [*mas não consinto*]; p. 230 [*mas não basta*]; p. 242 [*mas não*]; p. 259 [*mas não mancheis; mas nos seus*]; p. 281 [*mas não tardou*]; p. 291 [*mas não era*]; p. 294 [*mas não tardaram*]. No *Monge de Cister*: v. I, p. 26 [*mas não a dei*]; p. 28 [*mas não pude; mas notei*]; p. 48 [*mas não havia*]; p. 52 [*mas não disse*]; p. 72 [*mas não confundia*]; p. 87 [*mas não sei*]; p. 89 [*mas não disse*]; p. 118 [*mas não a viu*]; p. 138 [*mas não para*]; p. 293 [*mas não há*]; v. II, p. 43 [*mas no momento*]; p. 98 [*mas não tem*]. Nas *Lendas e Narrativas*: v. I, p. 76 [*mas nurca*]; p. 93 [*mas não se descuidara*]; p. 99 [*mas no meio*]; p. 221 [*mas não era*]; p. 254 [*mas na terra*].

Veja-se em LATINO COELHO: «*Mas no presente.*» [Oraç. da Coroa, p. 17.] «*Mas não há.*» [Ib., p. 24.] «*Mas não tinha.*» [Ib., p. 25.] «*Mas não eram.*» [Ib., p. 43.] «*Mas não é.*» [Ib., p. 63.]

De CASTILHO ANTÔNIO ao muito que alhures já registei, posso adicionar aqui, folheando-lhe o *Camões*: «*mas não recita.*» [p. 45]; «*mas não vos esqueçais*» [p. 46]; «*mas não o temo*» [p. 63]; «*mas não era*» [p. 70]; «*mas não hajais mêtos*» [p. 79]; «*mas não deve*» [p. 104]; «*mas não me pertencem*» [p. 109]; «*mas não importa*» [p. 131]; «*mas não me hei de ir*» [p. 162]; «*mas não era assim*» [p. 181]; «*mas não a que ânimos vulgares julgariam*» [p. 192]; «*mas não sei*» [p. 195]; «*mas não irreparável*» [p. 238]; «*mas não dá*» [p. 259]; «*mas nada impresso*». [P. 205.]

Não acabaria, se quisesse colhêr tudo. Mas isso já sobeja ao meu propósito.

A cancelarmos, a derriscarmos do nosso idioma essas combinações daquela adversativa com as partículas e palavras que a ação natural da linguagem lhe associa, lhe pospõe a cada momento, como as supriríamos, como daí em diante falaríamos português?

§ 74

Art. 1.696

AMBIGÜIDADES

287. — Ponhamos em defrontação aqui o defeito e a emenda. Será o melhor meio de treplicar à catureira domestre.

Projeto

Art. 1.696. O legado puro e simples confere ao legatário, desde a morte do testador, o direito, transmissível *aos seus sucessores*, de pedir a cousa legada aos herdeiros instituídos.

Substitutivo

Art. 1.696. O legado puro e simples confere, desde a morte do testador, ao legatário, o direito, transmissível *aos seus sucessores*, de pedir aos herdeiros instituídos a coisa legada.

Nega o mestre que, no projeto, a expressão «*aos seus sucessores*» se arrisque a parecer relativa aos *sucessores do testador*. Ela não se pode referir, sustenta o dr. CARNEIRO, «senão ao vocábulo *legatário*, objeto indireto de *confere*, e não a *testador*, que faz parte do complemento circunstancial *desde a morte do testador*».

Por mais que eu admire, porém, esse metafisicar, não o entendo. Bem se vê que *testador* faz parte do complemento circunstancial. Mas onde estará, gramaticalmente, nesse fato o obstáculo a que ao vocábulo *testador* se refira o possessivo *seu*, da oração posterior e vizinha? Eu por mim não atino a descobrir. E, como não sou havido em conta de toupeira entre os meus colegas de fôro, há de ser provável enxergarem outros tão mal quanto eu a evidência, que o mestre ali divisa.

Evidente o que se me antolha, é que, antes da expressão *aos seus sucessores*, há na frase dois nomes de pessoa: *legatário* e *testador*. Ora assim o *legatário* como o *testador* podem ter *sucessores*. Logo, empregando-se a expressão *seus sucessores* depois de *legatário* e de *testador*, é de presumir se refira, dos dois substantivos, ao mais vizinho. Esse é *testador*. Logo, aos *sucessores* *dêste* é que devo inferir aí se aluda. Mas o intento da codificação é que se referisse aos sucessores *do legatário*. Logo, mal redigido, obscuro está o texto; e cumpre clareá-lo.

Agora incomodarmo-nos com um hipérbaton, numa língua de inversões e transposições como o português, não é sério. Ao hipérbaton exagerado, à sínquise, que arrevesa o dizer, e tolda o pensamento, isso sim, comprehendo que se objete. Mas na espécie tal não há. A circunstância de tempo «*desde a morte do testador*», mediante entre o verbo *confere* e os seus complementos, não enturva à frase o pensamento, não lhe empana a clareza. E a clareza é o essencial, a clareza associada à vernaculidade.

Vem-nos, porém, o mestre com o «melhor soído». Prefiro [e cuido não errar] um texto, que me soe menos bem, mas tenha únicamente um sentido, a uma ambigüidade elegante e sonora. Entretanto, na hipótese, juraria eu que a orelha do mestre o engana. É cotejar as duas redações. Ali estão defrontantes. Quem quiser, por si mesmo o julgue.

288. — Ainda um reparo fizera eu à contextura do projeto. Dizendo «pedir a coisa legada aos herdeiros instituídos» não se diz claramente «pedir aos herdeiros instituídos a coisa legada». Mais parece tratar-se de um pedido, cujo objeto seja a coisa legada aos herdeiros instituídos, que de pedir a êstes a coisa objeto do legado. Contra esta dúvida, que não pode negar, tudo fia o mestre do sentido. Mas bem não vai a lei, em que o sentido e a expressão entre si colidirem. E por que não os afinarmos um ao outro? Bastava transpor

a redação do projeto. É o que fiz. Onde êle rezava: «*pedir a coisa legada aos herdeiros instituídos*», retifiquei: «pedir aos herdeiros instituídos a coisa legada». No primeiro caso a duas significações entre si contrárias se amolda o texto. No segundo não pode ter senão uma.

Pois o mestre prefere à versão inequívoca a redação-dobre. Gostos.

§ 75

Art. 1.772

«MAIS DE UM QUE TENHAM»

289. — Teve aqui um fartão de alegria o mestre, com a oportunidade, que se lhe deparou, de mostrar que o seu laureado aluno de outros tempos não sabe hoje concordar o verbo com o agente, que o escritor condecorado pelo dr. CARNEIRO, nos seus *Serões*¹, com os epítetos de «esclarecido e exímio» babuja o nosso idioma como qualquer tamanqueiro de obra grossa.

O êrro chambão e alvar, de que me achaca, resulta, entretanto, da simples diferença de uma letra, um *m* demais, que escapou aos revisores. Está no impresso: «Havendo *mais de um* testamenteiro, que *tenham* aceitado.» Havia de ser: «... que *tenha* aceitado.»

Só a iniquíuidade insigne desta crítica me suporia capaz de semelhante alarvaria gramatical. Creio bem não me teriam por acusável dessa asneira de prêto novo nem na minha meninice, nos tempos em que o corpo docente do *Ginásio Baiano*, um de cujos ornamentos era o professor CARNEIRO, me condecorava como o primeiro dos seus alunos.

1. P. 295.

290. — Omissões de palavras inteiras, entretanto, e erros gramaticais de toda a ordem, no seu projeto, lança-os o mestre à conta dos compositores e protos, cujos descuidos tanto irritavam a FILINTO ELÍSIO.¹

Aqui [art. 182, § 8.º] são os vocábulos «*o prazo*», que ele se lastima de lhe haverem comido.

Ali [art. 1.164] é o substantivo *vendedor*, que lhe trocaram em *devedor*.

Acolá [art. 1.084] um «*comunicá-lo*», que, em grave dano do sentido, lhe mudaram em «*comunicá-la*».

Ora [art. 1.129] queria a redação dizer: «*as coisas que comumente se recebem*»; e, sem tom nem som, lhe saiu a desmarcada tolice de «*coisas que comumente receberem*».

Ora [art. 1.545] lhe erram o casar do adjetivo com o substantivo, singularizando-lhe em *este* o plural *estes*.

Nem a concordância dos verbos lhe fica ilesa. Onde tinha de ser plural [art. 593], assacam-lhe o solecismo de um singular. Era «*a quem incumbirem* as mesmas vias»; e fizeram-lhe escrever: «*a quem incumbir* as mesmas vias».

Pois só a mim é que não poderia suceder, na tipografia, o êrro de uma letra? Ao projeto CARNEIRO lhe somem, neste último caso, *duas*. Ao meu substitutivo não se admite que me acrescentassem *uma*. A ele invertam-lhe o plural em singular. E quem responde, são os impressores. A mim demudam-me um singular em plural. E sou eu que respondo.

291. — Mas, circunstância curiosa, em que a malícia recebe uma lição a ponto. Agora mesmo, nas *Ligeiras Observações* do mestre, pág. 8, col. 1.º, o fazem réu de uma punhalada na sintaxe dos verbos, atribuindo-lhe a sentença «*Não nos parece de bom cunho as frases*», sentença em que o

1. «... erratas de impressão, lôgro de obreiros, gatunices do proto...»
[Obras, I, página 272.]

sujeito plural as *frases* anda às testilhas com o verbo no singular *parece*.

292. — Dêsses equívocos encontramos não raro avultados exemplos nos melhores escritores. Aqui vão por mostra alguns.

Primeiramente, *do singular pelo plural*:

GIL VICENTE:

«*Seus olhos* maravilhosos
Fontes d'água *parecia*.»

[*Obr.*, v. III, p. 348.]

D. DUARTE: «*Tôdalas* doores pera esta me *pareceria* de saúde.» [*Leal Conselh.*, p. 118.] «Per o qual se defende *tôdas* mentiras.» [*Ib.*, p. 240.] «*Busque-se boos amigos*.» [*Ib.*, p. 226.] «Em todos casos que se *oferecia*.» [*Ib.*, p. 465.] «Pera se *fazer grandes lâncias*.» [*Livro da Ensinaça*, p. 624.]

FERNÃO LOPES: «*Pareceu-lhe as razões boas*.» [*D. João I*, p. I, c. 4.] «A êle *proveio* dês aí, com esto, *costumes* de grande avisamento.» [*Ib.*, c. 16.] «*Estava em guarda trinta ginetes*.» [*Ib.*, c. 146.] «*Já era horas de véspora*, quando os castelões foram prestes de todo.» [*Id.*, p. II, c. 42.] «*Alguns pecados* e danados *costumes* dos gentios, que se em ela de longo tempo *usava*.» [*Id.*, c. 41.]

BERNARDIM RIBEIRO: «*As afrontas e grandes aventureiras* que ela contava me *fazia a mim haver* dô dêles.» [*Men. e Moça*, c. 3, p. 39.]

CAMÕES:

«*Fizestes* verdadeiros os receios
A que confusamente me levavas.»

[*Obr.*, v. IV, p. 117. *Égl. XI.*]

DUARTE NUNES: «É a parte, por que mais se aquire as vontades.» [Crônicas del-Rey D. João, D. Duarte e D. Af. V. Ed. de 1780. V. I, p. 59.] «Aconteceu que *dous besteiros*, um da vila, e outro do arraial, *atirou* um ao outro.» [Ib., p. 164.] «A ocupação dos nobres *eram* aquela noite falarem nos cascos que lhes aconteceram.» [Ib., p. 455.] «Não foi muito não lhe suceder bem, e não se lhe *perdoar* dos homens bons, e graves, os *infotúnios*, que depois lhe sucederam.» [Ib., v. II, p. 56.] «Acordaram de se *mandar* a Portugal *outros* embaixadores.» [Ib., p. 151.] «E como os corações dos ímpios andem sempre em *tempestades*, que os não *deixa* assossegar.» [Ib., p. 173.] «E assi as *ilhas* da Madeira, e dos Açores, das Flores, e do Cabo Verde, e a Conquista do reino de Fêz, *ficasse* para sempre aos reis de Portugal. E que as *ilhas* das Canárias, com a conquista do reino de Granada, *ficasse* aos reis de Castela.» [Ib., p. 455.]

FR. LUÍS DE SOUSA: «Suspeito muito que se nessa terra se *permitisse* alguns dêstes falsos Evangelistas, ajuntariam muitos discípulos.» [V. do Arcebispº, l. II, c. VII. Ed. de 1890, v. I, p. 224.]

VIEIRA: «Não se me *tira* da memória *as muitas* vêzes, que v. s.ª em tôdas suas cartas repetia êste nosso desmerecimento.» [Cart., I, p. 172]. «Aqui não há novidades, antes se queixam os lavradores de se *ter* diminuído muito *as* que esperavam de vinho.» [Ib., III, p. 80.] «Aos reis *as sortes* os *faz* senhores.» [Obr. Inédit., II, p. 132.] «Ao compasso de umá mão se *ajunta* muitos coros.» [Ib., p. 143.] «Por maior cuidado se *adverte* aqui *as circunstâncias* que o mesmo milagre mostra.» [Ib., p. 153.] «Tôda a grandeza da estátua de Nabuco *caiu* em terra, porque *foi* o tiro só aos pés que a sus-

tentava.» [Inéd., v. II, p. 167.] «Para se fazer uma lei, se requer seis condições.» [Ib., v. I, p. 207.]

JOÃO DE BARROS: «E por isso me fica dêste meu trabalho *duas* esperanças.» [Diál. da Viciosa Vergonha, p. 299.] «Como estas indignações que os homens têm nos casos de conjuração perdida se remata na esperança de se poderem vingar.» [Déc. III, VI, 6. VI, p. 59.] «Os principais foi Jai — o Correia Alcaide-mor de Pondá.» [Déc. III, VII, 10. V. VI, p. 221.]

FILINTO ELÍSIO: «Correres vós!» [Ib., v. XIII, p. 57.]

A. HERCULANO: «Vêem fugir aquela teia enredada, que *as franças* das árvores lhes afigura como lançada sobre o chão do firmamento.» [Eurico, p. 219.]

C. CASTELO BRANCO: «Pede que se lhe dê mais alguns cruzados.» [Narcót., I, p. 95.] «Os sons clamorosos e a música pungitiva vinha do lado.» [Mem. do Cárc., II, p. 38.] «Trocamos certas frases, das quais apenas me lembra *duas*.» [Cavar em Ruínas, p. 251.] «Os criados... não ousou tocar-lhes.» [O Esqueleto, p. 274.] «Coube-lhe dez contos de réis.» [Mist. de Fafe, p. 46.]

Outras vêzes, *exatamente como no meu caso*, é o plural, que escapa inadvertidamente pelo singular:

FERNÃO LOPES: «Tais haviam que certificavam que o mestre era morto.» [D. João I, p. I, c. 12.] «O coração de quantos hi haviam era dado a grandes pensamentos.» [Ib., c. 20.] Noutro lugar, de que perdi a nota: «Cada uma das virtudes são merecedoras.» Ainda: «Deu-lhe el-Rei procuradores pera receber por êle menagens daqueles a que pertencem de as fazer.» [Ib., parte II, c. 141.]

DUARTE NUNES: «Havia diferenças sobre os danos, que cada um dos ditos reinos haviam recebido dos outros.» [Op. cit., v. I, p. 498.] «Não deixaram de haver escaramuças, em que houve mortos e feridos de uma parte e outra. [Ib., p. 347.] «Houveram algumas escaramuças.» [Ib., p. 457.] «Começaram a haver grandes diferenças.» [Ib., v. II, p. 91.] «Fazer resistência a quaisquer movimentos, que naquela comarca houvessem.» [Ib., p. 139.] «O infante respondeu que, para se tomarem nêles conclusão, era necessária a presença da rainha.» [Ibidem.] «Com ela se não achavam então nenhum dos grandes do reino.» [Ib., p. 346.]

JACINTO FREIRE: «Um galeão que jogava duzentas peças de bronze, o maior que até aquêles tempos surcaram nossos mares.» [V. de D. João de C., I, 10.]

VIEIRA: «E ainda que hajam outras razões.» [Inédit., v. II, p. 32.]

MANUEL BERNARDES: «Bem-aventurado tu, meu Hadriano, que tão venturosamente achastes as riquezas... Verdadeiramente na flor de teus anos, fôstes dar com um tesouro.» [N. Fl., v. II, p. 71.] «O fundo dêstes montes são uma parte pertencente a algum dos infernos.» [Ib., p. 220.] «Assim aqui o tesouro de Agostinho, que são as chagas de Cristo, estão onde o seu coração.» [Ib., v. IV, p. 104.] «Que isso significam aquêle Dicere ad illos.» [Luz e Calor, p. 97, n. 118.]

FILINTO ELÍSIO: «E se ainda houverem prolixos, ociosos editores.» [Obr., v. VI, p. 41.] «Apenas leis

1. Advirta-se em como logo na segunda preposição «houve mortos e feridos» se corrige o descuido ocorrente na primeira: «Não deixaram de haver escaramuças.» O mesmo no exemplo anterior, ccm a frase «havia diferenças».

houveram.» [Ib., v. XIII, p. 328.] «Que êles sós merecem que se nêles falem.» [Ib., v. XVII, p. 128.]

CASTILHO: «Chegam a afirmar *haverem* por lá, ainda no século passado, hospitais.» [A Primavera, p. 275.]

A. HERCULANO: «*Eram* perto das seis horas.» [O Monge de Cist., v. I, p. 143.]

C. CASTELO BRANCO: «Eu tinha lido que o cadáver dos envenenados... resistiam às vêzes, mais ou menos tempo, à corrução.» [Narcót., I, p. 40.] «Nenhuma dessas frases *denotam* idéias.» [Otelo, p. 35.] «O relaxamento do músculo das faces *parciaiam* descair.» [Mem. do Cárc., I, p. 155.]¹

LATINO COELHO: «A tendência cada vez mais viva e manifesta de estreitar em laços íntimos o homem e a natureza, — caráter fundamental da ciência em nossos dias, são já visíveis nas feições intelectuais de Humboldt.» [Elog. Acadêm., v. II, p. 358.]

JOÃO RIBEIRO: «Em geral o arcaísmo representam coisas que não existem.» [Gramát. Port. Curso Sup., p. XXIV].

Outras ocasiões é a pessoa dos verbos que desmente a dos pronomes. Assim, em VIEIRA, Serm. IV, p. 46: «Vós ir padecer e morrer às mãos de vossos inimigos?» «Mas vós fôste eleito.» [A. HERCULANO. O Monge, v. II, p. 30.]

1. Conhece-se a inadvertência desta sintaxe, porque nos demais lugares usa FILINTO corretamente, em tais casos, do verbo no singular:

«*Houve* dois cidadãos numa cidade.»

[Obr., v. III, p. 301.]

«*Havia* comentadores às carradas.» [Ib., v. V, p. 34.]

2. Ver diversos outros exemplos desta incorreção [nos livros de CAMILO] aqui adiante, n.º 358.

Alguns tópicos nos apresentam em pessoas diversas dois verbos obrigados à mesma pessoa. Tal em AL. HERCULANO, *O Bôbo*, p. 244: «Disseste-me que não tinhas de mim préstamos.» Tal, ainda, em CASTELO BRANCO, *Os Mártires*, v. I, p. 14: «Poupai uma virgem indiscreta; não a trespasses com as tuas frechas.»

Sucede, até, deturparem-se grosseiramente as flexões terminais do verbo. «Ressurga!» diz o texto de CASTILHO ANTÔNIO nas *Geórgicas* [p. 137], em vez de «Ressurge!». «Quando nelas intervir», escreve CASTILHO JOSÉ, na sua *Ortografia* [p. 190], em lugar de «quando intervier».

293. — O dr. CARNEIRO mesmo, até élle, o justiça maior das minhas culpas gramaticais, não se livrou dêsses solecismos casuais, um de cujos mais notáveis exemplos é o que nos deparam os seus *Serões* [p. 20] neste solene trecho:

«O estudo dos metaplasmos são de importância capital.»

Não é um coletivo o vocábulo *estudo*, para se pretender que ali concorde com o determinativo plural o verbo *são*. Temos, portanto, um solecismo flagrantíssimo na sentença «*O estudo são de importância*».

Ora imaginem que eu me pusesse a lecionar o dr. CARNEIRO: «*O estudo são não se diz*»; ou a JOÃO RIBEIRO: «*O arcaísmo representam é êrro*»; ou a LATINO COELHO: «*A tendência são não se escreve*»; ou a CASTELO BRANCO: «*O cadáver resistiam é bernardice*»; ou a CASTILHO: «*Haverem hospitais é dislate*». Que me diriam? Provavelmente que me estava a armar fáceis triunfos, aproveitando com pouca lealdade casos fortuitos, por enxoalhar de solecistas os melhores escritores.

Pois é o que comigo se faz. Não se há mister de avultar entre os melhores autores, para saber a concordância do verbo com o sujeito. Com essas noções rudimentares só não estarão correntes os zotes da escola primária.

§ 76

Art. 1.799

ECOS EM ãO

294. — Reza esta disposição no projeto:

«Quando os netos sucederem aos avôs, representando seus pais, trarão à colação o que os ditos seus pais deviam conferir, ainda que não hajam herdado.»

Censurei a assonância *trarão à colação*. Não será assonância? É. Não será desagradável? É. Não será evitável? É. Logo, evitemo-la.

Assim é que se havia de haver o mestre, se entrasse despreocupado neste debate. Longe disso, porém, como lhe não era possível negar a mácula indicada, envida, por me apontar iguais, os meios e modos em que se distingue o espírito de sofisma. Se assonâncias cometí eu, *quid inde?* Apenas que relevaria corrigi-las. Mas onde as foi esquadrinhar o dr. CARNEIRO? No meu substitutivo? Não. Em uma das minhas notas. E que tem o código civil com a gramática das minhas anotações?

Vejamos em todo o caso, porém, o excerto sacado à luz pelo mestre. Ei-lo, o meu corpo de delito:

«Com esta *redação e pontuação*, temos a *doação* feita no inventário de cada cônjuge, verdadeiro despósito, quando o que se intenta significar, é que em cada um desses inventários a *colação* se efetuará por metade.»

Nestas linhas sublinha o dr. CARNEIRO os quatro substantivos em *ão*. Por quê? Acaso pretendi eu jamais que dessemos cabo dos nomes em *ão*? Tal veleidade só em néscios caberia. O meu empenho era que *no texto do código*, esmerado como deve ser, não se deixassem *ecos* e, especialmente, os mais feios de todos êles: os *ecos em ão*. Ora bem. Teremos, realmente, nas quatro palavras em itálico daquele texto meu,

ecos em *ão*? Não: temos apenas um em *redação e pontuação*. *Doação* já não produz eco; porque a voz, ao lermos, não pausa nesse nome: incorpora-o ao participípio subsequente, enunciando como um só vocáculo a *doação feita*. Quanto a *colação*, a distância e as orações interpostas obstariam ao eco, ainda quando êle fôsse possível, estando êsse substantivo ali, como está, pôsto de modo que a terminação malsoante se articula e dilui nos vocábulos subsequentes, lendo-se de enfiada: *a colação se efetuará*.

Disto já disse eu mais largamente a propósito da nota CARNEIRO ao art. 10.

§ 77

Art. 855, parágrafo único

ECOS EM *ÃO*

295. — Eis lado a lado o projeto e o substitutivo:

Parágrafo único. A hipoteca se restringirá à linha ou linhas compreendidas no título e ao respectivo material de *exploração*, no estado em que se acharem ao tempo da *execução*. Isto não obstante, poderão, os credores hipotecários opor-se à venda da estrada, ou de alguma de suas linhas ou ramais, ou de uma parte considerável do material de exploração, assim como à fusão com outra companhia, sempre que julgarem diminuída a garantia da dívida.»

Parágrafo único. A hipoteca será circunscrita à linha ou linhas especificadas na escritura e ao respectivo material de *exploração*, no estado em que ao tempo da *execução* estiverem. Não obstante, os credores hipotecários poderão opor-se à venda da estrada, à de suas linhas, de seus ramais, ou de parte considerável do material de *exploração*, bem como à fusão com outra companhia, sempre que a garantia do débito lhes parecer com isso enfraquecida.»

Observa o mestre que «a emenda não diminuiu o número de palavras, nas quais se ouve o som de *ão*».

Sofisma. É pueril estarem-se a contar os vocábulos acabados em *ão*, quando o de que se trata, é daqueles em que o *ão*, ultimando períodos, ou acentuando frases, *ressoa* à maneira de *eco*, ou *rima*. Tal o que se dá, no projeto, com a desinênciâa de *exploração* e a de *execução*, as duas únicas a que *eu pus sublinha*.

Considere-se bem nisto. Só aqueles dois vocábulos estampei em grifo. Não o fiz aos outros, que lhes sucedem, igualmente em *ão*: *não*, *poderão*, *exploração*, *fusão*.

Por quê?

Porque êsses, *embebidos* nas orações de que participam, não se ouvem nas pausas do recitar, e, portanto, não ecoam, não rimam.

É o que sucede às seis palavras em *ão*, notadas no substitutivo. Lá se acham, sim, mas sem inconveniência, tais como as quatro do projeto que não censurei; porque o contexto da frase as absorve, as envolve, as amalgama, e não lhes permite consonarem.

Bem pouco observador será o dr. CARNEIRO, se de tal não deu tino.

§ 78

Art. 658

ECOS EM *ÃO*

296. — O projeto aqui se exprime nesta forma:

«Quando uma obra feita por colaboração não fôr suscetível de divisão, nem estiver compreendida na disposição do art. 655, os colaboradores gozarão, não havendo convenção em contrário, de direitos

iguais, não podendo qualquer dêles, sem o consentimento dos outros, sob pena de indenização por perdas e danos, reproduzi-la, nem autorizar a sua reprodução, salvo quando feita na coleção de suas obras completas.»

Quantos *ecos*?

«Quando uma obra feita por *colaboração*
não fôr suscetível de *divisão*,
os colaboradores *gozarão*

.....
nem autorizar a sua *reprodução*...»

Não são, portanto, os *ecos* tantos quantos eu contara, isto é, são tão-sòmente *quatro*; visto que as outras palavras de igual desinênciia, *não*, *convenção*, *indenização*, *disposição*, *coleção*, se dissimulam no contexto do fraseado, e por isso não ressoam. Mas são, em todo o caso, quatro *ecos*.

Substituí eu:

«Quando uma obra, feita em *colaboração*, não for *divisível*, nem couber na *disposição* do art. 656, os colaboradores, não havendo *convenção* em contrário, terão entre si direitos iguais; não podendo, sob pena de responder por perdas e danos, nenhum dêles, sem consentimento dos outros, reproduzi-la, nem lhe autorizar a *reprodução*, exceto quando feita na coleção de suas obras completas.»

Declamado o trecho, tê-lo-emos decomposto assim:

«Quando uma obra,
feita em *colaboração*,
não fôr *divisível*,
nem couber na *disposição* do art. 656,
os colaboradores,

*não havendo convenção em contrário,
terão entre si direitos iguais,
não podendo,
sob pena de responder por perdas e danos,
nenhum dêles,
sem consentimento dos outros,
reproduzi-la,
nem lhe autorizar a reprodução,
exceto quando feita
na coleção de suas obras completas.»*

Haveria aí algum eco? Poderiam ocasioná-lo os dois nomes *colaboração* e *reprodução*, a não se acharem tão longe um do outro. Os mais óbvio é que o não fazem. Pouco importa que as palavras findas em *ão* sejam ali *nove*, como contou o mestre, incluindo até os *nãos* postos em comêço de sentenças; pouco importa sejam *nove*, ou *noventa*, uma vez que a composição da frase os embeba, e iniba de ressoarem.

É o que o mestre não quer entender, claudicando nisto como desatento aluno, ou insigne sofista.

§ 79

Art. 592

TODO O, TODO

297. — Como neste artigo se lhe deparasse a expressão *todo proprietário*, e por varias vêzes se lhe oferecessem, no correr do meu trabalho, locuções, onde ao *todo* se segue imediatamente o substantivo determinado, aproveitou o ensejo o dr. CARNEIRO, para dissertar da matéria, a cujo propósito desenganadamente sustenta ser inevitável hoje o artigo entre aquêle adjetivo e o nome a que adere.

Sempre costumei escrever assim. Haja vista as minhas *Cartas de Inglaterra*, o último dos livros meus em cuja revisão alguma diligência empreguei. Tomo dali alguns excertos:

- «Por tôda a parte.» [P. 48.]
- «Tôda a minha vida.» [P. 112.]
- «A arte da transação, a que se reduz tôda a sabedoria política e todo o segredo da vida.» [P. 221.]
- «Para todos os tempos e para tôda a parte.» [P. 225.]
- «Por tôda a parte.» [P. 226.]
- «Em tôda a parte.» [P. 240.]
- «Em todo o seu decurso.» [P. 268.]
- «Tôda a sua carreira.» [P. 274.]
- «Tôda a gente sabe.» [P. 308.]
- «Por tôda a parte até hoje.» [P. 398.]
- «Percorrei tôda a Europa.» [P. 398.]
- «Todos os sons.» [P. 222.]
- «Tôdas as autocracias.» [P. 304.]

Mas nem por isso me conformo com a proposição do mestre, cânon tão absoluto quão arbitrário, que, sem fundamento, despoja a nossa língua de uma variação gramatical tão legítima e útil, como a que se quer favorecer com o privilégio exclusivo de legitimidade.

298. — Sempre usaram os nossos clássicos indiferentemente de *todo* ou *todo o*, seja quando êsse adjetivo corresponde ao latino *omnis*, seja quando substitui o *totus* romano, a saber, assim nos casos em que exprime a totalidade de uma coisa, como naqueles em que significa o total de muitas.

Vêde, por exemplo, os *Lusíadas*.

Ora: «tôda a suspeita» [II,6]; «tôda a coisa viva» [III,64]; «gentes de todo o reino» [III,68]; «em quem se encerra todo o valor» [IV,30]; «por todo o largo mar»; «que tôda a terra é pátria para o forte». [VIII,63.]

Ora: «tu com tôda armada» [II, 3]; «tôda sorte de tormentos» [III, 39]; «em tôda parte» [IV, 25]; «perdições de tôda sorte» [V, 44]; «em tôda parte» [X, 67]; «de tôda sorte» [X, 127]; «tôda ambição terão por vento». [X, 14.]

Ás vêzes encontramos contíguas uma à outra as *duas* formas: «*Tôda a sua alma e todos seus espíritos.*» É de VIEIRA [Serm., III, 316] êste trecho. O uso mais freqüente, porém, nesse clássico, assim como nos demais, é o de se eximir ao artigo: «O pecador se arrepende de todo coração.» [Serm., III, p. 29.] «Providência que não é de *todo tempo*, de *todo lugar*, nem de *todo perigo.*» [Serm., v. VI, p. 172.] «O maior perigo em que jamais se viu *tôda Polônia.*» [Ib., v. IX, p. 83.] «Ele e *todos seus* descendentes.» [Ib., v. XI, p. 16.] «Os navios hajam de estar em Lisboa por *todo março.*» [Cartas, v. IV, p. 149.] «*Todo gênero* de vícios.» [BRITO. *Monarquia Lusitana*, v. I, p. 11.] «*De todo ponto.*» [Ib., p. 12.] «Com *tôda sua família.*» [Ib., p. 62.] «*Tôda outra cousa.*» [FERREIRA. *Obras*, v. I, p. 63.] «Dina de em *tôda língua* ser cantada.» [Ib., 64.] «E resplandecerão em *tôda idade.*» [Ib., 74.] «Em *tôda parte.*» [Ibid.] «Em *tôda outra parte.*» [Ib., 86.] «Luz clara, que *todo homem* alumias.» [Ib., p. 107.] «Em *todo mundo* novas estátuas se ergam.» [Ib., p. 119.] «Em *tôda parte.*» [Ib., p. 141, 148, 163, 183, 168.] «Canta *tôda ave* canto de alegria.» [Ib., p. 168.] «*Tôda piedade* e amor que se devia.» [Ib., p. 181.] «A *todo mundo*, ao mundo todo cabe.» [Ib., p. 199.] «Soberbo vai em *todo estado.*» [Ib., p. 212.] «*De tôda flor* que em Pafo e Gnido cheira.» [Ib., p. 255.] «Cilírios usava em *todo tempo.*» [Sousa. *Vida do Arc.*, I, I, c. 11.] «*Tôda Arábia...* *todo Egito.*» [BARROS. *Déc.* I, I, I, c. 1, p. 2.] «*Tôda Espanha.*» [Ib., p. 6.] «Laranjeiras que *todo ano* tem fruto.» [GÓIS. *D. Manuel*, f. 99.] «*Tôda sua casa.*» [Ib., f. 109.] «*Todo gênero* de mercadorias.» [Ib., f. 93.] «*Tôda ajuda.*» [Ib., f. 94.]

299. — Pretende, porém, o dr. CARNEIRO que esta forma se antiquou de todo em todo, invocando o patrocínio

de CASTILHO JOSÉ, no sentir de quem «não a poderíamos empregar hoje, sem incorrer na tacha de exótico ou afrancesado». Como incorrer na pecha de exótica, ou afrancesada, precisamente aquela das duas locuções, que entre os bons autores vernáculos campeou sempre de predileta?

Ao parecer de CASTILHO JOSÉ contraponho o de CASTILHO ANTÔNIO, mestre e oráculo do irmão.¹

Vejam:

«Gessner, no qual e na escolha de poesias alemãs por Huber, andou por alguns anos cifrada *tôda minha leitura.*» [A Primavera, p. 11.]

«O sol da primavera com *tôda sua magnificência.*» [Ib., p. 83.]

«O alicerce de *tôda a retórica e lógica, a primária condição de todo o discurso e a indispensável argamassa de todo edifício de ciência.*» [Metamorfoses, pról., p. XXI.]

«Ficar no santuário íntimo para *todo sempre inspirativo.*» [Amor e Melancol., p. 203.²]

«Perdido para *todo sempre.*» [Ib., p. 231.]

«Hão de ser para *todo sempre* o seu mais incontestável título de glória.» [Fastos, v. I, p. X.]

«Quando haja de morrer à míngua de *todo humano socorro.*» [A. HERC. Lendas, v. I, p. 273. A Abób., IV.]

CASTILHO e HERCULANO não estão sós. SOTERO DOS REIS, mestre entre os mestres, escreve, ao mesmo teor:

«Concedendo-lhes favores de *tôda espécie.*» [Postil. de Gram., ed. de 1863, p. XIV.]

1. *Todo o sempre*, nos Fastos, v. I, p. 283: «Fênix permanecerá para *todo o sempre.*»

2. FILINTO ELÍSIO usava da mesma sintaxe:

«A *tôda hora* às vizinhas apregoa.»

[Obras, v. VIII, p. 179.]

«Tôda reunião de palavras, a qual forma um sentido, é uma proposição.» [Ib., p. 1.]

«Complemento é tôda palavra ou oração que completa o sujeito ou o atributo.» [Ibidem.]

Mais difícil de se ajeitar ao ouvido moderno é o plural de *todos* sem a subseqüência do artigo. E JÚLIO RIBEIRO, na sua *Gramática* [p. 237] declara «sempre obrigatório», neste caso, «o uso do artigo». Da praxe contrária, todavia, quem nos dá o exemplo? Justamente CASTILHO JOSÉ, que na *Prefação da Arte de Amar* [v. I, p. XXXII] escreve:

«É que Ovídio trazia entre mãos tôdas suas composições eróticas.»

Semelhantemente escreveu ANTÔNIO DE CASTILHO:

«De tôdas suas manchas.» [A Primav., p. 42.]

«Tôdas suas idéias.» [Ib., p. 160.]

«Com ser imensa, se compõem em tôdas suas partes de elementos mí nimos.» [CASTILHO. *Camões*, p. 257.]

«Convidada e recebida com tôdas suas galas.» [Ib., p. 231.]

«Tal primavera com tôdas suas circunstâncias.» [Am. e Mel., p. 196.]

«Em tôdas suas cousas tão feiticeiro.» [Metamorf., p. 277.]

«É o único móvel de tôdas suas idéias.» [Ib., p. 299.]

«São, em tôdas suas partes, um dos mais admiráveis trechos.» [Ib., p. 304.]¹

1. Assim usavam de ordinário os clássicos: «E tôdas outras cousas que façamos.» [D. DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 232.] «Quem senão Deus poderá fazer tôdas suas obras perfeitas?» [BERNARDES. *Luz e Calor*, n. 116, p. 94.] Semelhantemente, GÓIS, *D. Manuel*, f. 94 v., e FERREIRA, v. I, p. 311, 346, 350, 372, 377, 384, 482, 491.

300. — Já se vê que com o exemplo dos clássicos, antigos, ou modernos, se abona a supressão do artigo em seguimento ao adjetivo *todo*, ou *este*, na fraseologia adotada pelo dr. CARNEIRO, indique o todo lógico, ou designe o todo físico, isto é, ou corresponda ao universal distributivo *cada*, *cada um*, ou traduza a concepção de inteireza numa só coisa.

Mas os gramáticos?

A êsses quer pôr lei o mestre, estabelecendo a necessidade absoluta do artigo, assim em um, como noutro caso. Não se poderá dizer senão *tôda a casa*, em se querendo falar *na casa tôda*. Não se poderá dizer senão, do mesmo modo, *tôda a casa*, em se aludindo às *casas tôdas*, ou, o que o mesmo é, a *cada uma* das casas.

Estará, porém, com o dr. CARNEIRO o consenso dos gramáticos? Não. Dêles há que sustentam a dispensabilidade vernácula do artigo num caso; dêles, que a permitem no outro.

Vê-lo-emos examinando as duas hipóteses, qual a qual de per si.

1.^a] Aqui o *todo* exprime totalidade: «*Tôda a casa* está cheia de ratos.» Admite-se nesta situação gramatical a eliminação do *a*?

Não, responde, com o filólogo baiano, o gramático JÚLIO RIBEIRO. [Gram., p. 236, n. 397.]

Mas LAMEIRA DE ANDRADE e PACHECO JÚNIOR ensinam que aí é *facultativo* o emprêgo do artigo. [Noções de Gramát., p. 441, n. 52. Gram. da Líng. Port., p. 582, n. 179.]

2.^a] Aqui, distributivo próprio, o *todo* faz as vêzes de *cada*, ou *cada um*: *Tôda a hora*. *Todo o momento*. *Todo o homem*. Segundo o professor CARNEIRO só assim se pode escrever. Nunca jamais, *tôda hora*, *todo momento*, *todo homem*.

Pois bem: opostamente se pronunciam LAMEIRA DE ANDRADE, AUGUSTO FREIRE e, até, JÚLIO RIBEIRO.

LAMEIRA e PACHECO, digo eu, porquanto declararam que «hoje MAIS se generalizou o emprêgo do artigo»; o que importa reconhecerem ainda em uso, pôsto não tão corrente, a outra forma. [Gram., p. 572.]

AUGUSTO FREIRE; porque formalmente ensina que, em hipóteses tais, não se usa o artigo: «*Omite-se o artigo depois do adjetivo *todo*, *tôda*, quando é distributivo próprio, ou tem a significação de *cada*:* «*O cumprimento de *tôda* obrigação contraída é um dever sagrado*», isto é, «*o cumprimento de *cada* obrigação, etc.*» [Gram. Port., p. 313, número 11.]

JÚLIO RIBEIRO, enfim; por isso que, na sua *Gramática*, p. 237, n. 3, assim se exprime: «*Quando *todo* equivale a *cada*, é facultativo o emprêgo do artigo; exemplo: *Todo homem* sensato ou *Todo o homem* sensato despreza a ostentação.*»

301. — Não faltam, portanto, gramáticos, a cujo sufrágio se apóie a omissão do artigo depois do *todo*, quantitativo, ou qualificativo; e entre êsses notarei que avulta JÚLIO RIBEIRO, a quem um dos críticos do meu trabalho preconiza como o maior dos gramáticos portuguêses.

Nem entre os mestres do escrever, pois, nem entre os do gramaticar, entidades aliás nem sempre entre si de boa avença, encontrará guarida a proposição do mestre, que não concebe o adjetivo *todo*, como quer que seja, sem o seu apêndice articular.¹

1. O mesmo arbítrio reina quanto ao artigo *o* consecutivo a *tudo*, mas expressões em que este precede a *que* ou *mais*.

Tudo o que. SOUSA. *Vida do Arceb.*, I. I, c. 13, p. 90. CASTILHO. *Amor e Melanc.*, p. 209; *Amôres*, v. III, p. 59; *Colóquios*, p. 143, 232.

Tudo que. CASTILHO. *Am. e Melanc.*, p. 238, 306; *Amôres*, v. I, p. 63; *Arte de Am.*, v. I, p. 39, 58; *Fastos*, I, p. XXVIII, 15, 277; *Fausto*, p. 117, 266; *Outono*, p. 81; *Colóquios*, p. 303; *Geôrgicas*, p. 57, 273 [duas vêzes]. C. CASTELO BRANCO. *Serões de S. Miguel de Seide*, I, p. 17; *Os Mártires*, p. XIX.

Tudo o mais. SOUSA. *Vida do Arceb.*, I. I, c. 16, p. 107. GÓIS. *D. Manuel*, f. 101 v. [iudo o demais]. A. HERCULANO. *Opúsculos*, v. I, p. 18. CASTILHO. *Amôres*, v. I, p. 107; *Colóquios*, p. 109. C. CASTELO BRANCO. *Doze Casamentos*, p. 202.

Tudo mais. CASTILHO. *Amor e Melanc.*, página 403. *Metamorfoses*, p. 152. C. CASTELO BRANCO. *Marquês de Pombal*, p. 93. MACHADO DE ASSIS. *Poesias*, p. 38.

§ 80

Art. 1.455

ALGUM, POR QUALQUER

302. — O projeto desacertava, empregando o segundo em lugar do primeiro. Emendei. Ao ilustre filólogo parece razoável a emenda.

Ainda bem.

§ 81

Art. 4.º [Lei Preliminar]

IMPLÍCITO A

303. — É à la diable o método, nas *Ligeiras Observações* do mestre. Do art. 1.455 do código volvemos, de vôo arrancado, ao artigo 4.º da *Lei Preliminar*.

Teria eu cometido falta na redação do texto? Não: foi nas minhas notas que o cavador do mestre deu com o novo êrro. Não admite o eminentre revisor que os meus escólios cheguem menos corretos do que o texto legislativo aos olhos dos vindoiros. Ah! quis eu severidade com a redação do código civil? Pois então, paguem as minhas apostilas.

Escrevera eu que «a idéia de posterioridade¹ é essencialmente *implícita* à de revogação ou derrogação». Não tolera, porém, o dr. CARNEIRO a preposição *a* com o adjetivo *implícito*, forma irregular, observa êle, do particípio *implicado*.

304. — Queira perdoar o mestre. Para não ignorar a afinidade natural entre a preposição *em* e o adjetivo *implícito*,

1. E não *posterioridade*, como está no trabalho do professor CARNEIRO.

basta advertir-lhe no prefixo *in*. Mas o uso, ao menos entre brasileiros, muito há que, respeito a êsse vocábulo, variou de *em* para *a*. E essa variação não repugna ao gênio do nosso idioma, cujas antecedências não raro nos mostram a permuta de uma daquelas preposições pela outra e, especialmente, o uso do *a*, em vez de *em*, significando *situação, lugar onde*. Haja vista:

«Aos doze capítulos do Gênesis, diz a divina Escritura que, deixando uns homens o Oriente aconselharam uns aos outros que fizessem uma cidade.» [HEITOR PINTO. *Imagen da Vida Crist.* P. I, Diál. IV, c. 2.]

«Tornamos aos nossos que à ponte de Jacó nos estavam esperando.» [PANTALEÃO D'AVEIRO. *Itinerário*, c. 84.]

«Entrar a certo dia.» [FERNÃO LOPES. *Crôn. de D. Fern.*, c. 119.]

«Lia Alexandre a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.»

[CAMÕES. *Lus.*, V, 96.]

«Tornando-se a recolher para casa, achou à porta três cargas de pão cozido.» [BRITO. *Crôn.*, I, 7.]

«Que lhe fôsse El-Rei falar à borda d'água.» [BARROS. *Déc.* IV, VIII, 8.]

«O grão sábio Dinarte, pondo os olhos a tôdas partes.» [MORAIS. *Palmeirim*, II, 47.]

§ 82

Art. 180

«INTERRUPÇÃO FEITA»

305. — Averbei eu de malsoante, hoje, ao ouvido vernáculo essa locução. E como se defende o mestre? Com

uma frase das *Ordenações Afonsinas*. Note-se bem: não se trata nem do *Código Filipino*, nem da *legislação manuelina*, que aliás são já três vêzes seculares, mas de textos legislativos ainda mais remotos.

Ora quem tem, como o duto professor, trato familiar com os velhos monumentos de nossa língua, há de notar que várias das frases outrora construídas com o verbo *fazer* ou se antiquaram, ou sabem mal ao paladar hodierno. Quem, por exemplo, diria em nosso tempo: *fazer exemplo em alguém*? Contudo, é do mais escorreito classicismo, para exprimir o castigo impôsto como exemplo e meio de terror.

Com a mesma estranheza me toa o *fazer interrupção*. Quando tôda a gente diz *realizar*, *operar*, *efetuar*, *consumar*, *abrir a interrupção*, não vejo que adiantemos desprezando tôdas essas formas em voga, simplesmente para as trocar na do uso afonsino.

306. — Muitas locuções, repito, compunham os antigos com o verbo *fazer*, às quais não dá entrada o uso moderno.

Fazer gente diziam êles, em lugar de *reunir gente*, aliciá-la, ou arregimentá-la: «Já tinha *feito* muitas *gentes* para entrar em Portugal.» [D. NUNES. *D. João I*, c. 50, p. 204.] «Até que *a gente*, que mandara *fazer* em Inglaterra, pudesse chegar.» [Ib., c. 55, p. 231.] «Os da cidade lhe mandaram com muita brevidade e boa vontade *a gente*, que *puderam fazer*.» [Ib., c. 65, p. 291.] «Naquele tempo mandou el-rei o condestável a Alentejo *fazer gente*.» [Ib., c. 68, p. 307.] Neste sentido escreveu semelhantemente JOÃO DE BARROS: «El-Rei tinha té mil *espingardeiros*, que mandou vir da terra firme *feitos* lá secretamente para êste caso.» [Déc. III, VII, 3.] Que me diria, entretanto, o dr. CARNEIRO, se eu, firmado nessas autoridades clássicas, me atrevesse à expressão *fazer gente*, *fazer espingardeiros*, na acepção de os angariar, ou alistar?

Reunir, juntar, organizar esquadra, ou armada, é como ao presente nos exprimiríamos. Mas os clássicos diziam *fazer armada*. «Tendo feito uma armada de vinte naus» é frase de DUARTE NUNES, na Crônic. del-rei D. Afonso V, c. 28, p. 228.¹

Lançar, dar ou deitar bênção é como hoje se fala em nosso idioma. Entre os antigos, porém, não era raro dizer-se: *fazer bênçãos*. «Vindo el-rei a falar em seu casamento, se achou que se no dia seguinte lhe não fôssem as bênções feitas, se não podiam fazer daí a muitos dias.» [D. NUNES. *Ib.*, c. 68, p. 308.] «Escreveu logo ao bispo da cidade que ao outro dia estivesse prestes para lhe fazer as bênções.» [*Ibid.*] Seria hoje admissível êsse escrever?

E que me não diria o professor CARNEIRO, se, em vez de *lançar, deitar ou pronunciar a absolvição*, escrevesse eu, como DUARTE NUNES, *fazer absolvição*? Lá está na Crônica e Vida del-rei D. Duarte, c. 9, p. 37 [ed. de 1780]: «E depois de se fazer *absolvição plenária*, se tornou a procissão», citando o Dicionário da Academia [p. 38] outros exemplos desta aplicação.

Dizemos, hoje em dia, *criar raízes, lançar raízes, deitar raízes, profundar raízes*. Se a essas formas, porém, antepusesse eu a de *fazer raízes*, não me estranharia o dr. CARNEIRO? Certo que sim, e com razão. Pois é clássico da melhor nota. «O ódio que tinha ao infante», escreve D. NUNES na Crônica del-rei D. Afonso V, «fizera já nêle grandes raízes». [C. 21, p. 196.]

As *Ordenações Afonsinas* são ainda mais velhas. Se se der a lê-las, encontrará o dr. CARNEIRO dizeres sem número, que o falar de hoje rejeitaria. Não basta, pois, invocá-las, para legitimar como de bom uso a «*interrupção feita*» do projeto. *Fazer amor*, diziam elas na acepção de *galantejar*,

1. No mesmo sentido, GASPAR DA CRUZ, *Trat.* 25, 5. *Apud Dicionário da Academia*, página 409.

namorar, presentear: «fazer amor de sua carne, vinho, etc.» *Fazer armas*, usava o código filipino, na intenção de *ter duelos, justas, batalha*: «item, dar lugar a se fazerem armas de jôgo.» [Ord. II, 26, 2.] *Fazer armas*, ainda se poderia hoje aventurar com as menos antigas das *Ordenações*. Mas de *fazer amor*, com as *Afonsinas*, na acepção de *fazer mimos*, ousaria servir-se o professor CARNEIRO, já que tem por essa frase a mesma autoridade invocada em favor da que censurei?

Vogava outrora o *fazer um cavalo*, na acepção de ensiná-lo, *fazer verdade* no sentido de prová-la em juízo, *fazer perda* na significação de causá-la, ou sofrê-la, *fazer pranto*, na de o verter, ou derramar, *fazer vingança*, na de tomá-la ou exercê-la. Eram clássicas. Bastará, para que atualmente circulassem sem reparo?

No *Livro da Ensinança* [p. 611] se escrevia *fazer reveses*, por *sofrê-los*: «E teenham voontade de querer ante algúas vêzes *fazer reveses* ou cair, que de todo leixar dencontrar.»

Fazer livros disse JOÃO DE BARROS por *escriturar livros*, ou *arrumá-los*: «E com êstes quatro escrivães eram outros quatro mouros, que também *faziam livros* por si, que respondiam aos nossos.» [Déc. III, VII, 2.]

Fazer fazenda, na significação de negociar, nos depara igualmente BARROS [Déc. III, III, 6; II, II, 7], e freqüentemente FERNÃO MENDES PINTO.

De BARROS, ainda, como de outros antigos escritores, é *fazer obediência*, na acepção de prestá-la, rendê-la: «A primeira que mandou, ante que se determinasse no que devia fazer a Tomé Pires, foi mandar que êle não fôsse mais ao paço a *lhe fazer obediência*.» [Déc. III, VI, 1.]

Haveria quem escrevesse hoje «*fazer obrigações*», em lugar de *contrai-las, firmá-las, estipulá-las*? Pois dêsse modo escreveram clássicos: «Os prometimentos, juras e *obrigações feitas* pelo dito senhor rei.» [FERNÃO LOPES. *D. Fernando*, c. 170.]

Fazer fim de, na acepção de *pôr fim a*, seria hoje tole-

rável? Mas assim se escrevia naqueles tempos: «*Fazia sim de suas falas.*» [F. LOPES. *D. João I*, parte II, c. 139.]

Atualmente se concedem, outorgam, distribuem ou promulgam *perdões*. Entretanto, no antigo vernáculo, também *perdões se faziam*: «Aquelhas divisas que deu e *perdões que fêz a todos os do reino.*» [Ib., c. 143.]

Fazer desprêzo de, onde nós diríamos ter *desprêzo a*, ou *ter em desprêzo a* é de MANUEL BERNARDES: «Em sinal de sua pobreza e do *desprêzo que fazia do mundo.*» [N. Fl., v. IV, p. 315.]

Tirar ilações escrevemos hoje. VIEIRA escrevia *fazer ilações*: «A mesma *ilação faço eu.*» [Serm., v. VI, p. 353.]

Fazer prata usa JACINTO FREIRE, significando o adquiri-la, ou juntá-la: «Ainda a *prata, que no reino fizera, havia já gastado.*» [D. João de Castro, IV, n. 102.]

De uma *embaixada* ninguém diria hoje senão que se *desempenhe, exerça, ou ocupe*. Nos tempos de JACINTO FREIRE o verbo era *fazer*: «Foi d'el-rei dom Sebastião particular aceito, fidando-lhe os maiores negócios, e lugares do reino, *fêz diversas embaixadas a França, Castela, Roma e Sabóia.*» [Ib., n. 110 *in fine.*]

Quem se atreveria hoje, não digo a um *fazer desprêzo*, ou *fazer ilação*, talvez ainda permissíveis, mas a um *fazer obediência, fazer prata, fazer embaixadas, fazer fazenda, fazer livros, fazer bênçãos, perdões, absolvições, obrigações, fazer amor, fazer reveses?*

Bem se vê, pois, que o exemplito clássico do professor CARNEIRO o não justifica. A leitura dos autores antigos, como a dos livros santos, demanda crítica e seleção. A nossa língua, noutros séculos, era, a certos respeitos, cheia de lacunas e pobrezas. É o que demonstra o profundo filólogo FRANCISCO DIAS num dos seus sólidos trabalhos.¹ Entre essas caberia

1. *Memór. de Lit. Portug. publicadas pela Acad. Real das Ciênc. de Lisboa.* Tom. IV. 1793. P 36-60.

enumerar, talvez, a aplicação indistinta e geral do verbo *fazer*. Com o tempo muitas das acepções, que êle abarcava, especializando-se pouco e pouco, se vieram a individuar e absorver outros verbos, que de presente as significam mais à justa, com proveito da clareza, elegância e variedade no falar.

§ 83

Art. 182, § 3º.

CONCORDÂNCIA

307. — Rezava o projeto:

«Art. 182. Prescreve:

«§ 3º. Em dois meses a ação do marido para contestar a legitimidade do filho nascido de sua mulher, contado o prazo do nascimento, se nessa ocasião *êle* se achava presente.»

Objetei eu à redação dêste texto, ponderando que entre *êle* e o vocábulo *marido*, a que se deve referir, medeiam quatro substantivos masculinos, cuja interposição deixa hesitante a escolha do leitor quanto ao antecedente, com que o pronome concorda.

Não veio nisto o mestre. «O pronome», diz êle, «não pode aqui referir-se, senão ao vocábulo *marido*.»

Lógicamente, de acôrdo. Sintâxicamente, não. Ante a regra de sintaxe o pronome concordará com o nome mais vizinho, se em gênero e número condizem. Em casos como êste será mister acorrermos ao *sentido*, escutar, através da frase, a intenção do escritor, para substituir pela subordinação lógica a subordinação gramatical. Divergem elas uma da outra, e mercê da primeira é que se obtém retificar a

errada pista da segunda. Tais verificações, porém, pressupõem, em quem as faz, reflexão atenta e critério seguro, que nem sempre assistem ao comum dos interessados, e que as incalculáveis artes da trica forense costumam de caso pensado evitar.

Os códigos civis, porque se escrevem para o povo e, até, para as escolas de primeiras letras, convém que se abstengam, no seu contexto, desses enigmas gramaticais, por fácil que seja o decifrá-los. Cumpre, logo, na sua redação, que o pensamento resulte naturalmente da ordem gramatical; aliás a simpleza e ignorância vulgares cairão muitas vezes em interpretações extravagantes, com prejuízo do bem geral, a que as codificações pretendem servir.

308. — Em lugar do fraseado, que, no projeto, envolve a idéia legislativa, propus esta versão:

«Em dois meses, contados do nascimento, se era presente o *marido*, a ação para *este* contestar a legitimidade do filho de sua mulher.»

Pois não é, sem comparação, mais claro?

No texto CARNEIRO precedem ao pronome pessoal masculino quatro substantivos masculinos, a cada um dos quais gramatical, se não lógicamente, poderia dizer respeito a relação pronominal.

No meu texto não há equívoco possível: à oração «se era presente o *marido*» sucedem logo as palavras: «para *este* contestar a legitimidade do filho». *Marido* é o substantivo imediatamente anterior a *este*. *Este* não se pode referir, portanto, senão a *marido*. Coincide o pensamento com a ordem gramatical.

Ora bastava ser possível a segunda redação, para se refusar a primeira. Entre um frasear sujeito a hermenéutica e outro de sentido materialmente visível não há vacilar.

309. — Nem por ser do código civil português, escapa à censura o exemplo citado pelo mestre em sua defesa. Dizendo, como ali diz:

«O amo é obrigado:

«2.º A indenizar o serviçal das perdas e danos, que padecer por causa ou culpa dêle.»

deixa o legislador, com êste *dêle*, ao espírito de quem o ler a seleção entre os nomes de *amo* e *serviçal*, ao último dos quais tocaria gramaticalmente a referência do pronome pessoal. Para não cair em tal engano, se há mister de um processo, que põe de lado a gramática, a inferência natural dela resultante, e vai devassar além o intuito da lei, envolvido numa sintaxe que o dissimula. Quem não possúisse a noção jurídica de que só o autor da culpa responde pelo dano, não a adquiriria com a inspeção daquele texto, onde o contrário se parece dispor.

Como tôda a obra humana, tem defeitos a redação do código civil português, aliás geralmente magistral. Dêles falava o autor daquela obra, anos após a sua publicação, dizendo: «Não me foi lícito dar a última demão ao meu trabalho, enquanto estêve na comissão revisora; e quando me preparava, para promover a necessária revisão na câmara dos pares, na qualidade de relator da comissão de legislação, soube, achando-me ausente, que o código civil ali passara, sem que ao menos se desse o tempo necessário para uma simples leitura. Não é aqui o lugar de demorar-me com a indicação dos descuidos, que abundam no código, e que facilmente teriam sido evitados.»¹

1. VISCONDE DE SEABRA. Carta, em 1869, a SILVA SOUSA. *Ap. SILVA E SOUSA. O código civil port.*, Pôrto, 1879. P. VII.

§ 84

Art. 182, § 3.º

510. — Comentando, neste particular, o meu substitutivo, observa o dr. CARNEIRO:

«Construindo assim a frase, o ilustre dr. Rui não guardou, na expressão do pensamento, uniformidade entre êste parágrafo, os dous anteriores e o seguinte.

«No § 1.º dêste artigo diz: «Em dez dias, contados do casamento, a ação do marido para», etc.

«No § 2.º «Em quinze dias, contados da tradição da coisa, a ação do comprador contra o devedor», etc.

«No § 4.º II «A ação do pai, tutor, ou curador para», etc.

«No § 5.º I «A ação do cônjuge coato para», etc.

«No § 3.º Não observa essa ordem e diz:

«Em dois meses, contados do nascimento, se era presente o marido, a ação para êste contestar, etc.»

Não quero qualificar de impertinência uma tal bagatela. Essa linguagem seria de mestre a aluno. De aluno para mestre, fôra caso capital. Mas que lhe hei de chamar?

Chega a ser quase impalpável o objeto da censura. Só à fôrça de a ler e reler alcancei dar-lhe com o pensamento. Vejamos esta grande coisa.

Desfiando as espécies de prescrição, que se desdobram em imenso quírie, a espraiar-se por dez parágrafos, divididos cada um em número às vêzes ainda maior de subparágrafos, que por sua vez se subdividem noutros membros, alfabèti-

camente numerados, era mister cingir-se o texto, quanto possível, a fórmulas uniformes. Atento a esta consideração, enuncia-se o meu substitutivo, nos parágrafos citados pelo dr. CARNEIRO, dêste modo:

«Prescreve:

«§ 1.º *Em dez dias, contados do casamento, a ação do marido, para anular o matrimônio...*

«§ 2.º *Em quinze dias, contados da tradição da coisa, a ação do comprador contra o vendedor, para haver abatimento no preço...*

«§ 3.º *Em dois meses, contados do nascimento, se era presente o marido, a ação para este contestar a legitimidade do filho...*

«§ 4.º *Em três meses, a ação do pai, tutor ou curador, para anular o casamento...*

«§ 5.º *Em seis meses, a ação do cônjuge coato, para anular o casamento...»*

Coteje-se o § 3.º com os dois antecedentes e os dois subseqüentes. Onde o transvio, que me increpa o mestre, da ordem adotada, a *quebra de uniformidade* com ela?

Todos quatro parágrafos começam, fixando o prazo: «em dez dias; em quinze dias; em três meses; em seis meses»; e em seguida especificam todos êles a ação prescritível, dizendo: «a ação do marido, para anular o matrimônio; a ação do comprador contra o vendedor, para haver abatimento; a ação do pai ou tutor, para anular o casamento; a ação do cônjuge, para anular.»

E no § 3.º, sobre o qual recai a nota desfavorável? A mesma coisa, salvo sómente que, entre a fórmula inicial «*Em dois meses*» e a que designa o direito legal circunscrito a êsse prazo, «*a ação para contestar a legitimidade*», se insere a cláusula «*se era presente o marido*».

Em que é que esta cláusula contravém à ordem adotada ? A ordem comum àqueles textos consiste simplesmente em se indicarem sucessivamente o *período prescritivo*, o *titular do direito* e a *ação prescritível*. Ora é o que neste rigorosamente se faz. A restritiva «se estiver presente o marido», posposta à expressão «contados do nascimento», mais não faz que intuir a fixação do prazo, delimitado nas palavras iniciais «em dois meses».

Ponham-se lado a lado, para confronto, o § 3.º e o § 2.º:

«§ 2.º *Em quinze dias, contados da tradição da coisa, a ação do comprador contra o vendedor para haver abatimento.*»

«§ 3.º *Em dois meses, contados do nascimento, se era presente o marido, a ação para este contestar a legitimidade do filho.*»

Mostrem-me a desconformidade na ordem entre êsses dois textos. Seria impossível, ante a materialidade gráfica desta acareação. Não pode o *Magister dixit* alterar a realidade visível das coisas. Do criticar ao turrar às vezes não vai mais que um passo, e a irritabilidade dos mestres bem depressa o transpõe.

§ 85

Art. 142

«ALGUM» POR «QUALQUER»

311. — Aceita o mestre a emenda.

É o mesmo descuido, com que já nos encontramos no art. 1.455.

§ 86

Art. 219, parágrafo único

«NUBENTES» POR «CÔNJUGES»

312. — Reconhece o mestre o êrro dessa confusão.
Graças.

§ 87

Art. 1.129, § 1.º

«QUE COMUMENTE RECEBEREM»

POR

«QUE COMUMENTE SE RECEBEREM»

313. — Confessa o dr. CARNEIRO a falha gramatical
E tudo isso passaria, e ficaria, e se incorporaria no código
civil, e com êle se perpetuaria, se o discípulo jurasse nas pa-
lavras do mestre.

§ 88

Art. 199

«EXARAR»

ADULTERAÇÃO DE UM TEXTO MEU

314. — Bem me custa ventilar êste ponto, onde não
sei como conciliar o meu respeito ao mestre, respeito sincero,
com a desnudação do abuso, mercê do qual vejo aqui metido
a cutelo o meu nome de escritor.

O caso assume caráter quase criminal. Procederei, pois,
como em tribunal aberto, documentando a querela com o
corpo de delito.

Ei-lo, nas palavras do censor, que textualmente reproduzo:

«Art. 199. «O casamento será inscrito no registro, imediatamente após a celebração.»

«A inscrição será assinada pelo presidente do ato, os esposos, as testemunhas, o oficial do registro e deverá conter, etc.»

«A segunda parte do artigo é assim redigida pelo ilustre Dr. Rui Barbosa:

«No assento, assinado pelo presidente do ato, os cônjuges, as testemunhas e o oficial do registro serão *exarados*.»

«Não julgamos muito próprio aqui o emprêgo do verbo — *exarar*: não se exaram pessoas; porém, coisas.»

«Assim se diz: *exurar uma ata, exurar uma inscrição, exurar um epitáfio; exurar em uma ata um voto de louvor*; mas não nos parece acertado dizer: *exurar uma pessoa, exurar testemunhas, exurar os cônjuges.*»

Leram? Pois bem: o texto que aí se me atribui, *está grosseiramente alterado*.

No meu substitutivo o que se acha, é isto:

«Art. 199. Do matrimônio, logo depois de celebrado, se lavrará o assento no livro de registro. [Art. 206.]

«No assento, assinado pelo presidente do ato, os cônjuges, as testemunhas e o oficial de registro, serão *exarados*:

«I. Os nomes, prenomes, datas de nascimento, profissão, domicílio e residência atual dos cônjuges.»

«II. *Os nomes, prenomes etc.... dos pais.*»

«III. *Os nomes e prenomes do cônjuge precedente e a data...*»

«IV. *A data da publicação e celebração do casamento.*»

«V. *A menção dos documentos...*»

«VI. *Os nomes, prenomes... das testemunhas.*»

«VII. *O regímen do casamento...*»

«VIII. *A suma da autorização dada por escrito.*»

Temos, portanto:

1.º] Que o presidente do ato, os cônjuges, as testemunhas e o oficial do registro assinarão o assento lavrado no livro. [É o que rezam as palavras: «No assento, assinado pelo presidente do ato, os cônjuges, as testemunhas e o oficial do registro.»]

2.º] Que nesse assento serão exarados nomes, prenomes, datas, profissões, menções, sumas, residências e documentos.

Logo, não havia eu dito que no assento se exarassem pessoas.

Logo, o que eu dissera, é que no termo de casamento se exarariam fatos, atos, declarações, nomes. E a isso é que justamente se aplica o verbo *exarar*, sinônimo de «abrir, gravar, mencionar, consignar, escrever». [C. DE FIGUEIREDO.]

315. — Mas como me teceu o mestre o dislate gramatical, de que me faz carga?

Adulterando-me o texto do substitutivo, mediante a eliminação da vírgula antes de «serão exarados» e a eliminação dos dois pontos após essa cláusula. Destarte, com a modificação ortográfica do dr. CARNEIRO, o período terminava no particípio *exarados*, e, elidida a vírgula antes do futuro *serão*, ficavam por sujeitos dêle as palavras *cônjuges, tes-*

temunhas e oficial do registro. Esses, pois, é que seriam os *exarados*.

Dêste destempôr filológico, assacado à minha responsabilidade por quem mo armava, resultaria a cabeçada jurídica de ser o assentamento do matrimônio assinado exclusivamente pelo presidente do ato, reduzindo-se os *cônjuges*, as *testemunhas* e o *notário* a mera *exaração*, isto é, *menção*, na escritura nupcial.

316. — Como se logrou perpetrar êsse atentado contra a verdade material do texto? É inexplicável; porque lá está a vírgula no impresso, visibilíssima aos mais cegos; os dois pontos lá estão; e, além do mais, acima de tudo, sobrelevando em conspicuidade a tôda a notação ortográfica do artigo, ali, em longo rol, numa extensa enumeração de *oito parágrafos sucessivos*, cada qual com o relêvo do seu algarismo romano, lá estão os itens da *exaração* que se ordena. Foi mister engolir-se inteira, com a ortografia do texto, tôda aquela série de especificações expressas e distintas, para se ter o gôsto de esmagar-me sob o pêso desta novidade: «Exaram-se coisas; não pessoas.»

Pena é que semelhante fato haja de ficar *exarado* em papéis como êstes. Ele caracteriza a crítica, de que sou alvo, colhendo-a em flagrante de viciar e truncar textos. Não direi mais, que sobremodo já me pêsa de não ter podido fugir a esta exposição. Mas como deixar-me fraudar e caluniar sem desagravo?

317. — Se, consoante ao que me induz a crer a minha reverênciâo ao mestre, praticou êle inadvertida e inconscientemente essa mutilação e transmutação daquele texto, sobremaneira achacado é a essas distrações, ou ausências de espirito, que LA BRUYÈRE tão galantemente descrevia no tipo de Menalco e, segundo o CAVALEIRO DE OLIVEIRA, «fazem grande dano às pessoas de entendimento».

Ou então adormeceu, sonhou e sonambulou; o que não seria caso novo. Se Homero, com ser Homero, dormitava, não será de estranhar que espíritos de menos alta esfera durmam, de quando em quando, a bom dormir. Seria num desses sonos a valer, folgados, povoados e animados, que lhe teria acudido aquela maligna inversão da realidade, cuja explicação debalde iríamos tentar no mundo anedótico dos abstratos.

§ 89

Art. 208

TEMPOS DE VERBOS

318. — Dizendo o texto do projeto, nas palavras iniciais: «*em que se êle*» [o casamento] «*realizar*», continua em seguida [parágrafo único]: «*Se, porém, o tiver sido...*»

Óbvio me parece que o «*se êle realizar*», por onde acaba o primeiro período, não condiz bem com o «*se o tiver sido*», que abre o período imediato. Bem vejo que ambas as formas estão no subjuntivo, correspondendo uma ao futuro, outra ao futuro anterior. Mas, em que se não infrinja a lei grammatical, há todavia uma divergência na maneira de enunciar a ação do verbo, que da primeira vez se exprime com o subjuntivo futuro, e da segunda com o subjuntivo futuro anterior. Desde que no intróito dessa disposição se dissera: «*em que o casamento se realizar*», bem era se dissesse no tópico seguinte: «*Se, porém, se realizar...*», e não: «*Se, porém, se houver realizado*» ou: «*Se, porém, o tiver sido.*» Por que na segunda hipótese a ação anterior, quando na primeira se redigira com a ação presente?

Mas, inquire o mestre, «*quererá* o dr. Rui *propor* o emprêgo da expressão *fôr realizado*, em vez de *se realizar?*» E conclui: «*Se assim fôra, não se tornara a frase de notável dureza e dissonância?*»

Sim. Mas não há indagar do que eu *quisesse propor*, quando a minha proposta ali se acha *formulada* par a par com a censura. Eu não *quis propor* a expressão *fôr realizado*. Eu *propus* a seguinte redação:

«O casamento celebrado fora do Brasil prova-se de acordo com a lei do país, *onde se celebrou*.

«Parágrafo único. Se, porém, *se contraiu* perante agente consular, provar-se-á.»

«*Se celebrou*» e «*se contraiu*» estão no mesmo modo e no mesmo tempo. Não se varia de um para outro, a fim de exprimir a mesma eventualidade, que no mesmo tempo se deve figurar.

§ 90

Art. 1.164, parágrafo único

«DEVEDOR» POR «VENDEDOR»

319. — Abraça o mestre a emenda, que me parece não é de leve monta.

Registe-se.

§ 91

Art. 657

DIREITO AUTORAL

520. — Quem acarear a minha extensa apostila a esta disposição do projeto, no tocante ao vocábulo *autoral*, com a contradita do mestre, verá que êle nada adiantou à defesa dêsse neologismo, por mim prevista e refutada.

Não contestara eu que semelhante inovação pudesse invocar parentescos no vocabulário português. Dêle até

ofereci exemplos nos adjetivos *doutoral* e *reitoral*, aos quais o mestre, a muito esforço, apenas vingou adicionar *eleitoral*, que é comezinho, e *professoral*, criação de LATINO COELHO e EÇA DE QUEIRÓS. Ainda que a êsses se acrescentem, no caráter de congêneres, segundo o duto filólogo, os nossos adjetivos em *ial*, como *senatorial* e *ditatorial*, vocábulos pesados e rabilongos, a que se avantaja a forma *ditatório* e *senatório*; ainda que aceitemos, outrossim, como concludente para entre nós a analogia inglesa, coisa contestável, subsiste nos seus dois pontos capitais o meu articulado contra essa neologia.

321. — Contestei-lhe bons foros, entre outras razões, à primeira porque abrira a porta às mais extravagantes imitações, irrecusáveis a prevalecer esta, v. g.: *direito atoral*, *direito editorial*, *direito escritoral*, *direito compositoral*, *direito inventoral*, *direito construtoral*, *direito pintoral*, e outros, sem conto, da mesma estirpe e feitio.

À segunda, pus-lhe em dúvida êsses foros, por não existir o uso de um só escritor de valia, com que em seu abono se possa alegar.

Neguei-lhe, enfim, à terceira, o meu voto, em razão de ser supérflua a novidade. Debalde a preconiza o mestre, a título de que «não tem contra si a analogia». Mas basta isso? Não: faz-se mister ainda a *necessidade*, uma grande conveniência, pelo menos, ou a vantagem de prender o idioma com uma expressão notável pela beleza, precisão, graça ou energia. Só um dêsses motivos de utilidade manifesta, ou estética evidente, autorizam a circulação dos neologismos, que houverem transitado sem nota pela contrastação da analogia.

Não me envergonha o estigma literário de neofobia, enquanto a minha fôr da casta daquela a cujo quadro pertencia JÚLIO RIBEIRO, um dos raros gramáticos escritores, o qual, rompendo contra a *mania dos neologismos*, lhe opôs, em expressões memoráveis, a barreira do senso comum.

«O neologismo», dizia êle, «só se justifica pela necessidade de uma denominação nova, para uma descoberta que também é nova, para um novo instrumento, ou então quando vem apadrinhado por um nome respeitado na língua. Os neologistas não passam de deturpadores da língua.» [Gramát., p. 352.]

Ora que precisão temos dêsse adjetivo? *Direito autoral* não faz a menor vantagem a *direito de autor*. Ambas as locuções têm o mesmo número de sílabas, e da mesma natureza. *Nenhum nome de autoridade* o apadrinha. *Nenhuma língua* o perfilhou até hoje. Não o quis ainda o próprio inglês, de cuja facilidade em cunhar epítetos dessa terminação fala com ênfase o dr. CARNEIRO. Não se aponta *uma lei*, portuguêsa, ou de outra nacionalidade, que o adotasse. Tão-somente se nos depara num ato legislativo brasileiro; o que bem se sabe mui longe está de constituir carta de crença ante o vocabulário ou a gramática do nosso idioma.

E é por uma locução de tais quilates que enrasta a sua ciência um amigo das boas tradições do nosso idioma.

§ 92

Art. 233, II

IMPEDIMENTOS OFERECIDOS IMPEDIMENTOS OPOSTOS

322. — Aconselhei que se trocasse a primeira dessas expressões na segunda. Mas o mestre me averba de infundada a censura; e, porque eu de tal me convença em dois tempos, depois de me ilustrar com a novíssima das novidades, ensinando-me que «*impedimento* é resistência, dificuldade, estôrvo, obstáculo, embaraço», adverte que ninguém rejeita as expressões *oferecer dificuldade*, *oferecer resistência*, *oferecer*

o escudo aos golpes inimigos. Podia acrescentar que são clássicos, e estão no velho MORAIS estoutros: *oferecer batalha, oferecer pancada, bofetões ou pontapés.*

Disso creio eu que sabia desde o *Ginásio Baiano*, onde nos liam, e muitas vezes li eu mesmo, da tribuna, às boas horas do refeitório, as estrofes dos *Lusíadas*, numa das quais, impressa em nossa memória pela estereotipia da audição cotidiana, me lembra dizer-se:

«Estará pronto a tôda a adversidade
Que por guerra a teu reino se ofereça.»¹

323. — Nem se há mister de cogular de latins a medida, para se admitir nessas locuções o verbo *oferecer*. Não exerce êle aí outra função que a de *apresentar*, seu conhecido sucedâneo em tais casos. Na hipótese, porém, não era do uso vulgar a questão, sim do uso *jurídico*, e em particular do que é específico a *impedimentos matrimoniais*.

Se ao código civil português, pouco há invocado pelo mestre como oráculo acerca de uma dúvida gramatical, se acorresse o dr. CARNEIRO aqui, onde mais a própria cairia êsse apêlo, teria visto que ali não se diz *impedimentos oferecidos*, mas *impedimentos opostos*. É no art. 1.076, parágrafo único:

«Os *impedimentos* legais, mencionados no art. 1.058, só podem ser *opostos* por aquêles, cujo consentimento é necessário para a celebração do contrato.»

São matizes da fraseologia jurídica, indiferentes aos leigos, mas relevantes aos olhos do profissional. Ninguém diz, em linguagem forense, «opor embargos *contra a nulidade da sentença*», em vez de «opor embargos *de nulidade à sentença*». Disse-o todavia CAMILO,² por não ser jurista. Não há dúvida

1. *Lusíadas*, VII, 63.

2. *Caveira da Mârtir*, p. 47-8.

alguma que a *térça* é o *térço* dos bens de quem testa, ou falece. Mas em frase jurídica a locução consagrada e insubstituível é *térça*, embora CASTELO BRANCO, não obrigado no romance à precisão do legislador e do jurisconsulto, escrevesse uma vez *térço*, por *térça*.¹ Nem era senão por não ter a cultura especial dessa profissão que um dos nossos mais eminentes filólogos dizia uma feita: «Não posso compreender o que seja *vício redibitório*.»² E não se viu um dia o sr. CASTRO LOPES, filólogo de especialidade em coisas latinas, meter a riso a expressão latina *o de cuius*, tão antiga, corrente e legítima no fôro, por imaginar que o *de*, ali, se encantara com pretensões de reger o genitivo *cuius*?

§ 93

Art. 255, VI

CONCORDÂNCIA

324. — Reza, no projeto, esta disposição:

«Independentemente de autorização, pode a mulher casada:

VI. «Promover os meios assecuratórios e ação que lhe competirem contra o marido em razão de seu dote ou de outros bens seus sujeitos à administração do mesmo.»

Critiquei-a eu, porém, reflexionando:

«Redigido assim o texto, o dote é *do marido* e a administração é *do dote*, duas extravagâncias que o projeto não pedia ter em mente.»

1. «Legando ao seu filho adotivo quanto possuía, exceto o *térço*, que manda repartir pelos parentes de sua mulher.» *Coisas Espantosas* [ed. de 1902, Lisboa], p. 221.

2. JOÃO RIBEIRO. *Estudos filológicos* [ed. de 1902], p. 47.

Mas, a juízo do mestre, «não há quem, analisando êste artigo, lhe dê essa interpretação».

Fácil me seria retorquir, invertendo contra o sentir do meu contraditor o seu *Não há ninguém*. Mas não hei mister. A mim me basta que *alguém*, embora de não grandes letras como eu, mas de algum entendimento, algum crédito no seu ofício de legista e trinta anos de lida constante na interpretação de leis, veja a possibilidade razoável daquela inteligência nessa redação, para que ela, aos meus olhos, mereça reformada.

Decompondo o texto controverso, quanto importe à minha demonstração, teremos:

«Pede a *mulher casada*:

«Promover os meios assecuratórios e a ação que lhe competirem contra o *marido*

«em razão de seu dcte.»

Pois não será óbvio que, nesta frase, o possessivo *seu*, gramaticalmente, se liga a *marido*, e não a *mulher*, para chegar à qual temos de saltar por élle, e desandar três linhas de texto?

§ 94

Art. 262

AQUÊLE, ESSE

525. — Diz o texto do meu substitutivo:

«A anulação dos atos de um cônjuge por falta da outorga indispensável do outro importa em ficar obrigado *aquêle* pela importância da vantagem, que do ato anulado haja advindo a *esse* cônjuge, aos dois, ou ao casal.»

A isso, o dr. CARNEIRO:

«Se se trata dos dcis cônjuges, empregando-se em relação ao primeiro o adjetivo demonstrativo — *aquêle*, não é o adjetivo — *esse* que se lhe deve contrapor, senão o adjetivo — *este*. Não será fácil achar o dr. RUI exemplo que justifique o adjetivo *esse* assim empregado.»

Bem digo eu que, para assentar mão no feitio de leis, preciso é ter algum hábito de as menear.

Examinemos o caso. Dois são os cônjuges. Um é o que praticou os atos anuláveis por falta de outorga. Chamal-lhe-ei A. O outro é aquêle, cuja outorga faltou, fazendo-se por isso anuláveis os atos, de que se trata. Designá-lo-ei por B. Pois bem: anulado o ato, aquêle que o perpetrhou [A] sem a outorga do consorte [B], responde pela importância da vantagem, que dêsses ato resultou ao seu autor [A], ao outro cônjuge [B], ou a ambos [A e B].

No texto de que se discorre, pois, o demonstrativo *aquêle* se refere ao cônjuge autor do ato viciado [A], e a *esse* mesmo cônjuge alude igualmente, depois, o demonstrativo *esse*. Não há, portanto, contraposição entre os dois demonstrativos: *aquêle* e *esse* entendem com o mesmo cônjuge, o primeiro, o responsável pelo ato anulado.

O *esse* está direito. O que não está, é a expressão *os dois*, que fica em duplicado com a palavra casal. Deve emendar-se: «haja advindo a *esse* cônjuge, *ao consorte*, ou ao *casal*.»

§ 95

Art. 262, parágrafo único

«OBSCURA E PÉSSIMA»

326. — Neste lugar foi o meu substitutivo redigido assim:

«Não tendo bens particulares, que bastem, o cônjuge responsável pelo ato anulado, aos terceiros de boa-fé se comporá o dano pelos bens comuns, na razão do proveito que lucrar o casal.»

O mestre não lhe dá honras de análise. «Emenda obscura», diz, «e de péssima construção.» E volta-lhe costas.

Mas «obscura» em quê?

Por que de péssima construção?

O que eu acho de muito nesta sentença, não é que decepe, mas que não arrazoe. Julgados sem os motivos expressos do julgar, só os divinos. Entende o mestre, porém, que a sua justiça não há mister fundamentada. Excedendo com tôda a cabeça, como dizia VIEIRA,¹ as demais autoridades, fala de alto coturno à arraia miúda gramaticante, como os oráculos à turba dos crentes.

Naquele trecho pesara eu a expressão frase a frase, medida a linguagem sentença por sentença; e sai-me a linguagem obscura, péssima a construção!?

Ora andemos passo a passo, a ver se, de feito, sem candeia não se entenderá o lance, e que desconcertos lhe arrevesam a trama.

«Não tendo bens particulares, que bastem, o cônjuge responsável pelo ato anulado». Assim começa o texto. E haverá quem o não perceba? Salvo se o filólogo baiano proscreve a construção inversa, tantas vêzes recurso maravilhoso de graça, vigor e clareza. Tanto fazia dizer ali: «Não tendo o cônjuge responsável pelo ato anulado bens particulares, que bastem», como: «Não tendo bens particulares, que bastem, o cônjuge responsável pelo ato anulado». Não há, na oração, outra entidade, em que se possa ver o sujeito, senão «o cônjuge responsável pelo ato anulado», outra que seja suscetível

1. *Sermões*, v. V, p. 362.

de passar como objeto do verbo, senão «bens particulares, que bastem». Onde a falta de clareza? Onde a deformidade gramatical?

Continuemos.

«Aos terceiros de boa-fé», prossegue o texto, «se comporá o dano pelos bens comuns.» *Compor*, ensina MORAIS, é «reparar, satisfazer, indenizar a injúria, o dano, a lesão, que se fêz». *Indenizar* que espécie de construção demanda? Responde o próprio MORAIS, no trecho que se acaba de transcrever: «indenizar o dano a» quem o sofreu. Agora troquemos *indenizar* em *compor*, e teremos, tal qual, a redação do texto, que o dr. CARNEIRO infama: «Aos terceiros de boa-fé se comporá o dano pelos bens comuns».

Seguem-se, no passo criticado, as palavras do remate: «na razão do proveito, que lucrar o casal.» Isto é [ligando esta à oração principal, que lhe antecede]: «os terceiros de boa-fé se comprá o dano, na razão do proveito que lucrar o casal.» Onde a escuridade? Será duro de entender o *na razão*, equivalente de *na proporção*, onde quer que se fale a nossa língua? Sê-lo-á o substantivo *proveito*? Sê-lo-á, enfim, a cláusula «que lucrar o casal»? Mas *casal* não pode ter aqui dois sentidos; *lucrar* não tem senão um; *proveito* ninguém ignorará o que seja. Apenas aqui se depara uma ligeira inversão na ordem gramatical, dizendo-se «que lucrar o casal», em vez de: «que o casal lucrar»; mas isso a bem da eufonia, e sem desmerecer absolutamente nada a transparência da forma.

Eis a redação, que a cátedra averba de «obscura e pessimamente construída». Bem dizia o nosso VIEIRA: «Quantas vezes reconhece o quinão na consciência o mesmo que na cadeira o defende a vozes?»¹

1. *Sermões*, v. II, p. 25.

§ 96

Art. 1.084

327. — Abraça o dr. CARNEIRO como «razoável» a correção, que fiz, substituindo «comunicá-la-á» por «comunicá-lo-á.»

Entretanto, na apostila ao art. 429, em presença de uma construção análoga, braveja indignado, perguntando se o demonstrativo *o* se refere aos substantivos masculinos mais vizinhos.

Digo eu, no art. 1.084:

«Se a aceitação, por circunstância imprevista, chegar tarde ao conhecimento do propONENTE, ês-e comunicá-lo-á imediatamente ao aceitante...»

Por que não me estranha o mestre aqui o demonstrativo *lo*, quando tem neste passo a mesma serventia que no art. 429? Por que me não pergunta aqui se o *lo* se refere a *conhecimento*, substantivo masculino pròximamente anterior?

§ 97

Art. 1.043

NEM LHE AUTORIZADO

328. — A redação mal cotada pelo mestre é a seguinte:

«Se as partes não tiverem nomeado o terceiro árbitro, nem lhe autorizado a nomeação pelos outros, a divergência entre os dois nomeados rescindirá o compromisso.»

Continua o professor CARNEIRO de argüir sem provar, continua a condenar sem arrazoar. Tacha-me a frase de «redigida sem gôsto, nem elegância». Razão parece que ao

asserto juntasse o fundamento. Não o faz. É que andará em costume outra vez crer-se implicitamente aos catedráticos, pela confiança que dêles se tenha.

Mal nos diz o professor CARNEIRO que eu «andaria com mais correção», se, repetindo o auxiliar, escrevesse: «Se as partes não *tiverem* nomeado o terceiro árbitro, nem lhe *terem* autorizado a nomeação.» Não vejo, porém, nem élê mostra, onde o incorreto do evitar na segunda sentença uma repetição arrastada e inútil, que nenhum preceito gramatical me ditava. Sabe-lhe melhor a reiteração do auxiliar, onde nada me obrigava a que o reiterasse. Mas então é só do seu paladar que se trata. Melhor seria que, para encurtar de razões, logo o declarasse; visto que *de gustibus non disputandum*.

Se eu houvera dito: «nem *autorizado-lhe*»; isso então sim, era êrro grave, pois nem a negativa, nem o particípio passado toleravam a posposição do pronome. Anteposto élê, porém, a cláusula é inquestionavelmente gramatical; e não percebo em que será inferior à que alvitra o dr. CARNEIRO.

§ 98

Art. 1.545

«TERCEIROS» POR «TERCEIRO»

329. — Aquiesce o mestre à procedência da emenda, lançando à conta da revisão a culpa do êrro.

§ 99

PONTUAÇÃO

330. — Como eu notasse ao projeto, em certos lances, parcimônia excessiva no virgular, desforra-se o professor CARNEIRO, acoimando-me de prodigalidade na virgulação.

Proemizando a versão das *Metamorfoses*, onde pressentia incorrer nesse defeito aos olhos de outrem, «se descontentar», dizia CASTILHO ANTÔNIO, «é um livro mal pontuado; por onde não virá nenhum mal ao mundo.»¹ Assim responderia eu ao meu crítico, se fôsse da pontuação num livro *meu* que se tratasse. Mas trata-se da pontuação *no código civil*. Não devo, pois, entregá-la indefensa à fortuna da assacadilha, que a poderá ter melhor do que mereça.

Nos monumentos escritos da história, ou da lei, um ponto, ou uma vírgula podem encerrar os destinos de um mandamento, de uma instituição, ou de uma verdade. A estranha e agravosa crítica do mestre à redação do art. 199 no meu substitutivo já nos deu a ver como, para coroar uma criatura humana com um par de orelhas d'asno, basta caluniar-lhe a ortografia de uma cláusula gramatical, engolindo-lhe uma vírgula, substituindo-lhe um cônlon por um ponto final. Mas ninguém celebrou ainda a importância e [por que não dizer?] a venerabilidade quase sacra dos sinais ortográficos em têrmos de tamanha edificação como um dos nossos maiores no magistério da pena e da palavra, o padre VIEIRA, pregando, há dois séculos e meio, a quaresma.

«Bem é», clamava êle, «que saiba o nosso tempo quanto bastará, para falsificar uma escritura. Bastará mudar um nome? Bastará mudar uma palavra? Bastará mudar uma cifra? Digo que muito menos basta. Não é necessário para falsificar uma escritura mudar nomes, nem palavras, nem cifras, nem ainda letras; basta mudar um ponto ou uma vírgula.² Perguntam os controversistas se, assim como na sagrada escritura são de fé as palavras, serão também de fé os pontos e vírgulas? E respondem que sim; porque os pontos e vírgulas determinam o sentido das palavras; e variados os

1. *Metamorfoses de Ovídio*, Pról., p. XX.

2. É o que se me fêz na alcovosa censura à redação do substitutivo quanto ao art. 199.

pontos e vírgulas também o sentido se varia. Por isso antigamente havia um conselho chamado dos Masoretas, cujo ofício era conservar incorretamente em sua pureza a pontuação da escritura. Esta é a galanteria misteriosa daquele texto dos cânticos: *Murenulas aureas faciemus tibi vermiculatas argento*. Diz o Espôso Divino que fará a sua espôsa umas arrecadas de oiro, esmaltadas de prata; e o esmalte (segundo se tira da raiz hebréia) era de pontos e vírgulas; porque, em lugar de *Vermiculatas*, lêem outros: *Punctatas virgulatas argento*. Mas, se as arrecadas eram de oiro, por que eram os esmaltes de prata, e formados de pontos e vírgulas? Porque as arrecadas são ornamentos das orelhas onde está o sentido da fé: *Fides ex auditu*; e nas palavras de fé, ainda que os pontos e vírgulas pareçam de menos consideração (assim como a prata é de menos preço que o oiro), também pertencem à fé tanto como as mesmas palavras. As palavras; porque formam a significação: os pontos e vírgulas; porque distinguem e determinam o sentido. Exemplo: *Surrexit; non est hic*. Ressuscitou; não está aqui. Com estas palavras diz o evangelista que Cristo ressuscitou, e com as mesmas (se se mudar a pontuação) pode dizer um herege que Cristo não ressuscitou: *Surrexit? Non; est hic*. Ressuscitou? Não; está aqui. De maneira que só com trocar pontos e vírgulas, com as mesmas palavras se diz que Cristo ressuscitou; e é de fé: e com as mesmas se diz que Cristo não ressuscitou; e é de heresia. Vêde quão arriscado ofício é o de uma pena na mão. Ofício que, com mudar um ponto, ou uma vírgula, da heresia pode fazer fé, e da fé pode fazer heresia. Oh que escrupuloso ofício!»¹

331. — Os escrúpulos e riscos de ofício tal não creio já os sentisse alguém mais vivamente que eu, vendo-me em travacuntas de palmatória com o mestre, por não saber com as vírgulas a quantas ando. Que se mête a redigir codi-

1. VIEIRA. *Serm.*, v. II, p. 315-6.

ficações quem não sabe dar a um período a pontuação ele-
mentar? quem numas duas ou três linhas de seu próprio
punho anarquia toda a ortografia? quem tantamente abusa
da pontuação, ao extremo de cansar e adoecer a visão aos
leitores?

Ei-lo, *ipsis litteris*, o libelo ortográfico do mestre contra
o presidente da comissão do código civil no senado:

«É de notar que muitas vêzes recorre ao em-
prêgo da vírgula, quando de todo desnecessária.

«Assim é que antes da conjunção — ou — quando
esta liga palavras ou frases simples e curtas, emprega
freqüentemente essa notação, escrevendo, por
exemplo:

«Exime-se o juiz a *sentenciar*, ou *despachar*, em
lugar de exime-se o juiz a *sentenciar* ou *despachar*;
os bens, móveis, ou imóveis, em lugar de os bens móveis
ou imóveis;

«a sucessão, legítima, ou testamentária, em lugar
de a sucessão legítima ou testamentária;

«a anuênciā, ou a autorização de outrem, em
lugar de a anuênciā ou a autorização de outrem;

«por dolo, ou negligência, em lugar de por dolo
ou negligência;

«ao ato amigável, ou à sentença, em lugar de ao
ato amigável ou à sentença;

«a renúncia da prescrição pode ser expressa,
ou tácita, em lugar de a renúncia da prescrição pode
ser expressa ou tácita;

«o fiador, ou o abonador, em lugar de o fiador
ou o abonador.

«Às vêzes tanto abusa do emprêgo da vírgula,
tanto multiplica essa notação, que numa sentença,
causando até desagradável impressão à vista desa-

costumada, são quase todos os vocábulos seguidos d'este sinal; o que, entre muitos artigos emendados, se exemplifica no art. 163, em que assim escreve: «Aquêle, que, por ação ou omissão voluntária, negligência, ou imprudência, violar, etc.», devendo, por coerência pôr a vírgula no vocábulo *ação*, que, não sei por quê, ficou privado de seu respectivo sinal, merecendo-o ao menos tanto, quanto, nesse modo de pontuar, mereceu o vocábulo *negligência*.

«Tal maneira de virgular não nos lembra ter encontrado em escritor nenhum.»

332. — Eu que acabava de transcrever estas palavras, e a vista que me caía sobre o tomo de ANTÔNIO VIEIRA, ainda aberto ante mim, de onde, momentos antes, copiara aquêle excerto concernente ao valor dos pontos e vírgulas na escritura humana e divina. Desde as últimas linhas da passagem transladada, ali se me oferece a vírgula iterativamente anteposta à conjunção *ou*, em cláusulas de mínimo tamanho e, até, em simples nomes dela regidos. Vejam:

«Com mudar um ponto, ou uma vírgula.»
[P. 316.]

«E há alguém na vida, ou na morte.» [P. 319.]

«Por que modo, ou por que modos?» [Ib.]

«Dar a bênção, ou a investidura» [P. 320.]

«Com tal distinção do que confessou, ou não confessou; dos propósitos que teve, ou não teve; da satisfação que fez, ou deixou de fazer.» [Ib., p. 329.]

«São por ofício, ou artifício, como as penas d'água.» [Ib., p. 313.]

«Ou por desatenção das penas maiores, ou por corrupção das inferiores.» [Ib., p. 314.]

«Ou seja cepo de pau, ou cepo de oiro.» [Ib., p. 306.]

«Ou fôsse escultor de ofício, ou imaginário de devoção.» [Ib., p. 304.]

«Levava o seu machado, ou a sua acha às costas.» [Ib.]

«Partido o tronco em duas partes, ou em dois cepos.» [Ib.]

«Mas o meu escrúpulo, ou a minha admiração, não está no ofício.» [P. 300.]

Sempre, sempre, sempre dêste modo virgulava mestre VIEIRA, o grande. E mestre CARNEIRO «não se lembra de ter encontrado em escritor algum esta maneira de virgular».

O correto e esmerado BERNARDES também não segue outro virgular:

«Que lugar apontaremos no mar, ou na terra, ou debaixo da terra, próximo, ou remoto, profano, ou sagrado, a que a cobiça se não atrevesse, e a fome do ouro não penetrasse?» [Nova Floresta, ed. de 1759, v. II, p. 221.]

«Nem outro lugar nos escapou para tirar dêle ouro, ou dinheiro.» [Ib., p. 224.]

«Cava, que quer dizer má mulher, ou concubina.» [Ib., p. 232.]

«...mortos os tais mouros, ou mouras...» [Ibid.]

«...quando tal vez aparecem algumas almas em figura de um, ou outro sexo, ou na de alguma cobra...» [Ib., p. 233.]

«...os simoníacos por via da língua, da mão, ou do cbséquio...; os Dardanários, ou atravessadores...» [Ib., p. 226.]

Também assim não raro pontuava o singelo e exemplar Fr. Luís de SOUSA:

«Aconselhara eu a todos que a não leram por acérte, ou acaso.» [Vida de D. Fr. Bart. dos Mártires, l. III, c. 17.]

«E não cutro cargo mais quieto, ou mais rendoso.» [Ib.]

«Ou faz anjos, ou demônios.» [Ib.]

Não consta, entretanto, ao ilustre filólogo baiano de autor *nenhum*, que virgulasse desta maneira.

333. — Era o caso de repetir com o dito VIEIRA, naquele sermão: «Iste me admira! Não louvo, nem condono; admiro-me.»

Há mais de oitenta anos, um gramático de autoridade, que sabia o que é saber a sua língua, traçava estas leis ao emprêgo da vírgula:

«Sempre se põe vírgula antes dos relativos, e antes das conjunções, tanto no latim, como no português.

«Também sempre se põe vírgula entre adjetivos, quando concorrem muitos do mesmo caso... O mesmo se usa entre vczes copuladas, ou substantivos juntos com conjunção, ou sem ela.»¹

Aí mesmo está exemplificado, quanto à conjunção *ou*, o uso do preceito, nas palavras em que esse tópico remata: «com conjunção, ou sem ela.» Mas, como se não bastara, logo no frontispício da obra, a página do rosto, onde aliás os estilos da tipografia escusavam pontuação, nos depara em relevo o emprêgo forçoso da vírgula antes dessa conjuntiva:

«Ortografia, ou arte de escrever.»

Contudo, não tinha notícia o professor CARNEIRO de que nunca se houvesse pontuado assim.

1. MADUREIRA. *Ortografia, ou arte de escrever e pronunciar com acerto a líng. portuguêsa*. Bahia, 1820. P. 133, ns. 275 e 276.

334. — CASTILHO assim pontuou:

«Ainda quando, uma, *ou* duas vêzes, os fustigou.» [Metamorf., p. 313.]

«A gaia, *ou* folgazã, ciência.» [Am. e Melancol., p. 295.]

«Das notícias do mundo, *ou* mesmo da poesia, ali se dariam também, com a melhor vontade, lições.» [Ib., p. 345.]

«Quem, não sendo amante, *ou* louco, pode fiar-se nos sorrisos de tal fantasma?» [Ib., p. 356.]

«E, *ou* êle vá, *ou* pare, *ou* retroceda.» [Ib., p. 372.]

«Quando Deus quer, transfere-se para hora melhorada, *ou* para outro dia.» [Fausto, p. XII.]

«Com tijolos quentes, *ou* garrafas e botijas.» [Colóq. Ald., p. 233.]

«Havendo modo para se cauterizar com ferro em brasa, pedra infernal, *ou* potassa cáustica.» [Ib., p. 242.]

«Convém também esfregar a parte com azeite quente, *ou* qualquer gênero de gordura.» [Ibid.]

Sem embargo, ignorava o mestre que algum dia se pudesse ter usado a vírgula dêsse modo.

Do mesmo modo que eu, porém, virgulava, ainda, EVARISTO LEONI:

«Au muda-se geralmente em Ó, *ou* Ou.» [Gên. da Líng. Port. I, p. 3.]

«As mudanças do E em A, *ou* I.» [Ibid.]

«Corda de cânhamo, *ou* de esparto.» [Ib., p. 25.]

«Vêde agora se foi castigo, *ou* mercê.» [Ib., p. 27.]

«Costumam colocar-se defronte, *ou* em situação oposta.» [Ib., v. II, p. 25.]

«Em presença, ou à vista de seus pais.» [Ib., p. 28.]

«De onde alguma coisa vem, ou procede.» [Ib., p. 44, 49.]

«Uma observação errada, ou, quando menos, incompleta.» [Ib., p. 61.]

Assim sempre. Entretanto, não constava ao mestre que em época nenhuma houvesse tido a vírgula essa aplicação.

C. CASTELO BRANCO praticou o mesmo:

«Quando adrega de apaixonar-se, ou mar, ou terra.» [Memór. do Cárc., v. II, p. 110.]

«Um monumento digno de reparo, ou um fato não sabido.» [Os Mártires, v. I, p. XVII.]

Haverá, em nossa língua, maiores autoridades? Ora, se tôdas elas, além de outras, me oferecem êsse padrão, anterior ao meu escrito, a dar-se que esteja errado, primeiro que meu seria delas o êrro.¹

335. — Bem sei que outros, depois, têm praticado a vírgulação de outro modo, e formulado a seu respeito regras diversas. Mas onde, em matéria de ortografia portuguesa, a opinião com força de lei, o uso com os caracteres de tradição obrigativa? «Não há opinião de clássicos», dizia, há cerca de quarenta anos, CASTILHO JOSÉ, «nem uso, nem sistema

1. A Gramát. Portug. de AUGUSTO FREIRE diz não se pôr vírgula «antes das conjunções *e*, *ou*, *nem*, que a suprem, quando atam membros de uma mesma oração». Mas acrescenta:

«Há contudo escritores, que usam da vírgula, mesmo nesse caso.» [P. 431-2.]

Da vírgula nesse caso com as conjunções *ou*, *e* e, se encontrarão exemplos no texto. Com a conjunção *nem*, aqui está um, de CASTILHO:

«Nem portas, nem degraus, nem muros restam!» [Am. e Mel., p. 366.]

prático, por onde a ortografia se possa regular. Numerosas tentativas hão sido feitas, em diversos tempos, para legislar em tal matéria: outras tantas icárias quedas! Um só lexicógrafo, um só gramático, um só ortógrafo não teve ainda a glória de arvorar uma bandeira, que todos abraçassem. A razão universal se tem revoltado contra a legislação de todos êles.» Por êsse lado, continuava êle, «não é admissível argumentar com a escrita dos clássicos, contraditória e irracional; também o não é com o uso, que não existe, constante e geral, nem tampouco com as regras dos ortógrafos, pois dêstes uns não têm sistema merecedor de tal nome, outros destroem nas aplicações o que estabeleceram nos princípios.»¹

Não foi mais bem sucedido com o de sua construção êsse notável erudito. Para logo refugado com a pecha de «singular»², insulou-se e pereceu nos livros do autor, não obstante o cabedal precioso de erudição, método e arte que lhe empregara nos fundamentos. A deplorável «anarquia», em que, na justa expressão dessa autoridade³, jazia então a língua pátria, subsistiu, e cresceu. Acompanhem-se os esforços, perlustrem-se os estudos recentes de C. DE FIGUEIREDO⁴ acerca do mesmo assunto, e ver-se-á que o mal perdura, com as agravações da crescente vetustez. Nem os adeptos da etimologia, nem os da fônica, nem os da transação arrazoada entre as origens e a prosódia corrente lograram firmar coisa alguma. Aquela assembléia, cuja história êle esboça, de acadêmicos, celebrada, para deliberar sôbre o *Dicionário*, na qual cada um dos presentes à assentada professava ter o seu sistema em coisas de ortografia, debuxa a situação geral. Afinal a Academia cometeu a parte ortográfica da sua encetada obra a LATINO COELHO, com quem o autor do *Novo*

1. *Ortografia Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1860. P. 57-9.

2. *Ib.*, p. 50.

3. *Ib.*, p. 46.

4. *Lições Práticas*, v. I, p. 149, 156, 175, v. III, p. 272-337.

Dicionário da Língua Portuguesa nos diz não haver «nada que aprender a respeito de ortografia».¹

336. — Se essa é a babel, que vai pela grafia das palavras, veja-se agora que não será quanto aos sinais da pontuação. A minha tive sempre em mente que obedecesse ao propósito de «contribuir [não exclusiva, mas eficazmente] para apresentar aos olhos a distinção das orações, *ou de seus membros*, tornar mais claro o sentido, mais fácil e elegante a leitura, graduando os sinais segundo a adesão das idéias».²

De acôrdo com êste pensamento, «considero a vírgula praticamente, sob o aspecto gramatical, para a divisão das orações, e, sob o aspecto lógico, para a separação dos têrmos de igual natureza ligados, *ou* mesmo para segredos de pausas, que mais se podem apreciar que regular-se».³ Ora, entendido assim o papel desta expressão ortográfica, não me parecem mais racionáveis, nem mais úteis, em relação a êle, as fórmulas modernas que as antigas.

Costumam ensinar hoje em dia que «a vírgula serve, para separar os têrmos de uma série, quando não são ligados por conjunção», ao passo que outrora, pelo contrário, como há pouco víamos, antes das conjunções era de preceito que a vírgula não faltasse. Mais lógica se me afigura esta regra do que a de agora. Lógicamente, numa séria gramatical, os têrmos a que se interpôs conjunção, não se acham mais liados entre si pela interferência desta, que os outros pela sua mera contigüidade. Nesta, por exemplo: «A mesa, o papel, a pena e o tinteiro são meus», não há, quanto à idéia, mais ligação entre *pena* e *tinteiro*, por terem de permeio a conjuntiva *e*, que entre *pena* e *papel*, ou *papel* e *mesa*, entre si imediatamente vizinhos. A função lógica da conjunção não

1. *Ib.*, p. 281 — LATINO COELHO [ligeira amostra de seu sistema] grafava o vocábulo *profano* com *ph.* [*Elog. Acad.*, v. II, p. 316, 391.]

2. CASTILHO JOSÉ: *Op. cit.*, p. 134

3. CASTILHO JOSÉ: *Ib.*, p. 135.

se limita a vincular um ao outro os dois últimos têrmos da série: atua em tôda ela, estendendo aos anteriores a relação expressa no tocante aos dois que a encerram.

Não há, portanto, motivo racional, para que a vírgula, que separa os primeiros têrmos, não separe os derradeiros. E muito menos o há, se a conjunção interposta fôr a disjuntiva. Esta não liga senão *excluindo*, ou *distinguindo* entre os dois têrmos, ou cláusulas, a que se entremete. E, se *distingue*, ou *exclui*, não é sensato retirar-lhe o sinal ortográfico dêsse fato, sob o inexato pretexto de que *liga*.

Nesse mesmo pretexto, porém, se está a reconhecer que a função da vírgula estabelece a sua necessidade, onde quer que se seriem têrmos sucessivos, mas distintos, na expressão de uma idéia. Mas, se assim é, não tem senso comum o critério indicado na censura do mestre, critério segundo o qual se prescreve o uso da vírgula entre as cláusulas longas, e se proscreve entre as *curtas*, ou entre simples vocábulos consecutivos. Não é a complexidade, ou a extensão dos membros consecutivos [cláusulas, ou palavras] o que legitima a virgulação: é a simples necessidade lógica de os separar, desde que estão juntos, e se não devem confundir.

337. — CASTILHO ANTÔNIO usa freqüentemente da vírgula antes da copulativa *e*:

«Da escola devem sair o futuro homem, *e* a futura mulher.» [Felic. pela Instr., p. 37.]

«O falar, o ler, *e* o escrever.» [Ib.]

«A razão das variações, *e* a razão por que...» [Ib., p. 39.]

«É c'roa de vaidade, *e* véu da insipiência.»

[Fausto, p. 256.]

«Suprem conversações, leituras, *e* até pensar.» [Am. e Melanc., p. 179.]

«A arte no coração, e a fé na alma.» [Ib., p. 248.]

«Está eqüidistante do convento fanático, suicida, e assassino, e do convento relaxado.» [Ib., p. 275.]

«Pombas, pardais, e outros passarinhos.» [Ib., p. 303.]

«Já conhecidas da presente idade, e das idades ulteriores.» [Ib., p. 314.]

«Um espírito amante do remanso, e do estudo, e ávido de benquerenças.» [Ib., p. 322.]

«Os fastos religiosos, históricos, e políticos.» [Fastos, v. I, p. XI.]

«Baco é Líber, com garras de leão, e pontas de capro.» [Metamorf., p. 302.]

«Perseguidores, piérios, e pégos.» [Ib., p. 313.]

«Não fará pouco ao seu repouso, e fortuna.» [Ib.]

«Ceres, legisladora, e civilizadora.» [Ib.]

«Tinha de ser cheio, e cochado.» [Ib.]

«Deseitioso, e incompleto, como é, encerra mais saudade, e melancolia, e, muitas vezes, um colorido mais vivaz, e adequado.» [Ib., p. 314.]

«Das bravatas, e insolências, já deixamos dito.» [Ib., p. 315.]

«E o grave adôrno, límpido, e sem arte.» [Fastos, v. I, p. 161.]

«À míngua de trato, remédios, e médicos.» [Colóq., p. 10.]

«Confusão para a vista, e para o juízo.» [Ib., p. 19.]

«As linhas dos principais rios, e o boleado das serras mais altas.» [Ib., p. 20.]

«O ensino especial dos deveres, e bons costumes.» [Ib., p. 21.]

Assim poderia ir citando indefinidamente. O mesmo de LATINO COELHO:

«Recomendar o seu nome à veneração da posteridade, e às honras acadêmicas.» [Elog. Acad., v. I, p. 5.]

«O seu aspecto venerando, e os seus costumes verdadeiramente pastorais.» [Ib., p. 6.]

Ora seria a mais palpável inversão lógica interpor a vírgula, o sinal ortográfico de separação, antes da *copulativa*, e antes da *disjuntiva* não o admitir. Se à primeira se deve antepor a vírgula, à segunda, com maior razão, cumpre antepô-la.

338. — «Às vêzes», diz o mestre, carregando-me a mão na querela, «tanto abusa da vírgula, que, numa sentença, causando até desagradável impressão à vista desacostumada, são quase todos os vocábulos seguidos dêste sinal.»

Provas?

A que êle aduz, é únicamente o art. 163 do substitutivo, que aliás, com um *et cetera*, deixou truncado ao meio. Demo-lo inteiro:

«Aquêle, que, por ação ou omissão voluntária, negligência, ou imprudência, violar direito ou causar prejuízo a outrem, fica obrigado a reparar o dano.»

Quantas são as vírgulas?

Seis.

Quantos os vocábulos.

Vinte e três.

E diz o mestre que ali a vírgula segue a *quase todas* as palavras. Naturalmente entre *seis* e *vinte e três* quase não haverá diferença.

Mas espanta-se o dr. CARNEIRO da minha liberalidade no virgular? Pois veja agora, de amostra, um tópico de A. HERCULANO, aliás mui sóbrio virgulador:

«Procuravam evitar as discussões em matérias de fé, e, até, o papa Alexandre III, escrevendo a Geroho, prior de Reichsberg, lhe ordenava se absolvesse.» [Hist. da Or. da Inquis. em Port., v. I, p. 9.]

Quantas palavras ?

Vinte e três.

Quantas vírgulas ?

Seis.

O mesmo número de palavras e vírgulas que no mal-sinado artigo do meu substitutivo, com o qual tive a desdita de irritar o nervo óptico ao meu respeitável mestre.

E ainda há melhor. Aqui está um período, dêsse mesmo autor, com seis vírgulas em vinte e uma palavras:

«Ficam condenados a cárcere perpétuo os relapsos, isto é, os que, depois de convertidos, recaírem no êrro, os contumazes, os fugitivos.» [Op. cit., v. I, p. 33.]

Supunha eu, entretanto, que o acerto da virgulação se houvesse de aferir pelo da colocação das vírgulas. Vejo agora que é *pelo seu número*. Tanto mais mal virgulado estará o período, quanto mais vírgulas tiver. Quanto menos, tanto melhor. De modo que a supressão da vírgula seria a excelência em matéria de virgulação. Um período inteiramente desvirgulado fôra, quanto à virgulação, o modelo dos períodos gramaticais.

339. — Não serve a consequência ? Então é que é falsa a premissa, de onde matemàticamente decorre. Para demonstrar que eu abusara da vírgula no art. 163, necessário era ao mestre fazer o que não fêz: mostrar que eu a pusera onde não cabia. E por que o não fêz ? Porque não era possível.

Ali, de feito, apenas uma vírgula se poderia arguir de excessiva: a que se segue à palavra inicial do trecho, o pronome *aquele*. Essa mesma, aliás, antepondo-se a um *que*,

bem poderia alegar em defesa o antigo preceito, que manda virgular sempre *antes dos relativos*. À que medeia entre «*omissão voluntária*» e «*negligência*» ninguém terá que objetar: está em observância da regra universal, cujo ditame ordena se separem mediante êste sinal os varios têrmos, que numa série se sucederem.

Restam assim três, das seis vírgulas que se me exprebravam.

Dessas, duas vêm a ser a precedente e a subseqüente à cláusula «*por ação ou omissão voluntária, negligência, ou imprudência*». Mas esta cláusula é uma incidente explicativa; e as incidentes ficam entre vírgulas, quando são explicativas. [JOÃO RIBEIRO. *Gram.*, p. 343.]

A derradeira, enfim, é a que aparta a restritiva «*que... causar prejuízo a outrem*» da oração principal «*fica obrigado a reparar o dano*». Ora entre essas duas espécies de sentenças não há sistema de pontuação, que não mande virgular.

Eis aí, pois, reduzida a coisa nenhuma a superabundância figurada pelo dr. CARNEIRO com tamanho escarcéu, que, não contente de me criminar como rebelde à gramática, me argúi, até, de atentar contra a visiva dos leitores.

340. — Dada assim conta das vírgulas que usei, vem a ponto dar razão da que omiti. Não comprehende o mestre que eu, no meu sistema, não virgulasse depois do vocáculo *ação*. Parece-lhe que «a coerência» me não permitia recusar-lhe a notação, que a palavra *negligência* me mereceu. Mas é que à palavra *negligência* sucede outro substantivo, independente daquele; ao passo que *ação*, com o seu subseqüente *omissão*, ali se acham reunidos pelo epíteto *voluntária*, que os adjetiva, numa idéia comum. VIEIRA, cuja ortografia, conforme demonstrei, usa ordinariamente a vírgula antes da conjunção *ou*, não a emprega em eventualidades semelhantes: «Terrível coisa é que a boa ou má sorte de uns dependa das penas de outros.» [Serm., v. II, p. 312.] A con-

dição de dois adjetivos qualificando um substantivo é análoga à de um adjetivo qualificando a dois substantivos.

341. — Se o dr. CARNEIRO, antes de me acusar, houvesse refletido, e consultado a sua memória, tão habituada a conviver mão por mão com os bons autores, certamente advertiria em que a minha pontuação, menos parca, admito, que a de outros, bem longe, todavia, está da profusão no uso das vírgulas, a que o exemplo de modelos de primeira ordem me poderia tentar. Bastava lembrar-lhe o como pontuou CASTILHO ANTÔNIO no seu volume das *Metamorfoses*, a que, para lição à intemperança do meu crítico nas suas censuras, tomarei ligeiras amostras:

Ei-las, sem uma vírgula de menos, ou de mais:

«Bem descontado fica êsse desar, pelo vivo, e tão frisante, documento, que a donzelas, e educadoras suas, está oferecendo.» [P. 300.]

«A ser Ovídio o criador desta fábula, que o não foi, estranhara-lhe eu, desabridamente, êste castigo das Mineidas: viva, e floresça Baco, muito nas boas horas; faça delfins os corsários, que, por crueza, e traições, lho mereceram; dê morte a um Licurgo, derrotador de vinhas, e a um Penteu, que, sobre opor-se a suas festas, o quis mandar meter a tratos, e justiçar, como malfeitor; mas, para umas donzelas, que, por ainda não convencidas, e só de suas portas a dentro, o desveneraram, à fé, que ultrapassa o rigor tôdas as raias.» [P. 301.]

«E, por isso também, os povos, que, pela Revelação, não tiveram luz da sua primeira invenção, a atribuíram aos seus maiores varões, ou deuses: os romanos, a Saturno; os gregos, a Baco; a Osíris, os egípcios. Êste é o retrato do vinho visto pelo rosto; do revés não há que fazer menção; aí, é, que Baco é Líber, com garras de leão, e pontas de capro.

Foi, por conhecerem, ou aventurem, êsse revés, que os romanos dos bons tempos...» [P. 302.]

«O arrôjo, com que Atamante esmaga o filho num penedo, o delírio, com que Ino, bradando, *Evoé*, se precipita, com o outro, no mar, provam, como o cantor d'amôres, e delícias, pudera, se o quisesse, ter dado a Roma um digno rival de Sófocles, e Eurípides.» [P. 303.]

«Quanto porém ao lugar, onde essa, ou semelhante cousa, passara, apontarei por curiosidade, que em Jope, Jafa, ou Jafo, marítima cidade às abas do Mediterrâneo, onde vão pojar os peregrinos de Terra Santa, querem outros de boa nota, que tal, em verdade, sucedesse.» [P. 305.]

«Perseu, alvo, pouco há, de tôdas as admirações, de tôdas as benevolências, e invejas, acha-se, de repente, exposto a todos os insultos, e fúrias, dos levantados.» [P. 308.]

«As seguintes punições, de Preto, e Polidectes, vão apenas esboçadas, e não há que dizer delas, senão, que, em ambas, e, em especial na segunda, havia, porventura, matéria para maior obra, e muito conveniente.» [P. 310.]¹

Chega às vêzes, obedecendo simplesmente à ênfase, a virgular entre o verbo e seu complemento direto: «Eu vos fio, que descobrirei». «Lá devia saber, o porque tais coisas enjeitava.» [P. 310.] Outras é entre o sujeito e o verbo subsequente que a vírgula se introduz: «Mas Ovídio, entendeu». «A Piéride, não espera.» «As vencidas, prorrompem em injúrias.» [P. 312.] «O papel de Ceres, é, em verdade.» [P. 313.]²

1. Semelhantes ainda, como típicos dêsse pontuar, muitos outros lances a p. 213, 214, 217, 222, 223, 224, 251, 254, 257, 258, 259.

2. Exemplos iguais, em *Am. e Melanc.*, p. 258 *fine*, 260 *fine*, 261 *princ.*, 279, 307.

342. — No extremo oposto ao dêste grande escritor avulta outro de não menor altura, prestígio e celebidade: ALEXANDRE HERCULANO. Enquanto o primeiro barateia, cuido eu, as notações ortográficas, o segundo, quer me parecer, as desfalca.

Nota-se, verdade é, uma exceção a esta avareza. Certas locuções, certas conjunções, certos advérbios, em especial os advérbios em *mente*, — *provavelmente, necessariamente, porém, portanto, pois, depois, todavia, enfim, assim, talvez, até, por fim, também, desde logo, de feito, isto é, além disso, por isso, na verdade, às vezes, a princípio, em substância, a cada passo, ao mesmo tempo, até certo ponto*, não passam, no texto do grande prosador, sem uma vírgula a cada ilharga.¹

Fora daí, a parcimônia é de uma severidade, que de quando em quando parece tocar à nudez. Longos espaços se transpõem, às vezes, quase inteiramente ermos de pontuação, como êste:

«Isabel, a Católica, repugnava a admitir na monarquia castelhana e leonesa a contínua representação das cenas que eram consequência forçosa do estabelecimento daquele sanguinário tribunal e que repugnavam à brandura da sua índole.»²

Debalde aí varia o pensamento, e o fôlego se esgota: não há, para a atenção, nem para a voz, um ponto de respiro, ou descanso.

1. *Hist. da Or. da Inquis.*, v. I, p. 9, 15, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 41, 42, 48, 50, 51, 53.

Analogamente CASTILHO:

«De alguns bois, apenas,
Este, agora portento, era pasto.»

[*Fastos*, v. I, p. 27.]

«Síleno,
Esse então, convidava-se a si próprio.»

[*Ib.*, v. III, p. 127.]

2. A HERCULANO. *Op. cit.*, v. I, p. 50.

Entre essas duas contrárias extremidades caberia, talvez, meio térmo, que ligeiramente indicarei, pondo, lado a lado, em breve confronto, alguns trechos do admirável estilista do *Monásticon*, quais êle os pontuou, e quais eu [relevei-me a temeridade e profanação] imagino se deveriam pontuar.

«Mandam-se arrasar as casas onde qualquer dêles se haja ocultado.»

[*Hist. da Inq.*, I, p. 33.]

«Onde e quando, os hereges ou reputados tais podiam recorrer às violências para obter desfôrço não as poupavam.»

[*Ib.*, p. 36.]

«Aos inquisidores que assim pereciam vítimas do seu e alheio fanatismo consideravam-nos como mártires.»

[*Ib.*, p. 37.]

«Produziram bastante escândalo para êstes perderem muito da sua popularidade.»

[*Ibid.*]

«As resistências eram tais que os papas viram-se obrigados a ir moderando essas fórmulas.»

[*Ib.*, p. 39.]

«Mandam-se arrasar as casas, onde qualquer dêles se haja ocultado.»

«Onde e quando os hereges, ou reputados tais, podiam recorrer às violências, para obter desfôrço, não as poupavam.»

«Aos inquisidores, que assim pereciam vítimas do seu e alheio fanatismo, consideravam-nos como mártires.»

«Produziram bastante escândalo, para êstes perderem muito da sua popularidade.»

«As resistências eram tais, que os papas viram-se obrigados a ir moderando essas fórmulas.»

«Restituiu-se aos bispos uma parte daquela ação que de direito lhes pertencia em tais matérias.»

[*Ibid.*]

«A heresia tinha príncipes que a protegiam, soldados que combatiam por ela.»

[P. 50.]

«Aproveitavam o terror para promover os triunfos do cristianismo.»

[P. 55.]

«Incitavam os ambiciosos a abandonar a crença de seus pais para atingirem aos cargos e dignidades de que o judaísmo os excluía.»

[*Ibid.*]

«O indivíduo que por nascimento ou por espontânea deliberação não pertencia a essa sociedade não devia estar sujeito às leis dela.»

[P. 57.]

«Restituiu-se aos bispos uma parte daquela ação, que de direito lhes pertencia em tais matérias.»

«A heresia tinha príncipes, que a protegiam, soldados, que combatiam por ela.»

«Aproveitavam o terror, para promover os triunfos do cristianismo.»

«Incitavam os ambiciosos a abandonar a crença de seus pais, para atingirem aos cargos e dignidades, de que o judaísmo os excluía.»

«O indivíduo que, por nascimento, ou por espontânea deliberação, não pertencia a essa sociedade, não devia estar sujeito às leis dela.»

343. — A essa linha me ative e me atenho; nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Que outro meio de me não indispor com os espíritos delicados e escandalizáveis como o do mestre? Não lhe agradei, ainda assim. Paciência. Tem o dr. CARNEIRO lá o seu régimen ortográfico: o do projeto; e não se sente bem senão com êle. Contra isso que valem razões? Já o nosso Frei Luís DE SOUSA estudara êsses estados do coração: «*Todo o homem ama os partos do seu entendimento e às rãezes mais que aos mesmos filhos: e esta é a causa de muitos se cegarem com as suas coisas.*»¹

§ 100

Art. 1.670

CONTEÚDO, ADJ.

344. — Desce aqui outra vez sobre uma das minhas notas [advirtam que não é sobre o substitutivo] a soberania filológica do mestre.

A linguagem moderna, declara êle, não conhece o adjetivo *conteúdo*. Tal palavra só em caráter de substantivo se admite presentemente.

Não faço escrúpulo em apelar dêste decreto. Pouco importa que se antiquassem pelo geral os adjetivos em *udo*: *temudo*, *recebudo*, *entendudo*, *conheçudo*, *reteúdo*. Se ainda lhes sobrevivem *teúdo* e *manteúdo*, como reconhece o mestre, não era de estranhar sobrevivesse, com êsses, o adjetivo *conteúdo*. E, de feito, sobrevive.

Quer o dicionário *contemporâneo* de AULETE, quer o de FIGUEIREDO, onde os vocábulos antiquados trazem invariavelmente indicação de tais, registam, sem nota de *obsoleto*, ou sequer de *pouco usado*, também costumada ali, êsse adjetivo.

1. *Vida do Arcebispo*, I. I, c. 26.

E, se me declinam da autoridade coercitiva dos dicionários, opelo para os clássicos modernos. CASTILHO ANTÔNIO, o mestre dos mestres, usou de *conteúdo* adjetivamente, entre outras, nesta passagem.

«Ao *conteúdo* nas precedentes páginas alguma coisa havemos de subtrair agora, e alguma coisa também acrescentar.» [Trat. de *Metrificaç. Portug.*¹, p. XI.1]

Se me sobrasse lazer para escavações, poderia mostrar exemplos análogos em C. CASTELO BRANCO, onde tenho em retentiva que já os encontrei.

545. — Que diria o professor CARNEIRO, sc, em lugar de *conteúdo*, me abalançasse eu ao uso do *contento* na acepção de *coisa contida*?

Esse não se encontra, de MORAIS e CONSTÂNCIO a VIEIRA e AULETE, em dicionário algum. Até o *Vocabulário* de BLUTEAU e o *Elucidário* de VITERBO o desconhecem. FIGUEIREDO é o só e único dicionarista que o mete a rol. Entretanto A. HERCULANO não hesitou em o abonar num dos seus melhores escritos: «Apenas o monge saiu, a velha pegou na bolsa, virou-a mansamente sobre uma arca e viu que os seus *contentos* eram dez magníficas dobras valedias.» [O *Monge de Cist.*, v. I, p. 297.]

Moderemos, pois, êsse instinto de coveiros, que anima a certos filólogos, tanto mais inclinados a relaxar com os neologismos, quanto mais severos em apertar com os vocábulos de boa lei. Pouco usado será, se quiserem, o adjetivo *conteúdo*. Mas pouco uso não val desuso; e sacar à praça um bom vocábulo meio esquecido não é desservir, senão antes servir, e bem, à nossa língua.

1. Terc. ed., Pôrto, 1867.

§ 101

Art. 1.479

PERDENTE

346. — Outra palavra, que o mestre ferreteia de *obsoleta*. Por quê? Enigma temos aqui. FIGUEIREDO apenas a qualifica de *pouco usada*. Logo, não cessou de se usar. O contrário afirma o dr. CARNEIRO. Mas, pondo em balança o seu depoimento com o do respeitável dicionarista português, à parte dêste se inclina o fiel. Em matérias de lexicografia, pelo menos, não posso vacilar entre os dois.

Não tem maior uso o vocábulo *pecante*; e, contudo, CASTILHO altamente o autoriza: «Seja o próprio *pecante* quem por si reconheça, confesse, explique, e corrija o seu pecado.» [Felic. pela Instruç., p. 78.]

Temos, da mesma feição que *perdente*, inúmeros adjetivos e substantivos: *temente*, *influente*, *conducente*, *requerente*, *descrente*, *producente*, *beneficente*, *luzente*, *mordente*, *proponente*, *concorrente*, *argüiente*, *defendente*, *opoente*, *regente*, *combatente*, *padecente*, *lente*, *delinqüente*, *remetente*, *nubente*, *recorrente*, *benquerente*, *tremente*, *decorrente*, *fluente*, *comparecente*, *liquescente*, *descendente*, *convincente*, *rompente*, *parturiente*, *ridente*, *maldizente*, *vivente*, *resplandecente*, *comoriente*, *gemente*, *dormente*, *jacente*, *docente*, *nutriente*, *pendente*, *carecente*, *fulgente*, *ocorrente*, *vidente*, *fervente*, *fremento*, *ardente*, *olente*, *bibente*, *sensiente*, e tantos, tantos outros. Nenhum envelheceu. Por que só o *perdente* se havia de antiquar?

347. — Se, em vez de *perdente*, dissesse eu *perdidor*, seria mais tolerante o mestre com o segundo, à conta de *neologismo*, do que à de *arcaísmo* com o primeiro?

Pois bem: *perdidor* é de C. CASTELO BRANCO: «Já a mãe propriamente a induzia a sair do reino e censurava a froixa diligência do *perdidor* de sua filha.» [Car. da Már., p. 150.]

Quando nos reconhecem o direito de cunhar, em sendo bem cunhados, vocábulos novos, por significar novas idéias, ou idéias correntes, que não disponham de outra expressão, como nos denegariam, para o mesmo efeito, o arbítrio de restituir à circulação palavras já vernáculas, do melhor cunho, que um desábito imerecido vai expondo à ferrugem?

Para designar o autor da *perda*, ou *perdição*, inventa um escritor moderno o termo *perdidor*. E, como seja neologismo, está direito. Precisa-se, porém, para indicar, em contraposição ao *autor* da perda, o seu *paciente*, aquél que a sofre; e, como a palavra, de que para isso nos valemos, já era portuguêsa, *não serve*, porque está em desuso. Esdrúxula sem-razão e deslavada sem-justiça, que parece estarem bradando: às palavras de manipulação contemporânea braços abertos e passo franco; às de tradição vernácula suspeição e rigor.

Assim como, de *pedra*, temos *pedrada*, assim, de *seixo*-fizemos *seixada*. Mas, se alguém hoje se utilizasse desta palavra, incorreria em ranço arcaico, só porque, desde GIL VICENTE, quase ninguém a empregou? Mas nenhum dos nossos lexicógrafos a nota de obsoleta. Vejam, por exemplo, ainda, o vocábulo *fraldejar*, excelente expressão, viçosa, descendente a novidade, e sem outro nome que a suprana, acepção de contornar o morro, ou o monte, pela fralda. Mas há que tempo esqueceu! Desde DAMIÃO DE GÓIS¹ não me lembro de escritor que a utilizasse. Contudo, nenhum dicionário a qualifica de arcaísmo.

1. «Neste tempo viu Gonçalo Vaz um mouro de cavalo que vinha muito seguro *fraldejando* a serra de Benares.» Crônica del rei Dom Emanuel, III, c. 26, ed. de 1619, f. 198.

§ 102

Arcaísmos

LIDIMO

348. — Eis aqui está outro vocábulo, que o mestre me não perdoa.

Também é dos antiquados, que a juvenilidade literária do eminentíssimo gramático refusa desenganadamente.

E por quê?

1.] Porque achou em JOÃO DE BARROS e FR. BERNARDO DE BRITO dois trechos, que o empregam.

2.] Porque MORAIS lhe aponta um lugar das *Ordenações Manuelinas* e LEONI [v. I, p. 43] outro do *Inédito de Alcobaça*, um e outro anteriores ainda aos dois primeiros, onde igualmente se exara aquêle adjetivo.

3.] Porque DUARTE NUNES DE LEÃO já o recenseava como obsoleto.

Reduzem-se os dois primeiros argumentos a um só, consistindo ambos em dar como razão de caduquez de um vocábulo o seu encontro em autores de remota ancianidade. Esse critério, a vingar, poria de obsoletos dois terços, ou três quartos do português hoje falado; porquanto duas têrças ou três quartas partes do seu vocabulário e quase tôda a sua sintaxe nos são comuns com a época dos BRITOS e BARROS, com a de FERNÃO LOPES e, até, com a de el-rei D. DUARTE. E basta o risível da consequência, para evidenciar quanto a premissa é de rir.

349. — Mas coisa mais de rir ainda temos; e vem a ser que, enquanto nos aponta o contacto com as *Décadas* de BARROS e a *Monarquia Lusitana* de BRITO como documento

do arcaísmo de *lidimo*, com êsses mesmos autores e outros ainda mais remotos, como RUI DE PINA e GARCIA DE RESENDE, muitas outras vezes neste mesmo trabalho, forceja de mostrar a legitimidade atual de outras locuções.

Do *Inédito de Alcobaça* não faz o dr. CARNEIRO cerimônia, quando lhe cai a lanço, em utilizar trechos que dêsses antiqüíssimo texto lhe ministra a obra de LEONI, para dirimir questões de vernaculidade contemporânea. E, ao passo que da circunstância de encontrar *lidimo* nas *Ordenações Manuelinas* conclui de plano contra a vitalidade atual dêsses adjetivo, pouco há que, no comento ao artigo 180, advogava com as *Ordenações Afonsinas*, três quartos de século mais antigas do que aquelas, a prestabilidade hodierna do *fazer interrupção*, por mim embargado. Ora, se no *texto do código civil* nos é lícito usar essa frase, porque RUI FERNANDES, LOPO VASQUES, Luís MARTINS e FERNÃO RODRIGUES a usavam, em 1446, nas leis de AFONSO V, não percebo como baste, para do nosso falar enjeitarmos a palavra *lidimo*, a consideração de ter servido a RUI BÔTO, a RUI DA GRÃ e a JOÃO COTRIM, em 1521, na codificação promulgada por D. MANUEL. Salvo se a modernidade, ou a anciania, das palavras está na razão inversa da dos monumentos, que as atestam.

Uma das louçainhas que o projeto deve à revisão do mestre, é a locução adverbial *de feição que*, por vezes ali repetida. Mas essa expressão é autorizada por MORAIS com excertos de JOÃO DE BARROS¹, autor com o exemplo de quem o dr. CARNEIRO documenta a vetustez de *lidimo*. Antes, porém, do autor da *Ásia* já era corrente aquela expressão em GIL VICENTE [v. I, p. 379; v. II, p. 402; v. III, p. 385], e muitas vezes a encontro no *Leal Conselheiro*, d'el-rei D. DUARTE. Tão velha é, pois, quanto o *lidimo*, senão mais. Mas o *lidimo* corre-se como antigualha, enquanto aquela se galanteia como beleza.

1. Em seguida a BARROS, usou-a COUTO. *Décad.*, v. I, p. 31, 33.

350. — Por quê? Porque já há três séculos passava *lidimo* por velho aos olhos de DUARTE NUNES. Certo é; mas no mesmo rol de velharias, de envolta com *lidimo*, não sabe o mestre quantos vocábulos ali figuravam, tão lustrosos hoje em dia, como se acabassem de nascer?

Releia êsse elenco, e veja onde foi cair. Afigura-se-lhe obsoleto *acoimar*? *afã*? *aguçoso*? *aleive*? *alfageme*? *algo*? *albergar*? *algures*? *alhures*? *aquecer*? *arrefecer*? *aturar*? *atroar*? *confortar*? *haveres*? *covilheira*? *desempachar*? *doesto*? *encalçar*? *esmerar*? *estado*? *falha*? *finado*? *grei*? *grado* [vontade]? *jogral*? *lidar*? *ufano*? *possança*? *puridade*? *quebrantar*? *sagaz*? *sanhudo*? *sanha*? *talante*? *tanger*? *vindita*?

Pois tudo isso passava por obsoleto em 1606, para o cronista d'el-rei D. DUARTE, quando estampava a sua *Origem e Ortografia da Língua Portuguesa*.¹

Mais de século e meio depois [em 1765] imprimia FRANCISCO JOSÉ FREIRE as suas *Reflexões Sôbre a Língua Portuguesa*², em um de cujos capítulos dava revista aos arcaísmos de seu tempo. Pois entre êles já se não enumera *lidimo*. Em compensação ali figuram um sem-conto de vocábulos hoje em plena atualidade. Tais êstes: *acatar*; *acandalha*; *acendrado*; *achanar*; *açodado*; *acompadrado*; *adrede*; *amamentar*; *amercear-se*; *andrajo*; *arremangar*; *arteiro*; *aviventar*; *cainho*; *caroável*; *córrego*; *denodado*; *embaimento*; *ementa*; *empantufar-se*; *entaliscado*; *escandir*; *esmar*; *ferropéia*; *gafeira*; *gafaria*; *guarida*; *menestréis*; *mesurado*; *mordomear*; *ornear*; *passos*; *palfém*; *passamento*; *pêco*; *perigalhos*; *píncaro*; *pinchar*; *precalçar*; *pujança*; *quejando*; *reptar*; *retoiçar*; *roaz*; *roçagante*; *roldão*; *sandeu*; *sobrejuiz*; *tabulagem*; *talar*; *tosquenejar*; *trabuco*; *zarguncho*; *abobadar*; *alardear*; *alfaiar*; *amarelecer*; *amigar-se*; *atalaiar*; *barbar*; *bastardear*; *abolinar*; *abonançar*; *chocarrear*; *desdar*; *desatinar*; *embelecar*; *enxamear*; *escudar*; *esquivar*;

1. *Ib.*, c. XVII.

2. Ed. de 1863. Parte 3.º, p. 5-59.

extremar; afamar; desfraldar; hastear; enfermar; maridar; ameigar; amolentar; parvoear; despear; pejar-se; perjurar; aquinhoar; rabiar; sorteiar; tartamudear; tratear; trombejar; velhaquear.

Tinha êsse antigo filólogo a simpleza de cuidar irremediavelmente perdidos para o nosso idioma todos êsses têrmos; porque, discorria êle, «não está presentemente em vigor a regra de HORÁCIO: *Multa renascentur quae jam cecidere*». Mas HORÁCIO não consignara um fato antigo e solitário: esboçara um cânon perene e geral à evolução das línguas. Longe de se continuarem a fossilizar, tôdas aquelas palavras revivesceram, e pompeiam hoje como recém-criadas no vocabulário de nossos dias.

Ainde mais tarde [em 1793] saía a luz ANTÔNIO DAS NEVES PEREIRA com o seu *Ensaio Sôbre a Filologia Portuguêsa*, nas *Memórias de Literatura* publicadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa; e aí¹ lamentava o abandono em que se iam sumindo grande número de vocábulos excelentes, «sem outra causa mais que o perder-se a familiaridade com os bons escritores».² Imagina o dr CARNEIRO quais seriam êsses vocábulos, a êsse tempo já quase esquecidos? Muitos dos que hoje mais contínuo circulam no uso literário, ou no vulgar, com as melhores notas: *agricultar; atascar; cumprir*, na acepção de *conrir; importar*, na de *ser forçoso; demandar*, na de *buscar; embeber; enxergar; enspear; refrear; sofrear; desenfrear; fundear; montear; mariscar; ornamentar; voltar; incomportável; ledo; mesquinho; haver mister; sovar*.

Ainda apôs os catálogos de CÂNDIDO LUSITANO e ANTÔNIO DAS NEVES continuou êsse movimento de ressurreição. Não vai por muito mais de vinte anos que ADOLFO COELHO perguntava, eludindo ao expurgatório de FRANCISCO FREIRE: «Quem empregará hoje acúleo, dealbado, derrelito, excídio,

1. V. IV, p. 247-252.

2. *Ib.*, p. 247.

jugular, lutulento, etc., condenadas por um purista do século XVIII?»¹ Ora nenhum desses termos tem presentemente nota de antiquado no léxico português. *Jugular* é trivial no uso literário. *Acúleo* não é raro. *Derrelito* anda em voga nos escritos jurídicos. As traduções ovidianas e virgilianas de CASTILHO nos deparam *excídio* e *lutulento*. *Dealbar* se encontra nesta forma em AL. HERCULANO [*Monge de Cister*, v. II, p. 197] e, ligeiramente modificado para *dealvar*, em C. CASTELO BRANCO. [*Novelas do Minho*, 1.ª parte, p. 20.]

Cinquenta anos depois de JOÃO DE BARROS, que o empregara, [Déc. I, IV, 3], apontava DUARTE NUNES como arcaísmo o advérbio *acinte*. Mas, séculos depois, o abraçava como vocábulo em plena atualidade ANTÔNIO DAS NEVES PEREIRA.² Por sua vez, porém, tachava de antiquados uns poucos, em que no tempo de hoje ninguém empeceria: *amer-ear-se, árdeo, ardido, comêço, endereçar, exalçamento*.³

351. — Assim com o *lidimo*, que entrou a ressurgir sob a pena de FILINTO ELÍSIO, num de cujos piores versos se diz,

«Vendo escrava a de Cássio prole *lidima*.»

[*Mártires*, 1. VII.]

Basta seguir depois o curso das publicações lexicográficas, para assistir ao ressurgimento, por que êsse vocábulo passou até nossos dias. MORAIS, CONSTÂNCIO, VIEIRA, os mais antigos, o dão por antiquado. Mas a nota recusativa já se não acha nos modernos. AULETE, ADOLFO COELHO, JOÃO DE DEUS, C. DE FIGUEIREDO não o excluem das palavras correntes.

1. *A Língua Portuguesa. Noções de Glotologia Geral*. Pôrto. P. 35. [O prefácio tem data de 1881.]

2. *Esírito da Língua Portuguesa. Memória de Literat. Port.*, v. III, p. 118.

3. *Ib.*, p. 191-2.

E não há por que o façamos. Além do mais, é uma palavra notavelmente prestadia pela sua bem-sonância e energia. Em *legítimo*, o vigor da idéia como que se entibia, resvalando prestemente ao correr da expressão proparoxítona. *Lidimo* nos proporciona, para a enunciação do mesmo pensamento, um vocábulo grave, onde a voz, acentuando-se na penúltima sílaba em uma vogal vibrante como o *i*, nos deixa outra impressão de vigor.¹

352. — Além de tudo, porém, acresce uma circunstância muito para advertir. É no rol de palavras antiquadas, tecido, vai em três séculos, por DUARTE NUNES, que estriba o dr. CARNEIRO a sua nota de arcaísmo à expressão *lidimo*. Pois bem: o mesmo DUARTE NUNES, que na sua *Origem da Língua Portuguesa* tachava de obsoleto êsse vocábulo, ainda o traz na sua *Crônica del-rey D. João o I*, c. 46, p. 189 [ed. de 1780]: «Assim que por tal confirmação os ditos filhos, que há, sejam LIDIMOS.»

§ 103

Art. 1.230

DESPEDIDA DESPEDIMENTO

353. — Quem ler a contra-nota do mestre a êste artigo, coligirá ter eu alvitrado pura e simplesmente a substituição do primeiro dêsses têrmos pelo segundo. Convencer-se-ia do contrário, porém, se recorresse à minha nota. Mas, in-

1. Aliás uma autoridade respeitável como a de C. DE FIGUEIREDO nos dá por esdrúxulo êsse têrmo. Lembro-me, porém, de tê-lo ouvido pronunciar sempre, entre os velhos, com o acento na penúltima. E assim o acentua JOÃO DE DEUS. [Dicion. Prosódico, ed. 1895, p. 553].

felizmente, à diferença¹ do que geralmente usa, não indica o dr. CARNEIRO o artigo do projeto, ou substitutivo, a que alude.

Pedantaria fôra querer deslocar da sua serventia atual no uso vernáculo o substantivo *despedida*, tão comezinho quão indispensável. O que observei, foi que me não parecia extensiva, no uso comum, «aos atos de força e autoridade», como o do amo, ou patrão, no pôr fora os criados de servir. Diz-se então que os *dispensa*, ou *despede*. Mas, para exprimir substantivamente o caso, qual dos dois derivados melhor caberá? *despedida*? ou *despedimento*?

Remova-se, antes de mais nada, a preocupação de ranço, ou decrepitude, que opõe o meu censor ao vocábulo *despedimento*. Nem um só dicionário lhe irroga semelhante coima. Todos o mencionam, sem reserva alguma, como derivação corrente do verbo *despedir*, cujo ato substantivadamente exprime.

Confrontando agora, na sua adequabilidade ao particular de que se trata, os dois nomes, o que se me oferece nos lexicólogos, é que, enquanto *despedida* se toma como «o ato de despedir ou despedir-se» [MORAIS, CONSTÂNCIO, AULETE, FIGUEIREDO], *despedimento*, sobre exprimir essa mesma idéia, ainda traduz a de «ato de despedir alguém do serviço: demissão». [MORAIS, CONSTÂNCIO, VIEIRA.] E é precisamente isto o que se pretende expressar no fato do patrão que se descarta dos fâmulos, ou serventes.

1. «O terceiro dia passou a jantar a Monfalcon, onde viu o corpo de Santa Clara chamada de Monfalcon, à diferença da grande discípula do Patriarca S. Francisco.» SOUSA. *Vida do Arcebispo*, I. II, c. 28.

«De sorte que é a tristeza um gusano negro (à diferença dos brancos que roem o bronze).» VIEIRA. *Serm.*, v. V, p. 57.

Do termo *despedida*, entretanto, não me ocorre à mente haver dado, entre os bons autores, senão com raros exemplos¹, onde signifique a separação imposta a uma de duas pessoas pela outra. O que ele costuma denotar, as mais das vezes, é a partida, ou o adeus por ato do indivíduo que se despede. Ex.:

«O pastor, para dar fim
A cantiga prometida,
Acabou por *despedida*
Desta sorte.»

[LÔBO. *O Desengano*, 221.]

«Despede-se do pontífice para tornar para Trento. Contam-se alguns favores particulares, que Sua Santidade lhe fêz na *despedida*.» [Sousa. *V. do Arc.*, I. III, c. 28.]

«Mas quando o arcebispo foi sobre tarde, para lhe beijar o pé por última *despedida*, achou-se enganado.» [*Ibidem*].

§ 104

FILIAR EM,
FILIAR A

354. — Não nos diz o crítico baiano onde se lhe deparou, no meu trabalho, a locução *filiar a*. Certo que não foi no texto do substitutivo; e isso devia bastar, para que me forrasse a uma censura, cujo objeto era apurar se eu corrigira bem ou mal o projeto revisto pelo dr. CARNEIRO. Mas o mestre não se contém. Sua questão não é restabelecer a boa linguagem do *projeto*, mas demonstrar quanto se enganava o comum da gente em me supor bem apontado no escrever.

1. JACINTO FREIRE. *V. de D. J. de Castro*, IV, ns. 19, 46, 71.

Pouco feliz, pouco feliz, porém, o mestre, não raro me deixa provar do próprio texto das censuras que me faz a sua sem-justiça. Assim é que, estranhando-se de ver-me pospor ao verbo *filiar* a preposição *a*, que ele quereria substituída por *em*, destarte se enuncia: «No falar clássico é *muito mais freqüente* o emprêgo da preposição *em*.»

De *muito mais freqüente* qualifica a preposição *em*. Logo, bem que não tanto, reconhece o mestre ser *freqüente* no falar clássico a preposição *a* com o verbo *filiar*. Pois é quanto me basta. Entre um dizer *mais* e outro *menos freqüente*, porém ambos *freqüentes*, e *clássicos* os dois, não será menos acertado o segundo que o primeiro. Preferindo o *bom* ao *melhor*, não me podem arguir de que elegesse o ruim.

§ 105

ERROS TIPOGRÁFICOS

355. — Consiste uma das minhas iniquidades na revisão do projeto em lhe não ter relevado, sequer, os erros de *tipografia*, em os haver carregado à conta dos redatores daquele trabalho. Mas a queixa nem verdadeira é, nem justa.

Por mais de uma vez, na minha crítica, admiti expressamente a hipótese de êrro dos compositores. Outras não me era dado fazê-lo, já porque nem sempre se poderá discernir, ante um desacerto impresso, a incidência da sua responsabilidade, já porque a minha missão não era identificar responsáveis, mas descobrir os erros, apontá-los, e corrigi-los, sem inquirir donde viesssem.

356. — Quando, no texto de um livro, se me deparam vocábulos inexistentes, ou impossíveis, erros de concordância entre o artigo e o nome, ou entre êste e o adjetivo, e assim

outras incorreções desta grosseria, é de eqüidez não as atribuir ao escritor.

O padre VIEIRA não podia ter escrito «*a tentações*», em vez de «*as tentações*», «*êstes tremos*», em vez de «*êstes têrmos*», «*as peitos*», em vez de «*os peitos*», «*pararelo*», em vez de «*paralelo*», «*onvite*», em vez de «*convite*», «*oção*» em vez de «*ação*», «*presonte*», em vez de «*presente*», como se acha no primeiro tomo de suas obras.¹ JÚLIO RIBEIRO não havia de ter dito *preco*, *assênciâa*, *tridurada*, *granciosamente*, *primaveira*, *hipógrita*, *xalo*, *espandatas*, *secundo*, em vez de *preço*, *essênciâa*, *triturada*, *graciosamente*, *primeira*, *hipócrita*, *xale*, *espantadas*, *segundo*. Todos aquêles desacertos, contudo, faz seus a última edição da *Carne*.² Ninguém imputaria sensatamente a CASTILHO ANTÔNIO o *deprezadas* [*desprezadas*], ou o *entrenhadas* [*entranhadas*], que se lhe atribuem nos seus *Colóquios Aldeões*.³ Quando, ao folhear as *Poesias* de MACHADO DE ASSIS, vou encontrando «*na poente*», «*o paz*», «*dos crepusculo*», «*ricos pedrarias*», «*os ânforas*», «*nâe compra*», «*o existênciâa*», «*o omor*», «*nadas perdes*», «*do noite*», «*povoadas prias*» [*praias*], «*pela fadigas*», «*volve o cabeça*», «*embera*» [*embora*], «*o casca*», «*cruzam-lhe ao mãos*», «*fachar* seus lábios», «*aquele ação*», «*dss guerreiros*», «*o natureza*», «*abramo*» [*abramos*], «*as teus*»⁴, bem estou vendo que o autor foi maltratado e caluniado pela edição.

Era impossível que FR. LUIS DE SOUSA redigisse, ou ortografasse «*um grossa bombarda*», ou «*não pudesse* es-

1. Ed. de 1854, p. 273, 287, 346, 347, 362, 63 e 7.

2. Ed. de 1902, p. 10, 23, 33, 62, 89, 102.

3. Ed. de 1879, p. 249, 353.

4. Ed. de 1901, p. 50, 52, 71, 91, 114, 129, 130, 131, 142, 162, 193, 194, 199, 219, 344, 308, 243, 261, 283, 298, 301, 302.

capar os que viessem¹, ou «da minha perte [parte], ou «latrado» [letrado], ou «daqueles dia», ou «havir de ser» [havia], ou «razer» [trazer], ou «pelos religioso», ou «das quas», ou «clustro», [claustro]², como impossível era que JOÃO DE BARROS dissesse «o liberdade»³, ou que CASTELO BRANCO escrevesse «obvídio», «imerge à flor do lago», em vez de «emerge à flor do lago», «glóbulos das orelhas», por «lóbulos das orelhas», «amoreada», por armoreada», «presistem», por «persistem», «arripana», por «arribana», «frado», por frade», «esquiroal», por «esquírola».⁴

Essas transgressões alvares da gramática e do léxicon só a má-fé as poderia supor a quem quer que seja, que tivesse algumas noções elementares do nosso idioma. Nenhum escritor, por ordinário que fôsse, as cometaria.

357. — Fora daí, porém, nem sempre será fácil discernir com segurança onde termina realmente a ação do escritor, onde começa a culpa do tipógrafo. Muitas vêzes a diferença apenas de uma letra, a falta, ou o excesso de um acento representam atos voluntários do autor, que escreve incorretamente, seja por descuido, seja por êrro de opinião. Muita gente de alto coturno usa *poderam*, em vez de *puderam*, *reclame*, em vez de *reclamo*, *desapercebido*, por *despercebido*, *evidenceia*, em lugar de *evidencia*. É simplesmente uma vogal que se troca, ou acrescenta. Mas nesse acréscimo, ou nessa troca, o desvio ortográfico, assaz comezinho, tem sido perpetrado por muitos escritores ora acaso, ora de intento. Quando, portanto, se me ofereça, deverei lançá-lo à conta dos prelos?

1. *Anais de D. João III*, p. 250, 300.

2. *Vida do Arc.*, ed. de 1890, v. I, p. 278, 281, 310, 339, 375, 397, 401, 422.

3. *Didál. da Viciosa Vergonha*, ed. de 1785, p. 311.

4. *Cavar em Ruínas*, 2.^a ed., p. 115. *A Morgada de Romariz* [ed. de 1876], p. 75, 81. *A Doida do Candal* [ed. de 1888], p. 161, 188, 234, 275, 287.

O professor CARNEIRO, na sua *Gramática*¹, enumera como barbarismos *perca* por *perda*, *amásteis* por *amastes*, *obstrói* e *instrói* por *obstrui* e *instrui*, *alparcatas* por *alpargatas*, *éters* por *éteres*, *alcooles* por *alcóis*, *saloba*, por *salobra*. Não há, todavia, em nenhum desses casos, mais que uma letra substituída, uma letra aumentada, ou uma letra supressa.

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, nas suas *Lições Práticas*², em face ora de usos admitidos, ora de questões postas, ora de controvérsias travadas, examina, discute e emenda, aqui por barbarismos, ali por solecismos, acolá por cacografias indesculpáveis:

satisfazer o	em vez de	satisfazer ao
dignatário	»	dignitário
d'esde	»	desde
sôbre	»	sob
aereonauta	»	aeronauta
evidenceia	»	evidencia
romoreja-se	»	rumoreja-se
pomos-nos	»	pomo-nos
irrascível	»	irascível
cerineu	»	cireneu
sinônismo	»	sinônimos
absolutório	»	absolutório
obdece	»	obedece
avisásteis	»	avisastes
iniciar	»	indiciar
explendor	»	esplendor
tradicções	»	tradições
desapercebido	»	despercebido
enleitados	»	enleados
prejúrio	»	perjúrio

1. P. 432.

2. Vol. II, 2.ª ed., p. 19, 60, 145, 155, 157, 158, 219, 236, 246, 268, 269, 271, 274, 283, 284, 286, 287, 304, 315, 316, 339, 352, 353, 356, 365.

enterter	em vez de	entreter
quem ver	»	quem vir
reclame	»	reclamo
thédio	»	tédio
expontâneo	»	espontâneo
poderam	»	puderam
fremer	»	fremir

Ante um desses êrrros, como se teria de portar o crítico, na minha situação? Levá-lo, como inexação de ortografia, à conta da oficina, quando o escritor poderia chamá-lo a si como grafia intencionalmente sua, ou sua poderia ser realmente, ainda que êle não se exponha a defendê-la?

Não tem, no sentir de FIGUEIREDO, «justificação lingüística» a escrita «*a miúdo*», em lugar de *amiúdo*.¹ Muita gente, porém, escreve de propósito *a miúdo*. FILINTO, entre outros, freqüentemente o fazia; exemplo que depois foram seguindo CAMILO² e diversos. Em se me antolhando, pois, esta forma, como saber se representa descuido tipográfico, ou deliberada ortografia do autor? Na mesma perplexidade me teria eu de ver com o *aceite*, igualmente apontado como cinça por êsse filólogo³, mas praticado em mais de um livro.⁴ A quem deverei criminár, em o encontrando? Ao escritor, ou ao impressor? Ao original, ou à estampa? Naturalmente ao original, naturalmente ao escritor, enquanto me não alegue o contrário.

358. — Tomemos ainda, por clarear o assunto, alguns exemplos. Evidentemente C. CASTELO BRANCO não escreveria «os agentes lhe embargou», como se lê na sua *Mor-*

1. *Ib.*, v. I, p. 31-2.

2. C. CASTELO BRANCO. *A Caveira da Mártil* [ed. de 1902], p. 197, 206.

3. FIGUEIREDO. *Lições*, v. I, p. 29.

4. «Foi *aceite* cavaleiro da ordem de Malta.» [C. CASTELO BRANCO. *D. Luís*, página 18.]

gada de Romariz¹, nem «o relaxamento pareciam», qual se vê nas suas *Memórias do Cárcere*², nem «apenas me lembra duas», segundo se acha no seu *Cavar em Ruínas*³, nem «o cadáver resistiam», que se encontra nos seus *Narcóticos*⁴, nem o «nenhuma denotam», estampado no seu opúsculo do *Otelo*.⁵

Se, todavia, num texto de lei submetido à minha revisão aparecessem erros semelhantes, podia eu deixar de notá-los, estranhá-los, e retificá-los?

359. — Não há deslize tão fácil à mão dos compositores e ao olho dos protos como a omissão do sinal de crase. Por outro lado, nem todos os gramáticos estão de acôrdo, no tocante aos preceitos que a regulam. Há muito quem escreva «fui à casa», «mandei à casa», «voltei à casa», «recolhi à casa». São grafias erradas; porque ninguém, aludindo à casa de alguém, sem complemento que a determine, escreveria: «saí da casa», «dormiu na casa», «passou-lhe pela casa», «ó da casa», mas: «ó de casa», «passou-lhe por casa», «dormiu em casa», «saí de casa». Da mesma sorte, pois, em intervindo a preposição *a*, desde que a locução exclui o artigo definido, correspondente ao substantivo feminino, a grafia correta há de ser: «fui a casa», «mandei a casa», «voltei a casa», «recolhi a casa». Assim, como todos os mestres, escreveu DUARTE NUNES: «O caso que a um rei deve parecer mais

1. P. 70-71. Ed. de 1876.

2. V. II, p. 155. Ed. de 1881.

3. P. 251, 2.ª ed.

4. V. I, p. 40. Ed. de 1882.

5. P. 35. Ed. de 1886. Ver muitos outros casos de incorreções análogas citados atrás neste meu trabalho, n. 292.

6. Esta questão, esgotou-a JOÃO RIBEIRO, *Estudos Filológicos* [ed. de 1902], p. 54-7.

«O espôso a casa a chama.» [F. ELÍSIO, *Ob.*, v. XII, p. 267]. «Tornando a casa.» [Ib., v. XIII, p. 27.] «Certo cão que a ração trazia a casa.» [Ibid., p. 42.] «Vir a casa coa orelha lacerada.» [Ib., p. 189.]

grave é ir *a* casa de outro rei.» [Crôn. *del-rei D. Af. V*, c. 60, p. 424, ed. de 1780.] Do mesmo modo FERN. LOPES: «Chegaram alguns dêles *a* casa dum homem que chamavam João Vicente.» [D. *Fernando*, c. 132.] E assim todos os bons autores.

Ora, suponha-se que um texto sujeito à nossa consideração nos apresente acentuado o *a* em frases tais, como se houvera contração prepositiva. Serei obrigado a filiar o desacérto numa negligência do impressor? Claro está que não, salvo alegação em contrário do escritor. A falta não é daquelas, cuja imputação envolva injúria ao autor, figurando-lhe extremos de ignorância absurda, ou moralmente inadmissível. Logo, enquanto não repudiado, correrá por conta do signatário do escrito. Sei eu lá se o êrro do acento supérfluo é propositado, como o foi na frase «objetos destinados à venda»¹, onde o dr. CARNEIRO defende enérgicamente como grammatical o sinal de crase, apesar de estar ali sózinha, sem o artigo feminino, a preposição?

360. — Nem de outro modo procederam para comigo os apologistas da revisão CARNEIRO.

Encontrando o seu autor na minha exposição preliminar as palavras «querendo com amor o idioma, que falamos», supôs acaso que os tipógrafos me tivessem elidido ali a preposição *a* antes do artigo masculino, como aliás era verossímil? Não: preferiu imaginar que eu realmente escrevera daquela maneira, para me assentar bem assentado o quinau de que o verbo *querer*, na acepção de *querer bem*, demanda complemento indireto.

1. Art. 432, n. IV.

Deparando-se-lhe, ainda ali, a frase «aqueles cujo amor-próprio as necessidades desta situação me constrangerem a desagrardar», fêz-me acaso a justiça de atribuir aos impressores a falta da preposição *a* antes do genitivo *cujo*? Não: levou em gôsto que eu houvesse escrito aquilo mesmo, por ignorar que o uso contemporâneo exclua depois do verbo *desagrardar* o complemento direto.

Noutro lugar¹ deu com a locução «*datar na*», por *datar da*. Con quanto *datar em* seja forma clássica, do que infelizmente o mestre não sabia, hoje ninguém diz senão *datar de*. Mas o dr. CARNEIRO, por não figurar que os compositores ou revedores trocassem um *d* em *n*, deixou-me a autoria da expressão impressa, para ter ensejo de me envergonhar com a ignorância da preposição adequada ao complemento indireto do verbo *datar*.

Mai². Na impressão do meu substitutivo, art. 1.772, um simples *m*, acrescentado, na oficina, ao termo *tenha*, me atribui a frase «mais de um testamenteiro que *tenham*», êrro de regencia, em que qualquer aluno de primeiras letras, ainda mal aproveitado, não cairia. Teve comigo o mestre a eqüidez rudimentar de me eximir àquela sintaxe de cozinheiro? Qual. A tipografia que imprimira assim, é porque eu assim havia escrito.

Quatro vezes, portanto, erros ceda qual de uma só letra, adicionada, ou alterada, naturalmente, verossimilmente imputáveis à composição tipográfica, me ficaram às costas. E os que desta medida tão repetidamente usam comigo, são os que me acusam de injustiça, ou malignidade, por não assacar aos impressores todos os erros de gramática encontrados no projeto.

1. Nota minha ao art. 187, n. XIV. [Vol. I, p. 231-234.]

SEÇÃO II

A «RESPOSTA» PARLAMENTAR

«Cacophraste, cacologue, cacophile, cacomane!»

CHAMPFLEURY [*Réalisme*, p. 303].

«E censura livros quem não sabe escrever a sua língua!»

FILINTO ELÍSIO. *Obr.*, v. I., p. 45.

§ 1.º

TELEFONE,
TELEFONO

361. — A seção da troça nas apologias filológicas do projeto desce, nos seus enxoavalhos ao substitutivo, até à infração material da verdade.

É assim que, defendendo a preferência do final em *e* ao final em *o* na palavra que designa o aparelho da telefonia, diz que «o nobre censor *a refugou indignado, mandando escrever telefono*».

Não se poderiam alterar mais crassamente os fatos expressos no rosto do meu trabalho e dos da comissão parlamentar.

Telefono, e não *telefono*, é a grafia adotada *sempre*, desde a sua primeira fundição, *no projeto do código civil*.

O sr. CLÓVIS BEVILÁQUA escreveu *telefono*. [*Trabalhos da Com. Espec. da Câm. dos Dep.*, v. I, p. 119, art. 1.217, 1.º]

Telefono escreveu a comissão extraparlamentar dos cinco. [*Ib.*, p. 240, art. 1.231, 1.º]

Telefono pôs a subcomissão parlamentar dos sete, na redação apresentada à comissão geral dos vinte e um. [*Ib.*, v. VII, p. 144, art. 1.124, n. 1.]

Telefono manteve o professor CARNEIRO na sua revisão. [Ib., v. VIII, p. 179, art. 1.085, I.]

Telefono, ainda, reza o projeto da comissão dos vinte e um, mandado à mesa da câmara em 26 e estampado no *Diário do Congresso*, aos 27 de fevereiro. [P. 326, art. 1.085, I.]

Telefono, outra vez, a última edição dêsse trabalho, feita em suplemento, com o parecer preliminar, no *Diário do Congresso*, de 1 de abril. [P. 67, art. 1.085, I.]

Telefono, por derradeiro, a redação final do projeto, dada a lume no *Diário do Congresso*, aos 4 dêsse mês. [P. 48, art. 1.083, n. 1.]

Tôdas as redações, portanto, tôdas elas, desde a do primitivo autor do projeto até à votada pela câmara e por esta remetida ao senado, observaram a ortografia de *telefono*.

A minha revisão, logo, outra coisa não fêz¹ que cingir-se a essa maneira de escrever, conservando a desinência em *o*, com que o senado recebera da outra casa do congresso aquela palavra. E assim procedi, sem lhe fazer observação de espécie alguma.

Como é, pois, que se me argúi de haver *rejeitado com indignação* a variante da desinência em *e*? Como é que, em nome da câmara e da sua comissão especial, se reivindica, espécie de honra para uma e outra, o haverem preferido *telefono* a *telefone*, se ambas, ao contrário, preferiram sempre *telefono* a *telefone*?

De modo que o relator da comissão especial não sabe o que escreve, nem como escreve. Escrevera *telefono*, e diz que escreveu *telefone*. Refugara *telefono*, e pretende haver refugado *telefono*. É o que acontece nos trabalhos feitos sem atenção, nem escrúpulo. Já me não posso queixar dos testemunhos, que me levanta, quando assim os levanta a si próprio.

1. Supl. ao *Diário do Congresso*, n. 126, de 27 de jul. de 1902, p. 131, col. 2.^a, art. 1.083, I.

362. — Só uma vez encontro a versão *telefone*. Não é, porém, nos trabalhos da câmara: é justamente na edição anexa ao meu parecer, onde, ao passo que a coluna do meu substitutivo reza *telefono*, a do projeto exara *telefone*.¹

A uma invenção da tipografia se deve únicamente, ali, esta forma ortográfica, em que o relator da comissão dos três cuidou ver a escrita adotada pela comissão dos vinte e um e pela câmara dos deputados.

Este singular quiproquó debuxa em rápido e incisivo escôrço as qualidades gerais daquele trabalho, que há de assinalar época nos anais parlamentares.

Na grafia por que optei, estava eu com todos os colaboradores do projeto desde o sr. Clóvis BEVILÁQUA até o próprio relator da subcomissão da desforra, que, agora se vê, escrevera sem consciência do que escrevia, para acabar advogando o contrário do que tinha escrito.

363. — Aliás é justamente em o que deve terminar o nome dêsse maravilhoso instrumento de transmissão dos sons. *Telefone*, substantivo, seria ao jeito francês, do mesmo modo como o substantivo *telégrafo*.²

Todos os vocábulos compostos do sufixo grego *phoné* se convertem, no português, em *fono*: *áfono*, *éufono*, *grafo-fono*, *homófono*, *microfono*, *polifono*.

Até *gigantófono* temos, no verso de FILINTO ELÍSIO:

«A coorte rebelde, que assaltara
A Jove *gigantófono*»³

A analogia é, neste caso, absoluta. Nem se limita às desinências provenientes dêsse étimon grego. Por uma ten-

1. *Diário do Congresso*, loc. cit., col. 1.^a

2. C. DE FIGUEIREDO. *Liç. Prát.*, v. I, p. 142. JOÃO DE CASTRO LOPES: *Palestras com o Povo*. Lisboa, 1901. V. I, p. 167.

3. *Obras*. Ed. Rolandiana. Vol. I [1836], p. 233. C. DE FIGUEIREDO regista no seu dicionário a palavra, mas sem apontar autor.

dência geral a nossa língua se inclina ao *o*, de preferência ao *c*, no final dos nomes em que o *e* caracteriza, noutros idiomas, como o francês, a mesma terminação.

Tenho em muito a competência de PACHECO, LAMEIRA e JOÃO RIBEIRO. Mas não vejo que justificassem a anteposição de *telefone* a *telefono*. AULETE, JOÃO DE DEUS e C. DE FIGUEIREDO adotam, nos seus dicionários, a forma *telefono*. E não sei por que EÇA DE QUEIRÓS, escrevendo [A Cidade e as Serras, p. 160] «microfona» e «grafofona», ali mesmo, uma linha abaixo, varia dessa terminação a «telefona». Deslize tipográfico, provavelmente.

§ 2.)

Art. 255, n. IV, parágrafo único

DISSIMULE

364. — Outro aleive contra a verdade material dos textos.

«Entende o sr. Rui», diz-se na famosa *Resposta* ao meu parecer, «entende o sr. Rui que anda mal o projeto, preferindo o vulgar — *disfarce*, ao técnico — *dissimule*. Nos lexicógrafos que nos foi dado consultar não encontramos a palavra *dissimule*.

«*Dissimulo*, sim, está em Cândido de Figueiredo, sómente, mas acompanhado de um asterisco para significar que ele não o encontrara em quantos dicionários pudera manusear.»

Pretende-se, pois, neste desatino, que eu inventei um substantivo novo: o substantivo *dissimule*. O genitor dessa idéia impagável matou-se a correr dicionários em busca do nome inaudito. Não houve meio de o obrigar. Apenas achou num dêles o substantivo *dissímulo*, que, não lhe adver-

tindo no acento, confundiu, na maneira de escrever, com o *dissimulo*, flexão do presente do indicativo num conhecidíssimo verbo.

Queria encontrar nos vocabulários a palavra *dissimule*. É como se nêles catasse as palavras *há*, ou *hei*; *vai*, ou *vou*; *tem*, ou *venho*; *pude*, ou *posso*; *tem*, ou *tenho*; *foge*, ou *fujo*; *quis*, ou *quero*. Claro está que havia de morrer a procurá-las; porque os dicionários, supondo em quem os manuseia o conhecimento dos verbos, dêstes apenas alfabetam o infinitivo.

A piciinha alude àquele trecho da minha exposição preliminar:

«Ali, o vulgar *disfarce*, preterindo o técnico-*dissimule*.» [Art. 255, n.º IV, parágrafo único.]»

Ora eu aludia apenas ao art. 255, n.º IV, parágrafo único, do projeto, que assim reza:

«Este direito prevalece, esteja ou não a mulher em companhia do marido, e ainda que a doação se *disfarce* em venda ou outro contrato.»

O vocábulo *disfarce*, grifei-o eu, e anotei: «Os têrmos jurídicos são *dissimular*, *simular*.»

O *disfarce*, que ali está, não é, portanto, o substantivo, mas o verbo *disfarçar*, no seu subjuntivo presente, singular, terceira pessoa.

Logo, o *dissimule*, a que aludi nas expressões transcritas, «o vulgar *disfarce* preterindo o técnico *dissimule*», é a forma correspondente do verbo *dissimular*. Não faz este verbo *dissimule* no presente do subjuntivo, terceira pessoa do singular?

Buscasse o censor no léxicon o verbo, e fôsse depois, nas gramáticas, aprendê-lo a conjugar.

§ 3.º

Art. 1.326

«DE PARA»

365. — Aqui, uma chicana associada a outra falsidade. Ei-la, nas suas textuais palavras:

«Não se diz — *procuração para o fôro em geral*; e sim: *procuração com a cláusula de para o fôro em geral*.» [Art. 1.326 do substitutivo.] Esse *de para*, aí enxertado, dá ao texto uma graça incomparável.»

Ora eu não sustentara que não se diga «*procuração para o fôro em geral*».

Absolutamente diverso foi o meu asserto. No projeto da câmara, o art. 1.326 estava pontuado assim:

«A procuração para o fôro, em geral, não se entende para certa e determinada causa.»

Censurando *essa pontuação*, observei:

«A procuração para o fôro, em geral, não se entende. Eis aqui duas vírgulas, que, sendo por demais, atribuem à frase um pensamento injurídico e alheio ao legislador.

«Com essas duas vírgulas intrusas, o que se diz, neste passo, é que «*a procuração para o fôro não se entende, em geral*, para certa e determinada causa». Mas o que se quer dizer, é que «não se entende para certa e determinada causa a procuração para o fôro em geral». *Procuração para o fôro em geral* equivale a *procuração geral para o fôro*, e contrapõe-se a *procuração especial*.»

Destarte reclamava eu contra as duas vírgulas, que alterariam substancialmente o pensamento daquela disposição; e o autor desta resposta, para me alterar o meu, torce os têrmos da minha censura, comendo ao texto censurado as duas vírgulas, cuja presença era o motivo, o objeto e o fundamento dela.

§ 4.º

Arts. 76 e 124.

VIGORAR

366. — Diz o relator da comissão póstuma:

«No art. 76 condenou o ilustre censor o verbo — vigorar — e no art. 124 reabilitou-o na mesma acepção. Pobre projeto: mau por *vigorar*, mau por *não vigorar*.»

Outro falso testemunho.

No art. 76 não há nem uma palavra minha, condenando o verbo *vigorar*. Só um parvoeirão, ou um alarve em questões de linguagem, dêsses que varam às vêzes por êstes assuntos como javardos pelo povoado, seria capaz de se opor a um vocábulo já corrente há cento e oitenta anos, quando BLUTEAU dicionarizava.¹ Refundindo, como fiz, o artigo inteiro, que tem cinco membros, substituí as palavras iniciais «Na aquisição dos direitos *vigoram* as seguintes regras» por «Na aquisição dos direitos *se observarão* estas regras». Inferir daí, porém, que eu condenasse o verbo *vigorar*, só porque, em vez dêle, escrevi *observar*, tão sensata coisa fôra, como suporem que eu ali condenara o adjetivo *seguintes*, desde que o substituí pelo demonstrativo *estas*.

1. CAMILO usou êste vocábulo, de que não fazem menção os nossos lexicógrafos, como verbo transitivo. [Os Ratos da Inquisição, página 98]. Por que não lhe daremos a significação intransitiva? Nesta o emprega FILINTO, *Obras*, v. VI, p. 67: «Seguindo êste método de dicionarizar.»

§ 5.º

DENTRO EM,
DENTRO DE

367. — *Dentro em* escrevi, e escrevo amiúde, sem, todavia, rejeitar a locução *dentro de*, que igualmente uso. Parece que estava, e estou no meu direito, sendo certo que ambas as formas têm o mesmo quilate vernáculo.

Mas o filólogo improvisante da comissão dos três sai-se-me com embargos. «Saiba», diz, «saiba o eminentíssimo censor que Fr. Luís de SOUSA [citado por AULETE, o exemplo que vamos apresentar ainda maior fôrça tem] escreveu: «assim se achou el-rei D. Manuel *dentro de* dous anos sem mulher e sem filho».

O que não sei, é ler Fr. Luís de SOUSA por intermédio de AULETE. O que não sabia, era que com obterem a chancela de AULETE mais fôrça adquirissem os exemplos de SOUSA. Mas que ele escrevesse *dentro de*, só o não soubera quem, como esse crítico, nunca o leu, e, quando o conhece, é por interposta pessoa.

Fr. Luís de SOUSA não rejeita a locução *dentro de*; mas de *dentro em* se utiliza mais freqüentemente.

368. — Como já não é a primeira vez que se me estranha o emprêgo dessa locução prepositiva, apontarei a seu favor lugares, onde os não edificados da sua vernaculidade a verificarão nos melhores escritores, antigos e modernos.

Assim se escreveu e tem escrito, desde que existe o nosso idioma. Já D. DUARTE, no *Leal Conselheiro*, dizia: «*dentro na mente*» [p. 263]; «*dentro em nós*» [p. 24]; «*dentro em si*» [p. 41, 327, 368, 428], e, no *Livro da Ensinaça*: «*dentro na sela*» [p. 517]; «*dentro em elas*» [p. 532]; «*dentro nas selas*» [p. 533].

Só em CAMÕES leio, percorrendo-lhe a *edição crítica das Obras Completas*:

- «E dentro na minha alma contemplar-vos.»
[V. I, p. 41.]
- «Que dentro na minha alma amor ordena.»
[V. II, p. 23.]
- «Mas dentro n'alma o fim do pensamento.»
[Ib., p. 29.]
- «Dentro n'alma com as letras da memória.»
[Ibid.]
- «Iguais ao mal que dentro n'alma mora.»
[Ib., p. 42.]
- «Já dentro no seu peito a namorava.»
[Ib., p. 155.]
- «Que a fonte dentro em si representava.»
[V. III, p. 74.]
- «Te vemos morto dentro em cinco dias.»
[Ib., p. 100.]
- «Que ardendo dentro na alma encurta a vida.»
[V. IV., p. 114.]
- «Que se eu levo
«Dentro n'alma quanto devo.»
[V. V, p. 66.]
- «Dentro n'alma sepultada.»
[Ib., p. 83.]
- «Ela fala dentro em mim.»
[Ib., p. 152.]
- «Que vós falais dentro em mi
.....
Pois vós andais dentro em mi,
Que ande eu também dentro em vós
Dentro na vossa alma digo.»
[V. VI, p. 40.]
- «Dentro no meu coração.»
[Ib., p. 42.]
- «Que dentro n'alma vos tem.»
[Ib., p. 95.]

E, nos *Lusíadas*:

«*Dentro no falso rio entrar queria.*»

[II, 14.]

Mais: IX, 43, X, 28.

De outros clássicos indicarei as mais das vêzes apenas os livros e páginas, onde se depara, algumas dentre muitas vêzes, o emprêgo dessa locução.

JORGE FERREIRA. *Eufrosina*, a. IV, c. 1:
«*dentro em si traz.*»

ANTÔNIO FERREIRA. *Obr.* [ed. de 1865], v. II,
p. 67, 100, 109, 137, 216.

FR. LUÍS DE SOUSA. *Vida do Arcebispo*, v. I,
[ed. de 1890], p. 103 [«*dentro no peito*»; «*trazia dentro
nêle*»]; p. 7, 15, 86, 98, 115, 120, 152, 195, 220, 301,
363, 370, 387. V. III, p. 15, 16, 19. *Anais de
D. João III*, p. 3, 15, 74, 76, 107, 160, 161, 167,
169, 185, 198, 224, 281, 347, 348. *História de S. Do-
mingos*, v. II, [ed. de 1866], p. 19, 320, etc.

PANTALEÃO DE AVEIRO¹: «*Dentro na água no
pôrto.*» [C. XVII, fol. 41 v.] «*Dentro no mar.*»
[*Ibid.*]

GIL VICENTE: «*Falava dentro em Davi.*» V. I,
p. 373; v. II, p. 368, 398; v. III, p. 93, 206.

FERN. LOPES: «*Entrou o príncipe dentro na
cidade.*» [Crôn. de D. Fernando, c. 12.] «*Dentro
em Castela.*» [Ib.] «*Entrou dentro nela com todos
os seus.*» [Ib., c. 33]. «*Dentro na vila.*» [Ib.,
c. 34.] «*Dentro na cidade.*» [Ib., c. 40.] E a
cada passo, em tôdas as suas *Crônicas*.²

1. Ediç. de 1593, in-fol.

2. Onde muitas vêzes ocorre, outrossim, a variante *dentro a*, também
deparada em SOUSA, *Anais*, p. 77, 291, 313.

DUARTE NUNES. *Crôn. del rei D. João I*, [ed. de 1780] p. 74 [duas vêzes], 78, 79, 94, 120, 292, 440.

HEITOR PINTO. *Imagen da Vida Cristã* [ed. de 1843], v. I, p. 9, [«dentro nos olhos»], 31 [«dentro em nós»].

JACINTO FREIRE. *Vida de D. João de Castro*, I, n.º 22 [«dentro em poucos dias»]; II, n.º 19 [«dentro na nossa fortaleza»]; II, n.º 51 [«dentro na tenda»]; III, n.º 7 [«dentro nelas»]; IV, n.º 32 [«dentro em sua mesma casa»]; IV, n.º 48 [«dentro em Amadabá»].

VIEIRA. *Sermões*, v. I, p. 354; v. II, p. 91; v. III, p. 43, 49, 74, 94, 214 [duas vêzes], 219 [duas vêzes], 238, 283, 349; v. IV, p. 7, 95, 103, 177 [duas vêzes], 198, 199, 229, 231, 262; v. V, p. 131, 57, 59, 75, 161, 194, 284, 308, 311, 349; v. VI, p. 82, 100, 234, 263, 264 [três vêzes], 270; v. XI, p. 27, 101, 112, 119, 152, 164, 263. *Cartas*, v. I, p. 16, 242, 253; v. II, p. 3, 68; v. IV, p. 36, 39, 110, 170. *Obras Inéd.*, p. 125, 168.

BARROS. *Déc.* I, v. I, p. 38; III, VI, 4, v. VI, p. 39; III, VII, 1, v. VI, p. 110; III, VII, 2, v. VI, p. 126; *ib.*, p. 129; III, VII, 3, *ib.*, p. 144.

COUTO. *Déc.* IV, v. I, p. 33.

BRITO. *Monarqu. Lus.*, v. I, p. 26.

FILINTO ELÍSIO. *Obras* [ed. Rolandiana de 1836-1840], v. V, p. 132; v. XII, p. 204, 248; v. XIII, p. 108.

A. HERCULANO. *Opúsculos*, v. I, p. 28, 32.

LISBOA. *Obras*, v. IV, p. 50, 64, 69.

G. DIAS. *Poesias*, v. I, p. 88; v. II, p. 7, 75, 80.

CASTILHO. *Camões* [ed. de 1849], p. 81, 107. *Arte de Am.*, v. I, p. 127. *Amôres*, v. II, p. 74. *Fastos*, v. I, p. 155, 285; v. III, p. 543. *Geôrgicas*, p. 219. *Arte de Metrificaç.*, p. 8. *Fausto*, p. 53, 76, 124, 210, 221, 273, 321, 339. *Avarento*, p. 209. *Tosquia de um Camelô*, p. 38. *Metamorfoses*, p. 81, 107, 144, 215, 306. *Colóquios*, p. 101, 185, 218, 312, 329. *Amor e Melancol.*, p. 206, 341, 385, 396. *Felicidade pela Instr.*, p. 13, 28, 45.

C. CASTELO BRANCO. *Cancioneiro*, p. 454. *Queda dum Anjo*, p. 181.

LATINO COELHO. *Vasco da Gama*, v. II, p. 152.

EÇA. *Maias*, v. II, p. 398, 462.

M. DE ASSIS. *Brás Cubas*, p. 19, 153. *Poesias*, p. 77, 111, 298, 300.

JOÃO RIBEIRO [Gram., p. 182] reconhece que as locuções *dentro de* e *dentro em* «são de igual uso, ainda que a segunda mais freqüente nos antigos».

§ 6.º

Art. 1.443

ASSIM... COMO

369. — Note-se que, neste ponto, não cita a *Resposta* o artigo do substitutivo, como o não fêz, quanto ao art. 76, no reparo concernente ao verbo *vigorar*, como o não faz, ainda, quanto à minha exposição preliminar, no despropósito que lhe arma em relação à forma verbal *dissimule*, como se abstém sempre de fazer, quando, como neste ponto, lhe convém difamar o substitutivo à custa da verdade.

Aqui o artifício se acoberta manhosamente nestas palavras:

«Mais: «são obrigados a guardar no contrato a mais estrita boa-fé e veracidade assim a respeito do objeto.» *Veracidade assim?* Assim como?»

O autor desta sofisteria crassa, por lhe dar côr de bom senso, truncou o texto do substitutivo na palavra *objeto*, depois de lhe ter truncado as palavras iniciais.

Restituído à sua intcireza, tal qual se acha no *Diário do Congresso* [Supl. de 27 de julho, p. 163], é isto o que escrevi:

«O segurado e o segurador são obrigados a guardar no contrato a mais estrita boa-fé e veracidade *assim* a respeito do objeto, *como* das circunstâncias e declarações a êle concernentes.»

O advérbio *assim*, portanto, não modifica o vocábulo *veracidade*, como se finge crer nessa esdrúxula censura: seu papel é reger as expressões, a êle subseqüentes, «a respeito do objeto», e ligar-se à conjunção *como* na cláusula imediata: «*como* das circunstâncias e declarações».

«Assim... como» é uma locução conjuntiva do mais puro vernáculo, equivalente a «tanto... como». Abra o autor dessas extravagâncias o seu MORAIS, se o tem, *in vº assim*, e há de ler:

«Quando a partícula *como* vem no segundo extremo da comparação, então significa *tanto*, *tão*. GÓIS, Cr. Man., I, 36: «Os naturais são negros, *assim* os da ilha, *como* da terra firme.»

MORAIS copiara o *Dicionário da Academia* [tom. I, p. 471], que, no lance correspondente, reza assim:

«Quando a partícula *como* vai no segundo extremo da comparação, *assim* significa *tanto*. GÓIS, *Cr. de D. Man.*, I, 36. Os naturais são negros, assi os da ilha, *como* os da terra firme. COUTO, *Déc.*, 5, 5, 4. Assi, pera animar aos da Fortaleza, *como* pera meter terror e espanto nos Turcos. BRIT. *Cr.*, I, 20. Foi esta desgraça mui sentida, assi dos familiares de casa, *como* dos estranhos.»

Se lhe não bastar, veja os *Lusíadas*, c. X, estrofe 23:

«Aqui tens companheiro, *assim* nos feitos,
Como no galardão injusto e duro.»

Olhe ainda o mesmo CAMÕES, nas oitavas *A Santa Úrsula* [Obr., v. II, p. 156]:

«Porque sendo mais rico e mais potente,
Assi no largo mar, *como* na terra.»

Folheie, se puder, o VIEIRA, *Cartas*, v. III; e, à p. 181, verá:

«Tinham pôsto em grande terror a tôdas as nações daquelas partes, *assim* naturais, *como* europeias.»

Tome-me agora os *Sermões*, dêssc mesmo escritor, v. III, p. 27. Aí se lhe deparará:

«E o mesmo commento e declaração faz sóbre outros lugares, *assim* do Velho, *como* do Novo Testamento.»

Compulse DAMIÃO DE GÓIS, *Crôn. del rei D. Manuel*, ed. de 1619, prim. parte, e, logo às primeiras páginas, verá:

«Tenças que dava, *assi* à infanta D. Beatriz... *como* aos moradores de sua casa.» [Fol. 4.]
«Mercês que fazia, *assi* aos de sua casa, *como* aos moradores da del rei.» [F. 4 v., col. 1.^a] «Agradocido aos muitos benefícios que del rei seu pai, *assi* na vida, *como* na morte recebestes.» [F. 5, c. 1.^a] «Proveu em muita abastança tódolos lugares dalém, *assi* de mantimentos, *como* de gente de pé.» [F. 6 v., c. 2.^a] «Cousas que intentou, *assi* nestes regnos, *como* nos estranhos.» [F. 8 v. c. 1.^a] «Teve tanta autoridade em Roma, e nestes regnos, *assi* no consistório dos papas, *como* no conselho del rei.» [F. 9, c. 1.^a] «Trabalhos, e perdas, *assi* de gente *como* de bens.» [F. 10, c. 2.^a] «Pois *assi* uns, *como* os outros se saíam do regno.» [F. 11 v. c. 1.^a]

Se ousa abalançar-se às asperezas de JOÃO DE BARROS, mestre de CAMÕES e VIEIRA, é percorrer-lhe qualquer das *Décadas da Ásia*: a terceira, por exemplo; e verá:

«Mandou primeiro pôr fogo a mais de quarenta terradas, *assi* das que havia na terra pera a pescaria do aljôfar, *como* pera serviço da cidade.» [III, VI, 5.] «Per os quais *assi* nas cousas da guerra, *como* da paz.» [Ib., 6.] «Tódolos direitos que a ela vinham, *assi* por entradá, *como* saída.» [Ibid.] «Pera no cabo do ano, *assi* os livros dos oficiais portuguêses, *como* dos mouros». [Ibid.] «E os seus rendeiros polo muito que lhe mais importava, *assi* para poderem navegar seguros de nossas armadas, *como* no ganho que conosco tinham.» [III, VI, 8.]

«Como elas ficavam em pôsto, que *assi* do baluarte... como das mãos de Diogo Lopes poderia receber muito dano.» [Ib., 9.] «Pessoa das notáveis dêste reino, *assi* pelo claro sangue de sua linhagem, *como* por sua cavalaria.» [III, VII, 1.] «Os mouros *assi* da costa da Índia, e Cambaia, *como* os da parte da Arábia.» [Ib., 2.] «E lhe desse esta nova, *assi* pera lhe acudir, *como* avisar os nossos.» [Ib., 3.]

Perlustre a obra clássica de JACINTO FREIRE, e topará exemplos como êstes:

«El-rei dom João *assi* conhecia seu valor, *como* sua piedade.» [I, n.º 69.] «Maravilhosa conversão de almas, que receberam com o bautismo o suave jugo de Cristo, *assi* da plebe, *como* dos régulos e magnates.» [I, n.º 71.] «Assi rechaçarão os últimos, *como* os primeiros.» [II, n.º 104.]

Corra o BERNARDES, em a *Nova Floresta*, por exemplo, e dará com êstes:

«A caridade espiritual, *assim* para com aquêles seus hóspedes, *como* para com todos os outros monges.» [Ed. de 1709, v. II, p. 33.] «Requere-se que *assim* no entendimento, *como* na vontade, seja bom.» [Ib., p. 252.] «Plauto arbitrou que *assim* os delatores, *como* os que lhes dão ouvidos, sejam enforcados.» [Ib., p. 257.] «Que aos reis, *assim* os bons, *como* os maus são suspeitosos.» [Ib., p. 262.] «Onde *assim* o bem, *como* o mal se pintam facilmente.» [Ib., p. 323.] «O pai dos alquimistas, *assim* dogmáticos, *como* empíricos.» [Ib., p. 90.] «Por espaço de dous anos continuados, *assim* em casa, *como* pelas ruas.» [Ib., p. 109.] «É fertilíssimo êste país de ouro, *assim* nas minas, *como* nos rios.» [Ib., p. 216.] «A lançou depois pela bôca aos poucos, *assim* carne, *como* ossos.» [Ib., p. 321.]

De CASTILHO aconselhar-lhe-ia eu os *Colóquios Aldeões*, como obra de mais fácil acesso, onde, sem esfôrço, encontrará muitos exemplos dêste feitio:

«Arranjo assisado, que abrange a tudo, ainda que o não pareça, assim ao pouco como ao muito.» [P. 89.]

«O proveito de tal estabelecimento, assim para o depositante, como para a sociedade, se para a bôlsa é como quatro, para a moral é como quarenta.» [P. 209.]

Tem aí um volume de HERCULANO ? *O Monge de Cister*, por exemplo ? Veja-me, no tomo I, a pág. 112:

«As despesas desarrazoadas, que o fastoso monge fazia, assim nestes casos especiais, como no seu trato e viver ordinário, recaíam...»

Pegue, ainda, no *Eurico*, e, à pág. 287, se lhe oferecerá:

«Mas, nesse dia de punição, esta devia abranger assim os infiéis, como os que lhes haviam vendido a pátria.»

Abra, se o não enfastia, as *Lendas e Narrativas*, v. II, p. 48 e olhe:

«Apenas o grito do velho soou, assim êle como D. Inigo foram bater contra o poial do cruzeiro.»

Seriam inúmeros os exemplos ainda para invocar aqui, se êstes já não sobrassem; e fôra necessário estar nestes assuntos em condição de tábua rasa, para suscitar dúvidas tais, e obrigar a tais lições.

570. — Não findarei, porém, sem me valer de um, que frisa *materialmente* a espécie notada pelo crítico parlamentar no meu substitutivo. Estranha êle que eu dissesse: «*Veracidade, assim* a respeito do objeto, como das circunstâncias», e em tom de chança me pergunta: «*Veracidade assim?* Assim como?»

A êste espanto responde NUNES DE LEÃO com um «*verdade assim*», nestes têrmos:

«Não tinha isto sombra alguma de *verdade, assim* pela muita bondade e limpa consciência do infante, *como* porque, se ela tenção tivera, mais à mão tinha a rainha em Portugal.» [Crôn. del rei D. Afonso V, c. 13, p. 157. Ed. de 1780.]

Veracidade assim, disse eu. *Verdade assim*, dissera o clássico lusitano.

Mas venha o *assim*, nessas construções, após um substantivo, um adjetivo, um verbo, uma conjunção, ou qualquer outra entidade gramatical, não faz diferença: a syntax é sempre a mesma, significando o *assim*, nessa correlação com o *como* posterior, o mesmo que *tanto*; jeito vernáculo que, nos livros dêsse escritor, e em todos os clássicos, é dos mais encontradiços. Na Crônica de D. João I [ed. de 1780] o temos à p. 36, 111, 135, 141, 191, 195 [duas vêzes], 229, 249, 256, 259, 263, 445, 474, 494, 500. Na de D. Duarte, à p. 27. Na de D. Afonso V, à p. 123, 191, 213 [duas vêzes], 304, 358, 359, 360, 361, 387, 388, 397, 403, 405, 440, 445, 452 [duas vêzes], 453 e 454.

E que um redator de códigos em língua portuguêsa desconhecesse uma forma vernácula como essa, das mais legítimas e das mais vulgares? Destas provas, Senhor, esgotam a paciência cristã. Mas «seja feita a tua vontade assim na terra, como no céu».

Se êste censor voltasse à escola, e recapitulasse, com as primeiras letras, o Padre-Nosso, que esqueceu?...

§ 7.^o

Art. 547

PERDER

371. — Outras de marca:

«Emendando o art. 547 do projeto, o sr. Rui escreveu «... perdendo o antigo dono o direito a reivindicá-la ou ser indenizado». Ora, o verbo *perder* pede complemento indireto; o mestre acertou na primeira parte e errou na segunda; o projeto havia acertado em ambas.»

Duas ou três, aqui, de fazerem voltar ao mestre de primeiras letras uma criança.

A primeira é a de que o «verbo *perder* pede complemento *indireto*». Até hoje todos os dicionários lhe consideravam primária a significação transitiva. E não será? Pois então em *perdeu o chapéu*, *perdeu a cabeça*, *perdeu a vergonha*, *perdeu a tramontana*, *perdeu a fortuna*, *perdeu o mandato*, *mandato*, *fortuna*, *tramontana*, *vergonha*, *cabeça*, *chapéu* são complementos *indiretos*?

«*Perder*» *pode* ter complemento indireto, isso sim. Mas, no caso atual, é *direto* o seu complemento, que consiste nas palavras «*o direito a reivindicá-la*, ou *ser indenizado*». O que o «antigo dono» *perde*, é *o direito*; e o *direito*, isto é, um nome, precedido simplesmente do respectivo artigo, não pode ser senão complemento *objetivo*.

Oserecendo-se-lhe ali a preposição *a*, cuidou o improvisado gramático estar com um complemento indireto à vista. Não soube reconhecer que essa preposição não se liga ao verbo *perder*, mas ao substantivo *direito*, e que *deste* é que é complemento a cláusula por ela regida.

372. — Mas não ficam aí as tontices gramaticais desta censura. Entende ela que eu errei, com escrever: «o direito a reivindicá-la ou ser indenizado»; porque, imagina, precedendo a *reivindicá-la* a preposição *a*, fôrça era que ela se exprimisse também antes de *ser indenizado*.

Muito enganado, ou mal enganado está. Tratando-se de verbos continuados, basta que a preposição se exprima antes do primeiro. Assim diríamos corretamente: «O mártir foi condenado a padecer tratos, sofrer mutilações, perder a fortuna, e morrer queimado.» Quatro verbos regidos da preposição *a*, uma só vez expressa. Repeti-la antes de cada uma das orações sucessivas, era tirar ao período fluência, elegância e fôrça.

§ 8.º

Art. 187, VIII

DELINQUENTE

373. — Reza, nesse artigo, o n. VIII:

«O cônjuge sobrevivente, com o que foi condenado como *autor* ou *cúmplice* no homicídio.»

Substituí:

«O cônjuge sobrevivente, com o condenado como *delinquente* no homicídio.»

Era fazer, com a mesma precisão e clareza, por meio de uma palavra o que obrigara o projeto a despender três.

Não aceitam, porém, os seus autores o alvitre, graças a uma confusão de idéias incrível entre letRADOS e sabEDORES no assunto. Dizem êles:

«O projeto nada inovara. «Autor ou cúmplice» é a expressão de que usam todos os nossos codificadores [C. Rodrigues, art. 1.848 § 4.º; Clóvis, art. 218 n.º 8; Cód. Revisto, art. 776, n.º 8; T. Ixeira de Freitas, o Cód. Civ., art. 1.277, n.º 10; Carlos de Carvalho, Nov. Cons. art. 1.399, § 4.º]; a lei do casamento civil, art. 7.º § 4.º e o Cód. Civ. Port. art. 1.058 n.º 4. Autoria e cumplicidade, autor e cúmplice, são causas distintas e inconfundíveis, diversamente capituladas e diversamente punidas.

«A distinção, portanto, era necessária.»

Não há tal: a ôlho se vê que não o era.

Necessária é a distinção nas leis penais, justamente porque aí, tendo o *autor* e o *cúmplice* responsabilidades diversas, e incorrendo, por isso, em diferentes penalidades, se faz mister discriminá-los um do outro, para a cada um assinar a sua condição penal.

Mas ente essa disposição da lei civil a situação do *cúmplice* é idêntica à do *autor*; pois, definindo o impedimento matrimonial, se declara que o cônjuge sobrevivente ao assassinado não poderá contrair casamento com o *autor* nem com o *cúmplice* do crime.

Delinqüente, que é?

O que *delinqüe*.

E *delinqüir*? Incorrer em delito.

Incorre em delito o *autor*? Sim. E o *cúmplice*? Também. Aliás não seriam envolvidos um e outro na capitulação penal. Logo, um e outro *delinqüem*. Logo, ambos são *delinqüentes*.

Mas, se ambos são *delinqüentes*, e a lei civil aqui lhes equipara as situações, vedando a ambos, nas mesmas circunstâncias, o casamento, o mesmo é proibi-lo sucessivamente a um e outro, falando em *autor* e *cúmplice*, que tolhê-lo simultâneamente aos dois, referindo-se a *delinqüentes*.

Haverá nada mais óbvio?

§ 9.º

Art. 188

AFINIDADE ILÍCITA

374. — Defende-se esta expressão com os nomes de dois juristas brasileiros e com o texto do decreto n.º 181, de 24 de janeiro de 1890, que entre nós estabeleceu o casamento civil, art. 7.º, § 1.º

Tendo eu, porém, mostrado lexicologicamente com as maiores autoridades, como BLUTEAU e LITTRÉ, ser errada tal aplicação do adjetivo *ilícito*, o que se segue, é que essa lei e aquêles dois juristas nossos desacertaram.

No mesmo êrro teria caído eu também, se fôsse justo, como pretendem os apologistas do projeto, haver-me por co-responsável na *redação* do decreto n.º 181. Ato do Governo Provisório nos primeiros meses da sua administração, assoberbada de responsabilidades e preocupações esmagadoras, claro está que, *pela sua linguagem*, pela sua forma, não poderia ser responsável senão, quando muito, o ministro por cuja pasta corria o assunto. E êsse ministro não era eu, mas o da justiça. Não faziam pouco os outros, conhecendo realmente *da matéria*, e colaborando realmente nas árduas questões, jurídicas, políticas e morais, que ela suscitava.

375. — Nem a todos, bem vejo, será claramente perceptível, ao primeiro lance d'olhos, a gradação que distingue os adjetivos *ilícito* e *ilegítimo* em sua aplicabilidade às diferentes idéias, com que entendem. Há dêsses matizes, cujo discrime só alcançam prontamente os espíritos afeitos à delicadeza de estudos tais. Na espécie vertente, porém, temos um critério ao alcance de todos. Ninguém diria *filho*

lícito, ou *filho ilícito*. Ninguém, *prole*, *descendência* e *ascendência lícita*, ou *ilícita*. Ninguém, *espôsa lícita*, nem *pai*, *mãe* ou *avô lícito*. É *avô legítimo*; é *mãe legítima*; é *legítimo pai*; é *espôsa legítima*; é *filho legítimo*; é *prole legítima*, ou *ilegítima*; é *ascendência e descendência legítima*, ou *ilegítima*; são *legítimos e ilegítimos ascendentes e descendentes*.

O *parentesco*, em suma, sempre se qualificou de *legítimo* ou *ilegítimo*; nunca de *lícito*, ou *ilícito*. *Lícitos*, ou *ilícitos*, podem ser os atos, ou *fatos*¹, de onde tais relações decorrem.

Assim, escreveu C. CASTELO BRANCO no rol das pessoas condenadas em virtude de uma devassa aberta sobre a moralidade do mosteiro de Odivelas: «O padre Pantaleão Rodrigues... por dar palestra a vários freiráticos em sua casa, dando os escritos e recebendo as respostas de muitos *tratamentos ilícitos*. O padre Roque Francisco... por *tratamento ilícito* com certa religiosa.» Mas as relações, que daí resultem, são *legítimas*, ou *ilegítimas*. Assim se qualifica o *casamento*, a *mancebia*, a *progénie*.

Disso mesmo nos dá testemunho a *Resposta* na citação de um comentador contemporâneo, segundo o qual «a *afinidade ilícita* se funda sobre uma razão semelhante à em que se baseia a *afinidade legítima*».

Pois, se não chamais *afinidade lícita*, porém *afinidade legítima*, e aí mesmo o estais consignando, como é que, para significar a contraditória dessa idéia, não direis *afinidade ilegítima*, e sim *afinidade ilícita*? De *lícito* se faria *ilícito*. Logo, a *legítimo* não será *ilegítimo* o que se contrapõe?

1. «Estes reis sabendo aquelas verdades, per modos não lícitos se faziam chamar reis de Castela.» Crôn. de D. Af. o V, ed. de 1780, c. 49, página 354.

«Resistir contra a *ilícita guerra*.» [Ib., página 355.]

§ 10

Art. 1.708

ESTE, ÉSSE

376. — Confessa a *Resposta* o êrro ocorrente nesse artigo, e por mim apontado, com a substituição de *ésses* por *éstes*.

Entretanto, referindo-se à minha correção, observa:

«A emenda do ilustre censor é, porém, assim redigida:

«Se o testador cometer designadamente a certos herdeiros a execução dos legados, só *ésses* responderão por *éstes*.» *Ésses* refere-se a herdeiros, mas a quem a referência de *éstes*? A — legados — deve ser, mas no texto *legados* está TÃO distante...»

Notem, porque é característico. Inculca-se que a referência de *éstes* não pode ser, como devia, a *legados*, visto que, «no texto, *legados* está TÃO DISTANTE...» Ora, o texto, ali mesmo transcrito, reza:

«Se o testador cometer designadamente a certos herdeiros a execução dos *legados*, só *ésses* responderão por *éstes*.»

Entre *legados* e *éstes* medeiam apenas os têrmos «só *ésses* responderão por»: um advérbio, um adjetivo, um verbo e uma preposição. A nenhum deles a referência poderia tocar; porquanto nenhum é substantivo masculino plural, para poder concordar com o demonstrativo *éstes*. Imediatamente anterior a essas duas *partículas* e a essas duas *palavras*, que representam a *distância* encarecida pelo meu contraditor [distância grande!], jaz o substantivo *legados*. A que outro vocábulo senão *êste*, logo, poderia o *éstes* aludir?

§ 11

Art. 185, § 1.º

CASAR, CASAR-SE

377. — Estranha-me a *Resposta* a forma intransitiva, que usei, dêste verbo, aliás sem condenar ou rejeitar a pronominal.

Preferi a intransitiva pela superioridade, evidente ao ouvido, que a sua brevidade lhe dá. Na sentença «O rei casou-se», o dizer é sensivelmente mais frouxo que nestoutra: «O rei casou.» «Casei» diz mais rápida e elegantemente que «Casei-me». Não o sentem? Também eu o não poderia demonstrar discursivamente. Sei; porque o sinto. «Nestas coisas de gôsto delicado», dizia o bom senso por bôca de CASTILHO¹, «nem tudo se raciocina; muita coisa fica a um senso íntimo: o *não-sei-que*, o proverbial *não-sei-que*, representa em tôdas as artes um importantíssimo papel.»

378. — Mas, se eu não pus estigma ao *casar-se*, porque me notarem o *casar*? Em todos os dicionários a significação neutra, neste verbo, antecede à pronominal. Na ordem natural é igualmente essa forma a primeira e a dominante. «A significação neutra», diz Fr. DOMINGOS VIEIRA, «é aqui a original.» No uso da língua é ela a prevalecente. Basta, para o demonstrar, a vantagem, que leva à outra no falar dos anexins:

Casar, casar, soa bem, e sabe mal.
Casar, casar, quer bem, quer mal.
Casar, e comprar, cada um com seu igual.
Casarás, e amansarás.
Casareis, e em mantéis alvos comereis.

1. *Grinalda Ovidiana*, Apênd. ao Amôr., v. V, pág. 241.

Casa o filho, quando quiseres, e a filha, quando puderes.

Cada um canta, como tem graça, e *casa*, como tem ventura.

Com teu vizinho *casarás* teu filho, e beberás seu vinho.

Quem longe vai *casar*, ou vai enganado, ou vai enganar.

Quem tarde *casa*, mal *casa*.

Antes que *cases*, vê o que fazes.

Nem de menina te ajuda, nem *cases* com viúva.

Estes clássicos me dispensariam de socorrer-me a outros. Entretanto, sempre alguns exemplos apontarei:

«Casou com êste.» [FERN. LOPES. *D. Fernando*, c. 134.]

«Casou com ela.» [Ib.]

«Esta *casou* depois.» [Ib.]

«Ordenou como *casasse*.» [Ib., c. 150.]

«Casasse com ela.» [Ib., c. 154.]

«Casando com o infante.» [Ibid.]

«Casasse com o dito rei.» [Ib., p. 160.]

«Casando el-rei primeiro.» [Ib., c. 165.]

«Por nenhuma guisa *casar*.» [FERN. LOPES. *D. João I*, parte II, c. 125.]

«Ordenara de *casar*.» [Ib.]

«Ambos *casaram*.» [Ib.]

«E depois *casaste*.» [Ib.]

«Casasse, como *casou* com ela.» [VIEIRA. *Obras Várias*, v. I, p. 191.]

«Casou com uma filha bastarda.» [Ib., p. 194.]

«Casou com uma neta.» [Ib.]

«Casou com d. Ana de Ataíde.» [JACINTO FREIRE. *Op. cit.*, IV, n.º 110.]

«Casou uma só filha.» [BARROS, *Déc.*, ed. de 1778, v. I, p. 100.]

«Casou com a rainha.» [Ib., p. 102.]

«Com quem casou um fidalgo.» [Ib., p. 103.]

«Com quem casou Diogo.» [Ib.]

«As mulheres não podiam casar.» [Ib., p. 105.]

«Não estavam em disposição para casar.» [Ib., p. 106.]

«Casando com três filhas do próprio rei.» [BRANDÃO. *Monarquia Lusitana*. Ed. de 1806. P. 4.]

«Adelaiz, a qual casou em Sabóia.» [Ib., p. 8.]

«Casou com Constança.» [Ib., p. 10.]

«Casou com Elisa.» [Ib., p. 15.]

«Casou esta princesa com Amadeu.» [Ib., p. 17.]

«Não casou segunda vez a rainha D. Tareja.» [Ib., p. 295.]

«Se não queres casar mal

Casa com igual.»

[BERNARDES. *N. Fl.*, v. I, p. 225.]

«Casem primeiro as idades, as condições, as saúdes, e as qualidades; e então casarão bem as pessoas.» [Ibid.]

«Case lenho com lenho.» [Ib., p. 226.]

«Se alguns dos seus auditentes casavam, lhe mandavam que impedisse a geração.» [Ib., v. IV, p. 91.]

Não bastará, para que me ficasse o direito de escrever casar, em vez de casar-se?

§ 12

Arts. 46 e 96

PROPOSITAL, PROPOSITALMENTE

379. — Confessa o autor da *Resposta* não encontrar êsses vocábulos em dicionário nenhum. Mas a êles se aferra; porque JOÃO RIBEIRO [Gram., p. 298] os enumera entre os adotados pelo uso geral.

Entretanto, o único registo autêntico do uso geral é a prática dos bons escritores. E, afora o próprio JOÃO RIBEIRO, que daquele advérbio já usou [Hist. do Brasil, 2.ª ed., p. 10], e JÚLIO RIBEIRO, que também lhe abriu porta [A. Carne, p. 8], não conheço um só de autoridade, que dêsses têrmos se valesse. No Brasil nunca os encontrei nos escritos de GONÇALVES DIAS, LISBOA, ou MACHADO DE ASSIS. Em Portugal nem mesmo RAMALHO e EÇA, tão inclinados às locuções francesas, no-lhos deparam. *Intencional* é como escreve OLIVEIRA MARTINS: «A lentidão da marcha era *intencional* e educativa.» [Nun' Álvares, p. 149].

A respeito desta novidade C. DE FIGUEIREDO se pronuncia nestes têrmos: «O têrmo *proposital* nunca se me deparou em escritor português. E para que se há de êle inventar, se *propositado* exprime a mesma idéia, tem derivação conforme à índole do nosso idioma, e é usado pelos que bem falam?»¹

380. — Como sucedâneos portuguêscos dêsses adjetivo e dêsses advérbio enumerei, anotando o art. 46, n.º III, do projeto, não menos de *dezessete* vocábulos e locuções. A essas poderemos acrescentar *de estudo*, empregado elegantemente por GARRETT: «*De estudo* evito renovar aqui memórias desagradáveis.» [Obras, v. XXIII, p. 320]. Noutro lugar es-

1. *Lições Prát.*, v. III, p. 44.

creve «deliberadamente». [Ib., p. 322.] «Propositadamente», diz C. DE FIGUEIREDO [Lic. Prát., v. II, p. 229, e D. MICHÄELIS DE VASCONCELOS na sua tradução da grande obra de STORCK sobre a *Vida e Obras de Luís de Camões*.¹

Ora, por que, a não ser um capricho aberrativo, a fôrça de uma perversão, ou o gôsto de errar, trocaremos em *proposital* o vernáculo *propositado* e em *propositalmente* o vernáculo *propositadamente*?

Ainda bem que neste ponto está comigo o revisor adotado pela comissão dos vinte e um, o dr. CARNEIRO, que assim [como vimos atrás, n.º 102] formalmente se declara.

§ 13

Art. 426²

INSOLVABILIDADE

381. — Pesaroso de não ter inventado a palavra *honorabilidade*, térmo inútil, vago, obscuro e mal derivado, que já discuti, replicando ao professor CARNEIRO, o trocista filológico da *Resposta* exprime igualmente a sua mágoa de não ter forjado também o *insolvabilidade*. Quem necessitar de um responsável adotivo para o rebotalho das neologias bastardas, já sabe onde há de ir bater.³

1. Lisboa, 1897.

2. E arts. 825, 914, 915, 955, § 4.º, 1003, 1133, 1300, § 2.º, 1389, 1437, 1492, 1494, III, 1497, parágrafo único, 1506, 1807.

3. «Quanto a esta palavra, portanto» [a palavra *honorabilidade*] «se alguma coisa sente a Comissão é o pesar de não a ter criado, como de não haver criado o térmo «lacunoso» era o pesar manifestado por Tobias Barreto, diante dos arreganhos de um *canis grammaticus* que em nome da vernaculidade tentava mordê-lo por o haver empregado.

«— «Insolvabilidade». É a mesma a nossa situação, é o mesmo o nosso pesar; chegamos tarde para a glória de inventá-la. A maioria dos lexicógrafos a consigna e as nossas leis a consagram.» [Resposta ao parecer do senador Rui Barbosa, p. 18, c. 3.]

Está no seu direito. Mas o direito que lhe eu nego, é o de lhes adereçar as certidões de batismo com os nomes de padrinhos imaginários, como faz, dizendo que «a maioria dos nossos lexicógrafos consigna» aquèle têrmo.

Não é verdade. Entre os nossos dicionários de autoridade só o registam as edições menos antigas de MORAIS e o *Tesouro de Fr. DOMINGOS VIEIRA. FERREIRA BORGES*¹ não decide em pontos de vernaculidade. Comercialista, aliás de não alta esfera, e compilador de leis comerciais, recebia com a plasticidade utilitária de prático forense a mossá dos livros franceses, absorvidos sem escrúpulo no tocante à linguagem. Os outros vocabulistas nossos, porém, ainda não aceitaram êste aleijão francês. Não o encontrareis em CONSTÂNCIO, AULETE, AD. COELHO, JOÃO DE DEUS, nem C. DE FIGUEIREDO. DOMINGOS DE AZEVEDO, no seu *Dicionário Portug.-Francês*, só inscreve *insolvência*, e por *insolvência* verte, no seu *Dicionário Francês-Português*, o francês *insolvabilité*.

382. — Temos *solvência*, *solvente*, *solvível*, *solúvel*, *insolável*, *insolvível*, *insolvente*, *insolvência*, *insolubilidade*. Não necessitamos, portanto, das achavascadas adaptações de *solvável* e *solvabilité*, vocábulos mal lavrados e muito menos bem-soantes que aquêles nossos.

Que os fôssemos buscar, se, por carência de expressões equivalentes, dêles necessitássemos, isso sim. Mas, ainda nesse caso, cumpriria que os tomássemos às fontes naturais do nosso idioma. Essas estão no latim. E de que modo exprimiam os latinos a idéia de *pagar*, *satisfazer débitos*, *ser capaz* ou *incapaz* de os satisfazer? Mediante o verbo *solvere* e seus derivados. Ora como extrair dessa base as palavras *solvável* e *solvabilidade*? Não há meio, em português. De *solvere* só poderia derivar o resultado, que derivou: *solver*, *solvente*, *solvência*, *insolvência*.

1. Que aliás só o menciona em segundo lugar, subordinado a *insolvência*.

O que, em vez dêsses têrmos, se nos quer desatinadamente encampar, é, portanto, grossa e mal aldravada francesia. Para que um neologismo tenha a franquia de circular, importa que receba, ao adaptar-se, conforme às leis da boa cunhagem, a feição do idioma onde penetra. Assim procederam os franceses com o seu *solvable*. Está esboçado em LITTRÉ o processo de elaboração dêsse adjetivo. Diz-nos êle que *solvable* nasceu do latim *solvare*. Mas de que modo? Como se de *solvare* se tirara *solver*, e de *solver* se formara *solvable*.¹ Já se está vendo, assim, que é mediante a singularidade, peculiar à língua francesa, de transformar a terminação *er* dos seus verbos na terminação *able* dos seus adjetivos. Graças a essa propriedade, ali vernácula, de *envier* compuseram *enviable*; de *mépriser*, *méprisable*; de *aimer*, *aimable*; de *louer*, *louable*; de *varier*, *variable*; de *exprimer*, *exprimable*; de *dompter*, *domptable*.

Mas, em português, a desinência em *ável*, nos adjetivos, procede necessariamente da terminação *ar* nos verbos: *amável*, de *amar*; *louvável*, de *louvar*; *curável*, de *curar*; *transportável*, de *transportar*; *tolerável*, de *tolerar*; *estimável*, de *estimar*; *domável*, de *domar*; *conquistável*, de *conquistar*; *reprovável*, de *reprovar*; *sanável*, de *sanar*; *usável*, de *usar*; *detestável*, de *detestar*; *apelável*, de *apelar*; *tratável*, de *tratar*; *maleável*, de *malear*; *danável*, de *danar*; *saneável*, de *sanear*; e assim *sempre*.

Os nossos verbos terminados em *er* não geram nunca adjetivos terminados em *ável*. A terminação nos adjetivos procedentes dos verbos portuguêses em *er*, ou dos latinos em *ere* da terceira conjugação, será necessariamente em *ível*: *legível*, de *ler*; *aprazível*, de *aprazar*; *desprazível*, de *desprazer*; *respondível*, de *responder*; *fazível*, de *fazer*; *conhecível*, de *conhecer*; *reconhecível*, de *reconhecer*; *dizível*, de *dizer*.

1. «*Solvable*. Mot fait du latin *solvare*, payer, comme si l'on en avait tiré le verbe *solver*, d'où *solvable*, comme *exprimable* d'*exprimer*.» [LITTRÉ. *Dicc.*, v. IV, p. 1972.]

Assim que o processo, cuja aplicação ao latim *solvare* deu *supositiciamente* aos franceses o verbo *solver*, e, mediante êste verbo, o adjetivo *solvable*, êsse processo, aplicado ao mesmo verbo latino, veio a nos dotar *realmente* com o verbo *solver*, e, mediante êste verbo, com os adjetivos *solvível* e *solvente*. Porque do francês *solver*, adaptação *imaginária* do latim *solvare*, só se podia tirar *solvable*. Mas do português *solver*, naturalização efetiva entre nós do latim *solvare*, não podia resultar senão *solvente*, ou *solvível*.

Ora o substantivo de *solvente* é *solvência*; o de *solvível*, ou *solúvel*, segundo a transmutação vulgar do latim *solubilis*, é *solubilidade*, com os seus contrapostos ou antônimos: *insolubilidade*, *insolúvel*, *insolvível*, *insolvência*, *insolvente*.

583. — Já se vê que admitir em nossa língua as palavras *solvável* e *solvabilidade*, com as suas derivadas, é *cobrir* o francês, mas cobri-lo ignaramente, violando as próprias leis de geração etimológica, pelas quais o francês obteve *insolvabilidade*, *insolvable*.

Filológicamente, a questão não é suscetível de outro aspecto. Cientificamente, não se poderá discutir em terreno diverso. Nomes de juristas e parlamentares sem pêso vernáculo não adiantam uma linha à solução. Da que o estudo etimológico do assunto nos acaba de proporcionar, só haveria motivo, para nos desviarmos, caso êsses atamancados contrabandos franceses houvessem recebido a chancela de bons autores. Mas, se nem um só dêstes até hoje os esposou?

§ 14

Art. 223, I

AFETAR

584. — Este verbo, em nossa língua, nunca se usou pelos escritores vernáculos senão como equivalente de *amar*, *ambicionar*, *desejar*, *ostentar*, *simular*, *requintar* ou *rebuscar*,

requestar ou *diligenciar* alguma coisa. Eram as acepções latinas de *affectare*, *affectari*: são as nossas de *afetar*.¹

Outras, de todo em todo outras, deram os franceses ao seu *affecter*. Mas essas repugnam à índole da palavra em nosso idioma, que, para corresponder às significações estranhas dêste vocábulo, dispõe de vários, qual a qual mais adequado e expressivo. Ora, para conciliar repugnâncias dessa natureza, não bastariam nomes de escritores, por altíssimos que fôssem. Quanto mais que de tal eminência não me consta seja nem o de JORGE PARANHOS, nem o de TOBIAS BARRETO. Nenhum dos dois é modelo, ou mestre, em questões de vernaculidade portuguêsa.

Nos próprios exemplos que a *Resposta* nos apresenta, se está a ver a negligência e desprímor, com que um e outro se houveram no emprêgo dêsse verbo. «*Afeta* de modo agradável» disse TOBIAS, onde CASTILHO, HERCULANO, GONÇALVES DIAS, ou MACHADO DE ASSIS escreveriam: «*Comove*, *toca*, *impressiona*.» «A fome nos *afeta*», escreveu JORGE PARANHOS. E qualquer escritor português de mediano merecimento diria:

1. «E dêste modo zelavam os fariseus e escribas as *afetadas* observâncias de sua lei contra Cristo.» [BERNARDES. *Luz e Calor*, ed. de 1696, n.º 81, p. 61.]

«Ao abade Scapão veio visitar um monge, *afetando* no hábito, gesto e palavras tanto desprêzo de si.» [Ib., n.º 82.]

«Também é humildade *afetada* e suposta.» [Ib., p. 62, n.º 83.]

«Os hipócritas *afetam* cheirar bem pela boa fama e a pouco custo.» [Ib., n.º 88, p. 67.]

«Sinceridade e *desafetação* no modo de obrar.» [Ib., p. 97, n.º 118.]

«Não é *afetação* minha.» [VIEIRA. *Serm.*, v. I, p. 110.]

«Mas como a soberba e ambição pervertesse a igualdade desta ordem, com outra ordem desordenada de primeiros, segundos, até últimos lugares, e os fariseus na mesa *afetassem* os primeiros, êste foi o vício que o Senhor observou.» [Ib., p. 336.]

«Não a deteve a fama com o ruído de seus aplausos, nem *afetu* vitórias e triunfos.» [Ib., v. III, p. 226.]

«Pediram a seu Divino Espôso as privasse daquela graça, que outras atnto estimam, e com tantas artes *afetam*.» [Ib., p. 237.]

«Do Olímpio só os caminhos *afetando*.» [CASTRO. *Ulisséia*, VII, 102.]

«*Salteia-nos a fome*», «*Dá-nos a fome*», «*Entrou-nos a fome*», ou «*A fome nos acomete, nos invade, nos aflige*.»

585. — Outra aplicação meramente francesa dêsse verbo é a de que nos dão exemplo certas frases desta laia: «*O governo afetou o assunto ao congresso*». «*A moléstia afetou-lhe os rins*.» «*Estas circunstâncias afetam a questão*.»

Tiradas em linguagem, seriam: «*O governo submeteu a questão ao congresso*. A moléstia *interessou-lhe os rins*. *Estas circunstâncias interessam à questão, tocam à questão, respeitam à questão, entendem com a questão*.»

À opulência desta variedade prefere a francesice insciente, deleixada e sensaborona a monotonia do *afetar*, encambulhando uns poucos de sentidos, cada qual mais alheio à sua origem, à sua índole, à sua tradição. E isso em nome da *evolução dos idiomas*. Pobre ciência moderna, quantas ignorâncias e imposturas se não acobertam com o teu nome e a tua fraseologia!

§ 15

Art. 1.670

CONFLITO DA BATALHA

386. — São êstes os têrmos da réplica à minha nota:

«*O censor protesta em têrmos irritadiços¹ contra a frase — conflito da batalha — do art. 1.670.*

«*A expressão não é nova, nem constitui uma singularidade no vocabulário do projeto.*

1. «Têrmos irritadiços» é chapadíssimo êrro de linguagem. Um *indivíduo*, um *temperamento*, um *caráter* pode ser *irritadiço*. Um *vocabulário*, nunca.

A desinência portuguêsa *ijo* traduz *freqüência*, *hábito*. *Agastadiço*, o atreito a se agastar. *Encontradiço*, o fácil de encontrar. *Embarcadíço*, o dado a embarcar. *Namoradiço*, o inclinado a namorar. *Postiço*, o feito para se tirar e pôr. Poder-se-á dizer, pois, que uma pessoa é *irritadiça* significando que fácil ou habitualmente se irrita. Mas chamar *irritadiça* uma *palavra*, uma *expressão*, uma *frase*, é de quem não fala português.

«Estava no projeto revisto (art. 2.015); foi empregada repetidamente na Ord. L. 4.º T. 83; foi usada pelo emérito Teix. de Freitas (Cons. art. 1.066) e repetida pelo clássico Gouveia Pinto (ob. cit. pág. 82).

«Resta saber se, apesar da justificativa, o censor absolve a Comissão.»¹

Veja-se agora o que eu dissera. Transcrevê-lo-ei fiel e inteiramente:

«Se *batalha* é a luta entre dois exércitos, e *conflito* o embate dos que lutam, dizer *no conflito da batalha* o mesmo é que se disséssemos *na batalha da batalha*, ou *no combate da peleja*. Provavelmente, creio eu, o intuito do autor da emenda foi especificar os indivíduos *empenhados na batalha*, reservando só a êsses o suposto benefício do testamento nuncupativo, e excluindo assim dêsse privilégio as pessoas presentes ao combate, mas nêle não envolvidas. Para exprimir essa idéia, porém, não se havia mister da frase pleonástica *no conflito da batalha*. Dizendo *pessoas empenhadas na batalha*, diremos o mesmo, sem o vício do pleonasmo.»²

Onde o «*irritadiço*» desta linguagem? Não era possível, bem se vê, ser mais calma. Em tôda ela não há o mínimo traço de agastamento, a mais leve observação ofensiva do projeto, nem a seu respeito um qualificativo desfavorável mais que o de *pleonástica*, aplicado à frase, de que divergi. Combatí-a tranquilamente, com um raciocínio, mostrando que, na locução *conflito da batalha*, o vocábulo *batalha* já encerra em si a expressão desnecessariamente reiterada na palavra *conflito*.

Não se absolve, pois, a defesa, opondo ao meu reparo o exemplo das *Ordenações* e o dos dois jurisconsultos que lhes

1. *Resposta*, p. 17, c. 2.º.

2. Meu parecer, p. 522.

agrega. A argumentos lógicos há de contrapor-se a razão, e não a autoridade. Se eu qualificara aquela expressão de «singularidade no vocabulário do projeto», como figura o autor da *Resposta*, levantando-me nisso mais um testemunho, então sim, viriam a calhar as citações.

Estas, porém, não enfraquecem absolutamente o meu argumento. O autor da *Resposta* poderia tê-la reforçado, sem objeção minha, se conhecesse os mestres do nosso escrever. Um ou outro dêles escreveu, tal qual vez, *conflito da batalha*, como as *Ordenações*. Em falta dessa leitura, que não lhe gosta¹, alguma ajuda lhe traria neste sentido o dicionário de Moraes, in v.^o *conflito*. Mas esta consideração não tolhe o caráter de *pleonasm*, por mim atribuído àquele dizer. Não poucas locuções traquejadas nas antigas leis portuguêssas e nos velhos mestres da língua se ressentem, dessa nota, que aliás nem sempre as desqualifica de belas e acertadas.

No lavor literário não raro se exorna o estilo com o repetir de idéias ou palavras. Julga-se por elegante o verso de VIRGÍLIO:

Longa procul longis via dividit invia terris²,
e aqueloutro:

Ingentemque Lyas ingenti mole Chymaeram.³

Muito de indústria poetou FILINTO ELÍSIO:

«*Longes terras correu com longo curso⁴*,
e mui de estudo:
«*O que os cães fazem, faz que êles o façam.⁵*

1. Deste castelhanismo se encontram exemplos nos bons autores. Ex:

«*Eis topo*
Em certo sítio a cálila
Com monsenhor Leão, e não *lhe gosta.*»

[FILINTO. *Obr.*, v. XII, p. 139.]

2. *Aeneid.*, III, v. 383.

3. *Aeneid.*, V, v. 118.

4. *Obras*, v. I, p. 63.

5. *Ib.*, v. XIII, p. 210.

Doutras vezes são as idéias que se reiteram pleonásticamente em diferentes vocábulos sucessivos, por adensar a cõr, ou duplicar a energia à linguagem. Na singela enunciação dos atos legislativos, porém, o pleonasmo não seria admissível senão por um interesse manifesto de clareza. Haverá, na espécie, êsse interesse? Evidentemente não. Ponhamos lado a lado as duas frases. Aqui: «o soldado testou *na batalha*». Ali: «o soldado testou *no conflito da batalha*». Diz a segunda mais que a primeira? Não, por certo. *Conflito* «é o embate dos que lutam». [C. DE FIGUEIREDO.] *Batalha* «é a luta entre exércitos». [Ib.] Logo, tôda a *batalha* é *conflito*, e, não havendo *conflito*, não pode haver *batalha*. Em falando, pois, de *batalha*, dito está falar-se de *conflito*. Sinônimos são os dois têrmos, de que VIEIRA usou como tais neste tópico: «Todo aquêle *combate* ou *conflito* de angústias.» [Serm., v. VI, p. 338.] Na frase *conflito da batalha*, portanto, empregada como está no art. 1.670, há mais que um pleonasmo: uma tautologia. É o pleonasmo, às vezes, a redundância útil à graça ou à fôrça do discurso. Naquela, o que redonda, não tem vantagem nenhuma para o encanto ou o vigor da expressão. *Conflito da batalha* traz-me à mente a *fisionomia do rosto*, empregada por um dos nossos melhores clássicos, a que ninguém, hoje, apesar de sua autoridade, imitaria neste particular.

387. — Depois, na antiga fraseologia legislativa, o vocábulo *batalha* podia não ter a significação de *combate*, e, nesse caso, não haveria que notar à frase *no conflito da batalha*. Hoje êste substantivo é exclusivamente sinônimo de *peleja*. Mas outrora queria dizer, outrossim: o centro do exército, os troços de gente em que êle se dividia, e qualquer *corpo formado para pelejar*. [MORAIS.] Veja-se a lição de VITERBO [Elucidário, v. I, p. 128]: «*Batalha*. Assim chamavam antigamente a todo o corpo de um exército, constante de vanguarda, centro e retaguarda.»

Nessa acepção escreveu DUARTE NUNES, como escrevera FERNÃO LOPES¹: «Chegaram suas batalhas ao palanque para o combater.» [Crôn. del rei D. Duarte, c. 12. Ed. de 1780, p. 50.] «Assim ordenou o infante suas batalhas.» [Crôn. del rei D. Af. V, c. 17. Ed. de 1780, p. 180.] «Após esta vinha a batalha del rei, com a bandeira real do reino.» [Ib., c. 51, p. 362.] «Ao marechal seguia o capitão dos gineteis da guarda del rei, que era Vasco Martins Chichorro, com sua batalha ordenada.» [Ib., p. 361-2.] «E esta era a batalha real, na qual não foi el-rei, por se assegurar.» [Ib., c. 57, p. 408.] «Da outra gente fêz dez alas, quatro grandes, e seis pequenas. Das quatro grandes, que iam na mão esquerda da batalha del rei, eram capitães...» [Ib., c. 57, p. 409.] «No meio destas batalhas ia a gente de pé.» [Ibid.] «El rei D. Fernando ordenava suas batalhas.» [Ibid.] «Das seis alas que iam à mão direita da batalha del rei.» [Ib., p. 411.] «Alguns dos portuguêses feridos, e os castelhanos que escaparam, se acolheram à batalha real.» [Ib., c. 58, p. 412.] «Abalou logo el rei D. Afonso em pessoa com sua batalha.» [Ibid.] «Estas duas batalhas pelejaram por espaço de uma hora.» [Ib., p. 413.] «El rei D. Afonso, vendo sua bandeira no chão e sua batalha desbaratada.» [Ib., p. 414.] «Se pôs com os seus em um têso, com os quais e com alguns, que a él se acolheram da batalha del rei, fêz um bom corpo de gente.» [Ib., p. 415.] «O príncipe, como viu a batalha del rei desbaratada, sem lhe poder valer...» [Ib., c. 59, p. 418.] «Desta gente tôda fêz o príncipe uma grossa batalha, com que determinou em amanhecendo dar em outra grande batalha dos castelhanos, que se ajuntara no campo, e estava tão perto da sua, que se ouvia de uma a outra o que falavam.» [Ibid.]

1. «E naquele lugar repartiu suas batalhas, como haviam de ir.» [FERN. LOPES, Crôn. del rei D. João I, parte II, c. 164.]

E assim muitas vezes.

«Batalha. Antigamente se entendia pelo esquadrão [BLUTEAU, Vocabul., v. II, p. 67.]

E por igual JACINTO FREIRE: «Ordenou a sua gente em *duas batalhas*.» [L. IV, n.º 62.]

Se o termo *batalha* não houvesse perdido tal significação, o nosso código civil poderia copiar às *Ordenações do Reino* a frase *conflito da batalha*; porque o primeiro desses termos exprimiria então a *peleja* e o segundo a *gente de armas*. Estar no *conflito da batalha* seria, nesse caso, achar-se no encontro da força armada com o inimigo. Mas, se o código tem de falar a língua do nosso tempo, a locução *conflito da batalha* será um anacronismo injustificável, ou uma escusadíssima perissologia.

§ 16

Art. 1.644, n.º VIII

PÚBLICO NO
[CACÓFATON ?]

388. — Palavras da *Resposta*:

«Neste país só o sr. RUI BARBOSA conhece a nossa opulenta e expressiva língua; só êle sabe evitar os pleonasmos e as cacofonias, embora, corrigindo a redação do n.º VIII do art. 1.644, houvesse dito — «o oficial público no testamento.»

A Comissão, no entretanto, cuidadosamente evitara o *cacófaton indecoroso*.»

Conservo a esta alucinação mórbida a sua expressão literal. Foi o doente mesmo quem, nas palavras «público no», grifou a derradeira sílaba de *público* e a contração adverbial *no*, que se lhe segue.

Não satisfeito, acrescentou que «a comissão evitara cuidadosamente o *indecoroso cacófaton*».

Quero crer, e apostaria que a comissão foi caluniada. Não posso conceber que tôda ela se deixasse contaminar da aberração sexual, que nesse tópico se retrata. Descobrir

obscenidade nas palavras «público no testamento», e encartá-la nas duas sílabas, que o itálico do escritor nos indica, se não fôr sinal de uma dessas enfermidades *sui generis*, que interessam de certo modo os centros medulares, sê-lo-á de um dêsses hábitos de lasciva malignidade, que em documentos parlamentares até hoje nunca se viram.

Público, adjetivo, ou substantivo, lê-se, em nossa língua, *públiku*. Assim lhe figura a pronúncia o *Dicionário Prosódico* de JOÃO DE DEUS; assim ensinam todos os gramáticos a pronunciar os vocábulos terminados em *o* surdo, isto é, os vocábulos paroxítonos ou proparoxítonos, que terminam em *o*; e assim se pronunciou sempre, tanto em Portugal, como no Brasil. Nas partículas ou palavras de uma só sílaba *o* o final não acentuado tem aquêle mesmo som de *u* não-acentuado: *to, do, no, mo, lho*, que se proferem *lhu, mu, nu, du, tu*. Logo, as duas sílabas sublinhadas naquela brejeirice hão de pronunciar-se forçosamente como se acabassem ambas em *u* breve: *ku nu, kunu*: «*públiku nu testamento*.»

Onde aí o *indecoro*? Onde, sequer, a cacofonia?

§ 17

Art. 3.º

JURÍDICO NÃO
[CACÓFATON ?]

389. — Outra inspiração pornográfica da mesma casta que a antecedente. Cito textualmente da *Resposta* [p. 12, col. 2.º]:

«Logo na 1.ª coluna do substitutivo [art. 3.º, not.] aí vem com um jurídico não.»

Transcreverei agora, para edificação dos a quem tocar, o lance, que aqui me criticam. É êste:

«O obstáculo à uniformidade foi a locução «coisa julgada», a que o uso jurídico não atribui plural.»

Devo advertir, pela segunda vez, que o grifo não me pertence; é do original parlamentar. Guarda-o o *Diário do Congresso*, e hão de perpetuá-lo os *Anais*.

Para quem lê *jurídico*, do mesmo modo que *público* [públiku], isto é, com o acento na antepenúltima, — prosódicamente, a saber, faladamente, aquela palavra termina em *u* breve: «jurídiku». Justaposto agora o vocábulo à negativa subsequente, o resultado vem a ser: *jurídiku não*.

Seria necessário, pois, ler *juridicó*, ou *juridicô*, à francesa, para fornecer à depravada imaginação dos manufatores destas pérolas a cacofonia, que apetecem.

390. — Duas faces apresenta aí a refinada malícia; porque, se, de um lado, altera a prosódia à sílaba final de *jurídico*, de outro separa a negativa *não* da palavra seguinte, em que, na enunciação falada, se incorpora, modificada e embutida. Não se lê *juridikunão* como se as duas palavras se englobassem numa só. Às primeiras palavras da sentença [«a que o uso *jurídico*»] sucede breve pausa na voz, e só após esta se enunciam os vocábulos posteriores «*não atribui plural*», como se os dois primeiros «*não atribui*» constituíssem uma só expressão.

§ 18

Arts. 115 e 1.759

POR À
SEM MENÇÃO
[CACÓFATONS ?]

391. — Dispõe, no meu substitutivo, o artigo 115:

«O credor quirografário, que receber do devedor insolvente o pagamento da dívida ainda não vencida, ficará obrigado a *repor* à massa o que recebeu.»

O art. 1.759 reza:

«Não é rôto, porém, o testamento, em que o testador dispuser da sua metade, não contemplando os herdeiros necessários, de cuja existência saiba, ou deserdando-os, nessa parte, *sem menção de causa legal.* (Art. 1.748.)»

A êsses dois textos alude uma das mais estupendas censuras da *Resposta*, nestes termos:

«Surge em seguida um *por à* (artigo 115), e logo após, aí vem o *sem men* (*sem menção*) do art. 1.759. É o *nec plus ultra* do cacófaton.»

Vamos por partes: primeiro o «*por à*», depois o «*sem men*».

Ambas essas bugigangas de intenção obscena, *grifou-as* a mesma pena, que as engendrara, mutilando palavras inocentes, e amalgamando sílabas inofensivas.

392. — «*Por à*». Mas haverá na aproximação destas duas sílabas alguma coisa improferível, estranha, malsoante?

Nenhuma. «*Por à*» lê-se: *porá*. Nada menos, nada mais. E *porá* é o futuro do verbo *pôr* na terceira pessoa do singular. Quem, neste mundo, já se lembraria de que essa indiferente, essa ordinária, essa comezinha flexão do mais trivial dos verbos encerrasse no bôjo uma torpeza?

Aliás não vejo traças de armá-la, senão alterando àquelas sílabas a prosódia, ou a grafia, falsificando-lhes a pronúncia, ou a escrita, adulterando-lhes os sons, ou as letras. De francesia em francesia, acaba o terrível galicista afrancesando-nos os *rr*; e graças a êsse vício de acento parisiense é que infamará de horrendas sordícias o pobre do verbo *pôr*, metido agora no índice da linguagem decente.

393. — Haja, porém, aí o que houver, não é produto meu, senão obra da comissão da câmara dos deputados, autora do «*por à*», que a minha culpa se limita em não haver mudado. O meu substitutivo, modificando a outros respeitos a redação do art. 115, manteve-o tal qual era, no que toca aos vocábulos «*repor à massa*», onde o mineiro de cacofonias imorais topou com o seu achado. Eis, de feito, os têrmos daquele artigo no projeto da câmara:

«O credor quirografário que recebe do devedor insolvente o pagamento da dívida ainda não vencida, fica obrigado a *repor à massa* tudo quanto recebeu.»

Logo, se no «*por à*» existir realmente alguma dessas imagens, para compostura das quais se inventou na estatuária a fôlha de vinha, não serei eu quem a terá lavrado. Lavrou-a, sim, a própria mão, que ma pretende impor. De mim o que se poderia dizer, é que, não tendo a imaginação do gênero, não dei tino da figura suspeita, insinuada *pelos autores do projeto* nos escaninhos do seu trabalho legislativo.

394. — Agora, aquêle a que a *Resposta* chama «o *nec plus ultra* do cacófaton». [Deus me dê paciência, para transpor o muladar.] Decepou a *Resposta* o substantivo *menção*, reduzindo-o à sílaba inicial *men*, que, com a preposição *sem*, a ela anteposta, dá em resultado o composto «*sem men*».

Esse *men* é sílaba acentuada na palavra *menção*. O «*sem men*» teria de ler-se, portanto, *semén*, com acento na final. E *semén* não quer dizer coisa alguma.

Admita-se, porém, o contrário, isto é, que, das duas sílabas, o acento carregue na primeira. Ainda assim, não se conseguiria obter com semelhante conjunto a imagem de luxúria, que se pretende. Tome-se aí um dicionário prosódico, a fim de que seja documentada esta lição elementar de leitura. Na preposição *sem* o *e* é nasal; porque o *m* subse-

quente lhe modifica neste sentido a voz. De modo que no composto *sem men* ambas as sílabas se nasaliam. Mas no vocábulo, a que ali se alude, expressão comum daquilo com que os apologistas católicos acusavam os maniqueus de manipularem o pão da eucaristia¹, nesse vocábulo que o formidável relator diligencia confundir com aquelloutro, de sua lavra, o *m* pertence à segunda sílaba. Não altera, portanto, a voz normal ao *e* da primeira. Esta, por conseguinte, não se pronuncia *sém*, mas *sê*. De modo que, num caso, temos *sê-men*, e no outro *sê-men*.

As duas palavras são, portanto, inconfundíveis.

Depois, na última delas não se contém necessariamente a idéia, que o escritor da *Resposta* se compraz em alambicar. Antes da acepção fisiológica, encerra êsse térmo o significado comum de *semente*, que todos os dicionários lhe reconhecem e assinam como a sua intenção primordial.

Além de tudo, enfim, numa longa fieira de vocábulos, em *sêmen-contra*, em *sementado*, *semental*, *sementão*, *sementar*, *semente*, *sementeira*, *sementeiro*, *sementilhas*, *sementinas*, as duas primeiras sílabas constituem sempre o nome rebuscado por êsse crítico original, o, segundo êle, *non plus ultra* da cacofonia.

Não imaginou AL. HERCULANO que a estivesse perpetrando, quando escreveu, nas páginas austeras e clássicas do *Bôbo* [p. 64]:

«Não me perdoe o Senhor na hora extrema do passamento, se mentem as minhas palavras.»

1. «Gnosticos docuit Satan per flagitiosam turpitudinem commutare materiam eucharisticam cum semine humano». SANCT. EPIPHAN. *Haeresi.*, 26. *Apud Pe. M. BERNARDES. N. Fl.*, v. IV, p. 92.

§ 19

Art. 78

«*Esse econo*»

[CACÓFATON ?]

395. — «*Esse econo*», com aspas e grifos, traz-se para aqui fielmente da *Resposta*, p. 12, col. 2.º, 30.ª linha.

Ainda não findou, bem se vê, êsse como delírio obsceno, essa espécie de *psychopathia sexualis*. Não contente do «*sem men*», do «*por à*», com ríjos erres à francesa, do «*jurídico não*», do «*público não*», compostos do seu engenho, por êle convertidos em escândalos de lubricidade, acentua agora o autor da *Resposta* a sutileza desta perversão odiosa, truncando sucessivamente dois têrmos, e falsificando o contexto material de um período, a fim de manipular uma palavrada libertina.

O texto assim maltratado e deturpado era, no meu substantivo, êste:

«Para propor ou contestar uma ação, é necessário ter legítimo *interesse, econômico, ou moral.*»

Entre o substantivo *interesse* e o adjetivo *econômico*, lá está, no texto impresso, a *separação de uma vírgula*, que de um para o outro vocáculo obriga a voz a se deter. Ora, quando a duas palavras se interpõe a pausa de uma vírgula, nunca jamais se poderá estabelecer entre elas cacófaton. Porque o cacófaton exige a conglobação, num só corpo, das vozes que se sucedem. É, portanto, um ato de censurável esperteza apagar a vírgula, por obter o cacófaton, a que ela obstaria.

396. — Outro aspecto dessa tramóia crítica. A palavra *econômico*, de onde o destilador inimitável de estimulantes extraiu o «econo», veio *no projeto da câmara*, e nesse projeto está.

Diz êle, com efeito:

«Para propor ação em juízo, assim como para contestá-la, é necessário ter interesse legítimo, quer *econômico*, quer de ordem moral.»

Daí é que êsse adjetivo passou ao meu substitutivo, onde uma vírgula o baliza do vocábulo anterior, quando, no projeto, vemos em «quer *econômico*» a contigüidade e aderência das duas palavras sucessivas, condição cuja ausência na minha emenda impossibilitaria, em qualquer hipótese, o cacófaton.

397. — Se êle, porém, existe sómente na seqüência das três últimas sílabas notadas na censura, risquemos então, por torpes, dos nossos vocabulários todos os vocábulos, onde esta associação se reproduz: *economato*, *economia*, *econômico*, *economista*, *economizar*, *ecônomo*, bem assim os seus derivados, e, com êsses, as mais palavras de feitura análoga, tais como os vários compostos do grego *eikonikós*: *iconoplasmo*, *iconoclasta*, *iconografia*, *iconomania* e seus parentados.

Vá desbatizar-se a *economia doméstica*, a *economia política*, a *economia social*. E não se fale mais em *economia*, inclassificável torpitude, onde mia o «econo» dêsse vingador imortal do projeto.¹

1. CASTILHO não soube em que ia dar, escrevendo: «sopa econômica», «fogão econômico», «estudo econômico.» [Colôq., p. 75, 103, 147]. O autor da *Resposta* decomporia: «sopa econo», «fogão econo», «estudo econo».

§ 20

CACÓFATONS INEPTOS

398. — De envolta com os cacófatons lúbricos e salazes, ajeitados sem o menor fundamento, os cacófatons ineptos, urdidos sem senso, nem propósito algum.

Dêsse gênero calharia como espécimen característico um, que, na galeria de indecências e bagatelas, mereceu esta moladura distinta:

«O art. 1.727 estava assim escrito: «A capacidade do herdeiro e do legatário é sómente exigida no momento da devolução da herança.»

«O Sr. Rui emendou: «Só se exige a capacidade do herdeiro e do legatário na «*data da*» devolução da herança.

«*DATA DA* — ... eis em que deu a emenda.»

Realmente é inaudito o em que dera a minha infeliz emenda. Dera em juntar o substantivo *data* à contração prepositiva *da*; o que, a muito puxar, acabaria no adjetivo participial *datada*. Ora, por mais que submetam a tratos êsse vocábulo, haverá quem lhe desentranhe cacofonia?

Pois então não se dirá, não diz e escreve tôda a gente *data da carta*, *data da escritura*, *data da certidão*, *data da eleição*, *data da posse*, *data da morte*, *data da festa*, *data da sentença*? Haverá quem hesitasse jamais em pôr o vocábulo *data* antes de qualquer substantivo feminino regido da contração prepositiva?

399. — Do mesmo jaez no medalhário de frioleiras ressaem estoutras:

Em pena. [Art. 1.360.]

Cêrca das. [Art. 14.]

Autoriza a ação. [Art. 78, parágrafo único.]

Disser respeito. [Art. 90.]

Reconhece êsse. [Nota ao art. 1.153.]

Por tal. [Nota ao art. 1.342.]

Má ação. [Arts. 77 e 78, parágrafo único.]

Tor por. [Art. 1.345.]

Constitui-se, tôda a gente o sabe, a cacofonia pelo som desagradável, ou pelo vocábulo ora feio, ora risível, ora indecente, que se forma da contigüidade entre duas palavras.

Quem seria capaz de averbar em qualquer dêsses capítulos uma daquelas expressões? Se não foram os itálicos, ali cuidadosamente distribuídos pelo inventor, não haveria engenho capaz de atinar com as combinações, cuja inconveniência, ou repugnância, o relator daquele papel traz em mira acentuar. Considere-se nelas uma a uma.

400. — «*Tor por.*» [Art. 1.345.]

A frase donde se extrai, é esta: «Haver-se-á o gestor por sócio daquele.» Onde se vê que o cacofonômano não sabe ler a sua língua. A preposição *por*, distinta do verbo *pôr*, lê-se *pôr*, como se com *u* fôra escrita; ao passo que o crítico diz *pôr* [como se ali se achara, claro ou oculto, o circunflexo], tão-sòmcnte para embutir no trecho um *torpor*.

Suponhamos os versos de FILINTO:

«Que a querer eu *por* pontos, *por* miúdo
Pôr todo o caso, o fol'go me faltara.»

[*Obr.*, v. XII, p. 287.]

Ou estoutro:

«Bem faz o sábio em *pôr por* obra às vêzes
O feito sem consulta, sem reparo.»

[*Ib.*, v. XIII, p. 208.]

Ou êste trecho, de AL. HERCULANO:

«O zêlo e atividade dos peões chamados a *pôr* *por* obra as concepções artísticas dos empregados municipais.» [O Bôbo, p. 310.]

Quem não fôr tatamba em português, dirá: «*pur* pontos», «*pur* miúdo», «*pôr* todo o caso», «*pôr pur* obra», distinguindo com cuidado, na dição, a partícula prepositiva do infinito verbal.

Nas expressões o «*gestor por* sócio», logo, não é *torpor*, mas *torpur*, o que se encontraria, lida a preposição *por* como cumpre. Mas, quando fôsse *torpor*, que tinha? Haverá nesse vocábulo traço, que repugne ao ouvido, ao gôsto, ou ao decoro?

401. — *Má ação.* [Arts. 77 e 78.] *Má ação!* Mas quem é que o não diz? Quem será, que o não escreva? E onde a *cacofonia*, a *fonia* revêssa ao ouvido, ou desprazível ao gôsto, à polidez, à moral? Decerto o censor tinha a noção de outra coisa, quando esta afirmou. Era o *hiato*, que o crítico sentia, ao escrever *cacófaton*.

Que êle há¹ nesse lugar um *hiato*, isso não direi que não.

1. «*Êle havia* também

Já tantíssimo tempo.»

[CASTILHO. *Fausto*, p. 193.]

«Nem êle há coisa pior.» [Avareto, p. 186.]

«*Êle há* um modo de nunca faltarem livros aos que gostam de ler.» [CASTILHO. *Colóq.*, p. 123.] «E *êle há* também caridade tôla?» [Ib., p. 160.] «*Êle é* verdade que em tu não tendo que fazer, não tens que comer?» [P. 180.] «Pois *êle há* homem nenhum, que possa tudo?» [P. 284.] «Pois *êle há* no mundo quem não conheça?» [P. 292.]

«Não que *êle há* marotos muito grandes na tropa.» [C. CASTELO BRANCO. *Históri. e Sentimentalismo*, p. 152.]

«*Êla é* intolerável cegueira do entendimento, intolerável abuso da razão, e intolerável injúria da justiça e da verdade, que aquilo que se não devia escrever, se haja de sustentar, só porque se escreveu.» [VIEIRA. *Serm.*, v. V, p. 163.]

«Enfim, senhores, *êle é* necessário que haja em cada nação um juiz árbitro das controvérsias que se podem excitar sobre a sua língua.» [ANT. PER. DE FIGUEIREDO. *João de Barros. Memór. de Liter. Port.*, v. IV, p. 24.]

Mas é um dêsses, a que a orelha vernácula se afez por gerações e gerações, por séculos e séculos, de modo que entrou no cabedal comum da língua, e já não pode estar exposto a reparo, senão dos que não a sabem falar. Bulir com êsses valores correntes, metendo-os a chacota, não é dar cópia de bom siso.

Mas, enfim, lá nos diz o provérbio que «a boa ou má ação é de quem a faz».

Ou será que do «má ação» compusesse a orelha do crítico algum *mação*? *Mação*, hoje em dia *maçon*, nome do *pedreiro-livre*, do filiado à maçonaria, não me consta que seja vocábulo risível, facêto, áspero, pudendo, ou indelicado. E se o fôr, por evitar os encontros de têrmos que o reproduzam, teremos de vedar à boa linguagem o uso da adversativa *mas* antes do verbo *ser* no plural do indicativo presente, primeira e terceira pessoa: *mas somos*, *mas são*. Fujam do *maçon*, que se introduz na primeira, e do *mação*, que se encarta na segunda. «*Mas somos leais*», «*mas somos brasileiros*», «*mas são bons*», «*mas são grandes*», «*mas são úteis*», ninguém mais o diga. Seria caírem no mau pecado, em que se enodouu Fr. Luís de SOUSA, escrevendo: «*Mas são tantas que temo*» [*Hist. de S. Dom.*, 1. IV, c. 3], e A. HERCULANO: «*Mas são marido e mulher.*» [*Est. sôb. o Casam. Civ.*, p. 46.]

402. — *Por tal* [N. ao art. 1.342.] O despropósito dêste invento, já o discuti em artigo especial na resposta ao dr. CARNEIRO.¹ Ali apontei dêsse encontro de sílabas inúmeros exemplos.

Vão mais êstes agora, de A. HERCULANO e CASTILHO:

«*Sofraram por tal* arte as mulas.» [Monásticon, v. II, p. 113.] «*Soube fazer respeitar por tal* arte.» [Ib., p. 121.] «... impossíveis de descrever, *por*

1. V. supra, ns. 88-90.

tal arte que...» [O Bôbo, p. 95.] «Foi *por tal* motivo.» [Ib., p. 158.] «Semelhante mensagem repetida *por tal* bôca.» [Ib., p. 293.] «Conhecida vulgarmente *por tal* nome.» [Lendas, v. I, p. 51.] «Por *tal* arte lhe põe o remate.» [Ib., p. 272.] «Suumiu-se *por tal* arte.» [Ib., v. II, p. 14.] «E *por tal* me chamaste!» [CASTIL. Metamorf., p. 97.] «Cantai-o, e *por tal* maneira.» [Camões, p. 90.]

Antes dêsses escrevera CAMÕES [Obras, v. II, p. 140]:

«E se *por tal* quiserdes conhecer-me.»

E BERNARDES:

«Porque o verdadeiro humilde não se reputa *por tal*.» [Nova Floresta, v. II, p. 188.]

E FRANCISCO DE MORAIS:

«Mano, não me tenhais vós *por tal*.» [Diálog. III.]

E DUARTE NUNES:

«Ele o conhecia *por tal*.» [D. João I, c. 35, p. 138.] «Por *tal* confirmação.» [Ib., c. 46, p. 189.] «Para *por tal* o reconhecerem.» [D. Afonso V, c. I, p. 83.] «E *por tal* o teria sempre.» [Ib., c. 17, p. 178.] «Ele tinha o infante *por tal* cavaleiro.» [Ib., c. 19, p. 182.]

E HEITOR PINTO:

«Por *tal* a tinham escrito na porta do templo.» [Imag. da Vida Crist., Diál. I, c. 4.]

E Fr. Luís de SOUSA:

«Ficando entre todos praticado e conhecido
por tal.» [D. Fr. Bartolomeu., 1. III, c. 5.]

«Por tal o veio buscar neste tempo.» [Ib., c. 13.]

«Só por tal causa intentar.» [Vida de S. Dom.,
parte I, 1. IV, c. 8.]

E JORGE FERREIRA:

«Também a eu sei, se nos víssemos tal por tal.»
[Eufrós., V, 2.]

E FILINTO ELÍSIO:

«Não o teve por tal.» [Obras, v. VII, p. 11.]
«Que eu a dê por tal.» [V. VI, p. 29.] «Entende o
poeta por tais.» [Ib., p. 229.] «Por tal o nomeou
sempre.» [V. XI, p. 111.] «Que por tal nesta
côrte se vendia.» [Ib., p. 151.] «Por tais cultos.»
[V. XII, p. 129.] «Por tal o escuso.» [V. XIII,
p. 171.] «Por tal maneira.» [Ib., p. 174.] «E por
tal jeito.» [Ib., p. 206.]

Como depois dêles, OLIVEIRA MARTINS:

«Formada por tal preceptor.» [Os filhos de
D. João I, Lisboa, 1891. P. 6.]

Não há, em suma, locução mais correntia, inocente e
inevitável em nosso falar. Com o por tal, ainda temos por
tais, de que se acabam de ver, nos excertos de FILINTO ELÍSIO,
algumas amostras, sendo fácil ajuntar-lhes outras, como esta
de DUARTE NUNES: «Por tais eram de todos conhecidos.»
[Crôn. del-rei D. João, c. 52.] E, afora por tal e por tais, nos
acresce o por tão: «Tendo por tão impossível passá-lo.» [Ib.,

c. 98.] «Por tão certos indícios.» [Sousa. *Hist. de S. Dom.*, parte I, l. IV, c. 10.]

Até pelos seus adágios se insurge a nossa língua a essa exigência disparatada, contra a qual brada o sabido anexim:

«Tal *por tal*.» [BLUTEAU. *Voc.*, v. VIII, p. 18.]

Mas por que me hei de justificar eu de ato, que não praticuei? Leia-se a minha nota ao art. 1.342, parágrafo único, indigitada como o *locus delicti*, e ver-se-á que ali não existe a expressão *por tal*.

A censura assenta, pois, num falso testemunho.

403. — «Ece *esse*.» [Art. 1.153.] A frase, onde se encravam as sílabas criminadas pelo censor alegre, é esta: «Mas o art. 1.151 reconhece *esse* direito.»

Não me dirão como se sacará daí um cacófaton?

404. — «Disser respeito.» [Art. 90.] As duas sílabas «*ser res*» não se acomodam à oitiva dêste afinador de frases. O texto sôbre que recai a censura, vem a ser êste:

«Tem-se igualmente por êrro substancial o que disser respeito a qualidades essenciais da pessoa.»

Pois, *disser respeito* não é locução trivialíssima, como *fizer respeito*, *impuser respeito*? Que ouvido com elas jamais se escandalizou?

405. — «Autoriza a ação.» [Art. 78.] O composto ca-
cofônico é *autorização*. Realmente má palavra. Todo o
cuidado em não a proferirem. É incrível que a tanta puerili-
dade haja tocado a crítica nestas alturas oficiais.

406. — «Cêrca das.» [Art. 14.] A cacofonia está em cercadas. Ignóbil vocábulo, deveras. Mas falemos sério, se é que se podem tratar a sério extravagâncias tamanhas. *Cercadas*, evidentemente, nada tem de mau som, ou de indecência.

Onde ela está, e das mais graves, é em faltar à verdade num papel solene e, sobretudo, numa acusação friamente meditada. No art. 14 não há tal «cêrca das», nem coisa que a esta se assemelhe.

407. — «Em pena» [Art. 1.360.] Pois não estão vendendo a horrenda cacofonia? *Empena* será vocábulo, que se profira por bôca limpa, ou que ouvidos finos tolerem? Entretanto, MORAIS nos ensina a dizer: «Alma em pena». DOMINGOS VIEIRA nos aconselha «Sem pena.» «Sem ser necessário para isso muito rigor, nem pena», escreveu FERNÃO MENDES PINTO. [Peregrinação, c. 2.] Do elegante MANUEL BERNARDES é a frase: «Em pena dêste pouco pejo.» [Nova Floresta, v. II, p. 322.] GONÇALVES DIAS poetou:

«Pelos cristãos inimigos
Cortou sem pena e sem dor.»

«Em pena das rebeliões que fêz a Elrei de
Ormuz.» [BARROS. Déc. III, VII, 2, V. VI, p. 117.]

«Em prêmio, em pena
Dê-se a cada um o que lhe fôr devido.»
[A. FERREIRA. Obr., v. II, p. 103.]

«Lançado o gênero humano em penas e tor-
mentos.» [FR. TOMÉ DE JESUS. Trabalh., v. I,
p. 47.]

«Perpétuamente os atormenta e faz viver em
pena.» [Ib., p. 55.]

«Em pena do pecado.» [VIEIRA. Serm., V,
p. 307.]

«A mesma sentença em pena da sua culpa.»
[Ib., p. 320.]

Nem há quem não diga «*em pena* de seus crimes», «*em pena* de sua culpa», como eu disse:

«Cominando-lhe *em pena* a rescisão do contrato.»

Que infantilidades tais merecessem as honras do parlamento? Seja, em castigo dos seus erros, ou *em pena* dos meus pecados.

408. — Ainda abaixo, na escala da insulsaria e da insignificância, acumula o fabricante de cacofonias:

«*Conta dela*». [Art. 1.382.]

«*Falta dela*.¹ [Art. 1.423.]

«*Parte dela*». [Art. 1.051.]

«*Que delas*».

Este último, não indica o censor onde o achou. Diz em tom de graceta que ali se encontra «*por cima do tempo*».

Os tópicos onde perpetrei as outras enormidades contra a eufonia, são:

«Além do que por *conta dela* despender.»
[Art. 1.382.]

«Por convenção das partes e, em *falta dela*, pelo disposto nesta seção.» [Art. 1.423.]

«De tôda a dívida, ou só de *parte dela*.»
[Art. 1.051.]

Ora qual é aí o escritor, que se recusaria a subscrever alguma dessas frases?

1. Se é o *a dela* que arrepia aqui o crítico parlamentar, note que um poeta de fino esmôro como M. DE ASSIS escreveu:

«Parecem ver passar a sombra *dela*.»

[Poes., p. 24.]

A frivolidade, porém, culmina no «que delas». Já se não poderá escrever: «O que delas me consta. O que delas resulta. O que delas obtive. O que delas restou.» *Cacofonizaria* desgraçadamente a pena, a que tais expressões escapassem. Que veia crítica a dêste homem!

409. — Mas ainda não acabou. Nesse futilizar, esgaravatou ainda o tino do escavador:

«Com vício.» [Art. 182, § 2.º]

«Só va.» [Art. 1.689.]

«Só via.» [Art. 776, not.]

410. — «Só via.» «Ainda que o contrato se lavrasse em uma só via», redigira eu. À cacofonomania dessas es cogitações grotescas não toa bem o só via. Talvez porque lhe assavia. Note, porém, como inimigo das formas antiquadas, que a hoje mais em uso dêsse verbo é *assobiar*, e não *assoviar*.¹ Mas, com *b* ou *v*, não se lê *assòbiar*, *assòbia*, *assòviar*, *assòvia*. Não. Assim não se lê. Ainda no Brasil, toda gente diz *assubiar*, *assubia*. A prosódia transmuda o *o* em *u*. Consulte os dicionários, e aprenderá. Ora, na expressão criminada o som é de *ó*, e *ó* forte, *ó* acentuado: «Uma só via.» E para confundir o *óv* de *só via* com o *uv* de *suvia*, é necessário padecer de surdez.

EÇA DE QUEIRÓS escreveu, sem dar tento que *assòvia*va: «Só via que ela tremia, só via que ela o amava.» [Os Maias, v. II, p. 93.]

1. Já o *Dicionário da Academia* dava por antiquado o verbo *assoviar*, que DOMINGOS VIEIRA reproduz, mas que nem MORAIS, nem CONSTÂNCIO adotam. AULETE, AD. COELHO, JOÃO DE DEUS e CÂNDIDO DE FIGUEIREDO não o conhecem, registrando apenas a versão *assobiar*, que é a de AL. HERCULANO. [Poesias, p. 109, 171.] Penso, porém, como CONSTÂNCIO e MORAIS, não haver motivo para excluir a forma *assoviar*, que não perdeu a posse do uso comum, e me parece de onomatopéia ainda mais rigorosa que a outra.

411. — «*Só va.*» [Art. 1.689.] CASTILHO ANTÔNIO, em uma das suas obras mais primas no esmôro do buril e na harmonia da música, não se correu de escrever:

«Teseu, ou Demofonte, o nome só varia.»
[Art. de Am., v. I, p. 122.]

412. — «*Com vício.*» [Art. 182, § 2.º] «Perdas e danos pelo imóvel alienado *com vício redibitório*», reza o teor do artigo.

Ora *convício*, o resultante da vizinhança entre aquelas duas palavras, não é nome de mau sóido, ou má nota; não fere nem a decência, nem a polidez, nem o ouvido; não encerra grosseria, nem aspereza. Onde, pois, a sua cacofonia? No *Fausto* de CASTILHO há êstes versos:

«Mão grosseira assim, como é que a pode
Beijar um cavalheiro?»¹

Se na melhor poesia cabe sem escândalo um «*a pode*», que razão há para supor que não admite um «*com vício*» a harmonia da prosa?

A bastar que se forme da contigüidade entre dois vocábulos sucessivos um vocábulo novo, ainda quando inofensivo e decente, para constituir *cacofonia*, então antes quebremos a pena, tapemos a bôca, e demos cabo da língua portuguesa. Porque não há falar, sem as esparzir, juncando o verso, ou a prosa.

413. — Façamos uma experiência demonstrativa com o mais rico, esmerado e harmonioso dos escritores vernáculos. Tomemos sucessivamente os livros de CASTILHO:

1. Pág. 154.

Geórgicas: «Com tais» [p. 7]; «há mais» [79]; «se ara» [97]; «a terra» [107]; «para naus» [121]; «a braços» [145]; «da manada» [149]; «mostra dor» [153]; «só da» [169]. Eis aí: *soda*; *mostrador*; *dama*; *abraços*; *Paraná*; *aterra*; *seara*; *amais*; *contais*.

Fastos: «com tais» [I, p. 53]; «só pé» [47]; «lá sais» [71]; «a vós» [277]; «com dor» [143]; «lá roa» [III, p. 69]; «lá soa» [77]; «lá sai» [175]; «como tua» [II, p. 65]; «só brados» [75]; «com machado» [93]; «lá vai» [125]; «publica sagraram» [147]; «me há dado» [211]; «cá tão longe» [491]; «se hão» [85]. Isto é: *Sião*, *Catão*, *meada*, *caça*, *lavai*, *coma*, *sobrados*, *mutua*, *laçai*, *laçou*, *lavou*, *condor*, *avós*, *laçais*, *sopé*, *contais*.

Arte de Amar: «Roma tôda» [19]; «nossos peitos» [24]; «sê largo» [25]; «cultivar as belas» [28]; «cá sou» [58]; «é rara» [99]; «a fax» [108]. A saber: *afaz*, *errara*, *caçou*, *varas belas*, *selar*, *suspeitos*, *matou*.

Amôres: «já sinto» [v. I, p. 45; v. III, p. 71]; «com tais» [v. I, 49]; «a guardar» [v. II, p. 19]; «com vida» [53]; «se a vós» [v. V, 163], «lá vais» [v. VI, p. 210]; «fatidica veia» [232]; «de fama» [246]; «mandada sou» [250]; «Alcides fia» [280]. Eis aí: *desfia*, *assou*, *difama*, *caveia*, *lavais*, *avós*, *convida*, *aguardar*, *contais*, *jacinto*.

Fausto: «da dor» [p. 306]; «não nos» [312]; «só faço» [369]; «de marca» [249]; «lá tão longe» [345]; «da minha» [399, 400]; «já lá vamos» [207]. E assim: *lavamos*, *daminha*, *latão*, *demarca*, *sofá*, *não nus*, *dador*.

Colóquios Aldeões: «para a bem cumprir» [23]; «lá vai» [83]; «cá vai» [381]; «para tais» [326]. Portanto: *atais*, *cavai*, *lavai*, *parabém*.

Em diversos outros escritos: «entre ninhos» [Am. e Melan., p. 316]; «não só da cidade» [ib., p. 324]; «triunfar das» [Felicidade pela Instr., p. 32]; «triunfar de» [Geórg., p. 65]; «a par dos cedros» [Am. e Melan., p. 367]; «plena dou» [Sabinhas, p. 8]; «lá vou» [ib., 124]; «cá vou» [Avarento, p. 23];

«com meu saber» [Amôr., II, 66.] Isto é: *comeu, cavou, nadou, lavou, pardos, farde, fardas, soda, trininhos*.

Cana é dos *Lusíadas*: «cá na Europa» [VIII, 5]; «fica na aljava» [IX, 48]. Também lá encontramos uma *janela*: «já nela» [VIII, 25]. Com um «me salvou» [Mar. da Fonte, p. 265] fêz CASTELO BRANCO um *missal*. Também dêle são: «com mais» [Carrasco, p. 205, e *Virtudes Antig.*, p. 19]; «lá vamos» [O Fil. Natural, 2.ª parte, 66]; «cá vou» [Maria Moisés, I, 65]- Falando em «a voz do mestre» [Nun'Álvares, p. 139], lem, brou-nos OLIVEIRA MARTINS os «avós do mestre». GONÇALVES DIAS, escrevendo «a par dos filhos», e cantando a «sua dor» [Poes., v. II, p. 84, 87], não fugiu de suador, nem de *pardos filhos*. EÇA DE QUEIRÓS, escrevendo «lá vou» [Raimires, p. 235], «lá veio» [ib., p. 210], «cá temos» [p. 537] «som não» [Fradique, p. 22], não se importou de que toasse *catemos, sonão, lavei-o, lavou*. MACHADO DE ASSIS, tão limado, tão fino, tão cauto, deixou «a fere» [Poes., p. 17], «mal havia» [23], «se paras» [40], «única adorna» [229], «bôca sais» [301], «da manada» [332], embora pudesse vir a soar: *dama, caçais, cadorna, separas, mala, afere*.

Notar de cacofonia êsses resultados fônicos seria tolher aos mais cuidadosos escritores o uso do nosso idioma. É o que faz o cacofonista da *Resposta*, reduzindo a cacófatons os encontros silábicos apontados com êste ferrête naquele abismoso documento.

Com êsses encontros de sílabas inofensivos e indiferentes nada tem a noção do cacófaton, sensivelmente realizada noutros, como êstes: «s'ama mais» [A. FERREIRA, *Obr.*, v. II, p. 11]; «fica aquém», «nunca cativa» [p. 44]; «m'amaste» [p. 48]; «com não» [p. 66]; «com nossa» [71]; «por regra» [p. 111]; «por roubar» [119]; «por riqueza» [p. 120, 151], «nunca cá» [p. 126]; «por razões» [p. 134]; «est'alma máquina» [p. 135]; «em si só se encerra» [p. 141]; «se s'arte usar» [p. 166]; «do que te a ti mataram» [p. 282]; «vida dá» [p. 148]; «tas traz aos.

olhos» [p. 204]; «me já chamava» [p. 207]; «alma minha»¹ [p. 246, 209, 220]; «à custa tua» [p. 217]; «com nome» [p. 222]; «nunca s'ouça» [p. 240]; «nem s'ouça» [p. 242]; «triste to tem tornado» [p. 273]; «nus sós olhos» [p. 274] «quem me de ti tirar» [p. 277]; «lá ma tens» [ib.]; «quem ma matou» [p. 278]; «mesma mão» [V. I, p. 197].

414. — Entre as extravagâncias e infantilidades embrechadas, porém, no papel a que respondo, sobressai o requinte de três, que, pela sua distinção na sensaboria e na malignidade, põem cúmulo, remate e coroa à desvairada lista.

Vêm a ser:

«Cos delas» [Art. 1.257.]

«Fêz es» [Art. 1.342, parágrafo único.]

«Fé no» [Art. 553, parágrafo único.]

415. — São as palavras «má-fé no proprietário» [art. 553, parágrafo único] que se prestaram, nas mãos dêste manipulador, ao que êle chama cacófaton. Para o forjar, transformou «fé no» em «feno».

Eu de mim neste nome não vejo ridículo, indecoro, grosseria, ou aspereza, que o incompatibilizem com a frase elegante e polida. Riso não suscitaria a prestimosa gramínea senão de contentamento entre as criaturas, de que é benefício e consôlo. As glórias da Roma primitiva associavam o feno às suas signas de guerra. OVÍDIO, recontando os fastos dos primeiros heróis, descantava o culto do *feno*:

1. Éste é freqüentíssimo em todos os antigos poetas. Em CAMÕES temo-lo reiteradas vêzes: vol. I, p. 15, 29, 64, 81, 156; v. II, p. 57, 59, 67; v. III, p. 47, 60; v. IV, p. 31; v. V, p. 96, 149, 162 [duas vêzes]; v. VI, p. 135. [Refiro-me sempre à edição crítica do Pôrto, 1874-77.]

Antes de CAMÕES já se encontra em GIL VICENTE, *Obras*, v. I, p. 164, 179, e v. III, p. 110, 224.

«Non illi coelo labentia signa movebant,
Sed sua; quae magnum perdere crimen erat;
Illaque de foeno; sed erat reverentia foeno,
Quantam nunc aquilas cernis habere tuas.»¹

E CASTILHO, na sua versão admirável, não o dissimulou:

«Entretanto, ó pendões da márcia Roma,
Que éreis vós senão *feno*! mas o *feno*
Nessas mãos triunfais valia as águias.»²

Seria, porém, necessário sonhar com *feno*, para o descobrir nas palavras «má-fé no proprietário».

No vocábulo *fé* a vogal tem acento agudo, produzindo o é aberto: é. Em *feno*, porém, essa vogal se lê, como se trouxera acento circunflexo: ê. Assim é que a representam JOÃO DE DEUS e AULETE: *fênu*. Já se vê que, para arranjar a equivalência entre «*fé no*» e «*feno*», o artifício grossoiro da *Resposta* lê *fênu*, carregando no e o acento agudo.

Mas essa prosódia, ainda que fôsse parlamentar, não seria portuguêsa. Não tenho, pois, de que me arrepender, ou que emendar. Antes de mim escrevera AL. HERCULANO:

«Quem nos ensinou a esperar? Quem a ser
feliz pela *fé no* meio das agonias?» [Eurico, p. 132.]

E CASTILHO:

«Cheio de magnâima *fé nos* milagres da arte.»
[Camões, p. 249.]

E VIEIRA:

«Porque se a *fé nos* certifica da presença, a
mesma *fé nos* encobre a vista.» [Serm., v. V, p. 312.]

1. *Fastorum*, l. II, v. 123-6.

2. *Fastos*, v. II, p. 17.

416. — O «fêz es» é outro exemplo típico da manha, inauditamente exagerada naquele documento, de falsear os sons às palavras, a fim de simular cacófatons. Evidentemente o intuito da forjadura é converter «fêz es» em «fezes».

O texto onde se exerceu essa manobra [art. 1.342, parágrafo único], estabelece que cessará o disposto nesse artigo, «em se provando que o autor fêz essas despezas com o simples intento de bem fazer». De «fêz essas» extraiu *fezes* o torcedor. Mas aendar *fezes* em «fêz essas», é de se lhe pôr em dúvida o asseio do nariz.

Aqui a adulteração prosódica se faz ainda mais insigne que no caso anterior, onde bastara estropiar a pronúncia a uma vogal. Nestoutro teve o autor de o fazer às duas: Em «fêz essas» é fechado, como a acento circunflexo, o primeiro *e*, e aberto, como a acento agudo, o segundo. Lê-se: «fêzéz». Em *fezes*, pelo contrário, cai o acento agudo sobre o primeiro *e*, e é mudo o *e* final. Le-se *féz's*. De modo que o fantasista da *Resposta* confunde *féz's* com *fêzéz*.

Em matéria de prosódia não se conceberia maior descôco. Duas falsificações ortoépicas tão-sòmente para obter *fezes*. Outros sem êste gênero de esfôrço o lograriam. Êste o que alcançou, foi mostrar que, para agenciar uma coisa feia, nem sempre bastará praticar duas.

417. — Afinal, o «cos delas». [Art. 1.257.] O texto aqui alambicado pelo destilador cacofônico é o seguinte:

«Êste empréstimo transfere o domínio da coisa emprestada ao mutuário, por cuja conta correm todos os riscos *dela* desde a tradição.»

A intenção rasteira da censura quis aproveitar o som de *u*, próprio do *o* nas palavras não oxítonas, para ajeitar com a última sílaba de *riscos* um nome improferível. Mas, como o pudendo substantivo estaria no plural, e o texto punha

o genitivo de possessão imediato no singular, «*dela*», o que, lógicamente, não fazia concordância, adulterou-se o texto, pluralizando a expressão possessiva, para se estabelecer a devida harmonia das partes na indecente concepção assim forjicada. «*Cos dela*» não serviria: arranjou-se «*cos delas*».

Não saberia o que mais enjoe: se a substância da invenção, se a maneira de a lavrar. O que sei, é que do que escrevi só me teria de exculpar, quando CAMÕES se justificasse de ter dito nas suas estrofes imortais:

«Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco *moço* mal vestido»

[*Lus.*, III, 111].

e:

«Mas olha um eclesiástico *guerreiro*,
Que em lança de aço torna o bago de ouro.»

[*Lus.*, VIII, 23.]

418. — Foi destarte que a nova perfumaria de cheiros suspeitos me reuniu e lançou aos pés essas coisas infetas. Doendo-lhe, porém, afinal, a consciência, quis encarregar-se de mostrar que da estrumeira também nasciam, resistentes e saborosos, os produtos comestíveis da terra, e esvaziou-me assim o samburé: «É a *amora*, a *jaca*, a *cana* por todos os lados.»

Não indica um tópico sequer, de onde a *cana*, a *jaca* e a *amora* lhe houvessem tentado o apetite. Ora não há fiar em quem tantas vêzes se viu colhido em flagrante de adulteração da verdade material, ainda quando indicava numéricamente os textos increpados. Dou, porém, que aqui a não altere. Que montava semelhante increpação?

C. CASTELO BRANCO, nos *Serões de S. Miguel de Seide*, v. VI, p. 44, escreveu: «Roboriza a sua opinião genealógica nas autoridades.» Não sentiu, ou não lhe pesou, que houvesse escrito *canas*, e ninguém lho estranha. Menos bem do que *canas* toará *canos*. Todavia, CASTILHO ANTÔNIO escreveu:

«Cá nos disse.» [Conv. *preamb.* ao *D. Jaime*, p. CXXVI.]
 «Cá no continente.» [Colóq., p. 161.] «Cá nos campos.»
 [Ib., p. 143.] «Cá no campo.» [Ib., p. 193.] «Cá no Diário.»
 [Ib., p. 245.] «Cá no meu.» [Sabichonas, p. 73.] «Nunca
 jamais.» [Fastos, v. I, p. 67. *O Outono*, p. 67.] «Roca
 já.» [Amôres, v. II, p. 38.] «Boca já.» [Tartufo, p. 9.]

Escrupuloso e exigente, como era, na linguagem, afinado músico no verso e na prosa, foi ainda CASTILHO quem não teve repugnância a escrever: «Já caída no Orco.» [Geórgicas, p. 145.] «Já cá dentro mo anuncia.» [Noite de S. João, p. 202.] «Já cada qual sem têrmo a sua exalta.» [Fastos, v. I, p. 157.] «Já caduco.» [Fausto, p. 67.] Outro donoso poeta é MACHADO DE ASSIS; e, entretanto, se lhe não encontramos *jaca*, nem *jacá*, encontrar-lhe-emos *Jacó*, em versos que o mais ruim de contentar escreveria sem receio:

«Tíbio clarão já cora
 A tela do horizonte.»¹

As amoras, não sei onde mas teria ido colhêr o pomareiro de maus bofes. Se algumas, de feito, roseassem na linguagem do substitutivo, não era caso de lhe julgarem nodoada a trama. Dos ramos, onde elas purpureiam, nasce o mais fino e opulento dos tecidos. Os versos de CAMÕES não as rejeitaram.² Por que se envergonharia delas o código civil? Num relatório, num inquérito, num ofício, numa sentença, onde se dissesse «O guarda-mor as apreendeu», «o guarda-mor as fiscalizou», se teria derrogado à seriedade e à conveniência do estilo oficial?

Mas posso afirmar que não se encontrarão nem no meu substitutivo, nem nas minhas notas. Para obter êsse conjunto silábico, seria indispensável a derradeira sílaba de uma palavra terminada em *mór*. As desinências em *amor*, pre-

1. *Poesias*, p. 12.

2. «As amoras que o nome tem de amôres.» [Lusíad.]

cedendo à particula *a*, ou *as*, dariam *amôra*, ou *amôras*, não *amôra*, ou *amôras*. O *o*, fechado em *amor*, continua a sê-lo nessas combinações: *amôr ao bem*; *amôr aos pais*; *amôr à pátria*; *amôr às tradições*. O composto resultante é tão aprazível ao ouvido como o seu elemento principal, o vocábulo *amor*, e não dá em palavra, que deslustre a frase, ou move ao riso.

Demais, como evitar êsses resultados? Trocando na preposição *por* a preposição *a*? Seria, dizendo *amor por*, incorrer na francesia, que todos os mestres da língua nos mandam fugir. Mudando o *a* em *de*? Diríamos então, em vernaculo português: *amor do bem*; *amor da família*; *amor dos filhos*; *amor das idéias*. Mas aí a cacofonofobia do meu *canis politicus* teria imediatamente que rilhar num *morda as idéias*, *mordo os filhos*, *morda a família*, *mordo bem*. Entre o galicismo e o cacófaton, o só remédio contra o insolúvel dilema fôra eliminarmos a palavra *amor* do vocabulário português.

SEÇÃO III

A CRÍTICA DO DR. CLÓVIS

«*Estude, converse os bons autores da nossa língua, aprenda-a com amor, que vale a pena.*»

J. VERÍSSIMO. *Est. de Lit.*, 3.^a sér., p. 276.

§ 1.^o

A CORREÇÃO VERNÁCULA

419. — Numa controvérsia que, tôda ela, diz respeito à linguagem do projeto, seria indesculpável lacuna deixar sem exame elementos de tamanha importância para a orientação de tais estudos, como sejam as opiniões do codificador, a quem se deve aquêle trabalho, sobre o valor da lexicologia e da gramática no elaborar das leis.

O dr. CLÓVIS BEVILÁQUA encara com mal-encoberto desdém «os pecados gramaticais». Discutir o emprêgo transitivo ou intransitivo dos verbos, apurar as preposições, que após si comportam os participios, ou os adjetivos verbais, «deslindar outras graves questões de lexicologia ou sintaxe, pode ser de alto interesse, mesmo quando se trata de resolver um problema jurídico tão grave e complexo como é um código civil; mas», diz o preclaro jurisconsulto, «não me atrai, não me seduz. Será», continua êle, «defeito da minha educação intelectual, que me faz supor que a estética das construções jurídicas está antes na disposição e encadeamento hierárquico das idéias, na clareza do pensamento que deve atuar como ordem, no matiz peculiar a cada conceito, do que no sabor clássico da frase.»¹

420. — O douto jurista, nesta como profissão de indiferença à correção da linguagem na feitura das leis, sutil e obscuro a um tempo, casa admiravelmente em si êstes dois merecimentos, cômodos ao expositor de idéias mal sustentáveis, nos quais, a respeito do gramático VARRÃO, advertia AULO-GÉLIO com certo laivo de fina ironia.² *Subtiliter quidem, sed subobscure*, deixa esbater o pensamento, correndo por uma escala de noções diversas, insinuadas sucessivamente, e habilmente confundidas no vago de um amálgama, onde se não distingue bem entre a da clareza no estilo e a do alinho na frase, nem entre a do rigor no classicismo e a do cuidado na observância gramatical.

Que é, realmente, o de que faz bom barato o dr. CLÓVIS? Da sintaxe? ou dos clássicos? Não se diz expressamente. Mas parece que o ilustrado legista não põe distinção entre uma e outra coisa, desde que tanto o sabor clássico do fraseado

1. CLÓVIS BEVILÁQUA. *A Redação do Projeto de Cód. Civ. no Senado. Revista de Legislação.* N.º de 30 set. 1902. P. 21.

2. AULO-GÉLIO: *Noctes Att.* III, 14.

como a regência dos verbos se lhe afiguram igualmente subalternos, se não despiciendos, à «estética das construções jurídicas», em relação à qual parece não vale a pena de atender senão «ao encadeamento hierárquico das idéias» e à «clareza do pensamento».

421. — Quando eu censuro o anteporem-se ao complemento do adjetivo *interessado* preposições, que lhe não cabem, e me cponho a que se invertam as significações dos verbos, transitivando [relevem-me o neologismo] os intransitivos, ou vice-versa, nos casos em que o uso veda ampliá-los de uma a outra forma, evidentemente não é «o sabor clássico» o que estou a exigir, mas a exatidão vulgar da sintaxe.

Não se dignando, pois, de gastar o tempo com essas cogitações, em que tanto do seu malbaratam os sujeitos da minha baixa craveira, o que pretende o erudito codificador, é saltar de claro em claro, não só os estorvos clássicos, mas ainda os obstáculos gramaticais, para, deixando aquém a corrente impura e turva dos preconceitos comuns, atingir a margem, onde «a estética das construções jurídicas» resplandece na sua limpidez, acima de superstições e vulgaridades.

422. — Mas, se «a educação intelectual» do eminent professor o imbuiu realmente na crença de que à estese das construções jurídicas não importa a severidade na obediência às leis gramaticais; se, de feito, imagina chegar à ordem, à nitidez, à transparência na enunciação da vontade legislativa, exprimindo-se em uma língua sem disciplina de sintaxe, nem côr de vernaculidade, ou eu de todo em todo me engano, ou de todo o ponto está êle fora do bom senso a respeito de uma das condições primárias de qualquer lei capaz e duradoira.

Quando o problema, de que se trata, é «tão grave e complexo como o de um código civil», tanto maior razão, para que nos desvelemos em lhe dar forma irrepreensível ante as normas do idioma falado pelo povo, a que aquêle se destina;

já porque com a pureza exterior se identifica o sentimento da decência em tôdas as criações intelectuais vazadas na palavra humana, e, quanto maiores elas forem, mais delas exigirá o seu decôro; já porque, sendo a língua o veículo das idéias, quando não fôr bebida na veia mais limpa, mais cristalina, mais estreme, não verterá estreme, cristalino, límpido o pensamento de quem a utiliza. Além de que, se no comum dos atos legislativos os defeitos de linguagem, que os civarem, são passageiros como êles, com as leis, a bem dizer, seculares, como os códigos civis, a perpetuidade das suas incorreções, transmitindo-as de uma geração a outra e a outra, além de imortalizar a imperícia e o êrro, fazendo impudentemente dêles padrão e escola, obriga a posteridade aos esforços e riscos de embaragaçosas decifrações, que uma redação esmerada lhe pouparia.

Aquêles que educaram a faculdade da palavra na lição de escritos estrangeiros, que se afizeram a pensar num gênero de aravia cosmopolita, feita a êsimo de quantos resíduos o contato de idiomas peregrinos lhes foram imbutindo na mente, que habituaram o ouvido a essa língua bastarda, a êsse dialeto promiscuo, a êsse falar incongruente e díscolo, perdendo o senso da vernaculidade, o tino da sua beleza, a inteligência da sua harmonia, acabam por supor sêriamente mais clara essa miscelânea amorfa, emburlhada e rude, êsse português mestiço de entre lôbo e cão¹, no pitoresco dizer dos nossos maiores, que o genuíno fraseado pátrio, onde até as singularidades, os modismos, as anomalias são traços de luz, graduações de idéias, claro-escuros de perspectiva na imagem verbal do pensamento.

1. «São uns fidalgos mestiços de entre lôbo e cão.» [FRANCISCO DE MORAIS. *Diál. I.*]

FERNÃO LOPES, referindo-se ao lusco-fusco do crepúsculo, escreveu: «Sendo já serão entre lôbo e cão.» [Crôn. d'El-Rei D. João I, parte II, c. 163.]

Já se vê que, suposto corresponda ao francês *entre chien et loup*, a frase tem os mais antigos foros vernáculos.

423. — Não me proponho a curar dêsse achaque os que o contraíram. Bem sei que dêle raros acertam de sarar. Na «vergonhosa metamorfose por que está hoje passando o português»¹ entre nós, «homens aliás mui instruídos, verdadeiros sábios em outras matérias, cometem crassos erros de linguagem».² Depois então que se inventou, apadrinhado com o nome insigne de ALENCAR e outros menores, «o dialeto brasileiro», tôdas as mazelas e corutelas do idioma que nossos pais nos herdaram, cabem na indulgência plenária dessa forma da relaxação e do desprezo da gramática e do gôsto. Aquela «formosa maneira de escrever», que deleitava os nossos maiores, passou a ser, para a orelha dêstes seus tristes descendentes, o tipo da inelegância e obscuridade. Ao sentir de tal gente, quanto mais ofender a linguagem os modelos clássicos, tanto mais melodias reúne; quanto mais distar do bom português, mais luminosidade encerra. As bossas da palavra rechearam-se-lhe de francês, ligeiramente lardeado ou trufado às pressas de inglês e alemão. De todos êsses idiomas, afinal, todos mal sabidos, haurido na ciência de cada um apenas o *quantum satis* para o trato dos livros, a que a profissão, ou a curiosidade os atrai, fica-lhes sendo a nossa apenas a menos mal conhecida entre as várias línguas estrangeiras, cuja mistura cultivam.

Os franceses, observa o melhor dos nossos críticos³, «escrevem naturalmente bem; são exceções os que dêles conhecem, além das línguas clássicas, outro idioma que não o seu; mas mesmo o conhecendo, lêem enormemente mais no seu que no alheio. Aprendendo o seu profundamente (o curso de francês nos liceus é de sete anos) e diretamente dos seus grandes escritores estudados sob todos os aspectos, não admira que a crítica ali raro tenha a notar-lhes incorreções de linguagem.» Entre nós, bem ao contrário, os melhores alunos transpõem

1. SOTERO. *Apostil.*, p. 47.

2. *Ib.*, p. 48.

3. JOSÉ VERÍSSIMO. *Estudos*, 3.^a série. P. 274.

os cursos secundários e superiores sem o menor gérmen de estima do idioma pátrio. Aquêles que, por mais laureados, como o dr. BEVILÁQUA, o alto magistério vem a chamar às suas cadeiras, vão levar à mocidade, com o exemplo, a persuasão de que os grandes merecimentos se sublimam, arreagando as vestes talares da ciência, por não roçarem no chão as questões inúteis de linguagem.

424. — Lembra-me, porém, que BENTHAM, cuja competência o ilustre professor distingue, invocando-lhe algures o nome, pensava diversamente: «Dignem-se de refletir», dizia êle, «a respeito das causas da obscuridade e incerteza das leis êsses espíritos finos em matéria de legislação, que se arreceariam de faltar aos direitos do gênio, abaixando-se a curar com escrúpulo das palavras. *Tais palavras, tal lei.* Com que outra coisa, a não ser com palavras, se haviam de fazer as leis? Vida, propriedade, liberdade, honra, tudo quanto nos é mais precioso, dependerá sempre da seleção nas palavras.»

Senhores da regra, em que se quer assentar, resolvido pelo direito o problema legislativo, resta aos legisladores a outra parte da tarefa, inseparável dessa: «atinar-lhe expressão, e expressão que seja clara, singela, precisa. É o que tôda a gente sabe, e o que diz tôda a gente, ainda os que não suspeitaram jamais os embaraços da aplicação do instrumento da linguagem» a tais assuntos.¹ Se a lei não fôr certa, não pode ser justa: *Legis tantum interest ut certa sit, ut absque hoc nec justa esse possit.*² Para ser, porém, certa, cumpre que seja precisa, nítida, clara. E como ser clara, se fôr vazada nos resíduos impuros de um idioma de aluvião? se não se espelhar nessa língua decantada e transparente, que a tradição filtrou no curso dos tempos?

1. ROSSI. *Élém. de Dr. Pén.*, t. I.

2. BACON. *De Augmentis Scientiarum*, I. VIII, t. I, af. 8.

Aspirar à clareza, à simplicidade e à precisão sem um bom vocabulário e uma gramática exata seria querer o fim sem os meios. A lucidez no estilo das leis «depende, a um tempo, da lógica e da gramática», diz BENTHAM¹, «ciências que é mister possuir a fundo, para dar às leis redação boa».

425. — Mas nem sempre, quando se pauta a escrita pelo fio da gramática, se tem dado conta da mão, no escrever bem, e no escrever para o povo. Há gramáticos provectos, filólogos consumados, que nunca escreveram senão com pena de chumbo em papel borrador. Não pecando contra a gramática, poder-se-á pecar, todavia, contra a boa linguagem, «o que nem sempre é a mesma coisa».² Um livro pode não infringir materialmente as leis da concordância e da regência, e, contudo, não estar redigido vernacularmente.³ A lexicologia e a sintaxe não são tudo num idioma. O projeto, por exemplo, tal qual atravessou as suas quatro primeiras fases desde as mãos do dr. Clóvis até às do dr. CARNEIRO, passando, entre um e outro, pelas duas comissões, estaria escrito nisso a que chamam *brasileiro*: em português, não está. Direi que o estaria em *brasileiro*, a querermos enxovalhar, contra a minha opinião, este adjetivo, associando-o ao abandono dos bons modelos da linguagem, cuja história, cujos monumentos e cujos destinos se entrelaçam com os da nossa raça e os da nossa nacionalidade.

Cada língua tem no seu gênio uma força de espontaneidade e seleção, um critério de acerto e um tipo de beleza, que se exercem, ou se enunciam, pela sensibilidade e o instinto dos que a falam. É essa intuição da vernacularidade, esse como que sexto sentido, o da linguagem, que parece ter

1. *Vues générales d'un corps complet de législation* [ed. de 1840], c. XXXIII.

2. C. DE FIGUEIREDO, *Liç. Prát.*, v. I, p. 225.

3. «Falará talvez como gramático, mas não como português.» A. PEREIRA DE FIGUEIREDO, *Espír. da Líng. Portug. Mem. de Lit. Portug.*, v. III, p. 126.

por órgão o ouvido, e do ouvido recebe o nome. Quando JOÃO DE BARROS¹, na sua *Gramática*, vai por quatro séculos, a propósito da anteposição ou posposição dos adjetivos aos substantivos, ensinava que «não temos nisto mais regra que o consentimento da orelha», a autoridade ao ascendente da qual rendia tão subida homenagem, era a mesma, cuja supremacia todos os gramáticos depois haviam de reconhecer nas últimas dificuldades e sutilezas do falar.² Nela respeitaram sempre os competentes o árbitro derradeiro, assim nas questões de harmonia, como nas de clareza, assim nas de clareza, como nas de elegância e correção. Hoje ainda, e hoje mais que nunca, o ouvido, na frase eternamente verdadeira do velho gramático do século XVI, «julga a música e a linguagem, e é censor d'ambas».³ Ora como preservarão essa qualidade, tão cara e mimosa entre as nações desveladas pelo seu idioma, os que incessantemente a embotam, desde os anos mais acessíveis aos benefícios da cultura, na convivência quase exclusiva, bem que as mais vêzes superficial, das letras estrangeiras?

Quando, pois, eu qualifico de obscuras certas passagens do projeto, e o dr. CLÓVIS acoima de obscuridade a certos lanços do substitutivo, bem pode ser que ambos sejamos sinceros; porque nem sempre nos compreendemos facilmente um ao outro, havendo afinado cada qual o ouvido por uma língua diversa. Diligencio eu exprimir-me «segundo o verdadeiro costume do nosso falar»⁴, enquanto o meu nobre antagonista, arrebatado na onda que vai, com a ciência, para o futuro, esquece naturalmente, no comércio dos idiomas que ela usa preferir, a individualidade, a formosura e a opulência do seu. É entre êsses dois estilos de linguagem que pende o litígio. Nêle somos partes um e outro. Um e outro,

1. Ed. de 1785, p. 152. A 1.³ ed. é de 1540.

2. SOTERO. *Apostil.*, ed. de 1863, p. 44.

3. JOÃO DE BARROS. *Diál. em louvor da nossa linguagem*.

4. D. DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 59.

nesse pleito, havemos, talvez, de ser julgados, mas não por nós mesmos, senão pela gente que fala o idioma de nossos pais, felizmente ainda não de todo substituído por aquilo a que a zombaria de *Fradique Mendes* chamava «a macaqueação de Paris».

426. — A êsse tribunal deixarei o pronunciar-se, na questão da inteligibilidade vernácula, entre mim e o meu eminente contraditor, abstendo-me de o acompanhar na análise das redações, que me increpa de escuras; porque a elegância e a clareza hão de sentir-se: não se demonstram.

Do que eu me quisera defender, se já me não corresse tão descompassadamente largo êste escrito, era da tacha de futilizar matéria de tamanha relevância e peso como a codificação das leis civis, envolvendo-a em minúsculas questões de palavras. Mas já disse de sobra para justificação minha. «Os vocábulos da lei hão de pesar-se *como diamantes*», ensinava BENTHAM¹, legislando sobre a maneira de legislar. Se «não é minúcia o ser exato no falar»², a não ser para os que falam mal por hábito, comodidade e gôsto, muito menos pode sê-lo, quando o de que se trata, é de imprimir forma, exatidão e certeza às leis. *Si parva despiciamus*, dizia S. João CRISÓSTOMO, que não era nenhum pobre de espírito, *si parva despiciamus, magna non comprehendemus*. A exatidão não se despreza de cuidados, para ser fiel. A inteireza do espírito começa por se caracterizar no escrúpulo da linguagem. Medindo e pesando uma e uma as expressões da lei, outra coisa não faz o legislador que lhe pesar e medir o pensamento. Quando êste zêlo da perfeição da frase não se conciliar com «a educação intelectual» daquele, a quem se cometeu o encargo de redigir um grande código, é que essa educação, realmente defeituosa, o deixou sem uma das qualidades mais necessárias ao desempenho de tão grave missão.

1. *Loc. cit*

2. CASTILHO, *Trat. de Metrif. Port.*, p. 17.

§ 2.º

Art. 17¹

PRIVADA

427. — É o dr. Clóvis dos que votam com afinco pela consagração dêste vocábulo no código civil. Quer-lhe como bom, útil e indispensável.

Já discorri dêste particular, rebatendo as considerações do professor CARNEIRO. Aqui me cingirei, pois, a desfazer o argumento, que é um só, do professor Clóvis no seu curto escólio a êsse ponto do substitutivo. Entende êle que «o epíteto *privadas* não pode ser convenientemente substituído por *particulares*»; visto como, argumenta, «*particular*, de *parte*, opõe-se mais diretamente a *geral*; *privado* é qualidade antitética de *público*. *Sunt quaedam PUBLICE utilia quaedam PRIVATIM.*»²

Melhor amparo que o desta frase latina encontraria êsse voto até no texto das *Ordenações*, lei nossa, onde, no l. IV, t. 80, § 3, por exemplo, duas vêzes ocorre a locução *pessoa privada*. Não é, porém, culpa minha, se a identidade fônica e gráfica dêsse adjetivo com o substantivo de acepção menos alta, que com êle coincide em nossa língua, o reduziu, por essa homonímia desagradável, a uma situação contrafacita e mal vista no trato da linguagem delicada. Nela, hoje em dia, não seria fácil usar de muitas expressões, correntes e triviais, outrora, na mais casta linguagem dos mestres. Dando a esta consideração o peso, com que se impõe ao estilo do bom dizer, não vejo de que modo teria eu justificado as misteriosas palavras, em que o emérito professor Clóvis ultima a sua apostila: «*Quanto ao privilégio das terminações masculinas, sempre isentas da tisna dos maus pensamentos, parece-me bem duvidoso.*»

1. Da *Lei Preliminar*.

2. *Revista de Legislação*, n.º 30 de set. P. 26.

Talvez por mau enigmatista, não decifrei o remoque. Mas, se o que o chiste quer, é divertir-se com o jôgo entre as terminações de *privado* e *privada*, quereria eu saber, onde o tal privilégio de masculinidade, que o autor do remoque me argúi de ter reivindicado. De uma para a outra, naquelas duas palavras, há mais que a simples diferença da flexão de gênero nas terminações: há, primeiro que essa, a de um adjetivo para um substantivo mal notado. Os «maus pensamentos» não são meus. Resguardo-me dêles, onde os encontro de tal modo generalizados por circunstâncias inevitáveis, que ameacem com o riso da malignidade coisas tão respeitáveis como o estilo das leis.

Temos a êste respeito um símile frisante. Também o adjetivo *comum* sofre no português flexão feminina. TOMÉ DE JESUS referindo-se ao berço de Cristo no presepe, disse: «Escolhe a terra por cama *comua* aos bispos.» [Trabalh. de Jes., v. I, p. 64.] Ainda no primeiro quartel do século XVIII escrevia BLUTEAU: «O uso fêz esta palavra *comua*. É voz *comua*.» [Vocab., v. II, p. 405.] E por que desapareceu do uso vernáculo essa forma do adjetivo? Por se confundir com o substantivo *comua*, sinônimo de *cloaca*, ou *privada*. Assim que, de um lado, o adjetivo *privado*, equivalente de *particular*, e, do outro, o adjetivo *comum*, sinônimo de *público*, um e outro na sua flexão feminina, acabaram, sob a forma de *privada* e *comua*, por coincidir com aquela idéia indelicada. Pois não será natural que, assim como daí resultou a proscrição do adjetivo *comua*, assim daí se siga a eliminação do adjetivo *privada*?

428. — Agora, ao ponto do argumento CLÓVIS: *particular* opõe-se a *geral*: a *público* o que se opõe é *privado*.

Nem tanto. No latim era isso verdade. Mas não confundamos o latim com o português; pois nem sempre se ajustam. Realmente entre os romanos, contrapondo-se ora a *generalis*, ora a *universalis*, o *particularis*, derivação de

pars, particula, significava exclusivamente o relativo a uma parte, o parcial: «*Propositiones aliae universales, aliae PARTICULARES. Universalis dedicativa non est conversibilis, sed PARTICULARITER tamen potest converti.*»

Nos idiomas descendentes do latim, porém, cessou de existir essa discriminação precisa, firme e inevitável entre os dois adjetivos. Tanto é assim verdade, que os melhores lexicógrafos traduzem freqüentemente com o epíteto de *particulares*, em vulgar, o epíteto latino de *privatus*. Veja-se, por exemplo, THEIL na versão francesa de FREUND.¹ Logo ao dar a equivalência do adjetivo, *privatus, a, um*, nos diz êle: «*Qui est séparé de l'État, en dehors du gouvernement, qui concerne un particulier.*»

Depois ali se nos deparam os textos seguintes, com as seguintes versões:

« <i>PRIVATI ac separati agri apud eos nihil est.</i> »	« <i>Chez eux point de terres divisées et appartenant à des PARTICULARIERS.</i> »
« <i>PRIVATI homines.</i> »	« <i>Simples PARTICULARIERS.</i> »
« <i>Vir PRIVATUS.</i> »	« <i>Simple PARTICULARIER.</i> »
« <i>PRIVATUS.</i> »	« <i>Simple PARTICULARIER.</i> »
« <i>In PRIVATUM.</i> »	« <i>Pour l'usage des PARTICULARIERS.</i> »
« <i>Id sibi [Domitiano] maxime formidolosum, PRIVATI hominis nomen supra principis attoli.</i> »	« <i>Rien ne lui faisait ombrage comme de voir le nom d'un PARTICULARIER élevé plus haut que celui du prince.</i> »

Aí está por seis vêzes o qualificativo latino de *privatus* em eqüipolênciâ ao francês *particulier*. Quem procurar em

1. *Grand Dict. de la Lang. Lat.*, v. II, p. 897-8.

LITTRÉ êste vocábulo,¹ ali verá completa esta equiparação entre os dois têrmos: «*Un particulier, une personne privée.*» Isto é: tanto vale dizer «*une personne privée*» como «*un particulier*». No LAROUSSE² as duas palavras se definem uma pela outra: «*Privé, ée, [du lat. *privatus*, qui est l'opposé de *publicus* et qui signifie PARTICULAR...]* *Qui est simple PARTICULAR.*» E, sc, de outra parte, nessa mesma enciclopédia catarmos *particulier*³, lá encontraremos: «*Substantiv. Personne privée.*» De modo que *particulier* define *privé*, e *privé* traduz *particulier*. No francês, logo, ao menos a respeito de pessoas, de indivíduos, a adjetivação pode assumir qualquer das duas formas, *particulier*, ou *privé*, para significar a noção contraposta à de *público*.

429. — Essa *contra-significação* [neologismo que me parece útil] entre o adjetivo *particular* e o adjetivo *público*, negada agora, creio eu que a vez primeira, pelo dr. CLÓVIS, está consignada em todos os nossos léxicos de autoridade.

Em BLUTEAU:

«*Particular.* Um *particular*. Homem que *não* tem ofício *público*. Vida *particular*. A do homem que vive *sem* ofício nem negócio *público*. *Vita privata.* (Sobre a disputada vida *régia* e *particular*. LÔBO, *Côrte na Aldeia*, 287.)»⁴

«*Privado.* PARTICULAR.»⁵

Em MORAIS:

«*Particular.* Vida, estado particular; i. é., de homem *não* *público*.»

«*Privado.* Não *público*. PARTICULAR.»

1. *Dictionn.*, v. III, p. 975.

2. Vol. XIII, p. 188.

3. Vol. XII, p. 336.

4. *Vocabul.*, v. VI, p. 288.

5. *Ib.*, p. 750.

Em CONSTÂNCIO:

«Particular. Privado: não público.»

«Privado. Particular, não público.»

Em DOMINGOS VIEIRA:

«Particular: vida, estado; vida de homem não público.»

«Privado. Sem emprêgo público ou caráter público. Exame privado: exame não público.»

Em AULETE:

«Particular. Casa particular. Professor particular. Opõe-se a público.»

«Privado. Que não é público, ou que não tem caráter público.»

Em C. DE FIGUEIREDO:

«Privado: que não é público; particular.»

De sorte que entre os nossos lexicógrafos não há um, em cujo sentir o adjetivo *particular* se não contrapõnhā antitéticamente ao adjetivo *público*, e não equivalha rigorosamente ao adjetivo *privado*.

Atente-se agora na linguagem comum, e se verificará que, a cada momento, opomos a vida *particular* à vida *pública*, o interesse *particular* ao interesse *público*, as relações *particulares* às relações *públicas*, bem assim aos negócios *públicos* os negócios *particulares*, às funções *públicas* as funções *particulares*, aos cargos *públicos* os cargos *particulares*. O mesmo com os vocábulos *dignidade*, *autoridade*, *instituições*, *medidas*, *conveniência* e outros: *autoridade pública* e *autoridade particular*, *dignidade pública* e *dignidade particular*, *insti-*

tuições públicas e instituições particulares, conveniência pública e conveniência particular, ensino público e ensino particular, estabelecimentos públicos e estabelecimentos particulares. Um exemplo clássico: nos *Colóquios Aldeões* de CASTILHO [versão dos de CORMENIN] o cap. XVI se consagra à caridade. Trata-se da caridade *pública* e da... *privada*. É como se escreveria segundo o vocabulário do projeto. CASTILHO, porém, tendo que optar, *vêzes nove*, entre esse epíteto e o que lhe prefiro, *nunca se serve senão dêste*, dizendo sempre *caridade particular*.¹

430. — Mais uma circunstância para notar. Registrando a aplicação do adjetivo *privado* à expressão *vida*, MORAIS nos ensina: «*Vida privada: a VIDA PARTICULAR², íntima; oposto a vida pública, ou à do indivíduo em relação aos seus atos oficiais na sociedade, à política, etc.*» DOMINGOS VIEIRA, por sua vez, define: «*Pessoa particular, pessoa privada.*»

Logo, consoante à lição expressa dêsses dicionaristas,

Vida privada=*vida particular*.

Pessoa privada=*pessoa particular*.

Conseqüentemente,

Relações privadas=*relações particulares*.

Convenções privadas=*convenções particulares*.

Disposições privadas=*disposições particulares*.

1. *Op. cit.*, p. 133 [três vêzes], 134, 140, 141 [duas vêzes], 142 [duas vêzes].

2. «*As coisas de tôda a minha vida particular.*» [LATINO COELHO, *Or. da Coroa*, p. 2.] «*Respondo a quantos impropérios inventou a malédicência do meu acusador à minha vida particular.*» [*lb.*]

Portanto, se, tendo que recorrer a qualquer dessas adjetivações, ou a outras semelhantes, antepuserem o *privada* ao *particular*, não será porque o segundo não caiba tão à justa como o primeiro, não será porque o segundo se não contrapõha tão adequadamente quanto o primeiro à idéia de *público*, não será porque o primeiro constitua expressão necessária e *insubstituível*. Há de ser que o primeiro lhes toe melhor. E por quê? Não o sei adivinhar.

431. — Estes os fundamentos do meu voto contrário ao *privadas*. Valham êles, ou não, aí ficarão, mostrando que o caso não é tão simples, como o imaginou o dr. Clóvis, e que não costumo opinar sem razões muito para consideradas.

§ 3.º

Art. 655

«OBRA» POR JORNAL, REVISTA

432. — Nesse texto, o primeiro de que se ocupa o dr. Clóvis, diz o projeto gozar dos direitos de autor «o editor de obra composta de artigos ou trechos de autores diversos, formando um todo, como *jornais*, *revistas*, dicionários, encyclopédias e seletas».

Opondo-me à inclusão das *revistas* e *jornais* em o número das *obras*, disse eu que ela «desnatura a significação dos nomes», e, figurando que «só por descuido se terá dado aplicação tão incorreta àquela palavra», alvitrei que ali se trocasse na de *publicação*.

Publicação é o que é a *revista* e o *jornal*. Chamar *obra* a uma *revista*, chamar *obra* a um *jornal*, é, óbviamente, uma dessas liberdades, que à lei se não concedem, e que tanto menos se poderia autorizar, quanto nem sequer a necessidade a explica. Pois se os periódicos e os diários sempre se designaram pelo nome de *publicações*, e isto são, — que outra

coisa é, senão gratuito capricho, forçar, torcer, confundir o sentido às palavras, para os designar como *obras*? Haverá quem chame *obra* ao *Times*? quem veja no *Temps* uma *obra*? quem capitule de *obra* a *Gazeta de Colônia*, ou o *New York Herald*? Já qualificou alguém de *obra* o *Jornal do Comércio*, a *Gazeta de Notícias*, ou o *País*? a *Revista Brasileira*, ou o *Direito*? Por que e com que vantagem então iríamos estabelecer um tal antagonismo entre o uso jurídico e o senso comum, entre a fraseologia das leis e a de todo o mundo?

433. — Vamos aos dicionários. Não me socorrerei dos portuguêses, cujo bafio de antiguidade e atraso não vai com olfatos educados no fino da ciência européia. Tomemos o LITTRÉ. Como define o dicionário monumental do grande filólogo francês a palavra *obras*, *œuvres*, em relação aos produtos *escritos* do entendimento? «*Produções em verso ou prosa, consideradas a respeito do autor.*»¹

Se quiserem agora verificar a lexicologia jurídica do assunto noutra fonte das mais autorizadas, e essa em letras jurídicas, é perlustrarem, no DALLOZ, a seção consagrada à *propriedade literária*.² Nem uma só vez ali se aplica aos *jornais*, ou *periódicos*, o vocábulo *obras*. Lá se nos ensina, por exemplo [n.º 48], que «o autor de uma coleção, ou de uma *publicação periódica* não pode reimprimir artigos tomados a outras *publicações*». Esses periódicos, não os designa o grande repertório como *obras*, senão meramente como *publicações*. Sob os ns. 103 a 105 discorre da propriedade com relação ao título das *obras*. Teria incluído aí a doutrina quanto aos dos *jornais*, se por *obras* êstes pudessem passar. Não é, porém, o que se dá. Só do n.º 108 ao n.º 111 cogita daquele direito relativamente ao título dos *jornais*.

1. Vol. III, in vº *œuvre*, p. 804, n.º 15.

2. *Répertoire*, v. XXXVIII, p. 442-4, 448-9, 459-62.

454. — Nem se poderia, a não ser mediante a ampliação mais arbitrária e a violência mais direta ao significado natural dos termos, confundir sob o designativo de *obra* a *gazeta*, o *jornal*, a *fôlha*, a *revista*. Faltam a estas entidades as características essenciais da *obra*: a noção de limite inicial e terminal, a de personalidade, a de unidade, a de integridade, a de identidade.

O periódico é uma exibição cotidiana, ou intercadente, de fatos e idéias rotulados com a marca e assinatura, continuamente mutáveis, dos seus expositores. Exceto o dístico da fôlha, tudo ali se desloca incessantemente, ou a espaços, inclusive, até, a individualidade do editor, cixo do seu movimento e princípio da sua coesão, mas suscetível de variar, de um para outro momento, por uma simples operação comercial.

Nessa feição de *mercantilidade* está o grande traço fisionômico do jornal moderno. Chamar-lhe *obra literária* fôra desconhecer-lhe de todo em todo o tipo, que um moderno economista alemão precisou magistralmente. «O jornal», diz o dr. BÜCHER, «é essencialmente uma *instituição comercial*, e constitui presentemente um dos mais importantes órgãos da economia nacional.» Não será, continua êle adiante, depois de o emparelhar com o correio, o telégrafo e a ferrovia, entre os grandes fatôres da sociedade contemporânea; «não será um meio de circulação congênere à via férrea, ou à posta, no transporte das pessoas, valores e novas; mas é um instrumento análogo à carta e à circular, no transmitir notícias, separando-as dos seus autores assim pela escrita, como pela estampa, e fazendo-as destarte materialmente transportáveis. Por grande que hoje em dia se nos antolhe a diferença entre a carta, a circular e a fôlha, em refletindo um pouco, veremos que tôdas três são produtos de sua essência consemelhantes, gerados pela necessidade nossa de comunicar informações e pelo uso da escrita em satisfação dessa necessidade. Apenas discrepam em que a missiva se endereça a um só destinatário, a circular nomeadamente a muitos, o jornal a grande número

dêles indesignadamente. Por outra: carta e circular são maneiras de informar particularmente a certos indivíduos, enquanto que a gazeta informa de público a todos.»

Continuando a desenvolver com o mais lógico e severo exame dos fatos essa teoria, conclui, afinal, o sábio economista: «O jornal moderno é uma emprêsa, digamos assim, *capitalista*, um estabelecimento de informações, cujo régimen obedece a certa divisão de trabalho mui adiantada, e, debaixo de uma direção una, emprega, assalariadas, grande número de pessoas, entre correspondentes, redatores, compositores, revendedores, maquinistas, agenciadores de anúncios, expedidores, postilhões e outros. Produz essa fábrica, ademais, mercadorias para certo círculo de leitores, que não conhece, e aos quais se lhe interpõem diferentes medianeiros, tais como os vendedores e as estações postais. Nem são únicamente as precisões do leitor, ou da clientela, o que determina a qualidade da mercancia, mas o estado da concorrência, mui complicado no mercado da publicidade. Nêle, como por via de regra nos do grande comércio, quem representa o grande papel, não são os consumidores dos gêneros, ou os leitores dos jornais. Quem decide, quanto à espécie da mercadoria, são os grandes negociantes e os especuladores da publicidade: os governos e estações telegráficas dela dependentes, as agências de publicidade, os partidos políticos, as cabalas literárias e científicas, os bolsistas, não sendo entre êsses dos menos influentes as agências de anúncios e os fregueses de inserções consideráveis. Cada número de uma grande fôlha cotidiana, estampado em nossa época, é um prodígio da divisão do trabalho organizada sob a forma capitalista e, ao mesmo tempo, uma maravilha de arte mecânica, um instrumento de comunicação intelectual e econômica, em cuja criação cooperaram todos os outros meios de comunicação: o caminho de ferro, o correio, o telégrafo e o telefono.»¹

1. KARL BÜCHER. *Études d'histoire et d'économie politique*. Trad. par ALFR. HANSAY. Bruxel., 1901. P. 184, 185, 211-12.

435. — Ora, sendo isso, como nos evidencia essa demonstração minuciosa, o moderno jornal, sendo êle um ato de grande comércio, um cometimento de alta especulação, um instrumento de poderosos interesses, em que os fatores intelectuais da combinação obedecem a irresistíveis elementos industriais e mercantis, claro está como, distanciando-se do uso universal da linguagem, se distanciaria da realidade e da ciência a terminologia legislativa, se classificasse êsses órgãos de publicidade entre as *obras literárias*. Fazer da contribuição literária, da parte desinteressada, que nêles intervém quase sempre subordinadamente, a característica dessa hodierna instituição social, seria cometer um êrro de classificação tão imperdoável quão escusado.

Felizmente em tal não caíram as legislações contemporâneas. Examinemo-las, mas que seja de relance.

A lei alemã de 11 de junho de 1870, ocupando-se, no art. 9.º, com as «obras compostas em colaboração» e com as «obras formadas de trechos de autores diversos», *não julga ter dito das fôlhas públicas*, acérca das quais só no art. 10 providencia, regulando ali os direitos de autor, pelo que toca «aos artigos, dissertações, etc., insertos em *publicações periódicas*, tais como os *jornais*, as *revistas*, os *almanaques*.¹

Temos, pois, que a fraseologia germânica espôsa justamente o designativo de *publicações*, adotado no meu substitutivo, *não o* de *obras*, admitido no projeto.

A lei espanhola de 10 de janeiro de 1879 firma precisamente a mesma distinção, estatuindo, no art. 29, as exigências, a que se hão de submeter «os proprietários de *jornais*, que lhes quiserem assegurar a propriedade, e assimilá-los às produções literárias quanto ao gôzo dos benefícios» naquele ato determinados.²

1. LYON-CAEN e DELALAIN. *Lois franç. et étrangères sur la propriété littéraire et artistique*. Par., 1889, v. I, p. 58.

2. *Ib.*, p. 216

Na legislação da Noruega [lei de 8 de junho de 1896], o art. 4.º, sob o nome de *escritos periódicos*, nitidamente discrimina as fôlhas públicas das *obras* colaboradas por vários autores: «O editor de um *escrito periódico*, ou de uma *obra* formada de contribuições independentes, por vários colaboradores, será tratado como autor.»¹

Na România a lei da imprensa [1/13 abril de 1862], depois de reconhecer, no art. 1.º, aos «autores de todo o gênero de escritos» o direito vitalício de disporem das suas *obras*, regula separadamente no art. 3.º a propriedade dos «*jornais e outras fôlhas periódicas*».²

O regulamento russo da imprensa, edição de 1886, depois de legislar, nos arts. 1.º a 8.º, sobre os *livros e obras*, consagra especialmente o art. 9.º aos «*jornais e outras publicações periódicas*».³

De modo análogo acerca da propriedade literária procede a lei sueca de 1877, onde o art. 5.º reúne, em grupo distinto, com «os escritos compostos de artigos, entre si independentes, de vários autores», os «*escritos periódicos*», denominação evidente dos jornais e revistas.

436. — A esta série de considerações e fatos jurídicos que é o que opõe o dr. Clóvis?

Vale-se êle, primeiro, da lei brasileira n.º 496. Esse ato, do 1.º de agosto de 1898, declara, no art. 2.º, que «a expressão *obra literária científica ou artística* compreende livros, brochuras e em geral escritos de qualquer natureza», enumerando em seguida as obras dramáticas e musicais, depois as do pincel, do escopro, do buril, do lápis, e, ao cabo, «qualquer produção, em suma, do domínio literário, científico e artístico».

1. *Ib.*, p. 438.

2. *Ib.*, p. 481.

3. *Ib.*, p. 489.

4. *Ib.*, p. 524.

Nesta cláusula derradeira é que se faz forte o ilustre professor com o argumento de que ninguém contestará serem «os jornais e as revistas produção do domínio intelectual».¹

O argumento não prova nada; porque provaria demais, se pretendêssemos dilatar a tal ponto o campo à expressão «domínio literário, científico ou artístico».

Note-se que o hermeneuta já nos altera a expressão do texto, substituindo-a por «domínio intelectual», idéia evidentemente muito mais ampla: no domínio intelectual muita coisa entra, além do que toca às letras, ciências e artes.

Mas não disputemos ao dr. Clóvis a equivalência, aliás forçada e ampliativa. Dada ela, porém, pergunto: cabe então na lei dos direitos de autor, na lei do 1.º de agosto daquele ano, tudo quanto couber na significação das palavras *domínio intelectual*? Mas então aí se abarcará tudo o que a inteligência humana tem criado, e vai criando, tudo o que se gera da inteligência humana, fecundada pelas ciências, letras e artes. Tudo isso, compreendendo-se no domínio da inteligência, compreendido está no domínio intelectual. Entram nêle os jornais, porque são obras do entendimento? Mas os segredos comerciais e industriais não são também produtos do nosso engenho? Não serão produtos da inteligência humana as especulações mercantis? Todos os inventos, mais ou menos modernos, a telegrafia Marconi, por exemplo, a radiografia, a fonografia não são feituras da nossa intelectualidade? Não caem, pois, no domínio intelectual? Evidentemente. Mas se, a despeito de ali caírem, não se consideram abrangidas naquela cláusula legislativa, por que se há de meter violentamente nela a *imprensa periódica*, sob o pretexto de estar abrangida no domínio intelectual?

Encarado no seu conjunto, o *periódico* não quadra à vaga generalidade dessa rubrica, senão como nela quadraria

1. *Revista de Legisl.*, fascíc. citado, p. 30.

qualquer emprêsa complexa de exploração mercantil: uma exposição, por exemplo, nacional, ou internacional. A *exposição* é, como o jornal, um vasto, complexo e multíplice organismo de publicidade. Lá está o *domínio intelectual* sob tôdas as formas, *científicas, literárias, artísticas*; lá está o anúncio em tôda a escala das suas engenhosíssimas variedades; lá estão, enfeixados e distribuídos, todos os instrumentos de comunicação, informação e verificação imagináveis. A *exposição* é o *jornal vivo*, como o jornal é a exposição impressa. Num e noutra se contêm *obras científicas, literárias, e artísticas*; mas nem um nem a outra são *obras artísticas, literárias, ou científicas*.

No jornal é literário o artigo de letras, científico o tópico de ciências, artístico o trabalho de artes. Em cada uma dessas colaborações haverá uma *obra*, no sentido especial do vocábulo, um produto do *domínio intelectual*. O jornal, porém, é apenas o receptáculo, o quadro, o aparelho exibitivo, onde se oferecem ao gôzo público êsses lavôres do nosso engenho.

Quis a lei do 1.^º de agosto dizer outra coisa? Onde nos fundaríamos, para lhe atribuir êsse intento? Não atino. O art. 3.^º é uma longa enumeração de cêrca de vinte *itens*, onde se discriminam os livros, as brochuras, os escritos de todo o gênero, as obras dramáticas, as musicais, as dramático-musicais, as músicas acompanhadas, ou não, de palavras, a pintura, a escultura, a arquitetura, a gravura, a litografia, a fotografia, as ilustrações, as cartas, os planos, os esboços. Tudo isso ali se particulariza, nome por nome; e, querendo-se abranger na lista a imprensa periódica, desta só, a mais importante, sem comparação, de tôdas as verbas, a que pelo seu papel no mundo moderno deixa a perder de vista as outras tôdas, desta só é que se não fala? só esta não se especifica? só ela não teve uma palavra, que a indicasse? ela só havia de ficar inominada e apenas subentendida na amplitude indecisa da cláusula final? Seria inexplicável.

Depois, atente-se na redação do art. 1.º, e se averiguará que o legislador, naquele ato, não cogitou do *jornal*, senão para assegurar a cada um de seus colaboradores o senhorio dos escritos, com que nêle cooperarem. «Os direitos *de autor*», reza o texto, «de qualquer obra literária, científica ou artística consistem no direito, que só élle tem, de reproduzir ou autorizar a reprodução *do seu trabalho*.» Essa disposição, que domina tôda a lei, restringe formalmente as garantias desta aos *autores*, cada qual em relação *ao seu trabalho*. Não se pensou, pois, no *editor do jornal*, entidade em que o jornal se personifica, mas que não pode ter, contra os *autores* dos trabalhos nêle estampados, outros direitos além dos que as leis e os contratos lhe atribuírem. Perante a lei do 1.º de agosto, portanto, não há outras *obras*, em matéria de revistas e jornais, que as de cada colaborador a respeito da colaboração, cujo autor houver sido. Quanto ao mais é claudicante, omisso êsse ato legislativo, que, no concernente aos editóres de fôlhas, apenas lhes garantirá o domínio da sua parte pessoal e da parte adquirida, mediante convenção, expressa, ou tácita, com os colaboradores, sôbre o contingente de cada um dêstes para o resultado coletivo.

437. — Não se sai melhor o dr. Clóvis com as demais autoridades, para que apela.

Começa por socorrer-se a LYON-CAEN no excerto que dêle transcreve: «Parmi les ŒUVRES LITTÉRAIRES, une place à part doit être faite AUX ARTICLES DE JOURNAUX ET REVUES.»

Eu mantengo a tôdas as expressões assinaladas pelo meu contraditor o versalete, com que as relevou o dr. Clóvis; porque destarte é élle mesmo quem se incumbe de imprimir realce à própria cegueira.

O que o comercialista francês opina incluir-se entre as *obras literárias*, são os ARTIGOS de jornais; e por essa opinião também estou eu. Mas uma coisa é o *artigo*, estampado no jornal, outra o *jornal*, onde se estampa o artigo; e, incluindo-

entre as *obras* tão sómente o *artigo*, das *obras* exclui *ipso facto* LYON-CAEN o *jornal*. De meu lado, portanto, é que está, visivelmente, o jurisconsulto invocado pelo ilustre professor do Recife.

À lei húngara de 26 de abril de 1884 vai êle buscar depois o art. 2.º, na versão francesa, que reza: «Pour les œuvres littéraires composées d'articles de plusieurs personnes et considérées comme formant un seul tout, le *rédacteur en chef* bénéficie, comme les auteurs, de la protection légale.» De onde infere, porém, o meu impugnador que êsse texto entenda com os *jornais*? Únicamente, ao parecer, da alusão à existência de um *redator-chefe*, palavras estas duas que accen-tuou, grifando. Mas evidentemente é às *encyclopédias* que alude o teor daquele ato legislativo, as quais também têm *redator-chefe*. Haja vista as *Pandectas Francesas*, cada um de cujos volumes traz no rosto a declaração de que H. FRENNELET é o seu «*redator-chefe*».

A lei luxemburguesa de 10 de maio de 1898 [penúltimo arrimo do meu contraditor], essa lei, cujo art. 1.º, parcialmente por êle transscrito do *Jornal de Direito Internacional Privado*¹, não faz mais que reproduzir o art. 4.º da convenção de Berna [9 de setembro de 1886]², também claro é que não tem o sentido suposto na intenção de quem o cita. E veja-se: «L'expression œuvres littéraires et artistiques», é o texto, «comprend les livres, brochures et tous autres écrits... enfin toute production quelconque du domaine littéraire, scientifique ou artistique, qui pourrait être publiée de quelque manière et sous quelque forme que ce soit.»

O itálico é do meu opositor, empenhado em mostrar que as cláusulas dêste modo sublinhadas comprovam a sua tese. Ora o que eu vejo, é o contrário. Confrontada a primeira com a última das cláusulas grifadas, não há quem não sinta

1. CLUNET. V. XXVI [1899], p. 509 [e não 508].

2. LYON-CAEN e DELALAIN, *op. cit.*, v. II, p. 221.

que de escritos é que ali se cogita, «*tous autres écrits*», considerando-se *obras* tôdas as produções dêsse gênero por qualquer modo e sob qualquer forma dadas a lume, *publiées de quelque manière et sous quelque forme que ce soit*. Ora escritos são realmente os vários trabalhos expostos à luz pública num jornal. Será, porém, de bom senso considerar igualmente como *escrito* o jornal, onde se imprimem tais *escritos*?

A hermenêutica do ilustre dr. Clóvis revolutia num círculo vicioso; porque, declarando êsse texto obra literária, científica ou artística «*toute production quelconque du domaine littéraire, scientifique ou artistique*», publicável por qualquer maneira e debaixo de qualquer forma, para mostrar que o jornal entra na ordem dessa espécie de *obras*, necessário era demonstrar primeiro que o jornal é uma *produção literária, científica ou artística*. Mas não o fêz, nem o podia fazer; porque, segundo já evidenciei, se no jornal se encerram, se exaram, se divulgam produções dessas três categorias, a nenhuma destas categorias pertence, nem emparelha a nenhuma de tais produções, constituindo apenas o laço, que as enfeixa, o mostrador, que as expõe, ou a feira, que as vende. O jornal e a revista, pois, ao contrário do que pretende o dr. Clóvis, não «devem ser incluídos na designação» de *obra literária*, justamente porque não são «*produções do domínio literário*» publicáveis de qualquer modo, antes constituem o modo pelo qual as produções do domínio literário se publicam. As *produções literárias* publicam-se no jornal, que é o seu publicador, o instrumento de as publicar, o mecanismo da sua publicação.

Por extremo argumento, afinal, observa o dr. Clóvis «que os redatores da lei alemã sentiram necessidade de, na hipótese a que nos referimos, declarar que não compreendiam as revistas *entre as obras compostas de fragmentos de autores diversos*». Mas onde o declararam os redatores da lei alemã? No contexto dela? Certamente é o que teriam feito, se de tal declaração houvera essa «*necessidade*». Mas

nem na lei o fizeram, nem tampouco fora da lei. Os redatores da lei alemã não declararam em parte alguma que «não compreendiam as revistas entre as obras compostas de fragmentos de autores diversos».

Restabeleçamos os fatos *documentadamente*.

A lei alemã de 11 de junho de 1870, no art. 2.º, a que se refere o dr. Clóvis, estatui, segundo a versão francesa¹, onde eu e ele bebemos: «Il faut assimiler à l'auteur, quant aux droits conférés par la présente loi, l'éditeur d'un ouvrage composé de morceaux d'auteurs divers.»

A êste texto, põem, *não os redatores da lei, mas os seus tradutores*, esta nota:

«Tels sont les articles d'une encyclopédie, d'un dictionnaire; mais il en serait autrement des articles d'une revue. (*Exposé des motifs*, p. 21).»

As aspas são minhas. No original não as há; e necessariamente as haveria, se essas palavras fôssem dos *redatores da lei alemã*. A declaração «*Exposé des motifs*, p. 21», ali posta entre parêntesis, sómente nos dá a saber que os tradutores extraíram daquele documento, isto é, da *exposição de motivos*, não do texto legal, essa noção; mas em que têrmos nêle se acha enunciada não se sabe.

Ainda admitindo, porém, aquela nota como versão literal do texto germânico, que é o que ali temos? Simplesmente um comentário, uma apostila, um escólio às palavras da lei, advertindo que «os artigos de uma encyclopédia, ou de um dicionário» caem sob a inscrição legal «*obras feitas de textos de vários autores*», mas que os artigos de uma revista ali não caberiam [«*mais il en serait autrement des articles d'une revue*»], isto é, que as encyclopédias e os dicionários se têm *por obras*, mas *não se reputam obras as revistas*.

1. De LYON-CAEN e DELALAIN, *op. cit.*, v. I, p. 55.

Ora esta é exatamente a doutrina, que eu defendo, e que o dr. Clóvis advera. De que traças usa agora o dr. Clóvis, para a inverter em seu proveito? Figura haverem declarado os elaboradores da lei alemã que êles «não comprehendiam as revistas entre as obras». Mas o que ali está dito [releia-se a nota] não é que os autores dêsses ato *não incluam* entre as obras as revistas, mas que as revistas *não se incluam* entre as obras. A exclusão das revistas não era *um ato dos redatores da lei*, mas *um fato* resultante da natureza das coisas: «*il en serait autrement*».

A isso, entretanto, é que o ilustre professor chama «*sentirem-se êles obrigados a essa confissão*», para concluir que, se fôra absurdo classificar de *obras* os *jornais*, «era inútil a ressalva». Onde «a ressalva»? E que ressalva é uma posta à lei fora do seu texto?

§ 4.^o

Art. 1.652, II, e 1.725, I

ESCRITOR

438. — «Leva-se a cacologia até ao ridículo», disseu, «apelidando com a designação de *escritor* o indivíduo, talvez nem *escrevedor* ou *escrevente*¹, chamado pelo testante impedido ou analfabeto para por êle escrever o testamento.»

Nesta correção conveio o professor CARNEIRO. O dr. Clóvis, porém, não anui. Mas, antes de me rebater, aproveita o lanço, para me dar uma lição de polidez. «Quando isto li», diz êle, «vieram-me à lembrança umas palavras de EMÍLIO LITTRÉ, nas quais a delicadeza, talvez melhor disseu

1. «O que em Dextra podia ser vício do *escrevente*.» [Fr. Luís de SOUSA. *V. do Arceb.*, I, c. 26.] «Um pobre homem, que por bom *escrivão*, tinha escola aberta na c'dade.» [SOUSA. *An. de D. João III*, p. 7.] «É que a liberdade sobeja nos *escrevedores* se converte numa verdadeira escravidão para os outros.» [A. HERCUL. *Opúscul.*, v. VIII, p. 21.] «Seja qual fôr o sistema ortográfico de cada *escritor* e de cada *escrevedor*.» [C. DE FIGUEIREDO. *Liq. Prát.*, v. III, p. 286.]

a unção, disfarça a monitória sutil.» É o caso que STUART MILL rematara o seu famoso livro *Auguste Comte and Positivism*, qualificando com a palavra «ridículos» os «absurdos» por él atribuídos ao célebre autor da *Filosofia Positiva*. Recorda o dr. CLÓVIS que o grande aluno de COMTE, «doido com o deprimente epíteto», escrevera: «O que me magoa o sentimento de eqüidade e, até, o de artista, é que êsse triste vocábulo seja o derradeiro, com que se despida¹ o leitor, e que uma frase digna de COMTE e de MILL não transporte o espírito do leitor às magnificências do homem e sua obra.»

Mas a que propósito esta associação de idéias? Se o dr. CLÓVIS não começasse a citação de meio texto, ver-se-ia

1. Não obstante a opinião de CARNEIRO em sua *Gramática* e a de RAMALHO ORTIGÃO, que no *Glossário* aos *Lusíadas* [ed. do Gabin. Port. de Leitura, 1880, p. XC] dá como «fixada a flexão em *eça* [impeça, despeça], na linguagem literária», opinião acorde com a de FRANCISCO JOSÉ FREIRE [Reflex., 2.ª ed., parte 2.ª, p. 24-5], estou pelo sentir de JÚLIO RIBEIRO [Gram., p. 141], e, se me não engano, também de CÂNDIDO DE FIGUEIREDO. A similitude literal de *impedir* e *despedir* com *pedir* não basta, para autorizar uma identidade gramatical, que a etimologia e o sentido juntamente repelem.

«Não me *impidas* o gôsto da tomada.»

[CAMÕES. *Lus.*, VIII, 75.]

«E porque a fama

«Desta súbita vinda os não *impida*.»

[Ib., IX, 8.]

«Porque o temor morrer me não *impida*.»

[CAMÕES. *Son. 56. Obras*, v. I, p. 37.]

«Que nos turbe a paz, e *impida* a liberdade.» [BERNARDES. *Luz e Calor*, n.º 114, p. 92.]

«E se não as pode concordar, *despida-se*.» [BERNARDES. *Nova Floresta*, v. II, p. 262.]

«Com esta última advertência vos *despido* ou me *despido* de vós, meus peixes.» [VIEIRA. *Sermões*, v. I, p. 59.]

«Não seja a minha indignidade a que *impida*.» [Ib., v. V, p. 324.]

«Do Maranhão me *despido* de vossa mercê.» [VIEIRA. *Cart.*, v. III, p. 7.]

«Não *impidam* estas.» [TOMÉ DE JESUS, v. I, p. II.]

«Que *impida* vossas soberanas obras.» [Ib., p. 42.]

quão oposta é ao interesse de quem a faz. Diz LITTRÉ que não empregaria aquêle qualificativo, por se lhe afigurar que «esses absurdos são antes casos de patologia que de filosofia». «Não nega» a STUART MILL, contudo, «o direito de aplicá-lo a qualquer das concepções desastrosas, que assinalaram a fase extrema de COMTE.»¹

Também o grande filósofo inglês não aguardara que lha reconhecessem, para se valer, sem receio, dessa liberdade, irmanando entre si COMTE, DESCARTES e LEIBNITZ, assim nos grandes serviços à ciência, como na «desmedida extravagância e na grotesca absurdade», com que algumas das suas teorias se distinguiam entre as concepções dessa qualidade solenemente advogadas por homens reflexivos.²

DUARTE NUNES, na sua *Ortografia*, tratando, num dos últimos capítulos, a «Reformação de algumas palavras que a gente vulgar usa e escreve mal», rejeita como errada a forma *despeço-me*, que emenda para *despido-me*.

No uso atual dessa flexão vinha C. CASTELO BRANCO, de quem é, na *Queda dum Anjo* [p. 124], esta frase: «Aqui me fico, e do imó peito espido brado de louvor.»

A consemelhança, que figura aparentar os verbos *expedir*, *impedir* e *despedir* com o verbo *pedir*, ocasionou a versão vulgar de *impeço*, *expeço*, *despeço*; mas, não tendo a outra sido proscrita inteiramente da prática dos mestres, razão é que prevaleça, desde que de sua parte está o significado das palavras e a sua etimologia.

Convém aliás notar que, entre os antigos, o próprio verbo *pedir* se conjugava por vezes regularmente: *pido*, *pidais*, *pidia*.

«Que não sei se remédio ou morte *pidia*.»

[CAMÕES. *Obr.*, v. IV, p. 108.]

«Não me *pidais* interesse.»

[Ib., v. V, p. 184.]

«Amor, amor, mas te *pido*.»

[Ib., v. VI, p. 73.]

E, como êsse, o verbo *medir*:

«Não *midas* o passado co presente.»

[Ib., v. III, p. 10.]

1. LITTRÉ. *Fragments de Philos. Positive*, 1876, p. 213-4.

2. MILL. *Op. cit.*, p. 200. Ed. de 1882: «...and also with some of the most extravagantly wild and *ludicrously* absurd conceptions and theories which ever were solemnly propounded by thoughtful men.»

Essa lição memorável dos direitos da crítica, exalçados, na linguagem de um espírito equilibrado e temperante como o de STUART MILL, ao ponto de não evitarem sequer a nota de *grotescas* a criações filosóficas de três gênios daquela grandeza, responde concludentemente à mágoa, de que se vê transido o meu ilustre antagonista com algumas ousadias minhas, a mais grave das quais está na qualificação de *ridículo*, por mim aplicada à escolha errônea de uma expressão destemperadamente inadequada. Quem, numa contenda literária, discute fatos, e aquilata erros, ainda que irônica e veementemente, sem aludir a pessoas, não desacata individualidades, sobretudo se o objeto da apreciação fôr um trabalho impessoal e coletivo.

Aos olhos do ilustrado professor, STUART MILL deixou resgatada a aspereza das suas severidades em relação ao fundador do positivismo com «as palavras de tocante emoção», que para com êle tivera «uma página antes». Nessa página dissera MILL que «outros poderiam rir, mas a êle muito mais fácil lhe seria chorar ante aquela decadência lastimosa de um grande entendimento».¹ Eu creio haver tributado a todos os colaboradores do projeto homenagens bem menos desagraváveis. Se os não alcei à eminência dos LEIBNITZ e DESCARTES, tampouco lhes deitei pregão dessa decadência mental, cujo tom de melancolia no funesto diagnóstico de JOHN MILL sobre o geneearca do positivismo em seu período religioso tanto comoveu o dr. CLÓVIS.

O de que se dói LITTRÉ, de mais a mais [di-lo êle expressamente; e o dr. CLÓVIS não o esconde] é de que o adjetivo *ridículo* seja a última expressão, o fecho do livro de STUART MILL, de que seja êsse o vocábulo imediatamente anterior ao ponto final, em um largo estudo qual o do filósofo inglês acérca do francês; como se o autor quisera deixar, em súmula

1. «Others may laugh, but we could far rather weep at this melancholy decadence of a great intellect.» *Op. cit.*, p. 199.

do seu juízo, a impressão dêsse estigma na mente dos leitores. No meu escrito, porém, aquêle epíteto não é, sequer, a palavra terminal do período onde se encontra, seguindo-se após êle cento e noventa e três páginas de in-fólio em duas colunas, a cujo longo perlustrar não resistiria, no espírito dos que me honrarem com a leitura, o vestígio daquele qualificativo irrespeitoso. Além de que o meu recai, de tão baixo como está o plano intelectual da minha inferioridade, apenas sobre o êrro de uma palavra; ao passo que o outro, desferindo-se, como raio, das maiores alturas do pensamento moderno, que teve em JOHN STUART MILL uma das suas mais elevadas encarnações, detona com fragoroso estampido sobre as invenções políticas e religiosas do autor da *Política Positiva*.

439. — Examinemos, porém, entrando em matéria, se a minha apreciação não foi justa. «*Escrivtor*», diz o dr. Clóvis, «é aquêle que escreve, pela mesma razão por que *subscritor* é o que subscreve, *prolator* o que profere, *recebedor* o que recebe.»

O dr. CARNEIRO, que sabe a sua língua, pensa diversamente. A seu juízo, insuspeito, quem tem razão na pendência sou eu. Ele não encambulharia, como o ilustre professor do Recife, o caso do *escritor* aos do *subscritor*, *prolator* e *recebedor*. Espécies há, de feito, em que, por exceção, a desinênciâa em *or* não exprime *habitualidade*, *gênio*, *índole*, ou *vocação*. Mas tais derrogações à regra se verificam, de ordinário, quando o ato exprimido no vocábulo, a que se põe essa terminação, não costuma formar *habito*, *predileção*, *ofício*, *estado especial*, ou *intensidade*. Nem a *prolação*, nem a *subscrição* constituem *cargo*, *emprego* ou *ocupação habitual* de ninguém. São meramente fatos secundários ou accidentais a certos estados, ou oportunidades.

Não faz consonância, é verdade, com esta explicação o substantivo *recebedor*, cujo emprêgo ora se aplica ao indivíduo que accidentalmente recebe qualquer coisa, ora ao que o faz

por incumbência permanente, como os *recebedores* fiscais. Mas o princípio quase absoluto é que, na língua portuguêsa, a desinência *or*, de expressão intensitiva, análoga pôsto não idêntica, na aplicação, à desinência *eiro*, «denota a pessoa que, por gênio, índole, ou vocação, faz aquilo, que indicam as raízes dos vocábulos»¹ com essa desinência compostos.

Também ela «se emprega algumas vêzes em sentido físico, para denotar muito».² Comentando estas noções, que formula nesses termos, exemplifica EVARISTO LEONI a sua verdade com os substantivos *amador*, *caçador*, *caminhador*, *dançador*, *nadador*, *dormidor*, *pretensor*, *representador*, *tre-medor*, *viajor*, *bojador*. Para mostrar a importância da terminação e o seu valor discriminativo entre os vários significados, a que se presta o radical, segundo a desinência que o completa, basta cotejar cada um desses vocábulos em *or* com os seus correlatos em *ante*, ou *ente*, finais estes últimos aos quais incumbe significar a ação *atual*, *casual*, *accidental*, *transitória*, em contraposição à tendência *natural*, *usual*, *duradoira* e *reiterativa*, indicada pelos finais em *eiro* e *or*. Com *amador*, o indivíduo usado a amar, o que ama por índole, ou gosto, temos *amante*, o que presentemente ama; com *caçador*, o inclinado e habituado à caça, o *caçante*, o que está em ação de caçar; com *caminhador*, o que por gênio e costume, muito caminha, o *caminhante*, o que vai de caminho; com o *dançador*, quase dançarino, aquêle que se dá muito ao dançar, o *dançante*, aquêle que ou o faz, ou se acha em atitude de o fazer; com *dormidor*, o amigo de dormir, o propenso a dormir em excesso, *dormente*, o que está dormindo; com *pretensor*, o que pretende com empenho, ou autoridade, e tem altas pretensões, o *pretendente*, que anda a pretender; com o *representador*, aquêle que representa por costume e inclinação, o

1. EVARISTO LEONI, *Gênio da Língua Portuguesa*, v. I, p. 156.

2. *Ib.*, p. 159.

representante, o que atualmente representa; com o *tremedor*, sujeito propenso a de tudo tremer, o *tremente*, que agora trema; com o *viajor*, aquêle que viaja por costume e predileção, o *viajante*, o que vai de viagem; com *bojador*, o que boja amplamente [Cabo Bojador], *bojante*, o que em qualquer grau boja, ou está bojando.

A êsses vocábulos em *or* ainda se podem acrescentar de exemplo, entre muitos outros: *instrutor*; *preceptor*; *inspetor*; *coletor*; *compositor*; *pintor*; *tutor*; *cantor*; *eleitor*; *auditor*; *lançador*; *revisor*; *repetidor*; *agrimensor*; *regedor*; *cultor*; *agricultor*; *horticultor*; *floricultor*; *apicultor*; *silvicultor*; *lavrador*; *obrador*; *receptor*; *refletor*; *coadjutor*; *ator*; *mentor*; *monitor*; *produtor*; *consumidor*; *explicador*; *corretor*; *partidor*; *benfeitor*; *gestor*; *expositor*; *protetor*; *feitor*; *manufator*; *escultor*; *abridor*; *cinzelador*; *demolidor*; *conhecedor*. Sempre a terminação *or* indicando a *durabilidade*, *continuidade*, ou *intensidade* da ação exprimida na raiz da palavra.

440 — Fará exceção a essa regra, quase sem exceções, o vocábulo *escritor*? Recorra-se aos dicionários das línguas vivas mais conhecidas: nenhum sufragará o uso, que o projeto adotou. Dos portuguêses consultarei o mais antigo e o mais recente, e ver-se-á que de um a outro a significação não varia. BLUTEAU define *escritor* «o autor de algum livro.» [V. III, p. 227.] Nem uma palavra mais. C. DE FIGUEIREDO, semelhantemente: «*Escritor*, autor de composições literárias e científicas.» CONSTÂNCIO, MORAIS, DOMINGOS VIEIRA, AULETE, ADOLFO COELHO, todos a uma concorrem na mesma definição: «*autor de obra escrita*», «*autor de obra literária ou científica*».

Onde foi achar, portanto, o dr. Clóvis que no vocabulário do nosso idioma a palavra *escritor* reunisse dois sentidos, um «especial ao produtor de obras literárias», outro [ainda na sua frase] aplicável «a quem escreve coisa diversa»?

441. — Apela o douto lente de direito para «o uso jurídico». Onde, porém, os documentos dêle e da sua legitimidade? COELHO DA ROCHA, TEIXEIRA DE FREITAS e CARLOS DE CARVALHO são os nomes, que declina. Os dois últimos, porém, como entre nós se faz quase sempre, limitaram-se a compilar do primeiro.

E dêste que direi? Que atribui às *Ordenações* coisa a elas de todo alheia. Transcrevo literalmente do dr. Clóvis, que com fidelidade as aduz, as palavras de COELHO DA ROCHA [*Instituições*, § 681] concernentes ao ponto:

«A *Ordenação*, quando diz que nesta disposição o testador ou *escritor* do testamento seja tido no lugar do tabelião, dá lugar a entender que o ato ficou autêntico ou concluído.»

Recorrendo à obra de COELHO DA ROCHA, verifico, no tomo II, p. 537, com referência à pág. 536, e esta à pág. 535, que a *Ordenação* citada é a do liv. IV, t. 80, § 3.º. Pois bem: os redatores do *Código Filipino*, longe de empregarem ali a locução *escritor do testamento*, cuidadosamente a evitam, significando mediante um circunlóquio aquêle por quem o testador manda escrever o testamento.

Eis como se enuncia o antigo legislador:

«E se o testamento fôr feito pelo testador, ou por outra pessoa... êsse testador, por cuja mão fôr feito, ou assinado o testamento, e bem assi qualquer outra pessoa por cuja mão fôr feito e assinado, seja havido por tabelião.»

E assim até ao cabo do parágrafo citado. Não diz, logo, *escritor do testamento*, mas, perifrâsticamente, «qualquer outra pessoa por cuja mão fôr feito e assinado».

O texto da nossa antiga legislação civil, portanto, condena a expressão de COELHO DA ROCHA¹, bom escritor, de

1. Aliás ainda quando se encontrasse nas *Ordenações* o vocábulo *escritor* nessa acepção, conviria notar que nem sempre, como tenho mos-

certo, mas sem autoridade vernácula, e que, ainda quando a possuísse, não teria a de reformar de golpe uma inveterada tradição da nossa língua, conforme à de tôdas as outras.

442. — Fácil é de verificar esta conformidade. LITTRÉ define *escritor* [*écrivain*], aquêle que faz ofício de escrever por ou para outrem, «*écrivain public*», perito no exame de escritas, «*maître écrivain*», escrivão, «*l'écrivain a qualité pour recevoir les testaments*», e, afinal, «*homme qui compose des livres*».

Nos dicionários italianos *scrittore* é «*chi o che scrive COM-
PONENTO*», com a advertência expressa de que se não confunde com escrivão, ou escrevente: «*Non scribano o scrivente.*» [PETROCCHI: *Diz. Univ. del. ling. it.*, v. I, p. 902.]

Quanto ao inglês, o melhor dos expositores conhecidos é o *Century Dictionary* de WHITNEY, que [v. VI, p. 6.693] enumera assim as várias acepções do substantivo *writer* [escritor]: «1. O indivíduo entendido ou prático na arte de escrever [*a person who understands or practises the art of writing*]... 2. O que faz profissão do escrever [*one who does writing as a business*]... 3. Aquêle que escreve o que de sua mente *compõe*; o *autor* de um ou mais escritos; um *autor* em geral...»

443. — Não discrepavam desta linha no latim as acepções do vocábulo *scriptor*, prefiguração e origem do nosso *escritor*. Com a significação secundária e mui rara de *co-
pista* [*librarius*], ou *amanuense* [*amanuensis*], o termo *scriptor*, ali, correspondia exatamente ao nosso *autor*, o produtor intelectual de obras escritas: *scriptor artis* ou *artium*; *scriptor historiarum* [historiador]; *scriptor carminum* [poeta]; *scriptor tragoeiarum* [trágico]; *scriptor veteris comoediae* [comedió-

trado por mais de uma vez, o uso antigo autoriza o moderno. No *Leal Conselheiro*, por exemplo, se encontra a expressão *orador* significando o que está em oração, tomada esta última palavra na acepção de *pece*. [V. essa obra, p. 29, 33, 34 e 37, especialmente, à pág. 29, a nota de ROQUETE.]

grafo antigo]; *scriptor iamborum* [poeta jâmbico]; *scriptor mimorum* [o autor de *mimos*, *momos*, *arremedilhos*, *entremezes*, ou *farsas*]; *scriptor satyrarum* [satirista]; *scriptor legum* [legislador].¹

Há, contudo, na literatura latina um trecho solitário, de que se teriam valido, se o conhecessem, os apologistas do projeto, e que eu me não receio de lhes oferecer: o de SUETÔNIO, na biografia de Nero, c. XVII, sobre certos atos dêsse imperador em matéria de testamentos. «Cautum», diz êle, «...ne quis *alieni testamenti scriptor* legatum sibi adscriberet.» A saber: «vedou, a quem escrevesse testamento alheio, nêle receber legado.»

Mas nem nas letras latinas teve imitadores essa aplicação da palavra *scriptor* ao indivíduo que lançava por escrito o testamento, nem [o que sobretudo é para notar no caso] nem a *tecnologia* dos jurisconsultos romanos a aceitou. O testamento daquele que não sabia escrever, em Roma, o testamento do analfabeto, *illiteratus*, requeria, além das sete testemunhas ordinárias, uma oitava: a pessoa que *lavrava o ato*, e que, devendo também subscrevê-lo, recebia dêste fato, e não do de haver escrito o instrumento testamentário, o nome legal de *octavus subscriptor*: «*Quod si literas testator ignoret vel subscribere nequeat, OCTAVO SUBSCRIPTORE pro eo exhibito, eadem servare decernimus.*» [L. 21 Cod. de test., VI, 23.].²

Era, pois, com o nome de *testemunha* que a fraseologia jurídica dos latinos designava a pessoa, cujo punho no escrever do testamento fazia as vêzes do testador. Digo «com o nome de *testemunha*», porque desta expressão eram sinônimas as de *subscriptores* e *signatores* no concernente à forma dos testamentos.³ De sorte que a locução *scriptor testamenti*,

1. FREUND. *Gr. Dict. de la Lang. Lat.*, v. III, p. 191. [Ed. de 1883.]
FORCELLINI. *Totius Latinitatis Lexicon*, v. V, p. 390.

2. L. 28, § 1.º Cod. eod. tit. GLÜCK. *Comment. all. Pand. Ed.*
SERAFINI, v. XXVIII, parte prim., §§ 1406 e 1415 a, p. 144, 370-73.

3. SALMASIO, ap. GLÜCK, *ib.*, p. 373.

favorecida únicamente por aquêle trecho suetoniano dos *Doze Césares*, não encontrou acolhida na linguagem das leis e dos juristas, para a qual o amanuense do testador na feitura do seu testamento era simplesmente o *octavus subscriptor*.

444. — Das legislações modernas também não conheço nenhuma, que dê ao indivíduo encarregado pelo testante de lhe escrever a última vontade o nome de *escritor do testamento*. Os mais dos códigos hoje em vigor previram a hipótese, reconhecendo ao testador essa faculdade. Nenhum, porém, consagrhou locução tal. Ver o português, art. 1.920, o espanhol, art. 706, o italiano, arts. 782 e 784, o alemão, art. 2.238.

445. — O designativo que o dr. Clóvis preconiza, em suma, não é, pois, nem o do *Corpus Juris*, nem o das *Ordenações*, nem o dos códigos hodiernos. Privado assim do concurso de tôdas as autoridades capazes de o legitimar, não tem por si, antes contra si tem, como se acaba de ver, esse uso jurídico, invocado, à sombra de um só jurista português e dois compiladores brasileiros, pelo ilustrado professor.

Era mister, portanto, que, ao menos, se pudesse conciliar com o uso comum, com o uso vernáculo. Esse, porém, lhe é, como vimos, desenganadamente hostil. O uso jurídico, pois, e o uso vulgar, o uso antigo e o moderno, o uso pátrio e o estranho contestam em desfavorecer e refugar essa denominação, avêssa ao gênio da língua e às tradições profissionais.

§ 5.º

Arts. 1.142, e 1.144

RETRATO, RESGATE

446. — Trata-se da *retrovenda*, *venda a retro*, ou *retrovendação*. Como designar o direito, que, nesta espécie de

venda, o vendedor se reserva, de solver o contrato, restituindo o preço ao comprador?

Resgate, diz o projeto nesses dois artigos.

Retrato, emendou o meu substitutivo, autorizando-se com o cód. civ. port., art. 1.588, e T. DE FREITAS, *Consolid.*, n.º 51 ao artigo 351.

Era firmar-me, a um tempo, na tradição portuguêsa e na tradição brasileira. A essas podia sobrepor ainda a do idioma irmão germano do nosso, a do castelhano; visto que é da palavra *retrato* que usa também o cód. civil espanhol. [Arts. 1.507 a 1.520.]

Supunha eu que destarte me não estribava mal. Creio, porém, que me enganei. O dr. Clóvis opõe-me três civilistas: CORREIA TELES, COELHO DA ROCHA e DIAS FERREIRA. Naturalmente porque êsses três autores usaram, como o projeto, do vocábulo *resgate*. Pois não há tal. Di-lo o próprio dr. Clóvis: nenhum desses três jurisconsultos se utilizou de tal palavra. A de que se êles serviram, é *remissão*.

Mas, nesse caso, se êles é que são as autoridades, e o nome que autorizam, é *remissão*, de *remissão* devia usar o projeto Clóvis. Erro meu. Certo é que êsses três luminares optam pelo término *remissão*. Mas o meu contraditor não os cita, senão para trocar *remissão* em *resgate*, versão adotada no projeto, com o fundamento, aduzido pelos seus autores, de que AULETE lhes atestara equivalerem um a outro os dois nomes.

Assim temos a vantagem inestimável de variar. Não se diz *retrato*, por não copiar o cód. civ. português, o espanhol e a *Consolidação de TEIXEIRA DE FREITAS*. Não se fica em *remissão*, por não reproduzir CORREIA TELES, COELHO DA ROCHA e DIAS FERREIRA. Elege-se *resgate* como inteiramente diverso, sobre desusado nas leis e nos expositores. É no em que essa justificação se resume.

447. — Mas, como tôdas as ciências, a do direito possui a sua classificação e a sua nomenclatura. Nesta, cada entidade jurídica responde a uma designação estabelecida e invariável. Quem a determina? O uso profissional, convém a saber, a linguagem das leis, da praxe e dos autores, indicada nos textos. Ora não há textos senão a favor de *retrato* e a favor de *remissão*. Logo, fôrça era escolher entre êstes dois substantivos. Daí não havia sair.

Variar da terminologia assim consagrada para a do estilo comum era inaugurar nestes assuntos um costume de imprevistos e esdrúxulos resultados. É o que me seria fácil demonstrar, analisando a tecnologia jurídica, pondo-lhe muitos dos têrmos em confronto com os do vocabulário usual, e substituindo aquêles por êstes, se, nesta infinda e ingrata discussão, já me não viesse escasseando tempo, lugar e paciência.

448. — *Retrato* é o têrmo específico. *Remissão* e *resgate* não oferecem essa vantagem. *Resgatam-se* pessoas, coisas e obrigações. Resgata-se o escravo do cativeiro, o prêso do poder do presador, a vida de quem no-la tem nas mãos, a obra ou escritura, furtando-a ao esquecimento e sumiço, o tempo mal gasto, empregando-o útilmente. Em direito, *resgato* o meu compromisso, *resgato* a minha dívida, *resgato* a minha fazenda. *Resgato* da caução os meus títulos, *resgato* do penhor os frutos do meu plantio, *resgato* da hipoteca a minha casa, *resgato* do seqüestro, ou da penhora, os bens executados. A tudo isso cabe o nome de *resgate*. O de *remição* aplica-se igualmente onde quer que o de *resgate* possa quadrar. Aplica-se a isso tudo, e a mais ainda. *Remir* é resgatar, é livrar, é remediar, é defender. Pode *remir-se* o cativeiro, *remir-se* a praça conquistada, *remir-se* o combate, *remir-se* a criatura do pecado, da culpa, do vexame. Ju-
rídicamente *remimos* a obrigação contraída, *remimos* a coisa

empenhada, *remimo-nos* da agressão, do serviço militar nos *remimos*, e nos *remimos* dos encargos de sócios numa coletividade. Não só, porém, temos [de *remitir*] *remissão* como sinônimo de *quitação*, não temos sómente [de *remir*] a *remição*¹ da garantia do penhor, da hipoteca, mas ainda, no dizer jurídico, temos a *remição* da pena, temos [de *remitir*] a *remissão* dos embargos [Ord. Af., 3], temos enfim a remissão [intervalo] da enfermidade: «E se o que está em contínuo furor sem intervalo e *remissão* alguma, fizer seu testamento.» [Ord. IV, 81, § 1.]

Tôdas essas três expressões, logo, *remissão*, *remição* e *resgate*, se espalham, vulgar e juridicamente, por uma sinônima numerosa, ao passo que *retrato* significa exclusivamente o ato de se desfazer a transmissão da propriedade nas vendas com pacto de retro. Não haverá ninguém, portanto, que, de boa-fé e em bom senso, não alcance a superioridade palpável dêste substantivo aos outros dois e a êles o não prefira.

1. *Remitter* vem do *remittere* latino; *remir*, do latim *redimere* [*redimere* e não *redimire*, como, provavelmente por erro tipográfico, se diz no *Dicionário de FIGUEIREDO*; porque essa troca do *e* em *i* converte o primeiro verbo noutro de significação diversa]. De *remittere* fizeram os romanos *remissio*. De *redimere*, *redemptio*. Ora, do *remissio* vem o nosso *remissão*, com dois *ss*. No caso pois em que o nosso substantivo abstrato deriva, não de *remittere*, origem de *remissio*, mas de *redimere*, origem de *redemptio*, a êste é que corresponde, e com *ç* se deve escrever, como *redenção*.

Advirta-se que *redenção* e *remição*, especialmente no significado em que aqui se encara, de *retrato*, isto é, desfazimento da venda e volta do objeto vendido ao domínio do vendedor, além de vernácula e juridicamente, são etimologicamente a mesma coisa. *Redimo*, *is*, *redemptum*, *redimere* [onde *redemptio*] vem de *emo*, *is*, *emptum*, *emere*, comprar, com o prefixo *re*. Equivale, pois, a *re-comprar*. Daí fizeram os latinos *redemptio* [isto é, *re-emptio*, *re-compra*], sinônimo, diz FORCELLINI [v. V, p. 118], de *conductio* [compra, arrendamento], que, por sua vez, se define *redemptio ad tempus*. [FORCELLINI, v. II, p. 369.] Temos, pois, esta linhagem: *emere*, *redimere*, *redemptio*, *reempção* [recompra], *redenção* [intercalado o *d* por eufonia, contra o hiato], *redemissão* [imediata resultante de *redimir*], *remição*.

O retrato é um caso de remição, um caso de resgate. Está para a idéia de resgate, ou remição, como a parte para com o todo, a unidade para com a pluralidade. *Retrato* é a espécie; *remição* e *resgate*, o gênero. No significado, natural ou técnico, de *resgate* ou *remição* está incluída a noção de *retrato*, como no de alienação a de renda, no de empréstimo a de comodato, no de penhor a de anticrese, no de transferência a de cessão, no de aluguel a de arrendamento, no de locação de serviços a de empreitada, no de testamento a de codicilo. Mas não há uma legislação, que não destaque do gênero, em cada um desses casos, a espécie distinta, individuando-a sob o seu nome peculiar.

Por que não proceder, na hipótese vertente, do mesmo modo? Por que dizer indistintamente *remição* e *resgate*, vocábulos aplicáveis a tantos outros fatos jurídicos diversos, se o nome específico de *retrato* nos habilita a frisar precisamente a individualidade única do caso, a *retração*, isto é, a restituição, o regresso, o retorno da coisa vendida às mãos do vendedor?

Depois nem *remição*, nem *resgate* espelham fielmente a idéia contida em *retrato*. *Retrato*, do latim *retractus, us [actus retrahendi]*, é o substantivo verbal de *retrahere*, significando *retrair, retirar, restituir, repor*, isto é, *desfazer o que se fizera*. É o que se dá na *retrovenda*, onde o retrato, desmangkanando a venda, torna ao vendedor a coisa e ao comprador o preço. Ora nem *resgate*, nem *remição* traduzem precisamente esse duplo fato do contrato, que se fêz, e se desfaz.

449. — Descoberta, cunhada, vulgarizada a expressão peculiar de uma idéia, não é fácil atiná-la ou inventar-lhe sucedâneo capaz. Por isso os mestres da arte da palavra entre os gregos, como DEMÓSTENES, costumavam repetir-se amiúde a si mesmos, no pressuposto de que *uma coisa se poderá dizer bem uma vez, não duas*: Τὸ καλῶς εἰπεῖν ἔπαις περιγίγνεται, δὲ οὐκ ἔνδέχεται.¹

1. AELIUS THEON. *Rhetores Graeci*, II, 62. Ed. Spengel.

Este princípio de fina observação tem dobrado valor na redação das leis. Daí o conselho, que nos dava BENTHAM, quanto à linguagem legislativa, de não usarmos «jamais senão um só e mesmo vocábulo, para exprimir uma e a mesma idéia». Daí ainda, entre as regras práticas sobre o estilo das leis, a fórmula, que nos dá ROUSSET na sua vasta monografia¹, de «*evitar o emprégo das mesmas palavras em acepções diferentes*».

Fixando-nos em *retrato*, observamos rigorosamente êsse preceito salutar; porque elegemos um término de um só sentido e uma aplicação só, um término estritamente unívoco, e absolutamente inconfundível.

§ 6.º

Arts. 745 e 1.429

DIREITO DE ACRESER

450. — Pouco direi dêste ponto, esgotado nas minhas notas a êsses dois artigos. Ampliar a expressão *direito de crescer*, nativa às instituições sucessórias, a relações jurídicas diferentes, como as do usufruto e as da constituição da renda, é insinuar desnecessariamente no vocabulário do direito um elemento de confusão, uma origem de ambigüidades. Conviria que, na técnica das leis, a cada noção tocasse única e exclusivamente uma locução especial. Não sendo isso até agora possível, respeitemos ao menos as especialidades, que o uso mais geral tem discriminado.

Caem aqui outra vez a ponto as minhas reflexões desenvolvidas no capítulo anterior, a propósito da sinonímia entre *resgate* e *retrato*. Aqui, semelhantemente, é inegável a ana-

1. *De la lettre des lois ou de la codification et de la rédaction rationnelle des lois.* Rev. Crit. de Lég., 1857, t. X, p. 340

logia dos casos contemplados nos arts. 745 e 1.429 com o que ocorre nas relações entre colegatários e co-herdeiros. Mas nem por isso há vantagem alguma em estender a tôdas essas espécies a expressão *ordinariamente* aplicada, até aqui, a uma só, convertendo assim um designativo *específico* em denominação *geral*. «Essencial é», dizia MONTESQUIEU¹, «que as palavras das leis despertem as mesmas idéias em todos os homens.» Eis o que se dará na hipótese, enquanto a expressão *direito de crescer* esteja circunscrita ao domínio das relações que a sucessão estabelece entre legatários e herdeiros.

Mostrei que assim era no direito romano. Provei que assim continuou a ser nas mais das legislações modernas até ao código alemão. Esta só autoridade bastaria, se lhe conviesse, a um germanista como o dr. CLÓVIS, para ofuscar e emudecer tôdas as demais. Como, porém, a ocasião lhe deparou, em benefício do seu alvitre, os exemplos da vizinhança que se encontram nos códigos chileno, argentino e uruguaios, está contente. Essa é, a seu parecer, a «boa fonte», pôsto se lhe contraponha a dos grandes mestres romanos e a de todos os códigos europeus, entre os quais não lhe foi dado obter padrinho.

Creio que isso baste a quem entre *élle* e *mim*² houver de pronunciar.

1. *L'Esprit des lois*, I. XXVIII, c. 16.

2. C. DE FIGUEIREDO, *Liç. Prát.*, v. II, p. 63, é de aviso contrário a esta forma. Peço vênia, porém, ao mestre para lhe notar que VIEIRA, *Sermões*, v. II, p. 66, disse: «Como a comparação não é mais que *entre meu Pai e mim*, cuidem embora.» E VIEIRA poderia alegar FERNÃO LOPES, que escrevera: «Não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu lhe faleci ou quero falecer no que *entre élle e mim* é pôsto.» [Crôn. de el-rei D. Fern., c. 162.]

Que se não admite o *entre élle e eu* [como o *entre eu e élle*], é sem dúvida. Mas de *entre mim e élle* a *entre élle e mim* não vejo onde a vernaculidade padeça quebra, suposto assim não pensem gramáticos de nomeada. E ainda bem que não opino sem dar autor, como diria o citado VIEIRA. [Cartas, v. III, p. 32.]

No momento em que chego a êste ponto [setembro de 1903] estão publicadas apenas as duas primeiras partes da crítica do ilustre jurisconsulto, que a *Revista de Legislação* vai estampando aos fragmentos, de mês em mês.

Não me é dado, portanto, continuar a segui-lo, o que aliás as dimensões já excessivas desta réplica bem difícil me tornariam.

SEÇÃO IV

A «LIÇÃO DE PORTUGUÊS» DO SR. JOSÉ VERÍSSIMO

§ 1.º

GALICISMOS

«Sendo a nossa língua de bom metal lhe mesclaram tanta liga, que perde muito de seus quílates.»

LÔBO. *Côrte na Aldeia*. Diál. 9.

«Mas quem houver de julgar estas linguagens: há de saber dambas tanto, que entenda os defeitos e perfeição de cada ūa.»

JOÃO DE BARROS. *Diál. em louv. de nossa linguag.*, p. 218.

«Rare será o mestre, antigo ou moderno, que não tenha perpetrado galicismo.»

C. DE FIGUEIREDO. *Lições*, I, p. VIII.

451. — Da crítica inspirada ao sr. J. VERÍSSIMO pelo meu primeiro trabalho sobre a redação do projeto de código civil terá êsse ilustre escritor encontrado resposta na que opus à análise do professor CARNEIRO, com a qual a apreciação daquele meu opugnador coincide, em quase todos os tópicos onde baixou da síntese a particularidades. Mas há dois, a cujo respeito as suas reflexões me induzem a réplica especial e cuidadosa. O primeiro é a questão dos galicismos na língua portuguêsa.

452. — «Nos clássicos», diz êle, «há para tôdas as opiniões, esta é a verdade. O que foi ontem purismo, é hoje galicismo, e vice-versa. Vejam-se os róis de FR. FRANCISCO DE S. LUÍS e de FRANCISCO JOSÉ FREIRE. O padre VIEIRA usava *maladia, contágio, guarecer e sucesso* (*Sermão citado*) no sentido de bom êxito, condenado pelos puristas; GARRETT, que é talvez o mais elegante escritor vernáculo português, não hesita em usar *desapontamento, esquissa, breve, resumindo* uma enumeração, à francesa, *deboche, preferir antes, tratos*, no sentido de *rasgos* («tratos morais históricos»); CAMILO escreve *explosir*¹, seguindo a etimologia popular, que lingüistas reconhecem legítima, e, com o mesmo critério, *intemerato* no

1. A precisão natural de um verbo correspondente ao substantivo verbal *explosão* tem sugerido aos nossos escritores e filólogos de aquém e de além-mar três soluções diversas: *explosir, expluir, explodir*.

1.º] *Explosir*. Tem por si C. CASTELO BRANCO: *Narcóticos*, I, p. 169, II, p. 149, 286; *Queda de um Anjo*, p. 181; *A Brasileira de Prazins*, p. 369; *Maria da Fonte*, p. 368; *Marquês de Pombal*, 293. Mas não tem analogia vernácula, nem latina, ou novilatina. Assim que o tenho por indefensável.

2.º] *Expluir*. Conta, êsse também, com o sufrágio de CAMILO, na *Brasil. de Prazins*, p. 124, no *General Carlos Ribeiro*, p. 28, no *Otelo*, página 7, e, além dêsse, com o do sr. VASCONCELOS, na sua *Gramática*, p. 199, onde enjeita como barbarismo o *explosir*. Mas, a meu ver, ainda mais o é estoutro. *Expluir* não vai com o radical de *explosão*, e, como aquêle, não tem afinidades no português, no latim, ou nos idiomas neolatinos. Não há em latim *expluire*, nem *expluere*. *Pluere*, sim; mas *pluere* é *chorer, cair como chuva, destilar, gotejar*, o que tudo nenhuma relação tem com a idéia de *explosão*.

3.º] *Explodir*. Neste, que tem o voto do sr. C. DE FIGUEIREDO [*Liç. Prát.*, v. I, p. 54, 293; v. II, p. 275], é que me parece estar a forma portuguêsa. *Explosão* responde ao latim *explosio*, e êste, em latim, é o verbal de *explodere*. Ora a adaptação portuguêsa de *explodere* é *explodir*. Assim nos cingimos à indicação do radical, oposta ao *expluir*, à derivação latina, contrária ao *explosir*, e à analogia do único idioma irmão, onde há verbo correspondente, o italiano, que naturalizou literalmente o *explodere* latino.

Os franceses continuam a dizer *faire explosion*. [HATZFIELD e DARMESTETER. *Dict. Génér.*, v. I, p. 1007] O *explosir*, pois, nem português, nem francês seria.

sentido de *destemido*, e emprega a forma *vir de*, sem ser para exprimir um fato material: «eu vinha de perder minha mãe», diz êle algures. E com estas divergências dos melhores escritores de nossa língua se escreveria um livro.»¹

São os fatos, ligeiramente apontados, em que o autor estriba as suas conclusões. Antes de chegar a estas, examinemos todos aquêles atentamente, procedendo às verificações e retificações, que demandam.

453. — Não sei onde se encontraria, nas obras de VIEIRA, o vocábulo *sucesso*, com a intenção de *bom êxito*, bom sucesso, bom sucedimento. Diz entre parêntese o sr. J. VERÍSSIMO que no «sermão citado»; mas, como ali nos não cita, antes, ou depois, sermão algum, receio, não infidelidade voluntária [sei que seria incapaz de a cometer], mas êrro de apreciação na passagem, a que alude, e não indica.

No meu longo trato com os livros do exímio escritor português, não me lembro que se me houvesse deparado jamais êsse têrmo senão meramente na acepção de *acontecimento*, *fato*, *ocorrência*, *acidente*, *acaso*. Não lhe atribuindo outra significação, ora o adjetiva com o epíteto de *bom*, *feliz*, *venturoso*, *ditoso*, *próspero*, ora com o de *adverso*, ou *mau*. Exemplos: «O *bom sucesso* de uma emboscada.» [Cart., v. III, p. 18.] «Vossa excelênciia, por cujo *feliz sucesso* se ofereciam os sacrifícios e orações.» [Ib., p. 23.] «Na brevidade e *bom sucesso* dêste negócio.» [Ib., v. IV, p. 129.] «Os *sucessos ditosos* da guerra.» [Obr. Inédit., v. II, p. 112.] «Depois dos *sucessos venturosos*.» [Ib., p. 180.] «De Deus vêm todos os *sucessos prósperos*.» [Ibid.] «Em todos os *sucessos prósperos* ou *adversos*, e muito mais *nos prósperos*, que são os mais falsos e inconstantes.» [Serm., v. XI, p. 43.] «A nossa insensibilidade com nenhum *mau sucesso* se entristece.» [Cart., v. IV, p. 79.]

1. «Uma lição de português». No *Correio da Manhã*, 4 de ag. de 1902.

Uma ou outra vez, não se atentando como cumpre, nos daria ares a frase de significar naquela palavra a noção de boa fortuna. No tópico seguinte, por exemplo: «Não só lhe cometeu a emprêsa, mas segurou a todos o *sucesso dela*.» [Serm., v. V, p. 8.] *Bom êxito* é o que, ao primeiro aspecto, se diria expressar ali o término *sucesso*. Mas do contrário nos convenceremos, substituindo, na oração, esse nome pelo de *êxito*, ou *resultado*. O pregador poderia ter dito: «Não só lhe cometeu a emprêsa, mas segurou a todos o *resultado dela*» ou: «Não só lhe cometeu a emprêsa, mas segurou a todos o *êxito dela*.» O mesmo nestes tópicos: «O sinal, com que o Senhor assegurou do *sucesso dela*.» [Serm., v. VI, p. 21.] «Deus lhe dê na paz e na guerra os *sucessos* que o reino há mister.» [Cart., v. II, p. 14.]¹

É o mesmo que se dá nestas passagens de JACINTO FREIRE: «A temeridade do general desculparam então o brio e a mocidade, e depois o *sucesso*.» [D. João de Castro, I, 61.] «Estêve duvidoso o *sucesso*.» [Ib., 63.] «Fizeram coisas maravilhosas, mais fáceis de ajuizar pelo *sucesso*, do que pela escritura.» [Ib., II, 68.] «Com um espírito pressago do triunfo antevisto, ou da esperança do *sucesso*, ou da grandeza do ânimo.» [Ib., 182.] Em qualquer desses tópicos se poderia enxergar, à primeira face*, no vocábulo *sucesso* a intenção de *bom êxito*. Considere-se, porém, atentamente, e se verá que poderíamos substituí-lo, sem alteração do sentido, simplesmente por *êxito*, *desenlace*, ou *resultado*.

A contraprova disso, temo-la neste concludente excerto: «O *sucesso* foi que, tendo sitiado a fortaleza, veio sobre os portuguêses tal peste, que, mortos muitos, perderam a facção, a honra e a vida.» [Serm., v. XIII, p. 222.] Aqui o caso, com ser infausto, funesto, calamitoso, se designa pelo vo-

1. Exemplos análogos, nos *Anais de D. João III*, por Fr. Luís de SOUSA, p. 116, 151, 237, 249, 253.

* [À *primacia facie*, diz o texto impresso de 1904 — o lanço falta no manuscrito de Rui. Afigura-se-nos mero lapso gráfico, por à *primeira face*.]

cáculo *sucesso*, empregado sem qualificativo algum. Ninguém daí, contudo, inferirá que aquêle nome exprima o *mau* êxito, os fatos desastrosos. Assim se está a ver que o têrmo *sucesso*, empregado sem adjetivação, deixa o qualificá-lo de bom, ou mau, ao espírito do leitor, ou do ouvinte, segundo o contexto do período, ou da sentença. Do mesmo modo como, numa hipótese, não traduz o *sucesso inditoso*, não indica o *ditoso* na outra. É como se disséssemos, únicamente, o *resultado*, o *fato*, o *caso*, o *desfecho*, deixando a qualificação do seu caráter ao das circunstâncias, a que se alude na frase. É provavelmente um dêsses passos o que terá induzido em engano o douto censor.

DUARTE NUNES, na *Crôn. del-Rei D. João I* [c. 79, v. I, p. 377] nos oferece outro lance comprobativo desta conclusão. «Os portuguêses», diz êle, «que com o infante vinham, trabalhavam porque êle esperasse ao condestável, e viam às mãos, mas os castelhanos foram de contrário parecer, porque lhes lembrava o *sucesso* da recente batalha de Algíbarrota.» O *sucesso*, de que se os castelhanos lembravam, fôra, para êles, *um revés*, um desbarato; e, não obstante, de *sucesso* o trata, sem qualificativo algum, a pena magistral do cronista. Assim em SOUSA, *Anais*, p. 85: «O *sucesso* que tiveram foi perder-se em Mascate a [nau] de Duarte de Ataíde com um temporal.»

Desta maneira de considerar êsse vocábulo nunca se desviaram, que me conste, escritores clássicos. «Bons sucessos da fortuna», «sucessos prósperos» são locuções de AMADOR ARRAIS. [Diál., p. 55.] Em SOUSA encontramos ora *bons sucessos* [Anais, p. 78, 101, 281, 289], ora *sucessos desastrados e sucessos avessos* [p. 99], *sucessos contrários* [p. 257], *sucessos desfavoráveis* [p. 177], *sucessos pesados e de muito desgôsto*. [p. 319.] Fora daí, exprime simplesmente o *acontecimento*, ou os *acontecimentos*, já favoráveis, ou desfavoráveis, segundo o teor da narrativa, já desqualificados e indiferentes. [P. 2, 108, 119, 129, 245, 263, 267.]

A tradição clássica, neste particular, é, portanto, contínua e firme. Não ministra subsídios ao uso, que C. DE FIGUEIREDO tachou de *inutilíssimo, petulante e inadmissível*.¹ Apenas será de lamentar que um escritor como JÚLIO RIBEIRO o favoreça com a negligência de um exemplo², contrariado aliás por outros.³

454. — Se VIEIRA usa de *contagião*, é que esta palavra não é menos nossa que dos franceses. Para um e outro idioma promanou ela do latim *contagio, contagionis*. BLUTEAU... Com licença do sr. JOSÉ VERÍSSIMO: não hei de citar os vocabulários modernos para demonstrar a antiguidade vernácula dos têrmos falsamente postos de modernos e adventícios... BLUTEAU já regista êsse vocábulo, invocando LEMOS, *Cérco de Malaca*, p. 40: «Inficionados da *contagião* do ar corruto.» Podia citar autores mais eminentes, como Fr. Luís DE SOUSA, onde freqüentemente ocorre esta palavra: «Foi *contagião* do ar.» [Anais, p. 59.] «Escapar de se lhe comunicar a *contagião* na vila.» [Ib., p. 60.] «Com pestilencial *contagião* tem inficionada e enférma grande parte da cristandade.» [V. do Arceb., I. II, c. 15.] «Andando já a mesma *contagião* mui acesa em Fêz.» [Hist. de S. Doming., parte 1, I. VI, c. 31.] «E como mal de *contagião* eram gerais em todos os lugares.» [Ib., I. IV, c. II.]

Mas séculos antes de Fr. Luís DE SOUSA e VIEIRA, el-rei D. DUARTE que começou a reinar em 1433, já usava dêsse vocábulo: «Grande bem é mandar alguns curar fora delas» [cidades e vilas], «e assi os enterrar quando dela» [da peste, *pestelença*], «morrerem fechando as casas por XV ou XX dias, cá veemos cortar ou queimar um membro mal desposto, por nom se perder per sa *contagioom*.» [Leal Conselh., p. 307.]

1. *Lições Prát.*, v. I, p. 45, 146, 265.

2. *A Carne*, p. 110.

3. P. 144: «o sucesso pavoroso»; «um sucesso trágico.»

Foi dessas origens, puramente nossas e derivantes do latim, que a tomou CASTILHO, para escrever:

«Evita a *contagião*, que às mais vem já vizinha»¹, e C. CASTELO BRANCO, num de cujos romances² se diz: «Outras macas levavam os mortos de *contagião* aos valados dos cemitérios.»

455. — *Maladia*, de que VIEIRA fêz uso, também não é galicismo. Deriva do baixo latim *malatus* e do italiano *malato*. Dêsse nome se utilizou o nosso grande epistológrafo nas suas cartas [v. IV, p. 25]: «Tornei a recair da minha *maladia*.» Escrevia êle assim, em fevereiro de 1674, de Roma, onde estava desde 1669.³ E os italianos, além do adjetivo há pouco designado, possuem o substantivo *malattia*, palavra que existia, outrossim, tal qual, com um *t* de menos, no antigo espanhol.

Esse recurso a expressões da linguagem do país onde estava, em tom de bom humor, chança, ou ironia, se nota por vêzes na correspondência de VIEIRA. Haja vista, nesse mesmo tomo [p. 171], a carta 85.^a, onde escrevia ao Marquês de Nisa: «Até domingo se espera que se firme a paz, e, excluída a França uma vez dela, será coisa mui necessária à utilidade e autoridade que êsses *monsieurs* sejam também requerentes.» E VIEIRA não sublinhava. O grifo é meu.

Nos modernos dicionários de FREUND, LITTRÉ, QUICHERAT e DAVELUY, HATZFELD e DARMSTETER não figura o latim *malatus*. DARMSTETER, HATZFELD e WHITNEY vão buscar a derivação do francês *maladie* e do inglês *malady* no latim popular *male habitus*, *malabitus*, ao passo que LITTRÉ a prende ao castelhano *malatia* e ao italiano *malattia*. Mas BLUTEAU nos depara documento da existência latina de *malatus*, raiz comum ao francês *malade*, o italiano *ammalato* ou *malato*

1. *Geórgicas*, p. 205.

2. *Coisas Espantos.*, p. 5.

3. PADRE ANDRÉ DE BARROS. *Vida do Padre Antônio Vieira*, ed. de 1858, p. 224 e segs.

e o *malato* português. «*Malato*», diz êle, «deriva-se de *malatus*, que se acha nas glossas antigas. SALMÁSIO, na pág. 1.122, sôbre SOLINO diz: «*Malatus, qui male se habet, quem Maladum vocamus, Glossae Malatus.*» De *malatus* fizeram os italianos *ammalato*, e os franceses *malade*; em uma e outra língua querem dizer *doente*. O nosso *malato* não é propriamente *doente*, mas *indisposto*, e com alguma alteração na saúde... «*Anda malato: Leviter aegrotat. Cic.*» [Vocab., v. V, p. 264.] E FORCELLINI, o mais completo de todos os dicionaristas latinos, o confirma no seu *Léxicon de Tôda a Latinidade* [vol. IV, p. 25], dizendo: *MALATUS* legitur in *Gloss. Lat. Vulcanius* adnotat: *Galli malade, flandri melaets pro leproso accipiunt.*» É sem dúvida, portanto, que na baixa latinidade cursava a palavra *malatus*.

Dai naturalmente o português *malato*, registado por BLUTEAU, e por derivação dêle a *malatia*, encontrada em VIEIRA.

D. FRANCISCO MANUEL [Obras, *Sanfonha de Euterpe*, p. 116, col. 2] serviu-se do vocábulo *malato*:

«Sabereis como Dom Carlos
De gastar bom humor sempre
Diz que se acha hoje *malato*.»

Se *malato*, porém, era português do velho, e tirava a sua ascendência do latim *malatus*; se, por outro lado, antes dos franceses terem *maladie*, tinham os italianos e espanhóis *malatia*, o *maladia* de VIEIRA, primeiro que se ligasse ao francês, teria que entroncar no espanhol, no italiano e no latim. As circunstâncias, ademais, històricamente nos mostram, com a própria data da carta de VIEIRA, que êle adotara o nome de *maladia* na capital da Itália; de onde, sem falar de ligeiro, se poderá concluir que o tomou diretamente ao idioma dos italianos.

456. — Tampouco incorreu em francesia o nosso VIEIRA, servindo-se do verbo *guarecer*. «Os nossos melhores autores da língua portuguêsa», diz Fr. DOMINGOS VIEIRA, «usaram dêste vocábulo no sentido de convalescer, cobrar saúde, sarar, avultar; tais foram JOÃO DE BARROS, Fr. Luís DE SOUSA, FERNÃO LOPES e outros.»

Já no tempo de GIL VICENTE, há quatrocentos anos, era expressão popular:

«Se chegando a esta pousada,
Se *guarece*.»

[Ob., v. I, p. 186.]

«E tu vieste a teu prazer,
Cuidando cá *guarecer*.»

[Ib., p. 216.]

«E só da coroa, também crede vós
Que não *guarecerá*.»

[Ib., p. 350.]

«Bem há aqui que *guarecer*.»

[V. III, p. 317.]

As *Ordenações Afonsinas*, que são de 1446, anteriores, portanto, aos autos do nosso *Plauto*, já se utilizavam da mesma palavra: «Som ricos d'herdamentos e possessões de guisa, que podem bem *guarecer*.» [L. II, fl. 180.]

Ainda antes delas, porém, já o empregava D. DUARTE no *Leal Conselheiro*: «Da maneira que fui doente do humor menencônico e del *guareci*.» [P. 114.]

Mais longe ainda, nas velhas trovas portuguêses, era comum, com o *guarir*, o *guarecer*. [Cancioneiro da Vaticana, p. 234.]

Era evidentemente, pois, de uma antiga palavra nacional que se valia Fr. Luís DE SOUSA, quando escreveu: «E to-

mando aquêle bafo *guareceria* logo.» [Histór. de S. Doming., parte I, p. 118. Ap. BLUT.] Antes dêle dissera BRITO, na *Monarquia Lusitana* [tom. I, 371, ap. BLUT.]: «Guarecer das feridas.» «No tempo que os moradores de Espanha se iam *guarecer* a França.» [Ib., p. 76. Ibidem.] Ainda antes, JOÃO DE BARROS [Déc. IV, p. 108. Ap. BLUT.]: «Feridos que logo *guareceram*.» BLUTEAU, enfim, muito depois: «Entre nós *guarecer* é convalescer, cobrar saúde, sarar.» [Voc., v. IV, p. 149.]

Bem verdade é que DUARTE NUNES [Orig. da Ling. Port., c. 11] o enumera entre os vocábulos, que os portuguêses tómaram dos franceses; e êsse é também o sentir de BLUTEAU. [Voc. IV, p. 145.] Mas onde se poderia fazer fundamento para esta ilação, ante o depoimento do italiano e do espanhol? O antigo castelhano teve *guarir*, forma que nós também adotamos. [MORAIS, VIEIRA.] O italiano tirha e tem *guarire*: «Se non sarai a letto non *guarirai*. Di certi mali non si *guarisce* mai.» Ora não é mais natural saísse diretamente o nosso *guarir*, ainda consignado nos léxicos atuais, do italiano *guarire* e do castelhano *guarir*, formas idênticas à portuguêsa, que do francês *guérir*, cuja diferença em relação a ela avulta peia diversidade da vogal na sílaba dominante? Esta minha opinião é a de LITTRÉ, que, registando o provençal *guarir* e o italiano *guarire*, os dá, não como resultantes, mas como origens do francês *guérir*, pondo a fonte mais remota de tôdas essas derivações novilatinas no gôdo *warjan* e no germânico *wehren*, cujo significado é o mesmo. Essa é também a descendência que FIGUEIREDO atribui ao verbo *guarir*.

Ora, dado o verbo *guarir*, temos nêle a procedência de *guarecer*. *Guarecer*, entrar em via de cura, convalescer, será o incoativo de *guarir*, curar, como *adormecer* o é de *dormir*.

Em toda esta gênese, pois, assim de *guarir*, como de *guarecer*, não há motivo, que demonstre ou reclame a cooperação francesa.

457. — No caso de *guarecer*, de *contagião*, de *maladia*, as semelhanças entre o português e o francês induziram o crítico brasileiro a concluir pelo francesismo de vocábulos nossos, que só se ligam aos seus análogos de França colateralmente por filiação a origens comuns. São exemplos de uma paronomásia, que a cada passo encontraremos, discorrendo os bons escritos antigos e modernos. Não raro supomos topar numa francesia descabelada e impudente, onde o que há, na realidade, é uma excelente locução vernácula, vernaculíssimamente empregada. Isso, não só com o vocabulário, senão também com o frasear.

Pegue-se das obras de GIL VICENTE, por exemplo. Lá está: *fazer fazer*. [V. I, p. 152; III, 177.]¹ Em francês, *faire faire*. Lá está: «*Hi há de homens ruins.*» [I, 159.] Francês: «*Il y a des hommes...*» Lá: «*Queres tu do pão?*» [I, 137. E outras semelhantes, p. 178, 182, 258, 263, 317, 347; II, 425; III, 228, 269, 307.] Francês: «*Veux tu du pain?*» Lá: «*Tanto de sangue.*» [V. I, 341.] Franc.: «*Tant de...*» Lá, ainda: «*Fazei-me esmola.*» [II, 436.] Franc.: «*Faire l'aumône.*» Lá: «*És contente.*» [II, 439.] Fr.: «*Tu es content.*» «*Sem pessoa*» [nirguém] «*perguntar.*» [II, 448.] Franc.: «*Sans que personne...*» Lá: «*E bem.*» [II, 509.] «*Passeai-vos.*» [I, 193.] Franc.: «*Promenez-vous*».²

1. CAMÕES, *Lusíadas*, III, 68, VIII, 98.

2. Da reiteração do pronome pessoal, ordinariamente indigitada como francesismo, aqui temos característico exemplo:

«*Êle* quebra as cerejeiras,
Êle vindima as parreiras,
Êle não sei que faz das uvas.
Êle não vai a lavrada,
Êle todo o dia come,
Êle tôda a noute dorme,
Êle não faz nunca nada.»

[I, p. 171.]

Quanto a vocábulos: *Jeitar* [II, 31, 160; III, 154], fr. *jetter*. *Multitude* [III, 328], fr. *multitude*. *Ceguidade* [II, 354], fr. *cécité*. *Neta* [I, 349], fr. *net*, *nette*. *Messageria* [II, 399], fr. *messagerie*. *Grandura* [I, 154], fr. *grandeur*. *Marchante* [negociante, I, 173], fr. *marchand*. *Hu*, onde [I, 113], fr. *ou*. *Avantage*, fr. *avantage*. [II, 135.]

Tomem-se as *Crônicas de FERNÃO LOPES*, de onde, para facilitar a verificação a tôda a gente, citarei pela edição popular de LUCIANO CORDEIRO. [Biblioteca dos Clássicos Portuguêses.]¹ Ali temos:

Letra, por carta. [Fr. *lettre*.] *D. Ped.*, p. 22, 115.

Toste, cedo, depressa. [Fr. *tôt*. It. *tosto*.] *D. Ped.*, p. 25, 36. *D. João*, t. III, p. 121; tom. IV, p. 64.

Hu [ou], onde. *D. Pedro*, 30, 32.

Fazer erros [fr. *faire des erreurs*]. *D. Ped.*, 31.

Arder de [«Ardia de fazer.» Arder por. Fr. *brûler de*.] *D. Ped.*, p. 34.

Car [fr. *car*, porque]. *D. Ped.*, 35, 42, 44.

Assaz de [assez de]. *D. Ped.*, 58, 122. *D. Fernando*, tom. I, 26. *D. João* I, tom. I, 153, 175.

Atender, por esperar. [Fr. *attendre*.] *D. Ped.*, 124, 147. *D. Fern.*, I, 21, 59, 110. *D. Fern.*, II, 50, 59, 79. *D. João*, I, 158; II, 22, 143; III, 45; IV, 39, 110, 111, 138, 179; V, 157².

Grande manhã [fr. *grand matin*]. *D. Ped.*, 76, 141. *D. Fern.*, I, 73. *D. João*, I, 64; II, 74.³

1. Nestas citações o algarismo romano indica o tomo, e o arábico a página.

2. D. DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 139, 310.

3. «Alta manhã.» *D. João*, II, 179. «Grande madrugada.» *D. João*, II, 100. «Bem manhã.» *D. João*, II, 112. «Grande noite.» *D. João*, II, 86. «Grande serão.» *D. João*, II, 91.

Fazer fazer [fr. *faire faire*]. *D. Ped.*, 94, 101. *D. Fern.*, I, 62; II, 18. *D. João*, I, 109, 110, 150; IV, 84; VII, 48.¹

Ser tido de, ser obrigado a [fr. *être tenu de*]. *D. Ped.*, 97, 170. *D. Fern.*, 10, 33, 46, 88, 155, 159, 166; II, 9, 25, 74, 94, 109, 172. *D. João*, I, 164, 191. [E daí em diante, *passim*.]

Gajas [soldada, salário; fr. *gages*]. *D. Fern.*, 43, 44, 76, 78, 79. *D. João*, III, 39, 75. [Ainda em FILINTO ELÍSIO se encontra o vocábulo *gages*. *Obr.*, v. III, p. 44.]

Sage [prudente, sisudo; fr. *sage*]. *D. Fern.*, II, 70. *D. João*, I, 82; V, 140.

Sageza [sisudez, juízo, prudência; fr. *sagesse*]. *D. Fern.*, I, 152. *D. João*, V, 108.

Du [donde; fr. *d'où*]. *D. João*, I, 133.

Avantage [fr. *avantage*]. *D. João*, II, 6, 57; III, 15. [Ainda FILINTO ELÍSIO usou de *avantage*. *Obr.*, v. XI, p. 137.]

Fazer perda [por *sofrer perda*; fr. *faire perte*]. *D. João*, VII, 8.

Fazer mau fim [ter mau fim; fr. *faire une mauvaise fin*]. *D. João*, III, 158.

Fazer prazer [dar prazer; fr. *faire plaisir*]. *D. João*, IV, 153; V, 47.

Bom mercado [fr. *bon marché*]. *D. João*, III, 197; IV, 163.

Assaz bem [fr. *assez bien*]. *D. João*, V, 79.

Danos e interesses [fr. *dommages et intérêts*]. *D. João*, VII, 81.

1. A mesma locução, não só nos *Lus.*, VIII, 98, já citados, mas em VIEIRA, *Serm.*, v. I, 299, e em JORGE FERREIRA, *Eufrósina*, a. II, c. 6, p. 143.

Essas expressões, da mais antiga, segura e autorizada vernaculidade, mas de fisionomia tirante ao francês, passariam por despejados galicismos, aos olhos de quem não tivesse muita lição dos nossos bons modelos.

458. — Outro longínquo monumento da nossa boa língua é o *Leal Conselheiro* del-rei D. DUARTE, o mais precioso de quanto, pelo que respeita à nossa língua, nos resta do século quinze. Metei-o nas mãos de um noviço em estudos clássicos, e cuidará estar lendo uma versão incorreta do francês, quando topar em vocábulos e frases como *remercear* [fr. *remercier*]¹, *mais, mes* [mas, fr. *mais*]², *davantagem* [fr. *d'avantage*]³, *sages* [fr. *sage*]⁴, *a grande pena* [fr. à grande peine]⁵, *guardar-se de* [fr. *se garder de*]⁶, *reguardar* [fr. *regarder*]⁷, *contenença* [fr. *contenance*]⁸, *tressair* [fr. *tressaillir*]⁹.

Ainda um paradeiro notável de formas semelhantes é a *Crônica de D. Manuel*, por DAMIÃO DE GÓIS, onde encontramos freqüentemente vocábulos e locuções como estas: *sujeitos* [fr. *sujets*], na acepção de súditos [fl. 98]; *cachados* [fr. *cachés*], na significação de ocultos, encobertos [fl. 96]; *a condição que* [fr. à condition que], sob a condição que, ou de que [fl. 257 v.]¹⁰, *polonos* [fr. *polonais*], polacos [fl. 260], adjetivação análoga à de CAMÕES¹¹, e tão diferentes ambas da moderna.

1. P. 471.

2. P. 57 e *passim*.

3. P. 19.

4. P. 125, 253 e amiúde.

5. P. 270.

6. P. 132. SOUSA. *Vida do Arc.*, v. III, p. 49 [ed. de 1890.]

7. P. 241, 66.

8. P. 99 e nota 3.

9. P. 100.

10. «...se renderam à condição de os deixarem ir fora do castelo.»
[DUARTE NUNES. *D. João o I*, c. XIII, p. 49.]

11. *Polônios*. *Lusíadas*, III, 11. Ver, entretanto, sobre o [considerado] galicismo *polonês*, FIGUEIREDO, *Liç. Prát.*, I, p. 151.

SOUZA, na *Vida do Arcebispo*, autoriza [tão-sómente no primeiro tomo, ed. de 1890]: *potagem*, fr. *potage* [p. 148], *fazer proveitos*, fr. *faire des profits* [p. 155]; *sujeito* [por assunto], fr. *sujet* [p. 244]; *demandas* [em vez de perguntas], fr. *demande* [p. 264]; *ver dos olhos* [ver com os olhos], fr. *voir de ses yeux* [p. 272]; *fazer faltas* [cometer faltas], fr. *faire des fautes* [p. 289.]

Quem não suporia ver o francês *visage* em *visagem*, usado por JORGE FERREIRA, na *Eufrósina*¹, como sinônimo de *rosto*, *gesto*, *semelhante*? o francês *fille*, moça, em *filha*, por esse mesmo autor ali empregado neste sentido? o francês *maisons de plaisir* na locução *casas de prazer*, autorizada por BRITO, na *Monarquia Lusitana*?² o francês *bien des jours* na expressão *bem de dias*, utilizada por ANTÔNIO FERREIRA?³ o francês *abreuver* em *abreviar*, antiga forma portuguesa do baixo-latim *abeverare*, do castelhano *abreviar*, do italiano *abbeverare*?⁴

Aquêle que sentenciar, neste assunto, como os que sentenciam do que não sabem de raiz,

«Julgando as coisas só pela aparência»⁵,
inscreverá entre os galicistas a todos êsses patriarcas e mestres da nossa língua, a VIEIRA, por escrever «em efeito», aparente aliteração de *en effet* [*Inédit.*, I, p. 181]⁶; por usar repeti-

1. A. II, c. 2.

2. V. I, p. 61. Bem assim por D. NUNES, *D. Afonso V*, p. 305, por BERNARDES, *N. Fl.*, v. II, p. 287, v. IV, 137, e outros clássicos.

3. *Obr.*, v. II, p. 436. «Bem de lenha» é de BARROS, *Déc.* III, VI, 9. JACINTO FREIRE [I. II, n.º 160] escreveu: «uma pendência assaz de bem tenhida.»

4. FIL. ELÍSIO, tom. VII, p. 124, tom. XIV, p. 139. BELLEGARDE, *Vocabulário e Locuções*, p. 51-2. LITTRÉ, *Dicc.*, v.º *abreuver*. DOMINGOS VIEIRA, *in verb.* *abreviar*, *abrevar*.

5. CAMÕES, *Lusiad.*, V, 17.

6. «E em efeito se foi com tôda sua casa.» [DUARTE NUNES, *D. João* o I, c. VIII, p. 29.] «Disse el rei ao condestável que acudisse à gente de pé da retaguarda, que estava em grande aperto, pela muita gente, que carregava sóbre êles; o que era assim em efeito.» [Ib., c. 59, p. 256.]

damente «*e bem*» [Serm., II, 183; III, 75, 358; VI, 63, 69], como se cobrisse o francês *Eh bien*¹; por falar em *largezas* [Serm., I, 235], adaptação, ao parecer, do francês *largesses*, mas na realidade aproximação, mais vizinha que *largezas*, do latim *largitio*. *Grandes senhores*, aparente arremedilho do francês *grands seigneurs*, que élle por vêzes emprega [Serm., I, 89; Cart., III, 122], é freqüentíssimo em FERNÃO LOPES, como nos demais antigos, continuando em voga entre os melhores exemplares modernos, como CASTILHO [Am. e Melancol., p. 294] e AL. HERCULANO no *Eurico* e no *Bôbo*.

Com a frase francesa «*C'est bien*» coincide a camoniana: «*É bem.*»² À *l'envie* dizem os franceses na intenção em que nós dizemos à *competência*, à *porfia*. Naturalmente me acoimariam de francelho, se eu escrevesse à *inveja*. Mas assim escreveram BARROS e LUCENA.³

BATISTA CAETANO, invocado pela comissão da câmara como autoridade irrefragável, apontava, nos seus *Rascunhos*⁴, como documento do «caçanje» falado no parlamento brasileiro a expressão *em ordem a*, corrente na tribuna parlamentar, e que élle, pela coincidência das formas, supunha amalgamação grosseira do inglês *in order to*, quando a locução tem os melhores foros de vernaculidade no uso dos bons autores antigos e modernos. [VIEIRA. *Cartas*, v. I, p. 43; v. II, 51,

1. FILINTO ainda usou «*É bem*». [Obr., v. XI, p. 32.] «*E bem!*» [ib., p. 135] e «*E bem?*» [ib., v. XIII, p. 248.]

E CASTILHO, no seu *Camões*: «*E bem, burguês honrado? sois conchavado no ajuste?*» [P. 33.] «*E bem monseor de Saint Paul, como achais a nossa côrtezinha de Portugal?*» [ib., p. 70.]

LATINO COELHO, igualmente: «*E bem, Ésquines... não orou...*» [Oraç. da Cor., p. 17.] «*E bem, Ésquines, ainda te parece...?*» [ib., p. 49.]

2. «*He bem: que falar he êsse?*

[Auto de Filomeno, a. II, c. 4. Obr., v. VI, p. 40.]

3. Ver a êste respeito um caso típico, recontado por FRANCISCO BARATA, *op. cit.*, p. 45-6.

4. P. 63.

62, 98; III, 66, 138; IV, 88, 90, 96; VI, 93. *Obras Várias*, v. II, p. 80. *Obr. Inéd.*, v. I, 203. CASTILHO. *Colóq.*, p. 303, 368. BERNARDES. *Nova Floresta*, v. II, p. 2, 117, 119, 161.]

Pois EVARISTO LEONI não nos mostrou que o nosso velho *alleur*, antiga forma do *alhures*, tão semelhante ao fr. *ailleurs*, provém do latim *aliubi*? que o nosso antigo *car*, idêntico ao francês, teve origem no *quare* latino? que a nossa expressão *paor*, donde *pavor*, não nos deriva do fr. *peur*, mas do latino *pavor*? que *u*, igual ao francês *où*, *ben* semelhante ao fr. *bien*, *rem*, convizinho do fr. *rien*, e *leixar*, tão parecido ao fr. *laisser*, nascem do latim bárbaro *lassare*, do latim *rem*, do latim *bene*, do latim *ubi*?¹

MORAIS atribui ao francês *gros*, *en gros*, o nosso vocábulo *grosso* e a locução *em gros*, das *Ordenações Afonsinas*, correspondente ao atual *em grosso*, oposto de *a retalho*. Mas *grosso*, a que EVARISTO LEONI vai buscar a estirpe em *crassus* [Génio, v. I, p. 3], originou-se diretamente do latim, homomorfo e quase idêntico, *grossus*, irmão germano de *crassus*, que com ele se usa a revêzes nos antigos manuscritos, e que nalguns monumentos da baixa latinidade assumia às vêzes a forma de *grassus*, parecendo virem todos, *grossus*, *grassus* e *crassus*, de uma só nascente comum. [FORCELLINI, *Lexic.*, v. III, p. 244.] De *grossus* fêz ainda a baixa latinidade *grossamen*, *grossitudo*. [Ib.] De *grossus* vem ainda, segundo LITTRÉ [Diction., v. II], o próprio francês *gros*. Claro está, pois, que esta forma, comum ao nosso idioma e ao francês, ambos a foram beber simultâneamente na mesma fonte: o latim da idade inferior.

FRANCISCO DIAS [Memór. de Liter. Port., v. IV, p. 66] traz do francês *tout-puissant* a ascendência do *todo-possante*, empregado por AZURARA. Mas, se, para explicar a origem de *possante*, nos ministram os velhos documentos portuguêses o verbo *possar* [VITERBO, *Elucid.*, ed. 1865, v. II, p. 137; BLUTEAU, *Supl.*, v. II, *hoc verb.*] e é de legítimo cunho por-

1. EV. LEONI. *Gén. da Líng. Port.*, v. I, p. XXII.

tuguês o *todo-poderoso*, por que ir catar no estrangeiro a filiação do seu colateral *todo-possante*?

Usava o antigo português da palavra *torto*, significando *injúria, dano, lesão, agravo, injustiça*. [VITERBO. *Eluc.*, v. II, p. 256.] Dela ainda se utiliza na mesma acepção AL. HERCULANO: «Dar querela do *torto* que lhe fizeram aqui.» [O *Monást.*, v. III, p. 27.] Aparentemente seria a simples adaptação do francês *tort*. Mas não. O *tort* francês vem do *tortum*, particípio passivo de *torquere*, diz LITTRÉ. [Dictionn., v. IV, p. 2.261.] Além do *tortus*, particípio, tinha ainda o latim os substantivos *tortus* e *tortum*. [FORCELLINI. Lexic., v. VI, p. 125.] Óbvio é, pois, que o nosso antigo *torto*, coirmão do italiano *torto*, promanou imediatamente de *tortus* ou *tortum* latino, a que está muito mais próximo do que da forma francesa *tort*.

459. — Gramáticos abalizados¹ qualificaram de francésismo vulgar o emprego da conjuntiva *que* no começo das proposições imprecativas e optativas. Assim em: «Que eu morra, se minto!» «Que me não apareça êste criminoso!» Não têm razão, porém, êsses mestres. Induziu-os em engano a analogia com a forma francesa, circunstância que nem sempre é concludente.

BERNARDIM RIBEIRO escreveu: «Que êste pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos.» [Menin., c. 1, p. 12.] Escreveu êle ainda: «Disse ela muito passozinho: Que me perdoeis.» [Ib., c. 25, p. 192.]

FILINTO ELÍSIO poetou:

«Levo-lhe o coração; que ela o devore.»

[Obr., v. XI, p. 101.]

«Que ela de alma romana o vigor mostre.»

[Ib., p. 140.]

«Sem nós, que se sustente de ar (diziam).»

[V. XII, p. 82.]

1. C. DE FIGUEIREDO. *Lif.*, v. I, p. 164. F. BARATA. *Estudos*, p. 66.

Imitando êsses e outros exemplos antigos, versejou CAS-
TILHO nos *Fastos* [v. II, p. 189-91]:

«*Que* nunca à noite, ao recontar cabeças
Contadas de manhã, lhes *note* eu míngua;
Que nunca *eu volte* aos meus currais gemendo
Com rôto velo arrebatado ao lôbo;
Que nos não *vexe* a fome e *sobrem* pastos.
Que as águas para a sêde e para os banhos
Corram em larga cópia; *que* mungindo
Encontre sempre retesadas têtas;
Que bons cobres me *renda* a queijaria;
Que para tal pelos vimíneos cinchos
Se escoe todo o sôro e *enrije* a massa;
Que no carneiro pai não *fatle* o cio;
Que bem *conceba* a fêmea e bem *produza*
E que fervam no estábulo as cordeiras;
Que farta a lã nos *venha*.»

Igual sintaxe nos depara êle nesse mesmo poema, v. I, p. 133; v. II, p. 111, 139, 161, 209; v. III, p. 49, 97, 125; no *Amor e Melancolia*, p. 245; nos *Colóquios Aldeões*, p. 118; nas *Metamorfoses*, p. 85; no *Camões*, p. 22, 37, 39, 192, 243, 273.

Nos escritos de AL. HERCULANO é freqüentíssima: «*Pajens!* que arreiem o meu ginete murzelo.» [Lendas, v. II, p. 77.] «*Que venha!*... «*Que venha salvá-los!* *Que venha!*» [Eurico, p. 153.] «*Que* te diga diante do mundo: «tu és minha mulher» e *que* depois te abandone... *Que* a terra cubra a nossa desonra.» [O Monge de Cister, v. I, p. 283.] E em muitos outros lances, como: *Opúsculos*, v. I, p. 153, 154; v. VIII, p. 42; *Casamento Civil*, p. 68 e 72; *Eurico*, p. 71, 132, 133, 156, 209, 252; *O Monge de Cister*, v. I, p. IX, X, 20, 34, 174, 286; v. II, p. 25, 50, 85, 178, 311; *O Bôbo*, p. 13, 14, 59, 179, 259; *Lendas*, v. I, p. 135, 136, 169; v. II, p. 38, 65, 68, 71; *Poesias*, 244, 260.

«Que Deus se amerceie de tua alma», traduziu C. CASTELO BRANCO, vertendo *Os Mártyres*, de CHATEAUBRIAND, v. I, p. 19.

E MACHADO DE ASSIS [Poes., p. 167]:

«Que a tua mente as ilusões esqueça.»

460. — Semelhantes a essas, têm incorrido indevidamente, graças à sua parecença com o francês, no mesmo reparo as sentenças optativas e imprecativas começadas com o subjuntivo do verbo poder: «Possas tu viver! Possa essa desgraça acabar!» Mas de uma regência clara, na sua forma elíptica, tais construções têm por fiadores de sua vernaculidade os mais eminentes clássicos do nosso tempo.

São de CASTILHO êstes excertos:

«Possa o quase nada que nela apontamos, suscitar em pais e mães um pouco de sisuda meditação.» [Cantos, p. 272.]

«Possa a brisa da terra aos teus ouvidos
Só levar aíos dos teus e vivas nossos!
Possas tu não sentir nas asas delas
Mais que orvalho de lágrimas.»

[Escavaç. Poét., p. 94.]

«Possas tu de ano em ano alvorecer-nos.»
[Fast., v. II, p. 13.]

«Possa ela, se indigno me não julga,
Sempre aos estudos meus sorrir piedosa.»
[Ib., p. 85.]

«Possais vós, cantos meus, ser dignos dela.»
[Metamorf., p. 248.]

Poderia, além dêsses, apontar muitos e muitos outros, como o dos *Amôres*, v. I, p. 53, os do prólogo aos *Fastos*, p. LI, LII, o do *Amor e Melancol.*, p. 256, o do *Fausto*, p. 25.

«*Possa eu nunca mais ver-te o rosto*», escreveu A. HERCULANO. [Eurico, p. 138.] E: «*Possa eu encontrar.*» [O Bôbo, p. 164.] E, ainda: «*Possas tu depois perdoar-me.*» [Lendas, v. I, p. 194.] E assim muitas outras vêzes.

461. — Nesta categoria de equívocos, originados facilmente da coincidência entre as formas de dois idiomas, coincidência ora casual, ora gerada pela ação de causas comuns a ambos, cai a tacha de galicismo, irrogada pelo sr. JOSÉ VÉRÍSSIMO à locução *vir de* em frases como esta de C. CASTELO BRANCO: «Vim de perder minha mãe.»

Essa expressão, com semelhar à francesa correspondente, é irrepreensivelmente vernácula.

Usou-a CAMÕES:

«D'amor dos lusitanos incendidas,
Que vêm de descobrir o novo mundo.»
[Lus., IX, 11.]

Antes de CAMÕES, já se servira dela GIL VICENTE:

«Frades virão vinte e sete,
Que vêm de furtar melões.»
[Obr., I, p. 131.]
«Vem alta noite de andar.»
[V. III, p. 6.]

BARROS também a admitiu:

«Topou o mesmo califa, que ia buscar, que
vinha de dar uma batalha.» [Déc. I, I. I, c. 1.]

Assim também JACINTO FREIRE:

«Quando chegou àquele pôrto Luís Falcão, que
vinha de governar Ormuz.» [D. João de C., IV, 53.]

Como êle, MANUEL BERNARDES:

«Vindo um dia El-Rei D. João III de Portugal
de ouvir missa na Anunciada.» [N. Fl., v. II.]

Mais tarde BLUTEAU:

«Porque vinha de estar com Róscio.» [Vocabul.,
v. VIII, p. 511.]

Depois FILINTO ELÍSIO:

«Que vinham de tomar seu regabofe.»

[Obr., v. V, p. 111.]

«Alfeu vinha de descer da Élide entre triun-
fadores.» [V. XIV, p. 86.]

«Não tem algumas das qualidades das que
vimos de nomear.» [V. XXII, p. 94.]

Dentre os contemporâneos bastaria citar-lhe em com-
provação da legitimidade CASTILHO ANTÔNIO, que não poucas
vêzes a subscreveu:

«Vindes de brigar?» [Camões, p. 132.]

Vinha eu de assistir de Vesta ao culto.»

[Fastos, III, 137.]

«Aquêles

«Vêm de jornadear.»

[Fausto, p. 157.]

«Passando como viração que vem de ver na-
morados.» [Amor e Melancol., p. 267.]

E como CASTILHO redigiu HERCULANO:

«Vinha eu pelas Fangas acima, da banda dos
cobertos do Pelourinho, de fazer ás minhas mer-
cancias.» [O Monásticon, v. II, p. 278.]

É locução análoga a *chegar de fazer*, em cujo abono, entre os clássicos, nos não faltam exemplos: «A esta hora (que é uma da noite) *chego de falar* tôda a tarde sôbre o negócio de vossa excelência.» [VIEIRA. *Cart.*, II, p. 71.]

462. — Na mesma condição está o *começar de*, ou *principiar de*, censurado por um eminente gramático¹ de galicianismo. Tantos são os exemplos clássicos da sua vernaculidade, que bastará indicar-lhes os nomes e lugares. Vide: *Lusíadas*, V, 61; VIII, 76; IX, 68. GIL VICENTE, I, 203, 265, 361; III, 39, 51, 89. FERNÃO LOPES: *D. Pedro*, p. 32, 35, 51, 53, 61, 74, 90, 91, 97, 138, 145, 156, 166. *D. Fernando*, p. 7, 36, 41, 90, 104, 107. BARROS, *Déc.* [ed. de 1777], v. VI, p. 33, 137, 140, 144. BRITO. *Monarquia Lusit.*, v. I, p. 23. CAMÕES. *Obras*, v. V, p. 26, 220, v. VI, p. 91. A. FERREIRA. *Obr.*, v. II, p. 141. BERNARDIM RIBEIRO. *Men. e Moça*², p. 17, 60, 127, 161, 162. DUARTE NUNES. *Crôn. de D. Manuel*, v. I, 373, 382 e 393. BARROS: *Déc.* I, v. I, p. 20, 28. FILINTO ELÍSIO. *Obr.*, v. III, p. 211, v. XII, p. 83. A. HERCULANO. *Eurico*, p. 106; *Lendas*, v. I, p. 250, 287; v. II, p. 27, 35, 38. LATINO. *Humboldt*, p. 295, 321. CASTILHO. *Colóq.*, p. 73. *Camões*, p. 59, 63. *Primavera*, 88, 90. *Metamorf.*, p. 289. *Fastos*, v. I, p. 4, 41; v. II, p. 19, 35. C. CASTELO BRANCO. *Caveira da Mârt.*, 195, 204. *Noites de Insônia*, n. 1, p. 39. VASCONCELOS. *Gramát. Portug.* [III, IV e V classes], p. 281. Todos êsses com o verbo *começar*, que era o mais habitual entre os antigos.

Com *principiar de* apontarei êstes, de CASTILHO:

«*Principiou* também de ter seu átrio.» [Fast., II, 173.]

«Já *principiava* de esmorecer.» [*Camões*, 1.ª ed., p. 66.]

«*Principiou* de entrançar.» [Ib., p. 165.]

1. JOÃO RIBEIRO. *Gram.*, p. 222.

2. Ed. de 1891.

Verdade é que, segundo uma das autoridades mais altas nestes assuntos em nosso tempo, «entre as alterações sintáticas por que uma língua passa, havemos de contar, em português, a substituição moderna do *começar de* por *começar a*.»¹ Mas a prova mais *ad rem*, que eu poderia dar, de que tal substituição ainda está por operar, é que êsse mesmo autor, na mesma obra, escreve *começar de*: «Ainda não *comecei de* responder às variadas perguntas»²; que o seu *Dicionário*, v. II, p. 183, remata com esta solene declaração: «Começou de se imprimir a 1 de junho de 1900», e que JOÃO RIBEIRO, cuja gramática enumera entre os galicismos *principiar de*, como vimos, por outro lado nos ensina que «com o verbo *começar* o complemento direto tem a preposição *de*: *começar de escrever*».³

Tampouco me parece que o uso de *começar a* se possa qualificar de *moderno*. É tão velho quanto *começar de* e tão freqüente como êste entre os antigos. A *Menina e Moça*, por exemplo, que conta de sua idade três séculos e meio, nos depara de p. 17 a p. 170 [ed. de 1891] cinco vêzes [há pouco citadas] a forma *começar de* e onze vêzes o *começar a*. [P. 18, 19, 23, 46, 70, 119, 128, 129, 134, 149, 170.] Antes dela, muito antes, no século XV, escrevia D. DUARTE no *Livro da Ensin.* [p. 523]: «Começando a correr.» Em FERNÃO LOPES também o temos: «Começaram a fazer grão pranto.» [D. Fernando, c. 126.] «Começou-se a rugir pelo arraial parte destas novas.» [Ib., c. 131.] Nos *Lusíadas* não se encontra menos vêzes que a outra forma. Ver c. I, 15, 59; c. VI, 26, 37, 61; c. VIII, 62. Nas demais obras de CAMÕES, vê-la no v. IV, p. 100 e 106. Em DUARTE NUNES, *Crôn. de D. Manuel*, v. I, p. 373 a 393, onde achamos três casos de *começar de*, há, pelo menos, dois de *começar a*. [P. 375, 379.] Em JOÃO DE BARROS, *Déc.* I, v. I, no correr das mesmas páginas que nos forneceram dois excertos com o complemento, em *co-*

1. C. DE FIGUEIREDO. *Liç. Práticas*, v. I, p. 122.

2. Ib., v. III, p. 39.

3. P. 135.

meçar, regido por *de*, topamos dois com a preposição *a* [p. 19, 36], que ao diante se vão reproduzindo. [P. 33, 137, 139.] FR. LUÍS DE SOUSA usa tanto de *começar a* como do outro escrever. [V. do Arceb., v. I, p. 24, 33.] Nas *Décadas de Couto*, logo às primeiras páginas do volume primeiro encontramos reiteradamente a expressão *começar a*. [P. 16, 21, 33, 50.] Em suma que as duas formas coexistiram sempre uma de par com a outra, e uma a par da outra coexistem, sem motivo algum, para que de qualquer delas nos despojemos¹, ou a tenhamos por estranha.

463. — *Ordenar de*, que aquêle douto gramático² inclui também na caterva das francesias, está no mesmo caso de estreme pureza vernácula.

Provas:

«Tendo ordenado de a publicar por mulher.»
[FERN. LOPES. D. Pedro I, c. 27.]

«Ordenou de se enviar desculpas.» [Id., id., p. 166.]

«El-rei de Navarra ordenou de não ser na batalha.» [FERN. LOPES. D. Fernando, c. 4.]

«El-rei D. Henrique ordenou de tornar para Castela.» [Id., id., c. 16.]

«El-rei ordenou de combater o castelo.» [Id., id., c. 17.]

«Ordenou el-rei d'ir lá [Id., id., c. 30.]

«Ordenou de juntar suas gentes». [Id., id., c. 35.]

1. Além dessas usavam os clássicos o *começar em* [Sousa, V. do Arc., v. I, p. 319], ou empregavam o complemento do verbo sem preposição alguma: «Começou ganhar as terras.» [BARROS: Déc., v. I, p. 8, 24, 26, 27, 28, 51, 56, 90, 91, 107 [três vezes]. BERNARDIM, p. 52, 85, 104, 150, 60, 165.

2. João RIBEIRO, Gram., p. 222.

«Então ordenou de se ir.» [FERN. LOPES.
D. João I, p. I, c. 17.]

«Ordenou de se partir de Alenquer.» [Id., id.,
id., p. 96.]

«E o mestre ordenou de l' avrar moeda... E
quando ordenou de tomar Ceuta...» [Id., id., id.,
c. 50.]

«Ordenou logo de ir sôbre Alenquer.» [Id., id.,
id., c. 52.]

«Ordenemos de partir.» [GIL VICENTE, V. I,
p. 231.]

«Ordena o autor de a representar.» [Ib., v. II,
p. 107.]

«E logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso.»
[CAMÕES. Lus., IV, 58.]

«Quando ordena
De se tornar ao rei.»
[Ib., VIII, 91.]

Como êsses, de todos os mais clássicos poderia eu aduzir exemplos. Será possível inscrever entre os galicismos uma locução, que teve constantemente a chancela dos melhores escritores portuguêses?

464. — O dr. CARNEIRO professa, a êste respeito, uma teoria cerebrina. Reconhecendo em abono dessas formas gramaticais o benefício da tradição clássica, citando excertos de GÓIS, LUCENA, BARROS, FERNÃO MENDES, SOUSA, BRITO, LÔBO e CAMÕES, onde se associam à preposição *de*, no complemento, os verbos *começar*, *ordenar*, *determinar*, *esperar*,

desejar, procurar, conclui: «Isto não obstante, é para notar que, segundo o uso atual dos que melhor escrevem, não se pode usar dessa regência, de que nos deram exemplos os nossos clássicos, sem incorrer em arcaísmos ou galicismos.»¹

Como conciliar estas duas notas? De que modo, no emprêgo de uma palavra, ou de uma forma gramatical, se poderá incorrer simultaneamente nos riscos de *arcaísmo* e *estrangeirismo*? Se êsses vocabulos são *arcaicos*, isto é, têm a sua ascendência no velho português, como os averbar de *galicismos*, isto é, de importações francesas? Se os classificam de *galicismos*, a saber, de produtos forasteiros, contrabandeados à língua pátria, como harmonizar essa qualificação com o confessado fato da sua antiga vernaculidade? Uma antilogia tão crassa desafia o senso comum.

Arcaísmo e *estrangeirismo*, ou *neologismo*, são epítetos que se encontram, e repelem. Os vocabulos outrora portuguêses não perdem o cunho da sua naturalidade, porque envelhecessem; e, se o conservam, tornando ao uso, nêle entrarão com o sêlo de sua antiga linhagem. Pois, se o dr. CARNEIRO se contenta de uma analogia latina, dificilmente rebuscada, para defender da increpação de francesa uma palavra como *honorabilidade*, que evidentemente nos invadiu pela influência francesa, como é que, para forrar tôdas aquelas expressões, originariamente vernáculas, a essa pecha, lhes não bastaria a consagração geral dos clássicos mais autorizados?

Quando um têrmo desaparece da circulação de um idioma, não se pode saber se o esquecimento, em que se adormentou, se o abandono, em que se sumiu, é morte, ou hibernação. Todo aquêle que restitui ao comércio dos vivos uma velha expressão desusada, tem o direito de abrigá-la à sombra dos seus títulos de nascimento e legitimidade. Se lha rejeitam, poderá ser à conta de obsoleta. De bastarda é que não.

1. *Serões Gramaticais*, p. 316.

465. — Será verdade, porém, que a regência daquela preposição, nos complementos daqueles verbos, esteja condenada «pelo uso atual dos que melhor escrevem»?

Não é.

Nos livros dos melhores clássicos modernos encontramos sagradas as expressões *entrar de*, *pegar de*, *dever de*, *ousar de*, *jurar de*, *escusar de*, *forcejar de*, *exprobrar de*, *recear de*, *punir de*, *tentar de*, *continuar de*, *folgar de*, *costumar de*, *usar de*, *comprazer-se de*, *defender [proibir] de*, *recusar-se de*, *desejar de*, *merecer de*, *cuidar de*, *esperar de*, *pretender de*, *temer de*.

Vejamos:

Entrar de. «Entrou de cismar.» [CAMILO. *M. de Pombal*, p. 230.] «Entrou de nuclar-se.» [Id., *Noit. de Insôn.*, n. 2, p. 10.] «Entraram de mascarar o seu idioma.» [C. DE FIGUEIREDO. *Estrangeirism.*, p. 9.]

Pegar de. «Pegaram de entrar os guias.» [CAMILO. *M. de Pombal*, p. 33.] Semelhantes, em CAMILO: *Narcóticos*, p. 16, 146; *Cav. da Mártir*, 158; *As três Irmãs*, 28.

Dever de. «Ora deveis de saber.» [A. HERCUL., *Lendas*, v. II, p. 12.] «Tal devia de ser o Cílaro.» [CASTILHO. *Geórgicas*, p. 153.] «Deveria de se expressar.» [CASTIL. A *Primav.*, p. 272.] «Devem de estar.» [Id., *Metamorf.*, p. 103.] «Devia de ser mestra.» [Id., *id.*, p. 300.] «Não devia de considerar.» [Id., *id.*, XXXIV.] «Como quase solitária a devia de findar.» [CASTILHO. *Grinalda dos Amôr.*, v. V, p. 157.] «Devias de trazer.» [CAST. *Camões*, p. 71.] «Dere ela de estar na sua cama.» [Id., p. 140.] «Nada os deve de amargurar.» [CASTILHO. *Colóquios*, p. 105.] E em CAMILO. *Gênio do Crist.*, v. II, p. 51; *Soropita*, p. XXXVI; *Virtudes Antig.*, p. 17; *Queda dum Anjo*, p. 33; *M. de Pombal*, p. 118; *Cav. da Mártir*, p. 222.

Ousar de. «Filha e mãe sem terror já ousam de se olhar.» [CASTIL. *Outono*, p. 2.]

Jurar de. «*Juro de o proscrever.*» [CAST. *Fastos*, I, p. 169]. «*Eu jurava de o adorar.*» [Id., *Amôres*, I, p. 78.]

Acontecer de. «*Acontecia de encontrar-se com a sobrinha do prior.*» [CAMILO. *Narcóticos*, p. 145.]

Escusar de. «*Escusas de aporfiar.*» [CASTIL. *Fausto*, p. 57.]

Forcejar de. «*Exemplar com que todos forcejam de conformar-se.*» [CASTIL. *Metam.*, p. XVI.] «*Forcejava de arrancar aquelas hástreas de murta.*» [Id., *id.*, p. 294.]

Exprostrar de. «*Me exprobras de passar no ócio a vida.*» [CASTIL. *Amôres*, I, p. 117.]

Recear de. «*Não receies de saltar por cima do cadáver.*» [A. HERCULANO. *Monástic.*, II, p. 103.] «*Receias de ser cúmplice?*» [CASTIL. *Amôres*, II, p. 13.] «*Receiam de as ofender.*» [Id., *id.*, v. III, p. 29.] «*Eu receio de dar.*» [CAMILO. *Memór. do Cárc.*, I, 165.]

Punir de. «*Se me punes de amar-te, é ser injusto.*» [CASTIL. *Fast.*, II, 57.]

Duvidar de. «*Duvidaram de pagar.*» [A. HERCULANO. *Hist. da Inquisiç.*, v. II, p. 315.]

Tentar de. «*Tenta de a confortar.*» [CASTIL. *Fast.*, II, 69.] «*Tento de a consolar com frases meigas.*» [Ib., III, 31.]

Continuar de. «*Continua de requebrar... Continua de querer-lhe.*» [CASTIL. *Metamorf.*, p. 274.] «*Continua de florejar.*» [CAST. *Fastos*, I, 276.]

Folgar de. «*Folgara de entender.*» [CAST. *Fast.*, II, 143.] Outrossim nos *Colóquios*, do mesmo autor, p. 135, 141, 353.

Cuidar de. «*Cuidou d'estourar.*» [A. HERC. *Monge de Cist.*, v. I, p. 249.] «*Cuidei de estalar.*» [CAMILO. *Sermões de S. Miguel*, I, p. 37.] «*Cuidou de rebentar.*» [Ib., *Coisas Espantos.*, p. 16.]

Costumar de. «Costuma de escolher fracos sujeitos.» [CAST. *A Primav.*, p. 154.] «Costuma de ser a igreja o mais antigo edifício de tôda a aldeia.» [CASTIL. *Colóq.*, p. 60.]

Usar de. «Como usam de votar.» [CASTIL. *Colóq.*, p. 102.] «É que nós usamos de ver o vício impune.» [CAMILO. *Mistér. de Fafe*, p. 186.] «A primavera usa de tomar às vêzes a forma de mulher.» [CAMIL. *Mem. do Cárc.*, I, p. 162.]

Comprazer-se de. «Se comprazia de cismar, com os olhos no céu.» [CASTILHO. *Fast.*, I, p. 279.]

Defender de. «Da mãe que o vigário de Caldelas cuidadosamente e com doloroso constrangimento defendia de entrar à alcova.» [CAMILO. *A Brasileira de Prazins*, p. 269.]

Recusar-se de. «Recusando-se todavia de figurar de parente anojado.» [CAMILO. *A Doida do Candal*, p. 152.]

Desejar de. «Deseja de comprar.» [CASTILHO. *Tartufo*, p. 29.] «Bem declarado vai aos que desejarem de o saber.» [Id. *Metamorf.*, p. XII.] «Deseja de se retirar do mundo.» [Id. *Camões*, p. 134.]

Doer de. «Dói-me também, senhor conde, acrescentou o cavaleiro, de ser eu quem...» [A. HERC. *O Bôbo*, p. 229.]

Merecer de. «Não merecia de ter morrido.» [CAST. *Metam.*, p. XIX.]

Esperar de. «Espero de levar a cabo.» [CASTILHO. *Camões*, p. 117.] «Ainda algum dia espero de andar em gigante.» [Ib., p. 129.]

Pretender de. «Pretendem sim de a casar.» [Ib., p. 49.]

Temer de. «Teme de perder o siso.» [Ib., p. 112.]

466. — Com êsses e outros muitos verbos se nos depara feita, nos clássicos, mediante a preposição *de* a regência dos complementos.

Assim: *determinar de; atrever-se de; ousar de; entender de; acordar de; prazer de; aprazer de; cumprir de; firmar [ajustar]*

de; parecer de; desprezar de; outorgar de; concertar de; obrigar-se de; contar de; haver por bem de; fazer-se prestes de; ser prestes de; ser bem de; provar [tentar] de; duvidar de; entremeter-se de; fazer mal de [em]; pensar de; afoitar-se de; oferecer-se de; encaminhar de; presumir de; errar de [deixar de, faltar de]; aperceber-se de; perceber-se de; propor de; convir de; contender de; procurar de; concordar de; esforçar-se de; acertar de; pensar de; ansiar de; esperar de; ser necessário de; ser melhor de; ameaçar de; assentar de; trabalhar de; consentir de; mostrar de; soer de; alegar de; aproveitar de; resolver de; imaginar de; deliberar de; sentir de; faltar de [deixar de]; pretender de; chegar de [chego de falar]; refusar de; convidar de [«me convida de nos vermos». VIEIRA, Cart. IV, 186]; propor de; pressupor de; prometer de¹; ajustar de; decretar de; protestar de; cobiçar de; estar de [«Nas suas mãos está de ser.» FILINTO, v. XII, p. 12.]

1. Não vejo, pois, fundamento à censura de FIGUEIREDO contra esta regência, que o eminentíssimo filólogo tem por indesculpável. [Lis. Prát., v. I, p. 128.] «El-rei de Calecute», diz DAMIÃO DE GÓIS, «tinha mandado a el-rei de Cananor secretamente entre outras munições de guerra vintacuartro peças d'artelharia e prometido de o ajudar.» [Crôn. del-rei D. Emanuel, fol. 103.]

JOÃO DE BARROS, Déc. I, 1, 8: «Té que lhe prometeu de o levar.»

CAMÕES, nos *Lus.*, IV, 85:

«Elas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrélas, como as de Argos.»

«Prometeu-me ontem de vir.»

[CAMÕES. *Obr.*, v. I, p. 77.]

«Prometendo de me ver.»

[Ib., p. 78.]

«Eu prometo de te ser
Em tudo inteira lembrança.»

[Ib., p. 226.]

SOUZA, *Vida de D. Fr Bartolomeu dos Mártires*, I, II, c. 23: «Prometendo de não tardar em as dar à execução.»

E ANTÔNIO FERREIRA: «Prometi-lhe de o ajudar em tudo.» [Bristo, a. III, c. 3.] «Prometeu de me ajudar em tudo.» [Ib., a. IV, c. 2.]

E FILINTO: «Eu já daqui lhes prometo de a encaixar nestes versinhos» [Obr., v. VI, p. 313.]

Por não avultar ainda as já desmesuradas proporções a êste trabalho, não sotoponho a cada uma dessas locuções a certidão clássica de vernaculidade; para o que não haveria mister mais que transcrever as notas, de que acérca de cada uma aqui disponho à mão. Meio olvidadas umas, outras ainda em uso, bem que não corrente, não se poderiam essas expressões reanimar? Bastaria o condão do estilo dos bons escritores. Os elementos da palavra humana são ocasionados a êsses eclipses, ou letargias, seguidos, quando menos se espera, das suas revivescências. Condenados às vêzes como obsoletos, eis que ressurgem à vida, quando se imaginava estarem-se fossilizando entre os resíduos mortos do idioma, como renovos de primavera, ao prestígio da boa prosa, ou ao encanto da poesia inspirada. Nesse caso, com que honras volveriam ao tráfego da língua essas expressões? Com a de estrangeiras naturalizadas, únicamente por corresponderem a formas estrangeiras do mesmo feitio? Não: como portuguêses de lei, que tornam à ação e à luz com os títulos primitivos de seu berço.

Não havemos de alistar como galiciparla a LATINO COELHO, porque escreveu: «a seu aviso» [fr. à son avis]¹, nem qualificar de galicismo a *refrão* [CASTILHO, *Fausto*, p. 111], ou *refrêm*, por coincidirem com o francês *refrain*, da mesma assonância e quase da mesma grafia. A homografia do *aviso* português com o francês *avis* não filia o primeiro ao segundo; e *refrão*, com o seu ascendente imediato no castelhano *refrán* [BLUTEAU, VII, p. 189 e p. 334, in v.^o *rifão*] e o seu antepassado mais remoto no latim *refrangere* [LITTRÉ, in v.^o *refrain*], não precisa de ir buscar a forma intermediária, menos consonante, do antigo verbo francês *refraindre*, para explicar a sua gesticão.

Porque os franceses de *prodigue* tiraram *prodiguer*, não será lícito inferir, como fêz o dr. CARNEIRO [Gram. Filos.,

1. Humboldt, p. 293.

p. 433], que seja francesia o nosso *prodigar*. Desta forma se serviu, depois de FILINTO EÍSIO¹, CASTILHO, na tradução dos *Fastos*: «Dá, *prodiga* ao meu gênio os teus influxos.» [Tom. III, p. 45.] De *prodigus* derivaram os latinos dois verbos: *prodigere* [FORCELLINI, v. IV, p. 893] e *prodigire* [ib., v. VI, p. 706], um e outro com a acepção de *immoderate rem effundere, aliquid superflue, consumptorie agere*, isto é, de *malbaratar, dissipar*. Mas, tendo aliás *prodigalitas* e *prodigaliter*, de *prodigalis* não extraíram forma verbal. Por que então, indo nós além dêles com o *prodigalizar*, que adotamos, por derivação *indireta* de *pródigo*, não lhe admitiríamos, à semelhança dos latinos, a derivação verbal direta *prodigar*?

Outras vêzes pode acontecer que seja realmente francesa a palavra. Assim em *cusina* [*cousine*], *minhão* [*mignon*], *pucela* [*pucelle*], *arranjar* [*arranger*], *poterna* [*poterne*], *freire* [*frère*], *libré* [*livrée*], *maraú* [*maraud*], *remercier* [*remercier*], e tantos, tantos outros vocábulos. Mas a elaboração vernácula, por que passaram, as necessidades, a que vieram servir, as lacunas, que preencheram, a adaptação portuguêsa, que revestem, acabaram por os incorporar na substância viva e genuína da nossa linguagem, bafejados pelo gênio dela e naturalizados sob as suas formas.

A história dessas transformações e nacionalizações, porém, não favorece a teoria dissolvente daqueles, que, exagerando essa mutuação de serviços entre as línguas vivas, não conhecem barreira à introdução dos estrangeirismos, e das negligências de bons escritores tiram argumento para a legitimação de absurdos, enormidades, ou bastardias inadmissíveis.

1. «Ié os lhe argúi que *prodiga* às hostes.»

[FILINTO. *Obr.*, v. X, p. 136.]

«Deus *prodiga* seus dons a quem faz voto
De ser seu.»

[Ib., v. XII, p. 168.]

«A magnificência que êle em todo o gênero *prodigou*, passou a ser provérbio.» [Ib., vol. XVIII, p. 37.]

467. — O caso de GARRETT merece especialmente considerado. Constitui êsse um espécimen singular, entre os bons escritores, de complacência e, até, algumas vêzes, desmazêlo em matéria de estrangeirismos. Dos que êle perpetrhou, cita o Sr. JOSÉ VERÍSSIMO alguns: *desapontamento*, *esquissa*, *breve* [por *em suma*, *enfim*], *deboche*, *preferir antes e tratos* [*trails*, por *episódios*]. Muito mais longe iria, porém, o rol.

Num só volume, o XXIII, das suas obras, que me cai à mão, sem muito esmerilhar, se me deparam: *detalhe* [p. 128, 133, 367], *fazer as delícias*, *faire les délices* [p. 383], *estar ao fato*, *être au fait* [p. 343], *de parte e outra*, *de part et d'autre* [p. 241], *lutar de zélo*, *lutter de zèle* [p. 245], *ter lugar*, em vez de *ocorrer*. [P. 313, 343.]¹

Mas que mostram êsses deslizes senão as distrações casuais do grande escritor, ou os eclipses momentâneos do seu gôsto, do seu tino, da sua maestria no falar? Meio século, ou mais, há que êle os perpetrhou, e nem o lustre do seu nome os logrou sobrepor, nem a fascinação do seu estilo conseguiu naturalizá-los.

Esquissa, aliteração infeliz do francês *esquisse*, não alcançou jamais entrar em competência com *esbôço*, *escôrço*, *bosquejo*, *lineamento*, *debuxo*², quanto mais excluí-los. Ninguém, absolutamente ninguém escreve, ou escreveu jamais, depois de GARRETT, *breve* adverbialmente, à francesa, por *em suma*. *Deboche*, em cujo lugar temos *crápula*, *devassidão*,

1. Não incluo aqui o *chicana*, usado por GARRETT, v. XXIII, p. 24, porque, apesar do professor CARNEIRO, que o reputa galicismo [*Gramática Filos.*, p. 433], tem por si a opinião suma de CASTILHO ANTÔNIO, que várias vêzes a empregou:

«Vá promover já já, sem sombra de *chicana*.»

[*Tartufo*, p. 94.]

«Um é um *chicaneiro*, que principiou por fiel dos feitos.» [Colóquios Aldeões, p. 382.]

2. C. DE FIGUEIREDO. *Liq.*, I, p. 94, e II, p. 37. *Estrangeirismos*, p. 30. BELLEGARDE, *op. cit.*, p. 58, BARATA, p. 72.

libidinagem, desvergonha, barganteria, continua a reputar-se o mais torpe e dissoluto dos galicismos. «Não é português, é francês», diz FIGUEIREDO.¹

A fazer as delícias antepõem, ainda hoje, os entendidos na arte de escrever o torneio vernáculo, muito mais elegante, da nossa língua na frase de VIEIRA: «Esaú era as delícias da velhice de Isaque.» [Serm., I, 531. Ap. MORAIS.]

Preferir antes não reflecte o menor traço da elegância paterna, e não encontraria, entre os menos escrupulosos escrevedores, quem o imitasse.

Tratos, por episódios, lanços, rasgos históricos, era um cúmulo de francelhice, que havia de expirar, como expirou, do excesso da própria desenvoltura. Dá a lembrar, pela sua extravagância, tão contrária às grandes qualidades daquele escritor, o *chefe d'obra*, também de GARRETT, que o Sr. VASCONCELOS, autoridade insuspeita à boa escola da evolução histórica no estudo da linguagem, enumera entre «as palavras e frases em que a nossa língua anda conspurcada por ignorância e pedantismo».²

Estar ao fato, locução desprovida, em nosso falar, de regência e sentido, não desalojou o *estar ciente, estar em dia, estar inteirado, estar a par*.

Detalhe, com as suas derivações *detalhar, detalhado, detalhadamente*, vinha, com a audácia e o desasseio do mais tôscio barbarismo, sobrepor-se a um acervo de expressões vernáculas, sâs, correntias, sonoras, variadas, expressivas: *miudeza, minudência, particularidade, pormenor, circunstância, individualização, especificação, individuar, particularizar, circunstanciar, por menor, por miúdo, pelo miúdo, miudamente, minuciosamente, circunstanciadamente, particularizadamente* e muitas outras, análogas, ou derivadas. Esse lançou as radículas

1. *Lições*, I, p. 194.

2. *Gramát.* [III, IV, e V.^a classes], p. 198.

pertinazes do escalracho no mau terreno; mas no bom, na língua dos escritores onde se aprende a falar, não encontrou jamais senão repulsa.

O *ter lugar*, na acepção francesa, alguma coisa vai medrando, graças ao equívoco do seu significado exato, mas só entre escritores mediocres, ou descuidados.

Quanto ao *lutar de zélo*, por *competir, porfiar, rivalizar em zélo*, e o de *part et d'autre*, por *de uma e outra parte*, são fraquezas, desaires e aleijões, a que só não sucumbe o crédito de um GARRETT porque ao seu fulgor não há nódoas, que se não apaguem.

Grande mestre, mas de quem, ainda com mais razão na segunda parte da sentença, se poderá dizer como CASTILHO de FILINTO Elísio: «Fêz serviço talvez maior que nenhum dos clássicos; mas é de todos o menos para seguir às cegas.»¹

468. — Atribuía DUARTE NUNES a abundância das francesias na língua portuguêsa, acima de tudo, «às idas que os portuguêses faziam à França».² Nos indivíduos é especialmente sensível a influência dessas relações e dêsses contatos. A tendência de GARRETT para os estrangeirismos creio terá tido origem nas causas dessa natureza, que assinalam aquela vida, em que tamanha parte coube aos salões, à moda, às viagens e à diplomacia.

Quem ler as *Cartas do CAVALEIRO DE OLIVEIRA*, lá descobrirá efeitos semelhantes do influxo do ambiente estrangeiro sobre a forma do pensamento nos melhores escritores. Todos os prós têm nesta vida os seus contras; todos os benefícios, os seus descontos. Naqueles volumes, ordinariamente do melhor vernáculo, como nos de GARRETT, há galicismos às vezes impudentes e destemperados, como «*acordar favores*» [fr. *accorder*], por *conceder favores* [v. II, p. 210], *depois* [depuis].

1. *A Primavera*, p. 152.

2. *Orig. da Líng. Port.*, c. 11.

por *desde* [v. I, p. 439], *rasonável* [*raisonnable*], em vez de *ra-*
zoável [I, 227, II, 467, III, 211, 325], *maquinhão* [*maquignon*],
 em lugar de *alquilador* [II, 278], *seriosas* [*sérieuses*], por *sérias*
 [I, 267], *seriosamente* [*sérieusement*], por *sériamente* [I, 103,
 337.] E, assim como o autor do *Frei Luís de Sousa*, foi
 buscar ao *disappointment* inglês o *desapontamento* [v. XXIII,
 p. 322] e ao inglês *despondency* o seu *despondência*, em que
 ninguém mais ouviu falar, de novidades londrinhas semelhantes
 nos quis dotar o correspondente da condésssa de Vimioso,
 cobrindo vocábulos saxônicos com vocábulos português, como
 na expressão *Philosophical transactions*, esdrúxulamente apor-
 tuguesada em *Transações Filosóficas*. [V. II, p. 307.]

Mas o que neste assunto constitui a obra-prima do CA-
 VALEIRO DE OLIVEIRA é o tipo, que nos deixou, do francelho pe-
 tulante, satisfeito e alvar, na impagável criatura de um fâ-
 mulo, que *achatava* [*achetait*], quando queria comprar, tratava
 de *trupas* as *tropas*, trocava *bôlsas* em *bursas* [*bourses*], dis-
 farçava os seus *pensamentos* em *penseiros* [*pensées*], não *ne-*
glijava [*négligeait*] os seus deveres, e, com as surpresas e graças
 dêsse fraseado, era, nos dias úmidos e tediosos de Amsterdam,
 o *sulajamento* do amo.¹

Não ficam acima desta craveira, por menos que valesse
 o tarcel daquele fâmulo, os *chefe-d'obras*, os *esquissas*, os
deboches, os *debutes*, os *goches*, mais bem nascidos, mas não
 melhor formados.

469. — Que serviços faz ao seu estilo e à sua língua um
 bom escritor, cuja fantasia se compraz em disparzir como
 flores essas nódoas, sem necessidade, nem critério? Lastima
 FIGUEIREDO² a afrancesada construção, que o *Primo Basílio*
 e o *Padre Amaro* puseram em moda entre a mediocridade,
 propensa a arremediar os vícios, porque incapaz de imitar
 virtudes. Não é dêles que se gerou, para o escritor brilhante

1. *Cartas*, v. I, p. 331-38.

2. *Lições*, I, p. 225.

e original dessas novelas, a reputação justa e universal de estilista diserto, de prosador claro, elegante e donoso. Não foi do galicismo no frasear que lhe veio o transparente e cristalino da linguagem. «Casas brancas avistavam-se ao longe», «sons de piano ouviam-se a distância, e cauteleiros impertinentes assaltavam-me», «vozes esganiçadas de vendedores ambulantes punham no ar a nota viva», são outras tantas distorções e trejeitos de arremêdo estrangeiro, que invertem a corrente natural da linguagem, e toldam a límpida veia do pensamento. Certas monotonias da obsessão imitativa, sempre inclinada às formas adventícias, lhe voltam e revoltam periódicamente no discurso, como sestros, bordões, achaques e cacoetes. Entre outras, as locuções do verbo *pôr*, espécie de tique, amiúde e como de espasmo reiterado no aliás formoso aspecto daquela prosa: «*punha* um brilho»; «*punha* um traço de luz»; «*punha* uma tristeza»; «*pôndo* uma palpitação em cada peito»; «o fio d'água *punha* o seu chôro lento.» [Os *Maias*, v. II, p. 131, 342, 365, 381, 464.]

No estôfo da frase corada à estrangeira sobressaem de quando em quando, como jóias destinadas a ataviá-lo, galicismos de tôda a casta: uns antigos, relapsos, enxoalhados; outros no trinque, flamantes, desabusados, provocadores; êstes obscuros, mediócrates, dessaboridos; aquêles vistosos, enfunados, estrepitantes.

Aqui um *de resto*¹ «francês puro»²; ali um *Geneva*³, francíssimo nome de *Genebra*; além um *massacre*⁴, a que o *mor-*

1. *Os Maias*, II, 16, 18, 33, 100, 165, 162, 177, 182, 186, 189, 238, 249, 261, 262, 292, 339, 345, 364, 371, 398, 404, 413, 424, 431, 434, 441, 466, 494, 495. *Maias*, I, 229 e *passim*. *Fradique*: 26, 109, 152, 175, 68, 80, 178, 191, 220, 243.

2. C. DE FIGUEIREDO. *Liç.* I, p. 163. Assim pensa, ao menos, êsse ilustre filólogo. Cumpre, entretanto, notar que AL. HERCULANO [se não outros] muitas vêzes o perpetrou. Ex.: «*De resto* Faria aconselhava que el-rei fizesse espontâneamente e como por mercê as concessões.» [Hist. da *Inquisiç.*, v. III, p. 305.]

3. *Maias*, I, 209.

4. *Maias*, I, 122, 173.

ticínio, carnificina, matança, trucidão, carniceria tão bem nos forravam; adiante, um *debutar*¹, desnaturação feia, malsoante e pedantesca do nosso *estrear*; mais longe um *goche*² e um *gochemente*³, incríveis reproduções das homófonas palavras francesas, que o nosso idioma traduz vantajosamente por *dezasado, contrafeito, desastrado, constrangido, embaracado, acanhado, mal-ajeitado, desjeitoso*; agora um *costume*⁴, em vez do português *fato, andaina*; logo, um *confecção*⁵, em lugar de *roupa, vestido, artefato*; depois, um *unido*⁶, cópia ignara do francês *uni*, com a significação de *liso*, que em português lhe não pode caber; mais tarde, um *no fundo*⁷, arremedação do francês *au fond, em suma, na essência, em substância*, ou um *cabelo chato*⁸, *chereu plat*, desajeitada e infiel expressão de *cabelo escorrido*, ou *liso*; ora o *partager*, mal disfarçado em *partilhar*⁹, com a significação, que o nosso idioma lhe recusa, de *participar, compartir*; ora um *ter a*¹⁰, em vez de *ter que*, um *qualidades*¹¹, na significação de *virtudes, boas ou grandes qualidades*, um *amor por*¹², em vez de *amor a*, ou *amor de*, e

1. *Ib.*, p. 254, 257. Ver FIGUEIREDO, *Liç.*, II, p. 38, BARATA, *op. cit.*, p. 72, JOÃO RIBEIRO, *Gram.* [2.ª ed.], p. 297.

2. *Maias*, I, 25, 233. «Embaraçado». SOUSA, *Anais de D. João III*, p. 107.

3. *Maias*, II, p. 142.

4. *Ib.*, v. I, 340. Quando aliás bem conhece e, até, emprega o seu sucedâneo português *fato*. *Ib.*, 341 [duas vezes] e 367.

5. *Maias*, II, 396. Ver JÚLIO RIBEIRO, *Gram.*, p. 328, FIGUEIREDO, *Liç.*, I, 263.

6. *Maias*, I, 317, 346.

7. *Ib.*, II.

8. *Maias*, I, 155.

9. *Maias*, I, 182, II, 83, 401. Ver FIGUEIREDO, *Liç.*, v. I, p. 240.

10. *Maias*, II, 110, 111, 160, 294, 318, 414, 250, 346, 418. *Fradique*, 27. Ver JOÃO RIBEIRO, *Gramática*, p. 298.

11. *Maias*, I, 23.

12. *Maias*, I, 15, 441, II, 238, 244. Vide CARNEIRO, *Gram.*, p. 434, BELLEGARDE, *op. cit.*, p. 92-5, BARATA, *op. cit.*, p. 52.

até, novidade de primeira mão, um *saudade por*¹; umas vêzes, o grande *ar*², versão inepta do *ar livre*, os *détalhes*, esparsos em profusão³, com desprêzo de *pormenores*, que aliás lhe não esqueceu, mas como que não ousa empregar senão a vergonha e a medo⁴, o *fazer o conhecimento*⁵, *faire la connaissance*, pelo vernáculo *travar conhecimento ou relações*; outras, um *adresse*⁶, desfigurando o nosso *enderêço*, um *alcools*⁷, homenagem ao francês, em rebeldia com as regras vernáculas do plural dos nomes⁸, ou o *côlera*⁹, masculinizado em desprêzo das nossas leis gramaticais.¹⁰

Já não falo no *soirée*¹¹, cndenado pelo dr. CARNEIRO¹²; no *abat-jour*¹³, reprovado por JÚLIO RIBEIRO¹⁴, e que vernacularmente se diria *quebra-luz*, *guarda-luz*, *tapa-luz*, *sombreira*, *pantalha*, *bandeira*; no *toilette*¹⁵, desnecessário *travestissement de trajô*, *vestuário*, *vestido*, *vestidura*, *fato*, *vestimenta*; no *boudoir*¹⁶, cuja equivalência portuguêsa, *toileador*, o próprio EÇA várias vêzes utiliza.¹⁷

1. *Maias*, II, 445.

2. *Maias*, I, 74, 421. Os clássicos diziam também, na acepção de *ar livre*, «ar aberto». CAMÕES. *Obr.*, v. IV, p. 75. FILINTO. *Obr.*, v. II, p. 250.

3. *Maias*, I, 107; II, 79, 91 [-mente], 111, 392, 400, 408, 425 [detalhar], 443, 470, 477, 479, 482, 487, 293 [E logo apôs: pormenor]. *Fra-dique*, 74, 79, 131, 143, 153, 231.

4. *Maias*, I, 111; II, 293.

5. *Maias*, II, 198.

6. *Maias*, I, 105, 236, 250, II; 305, 398, 432.

7. *Maias*, II, 510.

8. FIGUEIREDO. *Liq.*, I, 138, 236; II, 216, 231.

9. *Maias*, I, 231.

10. FIGUEIREDO. *Liq.*, I, 85, II; 300. *Estrangeirismos*, 110-112.

11. *Maias*, I, 123.

12. *Gram. Port.*, p. 433.

13. *Maias*, II, 445.

14. *Gram.*, p. 328.

15. *Maias*, II, 106.

16. *Maias*, I, 45.

17. *Maias*, I, 75, 76, 575; II, 453. Ver CASTILHO, *Amor e Melancol.*, p. 269.

Com essas trocas do português em francês teria lucrado o discurso em colorido, em graça, em harmonia, em força, em clareza? Muito ao contrário. Coteje-se o *boudoir* ao *toucador*, o *abat-jour* ao *quebra-luz*, o *adresse* ao *enderêço*, o *detalhes* a *pormenores*, o *unido* ao *liso*, o *goche* ao *desazado*, o *adresse* a *enderêço*, o *massacre* ao *morticínio*, o *debutar* ao *estrear*, e logo se verá quanto descaí a expressão, em luz, em sonoridade, em transparência, em energia, das castas e belas formas vernáculas para os bastardos e aleijados arremedilhos franceses. Na aberração dessas preferências pelo vicioso, pelo maculado, pelo disforme não se pode enxergar o critério ou a intuição da arte: são os defeitos do temperamento do artista, as influências da sua leitura, as intermitências da sua atenção, os bocejos da sua indolência, as falhas da sua cultura mental e essa espécie de dandismo literário, enfim, que os hábitos pessoais se reflete na língua de certos escritores.

Nessas extravagâncias, nessas impurezas, nessas degradações da palavra continuará êle a exercer a sua justa autoridade, o seu ofício natural de atuar criadoramente sobre o idioma? Não pode ser. Quando tais empréstimos de povo a povo, recebendo o batismo pátrio das mãos de um mestre, acodem ao reclamo de uma idéia nova, de uma necessidade ainda não atendida, e passam inteligentemente pela moldagem nacional, ninguém os poderá tachar de intrusos. Mas locuções estranhas, inúteis, revêssas, trazidas a capricho e a martelo amanhadas, não se impõem ao uso popular, que não as reclamava, e, para as colhêr, tem de lhes sacrificar tradições antigas, relações naturais e formas superiores.

470. — Todos os idiomas vivos permutam uns com os outros. Seria desatino recusar êsses subsídios, tão inestimáveis quanto imprescindíveis, que se mutuam as línguas, enquanto não fossilizadas. Condenar, pois, em absoluto os estrangeirismos fôra não ter senso comum. Não são os galicismos em si mesmos o que se repele, mas a superfluidade

evidente, ou a ciueza indigesta, nos galicismos. Podemos importar de França *o que não tivermos*, e necessitarmos, contanto que o façamos, respeitando as leis da morfologia na história natural da gênese e transformação das palavras. Muitos vocábulos são hoje português, ninguém o ignora, que eram meramente franceses; e todos os prosadores, todos os poetas contribuem para esse capital de importação, essencial ao convívio dos povos civilizados.

Há de ser difícil deparar-se-nos «bom escritor, que não tenha perpetrado galicismo». Nos melhores, em geral, como GARRETT e LATINO, são principalmente verduras da mocidade.¹ Outros, como EÇA e RAMALHO, os vão semeando quase tôda a sua vida. Mas, para lhes dar legitimidade, não basta de per si só o nome resplandecente dos autores, que os adotam. Consultaram o gênio da língua? Obedeceram às exigências da língua? Observaram os moldes da língua? Bem-vindas sejam, nesse caso, as inovações. Não o fizeram? O bom siso, a ciência, a arte no-los mandam repelir.

471. — A questão, portanto, não é embaraçosa para os críticos de boa-fé. «O que se rejeita», diz FIGUEIREDO, «são os galicismos inúteis, *perfilhados pela moda ou pela tolice*, como *golpe de vista*², *chefe-de-obra*³, *detalhe*, *debutar*, etc., etc.»⁴ Nesse caminho, não há que andar muito do *élite*, do *reclame*, do *atelier*, do *nuances*, ao *parure*, ao *première*, ao *corbeille*, ao *rez de chaussée*, ao *recoltar*, ao *jovem filha*, ao *amusante*.⁵

Os gramáticos mais novos, mais estremes de ranço arcaico, mais versados nas teorias evolutivas da glótica mo-

1. FIGUEIREDO. *Liç.*, I.

2. «Golpes de vento» é de AL. HERCULANO, *O Bôbo*, p. 255.

3. Esta francesia vem de longe. Teve cunho oficial até em um edital da Mesa Censória de 23 de fevereiro de 1769. [FILINTO, *Obr.*, v. I, p. 45.]

4. *Lições Prát.*, v. I, p. 84.

5. *Ib.*, v. II, p. 134, 158, 204, 231, 310.

derna têm-nos prevenido contra os galicismos inconsiderados, injustificados, inadequados. JOÃO RIBEIRO adverte que muitos se nos foram introduzindo «por descuido, pela ignorância das fentes clássicas, pelo mau gôsto dos escritores, cu pelos caprichos da moda».¹ LAMEIRA e PACHECO os exemplificam em alguns do jaez de *bouquet*, *négligé*, *fauteuil*, *comité*, *coquette*, *petimetre*, *plateau*, *belo espírito*, *chefe d'obra*, *guardar o leito*, *deboche*.² JÚLIO RIBEIRO aponta-nos de amostra *confeccionar*, *abat-jour*, *afroso*.³ VASCONCELOS nos indigita como tipos de «*mil outras*» falsificações, «com que a nossa língua anda conspurcada por ignorância e pedantismo», *bloco*, *afazeres*, *recidivar*, *debutar*, *chefe-d'obra*, *golpe de vista*, *guardar o leito*, *fazer literatura*.⁴

472. — Ante essas lições, bebidas, não no sepulcrário das múmias antigas, mas nas fontes vivas do saber contemporâneo, que queria o sr. JOSÉ VERÍSSIMO que eu fizesse? «Certos jornalistas», escreviam, há anos, entre nós, dois homens de letras, «certos jornalistas, baldos de amor às excelências da viril linguagem portuguêsa, grandemente prezadas dos CAMÕES, BERNARDES, FILINTOS e outros, encaminham o esbelto idioma para o despenhadeiro dos barbarismos, solecismos e quejandas soezes corrutelas. Mudemos de política, de amôres, de vestuário, que tudo isso é moda; mas conservemos uma língua uniforme, que seja entendida de todos nós, sem atravancá-la de impurezas, que lhe desdoiram o brilho e lhe corrompem a índole.»⁵ Havia eu de

1. Gram. [10.ª ed.], p. 221.

2. Noç. de Gram., p. 504.

3. Gram. [6.ª ed.], p. 328.

4. Gram. Port. [III, IV e V^a classes], p. 199.

5. ARTUR AZEVEDO e ARTUR BARREIROS. *Revista do Rio de Janeiro*, 1877, p. 123 e 124. Ap. BELLEGARDE, *Op. cit.*, p. 45-6.

seguir, na elaboração de um código civil, o rasto do periodismo vicioso e descuidado? Nesse trabalho de incomparável responsabilidade, nesse trabalho impessoal e nacional, nesse trabalho destinado a transpor uma existência secular, era essa a norma que se me impunha? ou a de o vazar nos moldes menos impuros, ditados à nossa língua pelo uso mais es-crupuloso e pelos melhores escritores?

473. — Se já não há estrangeirismos defesos, tem razão o sr. JOSÉ VERFSSIMO. Se inda os há, *c'est une querelle d'allemand*, é uma rusga fútil êsse longo dissertar das necessidades inevitáveis da evolução no seio das línguas vivas, a que o ilustre crítico, o dr. CARNEIRO e a «Resposta» jocoséria do comissário parlamentar se entregaram a propósito das minhas emendas.

Tôdas elas se inspiraram em considerações tão simples, quanto irrefragáveis, a que os mais decididos evolucionistas em matéria de linguagem não recusam assentimento. Venham as novidades, embora ávenas, mas recebendo feição vernácula. Venham os estrangeirismos, assim transformados, contanto, porém, que sejam necessários. «Há um princípio genérico, de que se não deve desfitar a vista: é que não é lícito enxertar em o nosso idioma palavra estrangeira, destinada a representar uma idéia, que pode ser expressa por uma palavra portuguêsa.»¹

A êsses dois cânones me ative. São êles os que me inspiram objeções a vocábulos do feitio de *honorabilidade, propositalmente* e outros, o primeiro pela sua inutilidade e obscuridate, o segundo pela sua superfluidade e invernaculidade, os demais, todos êles, por motivos igualmente estribados nessa dupla regra, a que tôda a escritura limpa deve obedecer.

1. FIGUEIREDO. *Liç.*, I, p. 141-2.

§ 2.º

NEOLOGISMOS

«*Proptier egestatem linguae et rerum novitatem.*»

[LUCRET. *De rer. natura*, l. I.]

«O modo de aperfeiçoar a língua materna é enxertando nela o precioso das outras.»

[FILINTO ELÍSIO. *Obr.*, v. I, p. 99.]

«Imaginar que a língua portuguêsa, ou já a antiga, ou já a moderna, tocou a baliza da perfeição, é imaginar uma quimera. Só quem nunca escreveu, quem não sabe o que é escrever, tal pode imaginar.»

[*Ib.*, v. VI, p. 135.]

474. — A se ouvirem as lições, com que me favoreceram o sr. JOSÉ VERÍSSIMO, o dr. CARNEIRO e o signatário da *Resposta*, que me veio da câmara dos deputados, em nome da extinta comissão parlamentar, sobre o desenvolvimento do vocabulário nas línguas vivas, as suas variações incessantes, o perpétuo movimento de seu curso e a necessidade inevitável dos neologismos, crer-se-ia que eu contra êles houvesse lavrado alguma profissão de fé, e sistemáticamente os enjeitasse; quando outra coisa não fiz que rebater certas inovações dessa natureza, não enquanto *novidades*, mas enquanto novidades *ociosas e viciosas*.

Não há, porém, que admirar. Esse fato obedece, enquanto a mim¹, à constituição moral da atmosfera no período

1. Não tolera uma das nossas maiores autoridades vernáculas essa locução, que averba de «reverenda telice grammatical». [C. FIGUEIREDO. *Liç. Prát.*, v. I, p. 27, 33, 52; v. II, p. 26.]

Peço licença, porém de opor a êsse os votos de FILINTO ELÍSIO, CASTILHO e CAMILO: «Enquanto aos poetas modernos.» [FILINTO. *Obr.*, v. I,

nacional que atravessamos. O movimento de 15 de novembro, que dura ainda, fêz do neologismo política. A subversão da coroa repercutiu até no idioma, que falamos. Os homens de 1889 no Brasil tomaram aos de 1789 em França o barrete frígio, o título universal de *cidadãos* e a senha de *fraternidade*. Mas uma de suas mais extraordinárias aspirações foi a de substituírem o tratamento em terceira pessoa, nativo à indole da nossa língua, pelo de *vós*, generalizado a todos os estilos, a tôdas as situações e a tôdas as classes. Como a antiga maneira de correspondência verbal, ou escrita, se achasse associada à *mercê*, à *senhoria* e à *excelência*, com que a democracia indígena supunha deslustrar os seus foros, imaginou-se que aquêle pronome, convertido em instituição republicana, eliminaria essas desigualdades suspeitas, livelando todos os graus da escala social, desde o chefe do estado até os serventes, sob uma fórmula de cortesia comum. Só o *vós* poderia desempenhar semelhante missão, entendendo-se, talvez, que para ela a semi-cerimônia do *tu*, ou do *você*, exprimiria familiaridade exagerada. Era o neologismo arvorado em régimen de governo. Tamanha é, porém, a tolice humana, que o ridículo exemplo da nossa chancelaria chegou a se dis-

p. 247.] «Enquanto ao dar acusativo aos verbos.» [Ib., v. V, p. 106.] «Enquanto à pcpma funeral.» [Ib., v. VI, p. 207.] «Enquanto à mancira de enviar-lho.» [Ib., v. XII, p. 138.] «Enquanto a mim, entendo.» [Ib., p. 248.] «Enquanto ao rouxinol ser o arauto da primavera.» [Ib., v. XIII, p. 158.] «Enquanto às alusões mal vertidas.» [Ib., p. 185.] «Enquanto a mim, o digo.» [Ib., p. 289.] «Enquanto ao ccmo as cabras colhem a goma do sargaço.» [Ib., v. XIV, p. 86.] «Enquanto ao dinheiro.» [Ib., v. XVII, p. 145.] «Enquanto ao desfrutar os prazeres da vida.» [Ib., v. XVII, p. 42.] «Enquanto ao corpo e enquanto ao ânimo.» [Ib., p. 44.] «Enquanto a graças, mercceis-vos ambos.» [CASTILHO. *Os Amôres*, v. I, p. 84.] «Lá enquanto à mæczinha, adeus.» [CASTILHO. *Fausto*, p. 232.] «Enquanto às curiosidades geográficas dos gauleses.» [CAMILO C. BRANCO. *Os Mártires*, v. I, p. XVI.] «Enquanto à influênciia do romance nos costumes.» [CAMILO. *O Esqueleto*, pref., p. 1.]

tinguir até sobre as relações íntimas, e começamos a ver nas cartas particulares e nos diálogos usuais a segunda pessoa do plural suceder mal-ajeitadamente à terceira do singular, em que sempre nos entendêramos, desde que o português é português.

Destarte obrigamos a língua a cantar a *carmagnole*. Cuidávamos estar dêsse modo a imitar a França, a santa madre intelectual dos povos latinos. Mas em França a paixão igualista fizera coisa bem diversa. Na época em que as bajulices dos gramáticos, acaudilhados por DOMERGUE, vaticinavam ao povo soberano a extinção do *Monsieur* e do *Madame*, «incompatíveis com o vocabulário de um povo cuja mais bela prerrogativa consiste na igualdade», o *vós* era apontado à indignação das camadas populares, e o *tu* entronizado na pragmática oficial. Debalde se esforçou LA HARPE, com todo o peso das suas letras, por demonstrar, na Escola Normal de Paris, que o tratamento de *tu* era peculiar ao despotismo: foi o *tu* que prevaleceu na *Comissão de Salvação Pública*, na *Convenção* e, até, nos exércitos franceses, de onde só em 1795 se aboliu.

Na essência, porém, revolucionários brasileiros e revolucionários franceses estavam de acôrdo. Uns e outros se inspiravam na mesma veleidade: a que o padre GREGÓRIO acalentava, ao terminar uma das suas famosas arengas, apresentando aos reorganizadores da França «o vasto projeto de revolucionar a língua». Essa concepção estulta de uma revolução lingüística mediante golpes de autoridade, oficial, ou literária, ainda ao raiar do século passado inspirava a MERCIER a sua célebre *Neologia*. Mas o fato é que, entre as chamas do brasido revolucionário, nos dias de sua mais violenta deflagração, uma coisa tinha de acôrdo a girondinos e jacobinos: a reverênciâ do antigo falar nacional. MERLIN era metido a riso, por usar, na tribuna, do vocábulo *publicista*, que se havia por não consagrado, e na obra parlamentar de VERGNAUD, DANTON, SAINT-JUST, ROBESPIERRE não se de-

para com¹ um só vocáculo inovado por êsses grandes subversores.²

475. — Quase todos os maiores artistas da prosa e da poesia, entre os franceses, no século passado, tinham contra as inovações do vocabulário prevenções enraizadas. CHATEAUBRIAND constituía entre êles a grande exceção. Mas êsse era em tudo CHATEAUBRIAND. Primeiro e único entre os maiores, reunia no mais alto grau as qualidades literárias dos verdadeiros criadores, e às suas criações comunicava o sôpro de um gênio habituado a talhar formas imortais. Fora daí, todos os mais estavam pela regra de «aceitar cautamente a neologia, isto é, a admissão das palavras necessárias, mas fugir o neologismo, a saber, a inovação injustificada».

Hugo tinha o neologismo por miserável recurso da incapacidade. «São os vocábulos novos», dizia êle no prefácio do *Cromwell*, «os vocábulos inventados, os vocábulos artificiais, são êles que destroem o tecido de uma língua.» *Moderne, positivisme, utilitarisme* eram, a seus olhos, heresias.³ *Parlamentarisme* inspirava-lhe um movimento de frenesim contra Napoleão III, «êsse acadêmico de golpe de estado»⁴ Em dez das suas obras poucos neologismos, realmente tais, logrou apurar um esmerilhador minucioso.⁵ «Le tout est

1. Bem que em geral a notem de incorreta preclaras autoridades, a sintaxe *deparar com* encontra amparo freqüentíssimo nos escritos de FILINTO ELÍSIO. Ver-lhe as *Obras*, v. I, p. 82; v. V, p. 62, 112; v. VI, p. 84, 197, 302, 315; v. XI, p. 16, 18, 99, 112; v. XII, p. 37, 88, 135, 199; v. XIII, p. 71, 124, 207, 286; v. XIV, p. 2, 42, 81, 257; v. XVII, p. 70; v. XXII, p. 56.

2. FERD. BRUNOT. *La Langue Française. Na Histoire de la Langue et de la Littérature Française*, publ. sous la direct. de L. PETIT DE JULLEVILLE, vol. VII [1899], p. 822-3, 833-5.

3. *Le Rhin*, p. 166. *Choses vues*, n. 160.

4. *Napoléon le Petit*, p. 213.

5. HUGUET. *Le néologisme chez V. Hugo*.

fort peu de chose», diz FERD. BRUNOT. «Encore Hugo environne-t-il ces mots de formules d'excuse.» GAUTIER acendia-se em ira com a incursão dos estrangeirismos. Raríssimos foram os criados por élle, ou por MUSSET. FLAUBERT pensava que as formas existentes poucas eram para as coisas. «De là la torture des conscientieux.»¹ Tímido no inovar, entretanto, era à tradição que se aferrava, e na escola dos grandes escritores de outros tempos se matava em escavar «*le mot propre*», o vocabulário consubstancial à idéia, carne do pensamento, específico e insubstituível na sua função de o revestir. Só ante a necessidade absoluta capitulava em transigir com o espírito de inovação.

Bem sei que depois, adindo à sucessão de CHATEAUBRIAND e de BALZAC, os grandes inovadores, vieram os GONCOURTS, os DAUDETS, os BAUDELAIRES, os BANVILLES, os ZOLAS, os impressionistas, os naturalistas, os realistas, os simbolistas, e a anglomania, e a ciência, e a tribuna, e a imprensa, imaginando, forjando, engendrando, importando, amalgamando, tumultuando, carreando, golfando para o vocabulário, para a sintaxe, para a rua, para as letras, para a especulação, para o trabalho, para a vida uma torrente de formas inesperadas, cambiantes, revolucionárias, que desbordam o léxico, embatem a sintaxe, e deixam em caminho a barreira das tradições, como os rochedos que o rio desapoderado açoita, e abandona, borbotando.

É, todavia, aos preservadores e mineiros da tradição como FLAUBERT que se agradece o haverem «aumentado a fôrça de resistência do idioma, recuando a vitória da barbaria».² Se a um jurisconsulto, porém, ciente das responsabilidades de sua missão ali pedisse a matéria, onde se inscreva a epigrafia dos códigos civis, não a iria buscar à areia inconstante das aluviões: teria de pedi-la ao mármore

1. *Correspondance*, v. II, p. 199.

2. PAUL BOURGET. *Ess. de psychologie contempor.*, p. 169.

daquelas canteiras impolutas, onde RENAN, «o quase único», talhava na pureza das formas consagradas as finas linhas do seu pensamento.

476. — Não há língua definitiva e inalteravelmente formada. Tôdas se formam, reformam e transformam continuamente. Quem o não sabe? Que homem de medianas letras hoje o ignoraria? Dessa trivialidade vulgaríssima não estaria informado JÚLIO RIBEIRO, para quem não tinha segredos o progresso da glossologia hodierna? Era êle, contudo, quem dizia: «*A mania do neologismo é das mais detestáveis. Os neologistas não passam de deturpadores da língua.*»¹

477. — Quais são, pois, os vocábulos novos, sobre que não recai esta censura? Os que, «formados por boa analogia», responde o professor CARNEIRO, «correndo com o cunho ou sêlo nacional, sem desvirtuar o caráter de nossa língua, concorrem para lhe enriquecer o vocabulário, fazendo-a corresponder ao movimento progressivo dos povos que a falam».²

Nesses caracteres da neologia admissível me firmei, para contestar as palavras, cujo ingresso ao código civil ousei contrastar. Argüi-as de não responderem à exigência da necessidade. Argüi-as de virem enxoalhar, em vez de enriquecer, o nosso léxico. Argüi-as de contravirem ao gênio da nossa vernaculidade. Argüi-as, por derradeiro, de se não formarem segundo a boa analogia. Estábamos, portanto, de acordo nos princípios. Onde o não estávamos era na aplicação.

478. — Esses princípios, definiu-os com a singeleza e a exação da ciência nos assuntos de acordo universal o sr. RIBEIRO DE VASCONCELOS, estabelecendo as regras do «pro-

1. *Gram. Port.* [6.^a ed.], p. 352.

2. *Gram. Filosof. Port.*, p. 436.

cedimento, que devemos ter em face de um neologismo». Profundamente embebida nos métodos e noções da lingüística moderna, a sua *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* traça cuidadosamente, a tal respeito, entre a inovação e a tradição o limite natural.

«Sendo» [o neologismo], diz êle, «de origem literária, podemos aceitá-lo, se corresponder a uma necessidade da língua, que porventura não tivesse até ali palavra para exprimir nítidamente aquela idéia, ou se corresponder pelo menos a uma conveniência, por ficar a expressão mais nítida, vigorosa e pitoresca da idéia significada. Mas, não estando nestas condições, tal neologismo deve ser rejeitado como inútil e deturpador da vernaculidade da língua.

«Se fôr de origem popular, deve ser admitido no caso de exprimir um fato novo, que não tenha expressão na língua. Mas se é apenas uma outra expressão de um fato antigo, que na língua já tinha expressão adequada, é condenável em princípio, e devemos combatê-lo quanto possível, antes de entrar no uso comum. É necessário manter o respeito pela tradição, e lutar neste sentido, segundo aconselha a sã razão e os mais importantes interesses da literatura. Mas, se apesar disso o neologismo vinga, e é aceito pela maioria, temos então de nos curvar.»¹

Essa resistência exprime a fôrça conservadora das línguas, tão essencial à existência delas, quanto o são as suas tendências de expansão e progresso. Os *puristas*, de que zomba a leviandade ociosa e gárrula, constituem, à disposição daquela fôrça, um elemento de solidez e durabilidade. Só os frívolos, ou os ignorantes, lhes não reconhecerão, como lhes reconhece êsse aplicador inteligente da observação histórica aos fatos gramaticais, «o relevante serviço, que prestam, combatendo as importações injustificáveis ou pedantescas.»²

1. P. 94.

2. *Ib.*, p. 119.

479. — Em relação a mim, porém, a nota de *purismo*, isto é, de oposição desenganada e sistemática às neologias, encontra no próprio substitutivo e suas notas a prova do falso testemunho, que me levanta. Ali, como em todos os meus escritos, não faltam palavras de toque moderno, verdadeiros neologismos, alguns de minha própria lavra, justificados pela sua utilidade e boa adaptação às formas portuguêsas. Quem escrevera antes de mim a apologia do adjetivo *estadual*, ainda recentemente impugnado não sei por que escritor de nome como um dos exemplos da anarquia trazida até ao idioma nacional pelo régimen republicano? Extensa apostila minha ao projeto demonstra a improcedência dessa censura. O vocábulo é bem formado e indispensável. Logo, deve ser naturalizado.

A mesma linguagem teria eu acerca de quaisquer outros, que preenchessem ambas essas condições. Não tomou CASTILHO ANTÔNIO como «autorizados pela suprema lei da necessidade» ao vocabulário especial da administração francesa térmos ingênicos e privativos à organização política da França, como *arredondamentos, meres, merias*?¹ Entretanto o cunho desses nomes é mui inferior ao do adjetivo *estadual*, moldado no tipo de inúmeros outros, que do latim adotamos. Depois, não se fazia mister grande esforço, para contestar a precisão daqueles três substantivos, que, franceses de origem, não têm objeto, a que se apliquem, fora dos países franceses; ao passo que a urgência de um qualificativo, para designar a situação dos estados e suas relações mútuas nas federações e confederações hodiernas, correspondendo nestas ao de *provincial* nos governos centralizados, se há de impor ao falar de tôdas as nacionalidades, em cujo seio penetre aquêle régimen.

A questão do *molde vernáculo*, nessas adoções, é quase tão fundamental, quanto a da *necessidade*. A forma adequada imprime ao oiro estrangeiro o cunho nacional. Tresfoliar, digamos, assim, quase letra a letra, como se tem feito,

1. *Colóquios Aldeões*, p. XVI.

por exemplo, sob o pretexto de necessária, uma palavra de nacionalidade francesa, derivação francesa e fisionomia francesa, qual é a de *féerique*, mudando-a, com a diferença de ligeiro traço, nesse *feérico*, a que tantas penas e tantas liras se têm rebaixado, é não ter o menor senso da nossa língua. CASTILHO, seguindo à portuguêsa a gestação do vocábulo estranho, verteu *féerie* por *fadaria*¹, que em *fidalgarias*, *figurarias*, *fradarias*, *gafarias* tem antecedências da melhor nota. É até onde se poderia chegar na adaptação daquele grupo de formas estrangeiras. O adjetivo *féerique* não pode ser transportável senão mediante deformação escandalosa, e em português não soa coisa que se entenda.

Tais os neologismos a que eu resisto, e me envergonharia de ceder. Pôr de compostura à descarada nudez de palavras ou frases estrangeiras uma leve alteração literal é contrabandear sôrdidamente de uma a outra língua. Nem traduzir sabem, às vezes, os autores dêsses esquálidos atentados. Foi o que se deu, quando o calão político, entre nós, forjou o *Saúde e Fraternidade*. Em *fraternidade* não havia por onde errar. Mas com o *salut* tomaram-lhe as vozes pelas nozes. *Saudar* é como o poderiam traduzir os nossos maiores, segundo o estilo das cartas régias: «Eu el-rei vos envio muito *saudar*.» Que fizeram, porém, os nossos manipuladores? *Salut* puxava no aspecto a *saúde*. Superpôs-se, pois, um vocábulo ao outro. Os sons predominantes condiziam. Estava, logo, achada a tradução, fazendo, como se usa em pintura, por estresir um debuxo de outro, com os sobrepor, e copiar pelo contorno: *saúde* era o vulgar de *salut*.²

1. *Sonho de uma noite de S. João*, p. 206 e p. V. das notas finais.

2. Não é nova da minha parte esta maneira de ver. Sempre a tive, desde o *Governo Provisório*, e várias vezes de público a exprimi.

Em português sempre se verteram por «*saudação*» [não *saúde*] e «*bênção apostólica*» as palavras da fórmula papal «*Salutem et apostolicam benedictionem*» nas bulas e diplomas da Santa Sé. [BLUTEAU, *Vocab.*, v. VII, p. 511.]

480. — Refugar os neologismos insensatos, incorretos, ou informes não é proscrever o neologismo. Quem o praticou jamais tão deliberada, profusa e intrépidamente como o latinista CASTRO LOPES? Entretanto, quando o *Dicionário de AULETE* e a sétima edição do de MORAIS lhe depararam, com a nota de necessário à língua portuguêsa, o vocábulo *comité*, por êles mesmos aliás apontado como equivalente de *junta*, não se teve que não exclamasse: «Parece que todos perderam o juízo.»

Não haviam mister de se arrimar a LATINO COELHO os apologistas do projeto, para me convencer de que «o neologismo é uma necessidade fatal». Nunca o duvidei. Sou que o festejemos, até, como progresso auspicioso. Reconheço a necessidade fatal dos neologismos precisos e decentes. Com a fatalidade, porém, dos inúteis e disformes é que não quero transigir.

Estaremos entendidos? Já o devíamos estar, se eu fôsse julgado pelo que escrevi, e não pelo que a crítica se compraz de me atribuir gratuitamente. Salvos³ os casos de necessidade, ou utilidade, e boa adaptação vernácula, voto contra o neologismo. Dados êsses casos, não vacilo até em lhe assumir a iniciativa.

Do mesmo modo se há de trasladar o *salutem* usado dos latinos ao começo das suas cartas e equivalente sempre a «*saudações, cumprimentos*». [FREUND, v. III, p. 156.]

O *salut* francês, portanto, descendente desse estilo romano, quando usado ao terminar de uma carta, quer na forma vulgar «*salut et amitié*», quer no «*salut et fraternité*», que a simiesca imitação republicana introduziu no Brasil, há de traçuzir-se por *saudações*, ou *saudaço*. Não por *saúde*. Pedem verificá-lo no LITTRÉ, v. IV, p. 1814, v.º *salut*, n.º 4, e p. 1815, syn.

2. A C. DE FIGUEIREDO parece êrro a pluralização desse vocábulo. [Lições, I, p. 98.] Muitos exemplos nos dão, porém, os clássicos desse uso. Tenho à mão dois: «E foram à porta da traição, e quebraram os fechos, e saírem fera, *salves* três, que foram tecidos, e deitados do castelo abaixo.» [DUARTE NUNES. *D. João I*, c. 76, p. 362.] «Salvas as legítimas consequências do matrimônio.» [CAMILO. *Memór. do Cárcere*, v. II, c. 31, p. 136.]

§ 3.º

ARCAÍSMOS

«É caso mui digno de notar que os meus críticos de água doce não me acusem senão de palavras antigas... Ora êsses que me argúem de antigualha, tomem o trabalho... e contem as palavras antigas, e vão ao mesmo tempo fazendo outro rol das modernas, e, feita a soma, verão que por uma antiga, que a necessidade do assunto, ou a redondez da frase me inclinou a usar, encontrarão com vinte modernas, que talvez me granjeariam a acusação de modernista.»

FILINTO ELÍSIO. *Obr.*, v. I, p. 55-6.

«Deixemos essa ridicularia de querer campar por amigo de Azurara e Castanheda. A palavra que mais enérgica me explica o pensamento, é a de que lanço mão, sem lhe perguntar de quantos anos é.»

Ib. v. VI, p. 142.

Verba licet renovare.

VIDA, l. III de *Art. Poet.*

«Por que, a trôco de uma dúzia de palavras, que tomamos emprestadas de fora, havemos de pôr em esquecimento um cento das domésticas?»

ANT. PER. DE FIGUEIREDO. *Memór. de Lit. Port.*, v. IV, p. 21.

481. — O gôsto da antiguidade levado ao arcaísmo, isto é, a mania de rejuvenescer inútilmente formas anacrônicas, ininteligíveis ao ouvido comum na época em que se exumam com o vão intuito de as modernizar, avulta entre os mais ridículos e insensatos vícios do estilo, no falar idiomas vivos. É, todavia, um dos achaques, de que me acaba de fulminar a nota o concurso dos censores do meu trabalho

sôbre a redação do código civil. Desta assacadilha me não defenderia eu, se a devesse apenas à gente que HERCULANO definiu, aludindo aos «críticos de fôlego curto e letras rabudas».¹ Mas, com os que vêm dar regras dêste assunto, sem saber de todo em todo o que dizem, também os há daqueles que o bom Fr. Luís de SOUSA classificava de «sujeitos grandes em virtude e letras»². De «algum político, mau gramático e pior cristão»³, que se esteja a saborear⁴ dos seus remoques neste sentido à minha prosa, mais que vingado me dou pelo próprio nome que os assina. Mas não posso votar ao justo desprezo dos *falsi et audaces emendatores*⁵ um crítico do porte do sr. JOSÉ VERÍSSIMO, ornamento do seu gênero entre nós, *vir in cognoscendis rebus multi studii*⁶, nem um filólogo da reputação do professor CARNEIRO, *multi nominis Romae grammaticum*⁷. Bem que de ambos êsses «as suas grandes letras, aviso e prudência»⁸ me autorizassem a esperar outra

1. *O Monásticon*, v. I, p. 181.

2. *Vida do Arcebispo*, I. II, c. 34. [V. I, ed. de 1890, p. 422.]

3. VIEIRA. *Sermões*, v. II, p. 115.

4. Rejeitado por C. DE FIGUEIREDO. [Liç. Prát., v. I, p. 93.] Tem, entretanto, abonos de primeira ordem:

«Nesta própria hora, já tão remota, *me estou eu* ainda saboreando como presente nos feitiços do meu Lago dos Cedros.» [CASTILHO. *Am. e Melancol.*, p. 312.]

«Que frutos se puderam ter colhido, sabem-no já, por *se estarem* nêles saboreando, muitas povoações do império.» [CASTIL. *O Outono*, p. 53.]

«Baldaque saboreava-se não do tom prelecionador da dama, que não o tinha...» [CAMILO. *O Carrasco*, p. 123.]

Nem é invenção dos modernos clássicos essa forma pronominal do *saborear*. Já BLUTEAU, há quase dois séculos, a registava como portuguêsa; «*Saborear-se* de alguma coisa. Deleitar-se nela. *Saborear-se* pelas delícias da carne sem resguardo.» [Vocabulário, v. VII, p. 415.] Muito antes dêle na *Alma Instruída*, t. II, p. 467 [citada por êsse vocabulista] se escrevera: «*Saboreando-se* pelos vícios, sem guarda, nem resguardo.»

5. AULO-GÉLIO, II, 14.

6. *Id.*, II, 28.

7. *Id.*, II, 3.

8. Fr. Luís de SOUSA. *Vida do Arcebispo*.

eqüidade, outro critério e outro acerto, mais que tudo pode comigo a sua merecida autoridade e a consideração, em que me habituei a tê-la. A todos, pois, «vá pelo direito o seu direito».

482. — Nem a estima que inspiramos, porém, nem o magistério que exercemos nos autoriza a aventurar acerca de outrem sentenças fulminatórias, que se não acompanhem da prova. Nesse dar por líquida uma arguição, que nunca ninguém me irrogara, qual a dessa «afetação de purismo», qual a dêsse «muitas vêzes mal inspirado gosto de arcaísmo e de expressões obsoletas», com que me regala o sr. JOSÉ VERÍSSIMO, disso, tirado o tom oracular do crítico, nada resta. Quando mesmo¹ pudesse caber-me a increpação de *purismo*, que me encara lado a lado com essa, as duas pelo braço do ilustre escritor, justificada uma, nem por isso a outra estaria comprovada. O inimigo dos neologismos pode igualmente sê-lo dos arcaísmos. Uns e outros se propõem a lutar contra a fatalidade das leis naturais, êstes restaurando o passado, aquêles antecipando-se ao futuro. Bem podia suceder, pois, que eu fôsse o mais intransigente dos puristas, e, entretanto, não admitisse com o arcaísmo relações de espécie alguma.

Onde, porém, os documentos do meu *purismo*? Purismo, no sentido pejorativo do vocábulo, é a superstição da imo-

1. *Mesmo*, na significação de *até*, ou *ainda*, é mui freqüente entre os clássicos do nosso tempo. Haja vista os exemplos disso em CASTILHO: *Arte de Am.*, v. I, p. 29, 109; *Amôres*, v. III, p. 29; *Amor e Melanc.*, p. 202, 279, 298, 232 [duas vêzes], 237 [três vêzes], 379, 383, 398, 407; *Arte de Metrificaç.*, p. 2; *Fastos*, v. I, p. 21. *Felicidade pela Instrução*, p. 7, 25, 44, 55, 59, 68, 86; *Tosquia de um Camelo*, p. 11; *Fausto*, p. 22, 239, 243, 277; *Outono*, p. 73; *Colóquios Aldeões*, p. XII, 3, 31, 40, 48, 74, 113, 124, 137 [duas vêzes], 140 [duas vêzes], 141, 172, 177, 207, 221, 232, 238, 392.

Já FILINTO ELÍSIO o empregava amiúde no mesmo sentido. Ex.: *Obras*, v. II, p. 87, v. IV, p. 89, v. V, p. 303, v. VI, p. 158, v. XII, p. 137, 226.

Não me parece, pois, que tenha razão o SR. C. DE FIGUEIREDO em o condenar, como faz. [*Liç. Prát.*, v. II, p. 78.]

bilidade do idioma numa fase delimitada pelos últimos escritores que se cotaram com o aprêgo dos mestres. Fixada a imutabilidade vernácula com essa rigidez inflexível, tôdas as formas, que não couberem no inventário exato do classicismo, incorrem na averbação de viciosas, tão-sómente porque novas, embora de bom préstimo, boa origem e bom cunho. Em sendo neologias, dado que necessárias e bem nascidas, não se tolerem. Mereci, acaso, por algum feito em coisas de linguagem, que de tal me culpassem?

Não. As novidades que refuguei, não passam de meia dúzia, e não as refuguei porque novidades, mas porque desnecessárias e bastardas: *propositamente, honorabilidade, agir, desvirginar, afetar, autoral*. De cada exclusão dei os meus motivos. E nenhum dêstes estribava no culto da invariabilidade clássica. Todos, pelo contrário, pressupunham e reconheciam a natureza orgânica, evolutiva, progressiva da língua. O a que se opunham, era ao arbítrio, ao desenfreio e à anarquia na invenção neológica. Uma língua é um organismo vivo; mas, por isso mesmo, não será lícito garfar-lhe¹

1. Tem esta palavra contra si a autoridade do SR. C. DE FIGUEIREDO, que lhe nega a existência. [Liq. Prát., v. II, p. 114-15.]

CASTILHO ANTÔNIO, entretanto, a empregou num dos seus mais esmerados trabalhos, a versão das *Geórgicas*:

«Dois modos há de enxerto: um *garfa*; outro *inocula*.»

[E. II, p. 77.]

«Quem pretende *garfar*, degola o tronco liso,
Racha-o à cunha, e embebe-lhe o preciso.»

[Ib., p. 79.]

«Mas também o *garfar* nos gêneros varia.»

[Ibid.]

E por que não *garfar*, de *garfo*, na acepção, que todos os dicionários, inclusive o de FIGUEIREDO, lhe atribuem, como termo agrícola, de galho, rebento, renôvo, ou borbulha, com que se faz um dos gêneros de enxertia?

O próprio FIGUEIREDO regista, depois de MORAIS, *garfar* na significação de «mexer ou raspar com o garfo». Não será igualmente natural a derivação *garfar* no significado técnico de *enxertar de garfo*, ou *fazer garfos* de enxerto? Eu sempre o ouvi entre jardineiros e pomareiros neste sentido, que aliás o testemunho clássico de CASTILHO mostra não ser neologia.

quantos enxertos se quiserem, ainda que de um hibridismo irredutível à natureza. Viessem as neologias, mas bem reclamadas, bem derivadas e bem moldadas. Com êstes requisitos não afinavam aquelas. Por isso as enjeitei. Nenhuma satisfazia à cláusula da necessidade. Corram-lhes o indículo: *autoral*, *desvirginar*, *agir*, *honorabilidade*, *propositamente*. Por cada uma nos sobram quatro, seis, doze ou mais sucedâneos, qual a qual mais corrente, mais são, mais expressivo, mais feliz. Tomem-se agora um e um de per si: não preenchem ora esta, ora aquela, das outras condições. Adotar neologismos, para decair e piorar, como de *deflorar* para *desvirginar*, de *obrar*, *operar*, *atuar*, para *agir*; neologismos para substituir, sem vislumbre de proveito, excelentes expressões vernáculas, como *intencionalmente* por *propositamente* ou *direitos de autor* por *direitos autorais*; adotar neologismos nem suscetíveis, sequer, de função ou significado precisamente definível, como *honorabilidade*; adotar neologismos, como o *afetar* na significação francesa, meramente por imitar o francês, usurpando a outros vocábulos acepções por êles melhor desempenhadas, seria bastardear, chibar e pedantejar com ouropéis estrangeiros, únicamente por amor do pedantesco, do novo e do bastardo.

Nem ao menos aquêles neologismos tinham por si a prescrição adquisitiva, essa *prescrição* de que nos falava LITTRÉ nos seus *Études et Glanures*.¹ Não conheço escritor português de algum nome, ainda no grupo dos mais rebeldes ao classicismo, como RAMALHO, EÇA e OLIVEIRA MARTINS, que usasse de um *propositamente*, de um *honorabilidade*, de um *agir*. O *autoral* nasceu ontem, numa lei brasileira de 1898, e ainda nos está a rechinhar da forja. O *desvirginar* teve genitor; mas ainda não tem padrinhos. Exerçam primeiro as letras a sua função digestiva e assimilativa dêsses vocábulos no organismo do idioma. Antes disso está por saber se êle definitivamente os absorverá, ou rejeitará.

1. Pg. 54.

Depois, se no fazer do que lhe é próprio, do que não empenhará senão a sua responsabilidade, e só por sua conta e risco há de correr, assiste ao escritor liberdade, para desferir o vôo pelas regiões da fantasia e da moda, já não tem a mesma largueza de ensanchas o codificador das leis nacionais. Esse, a não ser que legisle para novas relações jurídicas, desconhecidas ao uso popular e às letras do idioma, só no patrimônio inconcusso dêste, no seu cabedal assente, no reservatório da sua mais estreme vernaculidade, se há de ir sortir das formas da linguagem. Por que, entre uma palavra legítimamente portuguêsa e uma palavra de vernaculidade contestável, havia preferir² eu a de cunho talvez espúrio

I. Alista o professor CARNEIRO no seu rol de solecismos as locuções *havemos ver*, *havemos vir*, isto é, tôdas as vozes compostas em que entre o auxiliar e o verbo não medear o *o de*. Mas destarte põe de solecistas os nossos melhores clássicos, talvez a todos êles, antigos e modernos.

Vão em prova alguns textos.

«Ca dos synais e ventuiras os boos homeēs nam *ham fazer* conta.» [D. DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 86.]

«A umas senhoras que *haviam ser* terceiras.» [CAMÕES. *Obr.*, v. V, p. 137.]

«Cassandra disse de Tróia
Que *havia ser* destruída.»

[*Ib.*, p. 165.]

«*Haveis deixar* entrar a todos.» [*Ib.*, v. VI, p. 170.]

«*Havias meter-me* d'amôres com ela.» [JORGE FERREIRA. *Eufrós.*, a. I, c. 6.]

«Para que entendêssemos que no obrar em serviço de Deus não *havíamos* só atender a obrar assim a vulto, e de por junto.» [BERNARDES. *Luz e Calor*, n. 115, p. 92.]

«Mais considerei o que *havia dizer* ao vosso Cristo.» [*Ib.*, n. 124, p. 103.]

«Tanto que o matassem, se *haviam* lançar a correr ao castelo.» [DUARTE NUNES. *D. João I*, c. 42, p. 168.] «Aquela noite, em que

à de genuíno cunho? Isso inda supondo iguais em merecimento os dois vocábulos a todos os demais respeitos. Admiti, porém, que a essoutros aspectos, o antigo sobreexceda em boas qualidades ao novo. Que nome teria então a insensatez de antepor o segundo ao primeiro? Ora é o que sucede em relação a tôdas aquelas neologias.

Isto que ao progressismo filológico do crítico fluminense e do gramático baiano cheira a râncido purismo, encarem-no êles embora a sorrir do alto da sua superioridade, foi o exemplo

haviam ancorar sobre a cidade.» [Ib., p. 437] «A que êle chamava madre piedosa, havia já achar madrasta injusta.» [Ib., D. Afonso V, c. 21, p. 199.] «Havendo-se embarcar aos vinte dias de outubro.» [Ib., c. 24, p. 212.] «Homens que o haviam desamparar.» [Ib., c. 58, p. 416.]

«Algum dia havia o senhor calçar com o meu sapateiro.» [D. FRANC. MANUEL. *Espanáforas*, p. 111.]

«Porém nós havemos já agora ouvir o fim da história.» [Ib., p. 146.]

«Ainda que o senhor o fôra de terras e de muitas rendas, lhe afirmo se havia render a uma senhora.» [Ib., p. 149.]

«Havia experimentar fragilidades.» [Ib., p. 151.]

«Agora lhe havemos nós passar uma banda de mosquetaria.» [Ib., p. 176.]

«Aquela bandeira d'el-rei de Portugal não havia deixar ganhá-la aos turcos sem nódoas de seu sangue.» [JACINTO FREIRE, IV, 88.]

«Feito pois diligente exame, hão-se confessar.» [VIEIRA. *Serm.*, v. III, p. 180.]

«Pois por ser morto violentamente, se haviam afrontar de sua geração.» [Ib., p. 270.]

«Nem sua alteza havia de crer tal palavra, nem se havia fiar de tal seguro.» [Ib., v. VI, p. 94.]

«Mas há-lhes suceder como aos outros.» [Ib., p. 135.]

«Foi saber e conhecer o fim onde havia parar.» [Ib., p. 155.]

«Se no céu há durar eternamente o evangelho.» [Ib., p. 237.]

«Nesta opinião e na contrária se havia prosseguir o assunto.» [Id., *Obr. Inéd.*, v. I, p. 12.]

alemão, foi a cultura alemã, foi a ciência alemã quem me ensinou, quem me animou a cometer, arrostando o vespeiro de vaidades, que a minha crítica se atreveu a melindrar. Na Alemanha, ao fazer do código recente, as palavras de procedência ou fisionomia menos vernácula foram pesadas a oiro e fio, por jeito que não escapasse nenhuma da menor liga adventícia, do menor laivo estrangeiro. Alemão de lei, sólido, reconhecido, indubitável, é o de que se não prescindia. Quando se cogitou, por exemplo, da lei constitutiva das asso-

«Ficando o quinto capelo *in pectore* e não sendo, nem *havendo ser* para Portugal.» [VIEIRA. *Cartas*, v. I, p. 258.]

«Se à Índia fôssem bispos não nomeados por el-rei de Portugal, os *havia mandar enforcar*.» [Ib., v. III, p. 173.]

«E que nos *haja fazer* maiores mercês.» [Ib., v. IV, p. 199.]

«*Havia-se acolher* a sagrado a língua.» [VIEIRA. *Inéditas*, v. II, p. 108.]

«Dizia Plínio que a importância dos maiores negócios se não *havia tomar* por sua maior qualidade.» [Ib., p. 162.]

«Chegando César, a quem *havia sair* a receber.» [Ibid.]

«Ezequias *havia ter* quinze anos mais de vida.» [Ib., p. 163.]

«Estava traçando o como se *havia conservar* no pontificado.» [Ib., p. 164.]

«*Haviam* os grandes *viver* à custa dos pequenos.» [Ib., p. 168.]

«Os prudentes nunca *haviam achar* opinião senão a verdade.» [Ib., p. 173.]

«Se *havia sair* da portaria.» [M. BERNARD. *N. Fl.*, v. II, p. 21.]

«O mesmo pô, e cinza, que *havemos ser* na morte.» [Ib., p. 105.]

«Tôda a vida, instante por instante, *havíamos empregar* em render graças.» [Ib., p. 163.]

«Perguntando que resposta *havia dar* da sua embaixada.» [Ib., p. 204]

«Sobre êste *haviam carregar* todos a culpa.» [Ib., p. 205.]

«Já lá *haviam ter* chegado.» [Ib., p. 225.]

«Assim *havia ser* necessariamente.» [Ib., p. 237.]

«Ou como se *haviam adestrar* em ambas as selas.» [Ib., p. 314.]

ciações dotadas de capacidade jurídica, feriu-se largo debate sobre a designação, que receberia êsse gênero de pactos. De outra coisa não se tratou na segunda comissão, a grande elaboradora do código civil, quando esta houve de examinar o texto, que recebeu a numeração de art. 25 naquele monumento legislativo. Os famosos jurisconsultos, que aquela junta reunia, não acreditaram desmerecer da ciência e da seriedade profissional, concentrando a discussão tôda na crítica do vocábulo *estatutos* [*Statut, Statuten*], que se rejeitou,

«Se pudera, como já pude, houvera de hoje por diante desterrar as minhas Musas.» [D. FRANC. MANUEL, *ap.* CASTILHO, *Metam.*, p. 310.]

«Não haviam ter os apóstolos o uso delas.» [Ib., p. 177.]

«Hão dar.» [FILINTO. *Obr.*, v. XI, p. 28.] «Que há dizer...?» [Ib., p. 29] «Não hás morrer.» [Ib., p. 69.] «Me há custar.» [Ib., p. 70.] «Hei crer.» [Ib., p. 76.] «Hei já destruir.» [Ib., p. 79.] «Hei sair.» [Ib., p. 100.] «Hão responder.» [Ib., p. 115.] «Não mais te hei ver.» [Ib., p. 138.] «No meu te hei pôr.» [Ib., p. 205.] «Havia despejá-los.» [Ib., v. XII, p. 42.] «Heis prometer-me.» [Ib., p. 154.] «Cozer-se havia a couve.» [Ib., v. XIII, p. 114.] «Não hei mudar.» [Ib., p. 256.] «Hás colhêr.» [Ib., p. 304.] «Haviam cantar.» [Ib., v. XIV, p. 115.]

«Hão-se deitar ao pasto
Os gados ao sol fora.»

[CASTILHO. *Geôrg.*, p. 163.]

«Havias ver o fogo.» [CASTILHO. *Amôres*, v. II, p. 46.]

«Mão que havia mostrar um dia o fero Heitor.»

[*Id.*, *Arte de Am.*, v. I, p. 6.]

«Por heresia e contumácia me não haviam relaxar ao braço secular.» [*Id.* A *Primav.*, p. 140.]

«Havia arder.» [*Id.*, *O Avarento*, p. 201.]

«Estou que haviam

Lamber-lhe os beiços.»

[CASTILHO. *Fausto*, p. 166.]

apesar de já contemplado nos dicionários alemães¹, por ser de proveniência estrangeira, trocando-se num substantivo [*Vereinssatzung*], cuja linhagem não ofendesse, de leve sequer, os melindres vernáculos da nação.²

O bolor, portanto, do espírito do meu purismo é mesmíssimamente o dos autores do maior dos códigos modernos: é a anteposição natural da palavra vernácula à estranha, da palavra genuína à espúria, da palavra segura à duvidosa.

«Por que não *haviam* os conselhos gerais *votar* uma verba...?» [CASTIL.: *Coléq.*, p. 101.]

«O nome do sujeito, que se *havia* também *assinar* à margem.» [Ib., p. 124.]

«Por que não *havia* o governo *meter* a caminho...? E por que não *haviam* as comunas... *riscar* e *mandar* fazer bons caminhos...? Enfim, por que não *havia* quem nos governa *fundar* oficinas...?» [Ib., p. 183.]

Nessas expressões o que ocorre, é a elipse do *de*, mui freqüente noutras locuções portuguêsas, como em «*lembmando-se que*» [D. NUNES, *D. Af.* V, c. 17, p. 178], «*se contentaria acabar*» [ib., c. 20, p. 190], «*a fim que*» [ib., c. 37, p. 275], «*informados que*» [FILINTO, v. V, p. 62], «*não há memória que*» [ib., p. 282], «*no caso que*» [ib., v. VI, p. 29], «*lembrem-se que*» [ib., p. 243], «*não se querem capacitar que*» [ib., p. 316], «*etens notícias que*» [ib., v. XI, p. 194], «*à espera que*» [ib., v. XII, p. 187], «*foi causa que*» [ib., 219], «*certos não ser* aquela gente algum artifício» [BARROS, *Déc.* IV, VI, 1, v. VIII, 11], e em inúmeros outros modos vernáculos. Com o verbo *começar* usavam freqüentemente os bons autores essa elipse, dizendo *começar fazer*, em vez de *começar a*, ou *começar de fazer*. [«*Começava intentar.*» BARROS, *Déc.*, v. VI, p. 27. «*Começava já tomar.*» Ib., p. 73. «*Começaram bradar.*» Ib., p. 88. «*Começou lançar.*» Ib., p. 90. «*Começou a Índia fazer.*» *Ibid.* «*Começava fazer.*» Ib., p. 91. «*Começou entender.*» Ib., p. 108. «*Começou haver diferenças.*» Ib., p. 150. Etc.]

1. SACHS-VILLATE. *Encyklopädisches franz-deutsches und deutsch-französisches Wörterbuch*, II. Theil, p. 1660.

2. R. SALEILLES. *Les personnes juridiques dans le cod. civil allemand* [Paris, 1902], p. 21.

483. — Do meu arcaísmo, agora, ter-nos-á dado o sr. JOSÉ VERÍSSIMO cópia melhor, ou, ao menos, alguma cópia? Absolutamente nenhuma. As minhas ocasiões de «mal inspirado gôsto arcaico» são muitas, diz êle, muitas as em que me sirvo de «expressões obsoletas». E por que ao menos me não convenceu com uma? Dentre tantas, era só escolher, e apontar.

«Há um fato, que sempre me impressionou», diz o eminente aquilatador literário: «a nenhuma influência do sr. RUI BARBOSA, escritor, sobre os nossos escritores, mesmo os que mais o admiraram. Essa influência, que eu aliás desejava, como corretivo ao nosso deleixo do bom falar português, compreendi, depois, se não podia exercer, porque o sr. RUI BARBOSA, como escritor, era alheio ao seu meio; admiravam-se os seus escritos como belos exemplares de classicismo; mas, salva alguma rara exceção, ninguém se deixou contagiar pelo seu exemplo, nem se fêz seu discípulo.»

No que respeita à matéria de fato, não posso entrar em dúvida quanto ao valor de um testemunho como o do sr. JOSÉ VERÍSSIMO. Depõe êle que eu nunca exercei influência alguma de escritor, que ninguém me imitou jamais. Êle o afirma: deve ser verdade; tanto mais, quanto vem a ser justamente o que entre mim¹ sempre supus. Era, sequer, pos-

1. «A qual, tomando um pouco sobre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
.....
Um pouco lhe pesasse,
E lá entre si por dura se julgasse.»

[CAMÕES. *Obr.*, v. II, p. 40.]

«Disse entre si o coitado.»

[*Ib.*, v. VI, p. 223.]

E rompa-se Magálio, rompa, e cegue;
E de meus versos lá entre si se espante.»

[A. FERREIRA. *Obr.*, v. I, p. 228.]

sível que assim não fôsse? Dos artistas é que será o influir e captar imitadores. Cabe êsse privilégio aos imaginadores, aos criadores, aos pintores, escultores e ourives da palavra; cabe aos poetas, aos filósofos, aos romancistas, aos dramaturgos, aos historiadores, aos que, na prosa, ou no verso, inventaram, cantaram, sonharam, cinzelaram, aos que vazaram o seu gênio, sua pessoa, ou sua vida num livro, ao menos, feliz e durável. Mas eu, escrevedor de fôlhas, que rastro poderia sulcar da minha passagem na esfera superior, onde os grandes produtores e os grandes críticos literários

«Determinou *entre si* de deixar o mundo.» [DUARTE NUNES. *Crôn. de D. Af.* V, c. 62, p. 435.]

«Parece que tomou Deus o caso de apostar, e que disse *entre si*.» [M. BERNARDES. *Nov. Flor.*, v. IV, p. 222.]

«Mas nenhuma coisa há em Deus mais unida *entre si*, nem mais identificada, e mais uma, e mais a mesma que a misericórdia e a justiça.» [VIEIRA. *Serm.*, v. III, p. 11.]

«*Entre uma* verdade passa melhor a mentira.» [VIEIRA. *Inéd.*, v. II, p. 164.]

«Até *entre o mesmo* Deus há distinção nas pessoas.» [Ib., p. 141.]

«Disse *entre mim*: Depõe, Filinto, a lira.»

[FILINTO. *Obr.*, v. I, p. 291.]

«Digo *entre mim* a miúda.»

[Ib., v. IV, p. 45.]

«Este é Quevedo

(Disse eu logo *entre mim*).»

[Ib., v. V, p. 17.]

«Digo *entre mim* reflexo:

«Este home' é holandês.»

[Ib., p. 100.]

«Dizia *entre si* Horácio.» [Ib., v. XVIII, p. 52.]

«Ir *entre si* dizendo.» [Ib., p. 53.]

«Como *entre mim* destarte eu meditava.»

[CASTIL. *Fast.*, v. I, p. 13.]

«Assim — diz *entre si* — «a achei sentada.»

[Ib., p. 163.]

dispõem do presente e do futuro? O que só me pudera maravilhar, é que a admiração haja descido entre nós a têrmos de se fixar, momentâneamente que seja, num estéril da minha casta. O ilustre crítico honra-me, pois, em demasia, figurando em benefício meu hipótese tão inverossímil.

Uma coisa, porém, lhe não sei relevar: a argüição de estar eu fora do meio em que vivo, pela língua que falo. Aí

«Bom. (Entre si.) Viva Deus.» [CASTILHO. *Camões*, p. 22.] «Pen-sava eu entre mim.» [Ib., p. 66.] «Meditando entre si.» [Ib., p. 152.] «Antônio (Entre si.)» [Ib., p. 163.]

«Deixada por Teseu num êrmo entre o mar vasto
Do equóreo bando alado Ariadne ia ser pasto.»

[CASTIL. *Arte de Am.*, v. I, p. 99.]

«Júlio (entre si.)» [CASTIL. *O Avar.*, p. 271.]

«Entre mim pensei.» [C. CASTELO BRANCO. *Mem. do Cárcere*, v. I, p. 168.]

«A ponto de se ficar a madrinha embelezada nela, e dizer entre si.» [Id. *Mistér. de Fafe*, p. 19.]

«Dizia entre si o fidalgo.» [Ib., p. 101.]

«Puf! — disse eu entre mim.» [C. CAST. BRANCO. *O Carrasco*, p. 16.]

«D. Bruno releu a linha escrita a lápis, e disse entre si.» [Id., *Queda dum Anjo*, p. 97.]

«Calisto Elói lia estas coisas nas gazetas, e dizia entre si.» [Ib., p. 202.]

«Terminada a leitura, o velho disse entre si.» [Ib., p. 268.]

«Pedro de Castro, recolhendo-se no seu quarto, ia dizendo entre si: «É um doido incurável.» [C. CAST. BRANCO. *Doze Casamentos*, p. 208. Ed. de 1902.]

«Nicolau passou avante, e dizia entre si.» [Id., *O Esqueleto*, ed. dc 1902, p. 256.]

«O inglês espantou-se, e disse entre si: «Inelegancy! improper!...» [Ib., p. 271.]

«Cimódoce disse entre si.» [C. C. BRANCO. *Os Mártires*, v. I, p. 16.]

«Ficou Demódoco enleado dizendo entre si.» [Ib., p. 32.]

O entre equivale, nesses casos, a em: «Que pensará Camões? dizia eu em mim.» [CASTILHO. *Camões*, p. 112.]

a injustiça passa a medida usual dos sentimentos malévolos, a que a má fortuna me acostumou. Essa fossilização em vida, a que o ilustre crítico me reduz, não é o que se coligiria da linguagem, em que êle mesmo, no *Livro do Centenário*¹, aprecia o meu papel de jornalista em nossa terra. Referindo-se à fase da minha direção no *Diário de Notícias*, cujos artigos de fundo cétidianos, a êsse tempo, eram todos meus, atribuiu-lhe o crítico brasileiro «uma grande influência no preparo do país para o advento da república, pela sua ação na decomposição da disciplina do exército e seus ataques ao derradeiro ministério da monarquia e aos seus intuitos denunciados como contrários aos interesses e à vontade popular. Desde Evaristo da Veiga com a sua *Aurora se não vira no Brasil ter um jornalista tamanha influência*. O dr. Rui Barbosa foi, pela sua campanha no *Diário de Notícias*, um dos principais autores da república.»

Eis o primeiro depoimento do sr. JOSÉ VERÍSSIMO. Como harmonizar com êle as suas opiniões atuais acerca desse mesmo escritor? Concebe-se que uma pena *arcaica*, um estilo propenso ao *obsoleto*, uma linguagem *avessa ao meio social* pudessem exercer essa influência suprema nos espíritos, competir em poder na opinião popular com o jornalista mais influente do primeiro reinado, insinuar-se nos quartéis, penetrar no ânimo da tropa, consumar tamanha propaganda, e ser, na revolução que deu em terra com a monarquia, um dos elementos predominantes?

484. — É mais preciso na sua censura o dr. CARNEIRO, quando me increpa de arcaizar o discurso. «Emprega», diz êle de mim, «emprega palavras já de muito caídas em desuso; tais como: o adjetivo verbal *perdente*, o particípio *conteúdo*, que, assim como todos os participios em *udo*, dos verbos da segunda conjugação portuguêsa, está hoje pro-

1. Vol. I. *A Instrução e a Imprensa*, por JOSÉ VERÍSSIMO, p. 41-2.

crito do bom dizer.»¹ Acrescente-se a êstes dois o adjetivo *lidimo*, e estará concluído o rol das minhas velharias em todo o meu largo trabalho, minudencicssíssimamente afuroado à cata dêsses e outros senões.

Ponto por ponto discuti, em seu lugar, êsses reparos², e quem me leu, terá verificado que nenhuma de tais palavras se ressente da *velhez*, que o mestre lhes exprebra.

No mais novo dos nossos dicionários, o de C. DE FIGUEIREDO, ainda no quarto ano apenas da sua idade, o adjetivo verbal *perdente* traz nota expressa de vocábulo «pouco usado»;

1. Acrescenta, neste lugar, o professor CARNEIRO:

«Vem a ponto aqui notar que, algumas vezes, por uma mal entendida delicadeza de orelha, evita o distinto cultor do idioma pátrio o emprego de um vocábulo, que na ocasião fôra o mais adaptado ao pensamento que intenta exprimir.

«Assim é que no art. 1.785 diz: «*repondo élle ou êles aos outros, em dinheiro, o que para êstes sobrar.*»

«Julgamos haver usado da preposição — *para* — na frase — *para êstes sobrar*, por escapar ao hiato resultante do encontro das vozes — *e a e* das palavras — *que a êstes sobrar*, tornando destarte menos portuguêsa a frase pelo emprego da preposição — *para* — em vez de — *a*, que o sentido exigia.»

Mostra esta censura apenas que o seu eminentíssimo autor não atinou o pensamento do texto, cuja redação critica.

Reza assim, no meu substitutivo, o art. 1.785:

«O imóvel que não couber no quinhão de um só herdeiro, ou não admitir divisão cômoda, será vendido em hasta pública, dividindo-se-lhe o preço, exceto se um ou mais herdeiros requererem lhes seja adjudicado, e repondo élle ou êles aos outros, em dinheiro, o que para êstes sobrar.»

Se, em vez de «*para êstes sobrar*», tivesse eu escrito «*a êstes sobrar*», diria coisa absolutamente diversa do que se queria. O adjudicatário não reporá em moeda aos outros herdeiros «*o que a êstes sobrar*»; porquanto a êstes, que ainda nada terão havido, nada sobrará. Repõe-lhes sim o que a élle adjudicatário sobrará do seu quinhão, *para* o dos outros, ainda não inteirado.

Não raro, como se terá visto no fio dêste trabalho, cai nestas o mestre, que, circunscrito aos aspectos gramaticais, não penetra a intenção jurídica dos textos.

2. Ns. 344-5 [conteúdo], 346-7 [perdente], 348-352 [lidimo].

o que importava declaração de estar em uso, pôsto que não freqüente. O adjetivo participial *conteúdo* é encontradiço, como demonstrei, nas obras de CASTILHO ANTÔNIO, cuja linguagem me parece não estar ainda «proscrita do bom dizer», e nem no vocabulário de FIGUEIREDO, nem nos demais, traz cota sequer de *pouco usado*. Quanto a *lidimo* tem-lhe o dr. CARNEIRO a prova da atualidade, a prova mais *ad hoc* que se poderia exigir, no próprio artigo do sr. JOSÉ VERÍSSIMO, *Uma lição de português*, escrito acerca do meu substitutivo na imprensa de 4 de agosto dêste ano. Ali nos fala êle no «preconceito de que a *LIDIMA* forma vernácula na nossa língua é a indireta».

Assim que a crítica de arcaísmo, contra mim enunciada, não me feriria, sem que primeiro se varasse de lado a lado a si mesma. Arcaíza o sr. JOSÉ VERÍSSIMO, segundo o professor CARNEIRO. E o professor CARNEIRO? Êsse, a lhe apertarem com o critério do uso atual, de que se valeram para me inquinar de anacronismo aquelas expressões, não sairá ilesa de culpa. *Por acerto*, em vez de *por acaso*, *de passo*, *por de passagem*, *de ligeiro*, *por às pressas*, *estar de concerto com*, *por estar de acordo com*, são excelentes locuções vernáculas, que eu não hesitaria em empregar, mas que entre nós perderam de todo em todo a voga. Compraz-se, todavia, o dr. CARNEIRO de as semear, e solenemente, na sua *Gramática*¹, onde os vícios de linguagem, perpetrados pelo mestre em lições aos alunos, sobre maus exemplos, ficam sendo, ainda, maus conselhos.

É que a lei do arbítrio não tarda em se voltar contra os que a exercitam. Ora não conheço nada mais arbitrário que a temeridade e o aprumo, com que as ditaduras filológicas, exercidas pelo dicionário, ou pela gramática, desvalijam a língua de gemas inestimáveis, removendo-as como antigualhas e fósseis para os arquivos e museus da curiosidade inútil.

1. Pgs. 64, 60, 193, 346.

485. — Dêsse mal, que, com suma complacência, qualifica de «ingenuidade» nos eruditos, se queixa, com as provas em punho, CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, na *Conversação Preliminar* do seu *Dicionário*¹, lamentando as centenas de preciosos lusitanismos, dições apropriadas e têrmos prestadios, que, classificados por essa aristocracia pretensiosa e leviana como arcaísmos, continuam, na linguagem viva do povo, grande mestre do falar pátrio, a exorná-lo de belezas desdenhadas pelo capricho dos escritores.

Entre os muito usados a requintar êsse capricho não seria injusto quem incluísse o ilustre filólogo baiano, que o leva ao extremo de rejeitar como antiquada a intercalação eufônica do *n* em locuções como estas: «Quem *no* diria? Quem *no* creria?» Vão destarte para o gerontocômio dos velhustros caducos os CASTILHOS, os LATINOS, e CAMILOS, cuja decrepidez gramatical perpetrhou a monte dêsses anacronismos:

«Em que não *nas* vejais abertas.» [CASTILHO. *Camões*, p. 73.] «Sem *na* olhar, ou sem *na* entender.» [Ib., p. 238.] «Não cuidamos que haja aí quem *nas* incorpore.» [Ib., p. 242.] «Quem *na* há de refutar?» [CASTILHO. *Fastos*, I, p. 131.] «Quem *na* ousava prever?» [Ib., II, p. 71.] «Quem *nas* tosquiaria?» [CASTILHO. *Geórgic.*, p. 219.] «Já não *no* assusta.» [Ib., p. 111.] «Em *no* abrasando a brama.» [Ib., p. 175.] «Não *nas* verão ceder.» [Ib., p. 235.] «A não *no* haver.» [CASTIL. *Fastos*, II, p. 149.] «Em *na* esbulhar.» [Ib., III, p. 35.] «Não *nos* tratam.» [Ib., p. 41.] «Não *no* estreava.» [Ib., p. 49]. «Quem *na* vê.» [CASTIL. *Amôres*, II, p. 86.] «Quem *no* traz.» [Ib., I, p. 85.] «E mesmo sem *no* ler.» [CASTIL. *Arte de Am.*, I, p. 31.] «Em *no* encobrir.» [Ib., p. 88.] «Nem *no* percebe.» [Ibid.] «Não *na* arredava.» [Ib., p. 92.] «Nem *na* agora houvera.» [Ib., p. 99.] «Não *na* esqueçais.» [Ib., p. 100.] «Sem *no* êle presumir.» [CASTIL. *Escavações*, p. 45.] «O porque bem

1. Pg. VII.

no sabem.» [CASTELO BRANCO. *Cavar em Ruínas*, p. 48.]
 «Bem no sei.» [LATINO COELHO. *Oraç. da Coroa*, p. 61.]¹

486. — Com êsse decepar ao organismo do nosso idioma partes ainda animadas e vivas condescendeu, ainda mal, aquêle mesmo que tão sentida e enérgicamente o denunciou, o autor do nosso mais recente e opulento vocabulário. Entre as expressões obsoletas ou desusadas enumera FIGUEIREDO muitas, cuja consagração nos melhores escritores contemporâneos os devia assegurar dessa injustiça.

Assim, *alhures*, usado por CASTILHO JOSÉ, *Arte de Amar*, v. II, p. 317, v. III, p. 278, 279, e, ainda recentíssimamente por MACHADO DE ASSIS, *Brás Cubas*, p. 247: «Como dizem *alhures*.»

Assim, *adúbio*, que se encontra em CASTILHO ANTÔNIO, à p. 308 dos *Colóquios Aldeões* e à pág. 291 do *Camões*.

1. Outra. O dr. CARNEIRO e, como êle, outros gramáticos têm por «não tolerada hoje» [Sêrões, p. 328-9] a construção portuguêsa, em que *homem* entra na acepção indeterminada e vaga do *on* no francês e da partícula apassivadora *se* em nossa linguagem, onde tem ainda os sucedâneos de *um homem*, *uma pessoa*, ou simplesmente *um*. Mas clássicos de nosso tempo, como CASTILHO e C. CASTELO BRANCO, ainda usaram dessa forma portuguêsa, cuja elegância era pena se deixasse perder.

«Tediosa e impolida coisa é falar *homem* de si mesmo.» [CASTILHO. *As Metamorf.*, pról., p. XI.]

«O que *homem* herda
Só o pode chamar seu, quando o utiliza.»

[Fausto, p. 46.]

«É mais fácil cortar fundo nos outros do que arranhar *homem* em si próprio.» [Ib., p. 414.]

«Deserto é estar *homem* só, como sucede a tâda pessoa que não tem aquilo com que mais se acende o engenho.» [C. CASTELO BRANCO. *Noites de Insônia*, n. 2, p. 41-2.]

«Mas, se há temeridade sandia, é querer *homem* pôr ombros de suporte ao desabar das velhas coisas.» [C. CASTELO BRANCO. *Prólogo aos Combates e Críticas* de SILVA PINTO, Pôrto, 1882, p. XXIII.]

Assim, *garção*, que MACHADO DE ASSIS não trepidou em escrever e reiterar: «Era um lindo *garção*. Eu era esse *garção* bonito.» [Brás Cubas, p. 48.]

Assim, *obsecrar*, que tem a prova da sua contemporaneidade em C. C. BRANCO, versão dos *Mártires*, v. 1, p. 13: «*Obsecra* as divindades dos bosques», bem como a chancela de LATINO COELHO, *Or. da Coroa*, p. 14: «*Obsecro-te* que o digas.»

Assim, *padar*, chancelado por CASTILHO, à p. 193 das suas *Geórgicas*:

«Se vês que lhe negreja
Sob o úmido *padar* a língua...»

Assim, *desazado*, na acepção de *desjeitoso, mal-ajeitado, nico*, na significação de *macaco, bilhão*, como designativo técnico da moeda inferior, e *anspeçada*, posto militar, — vocábulos todos êsses de circulação entre nós universal e cotidiana.

Assim, *gages*, por *lucros, salema*, por *saudações, cumprimentos, e linde*, por *linda, estrema, raia*, todos de uso nos *Elogios Acadêmicos* de LATINO COELHO.¹

Assim, *vulta*, encontradiço nos escritos de CAMILO. [Noites de Insônia, n. 5, p. 21, n. 6, p. 91.]

Assim, *goliardo*, corrente nas obras dêsse mesmo escritor. [Perfil do Marq. de Pombal, p. 275; introd. aos Combates e Críticas², p. XXXII], e *significância*, praticado também por essa autoridade. [O Esqueleto, p. 248.]

Assim, *guisa e à guisa*, inscritos, não só no seu dicionário com a marca de *antiquados*, mas ainda nas suas *Lições* com a de «*arcaísmos inúteis*», e, entretanto, utilizados por GARRETT [Obr., v. XXIII, p. 364]. CASTILHO [Colóquios, p. 92] e M. DE ASSIS. [Brás Cubas, p. 34.]

1. V. II, p. 393, 288, 347, 392.

2. V. I, p. 11.

Assim, ainda, *sambarco*, de que, há poucos anos, se aproveitava PACHECO JÚNIOR.¹

Assim, *al, asinha, soer*, que, segundo FRANCISCO BARATA², «são hoje de comum emprêgo entre os mestres da língua».

Muitos e muitos outros vocábulos teria que acrescentar, se houvera de tecer lista completa. Vão êsses apenas de amostra.

487. — Cada autoridade, lastimando os abusos de seus predecessores nesse terreno, vai, por sua vez, decotando ao pobre do nosso idioma, a título de mirradas e sécas, ramas ora florescentes, ora desfrondescidas, mas ainda vivas.

ROQUETE, nas suas notas ao *Leal Conselheiro*³, averba de *antiquadas*, ou *desusadas*, as expressões *amercear-se*⁴, *desvestir*⁵, *mestria*, *rijo* [em função adverbial], *aguçar* [por *espetar, estimular*], *desesperança*, *pêco* [na significação de *nêscio, tolo*, como descendência do *pecus* latino], e *pequice*⁶, que, ainda hoje, quase sessenta anos depois, são de uso comum.

1. Controvérsia com João RIBEIRO. *Ap. João RIBEIRO, Estud. Filol.*, p. 41.

2. *Estud. da Líng. Portug.*, p. 71.

3. Pgs. 64, 82, 91, 93, 99, 112, 259, 325, 450.

4. «Nem Deus se amerceará dêle.» [A. HERCUL. *O Bôbo*, p. 298.]

5. «Quando alguém tente desvestir a espada.»

«Ela mesma, que é ela, apenas se desveste.»

São versos de CASTILHO ANTÔNIO, o primeiro nos *Fastos*, v. II, p. 209, o segundo na *Arte de Amar*, v. I, p. 86.

As *Metamorfoses* [p. 265] deparam-nos o mesmo verbo:

«Desvestindo

A viril forma, que por mim tomara.»

6. «O ter de mulheres medo

É sinalada *pequice*.»

[A. HERC. *Poes.*, p. 292.]

«Rompê-las mãos de homens, fôra *pequice* tão-somente imaginá-lo.» [HERC. *Lenda*, v. II, p. 33.]

«Riria da *pequice*.» [HERC. *O Bôbo*, p. 26.]

SOTERO DOS REIS¹ assinala como antiquados os participios *nado*, *teúdo* e *manteúdo*, quando os dois últimos João RIBEIRO² apresenta como «ainda usados» [o que é corrente, na expressão *teúda* e *manteúda*], e do primeiro temos exemplos contemporâneos, entre outros, nos livros de CASTILHO.³

Tacha de *obsoleto* JÚLIO RIBEIRO [Gram., p. 352] o substantivo *avença*, que, entretanto, nem CASTILHO⁴ e CAMILO⁵ se pejaram de empregar, nem os menos inclinados aos clássicos ainda hoje duvidariam fazê-lo.

São corriqueiras, com os verbos *gastar*, *imprimir*, *ganhar*, frases como estas: «Pouco tenho ganhado.⁶ Ele não me tem escrevido. Tenho gastado tudo.» Pois a *Gramática* de JÚLIO RIBEIRO⁷ enjeita êsses três participios como antiquados.

Nada mais comum, ainda agora, que as formas do gerúndio: *em* amanhecendo; *em* acordando; *em* morrendo; *em* chegando; *em* concluindo. Não há conversa, em que se não profiram, ou livro, onde não se escrevam. Mas a *Gramática* de AUGUSTO FREIRE⁸ as indigita como sintaxe arcaica.

Não é essa mesma autoridade quem dá como desterrados do uso vernáculo pelos têrmos *étagère* e *dunquerque* as expressões *consolo* e *aparador*, tão freqüentes ainda em nossa linguagem vulgar?

1. *Apostil. de Gram. Geral*, p. 13, 14.

2. *Gram.*, ed. de 1901, p. XXV.

3. *Fastos*, v. II, p. 41, 83 e 89. *Geórgicas*, p. 75. *Arte de Amar*, v. I, p. 58.

4. *Fausto*, p. 132.

5. *Narcóticos*, v. I, p. 65, v. II, p. 6. *Cancion. Alegre*, ed. de 1879, p. 65. *Avengar-se; Cavar em Ruínas*, p. 27; *Virtudes Antigas*, p. 24; *O Cego de Landim*, p. 24. *A Morgada de Romariz*, p. 31.

6. «São merecimentos pessoais, ganhados a poder de bom estudo e honrada vida.» [CASTILHO. *Camões*, p. 273.]

7. Pg. 152, n. 266.

8. Pg. 274.

488. — Tomem-se as obras de CASTILHO ANTÔNIO, «talvez o mais aprimorado escritor português do século dezenove».¹ Estão crivadas, página a página, de locuções *desusadas, antiquadas, arcaicas*, a nos guiarmos pelos aferidores professos da moeda corrente em nosso idioma: os gramáticos e dicionaristas.

Quando não, vejam: *pascigo* [Geórgicas, p. 161]; *agro*, por *campo* [p. 161, 197]; *lastimeiro* [p. 185]; *andorriais* [p. 187]; *escontra* [p. 189]; *cole* [p. 219]; *a-la-fé* [p. 300; *Fastos*, v. III, p. 153]; *escureza* [Geórgicas, p. 289; *Fausto*, p. 386]; *venida* [Geórg., p. 47]; *afeite* [p. 71]; *amojar* [p. 77]; *prol* [p. 87]; *ressio* [p. 113]; *abrevar* [p. 157]; *contagião* [p. 205]; *emparar* [p. 35]; *aceiro* [*Fastos*, I, p. 99]; *obsecrados* [*Fast.*, I, p. XLIX]; *chacim* [*Fast.*, III, p. 111]; *tomar voz por* [*Felicidade pela Instr.*, p. 111]; *em que, por ainda que* [*Amor e Melanc.*, p. 247]; *umbrátilles* [p. 381]; *que farte* [*Fausto*, p. 113, 202]; *em mal, por ainda mal* [p. 126]; *hemos* [p. 232]; *mau pecado!* [Colóq., p. 37]; *gages* [p. 97]; *palude* [*Fastos*, I, p. 131]; *férculo* [p. 135]; *ser, ora por ter ora por estar*²; *mais bom* [*Fausto*, p. 239; *Amôres*, III, p. 38]³; *alfim* [*Fausto*, p. 356].

LATINO COELHO entrava ainda mais afoitamente por esse campo, usando, sem vacilar, torneios sintáticos de fundo cunho antigo, como êste: «A realidade histórica da que os

1. C. DE FIGUEIREDO. *Lições Prát.*, I, p. 277.

2. «As armas inda impróprio, imberbe infante
Era ficedo em Roma, último Fábio.»
[*Fastos*, I, p. 103.]

«... quando Fauno
Lá do viso de um monte, onde então era,
Os avistou, e ardeu.»

[*Ib.*, p. 109.]

«Vem! onde és tu? vem ver nossos regalos!»
[*Ib.*, II, p. 155.]

3. JOÃO RIBEIRO [Gram., p. 73] diz *não ser de uso*, admitindo aliás *mais mau*.

fatos dão apenas a vestidura material e transitória»¹, — forma singularmente clássica e ainda entre os clássicos infreqüentíssima, que parece moldada naquilo do padre ANTÔNIO VIEIRA: «Estas são as maravilhas da misericórdia, da que Davi parece que se admirava.»²

Não tomava GARRETT menos liberdades com o desusado e o antigo do que com o novo e o forasteiro. Abrindo a eito um dos seus volumes, para logo se me deparam expressões de antiga usança, como *partes* na acepção de *qualidades, difidêncie, à guisa de ruda*.³ A. HERCULANO, com especialidade nas suas obras mais literárias, no *Monásticon*, no *Bôbo*, nas *Lendas e Narrativas*, não poupa os tesouros da antiguidade vernácula. OLIVEIRA MARTINS, que se não prezava de classicismo, esmaltou copiosamente das graças antigas as suas mais belas obras históricas. Folheando a êsma, por exemplo, a *Vida de Nun'Alvares*, em poucas páginas vemos afluírem tôdas estas locuções de velho cunho e nula circulação hoje: *ruda*, em vez de *rude*, *apelido*, por *chamado*, *alardo*, em lugar de *revista*, *homens de cavalo*, *correger*, *trigosamente*.⁴ O nosso GONÇALVES DIAS, neste particular, usava e abusava, nem sempre a propósito, desde o *asinha*⁵, que tem a chancela de outros modernos⁶, até o *sembrar*, de uma antiguidade talvez irreconciliável com a língua de hoje.⁷ JÚLIO RIBEIRO não trepida em desoxidar o inusitado *asir* e o desusadíssimo *ludo*.⁸

1. *Elogios Acadêmicos*, v. II, p. 373.

2. *Sermões*, v. III, p. 265.

3. Vol. XXIII, p. 371, 152, 364, 401.

4. P. 371, 373, 375, 379, 392, 405.

5. *Poesias*, v. II, p. 79.

6. CASTILHO JOSÉ. *Grinalda à Arte de Amar*, v. II, p. 37.

7. «Sucedem-se as côres,

Qu'imitam as flores,

Que sembram primores

Dum novo arrebol.»

[*Poesias*, v. I, p. 189.]

8. *A Carne*, p. 45, 83, 173.

Al, harto, meles [méis], fértilles, anadema e outras são formas antigas, de que se cravejam as poesias de MACHADO DE ASSIS.¹ Da expressão *partes*, no velho sentido, hoje — ainda mal! — esquecido aos nossos escritores, se aproveitou hábilmente FRANCISCO DE CASTRO,² um dos poucos sabedores do nosso idioma nesta terra e um dos que mais aprimoradamente entre nós o têm polido.

489. — Serão arcaístas êsses escritores? Terão incorrido o vício³ de arcaísmo, por haverem tentado insuflar o espírito do nosso tempo nessas formas de outrora? Não. Foram antes renovadores benfazejos do idioma pátrio, que não rejuvenesce únicamente com as locuções criadas agora de novo pela inventiva dos modernos, senão também com o revivescer das antigas; do mesmo modo como o arvoredo não frondesce de primavera únicamente com o novedio das vergônteas lustrosas e tenras, agomadas ao sôpro da sazão criadora, mas ainda com o reabroto das galhas antigas e rugosas, que a inteligência do cultor previdente se absteve de esfrançar, à espera devê-las garrir e revicejar em galas e frutos entre as recém-vindas à festa anual da natureza.

Como proscrever em absoluto o *arcaísmo*, quando se recebem, aconselham e festejam os *neologismos*? Pois, se, por dar expressão adequada a idéias, fatos ou coisas novas se nos permite e aplaude que recorramos ao cabedal estrangeiro de outros idiomas, vivos e mortos, como nos havia de ser defeso recorrermos, para a mesma serventia, à nossa própria fazenda, injustamente abandonada ao mugre pelo deleixo de umas gerações e a insciência de outras?

1. P. 154, 285, 240, 277, 133.

2. «Coube ao visconde de Taunay pelas suas muitas *partes* de superioridade, uma missão tipicamente característica, naquela fase de agitação e controvérsia, que feneceu com o ano legislativo de 77.» [Discursos do Dr. FRANCISCO DE CASTRO. Rio, 1902. P. 47.]

3. «Porque dêste modo escusarão de incorrer a culpa da ingratidão. [BERNARDES. *Nova Floresta*, ed. de 1759, v. II, p. 178.]

Dos vocábulos que DUARTE NUNES, vai por três séculos, enterrava, quase metade a precisão, a curiosidade, ou a arte os trouxeram de novo à luz, e circulam hoje a par dos novíssimos no idioma corrente. O mesmo aconteceu aos inscritos no obituário filológico de FRANCISCO JOSÉ FREIRE, e acontece a cada hora com os certificados de inumação lavrados pelos dicionaristas. Essas covas facilmente se transformam em berços. De uma expressão hoje em dia tão corriqueira como o substantivo *talante* escrevia, há cerca de duzentos anos, BLUTEAU: «*Palavra antiquada, que queria dizer vontade. Parece que no tempo de D. FRANCISCO MANUEL talante era palavra culta.*»¹

Quando nos não corremos de ir tomar de empréstimo a estranhos as locuções, que nos falecem, como nos envergonhámos de recorrer ao *nossa*, de ir buscar nos tesouros, que o esquecimento doméstico entregou à ferrugem, as preciosidades reclamadas pela ocasião? Poderíamos considerar menos desusada a expressão alheia, que deliberamos importar, do que a velha, de posse nossa, esquecida por algum tempo? Terá mais autoridade, enquanto *uso*, a voga estrangeira, para adotarmos uma locução exótica, do que a antiga tradição vernácula, para volvermos à circulação um deslebrado vocábulo português? O desuso absoluto de uma palavra adventícia não será mais cabal e remoto que o relativo e temporário desuso de formas pátrias, outrora correntes? Um artefato já conhecido aos nossos maiores traz-nos hoje de Europa o nome de *bobèche*. Mas nossos pais lhe chamavam *dirandela*, ou *arandela*. Como acercar-nos mais do uso, e observar-lhe melhor a lei? Impondo-lhe o nome francês? Ou reanimando o velho termo nacional? Servimos ao uso, enfeitando-nos com o francês *dessert*, com o francês *élite*, com o francês *enveloppe*, com o francês *plateau*, com o francês *rendez-vous*. E não estará mais perto de nós o *nossa próprio uso*, antolhando-nos, de preferência a êsses, com o

1. *Vocabulário Port.*, v. VIII, p. 17.

costume de casa, o antigo português *ponto dado*, ou *prazo dado*, o antigo português *achada*, *chã*, *planalto*, *chapada*, o antigo português *sobre carta*, o português antigo *sobre mesa postres*, *postasto*?

490. — Se eu houvesse utilizado no meu trabalho algumas das aplicações clássicas do genitivo *cujo*, interrogativas, ou não, tais como «*o seu a cujo é*», «*cujos eram os filhos?*» tinha de havê-lo¹ com o dr. CARNEIRO, ou o sr. JOSÉ VÉRÍSSIMO. Era caso de *arcaísmo*, e flagrante. Vejo, entre-

1. JÚLIO RIBEIRO, censurando a frase «*Ele tem de se haver comigo*», frase cujo cunho clássico mostrei numa das notas anteriores, reprova igualmente a que no texto acabo de empregar. «*Morais e Constâncio erram*», diz êle, procurando explicar a frase incorreta *Havê-lo com alguém*, a qual deve ser emendada *Avi-lo com alguém*.» [Gram., p. 152.]

Na emenda alvitrada pelo eminentíssimo gramático é que há incorreção palpável. *Avir* na significação transitiva quer dizer *ajustar*, *compor*, *cenciliar*, *congraçar*, *concordar*: «E se alguns Concelhos hão demandas ou contendas entre si, deve trabalhar quanto puder de os concertar e *avir*.» [Ord. I, 39.] Na frase *havê-lo com alguém* o sentido é, ao revés, de *pendênciaria*, *disputa*, *confílio*. Averbá-la de incorreta, unicamente por não ser clara a chave da regência gramatical na elipse ali manifesta seria inquinar de igual vício a varios idiotismos nossos, cuja sintaxe não se conhece, e perpetrar aquilo que, a propósito da opinião de JERÔNIMO SOARES acerca do infinito pessoal, escandaliza a JÚLIO RIBEIRO, indignado com a audácia de se notarem erros a CAMÕES e Fr. Luís de SOUSA. Êste, por muitas vêzes, na *Vida do Arcebispo*, se utilizou do *havê-lo* sob aquela forma. E, como êle, outros mestres. Citarei o autor da *Eusfrósina* e o da *Comédia do Cioso*.

Na primeira [a. I, c. 4] temos:

« — Ide eramá que vos mente a bêbada Filtra. — Mentir, ou como? achastes vós o menino sofrido, *com quem o hás*, quaresma? para lhe tirar um ôlho e mostrar-lho ao outro.»

Na segunda:

« — Ah treição... vil encobridora de ladrões. — Eu não conheço aquela fala, — Tinham-se concertado; eu te conhecerei quem quer que és. — Pera que vem? — Antes damenhã a estas horas, um e outro saberão *com quem o houveram*.»

tanto, que um douto filólogo brasileiro faz votos pela restauração dessas antigas formas vernáculas.¹ «*Cujas* são tantas terras conquistadas no Oriente?» dizia VIEIRA. «*Cujas* as armadas que cobrem e navegam aquêles mares? *Cujos* os portos que enriquecem com os comércios e tributos, que o Indo e o Ganges só pagavam ao Tejo?»² Doutra vez: «Senhor, por *cujos* pecados nasceu este moço cego, pelos seus, ou pelos de seus pais?»³ E, ainda: «Mas *cujas* foram as diligências? Mas *cujas* foram as tardanças?»⁴ Ou: «*Cuja* era aquela imagem, e *cujo* nome escrito nas letras?»⁵

E, já que falei em Fr. Luís de SOUSA, por não deixar sem prova o meu dito, apontarei dois exemplos seus:

«Fr. João, acauteleando-se com tempo, como sabia *com quem o havia...*» [Vida do Arc., I, I, c. 21.]

«Foi embebendo tempo, e estendendo a prática com rodeios e dissimulação, a ver se se descuidava o prior; mas *haviam com homem executivo.*» [Ib., I, II, c. 3.]

FILINTO ELSÍO empregou muitas vezes êsse modismo, de uma expressão incisiva e vigorosa:

«Com mais dura que tu *havê-lo* queres.»

[Obr., v. XII, p. 194.]

«*Que o teria de haver* cum Leão Monarca,
«Terrível criatura.»

[Ib., v. XIII, p. 236.]

E muito mais quando o não *hás com* muitos ouvintes, mas com um só.» [Ib., v. XXII, p. 75.]

Já se vê que JÚLIO RIBEIRO assentou a sua opinião, sem conhecer os textos clássicos, e que a razão está da parte de MORAIS.

1. LAMEIRA DE ANDRADE. *Gram.*, p. 606.
2. *Sermões*, v. XIII, p. 220.
3. *Serm.*, v. VI, p. 66.
4. *Serm.*, v. II, p. 212.
5. *Ib.*, p. 219.

LAMEIRA DE ANDRADE quisera ver reatualizada esta linguagem. Parte de um falso pressuposto êsse desejo. O uso clássico, aqui, não teve jamais solução de continuidade. Manteve-o CASTILHO ANTÔNIO, ALEX. HERCULANO e C. CASTELO BRANCO.¹ Mas a aspiração enunciada pelo nosso gramático está evidenciando a necessidade literária de tais ressurreições e o fútil das increpações de arcaísmo, lançadas sem a prova de inconveniência, impropriedade, ou mau gôsto.

491. — Guardadas as leis, talvez indefiníveis, mas sentidas e instintivas, do bom gôsto, as da propriedade e conveniência no escolhê-los, as da moderação no ousá-los, as da oportunidade no tentá-los, as do tato no expô-los, de modo que a frase, onde se insinuam, ou encravam, lhes alumie e patenteie o sentido, insigne serviço fazem os bons escritores à sua língua, reempossando-a no gôzo de vocábulos e torneios antigos deixados esquecer por injustos desprezos do tempo. «Aos modernistas enjoadiços», dizia CASTILHO, «só respondo que onde tão sobejo e tão consentido anda o uso de bárbaros neologismos e estrangeirices sensabores, não se deve estranhar que um amigo de sua língua forceje por lhe restituir parte dos haveres, com que se já viu tão abastada, e que só por descuido de seus administradores e feitores andavam perdidos; que, já que a escusadas novidades se tem a porta aberta, dêem por ela entrada a alguma pouca antigualha, que não merecia de ter morrido; mas que, pois desaparecera, e agora volta, também como novidade, quando por mais não seja, a podem admitir.»²

1. CASTILHO. *Primavera*, p. 27, 196. *Arte de Amar*, v. I, p. 124. *Outono*, p. 74. *Colóquios*, p. 20.

CAMILO, *Noites de Insônia*, n. 5, p. 19.

A. HERCULANO. *Lendas*, v. II, p. 40. *O Bôbo*, p. 185.

2. *As Metamorfoses*, pról., p. XIX.

Defendendo, porém, essa utilíssima franquia do bom escrever, a que, na mão dos mestres, devem todos os idiomas boa parte das galas, com que incessantemente se renovam, não se descuidava o exímio escritor de lhe indicar as condições essenciais. «Tão parco me portei», advertia, «no exercício desta prerrogativa, concedível a todo escritor sisudo e de consciência, que, se algumas raras vêzes me vali de palavras passadas, foi quando entendi que eram *necessárias*, ou, *pelo menos, úteis*; *por belas*, ou por *expressivas*, dignas de ressurreição; *o que nem a todos os arcaísmos acontece*; e nunca as pus, senão em lugar e de modo que o contexto do período lhes declarasse, à justa, ou próximamente, a significação.»¹

Não teve nunca o idioma italiano quem o escrevesse melhor que LEOPARDI. Seus versos, cuja beleza, na frase de GLADSTONE, ressurgiu a poesia italiana, extinta nos lábios do DANTE, e suas prosas inefáveis de simplicidade e pureza tocaram a perfeição das graças gregas. Vêde, entretanto, nas suas palavras de singela beleza, que verto do italiano, como él se exprimia nesta questão, comentando a sua profissão de fé contra os arcaísmos, *Odio gli arcaismi*, por vêzes reiterada no curso de seus admiráveis *Pensamentos*: «Abomino o arcaísmo... Mas os nossos escritores antigos e antiqüíssimos abundam em palavras e maneiras hoje desusadas, que, sobre serem de significado manifestíssimo a quem quer que fôr, tão naturalmente e suavemente e facilmente caem no discurso, tão alheias se mostram a todo o jeito de afetação ou estudo no seu uso, são, em suma, tão frescas e viçosas, que o leitor, se não sabe de onde lhe vêm, não dará tino de que sejam passadas, antes haverá por moderníssimos e como que acabados de cunhar no momento êsses vocábulos e modos, cuja antiguidade, quando se possa conhecer, não se poderá jamais sentir. E, ao passo que aquêloutros, caberia compará-los às coisas inanidas, rancescidas, abolorecidas² do

1. *Ibidem*.

2. «Stantivite, rancidite, ammuffite.»

tempo, êstes semelham à fruta, que, envolvida em cêra, se conserva, para comer fora da sazão, e, ao deixar o envoltório, está vívida, e fresca, e bela, e corada, como se então a colhêramos do pé. Se bem descostumados, e de larguíssimo tempo, no escrever, no falar, ou no falar e escrever, não têm ar de esquecidos, mas de postos à parte, em seguro, para se volverem oportunamente a usar.»¹

492. — Em todos os tempos se percebeu que nos domínios da antiguidade, ainda pelas mais abandonadas regiões do arcaísmo, há tesouros e jazidas por explorar, com grande vantagem para o desenvolvimento e renovação das línguas vivas, para o lustre e opulência das literaturas modernas.

Já FERNÃO DE OLIVEIRA, o mais antigo dos nossos gramáticos, notava que «o uso destas dições antigas traz e dá muita graça ao falar, quando é temperado e em seus lugares e tempos».² «Oxalá», dizia, três séculos depois, ANTÔNIO DAS NEVES PEREIRA, «oxalá que os nossos escritores antes se inclinassem a ressuscitar muitos vocábulos assaz enérgicos do século quinze e dezesseis do que a mendigar das línguas estrangeiras tantos outros, que não dão maior crédito à nossa língua, nem lhe conciliam mais graça, nem mais energia.»³ Ainda mais perto destes nossos dias reforçava o bom senso dessas reflexões outro autorizado cultor das coisas vernáculas. Era FRANCISCO BARATA, no seu opúsculo de estudos da língua: «Não vemos nós que muitas censuras mereçam aquêles escritores, que ao passado vão buscar têrmos obsoletos e hoje sem uso, para lhes dar livre curso no exprimir de suas idéias. Com isto não queremos o chamamento daquela linguagem anterior a D. João I, e maiormente a D. DINIS, mas a escrita

1. GIAC. LEOPARDI. *Pensieri di varia filosofia e di bella letteratura*. Vol. II. [Firenze, 1900], p. 402, n. 1.099.

2. *Gramática de Linguagem Portuguesa*, c. 36, p. 81. Ed. do Pôrto, 1871.

3. *Memór. de Literat.*, tom. IV, p. 80 e 81.

e falada nos séculos áureos de nossas letras, em que viveram CAMÕES, BARROS, OS BERNARDES, FR. LUIS DE SOUSA, ARRAIS, HEITOR PINTO, VIEIRA, PAIVA DE ANDRADE e muitos mais. À moda tem sujeição a linguagem: uma esquece e se antiqua, para se dar vida à outra, que já foi usada.»¹

493. — Não convertamos, portanto, em espantalho o nome de *arcaísmo*. Tôdas as gerações assistem ao reabrir de palavras antiquadas, que outra vez, ao influxo de novos tempos, rebentam de seu, espontâneas e belas, sob a pena dos escritores de bom gôsto. Com os *arcaísmos* a lei é a mesma que a respeito dos *neologismos*: usarem-se «discretamente, quando necessários, ou úteis».²

Nem porque eu assim me enuncie, poderá campear contra mim a tacha, que me impõe o sr. JOSÉ VERÍSSIMO, de não possuir no devido grau «o sentimento da evolução da língua». Ninguém o possuiu mais do que LITTRÉ, cujos trabalhos históricos nesta matéria regeneraram, em França, a ciência do seu idioma. Não era êle, contudo, quem, pouco mais há de trinta anos, levantando o brado contra a corrupção do francês, exortava os seus naturais «à avoir souci de notre *parlure* (c'est le mot de nos aïeux), car noblesse oblige»?³

Sim, êle, e não outro. Êle, e não outro, quem, no prefácio do seu *Dicionário*, chamou de «esperdiçado» o idioma, que, «sem motivo, deixa perder vocábulos bem feitos e de boa liga». Êle, ainda, quem, na sua *História da Língua Francesa*⁴, disse: «Dentro em certa medida, o arcaísmo, cujo gôsto às vêzes se oblitera, mas não se extingue nunca, é salutar à alma e ao espírito.»

1. P. 68-9.

2. AUGUSTO FREIRE. *Gram. Port.* Ed. de 1894. P. 383.

3. Ap. EM. DESCHANEL. *Les déformations de la langue française*. Paris, 1898. P. 208.

4. LITTRÉ. *Histoire de la langue française*, v. I, p. 416.

O evolucionismo, com o vício de tôdas as demasias contemporâneas em *ismo*, não logrará banir da evolução natural nas línguas o inestimável concurso da revivescência das formas antigas, ou da sua preservação contra os antojos doentios da modernidade intransigente. *Sollicitude*, no francês, cheirava mal às *Sabichonas* de MOLIÈRE:

«...*Sollicitude* à mon oreille est rude,
Il pue étrangement son ancienneté.»

Não obstante, porém, enfezar as ilustríssimas evolucionistas daquele tempo, *sollicitude* ficou, sem quebra de mocidade, energia e vigor, no vocabulário dêsse idioma, através da inundação neológica em que mais tarde se viu de monte a monte alagado.

Elemento de regeneração, quando sensatamente disciplinado, no vocabulário das línguas, êsse aroma de antiguidade, «une certaine fleur d'antiquité»¹, que do hábil emprêgo das boas locuções antigas se desprende, é um dos segredos da graça e fôrça nos escritores de grande raça, nos estilistas de escola, nos renovadores do gôsto literário, nos criadores de obras d'arte² duradoiras. De GABRIEL D'ANNUNZIO [por me não afastar do mais moderno] pôde VOGÜÉ³ dizer que, obsesso dos velhos mestres, vive incessantemente a escavar as remotas nascentes de sua língua.

494. — Nesses limites é que eu comprehendo e entretenho, no meu tanto, o gôsto da antiguidade, cuja exageração gratuitamente me achaca o sr. JOSÉ VERÍSSIMO. O hábito de cavar e recavar nos velhos mestres as riquezas incalculáveis

1. *Ib.*, p. 410.

2. O verrinista de certa crítica infamante ao meu substitutivo leva-me a riso o escrever eu *obra d'arte*. Será que o *ouvido brasileiro* faz questão do «*de arte*». Eu, porém, escrevi à maneira dos melhores escritores vernáculos. Haja vista CASTILHO, no *Camões*, 1.^a ed., p. 181.

3. VOGÜÉ. *Histoire et Poésie*, p. 239.

do idioma pátrio me trouxe à convicção, em que JOÃO DE BARROS estava, de que «a quem não falecer matéria e engenho, para demonstrar sua tenção, em nossa linguagem, não lhe falecerão vocábulos».¹ A mim, na minha longa, aturada e contínua prática do escrever, me tem sucedido inúmeras vêzes, depois de considerar por muito tempo necessária e insuprível uma locução nova, encontrar vertida em expressões antigas mais clara, expressiva e elegantemente a mesma idéia. Nesses casos o bom escritor, a quem não míngüe consciência e tino do ofício, não deve recear-se de tentar e pertentar² a reanimação da forma desusada, com tal que³

1. JOÃO DE BARROS. *Diálogo em louvor da nossa linguagem.*

2. «Tenta a morte vencer; pertenta, e balda,
Quantes lhe ocorrem, médicos segredos.»

[CASTILHO. *As Metam.*, p. 98.]

Pertentar, excelente neologismo, gerado nesses versos do tradutor de Ovídio, para si nisfar a *insistência* no tentar. É uma aplicação rigorosamente vernácula do prefixo *per* denotando força, aumento, continuação, intensidade, persistência, como em: *perambular*, *percintar*, *perdurar*, *perfulgir*, *perfazer*, *perlarar*, *perlongar*, *permanecer*, *perquirir*, *perscrutar*, *persistir*, *persolver*, *persoterrar*, *perturbar*, *pervagar*.

3. «Deu a cesta a guardar a três donzelas.
Filhas do dúplex Cécrope; mas logo
Com tal que nunca dentro espreitaram.»

[CASTIL. *Metam.*, p. 94-5.]

É o *com tal que* uma variante elíptica da expressão vernácula *com tal condição que*, também encontradiça nos bons autores. Ex.:

«Eles o queriam levantar, *com tal condição que* em espaço de um ano êle, nem os que com êle estavam, nem outra qualquer companhia de gente que lhe viesse, fizesse guerra naquela comarca.» DUARTE NUNES. *Crôn. del-rei d. Afonso o V*, c. 58. [Ed. de 1780, p. 422.]

«*Com tal que* com raiva não chegucis a praguejar.» [JORGE FERREIRA. *Eufrosina*, III, 2.] «*Com tal que* seja eu o espôso.» [Ib., 6.] «*Com tal que* mo agradeças.» [Ib., IV, 7.] «*Com tal que* antes de saírem de palácio haviam de dar conta de suas rendas.» [BERNARDES. *N. Flor.*, v. IV, p. 289.]

venha a cair naturalmente, como não de estudo, no lugar onde a empregarmos, e da urdidura do texto lhe ressombre transparente o significado.

Até aí creio que o ilustre crítico me não terá que embargar. Num ponto divergiremos, isso é verdade: quando êle, entre exágêro e exagêro, entre vício e vício, me prefere o do neologismo ao do arcaísmo. Reprovando ambos êles, eu me não quereria ver obrigado a optar por um, ou por outro, certo de que, em qualquer dos casos, haveria da outra parte seus contras à minha escolha. Porém¹ sempre estou que dos dois,

1. Um dos mestres contemporâneos da boa linguagem professa não ser «bem portuguêsa a colocação da adversativa *porém* no princípio de uma oração». [FIGUEIREDO. *Liç. Prát.*, v. I, p. 122.] *Porém* todos os clássicos de todos os tempos ma deparam freqüentemente assim colocada.

Vão, em prova, alguns textos e indicações de textos.

«*Porém* ainda que devemos haver esta guarda nas virtudes, desposiçom delas, e manhas do corpo, nom podem seer de todos por igual possuidas.» [D. DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 132.]

«*Porém* aquêles que se enxalçaram por grandes riquezas do mundo...» [Ib., p. 231.]

«*Porém* vos aconselho que tenhais tal jeito com todos...» [FERN. LOPEZ. *D. Fernando*, c. 11, *in fin.*]

«*Porém*, quando os capitais tomavam, faziam algumas entradas.» [BARROS. *Déc.* I, I, I, c. 4. V. I, p. 40.]

«*Porém* não me lembram.» [BERNARDIM. *Menin.*, c. 5, p. 57.]

«*Porém*, era já menhã quase.» [Ib., c. 8, p. 85.]

«*Porém* já neste tempo andava outro gênero de profecia mais temeroso.» [SOUZA. *Anais*, p. 48.]

«*Porém* achou forte contraste.» [Ib., p. 51.]

«*Porém* êle tanto que as teve a tiro...» [Ib., p. 73.]

«*Porém* vendo agora que se chegava dia de juízo pera êle...» [Ib., p. 83.]

«*Porém* faz-me fôrça pera não deixar nenhum uma lembrança...» [Ib., p. 102.]

«*Porém* como os que nela moram e tratam não são anjos por natureza...» [SOUZA. *Vida do Arceb.*, I, II, c. 21.]

«*Porém* se a comunicação de importantes segredos é a última prova de verdadeira amizade...» [Ib., c. 30.]

«*Porém*, se lhe não consta da intenção; e...» [BERNARDES. *Luz e Calor*, p. 67.]

com as tendências excessivamente progressistas e versáteis da nossa idade, não é no caturrismo vernáculo que avultaria jamais o perigo. Esse, nos tempos de agora, não será capaz

«Porém não foi ouvido de Deus.» [Ib., p. 68.]

«Porém não se imagine o pecador estar destituído de verdadeiro arrependimento.» [Ib., p. 70.]

«Porém Deus que se gloria de confundir os sábios do mundo, fêz...» [Ib., p. 71.]

«Porém o santo profeta, cuja língua era ùa faxa ardendo, lhe respondeu.» [Ib., p. 72.]

«Porém no caso que ambos êstes exercícios não coubessem...» [Ib., p. 75.]

«Porém já lá teve o seu prêmio.» [Ib., p. 76.]

«Porém levo o sentido em não fazer grande volume.» [Ib., p. 77.]

«Porém é de advertir...» [Ib., p. 81.]

«Porém fazer penitência por direção do padre espiritual...» [Ib., p. 83.]

«Porém recorreu logo à presença real.» [Ib., p. 99.]

«Porém mais considerei se era verdade que nos fôssemos.» [Ib., p. 103.]

«Porém já cinco sôis eram passados.»

[CAMÕES. *Lus.* V. 37.]

«Porém, depois que esplêndida fortuna
Fêz da aldeia cidade...»

[CASTILHO. *Fast.*, v. I, p. 23.]

«Porém mais que o universo o deve Roma.»

[Ib., v. II, p. 117.]

«Porém não crias bois.» [CASTIL. *Geôrgic.*, p. 165.]

«Porém se os anos — triste regeneração! — as restauraram...» [CAMILO. *A Caveira da Mârtir*, p. 12.]

Também se encontra amiúde em todos os escritos de A. HERCULANO, e às centenas e centenas por tôda a parte nos de todos os bons escritores. De A. HERCULANO pode-se ver, entre inúmeros outros lugares, no *Bôbo*, p. 46, 262, e no *Eurico*, p. 137.

de proselitismo. As sementes, que esparzisse, mirrariam tôdas em solo hostil. «Não é dos arcaísmos que o português tem recebido grande mal; nem sei de língua que com êles

Versando as obras de CAMÕES [edição citada], a cada passo toparemos ccm o *porém*, abrindo orações, períodos e parágrafos: vol. I, p. 9, 10 [duas vêzes], 21, 30, 40, 52, 109, 131, 132; v. II, p. 14, 17, 27, 28, 86, 133, 141, 146; v. III, p. 15, 59, 61, 80; v. IV, p. 6, 14, 15, 21, 61, 74, 107, 151; v. V, p. 46, 67, 73, 120, 188, 213, 216 [duas vêzes], v. VI, p. 56, 101, 117, 122, 189.

Assim foi sempre dos mais antigos escritores portuguêses aos mais modernos:

D. DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 74, 98, 126, 132, 231, 472.

DUARTE NUNES. *Crôn. de D. J. I.*, etc., v. I, p. 116, 146, 152, 187, 283; v. II, p. 148, 155, 165, 166, etc.

JORGE FERREIRA. *Eufrósina* [edição de 1786], p. 175, 179, 191, 239, 288.

JACINTO FREIRE. *D. João de Castro* [ed. de 1869], p. 10, 13, 29, 30, 63, 74, 82, 89, 94, 95, 98, 105, 107, 112, 113, 114, 117, 120, 122, 125, 126, 127, 129, 132, 144, 146, 151, 153, 155, 158, 160, 216, 229, 234, 237, 241, 245, 247, 250, 252, 257, 258, 259, 267, 269, 271, 275, 278.

VIEIRA. *Serm.*, v. V, p. 52, 166, 171, 173, 177, 245, 298, 299, 309, 310, 317, 319; v. IV, p. 170, 211; v. VI, p. 244, 248, 250, 252, 304, 310, 325, 328, 336, 329, 347, 352, 353, 360, 363, 367, 372.

M. BERNARDES. *Nova Floresta*, v. II, p. 34, 35, 176, 181, 202, 203, 241, 242, 248, 249, 323, 324, 5, 11, 13, 25, 28, 42, 46, 49, 50, 67, 69, 70, 74, 80, 81, 93, 94, 102, 108, 117, 119, 125, 132, 142, 145, 146, 158, 160, 195, 213, 214, 216, 219, 224, 225, 227, 230, 232, 269, 271, 273, 274, 292, 294, 296, 297, 299, 300, 301, 315, 327, 335, 337, 341, 350, 356, 357, 359, 361, 362.

FILINTO EL. *Obr.*, v. XIII, p. 16, 127, 275, 283.

Autorizam, portanto, essa colocação do *porém* as melhores tradições da língua. O que ela não tolera, é encerrar ccm essa adversativa períodos, parágrafos e obras, ccm o sr. Clóvis BEVILÁQUA, em cuja longa introdução ao seu projeto de código civil um *porém* sem precedente na história do nosso idioma remata aquêle escrito, antecedendo ao último ponto final e à assinatura do autor: «A extensão dêsses direitos e o modo de conformá-los são vários, PORÉM.» [*Trabal. da Com. Especial*, v. I, p. 46.]

chegasse a deformar-se grandemente»¹; ao passo que os *modernismos*, os peregrinismos, os neologismos, os *invencionismos* [se me dão licença] de tôda a qualidade lastram instantâneamente, pelo contágio da moda, contaminando e desfigurando, através de tôdas as camadas sociais, a língua falada e escrita.

495. — Se estas noções de siso comum e evidência vulgar me forem capituladas em agravio de arcaísmo, estou condenado. Fora daí, por onde mereceria eu daquele crítico o carregar-me tal culpa?

Será porque eu tenha, na sua frase, «o preconceito de que a lidíma forma vernácula em nossa língua é a inversa»? Para mostrar que o não nutro, basta percorrer os meus escritos, onde se encontram, distribuem e equilibram constantemente a construção inversa e a direta. Se a primeira tem, às vezes, no meu estilo, mais acolhida que a outra, é porque esse é realmente o pendor do nosso idioma, no qual, de sua natureza, a regência inversa prevalece à direta. Quem o diz, não sou eu só: é o sr. J. VERÍSSIMO também, no último dos seus livros.² Mas há, quer parecer-me, distância imensa entre ser a forma *preponderante*, e ser «a forma lidíma», isto é, a *única* ilibada.

Será porque o meu trabalho «se apegia às acepções como quer que seja anacrônicas de um dicionarista do século XVIII, como BLUTEAU, a cada passo chamado em abono das» minhas emendas?

Tampouco me caberia por aí sentença tal. Não me caberia, primeiro, porque não é verdade que eu trouxesse à baila³ o BLUTEAU a cada passo. O meu trabalho com-

1. G. DE MOURA COUTINHO. *Análise Crítica* [Braga, 1857], p. 25. *Ap. BARATA, ep. cit.*, p. 70.

2. «... a construção inversa, mais da nossa língua.» *Estudos de Literatura Brasileira*, 3.ª série, 1903, p. 276.

3. Rejeita o sr. C. DE FIGUEIREDO a expressão à *baila*, corrigindo à *balha*. Mas tenho certeza, por lembrança mui segura, que uma e outra, como haja tempo de as buscar, se encontrarão, com o mesmo uso, nos

preende cerca de *seiscentas* notas, e altera a redação do projeto em quase todos os seus artigos, cujo número passa de *mil e oitocentos*. Só por seis vêzes, entretanto, invoquei o nome de BLUTEAU; a saber, a propósito dos arts. 195, 223, n.º 1, 246, 391, 586 e 593, § 3.º, em relação aos vocábulos *impediente, honorabilidade, sobrenome e prenome, progenitor, parede meia, valo e valado*.

Depois [e este é o segundo fundamento, por onde a querela se pulveriza], se o citei meia dúzia de vêzes, nunca o arvorei em oráculo, conforme pretende o sr. JOSÉ VERÍSSIMO; antes busquei, de tôdas, aferir e retificar o juízo daquele vocabularista pelo de quase todos os outros: o de MORAIS, o de DOMINGOS VIEIRA, o de AD. COELHO, o de AULETE, o de FIGUEIREDO.

Em terceiro lugar, há de permitir o ilustrado censor que estranhe o seu desdém para com aquela autoridade, tão de resto por él tratada. Apesar de ter a data no século XVIII, não é um livro anacrônico no século XX a obra de BLUTEAU. Em tôdas as questões, como as por mim suscitadas, onde se intente ventilar a árvore de geração das palavras no nosso idioma, há de ser, a todo o tempo, um repositório imprescindível e inestimável de informações autorizadas. Ainda além dessas raias, porém, isto é, ainda quando a controvérsia recaia sobre questões de atualidade em nossa língua, o voto dêsse antigo lexicógrafo será muitas vêzes digno de ponderação, quando não fôr decisivo. Para desdenhar de BLUTEAU, é necessário não o conhecer. Infelizmente a sua

bons textos antigos e modernos. Nem vejo motivo de bem discernimento para a seleção, que faz o ilustre filólogo.

FILINTO ELÍSIO valeu-se indiferentemente de ambas:

«Trazem à *bailha* a Tebade.» [Obr., v. III, p. 292.]

«Logo à *bailha*

Vinha o loução, louçã.» [Ib., v. XI, p. 196.]

«Tema é, que anda na *baila*,

Mas que nunca se observa.» [Ib., v. XIII, p. 143.]

raridade não o põe ao alcance de todos. Mas os que tiverem ocasião freqüente de versar aquêles dez volumes, nêles reconhecerão, para o latim e o português, uma vasta mina de noções preciosas. Contava-me com veneração um grande humanista, da mais saudosa memória, o dr. FRANCISCO DE CASTRO, os serviços, que lhe devia, até em assuntos de nomenclatura médica. Debatia-se uma vez, em sua presença, o verdadeiro nome do músculo, a que os franceses chamam *soléaire*. Os dicionários, em geral, e, com êles, o uso comum da profissão traduzem, aliterativamente, *solear*. Mas por que *solear*? O adjetivo provém de *sola*: a *sola* ou *planta* do pé. Ora, se de *palma*, *palmar*, porque, de *sola*, *solear*? Duvidou-se, e recorreu-se, como árbitro, ao BLUTEAU. Pois lá estava a emenda, que resolveu a pendência: não é *solear*, mas *solar* a verdadeira designação daquele músculo humano.¹

496. — FRANCISCO DE CASTRO reverenciava o BLUTEAU; porque estava habituado a freqüentá-lo. O mesmo sucede a quantos, vencendo a aridez das primeiras tentativas, se acostumaram a freqüentar os velhos mestres, os espelhos dessa boa antiguidade, onde ainda hoje abundam excelentes e indispensáveis exemplares do falar e escrever com acerto, elegância e vigor. Os que se não avezaram a essas relações, desfazem com ironia no classicismo poeirento, e confundem a vernaculidade com o arcaísmo. Mas o que eu noto, é que, em lhes caindo à mão alguma florinha clássica, dessas que se oferecem nos caminhos mais trilhados, não perdem êsses tafuis o ensejo de aromatizar com a velha essência a sua modernidade. Acontece, às vezes, ser dos mais antiquados o espécimen. Como, porém, justamente por fora do comum, lhes responde a novidade, e foi um modernista que o colheu, lá lhes vai rutilando airosamente na lapela, sem escândalo da *evolução dos idiomas*, nem atentado ao *dialeto brasileiro*.

1. BLUTEAU. *Vocabulár.*, v. VII, p. 698.

CONCLUSÃO

Mas já é tempo de pôr termo a esta defesa. Não foi a meu prazer que a dilatei, como quem navegasse a cair largo por mares amigos. Pouco me importava, a mim pessoalmente, ficar, ou não, em seguro das frechadas, que voavam sobre o meu nome de escritor. Mais do que este me interessa hoje a economia do meu tempo, reclamado por outros encargos. Por mais setas que contra mim embebessem no arco as paixões agastadas, enquanto só a minha individualidade perigasse, bem pouco se me dava. Já me habituei a não lhe acudir, em tais casos, por mais numeroso que seja, na acometida, o golpe de inimigos. Sei que a parte, que de mim conhece o mundo, pouco me sobreviverá; e já por ela me não mato. Outros interesses, porém, estavam em jôgo, uma vez que a comissão especial do senado fizera seu, por voto unânime, o meu trabalho. Desde então era a sua responsabilidade coletiva o que punham a vulto as agressões endereçadas ao meu escrito. Desagravá-la me ficava sendo, portanto, um dever, com que eu não podia deixar de cumprir¹, sem incorrer em deserção e covardia.

Foi o de que me desempenhei, começando por mostrar que nem por toque ofendera os nossos predecessores na colla-

1. *Cumprir com*. Esta expressão, duramente censurada como eronía grosseira por um eminentíssimo filólogo [C. DE FIGUEIREDO. *Lig.*, v. I, p. 26, 129], tem as melhores credenciais entre os nossos bons autores:

«Mas, não cumprindo com o que dizia, determinou dom Francisco de ir sobre ele.» [GÓIS. *D. Emanuel*, f. 91, col. 2.º.]

«E ele foi cumprir com outra romagem, que tinha prometido a Nossa Senhora da Oliveira.» [DUARTE NUNES. *Crônicas*, I, c. 71, p. 327.]

«Os quais assim cumpriram com a obrigação do seu ofício.» [JOÃO DE BARROS. *Diál. da Viciosa Verg.*, p. 284-5.]

«Cumprirei eu contigo e co que devo.»

[FERREIRA. *Obr.*, v. II, p. 216.]

boração do código civil, a câmara, a sua comissão, o primeiro autor do projeto, os seus revisores extraparlamentares, o filólogo baiano, em quem os comissários da outra casa do congresso delegaram as vêzes do seu poder quanto à matéria grammatical, e discutindo em seguida, tirados ao claro êstes pontos de cortesiae lementar, com os contraditores que tão àesperamente vinham renhir comigo sobre o assunto, as injustiças da sua censura.

Se o logrei, dirão os que tiverem a paciência de me ler. Mas era mister a todo o risco tentá-lo; e não o podia fazer em palavras taxadas e avaras. Fôrça era discorrer por largo,

«... de cujo serviço e fazendas se ajudavam, para poderem *cumprir* com seus pagamentos.» [Sousa. *Anais*, p. 94.]

«Conservarmo-nos nesta, até *cumpriremos* com a obrigação em que estamos.» [Ib., p., 305.]

«Mal *cumpria* êle com o ofício.» [Sousa. *D. Fr. Bartolomeu*, I. I, c. 14.]

«*Cumprindo* com os têrmos de cortesia.» [Ib., I. II, c. 13.]

«Pareceu-nos que não *cumpriríamos* com a obrigação de historiador.» [Ib., I. V, c. 6.]

«Que a deusa dos poetas logo ordena
Que para bem *cumprir* os estatutos

.....
Não coma um só bocado ccm sossêgo.»

[Filinto. *Obr.*, v. I, p. 269.]

«Ternas aves, *cumpri* com meu desejo.»

[Ib., v. V, p. 241.]

«Contente morro e co meu fado *cumpro*.»

[Ib., v. XI, p. 100.]

«Já se *cumpre*
Co edito do monarca.»

[Ib., v. XII, p. 237.]

«*Cumpria* em Paris com as funções de correspondente.» [Ib., v. XVII, p. 58.]

«Vingou-se êle, deixando de *cumprir* com o próprio dever.» [A. HER-CULANO. *Hist. da Inquisição*, v. II, p. 295.]

e esquadriñhar por miúdo, cerrar argumentos, multiplicar provas, e, atravessando rota batida o fadigosíssimo estirão, dar sucessivamente alcance aos erros, malignidades e sofismas, que mo dificultavam. Não creio que de tão dura prova conseguisse alguém sair à satisfação de todos. Como o alcançaria, pois, quem de tantas qualidades para tamanha porfia se sente desprovido? Ainda quando, porém, tôdas me faleçam, não me hão de achar menos a consciência própria e o respeito da alheia, o desejo do bem e o amor da verdade, a paixão do dever e o entusiasmo do trabalho. Muito mais longe me levariam êles, se a natureza dêste papel mo consentisse. Mas, enquanto qualquer margem me restava de voluto, não deixei censura alguma por ventilar, embora fôsse apertada a estreiteza de praça na tela, e as liberdades que ousei no excedê-la fôssem grandes.

Quem quer que possuir experiência ou noção dêstes estudos, avaliará o que neste caso me custaram, o que representa de esforço, tenacidade e capricho investigativo a

«Mas tu me dá que *cumpra*, ó grã Rainha
Das musas, *com* o que quero à nação minha.»

[CASTILHO. *Am. e Melancol.*, p. 320.]

«Para *cumprimos com* o argumento proposto, faz-se-nos indispensável seguir a ordem cronológica.» [FRANCISCO DIAS. *Memórias de Literat. Portuguêsa*, v. IV, ed. de 1793, p. 90.]

«*Cumpriu* El Rei *com* o que devia.» [CASTILHO. *Canções*, 1.^a ed., de 1849, p. 96.]

«Por *cumprir com* o alvorôço e obrigação da amizade.» [JORGE FERREIRA. *Eufrósina*, a. V, c. 1.]

«*Cumprir* cada um *com* as obrigações do seu estado.» [M. BERNARDES. *N. Floresta*, v. IV, p. 204.]

«Trabalhe por saber muito bem as obrigações de seu estado, e *cumprir com* elas.» [Fr. TOMÉ DE JESUS. *Trabalh.*, v. I, p. 11.]

«Para *cumprir bem com* suas obrigações.» [Ib., p. 22.]

«Aos que não *cumprem com* esta obrigação chamou Cristo escandalosos.» [Ib., p. 222.]

soma de elementos críticos e documentos literários, aqui reunidos, à sôfrega, no espaço de alguns meses, por um trabalhador entregue exclusivamente a si mesmo e com a vida, a responsabilidade, a atenção divididas entre tantos outros empenhos. Valha-me esta consideração de escusa às faltas, que, a pesar meu, houverem escapado às insuficiências da minha aptidão para emprêsa tamanha. Sejam quais forem elas, porém, não terei vendido barata ao inimigo a confiança dos meus colegas. E é quanto me basta por consôlo e pago.

O de que me não penitencio, é do esmôro, bem ou mal sucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto. Neste particular sempre quereria ver-me argüido antes de excesso que de míngua. Cotejado o número das minhas emendas com o das contracriticas a elas opostas, averiguar-se-á que a defesa em bem diminuto número de pontos se conseguiu apalancar. Estes se numeram por dezenas, ao passo que por centenas se contam aquêles em que emudeceu, e fêz pé atrás. Raríssima vez sucedeu que tivesse por si a razão; mas nesses casos não lha regateei. Assim que, em última análise, de uma e outra parte, sairá lucrando o projeto. Se daí se causou demorar-se-lhe a elaboração todo êste espaço, toque a responsabilidade a cuja é. A câmara nos dera o exemplo, submetendo, até, a redação da sua obra ao processo inaudito de uma imagem extraparlamentar. Não fiz, portanto, mais que render a devida consideração ao que tamanha lhe merecera.

Meu *desideratum*, nesse trabalho preliminar ao estudo técnico do projeto, era melhorar-lhe a linguagem, até onde me fôsse dado, em clareza, exatidão e vernaculidade. E, para chegar ao efeito almejado, houve de traçar-me certas regras, com as limitações aliás que tôdas as regras padecem. Fiz, antes de mais nada, pelo depurar de barbarismos e solecismos. Bani as expressões de cunho estrangeiro, onde quer que no-las não impunha a necessidade, reconhecida pelo sufrágio dos competentes. Não desconhecendo o préstimo das neologias indispensáveis, ou úteis, quando bem natura-

lizadas, refugiei as mal trajadas e ociosas. Busquei sempre a expressão, ou a sintaxe, de feitio mais português, em não embaraçando ela a transparência do pensamento legislativo e o seu acesso ao entendimento comum. Onde o texto derrogava à tecnologia profissional, trabalhei de a restabelecer. Onde se preteriam as tradições da fraseologia consagrada nas leis nacionais, por abraçar formas estranhas, baldas de outro benefício mais que o de novidades infelizes, restituí ao uso autorizado os seus direitos. Se alguma vez o vocabulário do projeto não observava, na escolha das palavras, a especialização definitivamente firmada pelo tempo, repus os termos específicos, condição essencial da precisão jurídica, no seu devido lugar. Não me esqueceu, enfim, o alinho, a elegância, a harmonia, méritos de que o legislador, se não em tôdas as leis, ao menos nos grandes padrões da arte legislativa, não poderá deixar de fazer conta.

Obtive acaso o que pretendia? Bem longe estou de poder afirmá-lo. Tão alto pusera o fito, que, para o tocar, muito nos restará, provavelmente, por fazer. Como quer que seja, porém, tenho por certo que êsse passo já constitui vantagem considerável sobre o estado anterior dêste cometimento, para o qual a câmara dos deputados venceu, talvez, dois terços do caminho, mas o que vos resta por vingar, não é breve, nem fácil. Do meu contingente para êle, agora, ouvidas as duas partes, estais habilitados a estimar a valia. Não será muita. Mas foi pôsto por obra com devoção e sinceridade, sem outro intuito que o de servir à nossa terra, sua civilização e sua língua.

Recebendo, porém, nesta contribuição a minha cota para a tarefa que nos incumbe, espero, e suplico, ainda uma vez, me dispenseis de continuar convosco. Será, de um lado, manifesta equidade comigo; porquanto o meu duplo serviço exprime soma extraordinária de trabalho, que submeteu as minhas fôrças a uma prova demasiada, e a minha saúde está reclamando pelos seus direitos. De outro lado, será medida

não só de boa política, mas até de necessidade, a bem da obra que intentais, aliviardes a vossa cooperação de um companheiro, cujo nome, pelos muitos melindres que sobreirritou contra si neste incidente, ficará sendo ocasião certa de novas prevenções e lutas contra o que fizerdes, por melhor que logreis fazê-lo.

Não me indefirais, pois, quando me houverdes lido, a justa petição, em que insisto, e insistirei, a todo o meu poder.

Sala das comissões do senado, 31 de dezembro de 1902.

RUI BARBOSA.



ÍNDICE DOS ARTIGOS CRITICADOS

ARTIGOS DO PROJETO	NÚMEROS DA RÉPLICA (*)	ARTIGOS DO PROJETO	NÚMEROS DA RÉPLICA
1.º [da I. preliminar]....	35-39.	115.....	391-94.
4.º [da I. preliminar]....	42-50. 303-304.	124.....	366.
8.º [da I. preliminar]....	51-58.	142.....	311.
9.º, II [da I. preliminar]....	66.	145.....	189-190.
10. § ún. [da I. preliminar]	67-72.	179.....	69.
14 [da I. preliminar]....	73-76. 399-406.	180.....	305-306.
17 [da I. preliminar]....	93-94. 427-31.	180, § 2.º.....	305-306.
4.º [do cód.]..	243-254.	182, § 2.º.....	409. 412.
18.....	97-101.	182, § 3.º.....	307-310.
34.....	105-112.	182, § 8.º.....	113.
46, III.....	102-104. 379-80.	182, § 9.º, II...	114.
51, III.....	320-321.	182, § 10, VII..	320-21.
76.....	366.	185, § 1.º.....	377.
77.....	399. 401.	187, VIII.....	373.
78.....	395-97. 401.	187, XIV.....	115-16.
78, § ún.....	399. 405.	188.....	374-5.
90.....	399-404.	199.....	314-17.
96.....	102-104. 379-80.	200.....	68.
105, II.....	59.	204, § 4.º.....	117-19. 121.
107.....	60-65.	208.....	318
		219, § ún.....	312
		223, I.....	125-31. 384-5.
		223, IV.....	132-43.
		233, II.....	322-3.
		238.....	154.
		239, II.....	155.

(*) Onde se acha a resposta às críticas.

ARTIGOS DO PROJETO	NÚMEROS DA RÉPLICA	ARTIGOS DO PROJETO	NÚMEROS DA RÉPLICA
255, IV, § ún..	364.	831, VI.....	373.
255, VI.....	324.	855, § ún.....	295.
262.....	325.	877.....	208.
262, § ún.....	326.	914.....	174. 381-3.
315.....	156.	915.....	174. 381-3.
324, V.....	157.	935.....	12.
325, I.....	266.	937.....	12.
325, § ún.....	225-28.	955, § 4º.....	174. 381-3.
335.....	267-69.	1.003.....	174. 381-3.
337.....	202.	1.011.....	12.
391.....	158-62.	1.017.....	12.
391, IV.....	158-62. 163-4.	1.027.....	219.
406, II.....	168. 97-101.	1.043.....	328.
419, II.....	204-205.	1.051.....	408.
419, V.....	172-3.	1.083, I.....	361-3.
420, IV.....	206-7.	1.084.....	176-327.
426.....	174. 381-3.	1.129, § 1º.....	313.
429.....	175-6.	1.133.....	174. 381-3.
431.....	284.	1.142, § ún.....	446-9.
432, IV.....	177-85.	1.144.....	446-9.
539.....	117-19. 121.	1.153.....	399. 403.
547.....	371-2.	1.164, § ún.....	319.
553.....	188. 414-415.	1.212.....	220.
575.....	12.	1.230.....	353.
592.....	297-301.	1.248.....	270-73
605.....	209-218.	1.252.....	19.
627.....	117-19. 21.	1.257.....	414-417.
655.....	432-7.	1.297.....	281-3.
657.....	320-21.	1.300, § 2º.....	174. 381-3.
658.....	236-42. 296.	1.320.....	280.
663.....	203.	1.326.....	365.
669.....	12.	1.333.....	260.
673.....	189-201.	1.338.....	260.
745.....	450.	1.339.....	261.
776.....	409-410.	1.342.....	414. 416.
794, § ún.....	12.	1.342.....	399. 402.
812, § 2º.....	12.	1.345.....	399. 400.
825.....	174. 381-3.	1.360.....	399. 407.

ARTIGOS DO PROJETO	NÚMEROS DA RÉPLICA	ARTIGOS DO PROJETO	NÚMEROS DA RÉPLICA
1.369.....	76.	1.541.....	260.
1.380.....	260.	1.545.....	329.
1.382.....	408.	1.597.....	12.
1.389.....	12.	1.644, VIII.....	388.
1.388.....	97-101.	1.644, IX.....	187.
1.389.....	174. 381-3.	1.652, II.....	186. 438-45.
1.423.....	408.	1.670.....	344. 386-7.
1.429.....	450.	1.678.....	69.
1.437.....	174. 381-3.	1.689.....	409. 411.
1.443.....	369-70.	1.696.....	287-8.
1.455.....	302.	1.708.....	376.
1.470.....	12.	1.725.....	438-45.
1.477.....	259.	1.727.....	398.
1.479.....	346-7.	1.750.....	12.
1.492.....	174. 381-3.	1.759.....	394.
1.494, III.....	174. 381-3.	1.772.....	289-93.
1.497, § 6º.....	174. 381-3.	1.777.....	258.
1.503.....	262-5.	1.799.....	294.
1.506.....	174. 381-3.	1.807.....	174. 381-3.





INDICE SINTÉTICO DO TOMO III

PARTE II

PÁGINAS PARÁGRAFOS

ANÁLISE DAS CRÍTICAS

Seção I. As <i>Ligeiras Observações</i> do Prof. Carneiro [continuação].....	1-234	220-360
Seção II. A resposta parlamentar.....	235-299	361-418
Seção III. A crítica do Dr. Clóvis.....	299-353	419-450
Seção IV. A <i>Lição de Português</i> do Sr. José Veríssimo.....	353-435	451-496
Conclusão.....	436-441	
Índice dos artigos criticados,.....	443-445	

AOS 10 DIAS DO MÊS DE MARÇO DO ANO DE
1954, ACABOU-SE DE IMPRIMIR NAS OFICINAS
GRÁFICAS DO DEP. DE IMPRENSA NACIONAL,
NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, ÉSTE TOMO,
O 3.º DO VOLUME XXIX

DAS

OBRAS COMPLETAS DE RUI BARBOSA,
MANDADAS PUBLICAR PELO GOVÉRNO DA
REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL.

14-1047-1-1

